

Carla Regina Martins Valle

Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edair Maria Görski

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Valle, Carla Regina Martins

Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos : forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição / Carla Regina Martins Valle ; orientadora, Edair Maria Görski - Florianópolis, SC, 2014.

415 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Marcadores discursivos. 3. Gramaticalização. 4. Variação. 5. Aspectos identitários. I. Görski, Edair Maria. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Carla Regina Martins Valle

**MULTIFUNCIONALIDADE, MUDANÇA E VARIAÇÃO DE
MARCADORES DISCURSIVOS DERIVADOS DE VERBOS
COGNITIVOS: FORÇAS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS,
ESTILÍSTICAS E IDENTITÁRIAS EM COMPETIÇÃO**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutora em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 26 de setembro de 2014.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Edair Maria Görski
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Anna Christina Bentes
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Prof.^a Dr.^a Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Cristine Gorski Severo
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina

Aos meus filhos, Artur Nilo Valle e
Edoardo Nilo Valle, simplesmente por
existirem e a cada dia fazerem brotar o
que há de melhor em mim,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Edair Maria Görski, que me deu a honra de trilharmos juntas uma jornada que vem desde a graduação, mais que professora e orientadora, amiga para todas as horas e para sempre, pela dedicação, pelo exemplo de ética e profissionalismo, pela confiança, pelo incentivo, pela paciência, pela sensibilidade e pelo carinho.

Às professoras Izete Lehmkuhl Coelho, Leandra Cristina Oliveira e Cristine Görski Severo, pela leitura do projeto de tese, pelas contribuições dadas e pelo carinho de sempre.

Aos professores Anna Christina Bentes, Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Izete Lehmkuhl Coelho, Cristine Görski Severo e Felício Wessling Margotiti, pela leitura e contribuições para a versão final da tese.

A Cláudia Regina Brescancini, pela amizade e parceria constante e pelo auxílio com os pacotes estatísticos.

A Cláudia Rost-Snichelotto, pela parceria em congressos e sugestões.

À família VARSUL, Bruno, Lucas, Cecília, Fabrícia, Fernanda, Flávia, Leandro, Ivelã, Laisa, pelas sugestões, pelo carinho e pelos momentos de diversão.

Aos amigos e colegas de jornada Adriana Gibbon, Christiane Nunes de Souza, Guilherme May, Raquel Gomes Chaves, Tatiana Pimpão, Wagner Saback Dantas, Isabel Monguilhott, Diana Reis, Patrícia Sachet, pelas sugestões, pelo incentivo, pelo auxílio em vários momentos de minha escrita.

A Noemi Teles de Melo, pelo incentivo e companhia acolhedora na biblioteca da UFSC.

A Elias Coutinho, pela acolhida sempre calorosa, pelas comidinhas deliciosas, pelo vinho, pela cerveja e pelo bom humor.

A Margarita Luongo, amiga que mesmo de longe sempre esteve tão perto, pelo amor imenso dedicado a mim, pelo incentivo, por me fazer acreditar e por guardar meus arquivos em Montevideú.

A Marlize Neves, amiga que sempre me resgatou nas horas difíceis, pelo carinho e cumplicidade.

Aos queridos amigos Carlos Disevo, Gilson Ruiz, Daniana Ruiz, Flávia Xavier Laydner, Rita de Cássia Ferreira Margotti, Renato Zaniboni, Sandra Munaretto e Monoela Khalil, pela torcida e pensamentos positivos.

A minha família, tios, tias, primos, primas, cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, que são muitos e que torceram por mim.

A minha mãe, Carmen Vieira Martins, pela ajuda com os netos.

A José Nilo Valle, pelo apoio na reta final e pela dedicação aos nossos meninos.

A minha irmã guerreira, Carin Helena Martins Delambert, pela cumplicidade, pela parceria na digitação dos dados, pelo grande incentivo e pela dedicação aos meus filhos.

Ao meu sobrinho Caio, nosso pequeno-gigante, por trazer de volta a luz aos nossos corações.

Ao meu cunhado, Carlos Augusto Delambert, que foi cedo, deixando saudade e semente.

Ao meu padrinho Aluizio Vieira, por toda a dedicação, incentivo e enorme apoio em todas as horas e desde sempre.

A todos os barrensenses, em especial aos entrevistados que compõem a Amostra Brescancini-Valle, pelas lições de vida e por tornarem ainda maior o amor que eu tenho pelo meu lugar.

A Iolanda Villas Boas Fin, que guardo para sempre em meu coração, pelo tempo dedicado a mim, pelo sorriso, pela energia boa, pela sensibilidade e por ter caminhado junto comigo, facilitando o aprendizado.

À CAPES e ao Programa REUNI, pelo suporte financeiro.

A Deus e à minha avó Maria de Lourdes Vieira, pela companhia em todos os momentos.

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço

RESUMO

Esta tese investiga a multifuncionalidade, os processos de mudança e o uso variável de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos (*sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*) no domínio da *requisição de apoio discursivo*, considerando a existência de forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição. Partindo da perspectiva de Schiffrin (2001), que considera os marcadores discursivos como itens multifuncionais que atuam simultaneamente nos planos cognitivo, textual, social e expressivo, propomos uma análise sincrônica de interface sociofuncionalista, conjugando a abordagem funcionalista de vertente norte-americana – representada principalmente por pesquisadores da Costa Oeste Americana (Givón, Hopper, Bybee Traugott, entre outros) e por seus interlocutores da Alemanha (Heine, Claudi, Hünemeyer e Kuteva, entre outros) – com a Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov, Herzog, Eckert, Schilling-Estes, entre outros). Examinamos amostra de fala composta por 30 entrevistas com informantes da comunidade da Barra da Lagoa – Florianópolis/SC (Amostra Brescancini-Valle), encontrando um total de 1.610 ocorrências dos itens em estudo, identificados como *requisitos de apoio discursivos* (RADs). Descrevemos a multifuncionalidade dos RADs, dando ênfase às suas atuações nos planos textual e interacional e sugerindo que tais elementos têm o papel principal de colocar foco e, ao frisar determinadas porções discursivas, cumprem funções relacionadas com o interlocutor e com a organização do discurso oral. Verificou-se que a variável linguística/discursiva *tipo de foco* é a que mais condiciona o uso desses itens e que variáveis extralinguísticas pensadas a partir da configuração da amostra e das características da comunidade têm grande relevância para a descrição das forças sociais que atuam no uso linguístico, com destaque para a variável complexa: *grau de identificação com o local*, que, a partir de um somatório de traços, mostrou que os informantes que mais se identificam com a comunidade são os que mais fazem uso de *entendesse?* (e de *sabes?* e *tás entendendo?*), considerada marca de identidade dos nativos florianopolitanos. Propusemos um *continuum* funcional sincrônico, entre os planos interacional e textual, refletindo a possível mudança diacrônica pela qual os RADs teriam passado; os resultados evidenciam

que os tais itens ainda mantêm certa força no plano interacional, mas já se apresentam bastante voltados ao plano textual, parecendo estar, em geral, em estágio intermediário de mudança categorial, sendo *sabe?*, *sabes?* e *entendesse?* os itens em estágio mais avançado no processo de gramaticalização. *Entendesse?* apresenta comportamento bastante diferenciado, sendo favorecido na função inovadora de *foco prospectivo* e aproximando-se significativamente do comportamento de *sabe?*, o que está correlacionado a forças motrizes socioculturais.

PALAVRAS-CHAVE: marcadores discursivos, multifuncionalidade, gramaticalização, variação, aspectos identitários.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the multifunctionality, the processes of change and the variable use of discourse markers originated from cognitive verbs (*sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*) [you know?, you understand?, among others] in the domain of *discourse markers of support*, taking into account the existence of semantic-pragmatic, stylistic and identity forces in competition. From the perspective of Schiffrin (2001), who considers the discourse markers as multifunctional items that act simultaneously on cognitive, textual, social and expressive domains, we propose a synchronic analysis. We combined the American functionalist approach - mainly represented by researchers from the American West Coast (Givón, Hopper, Bybee Traugott, among others) and their German interlocutors (Heine, Claudi, Hünemeyer, Kuteva, among others) – with the Theory of Variation and Change (Weinreich, Labov, Herzog, Eckert, Schilling-Estes, among others). We analyzed a speech sample of 30 interviews with speakers from the community of Barra da Lagoa - Florianópolis / SC (Brescancini-Valle), and found a total of 1.610 data, identified as *discourse markers of support* (RADs). We describe the multifunctionality of the RADs, emphasizing their roles in textual and interactional domains. We suggest that these items have the main role of *putting focus*, acting on functions related to the hearer and the discursive organization. It was found that the linguistic/discursive variable *kind of focus* is the one which most affects the use of these items. Extralinguistic variables derived from the interview configuration and from community characteristics have great relevance for the description of social forces, which act on linguistic usage. We emphasize the *complex variable: degree of identification with the place*, which showed that individuals who most identify themselves with the community are the ones that make more use of *entendesse?* (and *sabes?* and *tás entendendo?*), an item considered as an index of identity of native people from Florianópolis. We have proposed a synchronic

functional *continuum* between the interactional and textual domains, reflecting the possible diachronic change whereby the RADs have passed. The results suggest that such items still retain some strength in the interactional domain, but are also linked to textual domain. In general, these items are on an intermediate change degree, but *sabe?*, *sabes?* e *entendesse?* are more advanced in the process of grammaticalization. *Entendesse?* presents quite different behavior related with cultural driving forces: it occurs in the innovative function *prospective focus* similarly to *sabe?*.

Keywords: discourse markers, multifunctionality, grammaticalization, variation, identity aspects

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Memes com dados de <i>tendesse?</i>	59
Figura 2 – Meme com dado de <i>tendesse?</i>	59
Figura 3 – Dados de <i>tendesse?</i> em postagem em rede social.....	60
Figura 4 – Dados de <i>não tem?</i> em postagem em rede social.....	61
Figura 5 – Diagrama representacional das categorias baseadas em protótipos de Rosch.....	105
Figura 6 – Modelo metafórico-metonímico proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer.....	127
Figura 7 – Processo de mudança via gramaticalização de <i>par exemple</i> e <i>mettons</i> no francês de Quebec.....	176
Figura 8: Vista da Barra da Lagoa de cima do Morro da Galheta.....	192
Figura 9: Mapa da Ilha de Santa Catarina com a localização de suas praias.....	193
Figura 10: Mapa da região da Barra da Lagoa e Fortaleza da Barra da Lagoa.....	194
Figura 11: Atividade de pesca artesanal na Barra da Lagoa – Lanço de Tainha em 2014.....	198
Figura 12: Operacionalização da variável dependente.....	216
Figura 13: Os diversos planos de atuação dos RADs.....	226
Figura 14: Os RADs como elementos focalizadores.....	233
Figura 15: Distribuição das atuações dos RADs como elementos focalizadores no gradiente interacional-textual.....	257
Figura 16: Atuações dos RADs no domínio da requisição de apoio discursivo.....	260
Figura 17: <i>Continuum</i> funcional sincrônico relacionado com a trajetória de gramaticalização dos itens em análise.....	262
Figura 18: Variável dependente 1 – formas derivadas de <i>entender</i> em oposição a formas derivadas de <i>saber</i>	272
Figura 19: Dado de <i>sabe?</i> com entonação de pergunta visualizado no programa Sound Forge.....	288
Figura 20: Dado de <i>sabe?</i> com apagamento de entonação de pergunta visualizado no programa Sound Forge.....	289
Figura 21: Variável dependente 2 – marcas de identidade vs. formas neutras.....	323

Figura 22: Memes com dados de <i>tendesse?</i>	336
Figura 23: Estágios de gramaticalização dos RADs em análise.....	368

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Divisão dos MDs em subgrupos.....	51
Quadro 2 – Adequação das formas em análise à proposta de critérios unificadores para a delimitação de variáveis discursivas	65
Quadro 3 – Funções dos RADs no planos textual e interacional	90
Quadro 4 – O princípio da persistência ampliado.....	120
Quadro 5 – Diferenciando contextos dialogais e dialógicos.....	124
Quadro 6 – As três tendências de mudança semântico-pragmáticas postuladas por Traugott e König.....	130
Quadro 7 – Definição da terminologia associada aos processos de subjetivização e intersubjetivização.....	133
Quadro 8 – Primeira tentativa de Labov de organizar estilos contextuais em função de um eixo de atenção à fala	160
Quadro 9: Diferenças na configuração das entrevistas da amostra Brescancini-Valle.....	185
Quadro 10: Distribuição dos 45 informantes da Amostra Brescancini-Valle (2001-2010).....	190
Quadro 11: Grupos de fatores linguísticos/discursivos controlados.....	219
Quadro 12: Grupos de fatores extralinguísticos controlados.....	220
Quadro 13: Rodadas binomiais com a <i>variável dependente 1-entendeu? vs. sabe?</i>	274
Quadro14: Pontuação dos fatores que compõem a <i>variável complexa 1: grau de mudança categorial</i>	295
Quadro15: Pontuação dos critérios que compõem a <i>variável relação de proximidade entre os interlocutores</i>	312
Quadro16: Pontuação dos critérios que compõem a <i>variável complexa configuração da entrevista</i>	316
Quadro 17: Rodadas binomiais com a <i>variável dependente 2 – marcas de identidade vs. formas neutras</i>	324
Quadro 18: Pontuação dos traços que compõem a <i>variável características da fala dos florianopolitanos</i>	342
Quadro19: Pontuação dos critérios que compõem a <i>variável localismo/mobilidade</i>	347
Quadro20: Pontuação dos fatores da <i>variável avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos</i>	349
Quadro21: Pontuação dos fatores que compõem as <i>variáveis isoladas e que somados resultam na variável complexa 3: grau de identificação com o local</i>	354

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1: Distribuição geral dos RADs em relação aos tipos de foco.....	247
Gráfico 2: Distribuição geral dos RADs em relação aos contextos em que se inserem.....	255
Gráfico 3: Distribuição das ocorrências dos RADs em análise em termos de frequência de uso.....	267
Gráfico 4: Favorecimento de marcas de identidade em entrevistas que se configuram como <i>mais próximas de conversa</i>	340
Gráfico 5: Gradiente do favorecimento de marcas de identidade entre informantes com <i>maior grau de identificação com o local</i>	357
Gráfico 6: Favorecimento de entendesse? em relação às demais formas de entender na <i>variável complexa 3: grau de identificação com o local</i>	366
Tabela 1: Atuação do <i>tipo de foco</i> sobre o uso dos RADs em Valle (2001).....	88
Tabela 2: Distribuição dos RADs por indivíduo.....	270
Tabela 3: Influência da variável <i>tipo de foco</i> sobre o uso de entendeu? vs. sabe?	279
Tabela 4: Influência da variável <i>contexto em que os RADs se inserem</i> sobre o uso de entendeu? vs. sabe?	282
Tabela 5: Influência das variáveis <i>redução/extensão de forma, entonação de pergunta, presença/ausência de estímulos</i> sobre o uso de entendeu? vs. sabe?	292
Tabela 6: Influência da <i>variável complexa 1: grau de mudança categorial</i> sobre o uso de entendeu? vs. sabe?	297
Tabela 7: Influência da variável <i>sequência textual</i> sobre o uso de entendeu? vs. sabe?	301
Tabela 8: Influência da variável <i>posição do RAD</i> sobre o uso de entendeu? vs. sabe?	305
Tabela 9: Influência das variáveis <i>proatividade do falante, relação de proximidade entre os interlocutores</i> sobre o uso de entendeu? vs. sabe?	315
Tabela 10: Influência da <i>variável complexa 2: configuração da entrevista</i> sobre o uso de entendeu? vs. sabe?	317

Tabela 11: Distribuição da variável <i>expressividade do trecho de ocorrência do RAD</i> entre entendeu? e sabe?	319
Tabela 12: Distribuição das variáveis <i>idade, escolaridade e sexo</i> entre os RADs entendeu? e sabe?	320
Tabela 13: Influência das variáveis <i>proatividade do falante, relação de proximidade entre os interlocutores e envolvimento emocional do falante</i> sobre o uso de marcas de identidade vs. formas neutras	338
Tabela 14: Influência da <i>variável complexa 2: configuração da entrevista</i> sobre o uso de marcas de identidade vs. formas neutras	339
Tabela 15: Influência das variáveis <i>características da fala dos florianopolitanos, avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos e localismo/mobilidade</i> sobre o uso de marcas de identidade vs. formas neutras	350
Tabela 16: Influência da <i>variável complexa 3: grau de identificação com o local</i> sobre o uso de marcas de identidade vs. formas neutras	356
Tabela 17: Influência das variáveis <i>tipo de foco e variável complexa 1: grau de mudança categorial</i> sobre o uso de sabe? vs. formas derivadas de entender	364
Tabela 18: Influência das variáveis <i>tipo de foco e variável complexa 1: grau de mudança categorial</i> sobre o uso de entendesse? vs. demais formas derivadas de entender	365
Tabela 19: Influência das variáveis <i>tipo de foco e variável complexa 1: grau de mudança categorial</i> sobre o uso de sabe? vs. entendesse?	367

LISTA DE ABREVIATURAS

MD – marcador discursivo

RAD – requisito de apoio discursivo

GR – gramaticalização

VE – variação estilística

DDR – discurso direto reportado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	027
1.1 Objetivos.....	32
1.1.1 Objetivos gerais.....	32
1.1.2 Objetivos específicos.....	33
1.2 Estrutura da tese.....	33
2 OBJETO DE ESTUDO.....	35
2.1 Os marcadores discursivos e a organização do discurso oral.....	36
2.1.1 Lidando com a terminologia.....	38
2.1.2 Multifuncionalidade.....	40
2.1.3 Enfoque para análise dos MDs.....	44
2.1.4 MDs e identidade.....	48
2.2 Delimitação do objeto.....	51
2.2.1 Critérios unificadores para a delimitação de variáveis discursivas.....	52
2.2.1.1 Critério de unidade funcional e de compartilhamento de contextos de uso.....	54
2.2.1.2 Critério de unidade conceptual e classe gramatical de origem.....	56
2.2.1.3 Critério de relevância do item para a comunidade investigada.....	57
2.2.1.4 Critério de frequência de uso dos itens.....	64
2.2.2 Itens selecionados para compor o objeto de estudo.....	65
2.3 Os antecedentes da pesquisa.....	68
2.3.1 Os requisitos de apoio discursivo derivados de verbos de cognição em outras línguas.....	68
2.3.2 Os requisitos de apoio discursivo derivados de verbos de cognição no Brasil.....	80
2.3.2.1 Martelotta e Leitão: precursores no estudo dos usos de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i>	82
2.3.2.2 Valle: <i>sabe?</i> , <i>entende?</i> e <i>não tem?</i> na fala dos florianopolitanos.....	85
2.4 Objeto de estudo: fechando o capítulo.....	89
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	95
3.1 Abordagem funcionalista.....	96

3.1.1 A abordagem funcionalista e a ancoragem cognitivo- comunicativa da gramática.....	97
3.1.1.1 Domínio Funcional.....	103
3.1.1.2 Protótipo.....	104
3.1.1.3 Marcação.....	106
3.1.2 Gramaticalização.....	108
3.1.2.1 Definição.....	111
3.1.2.2 Características do processo e das formas em mudança.....	114
3.1.2.3 Motivações: inovação em contextos dialogais e forças semântico-pragmáticas.....	123
3.1.2.4 Trajetórias	129
3.1.3 A abordagem funcionalista: fechando a seção.....	138
3.2 Teoria da Variação e Mudança.....	140
3.2.1 Pressupostos teóricos e problemas empíricos.....	141
3.2.2 Variação e discurso.....	146
3.2.3 O significado social das formas linguísticas.....	150
3.2.4 Identidades.....	155
3.2.5 Variação estilística.....	158
3.2.6 Comunidade de fala.....	165
3.2.7 A entrevista sociolinguística.....	168
3.2.8 Teoria da Variação e Mudança: fechando a seção.....	171
3.3 Interface sociofuncionalista.....	173
4 METODOLOGIA.....	183
4.1 <i>Corpus</i>: a amostra Brescancini-Valle (2001-2010) com informantes nativos da Barra da Lagoa.....	183
4.1.1 Configuração das entrevistas da Amostra Brescancini Valle.....	184
4.1.2 Distribuição dos informantes na Amostra Brescancini Valle.....	188
4.2 <i>Locus</i>: a comunidade da Barra da Lagoa.....	192
4.3 Coleta e transcrição dos dados.....	203
4.3.1 Exclusão de dados e contextos de restrição.....	204
4.4 Tratamento dos dados.....	206
4.5 Etapas da Análise.....	207
4.6 Questões, hipóteses e operacionalização da análise.....	209
4.7 Variáveis dependentes e independentes.....	215
4.7.1 Variável dependente.....	215
4.7.2 Variáveis independentes.....	217
4.7.2.1 Variáveis complexas.....	217

5 MULTIFUNCIONALIDADE EM FOCO	223
5.1 De verbos a requisitos de apoio discursivo	223
5.2 Atuações em diferentes planos discursivos	226
5.2.1 O que os RADs fazem?.....	231
5.2.1.1 Os RADs como elementos focalizadores.....	233
5.2.1.2 A contribuição dos RADs para a sinalização de relações textuais/discursivas.....	247
5.3 Contínuos funcionais e trajetórias de mudança via gramaticalização	256
6 VARIAÇÃO NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA REQUISIÇÃO DE APOIO DISCURSIVO: FORÇAS EM COMPETIÇÃO	265
6.1 Distribuição dos RADs analisados na comunidade da Barra da Lagoa	266
6.2 Variável dependente 1 – formas derivadas de <i>entender</i> versus formas derivadas de <i>saber</i>: contextos de uso, multifuncionalidade e mudança	272
6.2.1 Variáveis linguísticas/discursivas.....	275
6.2.1.1 Tipo de foco.....	277
6.2.1.2 Contexto em que os RADs se inserem.....	280
6.2.1.3 Variáveis independentes isoladas que compõem a <i>variável complexa 1: grau de mudança categorial</i>	284
6.2.1.4 Variável complexa 1: grau de mudança categorial.....	294
6.2.1.5 Sequência textual.....	298
6.2.1.4 Posição do RAD.....	303
6.2.2 Variáveis extralinguísticas.....	307
6.2.2.1 Variáveis independentes isoladas que compõem a <i>variável complexa 2: configuração da entrevista</i>	308
6.2.2.2 Variável complexa 2: configuração da entrevista.....	316
6.2.2.3 Expressividade do trecho de ocorrência do RAD.....	319
6.2.2.4 Macrocategorias sociais.....	319
6.2.3 Fechando a seção.....	321
6.3 Variável dependente 2 – marcas de identidade versus formas neutras: entre o local e o global	323
6.3.1 Tensões culturais e a construção de uma identidade local.....	325
6.3.1.1 <i>Entendessee?</i> e outros RADs como marca de identidade.....	334
6.3.2 Variáveis extralinguísticas voltadas a aspectos estilísticos e identitários.....	337
6.3.2.1 Variável complexa 2: configuração da entrevista.....	338

6.3.2.2 Variáveis independentes isoladas que compõem a <i>variável complexa 3: grau de identificação com o local....</i>	340
6.3.2.3 Variável complexa 3: grau de identificação com o local.....	351
6.3.3 Fechando a seção.....	358
6.4 Forças em competição.....	359
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	371
REFERÊNCIAS.....	379
ANEXO 1 - Dados do Censo 2010 – estimativa 2013 para a população residente na Barra da Lagoa e Fortaleza da Barra da Lagoa.....	397
ANEXO 2 - Normas de transcrição adotadas.....	399
ANEXO 3 - Evidências para tomar <i>entendesse?</i> como marca de identidade local.....	401
APÊNDICE 1 - Fotos da comunidade da Barra da Lagoa.....	405
APÊNDICE 2 - Mapeamento de uma das entrevistas da amostra.....	409

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A fala tem características próprias e uma estrutura que lhe é particular. São comuns momentos de hesitações, truncamentos e reformulações, como reflexo de um processo dinâmico que se apresenta *em se fazendo*. A natureza essencialmente dialógica do momento de produção do texto falado, que prevê a parceria com o interlocutor, faz com que pressões de ordem pragmática tenham grande força e muitas vezes até mesmo se sobreponham às normas previstas na sintaxe. Outros modos para organizar tópicos, frisar informações, conectar partes do texto oral são requisitados e, dentre os diversos elementos do discurso que auxiliam nessa tarefa, estão os *marcadores discursivos*— doravante MDs¹.

Lidar com itens discursivos não é tarefa fácil. A natureza extremamente heterogênea dessas partículas e construções que estão envolvidas na organização do discurso oral e que também cumprem papéis pragmáticos e sociais já seria um grande complicador, mas as pedras no caminho são ainda maiores. As dificuldades em estabelecer funções, em lidar com a multifuncionalidade, em recuperar percursos de mudança e em promover análises quantitativas surgem a todo momento. É necessário estar o tempo todo adaptando métodos e alargando conceitos, teorias e concepções.

Confesso que, em certo momento, desanimei. Depois de anos, durante a iniciação científica e o mestrado, estudando MDs, achei que já tinha dito tudo o que poderia ser dito, pelo menos sobre *sabe?*, *entende?* e *não tem?*. Doce ilusão! Descobri não só que havia muito mais a ser dito, como também compreendi que havia desafios ainda maiores ao perceber que a escolha desses itens em Florianópolis poderia estar relacionada com questões de identidade linguística.

Depois de tentar me desviar do estudo de itens discursivos, indo em busca de outros objetos, voltei às minhas origens, não só porque me encantei novamente pelo estudo dos MDs, mas também porque voltei meu olhar para o meu lugar, a Barra da Lagoa, comunidade pesqueira

¹ Justificamos a escolha pelo termo *marcador discursivo* na subseção 2.1.1 que trata da terminologia dos MDs.

situada no interior da Ilha de Santa Catarina. Nessa comunidade não urbana, a relação entre moradores nativos e novos moradores reflete bem os conflitos e tensões, também linguísticos, existentes na capital catarinense que, a partir da década de 1980, passa a receber grande fluxo de turistas e novos moradores.

Em Florianópolis, ao longo das duas últimas décadas, investigações aprofundadas sobre itens discursivos têm sido feitas, vinculadas ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Edair Maria Görski, o projeto integrado “O percurso de gramaticalização de formas de base adverbial e verbal: funções e formas concorrentes” – que associa postulados da Teoria da Variação e Mudança (TVM) e do Funcionalismo Linguístico, em uma interface sociofuncionalista – apresentou resultados consistentes sobre os usos, os contextos de variação e os percursos de gramaticalização de itens discursivos. Várias dissertações e teses foram levadas a cabo sob essa interface, utilizando dados de fala do Banco de Dados do Núcleo Interinstitucional VARSUL – Variação linguística na Região Sul do Brasil² (TAVARES, 1999, 2003; DAL MAGO, 2001; VALLE, 2001; GASPARINI, 2001; ROST-SNICHELOTTO, 2002, 2009; FREITAG, 2003, entre outras).

Em Valle (2001)³ analisamos itens que fazem parte de um subgrupo específico de MDs, os denominados *requisitos de apoio discursivo* – doravante RADs⁴. Dentro desse subgrupo, em prol de um conjunto mais coeso, propusemos um recorte ainda maior, analisando itens com origem em verbos de cognição, tais como *sabe?* e *entende?*, além da construção *não tem?*⁵ que compartilha contextos e funções com

² Detalhes sobre o Projeto VARSUL e a descrição dessas amostras podem ser conferidos no site: <www.varsul.org.br>.

³ Mais detalhes sobre o trabalho de Valle (2001) serão trazidos na subseção 2.3.2.2 do capítulo que apresenta o objeto de estudo.

⁴ A opção pelo termo *requisito de apoio discursivo* é mantida e justificada na subseção 2.2.1.1 do capítulo que apresenta o objeto de estudo.

⁵ Os itens *sabes?*, *entendes?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo* e *tás entendendo?* também foram considerados na análise, mas Valle (2001) reuniu todos os RADs sob três macroformas, quais sejam: *sabe?* (que reúne as formas de *sabe?* e *sabes?*), *entende?* (que reúne as formas *entendes?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo* e *tás entendendo?*) e *não tem?* (de forma única). As macroformas foram tratadas como variável dependente e as formas específicas dos RADs receberam um tratamento à parte durante a análise.

os outros dois itens, constituindo-se como variante de ambos na fala dos florianopolitanos, como ilustrado abaixo:

- (1) Mas, também, [pode não]- se não quiser, também não precisa colocar... que salada fica ótima do mesmo jeito sem salame. E tem o molho também pra salada... que é: meia xícara de maionese,⁶ **sabes?** Tu Pegas a maionesezinha, o suco de meio limão, sal, pimenta e um pouquinho de açúcar, tá? Isso é o que vai. (VALLE, 2001, p. 6)
- (2) Ela conversava muito comigo. Eu [gos-] eu gostava muito de conversar, eu era novo. [Ela até]- ela, uma senhora de setenta, eu com... vinte e poucos anos, quer dizer, eu tinha cinquenta anos de experiência pra frente, **entendes?** Eu Sempre fui assim. Conversar com a pessoa de cinquenta anos, quer dizer, eu tinha vinte. Dá cinquenta anos de experiência pra frente. (VALLE, 2001, p. 6)
- (3) Aí também nós fizemos lá [uns]-... uns trabalhos assim [que]-... de comida, **não tem?** Aí um amigo meu levou [um]- o tang pro colégio. Levou tang e a gente fez tang e já tomamos tudo lá, ("tudo") baita pra caramba! (VALLE, 2001, p.6)

Em uma perspectiva sociofuncionalista, pudemos observar que os RADs analisados atuam tanto no plano interacional – checando a compreensão do ouvinte acerca das informações fornecidas pelo falante ou mantendo o canal comunicativo – quanto no plano textual – organizando quadros discursivos, na medida em que frisam o trecho ao qual se pospõem. Controlamos seus usos e contextos, verificando que tais itens discursivos são condicionados por alguns grupos de fatores linguísticos, sem clara influência dos grupos de fatores sociais. Além disso, propusemos prováveis trajetórias de mudança para os itens em questão que seguem a direção ideacional > interpessoal > textual (via gramaticalização), verificando que *não tem?* e *entende?* encontram-se em estágio menos avançado de mudança em relação a *sabe?*, item de uso mais generalizado.

Nossos resultados contribuíram para a descrição do uso variável dos RADs e dos processos de mudança envolvidos na trajetória verbo>MDs, mas várias questões foram consideradas merecedoras de maior atenção e desdobramentos da pesquisa foram sugeridos àquela

⁶ A vírgula anterior aos marcadores representa apenas nossa intensão de evidenciar a quebra no fluxo conversacional e no contorno entonacional com a introdução do MD e não uma pausa. Pausas são grafadas com três pontos [...].

época, os quais elencamos resumidamente: a) identificação de outros usos dos RADs e de sobreposições funcionais; b) controle de variáveis linguísticas ligadas ao contexto fonético/fonológico dos itens investigados a fim de medir os aspectos que os cercam, bem como suas reduções fonológicas e possibilidades entonacionais, indicativas de novos estágios de mudança; c) ampliação do *corpus*, através da utilização de amostra da Barra da Lagoa (área menos urbana de Florianópolis), bem como do número de dados, com o intuito de verificar se existem diferenças regionais entre os usos dos RADs, principalmente de *não tem?*; d) levantamento de outros RADs concorrentes aos analisados, com o objetivo de mapear os itens responsáveis pelo contato entre falante e ouvinte; e) observação do uso dos RADs na mídia, principalmente em situações polêmicas de entrevistas e debates, procurando identificar suas funções extratextuais como de atenuação, polidez, busca de aprovação, etc.; f) investigação do uso dos RADs na escrita, como marcas de representação da fala, através da análise de peças teatrais, panfletos e gibis; g) revisão do percurso de mudança dos RADs, através da observação de dados diacrônicos de seus verbos de origem (VALLE, 2001).

É a partir de alguns desses desdobramentos que se assenta a presente tese, que busca investigar a multifuncionalidade, o uso variável e as motivações e percursos de mudança de *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*⁷ no domínio da *requisição de apoio discursivo*.

Analisamos um total de 1.610 ocorrências coletadas em 30 das 45 entrevistas – que compõem a Amostra Brescancini-Valle (2001-2010)⁸, a qual integra o Banco de Dados VARSUL⁹ – com falantes nativos da comunidade da Barra da Lagoa.

Considerando os RADs, bem como os MDs em geral, itens multifuncionais que podem atuar simultaneamente nos planos cognitivo, textual, social e expressivo (Cf. SCHIFFRIN, 2001), propomos uma

⁷ Na seção 2.2 delimitamos o objeto de estudo e detalhamos os motivos para a escolha das sete formas em análise.

⁸ Mais detalhes sobre a Amostra Brescancini-Valle são fornecidos na seção 4.1, no capítulo que trata da metodologia

⁹ O banco de dados VARSUL armazena e disponibiliza amostras representativas para o trabalho de descrição da língua falada na Região Sul do país, objetivo central do Núcleo de Pesquisa VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). No capítulo sobre a metodologia da pesquisa, são fornecidos mais detalhes sobre o banco de dados.

análise sincrônica de interface sociofuncionalista (cf. POPLACK, 2011; TAVARES; GÖRSKI, 2012, entre outros), conjugando a abordagem funcionalista de vertente norte-americana – representada principalmente por pesquisadores da Costa Oeste Americana (Givón, Hopper, Bybee Traugott, entre outros) e por seus interlocutores da Alemanha (Heine, Claudi, Hünemeyer e Kuteva, entre outros) – com a Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov, Herzog, Eckert, Schilling-Estes, entre outros).

A abordagem funcionalista, ou baseada no uso (cf. BYBEE, 2010), tem muito a contribuir com a análise dos MDs, principalmente por sua ancoragem comunicativa/pragmática e pela relevância dada ao contexto. Inserindo os itens em análise no domínio da requisição de apoio discursivo, encontramos nessa abordagem o suporte necessário para lidarmos com sua multifuncionalidade, levando em conta a noção de protótipos e a gradualidade das categorias linguísticas.

Interessados nas motivações e nas trajetórias de mudança dos RADs em análise, consideramos que o uso inovador e repetido de certas estratégias linguísticas em contextos dialogais pode levar à convencionalização de formas e estruturas através de processos metafóricos e metonímicos de natureza semântico-pragmática. Além disso, partimos do pressuposto de que as mudanças envolvidas na trajetória verbo > RAD – em que verbos plenos incorporam traços de interpessoalidade, relacionados a atos de fala diretivos e passam a atuar como marcadores – são consistentes com o processo de gramaticalização que, de uma perspectiva ampla e funcional, envolve maior abstratização, ganhos pragmáticos e mudança funcional.

As ampliações no paradigma da Teoria da Variação e Mudança nos permitem o tratamento variável de itens discursivos e contribuem para a descrição da multifuncionalidade, dos contextos de uso (linguísticos e extralinguísticos) e das forças atuantes na mudança. O interesse cada vez maior dos estudos variacionistas pelo significado social das formas linguísticas, pelos aspectos identitários envolvidos na variação e mudança e pelas escolhas linguísticas dos falantes ligadas a aspectos estilísticos ampliam o espectro das análises e nos possibilitam entender o significado social das formas em análise e seu uso entre os nativos da comunidade pesqueira da Barra da Lagoa que, localizada no interior da Ilha de Santa Catarina e por muitos anos isolada do centro urbano, se abre nas últimas três décadas para um intenso fluxo turístico e para a vinda de novos moradores.

Conjugando as duas abordagens em uma interface sociofuncionalista, intencionamos evidenciar que por trás do uso

sincrônico das formas em análise existem forças em competição relacionadas: às formas de origem dos itens e a seus percursos de mudança; aos contextos de uso dos itens (linguísticos/discursivos e extralinguísticos); a aspectos identitários e socioculturais; à interpretação subjetiva do indivíduo acerca da situação específica de comunicação na entrevista sociolinguística e seus reflexos estilísticos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 OBJETIVOS GERAIS

- (i) Investigar a multifuncionalidade, o uso variável e processos de mudança de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos no domínio da *requisição de apoio discursivo*, considerando a atuação de forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição;
- (ii) Contribuir para uma descrição mais geral do funcionamento dos RADs e dos MDs numa perspectiva sociofuncionalista e para as discussões recentes sobre o uso dos MDs como índices de identidade linguística;
- (iii) Avançar na discussão teórico-metodológica acerca:
 - do tratamento de itens discursivos via processo de gramaticalização, das motivações da mudança e dos mecanismos específicos de (inter)subjetivização;
 - do tratamento variável de itens discursivos, levando em conta a operacionalização de sua multifuncionalidade;
 - de articulações entre a Abordagem Funcionalista e a Teoria da Variação e Mudança, buscando conexões que levam em conta aspectos estilísticos e aspectos identitários;
 - da elaboração de variáveis complexas que captem a multifuncionalidade de fenômenos de natureza discursiva e que possibilitem tratamento multidimensional de aspectos identitários e estilísticos.

1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- (i) Descrever a multifuncionalidade de *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?* nos planos funcionais cognitivo, textual, social e expressivo;
- (ii) Tratar os itens em estudo como formas variantes no domínio da *requisição de apoio discursivo*, visando à identificação de grupos de fatores linguísticos/discursivos e extralinguísticos (sociais e estilísticos) que condicionam o atual uso desses elementos entre os falantes nativos da Barra da Lagoa-Florianópolis/SC que compõem a Amostra Brescancini-Valle (Banco de Dados VARSUL);
- (iii) Investigar as motivações e a trajetória de mudança dos RADs em análise a partir de informações sobre a história dos itens, de seu quadro multifuncional atual e dos resultados das análises quantitativas.
- (iv) Identificar quais forças em competição atuam sobre o uso dos RADs em análise na amostra investigada e projetar seus possíveis efeitos para os rumos da mudança.

1.2 ESTRUTURA DA TESE

Após este primeiro capítulo introdutório, no qual justificamos a análise, bem como apresentamos os objetivos que guiam nossa investigação, passamos ao **segundo capítulo**, destinado ao objeto de estudo, que visa compor um retrato mais detalhado das principais questões teórico-metodológicas em torno dos itens investigados e dos principais achados de trabalhos anteriores, além de apresentar e delimitar o objeto de estudo.

Em seguida, no **terceiro capítulo**, dividido em três blocos, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos das duas abordagens linguísticas sobre as quais se ergue a presente pesquisa – a Abordagem Funcionalista e a Teoria da Variação e Mudança – e estabelecemos as intersecções possíveis e necessárias para uma análise Sociofuncionalista.

O **quarto capítulo** destina-se à apresentação das etapas de análise e das questões e hipóteses da tese e também à descrição da amostra, da comunidade investigada e dos procedimentos metodológicos adotados, envolvendo coleta, transcrição e tratamento dos dados.

No **quinto capítulo** nosso olhar se volta para as funções dos itens em análise no domínio funcional da *requisição de apoio discursivo*: discutindo as hipóteses de trabalhos anteriores sobre as possíveis trajetórias de mudança dos marcadores derivados de *saber* e *entender* na direção verbo>MD, apresentando atuações dos itens analisados em diferentes planos discursivos – com destaque ao papel dos RADs como elementos focalizadores (atuantes no plano textual e interacional) e aos contextos em que, inseridos, os RADs contribuem para assinalar relações – e delineando um *continuum* funcional que se conecta com a possível trajetória de GR dos itens investigados e serve de base para nossas hipóteses em relação aos resultados quantitativos.

O **sexto capítulo** volta-se para o uso variável dos RADs em análise na comunidade da Barra da Lagoa e nele apresentamos: a distribuição geral dos itens em nossa amostra; a análise quantitativa tomando como *variável dependente 1* a oposição das formas derivadas de *entender* (*entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?*, *tás entendendo?*) *versus* as formas derivadas de *saber* (*sabe?*, *sabes?*); a análise quantitativa tomando como variável dependente a oposição das formas que potencialmente julgamos carregar alguma marca identitária (*entendesse?*, *sabes?* e *tás entendendo?*) em contraste com aquelas que seriam neutras (*sabe?*, *entende?*, *entendeu?* e *tá entendendo?*); e fechamos com a discussão sobre as forças em competição que, a partir dos resultados da análise sincrônica, acreditamos estar atuando sobre os itens em análise

Enfim, no **sétimo capítulo** retomamos os principais resultados a fim de atender aos objetivos deste trabalho, apresentando as principais contribuições da tese e fazendo um apanhado das questões que são merecedoras de novas investigações.

2

OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo, destinado ao objeto de estudo, divide-se em quatro seções que visam compor um retrato mais detalhado o quanto possível das principais questões teórico-metodológicas recentes em torno dos itens investigados e dos principais achados de trabalhos anteriores, além de apresentar e delimitar o objeto de estudo.

Na primeira seção, tratamos de algumas questões relevantes sobre os MDs em geral, tomando decisões terminológicas, focando a problemática da multifuncionalidade, definindo o enfoque que julgamos mais apropriado para a análise dos MDs e apresentando o ainda incipiente olhar sobre o uso de MDs como marcas de identidade.

Delimitamos o objeto de estudo na segunda seção, justificando a exclusão de algumas formas potencialmente candidatas à análise e a escolha pelos itens *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?*, *tás entendendo?*. Procuramos também avançar no tratamento metodológico de itens discursivos em análises sociofuncionalistas a partir do estabelecimento de quatro critérios que servem de baliza para agrupar esses itens de modo mais consistente.

A partir da retomada dos antecedentes da pesquisa, são pontuados, na terceira seção, os principais achados de trabalhos em outras línguas sobre os cognatos das formas em análise e de trabalhos já desenvolvidos no português do Brasil acerca desses itens.

Na última seção, resumizamos as decisões tomadas ao longo do capítulo, dando destaque para: as direções apontadas nos trabalhos anteriores sobre as funções e contextos de uso dos RADs, as análises quantitativas envolvendo marcadores interacionais derivados de verbos de cognição e as investigações sobre os percursos de mudança de tais itens.

2.1 OS MARCADORES DISCURSIVOS E A ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO ORAL

Os estudos sobre MDs (ou sobre marcadores conversacionais ou marcadores pragmáticos) têm início na década de 1960, impulsionados pelo papel de destaque que passou a ser dado ao contexto no uso linguístico e pelo crescente desenvolvimento da pesquisa de campo e da gravação de amostras de fala. Na década de 1980, o estudo de itens discursivos ganha os holofotes com a publicação da obra pioneira de Deborah Schiffrin, *Discourse Markers* (1987). De lá para cá, o número de elementos tratados como marcadores vem crescendo e a pesquisa nessa área tem se expandido em diferentes direções através de estudos interlinguísticos, diacrônicos (também na perspectiva da gramaticalização) e sociolinguísticos (AJMER; SIMON-VANDENBERGEN, 2011).

Said Ali (1971 [1930] *apud* Urbano, 1997), já em 1930, relatava o uso e a importância daquilo que chamava de *expressões de situação*: palavras, expressões ou frases típicas da língua falada, usadas especialmente em conversação espontânea e determinadas pela interação face a face, que, segundo ele, apesar de não serem essenciais para o conteúdo informacional, são necessárias na construção discursiva, expressando as intenções do falante durante a conversação. Veja o trecho seguinte, transcrito de entrevista da Amostra Brescancini-Valle, que ilustra o uso de alguns desses elementos:

- (4) (Sobre a perseguição que sobre na família)¹⁰

F: Assim como Jesus foi perseguido, **né?**... na palavra de Deus ou que ele... **né?**... teve uma perseguição... hoje em dia eu sou perseguido, **quer dizer**, você não vai ver:... você vai ver pela fé... a minha casa que eu fiz na Lagoa lá... o meu tio veio querendo quebrar tudo ((inint)) de cinco- cinco centímetros que eu invadi o terreno dele cinco centímetros... **entendeu?** e:... a extremante... a extremante é a filha dele, a filha dele, ainda falei com a filha autorizou, ele mora lá na (hes) na Universidade, pelo Córrego Grande ali ((est))... ele veio de lá me perturbar querendo derrubar tudo... **assim ó**... o inimigo querendo, **entendeu?**... pra (nós que Deus me livre), **né?** na pessoa, **entendeu?** a gente tem que amar a pessoa, o que tá atrás da pessoa... **aí**: através de

¹⁰ Em alguns exemplos, para orientar o leitor, inserimos uma pequena descrição indicando o tópico tratado por julgarmos que era difícil ou impossível recuperá-lo pelo contexto. Quando julgamos que o tópico ficava claro no exemplo, dispensamos a descrição.

oração... e a gente (paciente) com a pessoa... ele ((hes)) foi deixando pra trás, fui fazendo, fazendo, na- na fé... fiz... **entendeu?**... (BARRA31MA11:Faixa2-19:30 a 20:12)¹¹

Embora essas expressões típicas da oralidade sejam extremamente recorrentes e tenham importante papel no discurso oral, foram frequentemente marginalizadas e consideradas como ‘vícios de linguagem’ sem significado e supérfuos, evidência de manifestações verbais desarticuladas e disfluentes¹². Apenas a partir da década de 1980, com o reconhecimento de que itens discursivos carregam significado social, realizam funções na interação discursiva e fazem parte da gramática (considerando-se uma visão funcional mais alargada de gramática), é que o interesse acadêmico sobre itens dessa natureza ganhou fôlego (PICHLER, 2010).

Desconstruindo o preconceito, trabalhos sobre itens de natureza discursiva têm se multiplicado nas três últimas décadas sob várias perspectivas teóricas e em diversas línguas (SCHIFFRIN, 1987, 2001; FRASER, 1988, 1990, 1996; VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993; TRAUGOTT, 1995; CHODOROWSKA-PILCH, 1997; DOSTIE; SÈVE, 1999; PORTOLÉS, 2007; TRAUGOTT; DASHER, 2003; GALUÉ, 2002; MÜLLER, 2005; ANDERSEN, 2007; NÚÑEZ, 2011),

¹¹ No final de cada trecho retirado da amostra, encontra-se um código que identifica a localidade (BARRA), o falante (31, neste caso), suas características sociais (MA11 – homem, meia idade, 11 anos de escolaridade, neste caso) a faixa de gravação (quando existir mais de uma, neste caso Faixa 2) e o intervalo onde os dados ocorrem (19:30 a 20:12, neste caso). Quando o objetivo é mostrar vários MDs além dos RADs em análise, como é o caso nesse trecho, anotamos o intervalo entre o primeiro e o último MD, já quando o intuito é ilustrar os RADs em análise anotamos o momento exato de ocorrência do RAD na gravação.

¹² Ainda hoje muitos consideram os MDs como graves vícios de linguagem. Em uma busca rápida pela internet é possível encontrar vários blogs e tutoriais ensinando a “como acabar com eles”. No mundo corporativo, instruções para evitar o uso desses itens são repassadas a funcionários por meio de palestras e manuais. O trecho abaixo foi extraído de um link do site do Banco Itaú intitulado ‘Carreira’: “Os vícios de linguagem, como “né”, “tá”, “daí”, “certo”, “ok”, “então”, “bom”, “é...”, “vejam bem”, “tipo assim”, entre outros, geralmente ocorrem quando você está nervoso ou não domina o assunto, mas também podem ser um hábito adquirido em algum momento da vida. Pior é que muitas vezes nós nem percebemos que usamos essas “muletas” ao falar. Para corrigir é necessário ter consciência do problema. [...] Com o tempo, a sua consciência automaticamente emitirá um alerta e você lembrará de como o termo empobrece o seu discurso.” (ITAÚ, 2012).

e também no português do Brasil (MARCUSCHI, 1989; MACEDO; SILVA, 1996; RISSO; SILVA; URBANO, 1996, 2006; MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO, 1996; URBANO, 1997, 1999, 2006; MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004; TAVARES, 1999, 2003; DAL MAGO, 2001; VALLE, 2001; GASPARINI, 2001; ROST-SNICHELOTTO, 2002, 2009; FREITAG, 2003), apenas para citar alguns. Juntas, todas essas pesquisas contribuíram para: a) identificar os itens que atuam no discurso e sua apresentação formal; b) definir o termo: marcador discursivo, marcador conversacional, marcador pragmático; c) dividir os itens com características comuns em subcategorias mais consistentes; d) entender melhor o funcionamento sintático de tais elementos; e) observar a multifuncionalidade e sobreposição de funções envolvidas no uso dessas partículas; f) conhecer os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que regulam o uso desses itens; g) compreender o processo de gramaticalização/pragmaticalização envolvido na trajetória de mudança dos marcadores.

As quatro subseções seguintes apresentam aspectos relacionados ao universo dos MDs que são relevantes para a análise proposta nesta tese. Na primeira subseção é justificada a escolha terminológica por *marcadores discursivos*, ao invés do uso dos termos *marcadores conversacionais* ou *marcadores pragmáticos*. A segunda subseção trata da multifuncionalidade dos MDs, ressaltando os diferentes planos de atuação desses itens: o cognitivo, o textual, o social e o expressivo. Na terceira subseção são apresentadas as razões para termos optado pelo enfoque que Schiffrin (1987, 2001) dispensa a itens discursivos, em especial a *y'know*. E a última subseção apresenta recentes discussões sobre o uso de MDs como marcas/índices de identidade, já que acreditamos que alguns dos itens em análise podem apresentar tal potencial.

2.1.1 LIDANDO COM A TERMINOLOGIA

Uma decisão inicial a ser tomada quando lidamos com itens de natureza discursiva é definir qual dos vários rótulos já cunhados será usado. O termo *marcador discursivo* é provavelmente o mais usado, mas a dificuldade está em saber quais os elementos que podem ser classificados sob esse rótulo, pois tudo que está no discurso – dado que

sempre marca, organiza ou sinaliza algo – poderia ser chamado de marcador¹³, isto é, “qualquer partícula ou expressão que ajuda a arrumar o que se quer dizer” seria um marcador discursivo (MACEDO E SILVA, 1996, p. 13). Sob o guarda-chuva dos MDs têm-se abrigado itens de caráter bastante heterogêneo com funções e classes gramaticais de origem variadas – como conjunções (*e, mas*), advérbios (*agora, assim*), verbos (*sabe?, olha*), interjeições (*Oh! Ah! Nossa!*), construções e expressões rotinizadas (*eu acho que, vamos supor*), incluindo até mesmo sons não lexicalizados (*humhum, hãhã*), entre outros. (SCHIFFRIN, 1987; AIJMER; SIMON-VANDENBERGEN, 2011; RISSO; SILVA; URBANO, 1996, 2006).

A denominação *marcador conversacional* é ainda mais ampla e tem sido usada por pesquisadores brasileiros (como Marcuschi (1989) e Urbano (1997)) – principalmente por aqueles que trabalham sob a ótica da Análise da Conversação – para designar os elementos que atuam tanto no nível das relações estabelecidas no texto, como no das relações entre o falante e o seu texto e, até mesmo, entre falante e ouvinte, abarcando elementos verbais (marcadores simples como *né?* e marcadores oracionais como *e não sei o quê*), prosódicos (como hesitações) e também não-verbais (como olhares, gestos manuais e/ou faciais).

Aijmer e Simon-Vandenbergem (2011) dão preferência ao termo *marcador pragmático*, principalmente quando os elementos em questão servem para marcar uma força ilocucionária ou têm uma função interacional, como a troca de turno, por exemplo. Ainda nesse caso, há evidente falta de acordo sobre o que incluir nessa classe, em especial quando trata-se de pausas e marcadores de hesitação que nem ao menos sabemos se podemos qualificar como palavras (como *uhm*, por exemplo).

Para os itens em análise na presente tese, com forte carga interacional, o termo *marcador pragmático* poderia parecer o mais apropriado, mas optamos pelo termo *marcador discursivo*¹⁴ por ser

¹³ Nas palavras de Pottier (1962 *apud* RISSO; SILVA; URBANO, 1996, p. 22), são classificados como MDs todos os elementos discursivos “com os quais não se sabe o que fazer”.

¹⁴ Muitas vezes, os termos *marcador discursivo* e *marcador conversacional* são considerados sinônimos (MACEDO E SILVA, 1996), outras vezes se impõe a eles uma certa hierarquia (RISSO; SILVA; URBANO, 1996). Ao longo deste texto é dada preferência ao termo *marcador discursivo*, mas os termos

bastante difundido no Brasil e, ao mesmo tempo, porque é o termo usado por Schiffrin que, como veremos nas próximas seções, apresenta a perspectiva para o tratamento dos marcadores que é assumida em nosso trabalho, dando destaque ao papel desses itens na coesão e coerência discursiva e considerando sua multifuncionalidade em diversos planos discursivos.

2.1.2 MULTIFUNCIONALIDADE

Os MDs têm funções diferentes a depender do contexto: Teriam eles então um ou muitos significados? Um dos aspectos da problemática em relação ao significado dos MDs se conecta com a história desses itens. Grande parte deles, além das funções como marcadores, mantém os usos em suas classes gramaticais de origem: por exemplo, o uso frequente como MDs (*sabe?*, *entendesse?*, etc.) não faz cessar o uso dos itens como verbos plenos (*saber*, *entender*)¹⁵. Outro aspecto, que complica ainda mais o quadro, é a característica multifuncionalidade dos MDs que, segundo muitos pesquisadores, se dá prioritariamente em dois planos discursivos: no textual e no interativo.

Considerando os marcadores conversacionais (MCs) como elementos multifuncionais que possuem, simultaneamente, propriedades interacionais (manifestando as atitudes do falante e marcando relações interpessoais) e intratextuais (atuando na estruturação da cadeia linguística), Marcuschi (1989) atribui aos itens desse grupo o papel de conectores pragmáticos, usados pelos interlocutores para organizar suas ações e seus quadros discursivos, operando na ordem sintagmática, segmentando e ligando unidades textuais. Castilho (1989), em estudo sobre as unidades discursivas – entendidas como segmentos textuais constituídos de um núcleo demarcado por marcadores –, também considera que os marcadores em geral são elementos multifuncionais que possuem propriedades pragmáticas, semânticas e sintáticas.

Na mesma direção, Urbano (1997) atribui aos MCs o papel de colaboradores na coesão e coerência do texto falado, funcionando não só

marcador conversacional e marcador pragmático estarão presentes para manter a terminologia que os pesquisadores citados adotam em seus trabalhos.

¹⁵ Essa primeira distinção funcional que já se impõe pode ser explicada pelo percurso de mudança dos itens e equacionada pelo princípio da divergência de Hopper (1991), que veremos mais adiante na seção 3.1.2.2 do capítulo que apresenta a fundamentação teórica.

como articuladores de unidades cognitivo-informativas, mas também como elementos de interlocução, à medida que marcam e explicitam os aspectos interacionais e pragmáticos da produção do texto.

Em uma perspectiva um pouco distinta das anteriormente citadas, Risso, Silva e Urbano (2006) e Urbano (2006), considerando uma série de traços definidores, tratam os MDs como itens que atuam tanto no estabelecimento de articulações textuais, como no nível das relações interpessoais, divididos em dois subgrupos a depender do maior foco funcional em um ou outro aspecto: os *MDs basicamente sequenciadores* e os *MDs basicamente interacionais*. Os autores ressaltam que dentro de cada subconjunto há propriedades tanto textuais quanto interacionais, mas operam com uma noção escalar, propondo que quanto maior o papel articulador do MD, menor seria seu papel interpessoal e vice-versa¹⁶.

Cabe ainda mencionar que: Aijmer e Simon Vandenberg (2011) salientam o papel metapragmático dos marcadores, atuando como comentadores do enunciado e, assim, auxiliando em sua interpretação; Östman (1995 *apud* AIJMER; SIMON-VANDENBERGEN, 2011) destaca a função de identificação dos marcadores que atuam como “janelas” através das quais é possível fazer deduções sobre as atitudes e opiniões do falante¹⁷; e Carranza (2012) ressalta a propriedade dos MDs como marcas de identidade quando associados a certos grupos de falantes¹⁸.

¹⁶ A distinção entre interpessoal e textual tem sido utilizada por Brinton (1996, 2008 *apud* AIJMER; SIMON-VANDENBERGEN, 2011) para agrupar marcadores pragmáticos em duas classes principais: i) aqueles com função de marcação do discurso ou textual, marcando limites no discurso, sinalizando mudança de tópico, reformulando o texto, etc.; ii) aqueles com função interpessoal, relacionada com a expressão das atitudes do falante.

¹⁷ Ruhlemann (2007 *apud* AIJMER; SIMON-VANDENBERGEN, 2011) menciona cinco características parcialmente sobrepostas dos MDs: indicam como o discurso se relaciona com outro discurso; fazem trabalho metalinguístico; são dêiticos e indicam como os enunciados que os contêm se relacionam ao discurso anterior; criam a coerência discursiva; são orientados às necessidades do ouvinte.

¹⁸ Gupta (2006, *apud* AIJMER; SIMON-VANDENBERGEN, 2011) também ressalta a propriedade dos MDs como marcadores de grupos, sendo usados de forma estereotipada na ficção e para efeitos humorísticos.

Acreditamos que cada um dos autores citados contribui para o entendimento da multifuncionalidade¹⁹ dos marcadores. Contudo, tomamos como base para a presente pesquisa a visão de Schiffrin (2001) por considerarmos que recobre todas as demais. A pesquisadora sugere que, embora tenham funções primárias derivadas de seus valores semânticos originais, os marcadores são essencialmente multifuncionais e atuam em diferentes planos do discurso, ajudando a integrar os muitos processos simultâneos envolvidos na construção discursiva e colaborando para estabelecer a coerência. A autora salienta que:

[...] embora marcadores tenham funções principais [...], seu uso é multifuncional. É esta multifuncionalidade em planos diferentes do discurso que ajuda a integrar os vários processos simultâneos subjacentes à construção do discurso e assim ajuda a criar a coerência²⁰ (SCHIFFRIN, 2001, p. 58, tradução nossa).

Schiffrin (1987) caracteriza os MDs como dêiticos com funções indexicais, ou seja, o que os MDs fazem é apontar (ou refletir) as características do contexto discursivo em seus diversos planos: no plano da estrutura ideacional (relacionando ideias e proposições); no plano da estrutura de ação (a maneira pela qual os atos de fala se relacionam com porções discursivas); no plano da estrutura de troca (envolvendo os mecanismos de troca de turno); no plano do estado de informação (a gestão e organização do conhecimento e do metaconhecimento); e no

¹⁹ Diante da reconhecida multifuncionalidade dos MDs, Aijmer e Simon-Vandenberg (2011) sugerem três perspectivas para lidar com esta gama funcional: a) pelo viés da homonímia, o número de marcadores é multiplicado a fim de estabelecer uma relação forma-função; b) em uma abordagem monossêmica cada marcador estaria associado com um único significado abstrato que serviria de base para diferentes significados ou funções contextualmente determinados; c) como resultado de polissemia, os diferentes significados ou funções de um marcador podem ser tratados como extensões de um núcleo (protótipo). As autoras pontuam que a perspectiva polissêmica está frequentemente associada a análises diacrônicas no âmbito da teoria da gramaticalização, incluindo os trabalhos de Traugott e seus colegas.

²⁰ “[...] although markers have primary functions [...], their use is multifunctional. It is this multifunctionality on different planes of discourse that helps to integrate the many different simultaneous processes underlying the construction of discourse, and thus helps to create coherence.”

pessoais e sociais, para transmitir atitudes e executar ações e negociar relações entre si e os outros (adaptado de SCHIFFRIN, 2001, p. 54).

Para a autora, as funções dos marcadores são tão amplas e variadas que toda análise, mesmo com foco em pequenas porções de seus usos, pode dizer algo sobre sua atuação discursiva e colaborar para responder questões fundamentais sobre os MDs, tais como:

Que itens lexicais são utilizados como marcadores discursivos? Palavras com significados comparáveis são utilizadas para funções comparáveis? Qual é a influência da estrutura sintática e do significado semântico sobre o uso dos marcadores? Que efeito as normas culturais, sociais, situacionais e textuais têm sobre a distribuição funcional dos marcadores?²⁶ (SCHIFFRIN, 2001, p. 62).

2.1.3 ENFOQUE PARA ANÁLISE DOS MDS

Assumindo a tarefa de investigar o uso de MDs em uma interface sociofuncionalista, precisamos definir o enfoque de análise que melhor se adequa aos objetivos e à linha teórica da tese. Mencionamos acima que a visão de Schiffrin (1987, 2001) sobre a multifuncionalidade dos MDs é a que nos parece mais completa. Além disso, em uma abordagem sociointeracional a autora preocupa-se em usar métodos quantitativos para observar o uso e a distribuição de formas discursivas e também se interessa pela funcionalidade de tais itens. Diferenças teóricas à parte, as preocupações da autora parecem caminhar na mesma via de nossos interesses.

Contudo, é necessário considerar que nos trabalhos funcionalistas sobre gramaticalização que envolvem MDs, notadamente os

²⁶ “[...] what lexical items are used as discourse markers? Are words with comparable meanings used for comparable functions? What is the influence of syntactic structure, and semantic meaning, on the use of markers? How do cultural, social, situational, and textual norms have an effect on the distribution and function of markers?”

desenvolvidos por Traugott e seus colegas²⁷, a visão priorizada para é a de Fraser (1988, 1990).

Os MDs são definidos por Traugott (1995) e Traugott e Dasher (2003), com base nos estudos de Schifffrin (1987) e Fraser (1988, 1990), como elementos cuja função principal é marcar as relações entre unidades sequencialmente dependentes do discurso e que, embora essencialmente pragmáticos em função, têm papel sintático, fazendo parte da gramática da língua. Traugott deixa claro que sua visão a respeito desses itens é muito mais próxima da visão de Fraser já que ela se interessa pela análise de apenas um dos subconjuntos elencados e discutidos por Schifffrin, chamado de “dêiticos do discurso”, que tem a função de assinalar um comentário, especificando o tipo de relação sequencial discursiva que se mantém entre o enunciado atual e o discurso anterior.

Traugott (1995), que analisou os itens *indeed, in fact e besides*, de origem adverbial e atuações sequenciais, também compartilha com Fraser a ideia de que os MDs são parte da gramática da língua, embora pragmáticos em função²⁸. Nessa perspectiva, os MDs servem para que o falante dê sua avaliação não sobre o conteúdo do que é dito, mas sobre o modo como o que é dito é organizado, em outras palavras, os MDs desempenham um papel metatextual.

Apesar de concordarmos com a atuação metatextual atribuída aos MDs, vemos problemas para o tratamento dos itens em análise nesta tese nos moldes de Fraser, que presume uma estrita separação entre semântica (significado proposicional) e pragmática (significado pragmático) (FRASER, 1996, 1999). Uma crítica a essa visão disjuntiva, segundo Schifffrin (2001), é que ela minimiza várias funções importantes dos MDs, incluindo aquelas relacionadas à interação social.

Além disso, as visões de Schifffrin e de Fraser diferem bastante em relação a três questões importantes²⁹: a) com relação à fonte dos

²⁷ Veremos mais detalhes sobre a perspectiva de Traugott e seus colegas na seção 3.1.2 do capítulo que apresenta a fundamentação teórica.

²⁸ Veremos nos parágrafos seguintes que Fraser pode até considerar que os marcadores que analisa sejam parte da gramática da língua, mas vários itens que costumamos considerar como marcadores, incluindo *y'know*, ficam de fora da classificação do autor e não recebem o status de marcador.

²⁹ Em seu texto de 2001, Schifffrin compara três abordagens mais recorrentes para o tratamento dos MDs: a sua, a de Fraser e a de Halliday e Hasan (1976). Não vamos trazer esta última para discussão, pois a abordagem de Halliday e Hasan está muito mais voltada para aspectos coesivos em textos escritos

MDs – enquanto Fraser postula que a contribuição do significado fonte e da classe gramatical de origem para o uso dos itens como MDs é mínima, as análises e considerações de Schiffrin sobre a multifuncionalidade dos itens sugerem que o significado fonte pode persistir e que as classes de origem muitas vezes são vistas como ponto de partida para uma expansão metafórica, de funções locais para funções globais (por exemplo, conjunções responsáveis pela junção de sintagmas ou orações, como *and*, podem passar a conectar porções discursivas maiores e contribuir para a coerência discursiva); b) com relação aos MDs e o contexto discursivo – diferentes concepções de discurso produzem diferentes funções discursivas, por isso, enquanto Fraser limita o foco dos marcadores a relações entre proposições, Schiffrin inclui vários aspectos da situação comunicativa em seu modelo de discurso, tratando a indexação de relações proposicionais como apenas uma das inúmeras funções discursivas dos MDs; c) com relação à integração da análise dos MDs no estudo da linguagem – enquanto a abordagem de Fraser relega a análise de muitos itens discursivos à pragmática, Schiffrin evidencia a interdependência entre semântica e pragmática, considerando os MDs como responsáveis pela co-construção discursiva e simultaneamente atuantes em vários planos: cognitivo, expressivo, social e textual³⁰ (SCHIFFRIN, 2001).

Essas diferenças entre as abordagens têm gerado controvérsias sobre o status de *y'know*, cognato de *sabe?*, que tem várias semelhanças funcionais com os itens que analisamos. Enquanto o item é incluído por Schiffrin no grupo dos MDs, ganhando lugar de destaque em sua obra clássica de 1987, Fraser (1996) o exclui do grupo dos MDs, afirmando que *y'know* não sinaliza uma relação discursiva, mas apenas a atitude solidária do falante para com seu ouvinte. Esse é o motivo definitivo para rejeitarmos a perspectiva de Fraser, já que os itens que analisamos, em algumas funções e posições, são correlatos perfeitos de *y'know*.

(analisando itens como *and, but, because, I mean, by the way, to sum up*), o que não é o nosso foco.

³⁰ No fim das contas, tudo se resume àquilo que é central em cada uma das abordagens: para Fraser, o foco parece estar nas relações estabelecidas entre proposições e a análise dos MDs está a esse serviço; para Schiffrin, o foco está na análise dos MDs como itens multifuncionais, integrando aspectos semânticos e pragmáticos.

O tratamento que Schiffrin (1987) dá a *y'know*³¹, embora parta de uma perspectiva teórica um pouco distinta da nossa, revela um modo de entender discurso e significado compatível com nossas crenças e abordagens: i) entendendo que a linguagem reflete contextos discursivos ricos e multifacetados, o que impulsiona os pesquisadores a procurar nos dados todas as nuances (multi)funcionais dos MDs; ii) supondo que o significado dos MDs é co-construído pela interação falante-ouvinte, emergindo de relações sequenciais construídas em conjunto e de contingências próprias da conversação.

A autora assinala que *y'know* é encontrado em ambientes (marcando um argumento, introduzindo uma história, evocando um referente) que marcam uma transição de um ponto do discurso para outro e, assim, auxilia na relação entre segmentos discursivos (SCHIFFRIN, 1987). Para ela, é exatamente em lugares de transição como este:

[...] – onde interlocutores estão engajados em tarefas produtivas e interpretativas centradas em estabelecer a relação entre segmentos um tanto abstratos e complexos de discurso – que os falantes podem querer criar, ou reforçar, a solidariedade para com seus ouvintes³² (SCHIFFRIN, 2001, p. 66, tradução nossa).

Y'know é visto por Schiffrin como elemento com propriedades de sequenciador discursivo e também como item que pode desempenhar papéis interpessoais. Nesse olhar, que entende a linguagem como multifuncional e co-construída, a ênfase está nos dados. Trata-se de não ter expectativas *a priori* sobre quais funções os MDs deveriam ter, mas, ao invés disso, mergulhar profundamente nos dados para descobrir quais as funções que esses itens de fato desempenham³³.

³¹ Veremos mais detalhes sobre a análise de *y'know* feita por Schiffrin (1987) na seção 2.3.1 deste capítulo.

³² “– where interlocutors are jointly engaged in productive and interpretive tasks centered on establishing the relationship between somewhat abstract and complex discourse segments – that speakers may want to create, or reinforce, solidarity with their hearers.”

³³ Esta ênfase nos dados também é percebida em Ajmer e Simon-Vandenberg (2011), que comemoram a constituição de *corpora* de língua falada e escrita em diferentes registros e também a constituição de *corpora* históricos que – através da transcrição de textos dialogais, como peças de teatro, ou de textos que

2.1.4 MDS E IDENTIDADE

Estudos recentes têm apontado, em maior ou menor grau, para a atuação de unidades discursivas como marcas de identidade que em alguns casos podem chegar a funcionar como marcas de identidade semelhantes a certos usos fonológicos. (MENDOZA-DENTON, 2002; BEECHING, 2007; BUCHOLTZ, 2009; NÚÑEZ, 2011; CARRANZA, 2012; BENTES; MARIANO, 2013).

Beeching (2007), analisando o comportamento de um pequeno grupo de MDs, sugere que o uso de alguns desses itens em francês pode estar sendo regido por aspectos identitários. A autora associa o uso de *enfin*, *quoi* e *bon* a uma identidade moderna, já *c'est-à-dire* é associado a uma identidade de tradição, enquanto os demais MDs, *hein*, *quand même* e *si vous voulez*, apresentam-se neutros. Em variedades do espanhol: Bucholtz (2009) assinala que o uso de *güey* por homens jovens mexicanos pode ser entendido a partir de um olhar sobre a identidade; Núñez (2011)³⁴ associa o uso de *¿cachái?* à identidade de grupo de homens jovens chilenos; Carranza (2012) relaciona o uso de certos MDs a determinados grupos de falantes argentinos – *pronto* ligado a adultos seguidores da moda em grandes centros urbanos, *o sea* empregado por personagens caricaturescos, *¿sí?* (em posição final) associado aos jovens e *nada* ligado a uma identidade jovem, atualizada e despreocupada de grandes cidades argentinas.

Tal associação entre MDs e certos grupos de falantes tem se mostrado produtiva, contudo, ainda mais interessantes são alguns raros trabalhos que começam a explorar o uso de partículas discursivas como índices de identidade.

Nessa direção, Bucholtz (2009)³⁵ conclui que o uso de *güey* (*cara*) entre rapazes mexicanos não está somente associado a um comportamento de sexo/gênero ou à construção de uma identidade masculina, como outros trabalhos afirmaram. Associado a outros recursos semióticos como a prosódia, o gesto, a postura, o vestuário, o

retratam a fala, como depoimentos de testemunhas – permitem a análise diacrônica de alguns MDs.

³⁴ O trabalho de Núñez é um pouco mais explorado na seção 2.3.1 deste capítulo.

³⁵ A autora ressalta que a sociolinguística deve estar atenta ao exame das práticas interacionais e às representações ideológicas quando o interesse é investigar o uso de recursos linguísticos indexando posturas, estilos e identidades.

interesse por certos tópicos discursivos e por certos bens de consumo (como celulares e câmeras), *güey* é usado pelos jovens mexicanos para algo maior: “[...] estabelecer status e solidariedade em relação ao seu grupo social”³⁶ (p. 165).

Trata-se de uma mudança sutil, mas que ressalta ainda mais a relação entre MDs e identidade. Para Carranza (2012), “a associação regular de um marcador com certa tarefa discursiva e certo alinhamento em relação ao destinatário, que são típicos de um papel ou de uma identidade social, eventualmente transforma o marcador em um índice que evoca esse papel ou identidade”³⁷ (p. 32). Como índice³⁸, tal marcador, combinado com outros recursos (linguísticos ou não-linguísticos) pode tornar-se responsável por evocar indiretamente certos aspectos da identidade do falante e de sua relação com seus interlocutores que estão além do momento de interação, em níveis macrossociais (ideológicos, por exemplo), ou seja, que vão além das camadas de significado social que se estabelecem no aqui e agora. Cabe destacar que a autora entende os MDs como itens multifuncionais que atuam em diferentes planos discursivos simultaneamente, portanto, seu ganho em termos de significado social não inviabiliza suas funções nos demais níveis.

No Brasil, merece destaque o trabalho de Bentes e Mariano (2013) sobre a *linguagem dos manos*, que analisa, com atenção para aspectos identitários, os MDs usados pelo *rapper* Mano Brown em três contextos distintos – fala pública, depoimento no carro para uma jornalista e entrevista televisiva sobre temas sociais – e os MDs usados por Mano Brown e outros dois *rappers* em discussão informal entre amigos sobre tema controverso, encontrando desde MDs sequenciadores (como *então*, *tipo assim*, *mas*, *ai*, *agora*, *daí*, entre outros) até MDs orientadores da interação (como *ó*, *sabe*, *ah*, *entendeu?*, *pô*, *né?*, *tá ligado?*, *certo?*, *morô?*, *firmeza?*, entre outros).

³⁶ “[...] to establish both status and solidarity in relation to their social group”

³⁷ “[...] la asociación regular de un marcador con cierta tarea discursiva y cierto alineamiento respecto del destinatario, que son típicos de un rol o una identidad social, eventualmente transforma al marcador en un índice que evoca ese rol o identidad.”

³⁸ Para tomar os MDs como índices de identidade, Carranza (2012) se pauta no conceito de “índicios de contextualização” (GUMPERZ, 1982), segundo o qual certos recursos gramaticais, lexicais, prosódicos, estilísticos, gestuais, etc. podem evocar contextos que fazem com que o texto interacional seja interpretado de uma determinada maneira.

Dentre todos os MDs analisados pelas autoras, *tá ligado?* é aquele que apresenta os resultados mais interessantes, tendo seu uso associado a aspectos identitários e também estilísticos. Comparando-se as quatro situações comunicativas, *tá ligado?* é o MD mais usado em contextos informais como é o caso do depoimento e da discussão entre amigos, em que Mano Brown se apresenta mais relaxado. Outro aspecto relevante em relação a esse MD é a observação das autoras sobre as diferenças de uso entre os três *rappers* (Brown e seus colegas Ferréz e MC Ylsão): o uso de *tá ligado?* é muito frequente entre os dois *rappers* expostos à mídia (Mano e Ferréz) e parece ter forte marcação identitária entre eles, mas não é usado por MC Ylsão (menos exposto à mídia). Para explicar tal comportamento, as autoras levantam a hipótese de que “embora iconizado por figuras públicas, o MD *tá ligado?* não é tão usado por aqueles membros do grupo social que ele supostamente indicia” (p. 156). Por fim, as autoras, sugerem que o uso de *tá ligado?* e a alta frequência dos MDs em geral poderiam ser tomados entre as características dos registros populares urbanos paulistas.

Veremos na seção seguinte que, entre os RADs em análise nesta tese, *entendesse?* é o que parece estar mais associado a aspectos identitários locais e acreditamos que esta atuação possa ter influência sobre o uso e o percurso de mudança desse item.

Sumarizando nossas discussões, cabe salientar que, a partir da perspectiva de Schiffrrin (1987, 2001), tomamos os MDs como itens multifuncionais que, atuando simultaneamente em vários domínios comunicativos (no cognitivo, no textual, no social e no expressivo), contribuem para a coesão e a coerência discursiva. Em nossa análise, levamos em conta o importante papel do significado do item fonte e do contexto de uso, linguístico e situacional, para o estabelecimento das funções dos MDs nos vários domínios discursivos. Além disso, lançando olhar atento para os recentes trabalhos centrados na relação entre MDs e identidade, consideramos o possível papel dessas partículas discursivas como marcas/índices de identidade que podem estar associadas a certos grupos de falantes e contribuir para evocar aspectos identitários.

2.2 DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Como vimos na seção anterior, o que temos chamado de MDs parece compor um grupo muito amplo com itens derivados de classes gramaticais muito diferentes entre si, com contextos de uso bastante distintos e que assumem funções discursivas variadas, sendo muitas vezes sintaticamente opcionais.

A fim de promover análises mais aprofundadas e específicas, pesquisadores têm direcionado seu olhar a grupos mais coesos, sendo que o principal critério para a subdivisão dos subgrupos dos marcadores tem sido o funcional. Macedo e Silva (1996) propõem uma divisão funcional dos MDs em nove subgrupos, caracterizados a seguir:

Quadro 1: Divisão dos MDs em subgrupos

SUBGRUPO	FUNÇÃO	ALGUNS DOS ITENS
[1] iniciadores	iniciam turnos	<i>ah, bom, bem, olha</i>
[2] requisitos de apoio discursivo	uso interativo para testar a atenção do interlocutor	<i>né? tá? sabe? entendeu? viu? não é mesmo?</i>
[3] redutores	modalizam a postura do locutor	<i>eu acho, pô, sei lá</i>
[4] esclarecedores	retomam com maior clareza partes do discurso	<i>quer dizer, deixa eu ver</i>
[5] preenchedores de pausa	preenchem o silêncio, enquanto o falante processa o que será dito	<i>assim, hã, bem</i>
[6] sequenciadores	marcam sequência no discurso	<i>aí, então, depois</i>
[7] resumidores	encerram uma lista de itens e resumem	<i>e essas coisas, e tal, coisa e tal, e tudo</i>
[8] argumentadores	iniciam argumentação contrária ao discurso precedente	<i>agora, é mas, não mas, sim mas</i>
[9] finalizadores	dão fecho ao turno do falante	<i>então tá, é isso aí, tudo bem</i>

Fonte: Adaptado de MACEDO; SILVA (1996, p. 11-12)

O problema inicial em subdividir os itens tomando como base apenas o parâmetro funcional é facilmente observável a partir da problemática da multifuncionalidade, já discutida. Itens discursivos não

têm função única ou constante, sendo seu papel determinado prioritariamente pelo contexto de uso.

Interessada na delimitação de unidades discursivas no contexto da TVM, Pichler (2010) considera que tanto parâmetros funcionais quanto formais podem ser utilizados para conceptualizar e delimitar variáveis dessa natureza e que muitos outros aspectos podem entrar em jogo: “o que é importante é que os pesquisadores sejam consistentes em como eles conceptualizam partículas discursivas específicas e que estabeleçam claramente como eles delimitam o contexto variável³⁹” (PICHLER, 2010, p. 591).

Procurando seguir o conselho da autora, estabelecemos critérios unificadores que são aplicados a seguir para a delimitação do objeto de estudo nesta tese.

2.2.1 CRITÉRIOS UNIFICADORES PARA A DELIMITAÇÃO DE VARIÁVEIS DISCURSIVAS

Acreditamos que para delimitar variáveis discursivas é necessário ter em mente três aspectos centrais: i) as especificidades dos itens discursivos, principalmente sua multifuncionalidade; ii) os objetivos e a(s) linha(s) teórica(s) da pesquisa; iii) os dados disponíveis e a comunidade de fala investigada. Como vimos, neste estudo os MDs são considerados itens multifuncionais que podem atuar em vários planos discursivos e nos interessa tratar dos percursos de mudança dos itens investigados dentro da perspectiva da gramaticalização⁴⁰ e dos contextos de uso linguísticos e extralinguísticos dos itens em análise tratados como variantes dentro do quadro teórico da TVM, com atenção especial para questões estilísticas e de identidade. A partir disso, elencamos abaixo quatro critérios que, em conjunto, possibilitam uma delimitação consistente e unificadora que justifica nossa escolha pelos itens tomados como objeto de estudo:

³⁹ “What is important is that scholars are consistent in how they conceptualize specific discourse features and that they set out clearly how they have delimited the variable context.”

⁴⁰ A análise empreendida nesta tese parte de uma perspectiva sincrônica. As considerações sobre os percursos de mudança dos itens investigados são esboçadas a partir dos trabalhos de Martelotta e Leitão (1998) e de Valle (2001).

- 1) Critério de unidade funcional e de compartilhamento de contextos de uso
- 2) Critério de unidade conceptual e classe gramatical de origem
- 3) Critério de relevância do item para a comunidade investigada
- 4) Critério de frequência de uso dos itens

Convém esclarecer que os critérios propostos não são entendidos como baliza de exclusão ou inclusão de itens, mas como guia para podermos selecionar o grupo de itens mais coeso possível para a análise. Ressaltamos que nem todos os critérios têm o mesmo peso ou independência, por exemplo: a) o primeiro critério se sobrepõe aos demais e é o que tem peso maior – pois a unidade funcional e o compartilhamento de contextos de uso é o principal fio condutor de análises variacionistas de unidades discursivas –, mas, ainda assim, pode ser fortemente afetado pelo último, já que para a realização de análises quantitativas a frequência dos dados é relevante; b) o terceiro critério serve mais para inclusão do que para a exclusão de itens, levando em conta o uso e a relevância das formas na comunidade investigada.

Como primeiro passo para delimitar o objeto de estudo, ouvimos as 45 entrevistas da Amostra Brescancini-Valle com atenção especial aos itens que, *a priori*, já julgávamos atender aos critérios elencados acima, mas nos mantivemos abertos à possibilidade de incluir novos itens e atentos às ocorrências de todos os possíveis candidatos à análise⁴¹.

A seguir, conforme explicamos cada um dos quatro critérios e justificamos a exclusão de alguns itens, procuramos mostrar as razões para termos optado pela análise das formas *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*.

⁴¹ Conforme ouvíamos as entrevistas, já registrávamos a minutagem das ocorrências de *sabe(s)?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá(s) entendendo?* e *não tem?* e anotávamos também a minutagem de outras formas menos frequentes, mas com potencial para análise, como *visse?* e *compreendes?*. Além disso, fazíamos observações sobre a frequência de uso de formas que acreditávamos que não seriam incluídas na análise, como *certo?*, *tá?* e *né?*, mas que compartilhavam alguns contextos de uso com os itens de nosso interesse.

2.2.1.1 CRITÉRIO DE UNIDADE FUNCIONAL E DE COMPARTILHAMENTO DE CONTEXTOS DE USO

Um dos subgrupos dos MDs reúne partículas com função basicamente interacional e tem recebido nomenclatura variada: *requisitos de apoio discursivo* - RADs (MACEDO E SILVA, 1996), *busca de aprovação discursiva* - BADs (MARCUSCHI, 1989; URBANO, 1997), *marcadores de controle de contato*⁴² - MCCs (BRIZ, 2001; PORTOLÉS, 2007), *apêndices comprovativos*⁴³ (ORTEGA, 1985). Sob esses rótulos têm sido inseridos itens de natureza ainda heterogênea, mas com atuações um pouco mais próximas, tais como *né?, viu?, sabe?, entende?, certo?, heim?, não é verdade?, uhn?*, entre outros, que possuem em comum propriedades interacionais. É relevante assinalar que optamos pelo termo *requisitos de apoio discurso* por ser bastante difundido no Brasil.

Briz (2001 *apud* NÚÑEZ, 2011), ponto de ancoragem para vários trabalhos em espanhol, considera que os *marcadores de control de contacto* podem ser usados para: a) reforçar ou justificar o raciocínio dos falantes para seu(s) interlocutor(es); b) manter ou verificar o contato entre os participantes da conversação; c) envolver ativamente o interlocutor. Como podemos perceber, as funções atribuídas por Briz aos itens deste subgrupo são de caráter basicamente interacional, focadas na relação entre o falante e sua audiência.

Na direção dos estudos atuais, estamos interessados em análises focadas não apenas no plano interacional, mas nos vários planos de atuação dos RADs, considerando a ampla gama funcional desses elementos. A princípio, uma primeira ampliação funcional está em considerar que os RADs são elementos que atuam basicamente em dois planos: o interacional e o textual, solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto e dando relevo àquilo que os antecede, na função de focalização (VALLE, 2001). Além disso, consideramos que outras funções ainda merecem um olhar mais atento, como a de elementos que marcam estilo de fala menos monitorada, elementos rítmicos discursivos e marcas de identidade linguística⁴⁴.

Ainda assim, acreditamos que tomar a propriedade basicamente interacional de *requisição de apoio discursivo* é um primeiro passo importante para distinguir os marcadores com esta propriedade essencial

⁴²*Marcadores de control de contacto.*

⁴³*Apêndices comprovativos.*

⁴⁴Essas atuações funcionais são aprofundadas ao longo da presente tese.

de muitos outros que estão mais voltados a atuações textuais, tornando o conjunto em análise mais unificado. Outro passo importante é levar em consideração o compartilhamento de contextos de uso. À primeira vista, *né?* parece cumprir tal requisito. Vejamos as ocorrências abaixo:

(6) (Sobre o que faz para se divertir)

F: Assim:: pra se divertir? Ah, eu saio à noite assim, mas não na noite assim toda a hora, **né?** Eu vou na casa das minhas amigas, eu vou comer pizza, eu vou fazer um lan::che, eu:: eu vou dormir na casa de::las, sabe? coisa assim bem:: normalzinha assim, que tipo sair assim eu sou muito nova ainda, **né?** aí não dá, **né?** (BARRA02FJ8-24:40 a 25:03)

(7) (Sobre a aposentadoria do avô)

F: ... aí ele se aposentou... por causa daquela perna... e:: até hoje assim às vezes quando tem um lance de tainha ele pula no barco a minha vó fica doida, **né?** fica apavorada... mas ele vai, ele gosta, **né?**... ela até [entende.]

E: [Não pode] deixar, **né?** também impedir não dá, **né?** (BARRA04FJ9:Faixa2-de 14:32 a 14:55)

Contudo, uma observação mais atenta revela que este item, comumente considerado como pontuante discursivo com o papel fundamental de elemento rítmico e com maior liberdade de colocação (MARTELOTTA; ALCÂNTARA, 1996; MARTELOTTA, 2004), se diferencia dos RADs que constituem nosso objeto de análise. A alta frequência de uso de *né?* (sendo facilmente usado mais de 300 vezes em apenas uma entrevista) e seu leque amplo de posições (comum intra e entre constituintes) também corroboram nossa afirmação. Itens como *sabe?* e *entende?*, em contrapartida, ocorrem principalmente entre orações ou em final de enunciados/turnos, pospostos ao constituinte ou enunciado que frisam e pouco cercados de pausas e estímulos⁴⁵. Tal diferença contextual justifica o descarte de *né?* em prol de um grupo mais coeso.

⁴⁵ Exploramos com mais detalhes os contextos de uso do objeto em estudo nas seções 2.3 e 2.4 deste capítulo.

2.2.1.2 CRITÉRIO DE UNIDADE CONCEPTUAL E CLASSE GRAMATICAL DE ORIGEM

Os verbos *ver*, *perceber*, *saber*, *entender* e *compreender* são de natureza conceptual semelhante, todos indicando processos mentais que, a princípio, diferem entre si em grau de complexidade: *ver* e *perceber*, voltados a atividades mais concretas, seriam menos complexos que verbos como *entender* e *compreender*, que envolvem processos mentais. No entanto, o uso que os falantes fazem desses verbos nos leva a crer que em muitos casos não existem divisões muito claras entre eles; seus significados são mais fluidos e envolvem processos mais semelhantes do que se imagina. Sweetser (1990), por exemplo, observa que falantes de inglês usam *see* (*ver*) no sentido de *know* (*saber/conhecer*) ou *understand* (*entender/compreender*). Em português, Ferreira (1976) sugere que o verbo *saber*, que deriva do latim *sapere*, se ramifica em dois grupos de sentidos distintos, um ligado a experiências físicas (*ter sabor*, *ter cheiro*, *ter gosto*) e outro ligado a propriedades mentais (*discernimento*, *conhecimento*, *compreensão*).

É muito provável que essa proximidade conceptual seja a responsável pelo desenvolvimento de alguns desses verbos em MDs que compartilham funções e contextos, não só em português (*percebe?*, *viu/visse?*, *sabe(s)?*, *entende(s)/entendeu?*, *compreende?*, entre outros) como em outras línguas: *y'know* (em inglês); *¿(me) entiendes?*, *¿sabes?*, *¿cachái?* (em espanhol); *tu sais?/vous savez?*, *tu comprends?/vous comprenez?* (em francês); *sai?*, *sai com'è*, *capisci?*, *puoi capire?*, *capito?* (em italiano).

A unidade conceptual e a classe gramatical de origem são relevantes quando existe interesse na descrição da mudança dos itens em análise. É mais provável que itens derivados de sentidos-fonte semelhantes e da mesma classe gramatical de origem desenvolvam sentidos-alvo semelhantes e apresentem maior proximidade funcional do que itens originariamente muito diferentes entre si. *Tá?*, *certo?*, *ok?*, *beleza?*, *tranquilo?*, apesar de compartilharem algumas funções e contextos com os RADs derivados de verbos de cognição⁴⁶, foram descartados de nossa análise na busca de itens intercambiáveis e com

⁴⁶ Marcuschi (1989) usa a designação *verbos epistêmicos*; Castilho (1989) os denomina como *verbos epistêmicos* ou *cogitandi*; e Martelotta, Votre e Cezario (1996) os chamam de *verbos de processamento mental*.

percursos de mudança semelhantes. Vejamos algumas das ocorrências de *tá?* e *certo?* encontradas em nossa amostra:

- (8) F: O meu marido é uma pessoa boa... **tá?** muito bom, ele me acompanhou, ele me deu a maior for::ça... (BARRA20FA8-45:00)
- (9) F: Eu- eu repito o prato... e é normal, **tá?** (risos de E)... não é coisinha colherinha, não... é normal.
E: Faz o prato de novo. (BARRA20FA8-15:08)
- (10) E a mulher é isso... mulher caiu uma vez caiu duas... não se levantou:: não adianta que aquilo custa a se levantar mais... mas se ela se (hes) se ela acha que quer se levantar uma vez ou duas ela se levanta que nunca mais cai (est)... nunca mais cai, nunca mais, nunca mais... mas se ela não souber ela vai caindo e cada vez caindo mais (hes) aí depois pra se levantar só pela natureza (est), mas por ela não se levanta mais... (est) **certo?** Então aí:: passou a mão então ficou assim. (BARRA45MB4:Faixa2-01:11)

2.2.1.3 CRITÉRIO DE RELEVÂNCIA DO ITEM PARA A COMUNIDADE INVESTIGADA

Parece que o uso de alguns RADs está mais associado a indivíduos ou a certos grupos de indivíduos – vinculados por atividades ou modos de vida comuns – do que imaginávamos, ou seja, parece que itens discursivos podem ter um importante papel na constituição da variedade de fala de determinado grupo ou de uma comunidade de fala e que esse papel é facilmente reconhecido pelos falantes, o que pode ser notado pelo uso frequente dos RADs para a caracterização de personagens em peças de teatro, em novelas, no cinema, em *stand-up comedy*, etc. (VALLE, 2001; GÖRSKI; VALLE, 2013).

Em Florianópolis, principalmente (*en*)*tendesse?* e *não tem?* são percebidos como marcas da fala local e, talvez por esse motivo, parecem ter seus usos regidos não somente por necessidades interacionais ou textuais, mas também pela relação de identidade do falante com a sua comunidade. Observemos os trechos abaixo, retirados de Görski e Valle (2013, p. 125):

- (11) O jornalista carioca José Ilan, titular máximo do [blog do Ilan](#), está promovendo essa semana uma votação online para medir a popularidade dos times brasileiros na internet. Hoje de manhã o Avaí

estava com 592 votos, 0,27% do total, o que o colocava um pouco atrás do Criciúma, Joinville e Figueirense. A disputa vai até as 23:59hs de hoje e quem sabe ainda possamos virar esse jogo. A essas alturas do ano, tá valendo participar até de campeonato de cuspe à distância. Clique [aqui](#), acesse o blog e vote na opção certa. Na certa, **entendesse?** (SANTOS, 2011, grifo nosso)

- (12) Enquanto nossa Seleção era derrotada aqui na Alemanha, aí na terrinha descansava o amigo Pico, do Pico Automóveis, **não tem?** Manezinho premiado, fanático por tudo que era ligado ao futebol, ex-presidente do Avaí - triste ironia -, caiu junto com a Seleção, depois de meses heroicamente convivendo com a terrível enfermidade. Pico nos deixou exatamente no sábado, dia "D", dia da Desilusão. (MENEZES, 2006, grifo nosso)

No primeiro trecho temos o comentário de um torcedor em um *blog* de apaixonados pelo Avaí, time de futebol que divide com o Figueirense a torcida dos nativos da Ilha de Santa Catarina e daqueles que a adotaram. O autor dos *posts*, que se caracteriza como “legítimo Manezinho da Ilha”, usa frequentemente *entendesse?* em seus comentários, o que reflete a sua forte identidade com Florianópolis, o seu pertencimento a essa comunidade. No segundo trecho, um dos colunistas sociais mais conhecidos na cidade, ao comentar o falecimento de um amigo, também natural da cidade e reconhecidamente identificado com suas raízes, usa *não tem?* para dar o tom de regionalidade da notícia.

Na página de relacionamento na internet “Os Manezinho PIRA” – que, com uma boa dose de humor, trata de assuntos do dia a dia de Florianópolis, sobre sua história e aspectos da cultura da Ilha, contando até com um “Dicionário do Mané” – é comum encontrarmos memes⁴⁷ com dados de *tendesse?*. Veja abaixo:

⁴⁷O termo *meme* tem origem em uma teoria de informações culturais criada por Richard Dawkins na obra *The Selfish Gene* (1976). No contexto da internet se refere a uma ideia que se propaga rapidamente no mundo virtual através de *hiperlinks*, vídeos, imagens, *websites*, *hashtags*, ou até mesmo uma palavra ou frase, sendo muito populares em redes sociais (WIKIPÉDIA, 2014).



Figura 1: Memes com dados de *tendesse?*

Fonte: OsManezinhoPIRA (2012)

Em uma outra página – inspirada na anterior, mas voltada para o público feminino –, “As Manezinha PIRA”, também encontramos memes com o uso do mesmo marcador, como o observado a seguir:



Figura 2: Meme com dado de *tendesse?*

Fonte: AsManezinhaPIRA (2012)

Os memes dessas páginas tratam de expressões linguísticas ou de costumes locais que são específicos de Florianópolis e muitas vezes só podem ser entendidos por quem é nativo da cidade/região ou é morador de longa data. Ao que parece, *tendesse?* é utilizado nos memes prioritariamente com duas funções: i) como elemento de interação com o leitor, já que o uso desse tipo de rede social prevê essencialmente a

interação – quanto maior o número de ‘curtidas’ e a quantidade de ‘compartilhamentos’, melhor; ii) como marca de identidade compartilhada, como se a mensagem para o leitor fosse: ‘tu, que compartilhas dessa cultura comigo e entendes inclusive o que *tendesse?* significa, sabes do que estou falando’.

O uso de *tendesse?* também é encontrado na página do “Mané Darci”, personagem de um conhecido humorista da cidade que se apresenta em shows de *stand-up comedy*, promovendo o resgate de histórias (causos), da cultura e do modo de falar local. Veja dois exemplos a seguir:



<p><u>Mané Darci</u> <u>19 de Outubro</u> Raçaaaaaaaaaaaaaaaa, dixcutindo onti cu Ganiza descubrimo que nox temo o mexmo goxto. acreditasssss! Goxtamo de jazz, jazz copo de cana dos piquinininhozinho, Goxtamo da folha de São Paulo tombém, porque tu inrolas a tainha daí nem o rabo nem a cabeça fica de fora e o pexi ainda vai ixtudando a matéria, tendesse. te ligaaaaaaaaaaaaa ooooooooooooo boca mole! Beijoca beeeem no cantinho da boca que hoje é sexta!</p>
<p><u>Mané Darci</u> compartilhou um <u>link</u>. <u>19 de Outubro</u> Foi só eu falar pra mãe que minhas reclamaçõs iu ser ouvidas que a RQS e o Zora me extrevistaram tendesse...</p>

Figura 3: Dados de *tendesse?* em postagem em rede social.

Fonte: Mané Darci (2012)

O mais interessante é que nas três páginas em que o uso de *tendesse?* é comum não ocorre o uso de *não tem?*. Em contrapartida, na página de “Odilho, Manezinho da Ilha”, humorista que também faz shows com seu personagem nativo de Florianópolis, *não tem?* reina soberano e é usado de forma exagerada nos ‘causos’ que são postados. Veja o exemplo a seguir:



Odilho Manezinho da Ilha

18 de Agosto

Bom dia Quiridusss

O meu Face ta todo mau desorganizado, tenho tres face, mas ta tudo esgotado, **nao tem?** (Ate o crime e' organizado). Ja to arrumando ta quiridusss, Eu nem sei esse causo que vo conta aqui em baixo vai chegar pra voces, mas Ixpia so que rolo.... Grande Abraço a todos... Depox da minha separação, me envolvi cuma Viuva..., **nao tem?** O poblema nao foi ela, aquilo era uma pomba sem feli, **nao tem?** O poblema foi a minha sogra. A amarela invento de casa com meu Vodicionei, o meu filho mais velho, **nao tem?** Ai começo o rolo... desse relaceonamento nasceu o meu netinho amarelinho... a cosa mas quirida... Mas e' desde esse dia que eu ando doido... Ixpia, esse amarelinho e' filho do filho, **nao tem?**se ele e' filho da minha sogra ele tambem e irmao da minha mulhe, ele e neto e eu so cunhado dele, a minha sogra e minha nora e o meu filho e meu sogro. Olha nessa confusao o ja nem sei mas quem eu so, **nao tem?** ? Acaba esse amarelinho sendo meu avo....mizericordia. No fim da tudo certo **nao tem?**

BOM DIA E SAUDE E PAZ A TODOS

Figura4: Dados de *não tem?* em postagem em rede social.

Fonte: Odilho Manezinho da Ilha (2012)

O papel de *não tem?* como marca de identidade local parece ser tão evidente que o item é mencionado em matéria do Jornal Diário Catarinense sobre o significado de “ser manezinho”:

Para ser manezinho não basta ter nascido em uma das maternidades da Ilha. É preciso ter o espírito que caracteriza o ilhéu. Isso pode ser na simplicidade de viver, na forma de respeitar as tradições da terra, no jeito de falar. Como, por exemplo, dizer entisicar e não provocar. Ou terminar a frase com a expressão "**não tem?**" (BASTOS, 2012, grifo nosso).

Também Amante, em 1998, já assumia ‘com todas as letras’ que *não tem?* é marca dos nativos de Florianópolis e região:

Tem até Gaúcho fazendo o nosso personagem – É BRICADEIRA ÓÓ – fazer o quê? Achamos graça do BÁH TCHÊ deles: eles também acham engraçado o

nosso OLHÓLHÓ! TÁS TOLO! NÃO TEM?
(AMANTE, 1998, p. 36).

O comportamento de *não tem?* como marca de identidade foi notado em Valle (2001), tendo sido determinante para que o item fosse incluído em sua análise como forma concorrente de *sabe?* e *entende?* na fala de informantes da área urbana de Florianópolis⁴⁸. Os resultados da pesquisa atestam que, apesar de algumas especificidades de uso, os três itens podem ser tratados como variantes, já que compartilham funções e contextos de uso.

Durante a elaboração de nosso projeto de tese, decidimos manter a inclusão de *não tem?* na análise, bem como observar o comportamento isolado de (*en*)*tendesse?*, mas ainda não estávamos pautados em critérios bem estabelecidos. Agora, analisando nossa decisão sob a luz dos quatro critérios que ora consideramos para a delimitação do objeto – diante da importância do *critério de relevância do item para a comunidade investigada* (3) e do cumprimento já atestado por Valle (2001) do *critério de unidade funcional e de compartilhamento de contextos de uso* (1) –, iniciamos nossa investigação dispostos a abrir mão do *critério de unidade conceptual e classe gramatical de origem* (2) e novamente tratar *não tem?* como forma variável de *sabe?* e *entende?*.

Mesmo tendo encontrado raros dados de *não tem?* em nosso levantamento inicial para o projeto⁴⁹, acreditávamos que, pelo menos entre alguns dos informantes, este seria um item frequente e poderíamos encontrar uma quantidade de dados ainda maior do que Valle (2001) havia encontrado na amostra de fala urbana⁵⁰. Lidando agora com uma amostra de fala não urbana coletada na Barra da Lagoa, comunidade pesqueira do interior da Ilha de Santa Catarina, apostávamos que o uso

⁴⁸ Infelizmente, àquela época, o interesse sobre questões de identidade ainda não era foco da maioria dos trabalhos e as razões para o uso de *não tem?* não foram exploradas a fundo. Do mesmo modo, apesar de *entendesse?* fazer parte da análise como uma das formas derivadas do verbo *entender*, em Valle (2001) o item não foi tomado isoladamente e investigado como marca de identidade.

⁴⁹ À época da elaboração do projeto de tese, como ainda não contávamos com a transcrição dos dados, ouvimos 10 entrevistas da amostra Brescancini-Valle. Como a amostra conta com 45 entrevistas, acreditávamos que os dados de *não tem?* ainda deveriam aparecer.

⁵⁰ Valle (2001) encontrou 205 dados de *não tem?* na amostra urbana.

de *não tem?* seria frequente⁵¹. Contudo, surpreendentemente, as ocorrências de *não tem?* foram raras em toda a amostra, somando um total de apenas 14 dados⁵². Vejamos algumas dessas ocorrências:

- (13) Eu acho que é bom a pessoa estudar, né? não pode ficar como nós no tempo, **não tem?** até o primário... não pode. (BARRA38FB4-13:15)
- (14) Se não tivesse aquele aterro. Tu tá sabendo onde é o ponto geral do ônibus agora da Barra e de todos ponto do ônibus (est) (inint) quando para que é o terminal do ônibus, **não tem?** (est) aquilo ali era mar (est) aquilo ali foi aterrado. (BARRA44MB5-41:20; 41:27)
- (15) E: E:: (hes) assim:: o seu pai nunca foi pescador? Porque vários [(inint)]
F: [Sim, sim,] ele:: antes de começar a trabalhar na:: na COMCAP ele era pescador... ele:: (hes) é:: trabalhava nesses barco antuneiro, **não tem?**... que sai lá de:... Itajaí:: fica:: no mar vários dias, meses. (BARRA04FJ9:Faixa1-02:54)

Uma das hipóteses para a baixa frequência de *não tem?* é a possível percepção de muitos dos falantes de que se trata de marca bastante local⁵³ e que causa estranheza a quem não é de Florianópolis e região litorânea de Santa Catarina⁵⁴.

Diante da realidade dos números, a inclusão de *não tem?* não se justifica, pois estaria ferindo dois dos critérios que propomos para a delimitação do objeto de estudo. Sendo assim, o item que tínhamos previsto incluir na análise (apesar de não atender ao critério (2)), principalmente visando seu papel como marca de identidade (critério

⁵¹ Minha condição de moradora da comunidade da Barra da Lagoa desde os cinco anos de idade e minha convivência com muitos dos informantes entrevistados – que usam *não tem?* com grande frequência em suas interações diárias espontâneas – me faziam apostar na produtividade deste item.

⁵² Ouvimos entrevistas da Costa da Lagoa – Amostra Monguilhott (2006) e também entrevistas da Amostra Floripa (2009; 2012), mas também nessas duas amostras os dados de *não tem?* se mostraram escassos.

⁵³ Em todo o Brasil, apenas tive notícia de uma comunidade no Espírito Santo (MOZER, 2013) onde se faz uso de *não tem?* como RAD.

⁵⁴ Em conversas informais com moradores não nativos e turistas pude perceber que *não tem?* realmente causa muita estranheza. Mesmo os não nativos que moram na cidade há bastante tempo relatam dificuldade para entender o uso de *não tem?* e se dizem incapazes de usar o item.

(3)), foi descartado pela baixa frequência de uso dos itens (critério 4) – que exploraremos a seguir.

2.2.1.4 CRITÉRIO DE FREQUÊNCIA DE USO DOS ITENS

Como um dos nossos objetivos de pesquisa é observar o comportamento variável de formas discursivas à luz da TVM, contando com metodologia quantitativa, o papel da frequência de uso dos itens é relevante, por isso foi considerado como um dos critérios para a delimitação do objeto de análise.

A princípio, havíamos considerado a possibilidade de incluir na análise vários outros itens originados de verbos de cognição ou de percepção, como *viu?*, *visse?*, *percebe(s)?*, *compreende(s)?*. Vejamos algumas das ocorrências que encontramos na amostra:

- (16) F: Ó que bonitinho!
 E: Ó que amor!
 F: Tu não tem filho?
 E: Não.
 F: Da Ortopé ainda que chique, **visse?** (BARRA23FA10-12:31)
- (17) Gente que tinha dinheiro comprava um boi e fazia relação com papel “ô quem é- quantos quilos de carne tu queres pra Natal?” aí um dizia que queria dois, queria três quilo aí a minha mãe dizia assim “ô, vocês querem comer carne pro Natal?”, “ah, queremos”, “ah, então nós vamos:: marcar dois quilos cada um ajuda, então a gente tinha que trabalhar na renda, fazer de algum jeito pra ajudar:: fazer uma vaquinha pra comprar aqueles dois quilos de carne... **viu?**... “ah, hoje vocês querem comer feijão?”, “queremos”, “ah então vocês vão ajuntar um dinheirinho aí e vão comprar feijão” (BARRA35FB1-10:19)
- (18) F: Foi um lugar também muito bom de pesca, **viu?** as pescaria aqui era conduzido pela Lagoa (BARRA45MB4:Faixa1-00:44)
- (19) Agora, o que é de agora eu não sei, **compreendes comé?** (est) (est)... e às vezes aqui eu vou nessas conta mesmo, eu não sei, sei do anti- o que era do antigo, agora fazer como (hes) como eles faziam antigamente, eu faço. (BARRA33FB0-00:04)

Constatamos que *percebe(s)?* não é usado e que o uso de *viu?*, *visse?* e *compreende(s)?* é extremamente raro na amostra investigada,

não chegando ao total de 10 dados para as três formas juntas. Sendo assim, pelo *critério de frequência de uso dos itens (4)*, os itens mencionados também foram descartados.

2.2.2 ITENS SELECIONADOS PARA COMPOR O OBJETO DE ESTUDO

Feitas e justificadas as devidas exclusões, ficamos com o total de sete formas em análise que atendem a pelo menos três dos quatro critérios estabelecidos, com exceção de *entende?*:

Quadro 2: Adequação das formas em análise à proposta de critérios unificadores para a delimitação de variáveis discursivas.

Formas incluídas na análise	Critério 1 (Função e contexto)	Critério 2 (significado e classe de origem)	Critério 3 (relevância para a comunidade)	Critério 4 (frequência de uso ⁵⁵)
Sabe?	✓	✓	-	✓
Sabes?	✓	✓	✓	(7 dados)
Entende?	✓	✓	-	(15 dados)
Entendeu?	✓	✓	-	✓
Entendesse?	✓	✓	✓	✓
Tá entendendo?	✓	✓	-	✓
Tás entendendo?	✓	✓	✓	(37 dados)

Consideramos que as formas *sabes?* e *tás entendendo?* atendem parcialmente ao critério 3, pois, embora não tenhamos evidências consistentes para tomá-las como marcas de identidade na comunidade investigada (como é o caso de *entendesse?*), carregam marca morfológica de concordância com o pronome *tu*, característica do falar ilhéu (LOERGIAN-PENKAL, 2004; ROCHA, 2012; DAVET, 2013). A forma *entende?* não atende a dois dos critérios estabelecidos, pois não é percebida como marca local e é pouco frequente. Mesmo assim, decidimos mantê-la na análise por atender a dois critérios importantes e para podermos contar com todas as formas derivadas de *entender*. Lembramos que o conjunto dos critérios serve para delimitar melhor o objeto de estudo, mas não se trata de baliza para determinar o que vamos incluir ou excluir na pesquisa⁵⁶. Vejamos abaixo ocorrências dos itens que compõem nosso objeto de estudo:

⁵⁵ Detalhes sobre a frequência de uso dos itens são trazidos no capítulo 6.

⁵⁶ Para a análise quantitativa, as três formas que apresentaram baixa frequência de dados são amalgamadas a outras formas como veremos no capítulo 6.

- (20) Não é que:: eu não gosto muito de trabalhar como público assim, **sabe?**... mas também não gosto de ficar olhando pra parede assim, **sabe?** é uma coisa assim, eu gostaria de pegar um:: vamos supor... um:: um escrito::rio, alguma coisa digi- alguma coisa digitan::do...(est) **entendeu?** uma coisa mais assim que- que distraia que:: e que eu goste mesmo, né? o próximo eu vou procurar fazer o que eu gosto assim, **sabe?**... porque eu não quero entrar:: é ruim assim tu entrar pensando só no dinheiro... (E: É.) **sabe?** não rende, **sabe?** tu fica muito pouco, é ruim assim, eu não quero, eu quero fazer o que eu gosto, não eu tô bem onde eu tô:: e eu vou continuar, **sabe?**... (est) é:: não faço assim. (BARRA16MJ11-11:21; 11:24; 11:32; 11:38; 11:43; 11:45; 11:51)
- (21) (Sobre o preparo de broas)
Tirava um pedaço, amassava bem, bem, bem, bem em cima da mesa, depois esti- às vez esticava, às vez não, às vez fazia redondinha, broa redondinha, **sabe?** e às vezes então não, cortava, fazia assim comprido e depois cortava, já ia cortando a broa do tamanho certo, **sabes?** E: Ah!... ah, depois botava numa forma pra botar no forno pra cozinhar. (BARRA39FB4:Faixa1-23:15; 23:22)
- (22) F: Então é isso, tem aquele [(inint)]
E: [E ovo] cozido não descasca.
F: Não descasca pinto (est) **entende?** pregou mentira que tinha torrado fava pra plantar, se era pra poder o delegado perguntar “E fava torrada nasce?”, e “Sim, assim como ovo cozido descasca pinto”. (BARRA43MB3:Faixa2-21:20)
- (23) (Sobre o trabalho e a fé)
F: Eu aponto muita coisa errada, mas é o intendente que tem a responsabilidade, como:: eu respeito a posição dele, às vezes até ele deixa eu- liberdade pra mim atuar mas eu:: nunca passei da: função dele ó “Deixa o meu- deixa o meu momento... vai vim outra hora”... o próprio Moisés na Bíblia com oitenta e oito é que foi fazer obra pra Jesus, **entendeu?**... foi libertar o povo de- de Israel, né? ((est 2 vezes))... foi escolhido por Deus... [**tendeu?**]
E: [É verdade.]
F: (Então eu já tenho) assim:: esperar a minha hora assim, o que que acontecer vai ser, não é pra me glorificar, é pra Deus, né?
E: Claro.
F: Então... tamos no caminho certo, já passei várias situações, várias provações e tenho essa fé, né? que Deus vai vim ((batidas na madeira))... **tendeu?** e a gente- e só que tem muita coisa errada na comunidade, **entendeu?**... mas... eu:: nunca:: falei pra prefeita tal coisa

porque o intendente é que coman::da, né? quem coordena, né? agora eu dou umas ideias... apesar... que eu sinto até assim um pouco eu muito afastado, **entendeu?** faço a minha função aqui:: atendo as pessoas que só vêm pedir::... eu podia tá... eu tenho a visão de uma coisa:: ver um projeto e correr atrás desse projeto, né? ((est)) (BARRA31MA11:Faixa1-03:47; 03:53; 04:06; 04:09; 04:22)

- (24) F: E quando acabar essa temporada aí tem muito que fica desempregado. E daí?... Aí o que que acontece?... O que acontece é:: mesmo muitos roubar:: porque não tem como trabalhar::... **entendesse?** e não faz e vive (hes) assim ó, aí dá morte, dá tudo, porque ultimamente na Florianópolis, o nosso Estado aí mesmo o que tá tendo de violência não tá fácil.

E: É mesmo, né?

F: Ah, ô, tão matando gente aí que tá:: direto os cara tão morrendo aí de graça, tão matando. Por quê? Isso aí é gente que:: não tem onde:: como ganhar um dinheiro, desemprego, aí tem que:: não tem trabalho tem hora que tem que roubar... porque a coisa tá feia, **tendesse?**

E: É mesmo!

F: Eu é, é:: mas tem que olhar mais, já temo- é muito bom verão porque o nosso lugar aqui:: muitas pessoas aluga casa, **tendesse?** pra viver que tem muito estrangeiro que também aluga a casa no verão pra ganhar- pra viver no inverno também. (BARRA27MA8:Faixa1-21:51; 22:13; 22:22)

- (25) (Sobre três moças do Canadá que o informante conheceu)

E: E elas sabiam falar o português?!

F: É, não, apre- sabiam porque elas tavam estudando no Rio de Janeiro, (est) **tá entendendo?** então elas pegaram... pegaram umas parentagem delas e vieram passar aqui dois ou três dias...(est), **sabe?** Aí até que elas me disseram pra mim:: que lá no::... no Canadá quando dá a pesca eu sei... (est) o- o coisa da pesca lá eu sei do Canadá, **tá entendendo?** (est)... mas não sabia que o navio tava- subia no morro... o navio lá sobe no morro... é um morrozinho assim como esse nosso.

E: Me- ah

F: O navio sobe... chega lá em cima faz a volta e desce.

E: Ah, sobe o que num rio assim?

F: Não, em:: oceano, né? no mar.

E: Acho que-

F: Não é oceano, foi eles que fizeram... (est) **tá entendendo?**... eles fizeram... fizeram a cavação... (BARRA45MB4:Faixa3-07:01; 07:05; 07:13; 07:35)

(26) (Sobre a produção de alimentos para consumo próprio)

F: Então esse- tudo isso que nós colhemos e que os meus pais-... que os meus pais colheu, farinha, açúcar, com a graça de Deus, isso tudo não era pra vender, era só pro gasto só da casa (est)... **tás entendendo?** não se vendia nada, querida... não se vendia nada, era só pro- pro custo de- de [(inint)]

E: [A] única coisa que se vendia era o peixe então?

F: É, era o peixe, mas não tinha pra quem vender.

E: Não?

F: Não.

E: E (hes) e como é que fazia, pescava [(inint)]

F: [Ah, pescava,] fazia um caldo pra comer e outro bocado lá um vizinho comprava um peixinho... **tás entendendo?** e o outro mais não queria mais. (BARRA44MB5-08:59; 09:14)

É importante notar que, apesar de estarmos considerando sete formas em análise, em alguns momentos o que nos interessará é opor as formas derivadas de *saber* às formas derivadas de *entender*. Quando este for o caso estaremos lidando com macroformas que encapsulam as formas individuais de ocorrência dos itens e vamos usar o recurso negrito para fazer a diferença entre macroformas (**sabe?** e **entende?**) e formas dos RADs (*sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendesse?*, etc.).

2.3 ANTECEDENTES DA PESQUISA

Nesta seção vamos comentar os principais achados de estudos de pesquisadores estrangeiros sobre marcadores cognatos de **sabe?** e **entende?** e os trabalhos de maior fôlego realizados sobre o português do Brasil⁵⁷.

2.3.1 OS REQUISITOS DE APOIO DISCURSIVO DERIVADOS DE VERBOS DE COGNIÇÃO EM OUTRAS LÍNGUAS

Não é grande o número de pesquisas que têm observado de modo particularizado RADs derivados de verbos de cognição. Também não são muitos os estudos que se aprofundam na discussão sobre a multifuncionalidade desses itens e sobre seus percursos de

⁵⁷ Não encontramos pesquisas sobre marcadores interacionais derivados de verbos de cognição no português de Portugal.

gramaticalização ou, ainda, sobre seu uso variável. Schiffrin (1987) foi uma das pioneiras com o estudo de *y'know*⁵⁸ e, mais recentemente, itens dessa natureza têm recebido atenção em pesquisas com falantes de inglês, espanhol, francês e italiano, cujos trabalhos comentamos a seguir.

Y' know?

Com relação a *you know*, Östman (1981 *apud* MÜLLER, 2005) sustenta que esse marcador serve a funções de polidez, interacionais e textuais. Dentro do quadro da polidez, o autor cita três funções que podem ser desempenhadas por esse marcador, auxiliando o falante a: a) fazer com que o ouvinte coopere e aceite o conteúdo de seu enunciado; b) alcançar certa intimidade com o ouvinte ao supor conhecimento compartilhado; c) dar ao ouvinte a sensação de maior poder, expressando sua deferência. Como marcador interativo, *you know* atua na troca de turno⁵⁹, tanto com entonação interrogativa, solicitando uma resposta, quanto com entonação descendente, encerrando o turno como se dissesse “é isso, não vou dizer mais nada”. Ademais, como marcador textual colabora para a estruturação de narrativas, introduzindo informações de fundo ou digressões e, acompanhado de pausa, pode indicar a busca por termos ou por informações.

Schiffrin (1987)⁶⁰ observa como o significado original de *y'know* tem influência direta sobre seus usos discursivos. Segundo a autora, o significado literal de *you know* (*você sabe*) indica que *y'know* (*sabe?*) atua de dois modos: 1) a informação X é avaliável pelo receptor da fala; 2) a informação X é avaliável de modo geral. Esses dois modos de

⁵⁸ Alguns dos itens analisados, entre eles *y'know?*, se apresentam também frequentemente em posição inicial. Talvez algumas das funções elencadas se apliquem somente a itens em posição inicial, mas nem sempre é possível saber se de fato este é o caso porque alguns autores não levam em conta as diferenças de posição para o estabelecimento de funções.

⁵⁹ Schourup (1985, *apud* MÜLLER, 2005) contesta o uso de *you know* como facilitador de tomada de turno por duas razões: primeiro porque o item sozinho não dá o turno e segundo porque em muitas das ocorrências interrogativas o item é seguido por estímulos e não por troca de turno.

⁶⁰ A autora dedica o livro *Discourse Markers* à análise e discussão de vários marcadores (*then, and, now*) e no nono capítulo é dada atenção especial a *y'know* e *I mean*, que são tratados juntos não somente por terem seus usos baseados em seus significados semânticos originais, mas também porque suas funções são socialmente estabelecidas e complementares.

atuação servem de base para as duas funções discursivas de *y'know*⁶¹: a) marcador do metaconhecimento sobre o conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte (exemplo 27); b) marcador do metaconhecimento sobre aquilo que é de conhecimento geral (exemplo 28):

(27) Irene: Because like uh... eighth grade, they were the only class that he had taken over t' the synagogue, which remained there: **you know?**

Sally: [Yeh, I remember.

Irene: It labeled them.⁶² (SCHIFFRIN, 1987, p. 273)

(28) Henry: I'm not a-... we're all not perfect, **y'know**.

I'm not perfect Zelda, after all.⁶³ (SCHIFFRIN, 1987, p. 276)

Y'know pode ainda focalizar unidades menores como nomes e afirmações específicas, nesse caso ainda mantendo forte ligação com seu significado de origem e solicitando o conhecimento do falante sobre uma entidade ou o conteúdo de afirmações. Também pode focalizar unidades discursivas inteiras e nesse caso seu uso está mais afastado de seu significado original, solicitando a atenção do falante para porções discursivas.

Em contextos argumentativos, que envolvem trechos informativos e de opinião, *y'know* seria responsável por permitir ao falante checar como o discurso está progredindo, ou seja, o falante pode solicitar assentimento do ouvinte sobre a recepção da informação. Em narrativas, *y'know* solicitaria a atenção do ouvinte para o que é importante para a sua compreensão de por que a história está sendo contada.

Erman (1987 *apud* MÜLLER, 2005) atribui a *you know* um uso como elemento intruso, servindo como marca de hesitação e indicando

⁶¹ Essas funções não são somente atribuídas ao item em final de enunciado. Em muitos dos exemplos citados por Schiffrin *y'know* aparece localizado em início de enunciado. Contudo, Müller (2005) critica a falta de distinção de Schiffrin entre os usos de *y'know* como marcador e seus usos comuns como um constituinte frasal, mencionando vários exemplos fornecidos pela autora em que este é o caso, como em: “[...] *y'know* what Hasidic is?” (você sabe o que é ortodoxo?) (SCHIFFRIN, 1987, p. 269)

⁶²“Irene: Porque como uh:... oitava série, eles eram a única turma que ele teve além da sinagoga, com a qual permaneceu: **sabe?** Sally: [Sim, eu me lembro. Irene: Isso os rotulou.”

⁶³“Henry: Eu não sou um... nós não somos todos perfeitos, **sabe?** Eu não sou perfeito, Zelda, afinal.”

a procura por palavras ou informações, e também um uso como reparador em estruturas incompletas, onde há ruptura na estrutura sintática. Contudo, o foco principal de seu estudo está no papel de *you know* como “elemento conectivo” em dois níveis: a) no nível micro – cumprindo as funções⁶⁴ de apresentar a consequência ou a razão para um fato apresentado no discurso anterior; conectar tema e rema na estrutura temática; introduzir exemplificação de alguma parte da declaração anterior; e introduzir esclarecimento de alguma parte da declaração anterior; b) no nível macro – usado para introduzir informação de fundo; marcar a fronteira entre dois modos de discurso (discurso reportado); e finalizar um argumento no discurso descritivo (p. 150).

Müller (2005), interessada na aquisição de L2, empreende pesquisa quantitativa sobre o uso dos MDs *so*, *well*, *you know* e *like* entre falantes nativos (americanos e britânicos) e falantes não nativos (alemães) de inglês, controlando vários fatores que podem ter influência no uso e na distribuição desses itens, entre os quais destacamos: sexo, idade, classe social, etnicidade, relação entre os falantes em contextos formais e informais, gravação em contextos formais e informais.

A autora divide as várias funções de *you know* em dois planos. No nível textual, *you know*: a) marca a busca do falante por expressões lexicais e/ou pelo conteúdo a ser dito; b) marca falsos inícios, truncamentos e correções; c) marca aproximação de significado, quando uma palavra ou frase carecem de exatidão; d) introduz uma explicação (incluindo narrativas ocasionais); e) introduz ou delimita discurso reportado direto. No nível interacional, *you know* é usado para envolver o interlocutor de várias maneiras e em vários graus: a) fazendo um convite para a imaginação – “você pode imaginar a cena”; b) assinalando uma implicatura – “você pode ver a implicação”; c) fazendo referência a conhecimento compartilhado; d) apelando ao conhecimento do interlocutor, quando o falante está à procura de certa expressão e solicita a ajuda do ouvinte; e) solicitando a validação da opinião do falante, mesmo que essa validação não seja feita de forma oral. Vejamos dois dos inúmeros exemplos fornecidos por Müller para exemplificar as funções de *you know*:

⁶⁴ As funções foram organizadas considerando-se a frequência de uso da mais para a menos frequente.

- (29) [...] Charlie Chaplin got worried, and the waiter was telling him ... don't--**you know** um uh um didn't tell him anything obviously, but .. the waiter ... uh rejected the coin obviously, because it was fake [...] ⁶⁵
(Adaptado de MÜLLER, 2005, p. 159)
- (30) [...] he's like "I'll pay for you", **you know** "don't worry about it", an' Charlie Chaplin is sayin "no no I have the money" ⁶⁶ (Adaptado de MÜLLER, 2005, p. 170)

No primeiro trecho, o falante descreve uma cena em um restaurante em que Chaplin paga sua comida com uma moeda, mas o garçom, ao mordê-la, descobre que é falsa. No fluxo da fala, o falante começa dizendo que o garçom estava contando algo a Chaplin, mas então se recorda que se trata de cinema mudo. O fluxo se rompe, o falante hesita e faz uso de *you know* em busca do conteúdo que deseja de fato expressar, ou seja, com a função de 'marcar a busca do falante por expressões lexicais e/ou pelo conteúdo a ser dito'. Já no segundo trecho, *you know* é usado com a função de 'introduzir ou delimitar discurso reportado direto', aparecendo entre duas partes do discurso reportado de outro cliente que se oferece para pagar a conta de Chaplin. Percebe-se a diferença entre o uso do marcador feito pelo falante e os trechos reportados pela mudança na sua voz.

Cabe mencionar ainda que outra contribuição importante do trabalho de Müller (2005) é a conclusão de que os falantes alemães parecem ter mais facilidade em usar *you know* em suas funções interacionais do que nas textuais e que, ao contrário dos americanos, geralmente sentem a necessidade de uma situação dialógica para fazer uso do item. Parece que os processos de aprendizagem de marcadores podem refletir os estágios de mudança dos itens, já que o uso textual é o último a ser adquirido pelos não nativos.

Sem se preocupar com as funções específicas de *you know*, Macaulay (2002a), em pesquisa basicamente quantitativa com dados de falantes de escocês, observa que esse marcador, de modo geral: a) tem uso variável entre indivíduos de origens semelhantes, sendo que alguns raramente o usam, enquanto outros o utilizam com muita frequência; b) é mais frequente em conversas entre conhecidos do que entre estranhos;

⁶⁵ “[...] Charlie Chaplin ficou preocupado, e o garçom estava contando pra ele... não... **sabe?** hum, hum, hum, não contou-lhe nada, obviamente, mas... o garçom... uh rejeitou a moeda, obviamente, porque era falsa [...]”

⁶⁶ “[...] E ele "Eu vou pagar para você", **sabe?** "não se preocupe" e, Charlie Chaplin foi dizendo "não, não tenho o dinheiro”.”

c) é mais usado por mulheres do que por homens; d) não é muito comum entre os adolescentes, e) não apresenta diferenças expressivas em relação à classe social; f) parece não ter seu uso baseado prioritariamente em pressupostos de conhecimento compartilhado, mas sim parece ser parte do estilo discursivo do falante e da organização rítmica das informações, principalmente quando posicionado em final de enunciado.

Ainda sobre os contextos de uso de *you know*, uma das conclusões importantes dos estudos de Erman (1992 *apud* MÜLLER, 2005) é que esses elementos são muito mais frequentes em interações entre pessoas do mesmo sexo/gênero. Fox Tree e Schrock (2002 *apud* MÜLLER, 2005), por sua vez, observam que o uso de *you know* é pouco comum em contextos em que o falante tem pouco interesse no seu ouvinte. Este é o caso de situações com grandes audiências ou quando um falante de hierarquia elevada não tem interesse em estar no mesmo nível de seus ouvintes.

¿Me entiendes?, ¿entiendes? e ¿cachái?

Chodorowska-Pilch (1997)⁶⁷, tal como Schiffrin, acredita que o significado dos MDs seja composto por traços do conteúdo semântico da expressão que o origina e por aspectos referentes a seu contexto de ocorrência e se propõe a examinar o uso de *¿me entiendes?* sob esta ótica. Seguindo a direção dos trabalhos de Östman (1982), a autora afirma que o uso de *¿me entiendes?* estaria muito mais ligado ao nível pragmático. Para ela, através do uso desse marcador o falante busca a aprovação e cooperação do ouvinte, no entanto, ao mesmo tempo se estabelece metaforicamente uma distância entre os participantes na medida em que o item funciona como uma implicatura de polidez, diante de situações que requerem atenuação. Observe o exemplo:

- (31) A. Es que...mhm... Sabes que pasa que digamos que yo aquí a quien llamo tiene una capacidad de hoteles, no?
 A. Porque claro. [a] A lo mejor, me dicen ahora que sí y en veinte días que no **¿me entiendes?** Por eso nos obligan a hacer la reserva directamente. [b] Pero, vamos, en hacer la reserva, o sea, tu me tienes

⁶⁷ A autora coletou dados desse marcador em gravações de diálogos entre agentes de viagens e clientes de uma agência de turismo de Madri, durante aproximadamente o período de um mês, no verão de 1994.

que dejar un depósito, pero... eh si a mí me dicen luego de aquí a un día o dos ‘Está completo’, pues no hay ningún problema. Yo te devuelvo tu dinero ¿**me entiendes?** [c]... Pero, vamos, que... yo para gestionarte todo necesaria, claro, el depósito ¿**me entiendes?** vamos, una parte. Luego ya cuando me confirmen todo y ya querías venir a por tu billete, pues, ya sí...

-

 A. O paséis por aquí. [d] Me dejáis eso y claro para hacerlo cuanto antes ¿**me entiendes?** Porque si no, la fechas se van arrimando y...
⁶⁸(CHODOROWSKA-PILCH, 1997, p. 362)

No trecho acima, Chodorowska-Pilch considera que *¿me entiendes?* seja usado pelo falante, agente de viagens, do seguinte modo: em [a] o falante atenua sua inabilidade em garantir um quarto de hotel para o ouvinte, em [b] a exigência de um depósito começa a ser enfraquecida, em [c] o valor do depósito é reduzido para uma parte menor e em [d] há uma atenuação da necessidade que deixar o depósito o quanto antes. Como o foco do trabalho é sobre o significado pragmático do item em análise, a autora não propõe funções no plano textual.

Galué (2002)⁶⁹ considera que marcadores como *¿entiendes?* funcionam como elementos coesivos em estruturas dialógicas e, por seu caráter pragmático, também promovem processos inferenciais que auxiliam na compreensão da informação. Elementos dessa natureza são incluídos pelo autor no subgrupo que ele denomina como *apêndices*

⁶⁸ “A. É que...mhm... Sabes que acontece que digamos que eu aqui para quem ligo tem uma capacidade de hotéis, né?”

A. Porque claro. [a] Na melhor das hipóteses, me dizem que sim e em vinte dias que não, **me entendes?** Por isso nos obrigam a fazer a reserva diretamente. [b] Mas, vamos dizer, pra fazer a reserva, ou seja, tu tens que me deixar um depósito, mas... eh se me dizem depois de um dia ou dois ‘Está completo’, não há nenhum problema. Eu te devolvo o teu dinheiro, **me entendes?** [c]... Mas, vamos dizer, que... eu para organizar tudo necessaria, claro, o depósito, **me entendes?** vamos dizer, uma parte. Assim que me confirmem tudo e já queiras vir pela tua passagem, pois, já sim... A. Ou passes por aquí. [d] Me deixas isso e claro para fazê-lo o quanto antes, **me entendes?** Porque se não, as datas vão se aproximando e...”

⁶⁹ O autor pesquisa o uso de *claro, la verdad, mira, fijate, okey, este, ¿entiendes?* e *¿verdad?* em diálogos e entrevistas de 15 informantes de Caracas, na Venezuela, com alto nível socioeconômico, de ambos os sexos, entre 20 e 65 anos.

comprobativos, cuja função estaria ligada à necessidade do falante de que seu interlocutor aceite o enunciado marcado por esses itens, também auxiliando no estabelecimento do contato e aproximação entre os participantes da interação. *¿Entiendes?* – que representa apenas 3% do total das ocorrências dos marcadores analisados – é um dos marcadores menos frequente e se posiciona no final de enunciados assertivos, como no exemplo abaixo:

(32) E: ¿y de qué manera te ha ayudado a ti esa carrera? (Estudios Políticos)

L: ¿la carrera?/ muchísimo/ primero a aclararme a mí mismo/ o sea / por ejemplo/ nadie me mete cuentos/ *¿entiendes?*/ nadie me mete cuentos/ sé cómo es la realidad del país/⁷⁰ (GALUÉ, 2002, p. 41)

Segundo o autor, esse marcador impele o ouvinte a aceitar como certa a informação contida no enunciado, solicitando uma resposta ou, ao menos, esperando a compreensão do interlocutor.

Núñez (2011)⁷¹, investigando as funções pragmáticas e o comportamento sociolinguístico de *marcadores interrogativos de controle de contato*, encontrou 1.007 ocorrências de 12 tipos de marcadores: *¿cachái?* (86,7%); *¿ya?* (4,4%); *¿a?* (2,6%); *¿no?* (2,5%); *¿me entiendes?* (1,1%); *¿no cierto?* (1%) e ainda outros marcadores como *¿entiendes(dí)?*, *¿cierto?*, *¿viste?*, *¿te has fijado?*, *¿te fijas?* e *¿sí?* (que juntos somam menos de 1%).

¿Cachái?, o marcador mais frequente entre todos os analisados, deriva de *cachar*, verbo de cognição no espanhol chileno que significa *suspeitar, entender, comprender*. Trata-se de um anglicismo, segundo

⁷⁰“E: E de que maneira te ajudou essa disciplina? (Estudios Políticos)

L: A disciplina?/ muitíssimo/ primeiro para esclarecer a mim mesmo/ ou seja / por exemplo/ ninguém me engana / *entende?*/ ninguém me engana/ sei como é a realidade do país”

⁷¹ O autor utiliza uma amostra do espanhol coloquial de Santiago, no Chile, composta por 54 informantes estratificados em sexo, idade (20 a 34, 35 a 54 e mais de 55 anos), escolaridade (básico, secundário e superior) que integram o *corpus* do “Proyecto para El Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA)”. Para obter uma amostra homogênea, o pesquisador teve o cuidado de levar em conta as características socioeconômicas dos entrevistados vinculadas à profissão exercida e ao bairro de residência.

Núñez, já que sua origem está no verbo inglês *to catch* (agarrar). Vejamos⁷²:

(33) E: hacer carrete piola en la casa/ un asa[d]o

I: sí po/ su asa[d]o ¿cachái?/pero máh así como otra onda/ no/ ¿cachái?/ porque salí/ igual/ salí cuando tení plata no máh po/ pero a veceh no hay lah posibilidadeh de salir/ no todoh loh amigoh po ¿cachái?/ o sea que esah fecha// suben to[d] oh loh precioh po hue[v]ón/ a veceh doh lucah un anticucho hue[v]ón/puta hue[v]ón te comí doh anticucho y quedái con el diente así y quedai sin plata po hue[v]ón

E: Sí po hue[v]ón/ no alcanzái ni a tomarte uma chichita po hue[v]ón

I: No po ¿cachái?/ [en]tonceh/ no/ igual es buena esa fiesta ¿cachái?Pero/ es como normal al final po ¿cachái?/ siempre hací como un asa[d]o/ vái a visitar gente ¿cachái?/ pero así un carrete así como ir pa[ra] fonda/ no.⁷³ (NÚÑEZ, 2011, p. 153)

Embora *sexo* e *idade* tenham se apresentado como os condicionadores extralinguísticos mais importantes na análise, já que o uso de ¿cachái? é quase categórico entre os mais jovens, mais ainda entre os homens jovens, uma das contribuições mais interessantes do trabalho é perceber que o uso de ¿cachái? – reconhecida marca identitária do espanhol chileno – parece ser, de fato, motivado por questões de identidade. A ausência desse marcador na fala dos informantes com mais de 55 anos, os quais preferem as formas ¿ya?,

⁷² Contamos com o auxílio de um falante chileno para traduzir o exemplo de Núñez.

⁷³ “E: Fazer algo divertido em casa, um assado.

I: Sim, *po**, um assado, ¿cachái?, mas mais como uma outra opção, né? ¿cachái? porque você sai, do mesmo jeito, você sai só quando tem dinheiro *po*, mas às vezes não tem a possibilidade de sair, nem todos os amigos *po*, ¿cachái? ou seja, nessa data sobem todos os preços *po*, *huevón**, às vezes duas pratas um pedaço de carne, *huevón puta*, *huevón*, você come dois pedaços de carne e fica com o dente assim e fica sem dinheiro *po*, *huevón*.

E: Sim *po*, *huevón*, você não consegue nem tomar uma birita *po*, *huevón*.

I: Não *po*, ¿cachái?, então, né? a festa é boa do mesmo jeito *po*, ¿cachái?, mas no fim das contas é normal, ¿cachái? você sempre faz tipo um assado, vem gente, ¿cachái? mas assim, uma diversão assim como ir pra ir comer fora, não.” *Po: pronuncia-se apenas o som consonantal e serve para marcar o ritmo discursivo.** Huevón/huevón puta: vocativo extremamente informal, o que para os argentinos corresponderia a ‘boludo’ ou ‘pelotudo’ e para os brasileiros poderia ser traduzido como ‘cara’, ‘véio’, ‘bicho’.

ça? e *çno?*, e sua presença massiva na fala dos homens jovens, com o concomitante desaparecimento das demais formas, evidencia um comportamento de grupo.

Tu sais/vous savez e tu comprends/vous comprenez

Com o objetivo de estudar o significado de *t'sais* e de oferecer um tratamento lexicográfico a esse tipo de marcador, Dostie e Sève (1999) empreendem um estudo sincrônico no francês de Quebec sobre as funções desse item na tentativa de reconstituir seus percursos de mudança, via processo de pragmaticalização.

Os autores elencam seis usos para *t'sais* que são apresentados em um *continuum* de pragmaticalização que, tendo como origem o verbo *savoir* (saber), segue em direção até o uso mais abstrato e foneticamente reduzido: a) apelo à colaboração do ouvinte para que ele reative um conhecimento (compartilhado ou geral); b) apelo à colaboração do ouvinte para que ele tire as suas próprias conclusões; c) apelo à colaboração e à compreensão do ouvinte para que busque uma explicação; d) apelo à colaboração do ouvinte para saber se ele entendeu bem o falante; e) apelo à colaboração do ouvinte para checar se compreende o falante (se compartilha informações com o falante); f) apelo à colaboração do ouvinte para que ele continue a acompanhar o raciocínio do falante.

Os autores ainda propõem uma relação entre a frequência de uso de *t'sais* e suas formas correlatas menos erodidas, *tu sais e vous savez*, mostrando que nas funções mais próximas ao significado original de verbo há maior uso das formas sem erosão, enquanto nas funções mais abstratas e avançadas no processo de pragmaticalização o uso das outras formas cessa e apenas *t'sais* subsiste.

Andersen (2007), em uma perspectiva funcional, se interessa em descrever os usos de alguns marcadores, entre eles *tu sais/vous savez e tu comprends/vous comprenez*⁷⁴, usados pelos falantes para marcar conhecimento compartilhado com o interlocutor, como um instrumento de tomada de turno e como sinal de polidez. Em posição inicial, *tu sais/vous savez* são usados, segundo o autor, para: a) introduzir um discurso reportado (exemplo 34); b) marcar um novo tema; c) introduzir uma digressão ou informações novas; d) marcar a mudança de tema; e)

⁷⁴ Contamos com o auxílio de um falante francês para traduzir os exemplos de Andersen.

antecipar um possível pedido de explicação do interlocutor. Na posição final, os itens são usados para solicitar apoio do interlocutor (exemplo 35).

(34) ... euh : il venait à la maison tout ça un jour ma mère je me lève le matin elle me dit **tu sais** – je veux pas que tu te maries avec Jeannot...⁷⁵ (ANDERSEN, 2007, p. 20)

(35) où se trouve-t-il à la maison ? oh il est là il doit être là ah non le voilà mais j'ai fait du rangement **tu sais là**.⁷⁶ (ANDERSEN, 2007, p. 21)

Tu comprends/ vous comprenez são bem menos frequentes e funcionam basicamente para marcar uma informação, introduzindo-a (exemplo 36) ou assinalando o final da unidade informativa (exemplo 37).

(36) / **tu comprends**(je ; j'ai :) le recul que j'ai c'est : - ...⁷⁷ (ANDERSEN, 2007, p. 23)

(37) / au bas du mur alors ça c'est . un problème moi je j'ai pris là-dessus **vous comprenez**je (XXX, j'ai pas) ...⁷⁸ (ANDERSEN, 2007, p. 23)

Sai, sai com 'è, capisci?, puoi capire?, capito?

Bazzanella (1990), em estudo mais geral sobre os conectivos fáticos do italiano, faz breves e preciosas menções sobre o uso de *sai, sai com 'è, capisci?, puoi capire?, capito?*. A autora, distinguindo esses elementos dos conectivos pragmáticos – que atuam na estrutura discursiva –, aproxima o uso de *sai* à descrição de Östman (1981) para *you know*, que serviria para que o falante pudesse solicitar a cooperação do ouvinte e/ou aceitar o conteúdo proposicional do enunciado como de conhecimento compartilhado. Vejamos o exemplo dado pela autora:

(38) La via dove abito, **sai**, è così rumorosa⁷⁹. (BAZZANELLA, 1990, p. 632)

⁷⁵ “... bem: ele vinha em casa, tudo isso, um dia minha mãe, eu me acordo de manhã, ela me diz, **sabe** – eu não quero que você se case com Jeannot...”

⁷⁶ “Onde ele está? Em casa? Ah! Ele está lá, ele deve estar lá. Ah, não! Aqui está, mas eu arrumei/limpei, **sabe**, lá.”

⁷⁷ “**Compreende?** (eu:eu:) pela minha experiência é isso: - ...”

⁷⁸ “[...] Isso é um problema, eu, eu consegui superar, **compreende?**, eu:”

No exemplo acima, o uso de *sai* não altera, segundo a autora, o conteúdo proposicional, já que não serve de fato para questionar o ouvinte sobre o seu conhecimento a respeito do barulho na rua, mas apenas para trazer à tona um conhecimento que o falante julga ser compartilhado, dando realce a ele.

Este item funciona tão bem como estratégia de envolvimento – e o ouvinte também o percebe assim – que para Bazzanella seria pragmaticamente inesperado e até mesmo inapropriado responder ao uso de *sai* nesse caso com uma construção negativa: *No, non ne avevo idea (Não, eu não tinha ideia)*. Uma resposta desse tipo provocaria uma quebra no fluxo conversacional e não é esperada de um interlocutor cooperativo, até porque, geralmente, estes itens costumam não ser seguidos ou precedidos de pausa, o que nem mesmo sugere a troca de turnos⁸⁰. A confirmação positiva do ouvinte (que pode ser desde um breve assentimento e apoio até uma expressão de surpresa) pode até aparecer, mas, geralmente, não de forma direta.

Bazzanella faz importante menção à possível associação de certas partículas fáticas com determinados grupos de indivíduos. Segundo ela, professores muitas vezes recorrem a *capisci?* tanto com seus alunos, quanto com amigos em conversas cotidianas, até mesmo onde não há nenhuma dificuldade a ser compreendida:

(39) Scusa, **sai**, ma non ce la faccio proprio, **capisci**.⁸¹ (BAZZANELLA, 1990, p. 644)

No exemplo acima, em que um professor ao telefone recusa o convite de um amigo para jantar, *capisci* parece manter seu significado original e ser usado para buscar uma resposta do interlocutor sobre a recusa. No entanto, Bazzanella ressalta que o contorno entonacional do item, ligado com as unidades anteriores e com tom descendente (ao invés do típico padrão ascendente), mostram que seu uso é tão fático quanto o de *sai* no mesmo exemplo.

⁷⁹“A rua onde eu moro, **sabe?** é muito barulhenta.”

⁸⁰ Os dados da autora mostram que partículas desse tipo, na maioria dos casos, não funcionam como sinais de troca de turno.

⁸¹“Desculpe, **sabe**, mas não posso ir mesmo, **entende**.”

Notamos que a dificuldade em estabelecer um quadro funcional para os RADs analisados é ponto em comum nos trabalhos acima citados. Parece que, no cômputo geral, os autores concordam que os marcadores que analisam são multifuncionais e atuam em mais de um plano comunicativo. Vemos que, repetidamente, foram citadas funções de caráter textual (relacionadas com a focalização de partes do texto, com a coesão textual e com a macro-organização discursiva), de caráter interacional (relacionadas ao conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, à tomada de turno, ao contato entre os interlocutores e busca de aprovação/cooperação discursiva) e voltadas à modalização discursiva (relacionadas a aspectos de polidez e atenuação). Vale ressaltar ainda o uso de *¿cachái?* com função no plano social, atuando como marca de identidade dos jovens chilenos.

Mais adiante, na seção 2.4, onde fazemos uma síntese dos antecedentes da pesquisa, retomamos as funções levantadas nesta seção para compor um quadro funcional desses elementos. Retomamos também as características e contextos nos quais os RADs ocorrem, a fim de obter o máximo de informações possível que servem como suporte para a formulação de nossas questões e hipóteses.

2.3.2 OS REQUISITOS DE APOIO DISCURSIVO DERIVADOS DE VERBOS DE COGNIÇÃO NO BRASIL

Itens como *sabe?*, *entende?*, *né?* e *viu?* são tratados por Marcuschi (1989)⁸² dentro do grande grupo dos *marcadores conversacionais* (MCs). Formalmente, esses elementos são considerados pelo autor como marcadores linguísticos verbais de forma simples – por serem realizados com um só lexema –, utilizados em posição de final de turno e em final de unidades conversacionais (intraturno) e, embora essenciais para o funcionamento discursivo, sintaticamente independentes. Já funcionalmente, são considerados como *marcadores de busca de aprovação discursiva* (BADs), que têm o papel de frisar a proposição asseverada, através de uma força ilocutória argumentativa, mas atuações mais específicas não são levantadas.

⁸² O autor, contando com 15 minutos de gravação telefônica, faz um apanhado de variados elementos característicos da fala, tais como *mas*, *sim*, *então aí*, *pra você vê*, observando-os em suas características formais e funcionais.

A pesquisa sobre os RADs no Brasil sofre sensível avanço com o trabalho de Macedo e Silva (1996)⁸³, as quais assinalam que o que diferencia os itens usados como RADs (*né?*, *sabe?* e *entende?*, entre outros) daqueles usados como verbos é sua fixação em uma certa forma (terceira pessoa), entonação com maior contorno interrogativo, pronúncia mais rápida e posição em final de enunciado. Funcionalmente, segundo as autoras, os RADs atuam como elementos de contato entre interlocutores e têm como principal função a manutenção do fluxo conversacional. Suas análises são conduzidas a fim de mostrar, através da quantidade de estímulos verbais dados pelo interlocutor, que estes elementos ainda pedem uma resposta do ouvinte, constatando que eles ainda mantêm sua característica básica de *pedir a aquiescência do interlocutor*.

O item *sabe?* é incluído no grupo dos MCs analisados por Urbano (1997)⁸⁴, sendo classificado, quanto a seu aspecto formal, como marcador linguístico verbal, lexicalizado, simples e considerado sintaticamente independente, podendo inclusive ser retirado sem prejuízo do conteúdo informacional. Na visão do autor, embora itens dessa natureza possuam conteúdo semântico esvaziado, são discursivamente relevantes, pois funcionam como elementos de interlocução, testando o grau de participação do interlocutor.

As investigações de Urbano (1999)⁸⁵ seguem com o objetivo de identificar as subfunções, propriedades e comportamentos textuais-interativos específicos de itens como *entende?*, *sabe?*, *tá?* e *viu?*. O pesquisador observa, diferentemente de Macedo e Silva (1996), que o interlocutor sente-se pouco impelido a interagir com o falante após o uso desses itens, o que parece indicar a perda de sua carga interacional. Segundo Urbano, isso acontece porque a grande maioria desses marcadores ocorre na posição intraturno e muitas vezes sem a presença de pausa posterior, o que dificulta a possibilidade de resposta do interlocutor. Segundo ele, poderia estar havendo uma neutralização e o comportamento destes itens seria mais semelhante ao dos pontuantes discursivos. Apesar disso, o autor é cuidadoso ao considerar que esta sua constatação pode ser enfraquecida, pois existe a possibilidade de terem

⁸³ As autoras contam com um *corpus* de 64 entrevistas da Amostra Censo/RJ para a análise.

⁸⁴ Para a realização de sua investigação, o autor utilizou um diálogo de um dos inquiridos do Projeto NURC em que interagem uma documentadora e duas informantes,.

⁸⁵ O autor utiliza inquiridos do Projeto NURC como base para sua análise.

ocorrido estímulos não verbais, não captados pelo analista já que a amostra é composta apenas pela gravação em áudio.

Ainda interessado no estudo dos MDs, Urbano, em 2006, investiga os *marcadores basicamente orientadores da interação*, incluindo sob esse rótulo, além de itens com natureza bastante heterogênea – como *ah, olha, é verdade, claro, pois é* – também itens de origem verbal, como *entende?, entendeu?, sabe?, tá? e viu?*. Tais itens são tomados pelo autor em um subconjunto dadas as características que compartilham: a) fonte gramatical verbal; b) função de fáticos de natureza e entoação interrogativa. Somam-se a essas duas características, os traços mais gerais dos *marcadores basicamente orientadores da interação* que, segundo Urbano (2006), são: exteriores ao conteúdo proposicional, sintaticamente independentes, comunicativamente não autônomos, esvaziados ou com perda de conteúdo semântico, prosodicamente demarcados, com massa fônica reduzida (até três sílabas) e invariáveis na flexão número-gênero-modotemporal⁸⁶.

Além das pesquisas que já comentamos, os trabalhos de Martelotta e Leitão (1998), Martelotta (2004) e Valle (2001), que analisaram os RADs de modo mais detalhado – com atenção especial para a sua multifuncionalidade, percurso de mudança e variação – merecem destaque e são comentadas a seguir. Valle e Görski (2013) retomam os trabalhos desses autores, tecendo comparações entre seus achados e muitas de nossas considerações nas seções seguintes são feitas com base no texto das autoras.

2.3.2.1 MARTELOTTA E LEITÃO: PRECURSORES NO ESTUDO DOS USOS DE *SABE?* E *ENTENDE?*

Martelotta e Leitão (MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004)⁸⁷ foram os pioneiros ao analisar o comportamento específico de *sabe?* e *entendeu?*, buscando semelhanças e diferenças entre os dois RADs e elencando algumas das funções que

⁸⁶ Jubran (2006), embora admita a atuação secundária de itens como *sabe?, não é? e né?* na finalização de tópicos, parece ter ressalvas quanto ao uso na organização tópica, já que, segundo ela, a função primária desses elementos seria a de orientadores da interação.

⁸⁷ Os autores analisam entrevistas realizadas pelo Grupo Discurso & Gramática com informantes da cidade do Rio de Janeiro.

tais itens desempenham no discurso oral, a depender do contexto em que se inserem.

Os autores ressaltam que *saber* e *entender* apresentam a tendência, também vista entre os demais verbos de cognição e de percepção, de ter seu uso estendido para funções metalinguísticas, apresentando perda de valor lexical e ganho de função pragmático-discursiva. Em posição inicial de interrogações plenas (*Sabe* o que é Word Star? *Entendeu* o que eu falei?), esses itens assumem **novas funções** discursivas (interrupção/reformulação da informação, marcação de informação de fundo, preenchimento de pausa, topicalização de constituintes e de elementos sequencializadores, modalização) rumo a uma abstratização crescente; e **novas formas**, com perda de massa fônica (enfraquecimento da última sílaba em *sabe?* e perda da primeira sílaba em *entendeu?*) e com mudança de posição no enunciado. O exemplo a seguir ilustra o uso desses RADs na função de marcadores de comentário de fundo:

- (40) [...] o que aconteceu... foi com uma amiga minha... ela... namorava um rapaz... há/ namorou um rapaz há três anos... eh... um menino... (eu não sei) não posso revelar... aí... ela/ é aquilo... maior paixão... **entendeu?** mas... tinha uma coisa que... sempre... implicava com eles dois... não sei o que era... eu acredito muito em destino... **sabe?** eu acho que... as pessoas... eh... quando têm o destino traçado... é aquilo... aí ela namorou ele/ ela namorou esse rapaz há três anos... ela desmanchou com ele... (MARTELOTTA, 2004, p. 100).

A multifuncionalidade de tais elementos e a sobreposição de funções também foi destacada por Martelotta (2004) ao afirmar que sobre *sabe?* e *entende?* paira a macrofunção de viabilizar o discurso e que as demais subfunções derivam dessa macrofunção maior e podem, inclusive, coocorrer e se sobrepor. Esse, segundo o autor, é o caso do exemplo abaixo, em que *entende?* funcionaria, ao mesmo tempo, como marcador de fundo, marcador de tópico e marcador de reformulação:

- (41) ...essa empresa aqui que é onde é que eu... faço estágio... era... Portobrás... vou te dar um exemplo... era Portobrás...tá? o Collor extinguiu... entendeu? extinguiu... aí passou a se chamar Portos... quer dizer... foram vários funcionários embora... pessoas boas... **entendeu?** foram mandadas embora... e agora o que que acontece? aqui é... uma empresa até:... muito política... (MARTELOTTA, 2004, p. 99)

Além das funções de caráter mais textual, o autor verifica que, através de um movimento funcional de menor para maior abstratização, os itens em análise podem assumir as características de um preenchedor de pausa, encaminhando o fluxo conversacional para não perdê-lo ao executar uma pausa, como ilustrado abaixo:

- (42) ... mas que adianta um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh... viv/ fica dois... três dias... depois se separam... entendeu? eu acho isso aí um absurdo... porque... poxa... eu sei lá... **sabe?** num né? a vida ::/ tudo bem... está tudo difícil... mas a pessoa... eu acho que a pessoa tem que saber... diretamente aquilo que quer... (MARTELOTTA, 2004, p. 101)

Os dois RADs se diferenciam, segundo os autores, em relação ao tempo verbal – *sabe?* no presente e *entendeu?* preferencialmente no pretérito perfeito, fato que eles explicam através do conceito de telicidade⁸⁸; e em relação à quantidade de informação a que cada um pode se referir anaforicamente, resultado da trajetória de abstratização dos verbos de origem – *sabe?* ligado semanticamente ao sintagma anterior e *entendeu?* referindo-se inclusive a trechos discursivos mais amplos.

Apesar do caráter funcionalista e qualitativo da pesquisa, Martelotta e Leitão (1998) realizaram um controle quantitativo apenas da frequência de uso de *sabe?* e *entendeu?*⁸⁹ entre os informante do *corpus* D&G, verificando que os RADs são utilizados apenas por metade dos informantes analisados (47 dos 93 informantes considerados) e encontrando um total de 120 ocorrências de *sabe?* e 163 de *entendeu?* (42% e 58%, respectivamente). Tomados em conjunto, os dois RADs ocorrem com maior frequência em relatos de opinião. Isoladamente, *sabe?* prepondera em contextos de narrativa de experiência pessoal e descrição de local, enquanto *entendeu?* é mais

⁸⁸ Conforme Martelotta (2004), a pergunta plena que dá origem ao MD *sabe?* representa uma situação atélica (sentido de *ter conhecimento*), enquanto a situação que origina o marcador *entendeu?* é télica (sentido de *receber conhecimento*, o que implica um ponto terminal). Sendo o aspecto télico quantitativamente mais marcado no pretérito perfeito, é natural que o verbo 'entender' apareça predominantemente nesse tempo.

⁸⁹ Na amostra do Rio de Janeiro, esses itens praticamente não apresentam variações na forma, tendo sido registradas apenas duas ocorrências de *entende?*, além da forma predominante *entendeu?*.

recorrente em relatos de opinião, relatos de procedimento e em narrativas recontadas.

A respeito da trajetória de mudança de *sabe?* e *entende?*, Martelotta e Leitão (1998) e Martelotta (2004) distinguem operadores argumentativos de marcadores discursivos e incluem no processo de mudança via gramaticalização somente os primeiros, itens como *agora*, *apenas*, *mal* – que apresentam maior regularidade em termos de usos e são mais voltados à organização textual. Eles optam por explicar o processo de mudança de *sabe?* e *entendeu?* via discursivização (Cf. VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993), pelas seguintes razões: a) o caráter pragmático-discursivo das funções desses itens, mais subjetivas e de difícil caracterização estrutural; b) a sobreposição e a fusão das funções dos MDs; c) a dificuldade de indicação de trajetórias de mudança lineares, dada a possibilidade de derivações em múltiplas direções. Os pesquisadores afirmam que a ocorrência de *entendeu?*, sem resposta direta do interlocutor, evidenciaria um ponto intermediário de abstratização entre pergunta plena e marcador, já *sabe?* teria assumido mais claramente as novas funções, refletindo valores mais abstratos e encontrando-se num estágio mais avançado de mudança.

2.3.2.2 VALLE: *SABE?*, *ENTENDE?* E *NÃO TEM?* NA FALA DOS FLORIANOPOLITANOS

Tomando como base teórica uma interface entre a abordagem funcionalista (GIVÓN, 1993; 1995; TRAUGOTT, 1995; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER, 1991) e a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1978), Valle (2001) investiga a multifuncionalidade de *sabe?*, *entende?* e *não tem?* e o uso variável desses marcadores na fala florianopolitana, além de apresentar uma proposta de reconstituição do percurso de mudança semântico-pragmática e categorial de tais elementos.

Os dados foram coletados em 36 entrevistas do banco de dados VARSUL, com informantes de Florianópolis-SC, estratificados em sexo, idade (de 15 a 21 anos, de 25 a 50 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e colegial), somando um total de 521

ocorrências⁹⁰ – 203 de *sabe(s)?* (39%), 205 de *não tem?*(39%)e 113 de *entende?* (22%) (que engloba todas as formas derivadas de *entender*).

Além da atuação multifuncional, Valle (2001) enfatiza o aspecto funcional cumulativo dos marcadores que, extratextualmente, atuam como elementos de interlocução (checando conhecimento, estabelecendo contato com o ouvinte e mantendo o canal comunicativo) e, intratextualmente, organizam também quadros discursivos/textuais em uma atuação bi-direcional, na medida em que focalizam a informação proposicional que finalizam ou o elemento ao qual se pospõem (como participantes, opiniões do falante, situações, etc.) e colaboram para assinalar as relações existentes entre partes do texto (especificação, explicação, conclusão, finalidade, etc.).

Verificou-se que, de modo geral, os RADs predominantemente: a) atuam como focalizadores de opinião+avaliação+situação presente; b) ocorrem em contextos factuais, narrativos e de descrição de vida; c) posicionam-se inter-oracionalmente, principalmente entre orações coordenadas justapostas; d) assinalam relações de caráter textual mais amplo – sequenciação, especificação e causalidade; e) encontram-se um pouco mais ligados a informações novas; f) apresentam-se pouco cercados por estímulos, hesitações, pausas e MDs. De modo mais específico: a) *sabe?* é favorecido com foco sobre a avaliação do falante, pela ausência de estímulos e hesitações e em contextos descritivos; b) *não tem?* é privilegiado com foco sobre os participantes, em contextos narrativos, pela presença de estímulos, pela presença de hesitações anteriores e pausas posteriores a ele; c) já *entende?* é prestigiado em contextos argumentativos. Valle também observou que a escolha dos RADs parece não ser condicionada por variáveis sociais, estando mais relacionada a atitudes individuais de cada informante, que, geralmente, são fiéis ao uso de uma determinada forma de RAD.

Dos quatro grupos de fatores extralinguísticos controlados, nenhum foi selecionado pelo pacote estatístico e também não apresentaram resultados claros em frequência e percentagem, evidenciando que a escolha dos RADs parece pouco condicionada por grupos de fatores sociais, estando mais relacionada a aspectos individuais. A distribuição dos RADs pelos 36 informantes é muito irregular: a) dois informantes não usam nenhum dos RADs e oito

⁹⁰ As ocorrências foram codificadas e, posteriormente, contabilizadas através do pacote estatístico VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988), que executou a combinação das variáveis numa análise multivariada, fornecendo resultados de frequência, percentagem e peso relativo.

informantes apresentam um total de menos de cinco ocorrências desses itens; b) seis informantes usam exclusivamente um tipo de RAD e 12 informantes usam prioritariamente um tipo de RAD; c) somente oito informantes fazem uso de dois ou três tipos de RADs de forma mais equilibrada (destes, cinco usam apenas *sabe?* e *entende?*, um usa apenas *sabe?* e *não tem?* e apenas dois usam os três itens).

Controlado como uma variável independente, o tipo de foco mostrou-se fortemente atuante na escolha dos RADs em estudo. Veja as ocorrências abaixo e a tabela que as segue:

Foco no(s) participante(s)

- (43) Inf: Tem gente que melhorou (inint). Reclassificação... (est) Reclassificação, eles pediram. Os que foram reclassificados, assim, cozinheiros, não tem?
Ent: Já está na hora da senhora voltar para o serviço, né? (VALLE, 2001, p. 65)

Foco na(s) característica(s) do(s) participante(s)

- (44) Mas ele deu sorte, que ele só queimou por cima, só queimou a pele. (est) Não teve [que]- aquelas queimaduras profundas, entende? Só queimou isso, é, só queimou assim ó, (est) como:: essas coisinhas aqui assim. (VALLE, 2001, p. 66)

Foco na avaliação do falante

- (45) Agora, o serviço ali é:: um serviço:: brabo, ele é estúpido, sabe? Ele é/ porque é pesa::do, mas sempre uma ajuda a outra, né? (VALLE, 2001, p. 67)

Foco na opinião do falante

- (46) Mas, (hes) é como eu falei pra você, não tem que educar. (est) Sobre o negócio da AIDS não tem que educar...(est) Todos assistem televisão..., a mostra está toda na televisão... Diz: "Olha, o fulano, porque era isso, porque era [dro-] era drogado, porque injetava isso, fazia aquilo, tal", cansa de falar na televisão. Então não precisa ter educação pra isso... (est) Só a pessoa ser consciente daquilo que escutou, (est) **entendeu?**... (est) Então aí ele vai ficar/ vai botar na consciência que, bom, eu sei lá, pra sair, manter relações, eu tenho que ver com quem é que eu vou manter relações e, enfim. (VALLE, 2001, p. 68)

Foco na situação acabada

- (47) Aí, isso aí já tava fazendo quinze dias que já tinha passado a minha, o prazo, né? Aí resolvi ir no médico. Aí foi onde que eu fui na Fulana. Aí ela disse pra mim que::... que tinha dez por cento pra eu não ficar::,

né? Aí foi o único dia que realmente eu chorei, não tem? Fiquei meio apavorada. (VALLE, 2001, p. 68)

Foco na situação presente

(48) A minha filha fica em casa porque (tosse) o meu filho mora: no mesmo quintal, sabe?... A casa é quase/ que a distância é pouca, então:; antes de eu sair, eu deixo ela tirada da cama, tiro ela da cama. (VALLE, 2001, p. 69)

Tabela 1: Atuação do tipo de foco sobre o uso dos RADs em Valle (2001)

FOCO	SABE?			NÃO TEM?			ENTENDE?		
	Apl/T	%	P.R.	Apl/T	%	P.R.	Apl/T	%	P.R.
Avaliação	57/81	70	0,77	13/81	16	0,24	11/81	14	0,37
Opinião	26/84	31	0,44	31/84	37	0,53	27/84	32	0,64
Sit. Presente	40/124	32	0,44	58/124	47	0,58	26/124	21	0,50
Sit. Passada	49/146	34	0,45	60/146	41	0,50	37/146	25	0,56
Característica	22/51	43	0,48	21/51	41	0,57	8/51	16	0,41
Participante	7/29	24	0,35	19/29	66	0,74	3/29	10	0,30
TOTAL	201/515	39		202/515	39		112/515 ⁹¹	22	

Fonte: Valle (2001, p. 112)

Os resultados evidenciam, em termos probabilísticos, uma espécie de especialização de uso em algumas subfunções. *Sabe?* é privilegiado (0,77) quando o foco incide sobre a *avaliação do falante* (exemplo 45), que é normalmente o caso em que há a marcação de um comentário de fundo que interrompe o fluxo narrativo. Já *não tem?* é favorecido quando o foco recai sobre *participantes* (0,74), parecendo ainda manter forte ligação com seu sentido-origem existencial, chamando a atenção para referentes nominais (exemplo 43). Por fim, *entende?* é privilegiado quando o foco é sobre a *opinião do falante* (0,64), contexto mais complexo, que envolve o posicionamento subjetivo do informante (exemplo 46), o que evidencia sua forte ligação com seu sentido de origem e justifica seu estado menos adiantado no percurso de mudança, notadamente em relação a *sabe?*.

O interesse da pesquisa no percurso de mudança verbo>MD culminou na reconstituição da história dos itens, seguindo a direção *ideacional > interpessoal > textual*, proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) para as mudanças via gramaticalização: em um primeiro momento, inseridos em contextos interrogativos, os itens

⁹¹ Houve pequena diminuição no número de dados (de 521 para 515) porque foram excluídas dessa etapa da pesquisa as ocorrências dos RADs com característica de preenchedor de pausa, por não ser possível identificar o tipo de foco nesses casos.

sofrem mudança semântica que evidencia sua função interpessoal; posteriormente, em contextos relacionais, parecem ter ressaltada sua carga textual, funcionando como encadeadores do discurso oral. Dentre eles, *entende?* mostrou-se menos rotinizado e *não tem?* ainda bastante vinculado ao seu sentido-origem, não sendo possível identificar qual dos dois itens encontra-se mais gramaticalizado, já *sabe?* apresentou-se bastante frequente e de uso mais generalizado, recebendo o status de item mais avançado no processo de gramaticalização.

2.4 OBJETO DE ESTUDO: FECHANDO O CAPÍTULO

Retomando e resumindo as seções anteriores, tomamos como base para nossa pesquisa a perspectiva de Schiffrin (2001) que considera os MDs como elementos essencialmente multifuncionais que atuam em diferentes domínios (no cognitivo, no textual, no expressivo e no social), ajudando a integrar vários processos simultâneos envolvidos na construção discursiva e colaborando para estabelecer a coerência.

Direcionamos nosso interesse ao grupo específico dos *requisitos de apoio discursivo* (RADs) – que engloba itens que possuem em comum propriedades interacionais. Com o auxílio de um conjunto de critérios, delimitamos nosso objeto de pesquisa, restringindo a análise a sete itens: *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*.

A partir de análises realizadas com os correlatos desses itens em outras línguas – *y'know* (em inglês); *¿(me) entiendes?*, *¿sabes?*, *¿cachái?* (em espanhol); *tu sais?/vous savez?*, *tu comprends?/vous comprenez?* (em francês); *sai?*, *sai com'è*, *capisci?*, *puoi capire?*, *capito?* (em italiano) – e de pesquisas empreendidas no Brasil, podemos, relativizando as diferenças interlinguísticas, desenhar um quadro geral acerca dos principais achados a respeito dos RADs derivados de verbos de cognição.

Sobre as **funções dos RADs**, há consenso entre os pesquisadores sobre sua característica básica interacional e muitos deles parecem concordar que se trata de elementos multifuncionais que atuam principalmente em dois planos distintos: no plano textual e no plano interacional (ÖSTMAM, 1981; SCHIFFRIN, 1987; ERMAN, 1987, VALLE, 2001; GALUÉ, 2002; MÜLLER, 2005; ANDERSEN, 2007). Com finalidade didática, organizamos o quadro que segue, a partir das pesquisas que foram retomadas, buscando distribuir as funções citadas pelos pesquisadores nos planos interacional e textual, embora saibamos

que haja sobreposições de funções e que os dois planos se intersectam e se inter-relacionam.

Quadro 3: Funções dos RADs nos planos textual e interacional

FUNÇÕES DOS RADs
<p>Plano + textual</p> <p>Marcar/introduzir informação de fundo ou digressões^{ML, O, E}</p> <p>Topicalizar constituintes e elementos sequenciadores^{ML}</p> <p>Focalizar elementos menores ou unidades discursivas maiores^{V, S}</p> <p>Assinalar relações textuais já dadas pelo contexto^V</p> <p>Marcar busca por expressões ou pelo conteúdo a ser dito^{M, O, E}</p> <p>Marcar falsos inícios, truncamentos e correções^{M, ML, E}</p> <p>Marcar significado aproximado^M</p> <p>Introduzir explicação^{M, A}</p> <p>Introduzir ou delimitar discurso reportado^{M, E, A}</p> <p>Preencher pausa^{ML}</p> <p>Apresentar consequência ou razão para fato apresentado^E</p> <p>Introduzir exemplificação^E</p> <p>Introduzir esclarecimento^E</p> <p>Finalizar um argumento^E</p> <p>Marcar novo tema^A</p> <p>Modalizar o discurso^{ML}</p>
<p>Plano + interacional</p> <p>Auxiliar para que o ouvinte coopere e aceite o conteúdo enunciado^{O, C, G, B}</p> <p>Alcançar intimidade com o interlocutor ao supor conhecimento compartilhado^O</p> <p>Expressar deferência, dando ao ouvinte a sensação de maior poder^O</p> <p>Marcar troca de turno^{O, A}</p> <p>Perdir a aquiescência do interlocutor^{MS}</p> <p>Checar conhecimento/compreensão^{V, DS}</p> <p>Estabelecer contato com o interlocutor^{V, C, A}</p> <p>Marcar conhecimento compartilhado^{S, A, M, O, DS,}</p> <p>Marcar conhecimento sobre o que é de conhecimento geral^{S, DS}</p> <p>Convidar o ouvinte a imaginar a cena^M</p> <p>Assinalar uma implicatura^M</p> <p>Apelar ao conhecimento do interlocutor^M</p> <p>Solicitar a validação da opinião do falante^M</p> <p>Demonstrar atitude polida^{C, A}</p> <p>Antecipar um pedido de explicação^A</p> <p>Apelar para que o ouvinte tire suas próprias conclusões/busque explicações^{DS}</p> <p>Checar se o ouvinte acompanha o raciocínio do falante^{DS}</p> <p>Manter o fluxo conversacional^{MS, V}</p>

Legenda: ÖSTMAN (1981)^O; ERMAN (1987)^E; SCHIFFRIN (1987)^S; MACEDO; SILVA (1989)^{MS}; BAZZANELLA (1990)^B; CHODOROWSKA-PILCH (1997)^C; DOSTIE; SÈVE (1999)^{DS}; VALLE (2001)^V; GALUÉ (2002)^G; MARTELOTTA; LEITÃO (1998) e MARTELOTTA (2004)^{ML}; MÜLLER (2005)^M; ANDERSEN (2007)^A

A partir da organização das funções no quadro acima, é possível ter uma compreensão mais global do que já se tem verificado sobre a atuação funcional dos RADs, porém alguns problemas persistem: Como captar as atuações que se dão no plano interacional? Como articular os dois planos funcionais? Como lidar quantitativamente com as funções interacionais?

Embora Pichler (2010) enfatize a necessidade de que as funções de itens de ordem discursiva sejam tratadas como um grupo de fatores em análises quantitativas a fim de entendermos com mais segurança os aspectos envolvidos na variação e mudança desses itens, algumas das atuações interacionais dos RADs são escorregadias e de difícil recorte. Estamos lidando com itens que se estabelecem no *intermezzo* da relação falante-ouvinte e recuperar aquilo que se forja nesse espaço é tarefa árdua e muitas vezes exige que se abra mão do recorte discreto de funções, dificultando o tratamento estatístico. Algumas funções podem ser mais facilmente recortadas e serão controladas como grupo de fatores, já a atuação em outros planos exige um controle diferenciado, conforme veremos mais adiante no capítulo 4 em que apresentamos a metodologia da pesquisa.

Sobre os **aspectos linguísticos dos RADs e seus contextos de uso**, a maior parte das pesquisas tem apontado que, em geral, esses itens: a) são sintaticamente independentes e exteriores ao conteúdo proposicional; b) apresentam entonação interrogativa, pronúncia rápida e forma reduzida e fixa (com nenhuma ou pouca variação de número-pessoa e modo-tempo); c) não costumam ser precedidos ou seguidos de pausas, estímulos e hesitações. Com relação à posição dos RADs, vimos que enquanto alguns trabalhos apontam como preferencial a posição final (de enunciados, de unidades conversacionais e de turno) outros apresentam resultados que indicam que esses itens são mais comuns entre orações coordenadas (MARCUSCHI, 1989; BAZZANELLA, 1990; MACEDO E SILVA, 1996; GALUÉ, 2002; URBANO, 2006; MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004; VALLE, 2001).

Com relação aos **aspectos extralinguísticos relacionados ao uso dos RADs**, podemos assinalar que esses itens: a) parecem não apresentar diferenças sociais significativas associadas a macrocategorias como sexo⁹², idade, escolaridade e classe social; b) são mais frequentes

⁹² Na pesquisa de Macaulay (2002a) são percebidas, apesar de não serem explicadas, diferenças para o grupo de fatores 'sexo/gênero', já que as mulheres privilegiam o uso dos RADs.

em conversas entre conhecidos e entre pessoas do mesmo sexo; c) podem funcionar como marcas de identidade de certos grupos de falantes, como é o caso de *¿cachái?*; c) parecem ter seu uso relacionado a aspectos estilísticos e/ou individuais, já que alguns falantes não fazem uso dos RADs, outros usam apenas um dos itens possíveis, enquanto outros utilizam itens variados e com alta frequência (MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; VALLE 2001; MACAULAY, 2002a; NÚÑEZ, 2011).

As **análises quantitativas** envolvendo marcadores interacionais derivados de verbos de cognição não parecem muito difundidas, menos comuns ainda são as análises quantitativas que lidam com resultados probabilísticos e no contexto da Teoria da Variação e Mudança. Vimos que Müller (2005) controla vários grupos de fatores (como sexo, idade, classe social, etnicidade, entre outros), mas seus resultados, dados em termos percentuais, são muito mais focados em questões relacionadas à aquisição dos MDs por falantes não-nativos de inglês, do que no próprio contexto de uso desses itens.

Dos estudos que observamos em outras línguas, apenas Núñez (2011) toma como perspectiva teórica a TVM. Contudo, frustrando um pouco nossas expectativas, o autor se propõe a analisar apenas os condicionadores sociais sexo, idade e escolaridade, não controlando, portanto, grupos de fatores linguísticos. Além disso, são apresentados somente resultados de frequência e porcentagem, não tendo sido feitas rodadas estatísticas que verificam a interação dos grupos de fatores e que selecionam os grupos que condicionam o uso variável.

No Brasil, a pesquisa de Valle (2001), até o momento, parece ser aquela que mais se dedica ao controle dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos que podem nos auxiliar a estabelecer o contexto de uso dos RADs, sua atuação funcional, seu comprometimento sintático, sua carga interativa e as escolhas feitas pela comunidade analisada, além de nos orientar também sobre os estágios de mudança desses itens.

As investigações sobre **os percursos de mudança** dos marcadores interacionais derivados de verbos de cognição talvez sejam ainda mais escassas. Discutimos, brevemente, apenas um estudo no francês de Quebec sobre *t'sais* e dois estudos no português do Brasil sobre os percursos de *sabe?* e *entendeu?* e outro sobre os percursos de *sabe?*, *entende?* e *não tem?* e suas formas derivadas. Os três estudos partem de perspectivas sincrônicas e buscam reconstituir a trajetória dos itens com o auxílio da descrição: i) das mudanças metafóricas/metonímicas envolvendo seus verbos de origem; ii) das funções desses itens como MDs. Os pesquisadores concordam que certos

traços do conteúdo semântico dos verbos de origem ainda permanecem em seus usos como MDs, podendo influenciar na sua atuação. A divergência mais evidente entre os estudos está ligada aos processos de mudança envolvidos: pragmaticalização/discursivização *versus* gramaticalização⁹³ (DOSTIE; SÈVE, 1999, MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004; VALLE, 2001).

⁹³ Mais detalhes sobre esses processos serão trazidos no capítulo seguinte.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, dividido em três blocos, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos das duas abordagens linguísticas sobre as quais se ergue a presente pesquisa – a Abordagem Funcionalista e a Teoria da Variação e Mudança – e estabelecemos as intersecções possíveis e necessárias para uma análise Sociofuncionalista.

Em um primeiro momento, são apresentados e discutidos os fundamentos e os conceitos centrais da abordagem funcionalista de vertente norte-americana, representada principalmente pelos pesquisadores da Costa Oeste Americana (como Givón, Hopper, Bybee, Traugott, entre outros) e por seus interlocutores da Alemanha (Heine, Claudi, Hünemeyer e Kuteva, entre outros). Grande parte da seção trata das questões envolvidas em torno do processo de mudança via gramaticalização que julgamos capaz de explicar boa parte das mudanças semântico-pragmáticas e categoriais pelas quais passa(ra)m os itens em análise na trajetória verbo>RADs.

Na segunda grande seção, trazemos à tona os principais pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, também conhecida como Sociolinguística laboviana, que tem suas bases nos trabalhos de Labov (e seus colegas contemporâneos, Weiner, Weinreich e Herzog) e vem sendo renovada por conta do interesse cada vez maior: pela análise de unidades discursivas como fenômenos de variação, pelo significado social das formas linguísticas e por aspectos identitários e estilísticos envolvidos na variação/mudança.

Durante o capítulo, além do foco nas duas abordagens, procuramos ter sempre em mente o objeto de estudo, buscando fazer os alargamentos teórico-metodológicos necessários e visando a avanços: no tratamento dos MDs via gramaticalização, no tratamento variacionista de itens discursivos e na incorporação de categorias sociais localmente constituídas nas análises variacionistas.

Por fim, rumo a uma interface sociofuncionalista, discutimos as articulações já propostas entre as duas abordagens teóricas distintas e propomos mais alguns pontos de intersecção a partir do foco recente em

aspectos culturais e identitários como forças motrizes da variação/mudança.

3.1 ABORGAGEM FUNCIONALISTA

As abordagens funcionalistas, de modo geral, têm seu foco no uso linguístico, priorizando a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes, seu contexto discursivo (NICHOLS, 1984). A função impera sobre a forma e o uso linguístico em situação particular de comunicação é visto como motivador ou mesmo como formador da estrutura gramatical.

A presente seção é destinada à apresentação e discussão das noções de língua e gramática sob a ótica funcionalista de vertente norte-americana – a qual recentemente também tem sido denominada Abordagem Baseada no Uso (cf. BYBEE, 2010) – destinando atenção, em um primeiro momento, aos conceitos centrais de domínio funcional, de protótipo e de marcação (GIVÓN, 2011 [1979], 1984, 1993, 1995, 2001, 2002, 2005; HOPPER, 1987, 1991; BYBEE, 2006; 2010, entre outros).

Além disso, em um segundo momento, partindo do pressuposto de que itens discursivos podem ser tratados em uma perspectiva alargada de gramaticalização (mais atenta a ganhos pragmáticos em estágios iniciais e a mudanças funcionais do que em processos mais avançados de morfologização/cliticização), discutimos: a definição que melhor se adequa aos itens investigados, as características dos itens em mudança, as motivações para a mudança linguística e as possíveis trajetórias de gramaticalização, além dos processos paralelos de subjetivização e intersubjetivização (Cf. SWEETSER, 1988, 1990; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; TRAUGOTT, 1995, 2001, 2008, 2010a, 2010b, 2010c, 2012; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT; DASHER, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2006, 2010, WALTEREIT, 2011, entre outros).

Na terceira e última subseção, resumimos a discussão teórica salientando as escolhas e os direcionamentos que tomamos.

3.1.1 A ABORDAGEM FUNCIONALISTA E A ANCORAGEM COGNITIVO-COMUNICATIVA DA GRAMÁTICA

Os funcionalistas da vertente norte-americana, que têm em Dwight Bolinger seu precursor, dão grande relevo à pragmática – entendida aqui como atividade linguística, ou uso –, sugerindo que a estrutura linguística se desenvolve a serviço da pragmática discursiva.

Para Givón (2005), uma abordagem funcional da comunicação é inerentemente pragmática. Suas pesquisas, associando conhecimentos prévios da biologia, filosofia, antropologia e psicologia, propõem uma abordagem cognitivo-comunicativa ou representacional-comunicativa da língua, com base na estrutura social e em pressupostos evolutivos/adaptativos, tratando a linguagem como adaptação biológica. Nesse sentido, ganha destaque a estreita relação entre o uso e as formas/estruturas linguísticas, já que:

As pressões adaptativas que dão forma à estrutura sincrônica ('idealizada') da língua são exercidas durante a performance on-line. É aí que a língua emerge e muda. É aí que as formas se ajustam constantemente a novas funções e significados estendidos. É aí que a variação e a indeterminação são componentes indispensáveis dos mecanismos que modelam e remodelam a 'competência' (GIVÓN, 2002, p. 5)⁹⁴.

Além das tarefas principais de representação mental da experiência e de comunicação, a língua, como concebida no funcionalismo, cumpre outras importantes funções metacomunicativas, a saber: a) a *função de coesão sociocultural* – a língua atua mantendo um grupo unido e identificando indivíduos com o grupo; b) a *função afetiva/interpessoal* – a língua medeia a interação entre os membros de um grupo, podendo marcar relações de afeto, cooperação, obrigação, dominância ou competição; c) a *função estética* – a língua assume o papel de assinalar valores estéticos em discursos, ficção, poesia, canções e peças teatrais (GIVÓN, 1993).

⁹⁴ “The functional-adaptive pressures that shape the synchronic ('idealized') structure of language are exerted during on-line performance. This is where language emerges and changes. This is where form adjusts itself constantly to novel functions and extended meanings. This is also where slop, variation and indeterminacy are indispensable components of the developmental mechanisms that shape and reshape 'competence'”.

Considerando que a mente humana é formada por módulos automatizados (invariantes, rígidos, discretos, independentes de *input*, livres de contexto) que interagem com mecanismos mais flexíveis (variantes, sensíveis ao contexto, dependentes de *input*, escalares), a gramática é entendida nessa abordagem como sistema híbrido composto de: (i) *estrutura*, um código simbólico complexo que envolve elementos mais concretos (morfologia, entonação, ritmo e ordem sequencial de palavras ou morfemas) e elementos mais abstratos (organização hierárquica dos constituintes, relações gramaticais, categorias sintáticas, relações de relevância e escopo e relações de regência e controle); (ii) *função adaptativa*, observada no contexto discursivo e que interage, por exemplo, com a memória semântica (léxico), com a semântica proposicional (estrutura argumental), com a memória episódica (coerência discursiva), com a memória de trabalho e atenção (GIVÓN, 2002, 2005).

Nesse sentido, embora a gramática envolva recursos cognitivos de domínio-geral e mais abstratos, está extremamente ligada às experiências linguísticas individuais dos falantes com a língua, ou seja:

[...] os recursos cognitivos gerais do cérebro humano, que lhe permitem categorizar e classificar por identidade, similaridade e diferença, vão atuar sobre os eventos linguísticos de modo individual, categorizando e fixando na memória essas experiências. O resultado é uma representação cognitiva que pode ser chamada de uma gramática. Esta gramática, mesmo podendo ser descrita como abstrata, uma vez que todas as categorias cognitivas são, está fortemente ligada à experiência que um falante teve com a língua (BYBEE, 2006, p. 6)⁹⁵.

Segundo essa perspectiva, certas estratégias discursivas rotinizadas, devido ao uso que os falantes fazem delas em situação de comunicação, é que vão moldando e remoldando a gramática e, nesse

⁹⁵ “[...] the general cognitive capabilities of the human brain, which allow it to categorize and sort for identity, similarity and difference, go to work on the language events a person encounters, categorizing and entering in memory these experiences. The result is a cognitive representation that can be called a grammar. This grammar, while it may be abstract, since all cognitive categories are, is strongly tied to the experience that a speaker has had with language.”

caso, o papel da frequência de uso das formas linguísticas ganha relevo (BYBEE, 2006).

O que a gramática faz é convencionalizar certas estruturas que são mais frequentes e, portanto, mais adaptativamente relevantes, o que liberta parcialmente a comunicação humana da total dependência do contexto⁹⁶. No entanto, o contexto não é nem objetivo e nem estável. Constantemente, por pressões adaptativas, surgem novos contextos que são continuamente reinterpretados, o que faz com que o significado e a comunicação humana sejam permanentemente, em certa medida, dependentes do contexto (GIVÓN, 2002).

Ganha força, portanto, nessa abordagem, a relação entre discurso e gramática. A gramática é iconicamente motivada – as formas e estruturas linguísticas refletem as experiências dos falantes com a língua – e é estruturada a partir das regularidades que emergem do uso, do discurso dos indivíduos em situação de interação.

Vale salientar que na perspectiva givoniana a relação natural de um-para-um entre forma e função é uma questão de grau, portanto, a iconicidade da gramática não é absoluta, embora iconicamente motivada. Esse deslizamento na relação forma-função se deve basicamente a dois fatores decorrentes de pressões diacrônicas: o código linguístico está constantemente sujeito a desgaste e a mensagem está constantemente sujeita a elaborações criativas do falante. Assim, construções originariamente motivadas pela situação comunicativa evoluem para formas que vão se padronizando até se cristalizarem em estruturas gramaticais.

Em visões mais extremadas como a de Hopper (1987)⁹⁷, a integração discurso-gramática é ainda maior. A noção de ‘gramática emergente’⁹⁸ sugere que as estruturas ou regularidades que observamos

⁹⁶ Contexto, nesse caso, pode ser entendido tanto como o contexto linguístico, em maior ou menor escopo, quanto como o contexto extralinguístico, situacional. Aliás, parece ser uma constante em Givón que o termo contexto receba maior ou menor dimensão a depender do caso. Em 2005, por exemplo, em *Context as Other Minds* o foco está no contexto que é entendido de modo bastante amplo como construto cognitivo-pragmático que integra o tripé vida (as relações sociais), mente (cognição) e linguagem (comunicação).

⁹⁷ Bybee (2006) fundamenta suas discussões no conceito de ‘gramática emergente’ de Hopper (1987).

⁹⁸ Inspirado pelo antropólogo cultural James Clifford – que trata a cultura como temporal, emergente e disputada –, Hopper (1987) transfere o termo ‘emergente’ do seu contexto original de ‘cultura’ para o de ‘gramática’ e propõe que esta seja tomada como fenômeno social, construída em tempo real e,

na língua partem do discurso, são moldadas pelo discurso e, em um processo cíclico, passam a remoldar o discurso. As formas e construções não constituem modelos fixos, ao invés disso são maleáveis, flexíveis e forjadas na negociação face a face entre os participantes da comunicação, levando em conta suas avaliações e experiências linguísticas. Para ilustrar melhor:

A noção de emergência é como uma grávida. Não no sentido padrão de origens ou genealogia, não como uma questão histórica de 'como' a gramática passou a ser da forma que 'é', mas em vez disso o adjetivo *emergente* é tomado seriamente como um movimento contínuo para a estrutura, um adiamento ou 'diferimento' da estrutura, uma visão da estrutura como sempre provisória, sempre negociável e de fato como epifenômeno, isto é, tanto efeito como causa⁹⁹ (HOPPER, 1987, p. 142)

Nesse caso, a própria regularidade gramatical é emergente e a noção de gramática é substituída pela noção de gramaticalização. A tarefa maior dos linguistas vinculados à perspectiva da gramática emergente seria identificar as estratégias recorrentes para a construção de discursos e que, portanto, estão em algum ponto do processo de gramaticalização.

Embora em seus trabalhos iniciais Givón (2011 [1979]) rejeitasse radicalmente a autonomia da sintaxe e concebesse a gramática como uma estratégia de processamento, envolvendo dois modos de comunicação – o modo pragmático (pré-gramatical, encontrado, por exemplo, na fala não planejada) e o modo sintático (gramatical, encontrado, por exemplo, na escrita planejada) –, sendo o segundo

portanto, temporal. A estrutura é sempre adiada, sempre 'em processo de', 'chegando a' e, portanto, 'emergente'. E, na medida em que o pesquisador pode analisar apenas uma pequena porção dos dados, qualquer recorte que se faça (em relação ao tipo de texto analisado ou ao grupo étnico, classe, idade e gênero dos falantes) será uma decisão política e, portanto, disputada.

⁹⁹ “The notion of emergence is a pregnant one. It is not intended to be a standard sense of origins or genealogy, not a historical question of 'how' the grammar came to be the way it 'is', but instead it takes the adjective emergent seriously as a continual movement towards structure, a postponement or 'deferral' of structure, a view of structure as always provisional, always negotiable, and in fact as epiphenomenal, that is at least as much an effect as a cause.”

derivado do primeiro, em trabalhos mais recentes, Givón (2001, 2002) se coloca numa posição moderada quando considera a visão emergencista de Hopper tão reducionista quanto a visão formalista de Chomsky. Givón opta pelo caminho do meio, afirmando que existem boas razões para considerar a gramática ao mesmo tempo largamente rígida – já que é parcialmente automática e conta com uma grande gama de estruturas convencionalizadas – e flexível em menor escala – já que mudanças e inovações adaptativas não ocorrem sem flexibilidade e variação.

Em um primeiro olhar, os dois funcionalistas parecem se distanciar, mas existem muito mais aproximações do que distanciamento entre eles. Hopper, por um lado, considera que existem vários fenômenos relativamente estáveis e que não estão em disputa na língua, embora afirme “que qualquer decisão de limitar o domínio da gramática apenas àqueles fenômenos que são relativamente fixos e estáveis parece arbitrária”¹⁰⁰ (HOPPER, 1987, p. 147). Por outro lado, o que Givón toma como parte estável e rígida da gramática abrange inclusive traços característicos da oralidade, como pausas, repetições, deslocamentos, sobreposições, referência anafórica zero e operadores discursivos orais como *kinda*, *like*, *y’know*¹⁰¹. O autor argumenta que tais traços “não devem, por si só, ser considerados 'gramática emergente', uma vez que são características gramaticais estáveis, previsíveis e bem estabelecidas no inglês oral”¹⁰² (GIVÓN, 2002, p.66).

Percebemos, portanto, que a diferença, aparentemente considerável à primeira vista, entre as visões de gramática dos dois autores está ligada apenas à decisão sobre quais partes da língua em uso são consideradas flexíveis ou estáveis. Vale ressaltar que os dois teóricos consideram que o uso e a função linguística preponderam sobre a forma e ambas as visões de gramática estão ancoradas na pragmática

¹⁰⁰ “[...] any decision to limit the domain of grammar to just those phenomena which are relatively fixed and stable seems arbitrary.”

¹⁰¹ O que foi considerado gramática ‘emergente’ foram construções como: *Ø*that the same?(em vez de *Is that the same?*); *kinda little mountain of brush she was hauling to around* ... (em vez de *Kind of a little mountain of brush she was hauling it around to...*; *maybe a half an inch* (em vez de *maybe half an inch*, ou *maybe a half-inch*) (GIVÓN, 2002).

¹⁰² “Such features should not, by themselves, be considered ‘emergent grammar’, since they are stable, predictable, well-governed grammatical features of oral English.”

discursiva, apenas parecem discordar em relação ao foco das análises linguísticas.

Ambos rejeitam uma explanação formal da língua e enfatizam a identificação de padrões de uso linguístico que se originam e se estabelecem nas situações comunicativas, orientados por motivações pragmáticas. A gramática – vista como um organismo maleável que se adapta às necessidades cognitivas e comunicativas dos falantes – não é um conjunto de regras a serem seguidas para a produção de sentenças gramaticais, e sim um repertório de palavras ou construções que, originadas de estratégias retóricas criativas e expressivas, tornaram-se convencionalizadas, por terem sido utilizadas rotineiramente em certo tipo de contexto interacional (HOPPER, 1987; GIVÓN, 1993; 2002; 2005).

Bybee (2006; 2010) também ressalta a característica dinâmica da gramática em função de sua variabilidade e gradiência. Por um lado, as unidades e estruturas da língua apresentam variação em seu uso sincrônico, por outro lado, muitas categorias gramaticais não são facilmente distinguíveis porque a mudança linguística é gradual, ou seja, ocorre ao longo do tempo, movendo os elementos linguísticos ao longo de um *continuum* de categorias.

Para sumarizar o que viemos assinalando até aqui sobre a abordagem funcionalista, reproduzimos um conjunto de princípios elencados por Givón, em 1995, e ainda válidos:

- A língua é uma atividade sociocultural
- A estrutura linguística serve a funções cognitivas ou comunicativas
- A estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica
- A mudança e a variação estão sempre presentes
- O significado é dependente do contexto
- As categorias são não-discretas
- A estrutura é maleável, não rígida
- A gramática é emergente
- As regras da gramática permitem alguma flexibilidade (GIVÓN, 1995, p. 9)¹⁰³

¹⁰³ “Language is a social-cultural activity; structure serves cognitive or communicative function; structure is non-arbitrary, motivated, iconic; change and variation are ever-present; meaning is context-dependent an non-atomic; categories are less-than-discrete; structure is malleable, not rigid; grammars are emergent; rules of grammar allow some leakage.”

Neste ponto, é importante salientar que a abordagem funcionalista, ou baseada no uso, tem muito a contribuir com a análise dos marcadores discursivos, principalmente por sua ancoragem comunicativa/pragmática e pela relevância dada ao contexto, tanto linguístico quanto extralinguístico. A ideia de que o uso repetido de certas estratégias linguísticas pode levar à convencionalização de formas e estruturas nos fornece o *locus* propício para o tratamento dos MDs, em especial dos RADs em análise, que, como já vimos, ainda como verbos plenos incorporam traços pragmáticos de interpeoalidade, relacionados a atos de fala diretivos, passando a atuar também na organização do discurso – uso mais abstrato e estabelecido a partir da repetição (VALLE, 2001).

Passamos, nas subseções seguintes, a definir e discutir três conceitos importantes na abordagem funcionalista e que são relevantes para os objetivos desta tese: o conceito de domínio funcional, o conceito de protótipos e o conceito de marcação.

3.1.1.1 DOMÍNIO FUNCIONAL

Givón (2001) postula que nas línguas humanas há sempre mais de um meio estrutural (*types*) de alcançar a mesma função comunicativa. Seria, portanto, papel da tipologia gramatical estudar e enumerar as diversas estruturas que desempenham o mesmo tipo de função, ou seja, os meios estruturais que em diferentes línguas codificam o mesmo *domínio funcional*. Entende-se por domínio funcional uma “área coberta por (macro)funções/significações que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente/regularizada, em diferentes níveis” (GÖRSKI, 2012).

A gramática codifica as funções da língua, atuando simultaneamente sobre a semântica proposicional e a pragmática discursiva. Cada um desses dois reinos maiores da linguagem pode ser dividido em vários domínios funcionais, mais ou menos codificados pela sintaxe em várias línguas, como: TAM (tempo, aspecto, modalidade), negação, referencialidade, entre outros. Esses domínios funcionais mais gerais podem ser subdivididos e ordenados hierarquicamente a depender dos objetivos e do olhar do pesquisador, resultando em subdomínios funcionais, tais como: tempo futuro, aspecto imperfectivo, sujeito, tópico, entre outros (GIVÓN, 1984, 2001, 2005).

Existem dois aspectos importantes que contribuem para a complexidade dos domínios funcionais: a multidimensionalidade e a

escalaridade. Um domínio funcional é muitas vezes multidimensional e pode ser mais codificado em uma língua do que em outra. Além disso, as fronteiras entre as várias dimensões e entre os próprios domínios não são claras nem rígidas e os domínios funcionais, em vez de discretos, são flexíveis, havendo a possibilidade de contínuos funcionais (GIVÓN, 1984, 2002).

Mas nem sempre é simples recortar um domínio funcional. Quando adentramos no campo nebuloso das funções pragmático-discursivas, é necessária a identificação de novos domínios. Um dos principais grandes domínios funcionais ligado à pragmática-discursiva e que carece de olhar atento, segundo Givón, é o *domínio das funções interativas*, que engloba “as funções relacionadas a atos de fala, aos objetivos pragmáticos ou comunicativos do falante e à interação entre o falante e o ouvinte que é relevante para a interpretação da comunicação”¹⁰⁴ (1984, p. 35).

Uma das metas da presente tese é detalhar o domínio funcional da *requisição de apoio discursivo*, ligado ao domínio das funções interativas. Consideramos que as formas tomadas no capítulo anterior como objeto de estudo, *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*, que compartilham funções e contextos, podem ser tratadas como camadas/variantes no domínio funcional da *requisição de apoio discursivo*.

3.1.1.2 PROTÓTIPO

Dada a não-discretude das categorias gramaticais, as formas linguísticas, ao invés de serem classificadas em termos de pertencimento a esta ou àquela categoria ou classe, podem ser mais bem acomodadas pela noção de protótipos, a qual admite a existência de gradação dentro de categorias e de vaguidade nas fronteiras categoriais, ao mesmo tempo em que permite a categorização e recortes discretos. A ideia central dessa noção é de que as categorias gramaticais são organizadas e descritas através de seus melhores exemplares, os protótipos, e os exemplares menos prototípicos podem ser organizados em função da quantidade de traços que compartilham com os membros principais (GIVÓN, 1984, 2001, 2005).

¹⁰⁴ “[...] the functions related to the speech-act, the speaker’s communicative or pragmatic goals and the interaction between speaker and hearer that is relevant for interpreting the communication.”

A elaboração dessa estratégia para o tratamento das categorias baseadas em protótipos¹⁰⁵ associa as correntes de pensamento paradoxalmente conflitantes de Platão, que percebe as categorias como discretas e estáticas, e de Wittgenstein, que as trata como dinâmicas e contínuas. O que temos como resultado é um elaborado sistema híbrido composto por quatro propriedades fundamentais: a) traços criteriais múltiplos – o pertencimento a uma categoria é determinado por um feixe de traços (alguns deles mais centrais e, portanto, exibidos pela maioria dos membros, e outros mais periféricos); b) grau de adesão – o membro mais prototípico de uma categoria é o que exhibe o maior número de traços criteriais, mas membros com poucos traços ainda assim podem fazer parte da categoria; c) associação forte de traços: os traços de uma categoria tendem a ser fortemente associados de modo que a presença de um deles vem frequentemente acompanhada pelos demais traços; d) agrupamento em torno do protótipo: a maioria dos membros se agrupa em torno do protótipo (GIVÓN, 2001, 2005).

Para um melhor entendimento da proposta de tratamento das categorias baseadas em protótipos reproduzimos o seguinte diagrama:

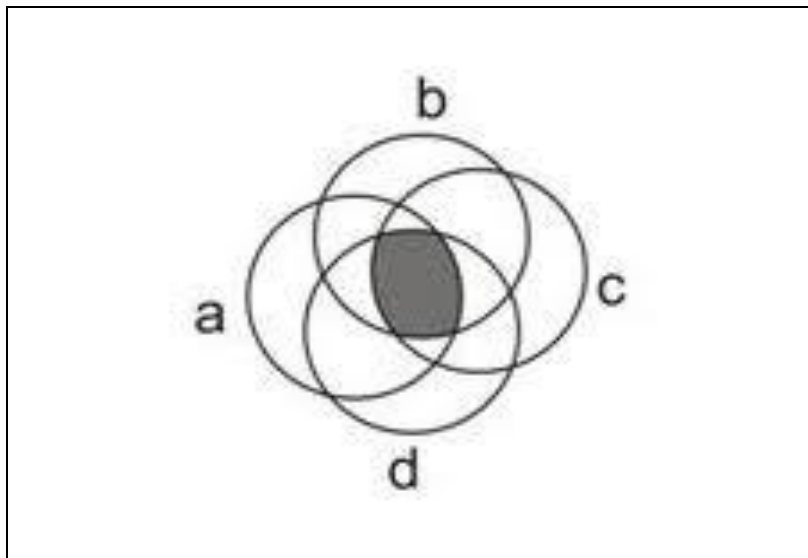


Figura 5: Diagrama representacional das categorias baseadas em protótipos de Rosch
Fonte: Givón (2001, p. 32)

¹⁰⁵ Modelo proposto por Rosch (1973; 1975) a partir do modelo de redes de Collins e Quillian (1972).

A abordagem baseada em protótipos – compatível com a visão de gramática como sistema híbrido composto de estrutura e função adaptativa – atende a duas demandas aparentemente conflitantes: i) de um lado, pela possibilidade de recortes discretos e de organização hierárquica, dá conta do processamento automatizado dos membros mais prototípicos das categorias; ii) por outro lado, pela discriminação fina das categorias através do sistema de traços, não restringe a análise apenas aos membros prototípicos, incluindo a possibilidade de tratamento dos membros menos frequentes, marginais e híbridos que são essenciais para o estabelecimento do *continuum* funcional e para o entendimento dos processos de mudança que ocorrem na língua (GIVÓN, 2001, 2002).

Tal abordagem, ao mesmo tempo em que nos permite estabelecer recortes discretos para podermos lidar com a variação existente entre as formas que selecionamos dentro do domínio funcional da requisição de apoio discursivo, mantém a possibilidade de olharmos para os itens que apresentam sobreposições funcionais ou mesmo para aqueles que estão à margem do domínio: ou por ainda apresentarem fortes traços de verbos, ou por requisitarem pouco ou quase nenhum tipo de apoio discursivo.

3.1.1.3 MARCAÇÃO

A noção de marcação – que prevê que categorias estruturalmente mais marcadas tendem também a ser funcionalmente mais marcadas, ou seja, funções e significados mais complexos tendem a ser representados/codificados de modo estruturalmente mais complexo – apesar de suas origens estruturalistas¹⁰⁶, tem sido alargada e adaptada às atuais teorias voltadas para o uso. A relação antes rígida e binária entre categorias marcadas e não-marcadas tem sido substituída pela ideia de categorias graduais e de contínuos de marcação (GIVÓN, 1995, 2001; BYBEE, 2010).

Trata-se de uma noção relevante para o estabelecimento dos possíveis estágios e direções de mudança de itens e construções, já que

¹⁰⁶ A noção de marcação, herdada da Escola de Praga, deriva da tradição de hierarquizar a descrição linguística do mais simples para o mais complexo: construções declarativas são anteriores às imperativas, como também a negação é derivada da base afirmativa. A noção é proposta, inicialmente, como refinamento da noção de “valor linguístico” de Saussure em oposições fonológicas binárias (GIVÓN, 2001).

formas menos marcadas tendem a ser aquelas com maior potencial para generalização de uso – e, portanto, as candidatas ideais a estágios mais avançados de mudança –, enquanto aquelas mais marcadas naturalmente tenderiam a desacelerar a mudança e/ou sofrer restrições de uso em contextos específicos.

Givón sugere três critérios principais para distinguir uma estrutura marcada de uma não-marcada:

- (a) **Complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a correspondente não-marcada;
- (b) **Distribuição de frequência:** a categoria marcada tende a ser menos frequente, portanto mais saliente cognitivamente, que a correspondente não marcada;
- (c) **Complexidade cognitiva:** a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento, que a não marcada (GIVÓN, 1995, p. 28)¹⁰⁷.

Esses três critérios não funcionam como fórmula pronta para definir de modo binário se uma forma é ou não marcada, ao invés disso, o que se faz, através da junção dos critérios, é estabelecer um gradiente de marcação entre duas ou mais formas. A correlação estreita entre complexidade estrutural e frequência costuma ser a mais produtiva e viável entre os trabalhos que se utilizam da noção de marcação, já que lidar com complexidade cognitiva envolve aspectos muito mais abstratos.

Apesar de se mostrar relevante em vários trabalhos, a noção de marcação ainda é escorregadia e talvez, pelo menos para alguns itens, insuficiente tal como tem sido tratada. Nesse sentido, Givón (2001) salienta que a correlação entre o critério estrutural e a frequência não explica nada por si só, já que as motivações para a codificação das

¹⁰⁷ “(a) Structural complexity: The marked structure tends to be more complex (or larger) than the corresponding unmarked one. (b) Frequency distribution: The marked category (figure) tends to be less frequent, thus cognitively more salient, than the corresponding unmarked category (ground). (c) Cognitive complexity: The marked category tends to be cognitively more complex – in terms of mental effort, attention demands or processing time – than the unmarked one.”

estruturas são funcionais. O autor afirma que a marcação é, por excelência, dependente do contexto e, muitas vezes, mais importante do que complexidade estrutural, frequência e complexidade cognitiva é a natureza do contexto no qual a estrutura se insere: a mesma estrutura pode ser marcada em um dado contexto e não-marcada em outro, o que pode ser reflexo de normas culturais ou comunicativas.

Tais considerações nos possibilitam pensar que os itens em análise possam ser distribuídos ao longo de uma escala de marcação que leva em conta não somente os critérios já bem estabelecidos de Givón, mas também a natureza do contexto, linguístico e social, no qual os itens se inserem.

3.1.2 GRAMATICALIZAÇÃO

O termo gramaticalização, doravante GR, foi introduzido por Meillet em 1912 para nomear “a passagem de um item autônomo para um papel de elemento gramatical”¹⁰⁸ (MEILLET, 1948, p. 131 [1912]). Já naquela época, a transição de itens lexicais para o papel de auxiliares ou morfemas era entendida como contínua – mesmo existindo a possibilidade de recortes discretos – e a alta frequência de uso já era mencionada como fator importante para diminuição do valor expressivo de lexemas que passavam a ser utilizados como palavras acessórias.

Um segundo passo importante em direção aos modernos estudos sobre GR é dado por Kurylowicz ao redefinir e ampliar o processo como “[...] o aumento do limite de um morfema que avança de um estado lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical”¹⁰⁹ (1972 [1965] *apud* HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 3). Esta definição, que ressurgiu mais tarde em muitos outros trabalhos, é o mote para a distinção entre GR primária (fase inicial da passagem de um item ou construção lexical para um papel gramatical) e GR secundária (desenvolvimento de elementos gramaticalizados para um status ainda mais gramatical).

De lá para cá, ao longo das últimas três décadas, vários temas relacionados ao processo de GR e seus limites têm sido alvo de debates acalorados. Um deles diz respeito ao tratamento das mudanças envolvendo itens de natureza discursivo-pragmática que, segundo

¹⁰⁸ “[...] dans le passage d’un mot autonome au rôle d’élément grammatical.”

¹⁰⁹ “[...] the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status”

alguns pesquisadores, não são recobertas pelo processo e GR¹¹⁰, sendo necessária a postulação de novos processos, a saber: discursivização ou pós-gramaticalização¹¹¹ (Cf. VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993) e pragmaticalização¹¹² (Cf. AIJMER, 1996; ERMAN; KOTSINAS, 1993).

Traugott (1995) desconsidera a necessidade de outros processos para lidar com itens discursivos. A pesquisadora observou o desenvolvimento dos marcadores *indeed*, *in fact* e *besides* (de advérbios para MDs), com preocupação especial sobre os efeitos desses itens sobre a unidirecionalidade da GR¹¹³.

A autora tece uma série de considerações em defesa do desenvolvimento dos MDs via processo de GR, as quais podem ser assim resumidas: a) em relação à hipótese da unidirecionalidade¹¹⁴

¹¹⁰ Recentemente, Onodera (2011), interessado no percurso de mudança de marcadores discursivos, considera a existência de três perspectivas para o tratamento desses itens: a) em que os MDs são vistos como um fenômeno de fronteira; b) em que esses itens são vistos sob a ótica da pragmaticalização; c) em que se amplia a visão de GR.

¹¹¹ Vicent, Votre e Laforest defendiam que os processos de mudança de itens discursivos, envolvendo ganhos pragmáticos e maior liberdade sintática, deveriam ser tratados em um processo novo chamado de pós-gramaticalização (ou discursivização), que ocorre quando uma unidade lexical ou gramatical assume uma função não-gramatical: a) perdendo complexidade semântica e significação sintática; b) ganhando significação pragmática; c) se distinguindo das unidades gramaticais pela sua entonação e posição no enunciado; d) tendendo a desenvolver um uso opcional; e) diversificando sua posição. Martelotta e Leitão (1998), e Martelotta (2004) optaram por explicar o processo de mudança de *sabe?* e *entendeu?* via discursivização devido: a) ao caráter pragmático-discursivo das funções desses itens, mais subjetivas e de difícil caracterização estrutural; b) a sobreposição e a fusão das funções dos MDs; c) a dificuldade de indicação de trajetórias de mudança lineares, dada a possibilidade de derivações em múltiplas direções.

¹¹² No processo de pragmaticalização, os elementos pragmaticalizados são considerados como opcionais, enquanto as formas gramaticalizadas são obrigatórias (ONODERA, 2011). Portanto, vistos como um caso de pragmaticalização, os MDs estariam fora do cerne da gramática.

¹¹³ Traugott (2012) considera que sua definição de MDs em 1995 era bastante restrita, incluindo apenas expressões com papel sequencial. Atualmente, a visão da autora é ainda mais alargada e considera como MDs vários itens pragmáticos, inclusive aqueles com função metadiscursiva de busca de acordo, como os RADs.

¹¹⁴ Para Traugott, a unidirecionalidade é mais uma hipótese do que um princípio, como alguns autores sugerem.

(supostamente invalidada pelo comportamento dos marcadores discursivos), a autora mostra que os itens estudados por ela passam, em seu percurso de mudança, a atuar como conectores, assumindo, portanto, função mais gramatical que antes; b) em relação a acréscimo de valor pragmático (o que contraria uma das propriedades postuladas por Heine e Reh (1984), segundo a qual as unidades em GR perderiam significado pragmático), Traugott postula que, ao menos nos primeiros estágios de GR, pode ocorrer um fortalecimento pragmático, principalmente da expressão do envolvimento do falante (atitudes e crenças), o que implicaria, então, um crescimento da função pragmática; c) em relação a outras características tidas como típicas da GR, os itens analisados pela autora obedecem aos seguintes aspectos: decategorização, vinculação com o sintagma, redução fonológica, generalização de significado e, mesmo violando os critérios que dizem respeito ao escopo sintático e à disjunção, não constituem um problema¹¹⁵.

Nossa intenção aqui não é nos ater ao histórico de todas essas discussões, mesmo porque se trata de tema bastante debatido nos últimos anos por pesquisadores brasileiros que têm se decidido ao estudo de itens pragmático-discursivos via GR (VALLE, 2001; GASPARINI, 2001; DAL MAGO; 2001, ROST-SNICHELOTTO, 2002, 2009; FREITAG, 2003; LOPES-DAMÁSIO, 2008, entre outros). Concordando com Traugott (1995), descartamos a necessidade de outros processos¹¹⁶, procurando verificar que lugar os marcadores discursivos, mais especificamente os RADs em análise, ocupam na teoria da GR, adotando uma visão alargada de gramática como estrutura dos aspectos comunicativos/contextuais e cognitivos da língua que engloba, além da fonologia, morfossintaxe e semântica, também aspectos relacionados à pragmática linguística.

¹¹⁵ Para Lehmann, é necessário estabelecer limites bem definidos para o processo de GR e, neste caso, a noção de unidirecionalidade é fundamental, sendo que o progressivo aumento da fusão morfossintática, a perda da liberdade sintática e a diminuição de escopo são traços definidores de um processo de GR que impulsiona formas linguísticas na direção relativa liberdade > relativa perda de liberdade (LEHMANN, 1985, 2002). Traugott (2010c), por sua vez, questiona a exigência de redução estrutural e dependência, defendendo que essas características são aplicáveis a apenas certos domínios da gramática que envolvem mudanças de natureza morfossintática, porém, quando entram em jogo domínios como o dos MDs, o processo pode envolver expansão estrutural.

¹¹⁶ Diewald (2011) argumenta que a noção de pragmaticalização – que tem sido aplicada para o desenvolvimento diacrônico de MDs e partículas modais, implicando uma atitude do falante para com seu ouvinte – seja tomada como um sub-processo de GR.

As próximas subseções são dedicadas à apresentação e discussão das definições, características e motivações do processo de GR mais voltadas para os RADs em análise, bem como para o levantamento das trajetórias de mudança associadas a ites discursivos.

3.1.2.1 DEFINIÇÃO

Em um sentido amplo, “gramaticalização é o processo pelo qual a gramática é criada”¹¹⁷ (CROFT, 2006, p. 366). Contudo, a depender da concepção de gramática que entra em jogo e dos objetivos dos pesquisadores, o processo pode ser dividido em duas correntes distintas: a) de GR como perda, redução e aumento de dependência; b) de GR como ganho e expansão (Cf. TRAUGOTT, 2010c).

Por vários anos, imperou a visão tradicional de GR como processo que envolve perdas, reduções, congelamento e obrigatoriedade¹¹⁸. Em oposição clara às correntes estruturalistas e gerativistas, o interesse maior das pesquisas com esse enfoque, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, era a própria gênese da gramática e da morfologia das línguas em última instância (Cf. GIVÓN, 1979; HEINE; REH, 1984; LEHMANN, 1985, 2002, entre outros).

Para os propósitos desta tese – que lida com itens de natureza discursivo-pragmática em uma perspectiva sincrônica¹¹⁹ –, estamos

¹¹⁷ “Grammaticalization is the process by which grammar is created [...]”

¹¹⁸ Heine e Reh (1984), por exemplo, a partir de pesquisas sobre a morfologia de línguas africanas, enfatizam que a mudança via GR envolve perdas em vários níveis. Para os autores, quanto mais avança no processo, mais o item perde em: complexidade semântica, significância funcional e/ou valor expressivo, significância pragmática, variabilidade sintática e de substância fonética. Além disso, o número de membros de seu paradigma morfossintático é reduzido, seu uso torna-se obrigatório em certos contextos e agramatical em outros e pode haver junção com outras unidades.

Lehmann (1985, 2002), por sua vez, vincula GR à perda de autonomia, ou seja, quanto menos autônoma é uma forma linguística, mais gramaticalizada ela é. Para a identificação do grau de autonomia das formas, o pesquisador propõe seis parâmetros estruturais de GR correlacionando restrições paradigmáticas e sintagmáticas: integridade, paradigmaticidade, variabilidade paradigmática, escopo estrutural, vinculação e variabilidade sintagmática.

¹¹⁹ Acreditamos, como Hopper e Traugott (2003), que a conjugação da perspectiva sincrônica e diacrônica, que constituem uma análise pancrônica, seja o cenário mais adequado para os estudos de mudança. A associação dessas

interessados nos trabalhos da segunda corrente de pesquisas, que toma a GR como processo que envolve ganhos e expansão, com interesse: a) no fortalecimento pragmático de itens e construções em GR; b) nas mudanças de significado envolvidas no sentido concreto>abstrato; c) nos estágios iniciais da mudança; d) nas micro-alterações que podem envolver ou não mudança categorial; e) nos contextos dialogais como *locus* propício para a mudança; f) na participação ativa dos indivíduos como criadores de novos usos; g) no papel da frequência na rotinização e convencionalização de novas formas e novos usos (Cf. SWEETSER, 1988, 1990; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; TRAUGOTT, 1995, 2001, 2008, 2010a, 2010b, 2010c; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT; DASHER, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2006, 2010, entre outros).

As definições apresentadas a seguir estão em consonância com esta visão ampliada de GR e servirão de norte para nosso estudo das mudanças envolvidas na trajetória verbo> RAD:

Gramaticalização é o processo pelo qual material lexical, **em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos**, torna-se gramatical [...] (TRAUGOTT, 1995, p. 1, grifo da tradução)¹²⁰.

[...] gramaticalização é o **processo através do qual construções e itens lexicais, em determinados contextos linguísticos, vêm a servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver**

duas perspectivas foi feita, por exemplo, por Rost-Snichelotto (2009) ao analisar os caminhos percorridos pelos itens *olha* e *vê*. Contudo, quando estamos lidando com itens que fazem parte essencialmente do âmbito da oralidade e, nesse caso, com forte componente interacional, a busca por registros de dados históricos pode não ser tarefa simples. Em nossa análise, focada em dados sincrônicos, vamos procurar organizar os itens em estudo e suas funções em uma escala de gramaticalidade – conforme Lehmann (1985) propõe que se faça (apesar de usarmos parâmetros distintos dos dele) – e, a partir dessa escala, vamos tentar reconstituir o possível percurso de mudanças dos RADs analisados.

¹²⁰ “Grammaticalization is the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts becomes grammatical [...]”

novas funções gramaticais. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. xv, grifo da tradução)¹²¹.

[Gramaticalização é] **a mudança por meio da qual, em determinados contextos linguísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical.** Ao longo do tempo a construção gramatical resultante pode continuar a assumir novas funções gramaticais [...]. (TRAUGOTT, 2008, p. 4, grifo da tradução)¹²².

Cada uma das três definições acima, apesar das similaridades óbvias, carrega especificidades que contribuem para uma definição mais completa em relação aos interesses desta pesquisa.

Na primeira delas, damos destaque aos contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos em que a mudança ocorre, pois acreditamos que aspectos pragmáticos presentes em contextos dialogais específicos são de extrema relevância no processo de GR, podendo até mesmo atuar como motivação para a mudança de itens que, como os RADs, derivam de atos de fala e possuem papel importante na interlocução.

A segunda definição nos parece a mais completa de todas elas, pois prevê que tanto itens lexicais quanto construções podem passar pelo processo de GR. Além disso, garantindo que a direção da mudança seja mantida (lexical > gramatical), a inovação está na substituição da noção de mudança de categoria gramatical (muito comum em definições anteriores) para mudança de função gramatical e na ideia de que, tendo assumido funções dessa natureza, os itens ou construções podem desenvolver ainda novas funções, não necessariamente mais gramaticais. Isso confere à GR um caráter de continuidade e gradação, ao mesmo tempo em que assegura a possibilidade de observação tanto de macro-alterações (ou *saltations*), quanto de micro-alterações funcionais que não necessariamente envolvam a passagem para outros domínios.

¹²¹ “[...] grammaticalization is the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new functions.”

¹²² “The change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical construction may continue to be assigned new grammatical functions [...].” (Com base em Brinton e Traugott, 2005).

Enfim, a terceira definição, embora tenha sido formulada para análises no contexto da Gramática de Construções, apresenta um aspecto novo para as definições de GR: o papel do falante como agente que, através do uso inovador em determinados contextos, provoca a mudança.

Percebemos que a definição ideal, e que nos falta, seria aquela que conjugasse todos os aspectos que ressaltamos e, portanto, propomos uma nova definição de GR, associando as três definições anteriores:

Gramaticalização é a mudança através da qual construções e/ou itens lexicais, usados pelos falantes em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos, vêm a servir a funções mais gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Vale destacar ainda que Traugott (2012) considera que o desenvolvimento de vários itens pragmáticos – inclusive aqueles com função metadiscursiva de busca de acordo, como os nossos RADs – é consistente com o processo de GR¹²³. A autora argumenta que sendo a GR um processo pelo qual o material com mais conteúdo referencial torna-se mais esquemático e não-referencial – por exemplo, sinalizando as relações entre os elementos em uma cláusula e a perspectiva do falante sobre o que é dito – também “pode ser pensado como o desenvolvimento de funções procedurais¹²⁴” (TRAUGOTT, 2012, p.19).

3.1.2.2 CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO E DAS FORMAS EM MUDANÇA

Para os objetivos desta tese, julgamos ser relevante detalhar nesta subseção: a) os Princípios de Hopper (1991), que versam sobre o processo de GR em fases iniciais e têm muito a nos dizer sobre como se dá o processo de mudança em si; b) os Parâmetros de Heine e Kuteva (2007), que tratam das características das formas em mudança e podem nos auxiliar a identificar detalhes sobre o processo, bem como os

¹²³ Traugott (2012) salienta que entender o desenvolvimento de MDs como um caso de GR é assumir que esse é um processo essencialmente de mudança funcional.

¹²⁴ “[...] it can be thought of as the development of procedural functions.”

estágios de mudança das formas em análise; c) o papel da frequência de uso para os rumos da mudança (Cf. BYBEE, 2003).

As pesquisas de Hopper (1987, 1991) têm tido importante papel de questionar as concepções de gramática estável vigentes até então. Com sua noção de gramática emergente, como já mencionamos, Hopper destaca o papel do discurso como ponto de partida para formas em processo contínuo de GR. Seu interesse principal não está somente nos estágios avançados e finais do processo em que há cliticização, fusão ou morfema zero, mas também na emergência, ou seja, em contextos e usos discursivos que dão início ao processo de GR de formas e estruturas linguísticas¹²⁵.

Para poder identificar melhor os diferentes estágios de GR e a emergência de novas unidades gramaticais, Hopper (1991) formula cinco princípios que podem contribuir para a caracterização desse processo, especialmente em sua fase inicial:

Estratificação: Em um amplo domínio funcional, novas camadas estão continuamente emergindo. Conforme isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, ao contrário, podem permanecer, coexistir e interagir com as camadas mais recentes.

Divergência: Quando uma unidade lexical muda para um clítico ou afixo, a unidade lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais comuns.

Especialização: Dentro de um domínio funcional, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível em um dado estágio. À medida que a gramaticalização ocorre, essa variedade de possibilidades formais diminui e um número menor de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais.

Persistência: Quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma

¹²⁵ Hopper (1991) ressalta a importância do trabalho de Lehmann na descrição de parâmetros de GR, contudo observa que tais parâmetros são mais aplicáveis a estágios avançados do processo, quando as mudanças envolvem morfologização. Hopper sugere que para os estágios iniciais do processo, outros cinco princípios, suplementares aos de Lehmann, devem ser considerados.

função gramatical, mesmo tendo um papel gramatical, alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a aderir a ela e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos em sua distribuição gramatical.

Decategorização: Gramaticalização sempre envolve uma perda em termos de categoria e prossegue na seguinte direção: nome e verbo > outra categoria, nunca o contrário ¹²⁶ (HOPPER, 1991, p. 22, grifo da tradução).

Esses princípios já foram aplicados por Valle (2001) na análise de *sabe?*, *entende?* e *não tem?* e acreditamos que eles sejam extremamente importantes para a observação dos estágios de GR dos RADs em estudo e para a nossa proposta de reconstituição de suas trajetórias de mudança.

O **princípio da estratificação**, ou seja, da possibilidade de coexistência de camadas em um mesmo domínio funcional, está ligado à relação variação-mudança-variação, já que formas inovadoras e antigas passam a conviver e disputar espaço tanto na fala dos indivíduos quanto nas manifestações linguísticas observadas em comunidade (cf. TAVARES, 2003). Acreditamos que a estratificação possa refletir também aspectos ligados a questões estilísticas, na medida em que tanto as formas inovadoras quanto as antigas podem apresentar nuances de significado associadas a características do ambiente, da situação de

¹²⁶ “Layering: Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded but may remain to coexist with and interact with the newer layers. Divergence: When a lexical form undergoes change to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items. Specialization: Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible. As grammaticalization occurs, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings. Persistence: When a form undergoes grammaticalization from a lexical to a grammatical function, so long as it continues to have a grammatical role, some traces of its original lexical meanings tends to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in its grammatical distribution. Decategorialization: Grammaticalization always involves a loss of categoriality and proceeds in the following direction: Noun and Verb > another category, never the reverse.”

comunicação, do indivíduo, entre outras, que, em certos contextos, condicionem a preferência por uma forma ou por outra.

Aplicando esse princípio aos RADs em estudo nesta tese, observamos que *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*, marcadores discursivos originados dos verbos cognitivos *saber* e *entender* fixados em P2 – formas que existem e são produtivas em um papel mais lexical –, variam dentro do domínio funcional da *requisição de apoio discursivo*, servindo a propósitos de organização discursiva.

Através do **princípio da divergência**, coloca-se o foco no caráter multifuncional dos itens que passam pelo processo de GR e na possibilidade de múltiplas trajetórias para itens com a mesma origem lexical. O princípio em si aponta para a bifurcação de caminhos entre unidades que seguem a rota lexical > gramatical ao mesmo tempo em que podem se manter como elementos autônomos, mas destacamos ainda a possibilidade de caminhos múltiplos com resultados diversos para as unidades que seguem do lexical para o gramatical. Tal princípio explica a existência de polissemias ou de formas etimologicamente iguais, embora funcionalmente distintas.

Apesar dos itens em análise não terem passado por mudanças morfológicas avançadas, como é o caso de clíticos ou afixos, ressaltamos a permanência dos itens lexicais de origem como unidades autônomas na língua – por exemplo, o verbo *saber*, que com o sentido “conhecer” teria dado origem ao uso como MD, continuou em uso como unidade lexical, desenvolvendo novas polissemias (e.g. reter na memória, ser erudito). Além disso, o uso como RADs, como é o caso de *sabe?*, por exemplo, pode ter derivado de duas trajetórias paralelas e não excludentes – uma em que o verbo, ao incidir sobre referentes (*Sabe o prédio da Reitoria?*), assume o papel de *focalizador* e posteriormente é deslocado para a posição final (*O prédio da Reitoria, sabe?*) e outra em que o verbo como cabeça de construção interrogativa é usado após informações novas com o papel de *checar o conhecimento* (Eu fui morar na Rua Vidal Ramos. *Sabes onde é que é a Rua Vidal Ramos?*) e após vários apagamentos aparece sozinho após a informação (Eu fui morar na Rua Vidal Ramos, *sabe?*) (VALLE, 2001).

De acordo com o **princípio da especialização**, em estágios iniciais do processo de GR, onde os significados das formas ainda apresentam-se mais concretos, pode haver um número expressivo de formas com diferentes nuances semânticas em um mesmo domínio

funcional, mas, com o avanço do processo, dá-se lugar a um número mais restrito de formas¹²⁷ com significado mais geral, ou seja, mais abstrato. *Entende?* tem se especializado em contextos argumentativos e com a função de foco sobre a opinião do falante, enquanto *sabe?*, de uso mais generalizado, mostra-se como candidato mais adequado para assumir funções abstratas dado seu caráter menos marcado (VALLE, 2001).

O princípio da persistência merece destaque, pois prevê que, pelo menos em alguns estágios do processo, traços semânticos da forma original (item fonte) são mantidos na forma gramaticalizada (item alvo)¹²⁸. Formulado como está, o quarto princípio parece atuar em uma só direção, ou seja, traços do léxico aderindo ao uso gramatical. Contudo, acreditamos que para os objetivos desta pesquisa há a necessidade de ampliação do princípio, podendo ser pensado menos em termos direcionais no sentido item fonte>item alvo e mais em termos de interdependência léxico-gramática.

Antes de mais nada, é importante relativizar a aparente separação entre léxico e gramática. O próprio processo de GR evidencia a clara existência de um *continuum* entre esses dois polos, ou seja, quando uma unidade lexical ganha características gramaticais isto não se dá de forma abrupta ou repentina. O processo envolve um gradiente de formas e funções que podem se sobrepor. Visto desse modo, o contínuo léxico-gramática e o próprio processo de GR não devem ser tomados como uma sequência linear de mudanças, mas como processo complexo em que ambiguidades e sobreposições funcionais são esperadas (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Castilho (1997) vai além ao afirmar que as palavras, mesmo fora do enunciado, dispõem de propriedades gramaticais, semânticas e discursivas que apenas aguardam por ativações feitas no uso para assumirem certa funcionalidade na língua, e Hopper (1998) parece caminhar nesta mesma direção ao propor que:

¹²⁷ Pode haver até mesmo a cessação da variação com a permanência de apenas uma das formas e o desaparecimento das demais. Este é o caso da variação, no francês de Quebec, entre *mettons* e *par exemple* no domínio funcional da *exemplificação*, em que o primeiro item se especializa no referido domínio, enquanto o segundo assume um outro papel no domínio da *oposição* (VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993).

¹²⁸ Este princípio contrapõe-se à visão de GR como perda, em que o ganho gramatical necessariamente acarretaria esmaecimento semântico (*semantic bleaching*).

Gramaticalização pode ser pensada como uma narrativa de salvação. **É a tragédia de itens lexicais jovens e puros de coração, mas que carregam dentro de si a fatal falha do pecado original**; seu inexorável enfraquecimento, já que vivem no mundo corrupto do discurso; sua queda nas garras da gramática; e a sua eventual redenção nas águas claras da pragmática¹²⁹ (HOPPER; 1998, p. 147, grifo da tradução).

O que Hopper sugere ao mencionar a “fatal falha do pecado original” é a presença de propriedades já funcionais nos item ainda enquanto unidades lexicais. Este olhar para a interdependência léxico-gramática pode não parecer muito distinto da descrição inicial do princípio da persistência, mas tem grandes implicações para o direcionamento das mudanças em que os RADs estão envolvidos. Estamos considerando que não somente traços semânticos do item fonte aderem ao item alvo, como também o próprio item fonte já carrega em si propriedades funcionais que direcionam e regem as possibilidades de mudança até o item alvo.

Waltereit (2011) inclui a perspectiva do falante nessa questão ao descrever as mudanças do advérbio francês *bien* até seu uso como marcador discursivo. O autor amplia a teoria da *Invisible Hand* de Keller (1990) para além das mudanças lexicais, sugerindo que a gramática é o resíduo das estratégias linguísticas usadas pelos falantes, os quais preferem uma ou outra construção a depender de suas vantagens retóricas ou comunicativas. Sendo assim, itens lexicais e construções em geral teriam certo potencial argumentativo ou usos estratégicos possíveis no discurso e os falantes, tirando vantagem disso, poderiam convencionalizar certos usos. O resultado da mudança vai depender do potencial argumentativo e estratégico do item fonte e das estratégias usadas pelos falantes.

Resumindo o que tratamos até aqui e dialogando com os itens em análise, propomos lidar com um princípio de persistência ampliado, como esquematizamos no quadro abaixo:

¹²⁹ “Grammaticalization can be thought of as a salvation narrative. It is the tragedy of lexical items young and pure in heart but carrying within them the fatal flaw of original sin; their inexorable weakening as they encounter the corrupt world of Discourse; their fall into the Slough of Grammar; and their eventual redemption in the cleaning waters of Pragmatics.”

Quadro 4: Princípio da persistência ampliado

Princípio da persistência ampliado	Os RADs em relação ao princípio da persistência ampliado
1) Traços semânticos do item fonte persistem no item alvo.	A presença de estímulos após os RADs e de respostas completas como “entendi” após o uso de <i>entende?</i> , por exemplo, evidenciam a presença de traços semânticos do item fonte no item alvo. Além disso, o tipo de funcionalidade desenvolvida pelos itens como RADs – que atuam como focalizadores de partes do texto, responsáveis por checar o conhecimento do falante e colaborar com o processamento da informação – é, de modo abstrato, resquício do caráter ideacional do verbo de cognição relacionado a processos mentais.
2) Propriedades funcionais já existentes no item fonte persistem, direcionando os rumos da mudança até o item alvo.	O fato de verbos de cognição em várias línguas darem origem a itens discursivos (como vimos no cap. 1), por exemplo, <i>y'know?</i> , <i>me entendes?</i> , <i>cachái, tu sais?</i> , <i>tu comprends?</i> , indica que este tipo de verbo, ainda como unidade lexical, pode conter propriedades funcionais que impulsionam um certo tipo de mudança em várias línguas.
3) As estratégias discursivas originais usadas pelos falantes persistem no item alvo.	Ao usar os itens em análise em contextos de atos de fala diretivo, carregados de intersubjetividade inerente, os falantes direcionam a mudança e esta estratégia de uso inicial permanece marcada no item alvo, através da propriedade de interlocução inerente aos RADs.

Por fim, o **princípio da decategorização**, último a ser descrito, pode ser mais bem caracterizado se compreendido em termos de recategorização, ou seja, o item em GR perde traços da categoria-fonte para ser recategorizado de acordo com as propriedades da categoria-alvo.

Os itens em análise perdem características de verbos plenos, assumindo novas propriedades da categoria dos RADs: a) fixação da forma – fixação da forma em P2 (para o caso de *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendesse?*, entre outros); b) redução fonética – em muitos casos os itens em análise apresentam formas reduzidas e pronúncia acelerada como, por exemplo, *tendesse?* no lugar de *entendesse?* e *tendeu?* no lugar de *entendeu?*; c) maior mobilidade sintática e de

escopo – os RADs geralmente são pospostos àquilo que focalizam, o que muitas vezes pode corresponder a grandes porções de texto, e sua mobilidade é ampliada em relação ao seu uso na categoria-fonte, podendo ocorrer no final de proposições ou mesmo intra-constituintes (A filha, *sabe?*, do João), ainda que com menor frequência.

Os parâmetros de GR propostos por Heine e Kuteva (2007) também são levados em conta na presente tese, embora saibamos que em alguns momentos tais parâmetros e os princípios acima descritos se sobrepõem ou se intersectam, como é o caso da *deategorização* e da *erosão* que descrevemos abaixo juntamente com os demais:

- a. **extensão**, isto é, o surgimento de novos significados gramaticais quando expressões linguísticas são estendidas a novos contextos (interpretação induzida pelo contexto)
- b. **dessemantização** (ou “apagamento semântico”), isto é, perda (ou generalização) de significado
- c. **deategorização**, isto é, perda de propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou de outras formas menos gramaticalizadas
- d. **erosão** (“redução fonética”), isto é, perda de substância fonética¹³⁰ (HEINE; KUTEVA, 2007, p. 34, grifo da tradução).

Os autores ressaltam os ganhos pragmáticos e também a aquisição das propriedades estruturais de outros domínios a partir dos usos em novos contextos. Os parâmetros propostos integram aspectos pragmáticos (extensão), semânticos (dessemantização), morfossintáticos (deategorização) e fonéticos (erosão) organizados diacronicamente na direção extensão> dessemantização> deategorização> erosão, ou seja, quanto mais uma forma avança no processo de GR, mais afetada será pelos parâmetros assim ordenados. Ressaltamos, no entanto, que tal ordenação não é absoluta nem matematicamente precisa e acreditamos que pode haver casos em que

¹³⁰ “a. extension, i.e. the rise of new grammatical meanings when linguistic expressions are extended to new contexts (context-induced reinterpretation); b. dessemanticization (or “semantic bleaching”), i.e. loss (or generalization) in meaning content; c. decategorialization, i.e. loss in morphosyntactic properties characteristic of lexical or other less grammaticalized forms; d. erosion (“phonetic reduction”), i.e. loss in phonetic substance.”

múltiplas forças atuem e os parâmetros sejam aplicados de forma não tão ordenada.

Dos quatro parâmetros, a extensão é aquele que mais nos interessa destacar no momento, já que enfatiza os ganhos e congrega três componentes que – ao mesmo tempo em que promovem um diálogo entre teorias – julgamos estar atuando diretamente sobre os RADs em análise: a) o componente sociolinguístico, que vincula o início da GR ao uso inovador de formas ou construções feito por um ato individual e replicado por outros falantes até atingir uma comunidade de fala inteira; b) o componente pragmático-discursivo, que envolve a extensão de um contexto habitual para novos contextos e o posterior espraiamento para contextos de uso mais gerais; c) o componente semântico, que está associado à troca de significados antigos por novos significados, impulsionada pelo novo contexto de uso¹³¹.

Vale destacar ainda que relacionada a todos os princípios e parâmetros até aqui comentados está a frequência de uso das formas em GR. Embora Bybee (2003) considere que a alta frequência de uso seja apenas indício de GR e não resultado dela ou motivação, a autora evidencia a importância do aumento da frequência no enfraquecimento de forças semânticas, nas alterações e mudanças fonológicas, na autonomia das formas e em sua extensão de uso para novos contextos.

Heine e Kuteva (2007) também enfatizam o papel da frequência de uso na extensão para novos contextos e na redução das formas em GR, além de apontarem que o aumento da frequência está relacionado ao uso obrigatório de itens que eram de utilização opcional. Contudo, alertam para a falta de evidências que atestem que a frequência seja diretamente responsável pela GR, ou mesmo que formas gramaticalizadas sejam mais usadas que os itens dos quais se originaram¹³².

¹³¹ Vale destacar ainda que se, por um lado, Heine e Kuteva (2007) propõem um parâmetro voltado à dessemantização, envolvendo perdas ou generalizações semânticas, por outro lado, propõem o parâmetro da extensão em que, em estágios iniciais da mudança, semântica e pragmática são dois lados da mesma moeda e novos significados são decorrentes de novos contextos de uso.

¹³² Para ilustrar essa afirmação, os autores mencionam que a observação de vários casos de GR sugere que, no geral, não são as formas mais frequentes de uma língua que servem de itens-fonte para a mudança (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991). Além disso, as formas gramaticalizadas nem sempre figuram como as mais frequentes. O verbo alemão *drohen*, por exemplo, é usado quase duas vezes mais como verbo principal (significando *ameaçar*) do

A frequência de uso, apesar de relevante, parece ser muito mais produto do que propriamente motivação para a mudança, ideia corroborada por Traugott (2010c) que, se por um lado, sugere que a frequência de uso possa ser encarada como motivação para a GR – já que a repetição é um importante fator para a fixação, congelamento e automatização das formas –, por outro lado chama a atenção para o fato de que deve haver alguma outra motivação para o aumento da frequência.

3.1.2.3 MOTIVAÇÕES: INOVAÇÃO EM CONTEXTOS DIALOGAIS E FORÇAS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS

O parâmetro da extensão proposto por Heine e Kuteva (2007), como vimos na subseção anterior, considerado como o primeiro passo das formas em GR, é composto por forças de caráter sociolinguístico, pragmático e semântico. É a partir dessa tríade que procuramos entender as motivações das mudanças envolvendo itens discursivos de natureza interacional: acreditamos que o *input* para mudanças desse tipo está no uso inovador de indivíduos em situação de comunicação, especialmente em contextos de trocas de turno, e nas forças semântico-pragmáticas que atuam, grosso modo, nas trocas de significados e em extensões contextuais.

Para Traugott, “[...] a mudança é resultado de interação estratégica, especificamente de escolhas feitas por parte dos falantes/escreventes na negociação interacional com os ouvintes/leitores”¹³³ (TRAUGOTT, 2002, p. 21). Segundo a autora, as mudanças i) surgem em contextos de interação quando indivíduos buscam ser expressivos usando formas inovadoras; e ii) são implementadas quando a inovação é adotada por outros. O foco de seus estudos mais recentes está no diálogo, mais precisamente na emergência de construções gramaticais em contextos dialogais e dialógicos (2008, 2010b).

A autora considera que contextos dialógicos e dialogais são o *locus* propício para a mudança: **contexto monológico-dialógico** tem a

que como auxiliar modal-aspectual (indicando que *algo indesejável está prestes a acontecer*) (HEINE; KUTEVA, 2007).

¹³³ “[...] change is the result of strategic interaction, specifically of choice-making on the part of speakers/writers in interactional negotiation with addressees/readers.”

ver basicamente com os pontos de vista invocados em situação de comunicação (um ou dois) e **contexto monologal-dialogal** refere-se ao número de falantes (um ou dois) e à presença ou ausência de turnos de fala. O quadro abaixo, além de esclarecedor, evidencia não só a distinção, como também a estrita relação entre os dois contextos:

Quadro 5: Diferenciando contextos dialogais e dialógicos

Número de falantes	Número de pontos de vista no contexto	
Um: monologal	Um: monologal/monológico	Dois: monologal/dialógico
Dois: dialogal	Um: dialogal/monológico	Dois: dialogal/dialógico

Fonte: baseado em SCHWENTER (2000 *apud* TRAUGOTT, 2008, p.3)

O interesse maior de Traugott tem sido os contextos dialógicos, em que os falantes contestam, refutam ou constroem um argumento para conclusões diferentes. Esse tipo de contexto – no qual é comum o uso de expressões que indexam algum grau de dialogicidade¹³⁴ – é visto pela autora como motivador de mudança, como é o caso para as construções ALL- e WH- *pseudo-clefts* e também para o epistêmico *in fact* que surge da semantização de contextos dialógicos de contestação.

Dadas as características dos RADs, nosso interesse maior está nos contextos dialogais como motivação para a mudança. O desenvolvimento de MDs em italiano a partir de verbos no imperativo é discutido por Waltereit (2006) dentro do contexto das trocas de turno. A mudança por implicatura tem início quando os falantes usam elementos de chamada de atenção de modo ilegítimo, por exemplo, *Guarda!* (*Olha!*), quando não há o que olhar, e *diciamo* (*digamos*), quando os interlocutores não estão engajados em fala simultânea. Seguindo nessa mesma direção, os RADs em análise parecem apresentar comportamento semelhante, já que os falantes fazem uso de elementos que checam a compreensão quando a intensão é apenas manter contato com o interlocutor ou organizar porções discursivas.

Também tomando como motivação contextos dialogais, os trabalhos de Waltereit e Detges (2007) e de Waltereit (2011) propõem que o desenvolvimento de *bien* (*bem*) como MD em francês deriva de usos em contextos de negociação (“o que eu acredito que você acredita sobre a felicidade do meu ato de fala?”). Este caso também nos interessa, pois os RADs também são comuns em contextos de trocas de

¹³⁴ Traugott (2010b) ressalta que poucas formas são puramente monológicas (por exemplo *e*, indicando acordo ou adição).

turno e apresentam um comportamento muito similar ao de *bien*, conforme ilustra o trecho abaixo:

- (49) Vous avez **bien** reçu mon message?
 Você recebeu a minha mensagem, **não é?** (WALTEREIT; DETGES, 2007, p.63)

Considerando, portanto, que a mudança categorial verbo>RAD pode ter sido impulsionada pelo uso dos itens em contextos dialogais, também nos interessa tratar das motivações semântico-pragmáticas¹³⁵ envolvidas no processo de GR nos níveis¹³⁶: i) cognitivo – relacionado a generalizações e mudanças de significado, via transferência metafórica¹³⁷; e ii) comunicativo – relacionado à semantização de implicaturas conversacionais ou inferências sugeridas, via metonímia¹³⁸, que provoca uma reinterpretação induzida pelo contexto .

¹³⁵ Tomamos semântica e pragmática em um só termo por acreditarmos, tal como Hopper e Traugott (2003), que estas duas áreas caminham juntas. Suas fronteiras, se existem, são tênues e cada vez mais as pesquisas têm demonstrado a integração entre esses dois lados de uma mesma moeda (HEINE; KUTEVA, 2007). Contudo, sabemos que algumas pesquisas focam prioritariamente aspectos semântico-cognitivos – como Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), por exemplo, ao enfatizar a mudança metafórica – enquanto outras destacam motivações pragmático-comunicativas – como Traugott e König (1991), por exemplo, ao enfatizar o pensamento conceitual metonímico. Desse modo, ao nos referirmos aos trabalhos de outros autores podemos oscilar na nomenclatura para essas duas dimensões linguísticas, ora estabelecendo fronteiras mais claras, ora promovendo a integração, a depender da perspectiva em jogo.

¹³⁶ Para Traugott (1988), dois tipos de inferência estão envolvidas no processo de GR: i) a metáfora, relacionada à solução de problemas de representação e que é dominante no desenvolvimento de marcadores espaciais para marcadores temporais (*before* e *after*); ii) a metonímia (em uma concepção alargada), que está ligada à solução de problemas de informatividade e relevância na comunicação, envolvendo o fortalecimento pragmático, e é comum no desenvolvimento de conectivos (*since* de temporal para causal), de partículas escalares (*mere* e *just*) e de evidenciais (*I heard that he left* > *I hear he left*).

¹³⁷ Hopper e Traugott (2003) consideram a metáfora como o entendimento e a experiência de um tipo de coisa em termos de outra no sentido concreto > abstrato. Os autores assinalam que os processos metafóricos, tradicionalmente considerados semânticos, também são pragmáticos, já que, em grande medida, são baseados no uso.

¹³⁸ Para Hopper e Traugott (2003), as mudanças metonímicas são as que apontam para relações de contiguidade em contextos linguísticos.

Sweetser (1990), mais preocupada com aspectos cognitivos da mudança, postula a partir da metáfora *Mind-as-body* (mente-como-corpo) que as mudanças semânticas são unidirecionais, envolvendo sempre maior ganho de abstração e nunca o contrário. A ideia central de sua proposta é que os usos metafóricos de um mesmo item em diferentes domínios conceituais, que dão origem a formas polissêmicas, podem ser organizados em uma trajetória unidirecional concreto>abstrato ou corpo>mente, refletindo, mesmo na sincronia, os processos diacrônicos de mudança de sentido pelos quais o item passou.

Para a autora, essa transferência metafórica “[...] é muito provavelmente motivada pelas correlações entre nossa experiência externa e nossos estados internos cognitivos e emocionais [...]”¹³⁹ e é organizada unidirecionalmente em três grandes domínios conceituais: conteúdo (sócio-físico) > epistêmico (raciocínio lógico) > conversacional (ato de fala)¹⁴⁰. Um exemplo é o caso do modal *may* (obrigação sócio-física) mapeado como um tipo de obrigação no mundo mental e como um ato de fala no mundo do discurso (SWEETSER 1990).

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), em sintonia com a proposta acima descrita, também estabelecem um *cline* direcional e escalar de transferências metafóricas a partir de vários domínios da experiência humana:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

As relações entre os domínios são metafóricas na medida em que um pode conceituar o outro, desde que se mantenha a direcionalidade concreto > abstrato. Os autores relacionam esse tipo de transferência metafórica como o processo de GR, já que, quanto mais à direita no cline, mais abstrata é a forma e, portanto, mais gramaticalizada.

Um aspecto fundamental nessa perspectiva é o entendimento de que, sendo a GR um processo contínuo, as transferências conceituais não ocorrem abruptamente, já que sobreposições e ambiguidades são esperadas no meio do percurso. Essa postura leva à criação do conceito de *cadeias de GR*, através do qual o movimento de transferências é

¹³⁹ “[...] is very probably motivated by correlations between our external experience and our internal emotional and cognitive states [...]”

¹⁴⁰ Vale destacar que a autora propõe um diálogo entre a sua organização dos três domínios conceituais amplos com o movimento de Traugott (1982) no sentido proposicional > textual > expressivo, aproximando o nível proposicional ao sócio-físico e indicando conexões parciais entre textual e epistêmico.

mantido ($A > B$), mas se admite pontos de conexão entre domínios ($A > [AB] > B$)¹⁴¹. Tal estrutura indica que na transição de uma unidade conceitual A para B há um estágio intermediário AB onde traços de A e B coexistem.

Nesse sentido, os autores sugerem que o processo de GR integra: i) uma macroestrutura de natureza cognitiva, em que a passagem de um domínio I para um domínio II, de modo discreto, é feita via transferência metafórica (por similaridade ou analogia); e ii) uma microestrutura de natureza pragmática, em que a passagem de um domínio para outro se dá em um *continuum* através das *cadeias de GR*, provocando – via processo metonímico, implicatura conversacional e reforço pragmático – uma reinterpretação induzida pelo contexto¹⁴².

Vejam a representação esquemática do modelo proposto pelos autores:

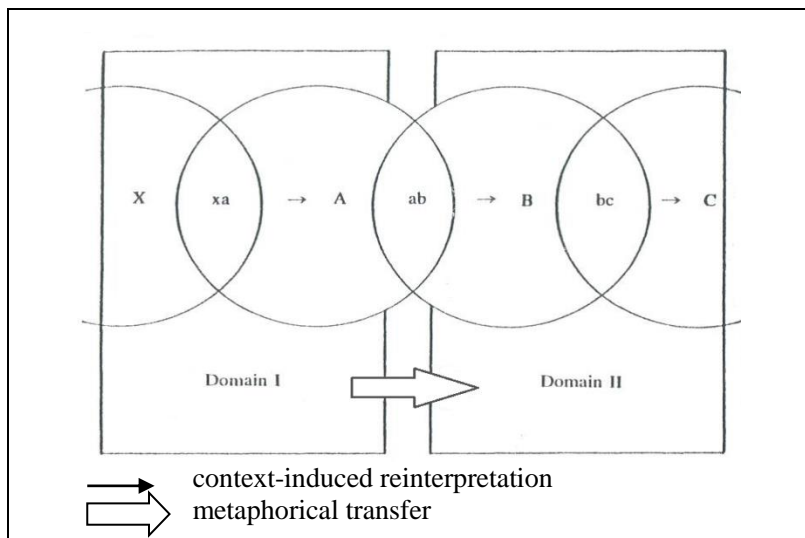


Figura 6: Modelo metafórico-metonímico proposto por Heine, Claudi e Hünne Meyer
Fonte: HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER(1991, p. 114)

¹⁴¹ A noção de cadeias de GR de Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991) é compatível com a noção de protótipos de Givón (1984, 2001, 2005), já mencionada na subseção 3.1.1.2.

¹⁴² Nesse sentido, componentes metafóricos e metonímicos fazem parte dos processos de GR– que levam do conceitual (concreto) para o gramatical (abstrato) – e, vistos de forma integrada, garantem que não haja saltos descontínuos entre domínios conceituais.

Como exemplo da aplicabilidade do modelo metafórico-metonímico, Heine (1992) cita o caso de *be going to* em que: a) o *modelo de reinterpretação induzida pelo contexto* explica, na sincronia e na diacronia, muitas extensões em níveis micro, inclusive as múltiplas situações de ambiguidades e sobreposições entre os sentidos de movimento físico, intenção e predição; b) o modelo da transferência metafórica explica a mudança no nível macro de um sentido concreto de movimento pra uma função gramatical abstrata de futuridade.

Mais voltada para os aspectos pragmáticos do processo de GR situa-se a *Invited Inferencing Theory of Semantic Change*¹⁴³ (TRAUGOTT, 2002; TRAUGOTT; DASHER, 2003) – desenvolvida a partir na noção de convencionalização de implicaturas de Grice ([1975]1989) – que amplia a noção de ‘inferência sugerida’ para além do conceito de ‘implicatura’ ao integrar tanto a ação estratégica do falante (sugestão – *invited*) quanto a contraparte do ouvinte (inferência – *inferencing*). Ademais, especificando ainda mais os processos semântico-pragmáticos que motivam a GR, Traugott e seus colegas pesquisadores fazem distinção entre as ‘inferências sugeridas’ (*invited inferences*), que não são salientes na comunidade, e as ‘inferências sugeridas generalizadas’ (*generalized invited inferences*) que são bem estabelecidas. A hipótese central vinculada a essa perspectiva é a de que a maioria dos casos de GR tem origem em inferências sugeridas (de natureza pragmática) que vêm a ser semanticizadas.

Heine e Kuteva (2007) questionam o status da inferência sugerida como principal motivadora das mudanças via GR. Os autores afirmam haver dois fatores atuantes nas mudanças contextuais: i) a generalização semântica, através da qual novos contextos implicam um significado mais geral; e ii) inferência sugerida, em que novos contextos sugerem novos significados. Para ilustrar essa problemática temos o seguinte exemplo:

- (50) a. John died **in** London. – John morreu em Londres.
- b. John died **in** Iraq. – John morreu no Iraque.
- c. John died **in** a car accident. – John morreu em um acidente de carro.

¹⁴³ Essa abordagem, em contraste com a abordagem de Sweetser, não se interessa apenas pelo mapeamento metafórico discreto (origem>alvo da mudança), mas também, e principalmente, pelos processos inferenciais que atuam no fluxo do discurso, na gradiência provocada por novos contextos.

Os autores argumentam que em (a) e (b) *in* é usado em sua função canônica de preposição espacial, mas isso não se aplica a (c) onde o sentido já é mais geral, indicando o evento como causa da morte de John. Eles nos fazem notar que o que impulsiona o uso da preposição para uma função causal são contextos como em (b) onde ambas as funções são possíveis. Esse processo, entendido pelos autores como generalização semântica, é, segundo eles, o tipo de processo que motiva a maior parte dos casos de GR.

Polêmicas à parte, para os propósitos desta tese a proposta de Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991) ainda nos parece bastante atualizada e completa, na medida em que lida com as inferências metafóricas e metonímicas como processos complementares, integrando aspectos cognitivos e comunicativos para a motivação das mudanças semântico-pragmáticas via GR. Além disso, o olhar mais aprofundado da abordagem da *Invited Inferencing Theory of Semantic Change* para as micro-alterações discursivas e com mais relevo à díade falante-ouvinte também nos parece terreno fecundo para a descrição do processo de mudança dos RADs em análise.

Apesar de não ser o foco das discussões desta seção, vale mencionar ainda que Traugott (2002) destaca que a analogia e a reanálise são importantes mecanismos de mudança de unidades em GR. Enquanto processos metafóricos estão associados à analogia, processos metonímicos são vinculados à reanálise por serem dependentes do contexto e esses dois mecanismos são responsáveis por guiar e restringir a convencionalização das implicaturas conversacionais que se originam na conversação. Além deles, a subjetivização – mecanismo pelo qual significados passam a codificar ou externalizar perspectivas/attitudes do falante – e a intersubjetivização – mecanismo pelo qual significados são baseados na atenção do falante em relação à imagem do ouvinte – também são processos cada vez mais utilizados para explicar a mudança de itens discursivos e são tratados na subseção seguinte.

3.1.2.4 TRAJETÓRIAS

O termo “gramaticalização”, dada sua origem, evoca, a princípio, trajetórias de mudança categorial no sentido léxico > gramática. A descrição desse tipo de trajetória – que costuma ter como contraparte o enfraquecimento semântico e a redução fonética – já inicia em Meillet (1948 [1912]), o qual cunhou o termo para lidar essencialmente com mudanças categoriais do lexical para o gramatical, resultando na trajetória:

léxico > sintaxe > morfologia. Givón (2011 [1979])¹⁴⁴, por sua vez, dando ênfase à pragmática como gênese da sintaxe e da morfologia, propõe uma trajetória de mudança categorial de caráter cíclico e unidirecional, com foco em reduções contínuas:

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

Para os propósitos desta tese, além de estarmos interessados na mudança categorial de verbos plenos para a categoria funcional de MDs, também interessam as mudanças semântico-pragmáticas motivadas pelos processos já discutidos na seção anterior.

Traugott (1982, 1989) propõe a trajetória *proposicional* > (*textual*) > *expressivo*, que tem como ponto de partida as funções da linguagem (ideacional, textual e interpessoal) postuladas por Halliday e Hasan (1976)¹⁴⁵. A autora sugere que nas mudanças via GR exista uma passagem do componente proposicional via textual para o expressivo, ou diretamente do componente proposicional para o expressivo. Tal trajetória é associada mais tarde a três tendências de mudança semântico-pragmática:

Quadro 6: As três tendências de mudança semântico-pragmáticas postuladas por Traugott e König

<p>Tendência I – significados baseados na situação descritiva externa > significados baseados na situação interna (avaliativa/perceptual/cognitiva);</p> <p>Tendência II – significados baseados na situação externa ou interna > significados baseados na situação textual;</p> <p>Tendência III: significados tendem a ser gradualmente mais situados nas crenças, estados/attitudes subjetivas do falante em relação à situação.</p>
--

Fonte: adaptado de TRAUOGOTT; KÖNIG (1991, p. 208-209).

¹⁴⁴ A perspectiva de Givón de que *a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem* serviu de lema para muitos dos estudos empreendidos pelo pesquisador sobre a tipologia gramatical na década de 1970. Conforme o autor passa a dar cada vez mais relevo à pragmática como base para a estrutura linguística, o novo mote de seus trabalhos da década seguinte passa a ser que *a sintaxe de hoje é a pragmática discursiva de ontem*.

¹⁴⁵ Para Halliday e Hasan (1976), usamos a linguagem para: (i) falar sobre nossa experiência de mundo, inclusive os mundos mentais, descrevendo situações e entidades envolvidas – função ideacional; (ii) interagir com outras pessoas, estabelecendo e mantendo contato com elas, seja para influenciá-las ou para expressar nossos pontos de vista – função interpessoal; (iii) organizar a mensagem ajustando-a a outras mensagens e ao contexto mais amplo – função textual. A depender de mudanças contextuais, a relação entre as três funções, que atuam simultaneamente em todos os níveis gramaticais, pode se alterar, com proeminência ora de uma ora de outra função em diferentes situações discursivas.

A trajetória *proposicional* > (*textual*) > *expressivo* é questionada por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991). Os autores concordam com a direção *proposicional* (ou *ideacional*) > *textual* das mudanças em GR, mas problematizam o ponto de chegada *expressivo*. Para eles, *expressivo*, usado por Traugott, não é equivalente à função *interpessoal* nos termos de Halliday e Hasan, pois abarca apenas o componente interacional voltado para o falante, suas crenças e atitudes sobre o que é dito, deixando de lado o componente interacional voltado para o ouvinte.

Nesse sentido, segundo Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Traugott estaria propondo que a função textual fosse adquirida antes da expressiva por considerar apenas o componente voltado para o falante. Em contrapartida, eles evidenciam que o desenvolvimento de pronomes interrogativos como *who?* ou *which?* – em que há uma função interpessoal voltada para o ouvinte – para a função mais textual de pronomes relativos inviabilizaria a trajetória proposta por Traugott. Os autores propõem a trajetória *ideacional* > *interpessoal* > *textual*, também inspirada nas funções da linguagem para os itens em GR.

Em trabalho anterior, os RADs foram tratados através da trajetória proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), já que é a partir da inserção em contextos interrogativos de atos de fala diretos, envolvendo o componente voltado para o ouvinte, que *sabe?*, *entende?* e *não tem?* passam, com forma fixa e posição variada, a atuar como elementos focalizadores multifuncionais que auxiliam na organização do discurso oral (VALLE, 2001). Contudo, como veremos adiante, os estudos de Traugott sobre subjetivização ampliam e redefinem vários aspectos ligados à trajetória inicialmente sugerida por ela e nos parecem a melhor proposta para o tratamento dos RADs em análise.

(INTER)SUBJETIVIZAÇÃO

Traugott (1999, 2010a) defende a existência de dois processos de mudança que são independentes do processo de GR, ainda que haja intersecções:

Subjetivização é o processo semasiológico pelo qual significados vêm ao longo do tempo a codificar ou externalizar as perspectivas e atitudes do falante restringidas pelo mundo comunicativo do evento de fala, mais do que pelo chamado

‘mundo real’ do evento ou situação referida¹⁴⁶ (TRAUGOTT; 1999, p. 01, grifo da tradução).

Intersubjetivização é o processo semasiológico pelo qual significados vêm ao longo do tempo a codificar ou externalizar implicaturas considerando a atenção do falante para com o ‘eu’ do ouvinte em um sentido epistêmico e social¹⁴⁷ (TRAUGOTT; 1999, p. 03, grifo da tradução).

Em 2003, Traugott acrescenta um ingrediente novo, definindo intersubjetivização como “[...] o desenvolvimento de marcadores que codificam a atenção do falante (ou escrevente) para as posturas cognitivas e **identidades sociais do destinatário**”¹⁴⁸ (TRAUGOTT, 2003 *apud* TRAUGOTT, 2012, p. 9, grifo da tradução).

Antes de irmos adiante, é necessário distinguir os processos de (inter)subjetivização da (inter)subjetividade inerente aos contextos comunicativos. Traugott (2010a) assinala que a simples existência de comunicação entre as pessoas já pressupõe (inter)subjetividade. Essa característica contextual inerente também é relevante, na medida em que pode atuar como motivação para a mudança, mas o foco da autora está nos marcadores e expressões linguísticas que indexam subjetividade e intersubjetividade e nos processos envolvidos na emergência desses itens. É importante também assinalar que quando Traugott se refere a formas subjetivizadas ou intersubjetivizadas, está considerando formas que já passaram pelos processos de subjetivização ou intersubjetivização, ou seja, já têm em si significado subjetivo ou intersubjetivo codificado. Compusemos o quadro abaixo para nos auxiliar a sistematizar melhor toda a especificidade terminológica usada pela autora:

¹⁴⁶ “Subjectification is the semasiological process whereby meanings come over time to encode or externalize the SP/W's perspectives and attitudes as constrained by the communicative world of the speech event, rather than by the so-called "real-world" characteristics of the event or situation referred to.”

¹⁴⁷ “Intersubjectification is the semasiological process whereby meanings come over time to encode or externalize implicatures regarding SP/W's attention to the "self" of AD/R in both an epistemic and a social sense.”

¹⁴⁸ “[...] development of markers that encode the Speaker's (or Writer's) attention to the cognitive stances and social identities of the Addressee.”

Quadro 7: Definição da terminologia associada aos processos de subjetivização e intersubjetivização

(Inter)subjetividade ¹⁴⁹	Característica do contexto comunicativo no qual se prevê expressão do agente locucionário e de suas próprias atitudes e crenças (subjetividade) e a expressão da atenção do falante para o “eu” do ouvinte (intersubjetividade).
Subjetivização	Processo de mudança através do qual há o desenvolvimento de significados que expressam a atitude ou ponto de vista do falante
Intersubjetivização	Processo de mudança através do qual há o desenvolvimento de significados baseados na atenção do falante em relação à imagem do ouvinte.
Formas subjetivizadas	Itens, expressões ou construções que passaram pelo processo de subjetivização e que, portanto, têm significado subjetivo codificado.
Formas intersubjetivizadas	Itens, expressões ou construções que passaram pelo processo de intersubjetivização e que, portanto, têm significado intersubjetivo codificado.

Fonte: Baseado nos conceitos de TRAUGOTT (1999, 2010a, 2012)

Traugott (2010a) investiga o desenvolvimento de *a piece of, a bit of, a shread of* de partitivos para modificadores de grau. Os itens inicialmente utilizados para referir a pequenas porções e, por extensão conceitual, a baixa qualidade, tornam-se – por conta da reanálise de avaliações escalares pragmaticamente inferidas do contexto através de metonímia conceitual – itens de polaridade negativa. Esse desenvolvimento é consistente com os processos de GR e subjetivização, ao passo que o falante não avalia apenas elementos em uma escala, mas a própria escala¹⁵⁰.

Quando o processo em questão é a intersubjetivização, significados intersubjetivos pragmáticos, inferíveis do contexto, são

¹⁴⁹ Conceito baseado nos trabalhos de Benveniste e Lyons.

¹⁵⁰ Para Traugott (2010a) polissemias subjetivizadas, ou seja, formas que passaram pelo processo de subjetivização, podem vir a codificar: a avaliação do outro (*silly* “abençoado, inocente” > “idiota, bobo”); posição relativa em uma escala (advérbios como *pretty* “habilidosamente > atrativamente > bastante”); atitude sobre a verdade da proposição (epistêmicos como *probably* “provably” > “provavelmente”); estrutura informacional (o topicalizador *as far as*); conectividade de cláusulas (*anyway*); responsabilidade sobre o ato de fala (*promisse* no seu uso ilocucionário); relação trecho/episódio de fala (*then* no seu uso como marcador discursivo).

codificados como parte da semântica do item. Tal processo é mais raro, mas quando ocorre também envolve reanálise semântica. Um exemplo é a seleção das formas de tratamento em japonês, que leva em conta, além da posição social do ser referido, a relação falante-ouvinte. As formas de tratamento honorífico *aguru* e *saburahu* codificam o reconhecimento por parte do falante de status de superioridade social àquele a quem se dirige e polidez¹⁵¹ (TRAUGOTT, 1999, 2010a).

Os processos de (inter)subjativização refletem a necessária subdivisão da função interpessoal (Cf. HALLIDAY; HASAN, 1976) em duas funções – uma subjetiva e orientada para o falante e outra intersubjetiva e orientada para o ouvinte –, dando origem a uma **trajetória de (inter)subjetividade**:

(X) não-/menos subjetivo -- subjetivo -- intersubjetivo
ideacional -- interpessoal
(TRAUGOTT, 2010a, p.4, grifo da tradução)

Tal cline que estabelece um *continuum* de (inter)subjetividade pode ser correlacionado aos processos, resultando em uma **trajetória de (inter)subjetivização**, ou seja, itens podem ser recrutados para codificar atitudes e crenças do falante (subjetivização) e uma vez subjetivizados, podem seguir adiante codificando significados centrados no ouvinte (intesubjetivização):

(X') não/menos **subjetivizado**> **subjetivizado**> **intersubjetivizado**
(TRAUGOTT, 2010a, p.5, grifo da tradução)

Traugott tem reforçado a ideia de que a intersubjetivização é posterior à subjetivização, pois é o falante que estrutura o enunciado e que recruta o significado para propósitos sociais dêiticos. A intersubjetivização não seria propriamente um mecanismo separado da subjetivização, mas sua extensão, motivado pela relação falante-ouvinte durante a situação comunicativa (TRAUGOTT, 1999, 2010a).

Segundo Traugott (2010a), nenhum dos dois processos necessariamente acarreta GR, mas pode haver forte correlação entre GR

¹⁵¹ Para Traugott (2010a) polissemias intersubjetivizadas, ou seja, formas que passaram pelo processo de intersubjetivização, podem vir a codificar: eufemismos (*the Lord* “Deus”, *pass* “morto”); polidez (*please* < formulado como *if you please*); preferências estilísticas; preferências de gênero; preferências de formas de tratamento; jogos retóricos segundo o qual o falante se coloca na posição do interlocutor; mudanças de “*habits of mind*”.

e subjetivização¹⁵² “[...] uma vez que gramaticalização envolve o desenvolvimento de marcadores de atitude do falante em relação ao componente ideacional e à conectividade textual (entre outras coisas)”¹⁵³ (TRAUGOTT, 2010a, p.21)¹⁵⁴.

Para os interesses desta tese, são muito relevantes as observações feitas por Traugott (2010a) em relação a *you see* (*you see*) e *y’know* (*you know*) itens que, embora (com sujeitos de P2 rotinizados) pareçam ser marcadores de intersubjetividade, são usados frequentemente para propósitos subjetivos, para negociar o significado em relação ao falante. A autora não descarta a possibilidade de que esses elementos desenvolvam significados intersubjetivos, via processo de intersubjetivização, mas salienta que seus usos atuais indicam que a intersubjetividade é do contexto e não está codificada nos itens em si¹⁵⁵.

Fitzmaurice (2004, *apud* TRAUGOTT, 2010a), interessada em *you see*, *y’know* e *you say* (*you say*), sugere que há mais um degrau do intersubjetivo para o ‘interativo’. Sua hipótese é que há uma micro-mudança em direção à ‘atenção para com o ouvinte’ quando esses itens são usados com a função de ‘manter a conversação e chamar a atenção do interlocutor’¹⁵⁶. Neste caso, poderíamos projetar uma trajetória de mudança com um ingrediente a mais, o interativo, que representaria um

¹⁵² Além disso, Traugott (2010a) sugere que a subjetivização ocorre mais provavelmente na *gramaticalização primária* (mudança do lexical para o gramatical) do que na *gramaticalização secundária* (desenvolvimento de material já gramatical em mais gramatical), já que no primeiro caso há o fortalecimento de inferências pragmáticas que emergem em contextos linguísticos bem específicos. Esse parece ser o caso dos MDs *indeed*, *in fact* e *actually*, analisados por Traugott e Dasher (2003).

¹⁵³ “[...] since grammaticalization involves the development of markers of speaker attitude toward the ideacional component and toward textual connectivity (among many other things)”

¹⁵⁴ Por outro lado, Traugott (2010a) sugere que a ligação entre GR e intersubjetivização seria menos comum, já que até aquela data poucos trabalhos envolvendo expressões de polidez, e que não saíam do domínio lexical, tinham sido desenvolvidos tratando desse processo.

¹⁵⁵ Traugott e Dasher (2003) destacam que mesmo construções imperativas, como *let’s* (como em *Let’s go, shall we?*), são um caso de subjetivização e não de intersubjetivização, apesar da intersubjetividade pragmática inerente ao contexto.

¹⁵⁶ Apesar de considerar que nos exemplos da autora os itens não apresentam significado intersubjetivo codificado, Traugott concorda que parece estar emergindo, em contextos de intersubjetividade, um significado pragmático.

passo adiante na mudança via intersubjetivização, isto é, um passo adiante em direção a um significado intersubjetivo codificado na forma:

(X'') não/menos **subjetivizado** > **subjetivado** > **intersubjetivado**
 (Micro mudança
 degrau interativo)

Em trabalho mais recente, Traugott (2012) destaca a correlação entre a posição que expressões ocupam na oração e os dois processos, partindo da seguinte hipótese: “Expressões na periferia esquerda tendem a ser subjetivas, enquanto às da periferia direita tendem a ser intersubjetivas¹⁵⁷”.

Segundo essa hipótese, a periferia esquerda (PE) de orações abrigaria expressões voltadas para o falante, com funções ligadas à tomada de turno e à coerência discursiva (como topicalização) e que estariam suscetíveis ao processo de subjetivização; enquanto a periferia direita (PD) hospedaria MDs voltados para o ouvinte, com funções interpessoais ligadas à troca de turno e que estariam suscetíveis ao processo de intersubjetivização.

Como exemplo, Traugott cita o trabalho Degan e Fagard (2011) em que *allors/então* na PE sinaliza uma transferência de tópico e na PD marca uma conclusão e um pedido de confirmação. Outro exemplo é o trabalho de Detges e Waltereit (2011) sobre *moi/eu-pra mim*, expressão que na PE serve de ligação com o discurso anterior e na PD pode servir para comentar o que foi dito, mas, essencialmente, serve para dar a vez ao interlocutor:

- (51) a. **Moi**, je ne sais pas. – [Quanto a mim], eu não sei.
 b. Je ne sais pas, **moi**. – Eu não sei, [Eu sou cético]. (Detges e Waltereit 2011)

Embora nesses dois casos a hipótese se aplique perfeitamente, o que Traugott (2012) defende e demonstra em seu artigo é que não se deve tomá-la de modo determinista, já que existem exceções como é o caso para as expressões *no doubt* e *surely*: a primeira com significado subjetivado nas duas periferias e a segunda com significado intersubjetivado em ambas. Esses itens de origem adverbial surgiram a partir de expressões não-modais e foram recrutados para o uso como

¹⁵⁷ “Expressions at left periphery are likely to be subjective, those at right periphery intersubjective.” (BEECHING; DEGAND; DETGES, TRAU GOTT, WALTEREIT, 2009).

advérbios epistêmicos e marcadores metadiscursivos, sendo *surely* o item que vai mais além por desenvolver função voltada ao ouvinte.

A dificuldade em avaliar se determinado uso de um marcador está ou não intersubjetivizado¹⁵⁸ está diretamente ligada à multifuncionalidade desses itens. Traugott cita o caso das *TAG questions* analisadas por Hoffmann (2006), perguntas reduzidas comuns na PD de orações ou constituintes, que, ainda que mais raramente possam ser usadas para fazer uma pergunta de fato (solicitando uma resposta), são basicamente metadiscursivas. Originadas de construções interrogativas, as *TAG questions* são, desde o princípio, intersubjetivas e, segundo o autor, alguns de seus usos são subjetivizados, ou seja, depois do processo de subjetivização, passaram a codificar a expressão da atitude do falante (solidariedade ou desaprovação) sobre algo que foi dito:

(52) Oh! What, you are asleep, **are you?** – I'll waken you, with a vengeance.

Oh! o quê, você está dormindo, **não é?** - Eu vou despertá-lo, com uma vingança.

(Knocks with his hell.) (1770 Isaac Bickerstaff: *Tis Well it's no Worse*)

(HOFFMANN, 2001, *apud* TRAUGOTT, 2012, p. 11)

Outros usos bem mais recentes estão voltados ao ouvinte: *TAGs* peremptórias (Cf. ALGEO, 1988), que servem para fechar o discurso; e *TAGs* facilitadoras (Cf. HOLMES, 1983), que convidam o ouvinte a contribuir para o discurso, como vemos no exemplo abaixo em que o professor busca envolver o aluno:

(53) Teacher: Right, it's two **isn't it?**

Pupil: Mm.(BNC-SdEM)

Professor: Certo, é dois, **não é?**

Aluno: Mm.

(TOTTIE; HOFFMANN; 2006*apud* TRAUGOTT, 2012, p. 11)

Traugott (2012) não deixa clara a natureza do processo envolvido nas *TAGs* peremptórias e facilitadoras. Apenas conclui que as *TAGs* ligadas ao seu uso original e que exigem respostas não são

¹⁵⁸ Itens não tornam-se (inter)subjetivados em todos os seus usos. Alguns dos usos do itens podem ser resultado dos processos, enquanto outros usos não passam por eles.

intersubjetivizadas, já que expressões intersubjetivizadas são pragmáticas e metadiscursivas, fazendo parte das funções interpessoais da gramática comunicativa. No caso de *surely*, a autora lança mão de dois critérios para identificar seu uso intersubjetivado: i) a possibilidade de parafrasear o item em uso com algo do tipo “[...] e eu espero/quero que você concorde/entenda”¹⁵⁹; ii) a existência de tomada de turno após o uso¹⁶⁰ (TRAUGOTT, 2012, p. 21).

Mediante os resultados desses trabalhos mais recentes e tomando GR de uma perspectiva funcional – como processo que também envolve ganhos pragmáticos –, Traugott reconsidera a correlação entre intersubjetivização e GR, uma vez que, sendo a intersubjetivização um processo que envolve o desenvolvimento de significados interpessoais, é fortemente pragmática em função. Para a autora, as “[...] instâncias de intersubjetivização que são emparelhadas com mudanças que levam a expressões com função procedural se intersectam com a gramaticalização”¹⁶¹ (TRAUGOTT, 2012, p. 20).

3.1.3 A ABORDAGEM FUNCIONALISTA: FECHANDO A SEÇÃO

Ao longo desta seção vimos que a abordagem funcionalista de vertente norte-americana concebe a língua como atividade cognitivo-comunicativa sujeita a adaptações decorrentes de pressões do uso. A estreita ligação entre gramática e pragmática e a relevância dada ao contexto de uso das formas serve de ancoragem para uma análise que entende que a estrutura linguística (sendo maleável, não-arbitrária, motivada e icônica em algum grau) está em constante transformação e, logo, a variação e a mudança gradual estão sempre presentes (Cf. GIVÓN, 2011 [1979], 1984, 1993, 1995, 2001, 2002, 2005; HOPPER, 1987, 1991; BYBEE, 2006, 2010, entre outros).

Tal abordagem nos fornece as bases teóricas necessárias para a investigação das mudanças que ocorre(ram) para que os itens em análise, derivados de verbos plenos, incorporassem traços pragmáticos de interpessoalidade relacionados a atos de fala diretivos, passando a assumir funções no domínio funcional da *requisição de apoio discursivo*. Além disso, a noção de protótipos nos permite lidar

¹⁵⁹ “[...] and I hope/want you to agree/understand”

¹⁶⁰ Este não é um critério determinístico.

¹⁶¹ “[...] instances of intersubjectification that are paired with changes leading to expressions with procedural function intersect with grammaticalization.”

metodologicamente com os recortes discretos necessários para a observação da variação sincrônica dos itens e com a multifuncionalidade decorrente de seus percursos de mudança.

Consideramos, com base em Traugott (1995, 2008) e em Hopper e Traugott (2003), que as mudanças envolvidas no *cline* verbo>RAD são consistentes com o processo de gramaticalização entendido, a partir de uma perspectiva funcional que enfatiza ganhos pragmáticos e expansões de significado, como mudança através da qual construções e/ou itens lexicais, usados pelos falantes em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos, vêm a servir a funções mais gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

A partir dos princípios e parâmetros propostos por Hopper (1991) e por Heine e Kuteva (2007) para dar conta também dos estágios iniciais de gramaticalização, salientamos que os RADs em análise: a) podem ser tomados como camadas (variantes) dentro de um mesmo domínio funcional (estratificação); b) apresentam usos como RADs e também como unidade lexical original, ou seja, como verbos (divergência); c) podem se especializar em alguns contextos de uso (especialização); d) podem ter tido seu percurso de mudança conduzido pela persistência de traços semânticos e de propriedades funcionais do item fonte, como também de estratégias discursivas que lhe deram origem (persistência); e) apresentam fixação de forma, erosão fonética e maior mobilidade sintática e de escopo como características de recategorização (decategorização/erosão); f) sofreram abstratização de seu conteúdo semântico original (dessemantização); g) assumiram novos significados ao serem inseridos em novos contextos de uso (extensão).

Considerando que o *input* para as mudanças pelas quais os RADs passa(ra)m está no uso inovador das formas de origem em contextos dialogais de trocas de turno, julgamos que a proposta de Heine, Claudi, e Hünemeyer (1991) é a mais adequada para explicar as motivações por trás da mudança por integrar aspectos metafóricos e metonímicos de modo complementar, permitindo explicar desde grandes mudanças categoriais até micro mudanças funcionais.

Por fim, consideramos que os itens em análise podem estar passando pela trajetória proposta por Traugott (1982, 1989), do proposicional> (textual)> expressivo, com o desdobramento do componente expressivo nos processos: de subjetivização, em que há o desenvolvimento de significados que expressam a atitude ou ponto de vista do falante; de intersubjetivização, em que há o desenvolvimento de

significados que expressam a atenção do falante para com seu interlocutor (TRAUGOTT, 1999, 2010a, 2012).

3.2 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Os trabalhos sociolinguísticos têm progressivamente colocado foco em variáveis de natureza discursiva. As análises recentes têm se mostrado interessadas no tratamento de variáveis de níveis mais altos – como o morfológico, o sintático e até mesmo o pragmático-discursivo – e na observação das forças motrizes da mudança: culturais/sociais. Alguns trabalhos mais recentes de Labov (2013) vão nessa direção. O pesquisador mostra-se atualmente bastante conectado com os interesses de Lavandera sobre discursos e ideologias. Os estudos atuais de Labov sobre narrativas de perigo de morte colocam o foco em porções discursivas maiores, nos modos particulares de narrar e nas motivações que estão por detrás das formas.

A presente seção, que se destina a problematizar alguns pontos focais da TVM em busca de alargamentos que possibilitem o tratamento dos itens discursivos em análise, está subdividida em sete partes nas quais apresentamos e discutimos: os pressupostos teóricos e os problemas empíricos que se constituem como base da teoria; a relação variação e discurso; o significado social das formas linguísticas; as mudanças na sociedade pós-moderna e nos estudos sobre identidade como mote para os novos rumos da sociolinguística; a renovação dos estudos sobre variação estilística; o conceito de comunidade de fala; e a organização da entrevista sociolinguística (Cf. LABOV, 2006 [1966], 2008 [1972], 1978, 1984, 2001, 2010; WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 [1968]); WEINER; LABOV, 1983 [1978]; LAVANDERA, 1978; ROMAINE, 1984; GUY, 2000; ECKERT, 2001, 2004, 2008, 2012; MENDOZA-DENTON, 2002; SCHILLING-ESTES, 2002; HALL, 2006; TAGLIAMONTE, 2006; COUPLAND, 2007; GÖRSKI; VALLE, 2014; VALLE; GÖRSKI, 2014, entre outros).

Na oitava subseção condensamos as considerações tecidas ao longo da seção, ressaltando as ampliações teórico-metodológicas que estamos levando em conta nesta pesquisa.

3.2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROBLEMAS EMPÍRICOS

A Teoria da Variação e Mudança¹⁶² se assenta na ruptura da identificação da estrutura com a noção de homogeneidade, propondo que a mudança linguística deva ser descrita a partir da diferenciação ordenada existente nas línguas. Nessa abordagem ganham destaque: i) o uso linguístico variável e os aspectos externos à língua, sociais¹⁶³ e estilísticos, como motivadores da mudança; e ii) a metodologia de pesquisa empírica e contextualizada em que a fala, tal como é usada na vida diária dos seus falantes, é vista como base para o estudo linguístico (LABOV, 2006 [1966], 2008 [1972], 2010; WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 [1968]).

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) se opõem ao pensamento neogramático e às correntes estruturalistas e gerativistas que, com foco nas relações internas dos componentes da estrutura gramatical, deixaram de lado as explicações históricas e sociais sobre a natureza mutável e variável da estrutura linguística¹⁶⁴.

Nessa perspectiva, interesses sincrônicos e diacrônicos andam juntos e a língua, inerentemente dinâmica e variável, é entendida como um sistema heterogêneo constituído por regras categóricas e outras

¹⁶²A Teoria da Variação e Mudança passou a ser conhecida também como Sociolinguística Variacionista, contando com resultados percentuais e probabilísticos como subsídios para análises linguísticas, mas Labov confessa ter resistido ao termo *sociolinguística* por vários anos, por acreditar que não há prática linguística possível de caráter não-social (LABOV, 2008 [1972]).

¹⁶³Labov (2008 [1972]) afirma que, quando atribuímos aos fatores sociais um lugar na evolução linguística, não devemos esquecer o grau de contato ou sobreposição entre valores sociais e estruturas da língua. De qualquer modo, é preferível que aprendamos a lidar com essas possíveis sobreposições do que marginalizarmos a atuação de fatores sociais que motivam a mudança linguística.

¹⁶⁴Paul, um dos expoentes do pensamento neogramático, é criticado por estabelecer o idioleto (a língua do indivíduo) como objeto de investigação da linguística sem estabelecer relação entre o indivíduo e a sociedade, assumindo o pressuposto de homogeneidade linguística. Saussure também é criticado pelo tratamento homogeneizante da língua e pelo foco sincrônico de seus estudos, além de desconsiderar os fatores externos (sociais e estilísticos) ligados à língua. Além deles, Bloomfield e Chomsky são alvos de críticas, o primeiro por tratar o indivíduo como imitador dos hábitos linguísticos de seus interlocutores e o segundo por desconsiderar a importância da diversidade linguística e por centrar suas investigações em dados intuitivos, deixando de lado a empiria (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1978]).

variáveis – condicionadas por fatores internos à língua (linguísticos: ligados ao funcionamento do próprio sistema) e por fatores externos (extralinguísticos: relacionados a aspectos sociais, regionais e estilísticos) –, sendo que até mesmo nessa porção variável da língua padrões de uso podem ser identificados (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]).

O objetivo maior de WLH é estabelecer os fundamentos empíricos de uma Teoria da Mudança Linguística e, ao final da obra, alguns princípios gerais são elencados:

1. [...] A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. [...] A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo e está refletida na difusão de isoglossa por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala [...], os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família [...].
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística [...]. (WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 [1968], p. 125)

Fica evidente que variação e mudança caminham juntas, que a comunidade de fala tem papel de destaque na mudança linguística, que

as mudanças são graduais e contínuas, que os falantes têm papel ativo na transmissão da mudança, que aspectos estilísticos também influenciam nas escolhas das formas em variação e que tanto fatores linguísticos quanto sociais estão relacionados com o desenvolvimento da mudança.

Esses princípios estão ligados aos cinco problemas empíricos considerados como alvo das investigações linguísticas sobre a variação/mudança. Apesar de serem intimamente correlacionados e interdependentes, passamos, a seguir, a explicar os problemas e a correlacioná-los com o uso dos RADs em análise a partir dos textos de WLH (2006 [1968]), de Labov (2008 [1972], 1982) e da arejada rediscussão feita em COELHO *et al.*, no prelo).

O problema da restrição refere-se ao *conjunto de mudanças possíveis e às condições possíveis para a mudança*, ou seja, está centrado na busca por princípios universais que determinam a estrutura e a mudança linguística, possibilitando previsões sobre os rumos da mudança. Não se trata de estabelecer as regras ou normas absolutas, mas de encontrar tendências gerais de uso e da direção da mudança através de um conjunto de condicionadores linguísticos e extralinguísticos. A ideia é que, a partir de análises focadas em fenômenos específicos em uma língua, é possível estabelecer correlações com outros fenômenos de natureza semelhante (ou relacionados) na mesma língua ou entre outras línguas e chegar a generalizações sobre a mudança. Como vimos no capítulo 2 do presente trabalho, há uma tendência em várias línguas de que verbos de cognição dêem origem a usos ligados à requisição de apoio discursivo.

O problema da restrição está intimamente ligado com o **problema do encaixamento**, o qual diz respeito a *como fenômenos são encaixados na estrutura linguística e social*, levando-se em conta os condicionadores linguísticos, sociais e estilísticos do fenômeno; as causas, efeitos e direções da mudança; e a correlação entre fenômenos em mudança em uma mesma língua. Importante também é a assunção de que a mudança linguística não é repentina, ocorre em grupos de fenômenos que vão se encaixando, promovendo a mudança do sistema sem comprometer sua estrutura.

Coelho *et al.* (no prelo) ressaltam a importância do encaixamento social dos fenômenos em variação/mudança, ilustrando seu argumento com os trabalhos de Labov em Martha's Vineyard, em que o encaixamento social é peça fundamental para explicar as mudanças fonológicas na ilha. Cabe destacar que nesse caso o encaixamento não é explicado por categorias sociais mais gerais (como sexo, idade, classe

social, etc.) mas por aspectos sociais que se vinculam às especificidades da comunidade em análise.

Um de nossos objetivos na presente tese é descrever os condicionadores linguísticos e extralinguísticos do uso dos RADs em análise a fim de estabelecer conexão com os resultados encontrados em trabalhos com itens de natureza semelhante no português do Brasil e em outras línguas. Vale salientar que a escassez de trabalhos de cunho variacionista (e até mesmo de trabalhos quantitativos) sobre os RADs, bem como de pesquisas sobre itens discursivos em geral, limita nossas possibilidades, mas, ainda assim, esperamos encontrar tendências de uso para o fenômeno em análise que, replicadas em trabalhos futuros, poderão desenhar princípios mais gerais sobre as condições que guiam o uso e a mudança desses itens e das unidades discursivas em geral.

Tanto condicionadores linguísticos quanto extralinguísticos atuam no uso dos RADs. A literatura disponível sobre esses itens aponta para fatores de natureza linguístico-discursiva como fortes condicionadores de uso. Aspectos como a posição dos itens, a presença ou ausência de estímulos e o tipo de relação estabelecida no contexto em que o item se insere podem nos fornecer informações relevantes não somente para a descrição dos RADs, como também para sugerir possíveis direcionais de mudança. Além disso, acreditamos que o encaixamento social dos RADs pode ser observado através do controle de variáveis sociais pensadas especificamente para a comunidade em análise.

O problema da transição envolve dois aspectos centrais, a transmissão e a incrementação da mudança, e está ligado a *como as mudanças passam de um estágio a outro* “pela expansão dos contextos linguísticos de uso das formas, pela sua transmissão de uma geração a outra, pela sua difusão de um período de tempo a outro ou de um grupo social a outro” (COELHO *et al.*, no prelo, p. 105). Considerando-se o caráter gradual e contínuo da mudança, a transição pode ser descrita observando-se as seguintes etapas: i) o surgimento e aprendizado de formas inovadoras; ii) estágios intermediários em que duas ou mais formas coexistem e competem; iii) substituição das formas antigas pelas inovadoras. Alguns RADs, como é o caso para *entendesse?*, que estão ligados a aspectos identitários, parecem perder espaço na comunidade investigada para o uso de RADs com funções mais generalizadas, como *sabe?*, percebendo-se tendência à substituição da forma com traços de identidade por formas mais neutras entre os mais jovens.

O problema da avaliação diz respeito a *como os falantes avaliam as formas linguísticas de modo subjetivo e mais, ou menos,*

consciente e como essa avaliação afeta os rumos da mudança. A atitude do falante se manifesta em dois níveis: no linguístico – relacionado à avaliação da utilidade das formas linguísticas em contextos comunicativos; no social – através da atribuição de significado social às formas linguísticas. Coelho *et al.* notam que “enquanto a avaliação social tem caráter mais coletivo (dependente da reação do grupo), a avaliação linguística tem um caráter mais individual (dependente da reação do indivíduo” (no prelo, p. 114).

Nesse sentido, os falantes, avaliando linguisticamente os RADs em análise, podem adequar o uso de algumas das formas em relação ao contexto e também ao interlocutor. O falante pode considerar que, dependendo do interlocutor e da relação de intimidade/proximidade estabelecida entre eles, certas formas sejam mais apropriadas que outras¹⁶⁵, ou até mesmo que o uso dos RADs em geral seja mais ou menos apropriado a depender da situação comunicativa de maior ou menor proximidade entre os interlocutores.

Em relação à avaliação social, acreditamos que alguns dos RADs em análise, como é o caso de *entendesse?*, possam carregar significado social ligado a aspectos identitários e, portanto, têm grande potencial para acelerar ou frear a mudança, na medida em que os falantes se identificam com a forma ou a rejeitam.

O problema da implementação é dependente de todos os demais problemas acima descritos, já que se refere ao passo final da mudança, *às razões pelas quais certas mudanças ocorrem em determinadas línguas e em dada época.* Nesse caso, para além dos resultados numéricos e fatores condicionantes, interessa todo tipo de explicação mais ampla tanto de ordem linguística, quanto social. Coelho *et al.* (no prelo) ressaltam que aspectos relacionados à identidade e hierarquia social dos falantes, por exemplo, podem interessar para explicitar a implementação, vista atualmente muito mais como mudança em curso do que como mudança completada¹⁶⁶.

¹⁶⁵ Ou até mesmo que o uso dos RADs em geral seja mais ou menos apropriado a depender da situação comunicativa de maior ou menor proximidade entre os interlocutores.

¹⁶⁶ Coelho *et al.* (no prelo) assinalam que dada a dificuldade para o tratamento de mudanças implementadas, Labov (2001) reconsidera a abordagem do problema da implementação, dando destaque à mudança em curso, propondo também que o termo seja revisto como “problema da continuação”.

Acreditamos que em maior ou menor medida podemos explicar o uso dos RADs e as mudanças ocorridas nas suas trajetórias verbo > itens discursivos tendo em mente os problemas levantados por WLH.

3.2.2 VARIAÇÃO E DISCURSO

Labov considera que “variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística” (2008 [1972], p. 313). Como é largamente conhecido, as primeiras pesquisas do autor iniciam no âmbito da fonologia: em Lower East Side, em Nova York, com foco na variação entre a presença ou ausência da consoante /r/ em posição pós-vocálica (2006 [1966]); já em Martha’s Vineyard, em Massachussetts, com foco na alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ (2008 [1972]). Em ambos os casos, o que estava em jogo eram duas possibilidades de uso para o mesmo significado representacional.

Mais tarde, Weiner e Labov (1983, [1978]) ampliam a aplicação da metodologia de pesquisa variacionista para níveis além da fonologia em um estudo quantitativo sobre as estruturas passivas e ativas em inglês. Diante da questão da equivalência de significado das estruturas, os autores defendem que o significado representacional é mantido, ou seja, construções passivas e ativas remetem a um mesmo estado de coisas.

O trabalho dos autores serve de gatilho para que Lavandera (1978), visando refinar e estabelecer bases sólidas para análises além da fonologia, teça uma série de críticas, envolvendo aspectos teóricos e metodológicos. Um dos principais argumentos explorados pela autora versa sobre a dificuldade de se respeitar a exigência de mesmo significado para variáveis de níveis mais altos, ou seja, além da fonologia. As críticas de Lavandera levantam alguns questionamentos importantes, dentre os quais destacamos: a) Como podem duas formas sintáticas veicular o mesmo significado?; b) O que deve ser entendido como significado?; c) Fortes diferenças estilísticas não seriam um indício de que cada forma é especializada em um contexto?; d) Fenômenos não afetados por condicionadores sociais podem ser considerados como variantes *sociolinguísticas*?

Em resposta às críticas de Lavandera, Labov (1978) ressalta que o objetivo inicial dos estudos em variação era descobrir as motivações sociais das mudanças, porém a análise tem o intuito bem maior de poder também contribuir para o estudo da gramática e das operações

cognitivas. O autor acentua que o que garante que um fenômeno seja considerado variável é: i) o isolamento e a definição dos elementos que variam ao longo das mesmas dimensões em resposta ao mesmo estado de coisas, ou seja, que tenham o mesmo *significado representacional*; ii) o isolamento do contexto em que a variação se encontra, gradualmente separando aqueles casos em que o mesmo item tem diferentes funções linguísticas¹⁶⁷ e deixando de lado contextos em que a variação é neutralizada ou onde a regra é categórica.

Os refinamentos e ampliações da teoria e do método de análise ao longo dos anos foram importantes para análises posteriores nos níveis morfológico, sintático, semântico e pragmático-discursivo. Mas ainda assim nos perguntamos: É possível estender a análise variacionista para o nível discursivo? Ou ainda, é possível lidar com variáveis de natureza pragmática?¹⁶⁸ Imbricadas nessas questões estão dois aspectos que têm merecido atenção: a) a necessidade de reavaliar o critério que estabelece a comparação entre formas com base no *significado representacional*; b) a necessidade de estabelecer métodos mais consistentes para lidar com a multifuncionalidade característica dos itens discursivos.

O primeiro aspecto vem sendo discutido há bastante tempo. Lavandera (1978) já constatava que os estudos para além da fonologia impulsionavam para um alargamento da condição de *mesmo significado representacional* em direção da condição de *comparabilidade funcional*.

Os trabalhos de Dines (1980), Romaine (1984), Görski *et al.* (2003) e Terkourafi (2011), entre outros, estabelecem bases mais sólidas para o tratamento de variáveis em níveis mais altos, na medida em que propõem critérios baseados em comparabilidade funcional como substitutos da exigência de mesmo significado representacional. Dines propõe que “variáveis podem ser postuladas com base em *funções comuns no discurso* [o que] não exclui a possibilidade de igualdade semântica existente entre as variantes, mas remove a necessidade dessa

¹⁶⁷ Veremos adiante que para o estudo de unidades discursivas a multiplicidade funcional não é um problema para o recorte de um fenômeno em variação, já que, definido um domínio funcional comum, a multifuncionalidade intradomínio pode ser controlada como uma variável independente.

¹⁶⁸ Para Dijk (2012), a noção de variação, baseada em um critério relativo de identidade (dizer ‘o mesmo’), também é relativa, mais precisamente a níveis. Nesse sentido, garantindo-se que há um nível subjacente que não muda, é possível descrever os detalhes do nível mais alto como formas variáveis de expressar ou realizar os níveis mais baixos.

igualdade” (1980 *apud* TERKOURAFI, 2011, p. 354); posição compartilhada por Görski *et al.* (2003) que, nessa mesma direção, afirmam que o tratamento de fenômenos discursivos como variáveis é possível se estendermos a noção de *mesmo significado* para *mesmo significado/função* e se nossa concepção de gramática for alargada o suficiente para recobrir itens discursivos.

Na mesma linha, Terkourafi (2011) – com base em conceitos explorados na Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1986, 1995; BLAKEMORE, 2002) – salienta que as expressões linguísticas podem tanto codificar diretamente conceitos (significado conceptual), quanto contribuir com informações sobre como manipular e combinar conceitos (significado procedural). A autora propõe que para lidar com variáveis pragmáticas é necessário levar em conta este segundo papel das expressões linguísticas, ou seja, o *significado procedural* deve substituir o *conceptual /representacional*, permitindo que as variáveis sejam descritas em termos de equivalência funcional no discurso.

O segundo aspecto envolvido na extensão da análise variacionista para níveis discursivos relaciona-se com o primeiro e traz à tona um novo complicador: a multifuncionalidade dos itens discursivos. A questão é: Mesmo considerando que variáveis linguísticas podem ser descritas e consideradas em termos de comparabilidade funcional, qual função devemos levar em conta quando lidamos com itens multifuncionais?

Pichler (2010) avalia que, apesar das evidências de que unidades discursivas estão envolvidas nos padrões de variação linguística e mudança, itens como *oh, well, I mean, you know*, entre outros, não têm sido tradicionalmente explorados nos estudos sociolinguísticos pela falta de um conjunto coerente de princípios metodológicos para a análise de unidades discursivas devido: i) às características do nível discursivo – falantes usam recursos discursivos de modo tão sofisticado e variado que estudar a variação envolvida nessa utilização não é tarefa simples; ii) à multifuncionalidade das unidades discursivas – itens discursivos cumprem funções em diferentes níveis simultaneamente o que gera um grande impasse teórico, pela dificuldade de comparabilidade funcional, e metodológico, pela falta de métodos claros para o controle e a descrição da multifuncionalidade.

Tal dificuldade metodológica impossibilita a análise consistente dos MDs na TVM? Para Cortés (1988), apesar das dificuldades e limitações, a multifuncionalidade dos marcadores do discurso é um obstáculo que deve ser equacionado já que, ao que parece:

Toda escolha de um marcador, como a de qualquer outro fenômeno fônico, gramatical ou lexical, pode ser condicionada tanto por uma série de circunstâncias estilísticas – registros mais ou menos formais –, quanto pelo pertencimento do falante a um determinado grupo sociocultural – nível cultural, idade, sexo – e também pela modalidade – oral, escrita, etc. (CORTÉS, 1988 *apud* NÚÑEZ, 2011, p. 143)¹⁶⁹.

O primeiro passo passa solucionar tal problemática é considerar que, quando nos propomos a uma análise sociolinguística de dois ou mais MDs¹⁷⁰, é de fundamental importância a etapa anterior à análise quantitativa, referente ao estudo das funções pragmáticas compartilhadas por esses itens no discurso. A questão central consiste em identificar com clareza, através de um estudo qualitativo, as funções discursivas variáveis e os marcadores que estão em competição em um mesmo domínio funcional. Essa análise prévia das funções e do comportamento desses itens discursivos é importante não só para a garantia do tratamento dos MDs em questão como itens em variação, como também para o levantamento dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos que atuam sobre os itens em análise (PICHLER, 2010).

Avançando no tratamento da multifuncionalidade dos itens discursivos, Görski *et al.* (2003) assinalam que cada variável discursiva pode ser correlacionada a domínios funcionais específicos, configurando-se como um fenômeno superordenado e gradiente que envolve macrofunção > funções > subfunções e o recorte da variável pode se dar em cada um dos níveis dessa hierarquia funcional¹⁷¹.

¹⁶⁹“Toda elección de un marcador, como la de cualquier otro fenómeno fónico, gramatical o léxico, puede venir condicionada bien por una serie de circunstancias estilísticas –registros más o menos formales–, bien por la pertinencia del hablante a un determinado grupo sociocultural –nivel de cultura, edad, sexo–, bien por la modalidad –oral, escrita–, etc.”

¹⁷⁰Macedo e Silva (1996) realizam pesquisa pioneira no Brasil, tratando os RADs sob a perspectiva variacionista, em um *corpus* de 64 entrevistas da “Amostra Censo”, controlando as variáveis sociais (sexo, idade e escolaridade) e linguísticas (gênero discursivo, subjetividade do assunto, status informacional, tamanho do contexto, presença de estímulos e posição).

¹⁷¹Várias pesquisas já foram desenvolvidas tomando fenômenos discursivos como variáveis a partir do recorte em suas macrofunções, tais como a de *sequenciação retroativa-propulsora de informações* em que *e, aí, daí e então* são variantes (TAVARES, 1999, 2003), a de *chamada de atenção do ouvinte*

Na presente tese, seguindo na esteira dos estudos de Valle (2001), propomos que *sabe(s)?, entende?, entendeu?, entendesse?, tá(s) entendendo?* – apesar de serem itens multifuncionais que atuam em vários planos discursivos – compartilham contextos e funções e podem ser tomados como variantes no domínio da *requisição de apoio discursivo*.

Vale salientar que, apesar de agrupados a partir de um mesmo domínio funcional, as subfunções dos RADs em vários níveis podem ser observadas quantitativamente a partir de seu controle e análise como variáveis independentes que podem ser correlacionadas e condicionar o uso dos itens em estudo. Contamos com a possibilidade de encontrar contextos e funções específicas para um ou outro item, o que não impede o tratamento variacionista, mas nos remete a análises qualitativas mais finas. Lembramos que nosso interesse principal é a descrição do funcionamento desses elementos e o método quantitativo não é o único recurso disponível para tal intento.

3.2.3 O SIGNIFICADO SOCIAL DAS FORMAS LINGUÍSTICAS

Nos últimos anos, as pesquisas na área da sociolinguística têm colocado progressivamente mais foco no valor social das formas linguísticas. O modo como os falantes se identificam e avaliam certas formas tem papel fundamental no uso linguístico e tem aberto novas portas para estudos relacionados à identidade e estilo. Eckert (2012) apresenta três tendências distintas para os estudos da variação – que não são excludentes e convivem de forma sobreposta – e as classifica como *ondas*.

A primeira delas, *a Era da pesquisa (The survey era)*, compreende, principalmente, os estudos sociolinguísticos fundantes de Labov desde a década de 1960 que foram replicados por vários outros pesquisadores (como Wolfram, 1969, Trudgill, 1974, Macaulay, 1977), dispostos a descrever em termos quantitativos os padrões de uso das variáveis linguísticas em comunidades urbanas, contando com categorias sociodemográficas, como sexo, idade e classe social. Nessa abordagem, os estudos sobre estilo estão focados sobre o grau de atenção à fala e o lugar do significado social é principalmente percebido

nas investigações sobre os valores de prestígio e estigma atribuídos pelas comunidades de fala às formas em variação.

Na segunda onda, *a abordagem etnográfica* (*The ethnographic approach*), o interesse está no significado social dos usos linguísticos em comunidades menores, isto é, o vernáculo é visto como portador de um valor local. Os trabalhos de Labov em Martha's Vineyard (1963) e o de Eckert com os adolescentes de Detroit (1989) são citados pela autora como exemplos dessa abordagem, que se preocupa com as características identitárias e com as práticas sociais das comunidades analisadas, levantando categorias sociais locais. Nessa onda, os conflitos sociais dentro das comunidades são encarados como motivadores do uso de formas linguísticas que refletem o modo de identificação dos falantes com suas comunidades. Muitos dos trabalhos dessa abordagem buscam estudar o papel da variação na prática estilística, explicando as mudanças de estilo através das relações estabelecidas no interior de comunidades de práticas¹⁷².

Na terceira onda, *a perspectiva estilística* (*The stylistic perspective*), é dado ainda mais destaque ao significado social das formas variáveis. O principal diferencial dessa abordagem é “[...] uma visão da variação como reflexo das identidades e categorias sociais para a prática linguística em que falantes se colocam na paisagem social através da prática estilística¹⁷³” (ECKERT, 2012, p. 94). As categorias sociais, apesar de também serem consideradas relevantes, ficam em segundo plano e ganham relevo: i) os modos de caracterização particulares que contribuem para a construção da *persona*, ou seja, o olhar sobre o indivíduo como agente e construtor de seus vários estilos e identidades; e ii) a preocupação com a busca dos significados sociais que motivam os usos particulares. A prática estilística é vista como manifestação concreta dos significados sociais que são associados a formas linguísticas no processo de construção discursiva.

Salientamos que as três ondas descritas por Eckert (2012) não representam estágios sucessivos e completamente distintos da pesquisa sociolinguística, mas apenas um modo didático de explicitar a

¹⁷²Para Eckert (2012), uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que, reunidos com objetivos comuns ou em torno de um empreendimento comum, passam a compartilhar as formas de fazer as coisas, de falar, suas crenças e valores.

¹⁷³ “[...] a view of variation as a reflection of social identities and categories to the linguistic practice in which speakers place themselves in the social landscape through stylistic practice.”

ampliação dos interesses da área ao longo das últimas décadas. Sendo assim, não é nosso intuito vincular a presente pesquisa a uma das três ondas, mas destacamos o fato de que os estudos a partir da segunda onda apresentam preocupações em consonância com os interesses desta tese, colocando em evidência que o significado social das formas em variação – fundamental para sua distribuição de uso e para o direcionamento das mudanças linguísticas – é múltiplo, negociado e dependente das questões identitárias que entram em jogo no uso das formas por uma determinada comunidade ou grupo social. Diante dessa assunção, a seguinte questão se coloca: Como identificar e tratar o significado social das formas linguísticas e, mais especificamente, dos RADs em análise?

Como mencionamos anteriormente, além do uso que os falantes fazem da língua, as crenças e atitudes que eles têm a respeito de determinadas formas em variação – e por extensão a respeito de determinadas variedades de língua – são de grande importância nos rumos da mudança linguística (na permanência ou extinção de formas em variação) e se relacionam com um dos principais problemas da TVM, o problema da avaliação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Labov (2008 [1972]) considera que a avaliação dos falantes sobre as formas linguísticas pode ser mais ou menos consciente e a partir do grau de consciência classifica as variáveis em três tipos: 1) indicadores: itens cujo uso está no nível da inconsciência e que, portanto, são fracamente avaliados, podendo ser socialmente estratificados (em grupos socioeconômicos ou etários), mas sem diferenciação estilística; 2) marcadores: itens de uso ainda inconsciente, porém sujeitos à avaliação dos falantes e estratificados através de aspectos sociais e estilísticos; 3) estereótipos: formas conscientemente marcadas com valor positivo (de prestígio) ou negativo (de estigma), as quais têm grande peso para a mudança linguística.

Sem nos preocuparmos demais com a distinção exata entre indicadores, marcadores e estereótipos, que nem sempre é simples, nos interessa destacar aqui que, segundo essa proposta de classificação, parece haver uma relação direta entre as formas e seu significado social.

Em outra direção, Eckert (2008) propõe uma relação forma-significado negociada, dada a partir do conceito de indexicalidade ou significado contextualmente localizado. Para a autora, o conceito de Silverstein (2003) é crucial nessa questão. Nos termos de Eckert, de acordo com o teórico, um *indicador* é um índice de primeira ordem que simplesmente indexa membros em uma comunidade – por exemplo, os

florianopolitanos podem ser designados como tais pelo uso não africado da oclusiva dental antes de /i/ (como em [t]jia e [d]jia) ou pelo uso do pronome *tu* com concordância verbal marcada. Quando um indicador é associado à avaliação social de uma comunidade e usado pelos falantes para expressar seu posicionamento, torna-se um *marcador*, um índice de segunda ordem, que se diferencia da noção de marcador em Labov devido ao ingrediente ideológico “[...] pelo qual a ligação entre forma e significado é feita e refeita¹⁷⁴” (ECKERT, 2008, p.463).

Essa diferença entre indicadores e marcadores é exemplificada por Eckert (2008) através do estudo de Labov realizado em Martha’s Vineyard (1963). A autora argumenta que o uso centralizado de /ay/ não indica apenas o pertencimento ou não à comunidade (um indicador), mas sinaliza por parte de seus usuários uma postura de autoridade local e/ou lealdade à cultura ilhoa (um marcador), explicitada também através da manifestação de preocupações sobre o futuro da ilha, das narrativas heróicas e nostálgicas sobre a vida dos pescadores, da postura negativa em relação ao turismo ou em relação aos indivíduos voltados para o continente.

Para Eckert (2012), a indexicalidade é central para a mudança das formas indexicais e para a expressão de identidades e ideologias. A autora sugere que:

Em algum momento inicial, uma população pode tornar-se mais saliente e um traço distintivo da fala dessa população pode atrair a atenção. Uma vez reconhecido, esse recurso pode ser extraído de seu ambiente linguístico e passar, ele próprio, a indexar membros naquela população. Ele pode então ganhar destaque em movimentos ideológicos relacionados àquela população, invocando formas de pertencimento, ou características ou posturas associadas com a população. Como um índice, pode ser usado por pessoas de fora para destacar estereótipos associados com a população¹⁷⁵ (ECKERT, 2012, p. 94).

¹⁷⁴ “[...] by which the link between form and meaning is made and remade.”

¹⁷⁵ “At some initial stage, a population may become salient, and a distinguishing feature of that population’s speech may attract attention. Once recognized that feature can be extracted from its linguistic surroundings and come, on its own, to index membership in that population. It can then be called up in ideological

A pesquisadora argumenta que essas formas indexicais podem ser usadas pejorativamente, positivamente ou mesmo para marcar distinções internas em termos de grau de pertença à comunidade, como é o caso de Martha's Vineyard. A repetição constante promove a convencionalização da forma indexical, até o ponto em que ele se torna disponível para mais movimentos indexicais. Nessa perspectiva, o uso de uma variável não ativa simplesmente um valor pré-existente, mas reivindica uma indexação que pode invocar um dos valores pré-existentes ou ainda trazer à tona um novo valor, a depender dos aspectos ideológicos envolvidos.

Estamos considerando, nesta pesquisa, que a avaliação dos falantes acerca das formas em variação influencia a escolha das formas e os rumos da mudança linguística¹⁷⁶, mas que tal avaliação não se constitui na divisão estanque entre formas de prestígio e formas estigmatizadas (e entre padrão e não-padrão, entre formal e informal), pois é necessário acrescentar o ingrediente identitário.

A princípio, atitudes positivas poderiam acelerar uma mudança, enquanto atitudes negativas poderiam freá-la, ou até mesmo colaborar para a extinção de formas estigmatizadas. Em muitos casos é o que ocorre, mas há falantes ou grupos de falantes que podem preferir privilegiar formas avaliadas como estigmatizadas na comunidade ou optar pelo uso da fala vernacular justamente para marcar sua identidade. É o que verificou Eckert em seus estudos em Belten High (em 1989 e em 2000) sobre os conflitos no ambiente escolar entre o grupo dos

moves with respect to the population, invoking ways of belonging to, or characteristics or stances associated with, that population. Such an index can be used by outsiders to call up stereotypes associated with the population.”

¹⁷⁶ Na ilha de Martha's Vineyard (EUA), Labov (2008 [1972]) constata que a atitude linguística dos falantes nativos, de manter certos traços característicos de sua língua ante a pressão para mudanças, não poderia ser explicada senão como uma forma de manutenção de sua identidade, dada a entrada cada vez maior de turistas na ilha. Em pesquisa sobre os negros do Harlem, em Nova Iorque, Labov (2006 [1966]) valeu-se de questões sobre a língua para confrontar atitude e uso, tais como: 1. O que você acha da sua própria fala? 2. Alguma vez você já tentou mudar a sua fala? 3. O que você acha sobre a fala da cidade de Nova Iorque? Essa comunidade de fala peculiar é unida por um conjunto comum de normas avaliativas, apesar de divergências no uso. O tema dominante nas avaliações subjetivas que os falantes nova-iorquinos do Harlem fazem da própria fala revela uma profunda insegurança linguística, que está relacionada a um padrão de estigma há muito tempo associado a essa variedade de língua.

burnouts (orientados à área urbana e à cultura operária) – que lideravam o uso de variantes urbanas em variáveis fonológicas e na negação dupla – e dos *jocks* (orientados à escola e à cultura da classe média) – que conscientemente evitavam e até mesmo rejeitavam o estabelecimento das variantes urbanas (ECKERT, 2004).

Se caminharmos nessa direção, assumindo que o significado social das formas em variação é múltiplo e localmente negociado, é necessário repensar também as categorias sociais que costumamos correlacionar às nossas variáveis. Nesse sentido, May (2011) aproxima Eckert e Gumperz, com o argumento de que ambos defendem um olhar para além das correlações entre variantes e macrocategorias, sugerindo que seja dado maior peso “[...] aos mecanismos locais que fazem com que os falantes ‘se digam’ através das formas linguísticas que empregam, de modos mais complexos que os previstos pelo *continuum* padrão-estigma” (p. 29-30).

Ao que tudo indica, a opção por categorias sociais mais locais é relevante para tratar dos condicionadores sociais que atuam no uso dos RADs. A depender do fenômeno, acreditamos que categorias que levem em consideração os conflitos identitários locais devem ser percebidas e utilizadas – por exemplo, se existem conflitos entre moradores nativos e não-nativos, o relato dos falantes sobre sua posição no conflito é importante e pode tornar-se uma variável extralinguística saliente na comunidade investigada. Além disso, acreditamos que vários aspectos sociais localmente relevantes possam ser agrupados de modo a nos fornecer indícios sobre a relação de identidade entre os falantes observados e sua comunidade.

3.2.4 IDENTIDADES

Para Mendoza-Denton (2002), um dos grandes desafios no estudo da identidade nos últimos 15 anos é o desafio contra o essencialismo, contra a tendência redutora em designar um determinado aspecto de uma pessoa ou grupo como explicação para seu comportamento. Segundo ela, a identidade não deve ser pensada em uma única dimensão e reduzida a categorias fixas (sexo, idade, escolaridade), mas vista como dinâmica e plural.

Identidades são mutáveis e plurais e “a língua está sujeita a variações e mudanças, justamente porque linguagem e identidade estão mutuamente implicadas” (SEVERO, 2007, p. 14). Dada essa implicação mútua, Severo (2007) considera que a sociolinguística precisa levar em

conta que as categorias sociais são construções históricas, políticas e localmente motivadas, através das quais os indivíduos constituem suas identidades.

Esse novo olhar tem levado a uma significativa reformulação nos estudos sociolinguísticos interessados nas motivações sociais da mudança. Mendoza-Denton (2002) propõe que os estudos com enfoque em identidade podem ser divididos em três tipos: a) Tipo I – Identidade baseada em categorias sociodemográficas (*Sociodemographic Category-based Identity*) – estudos que supõem a identidade linguística como algo relativamente estável e que se baseiam na estratificação de uma população de acordo com categorias sociológicas/demográficas, tais como, região, idade, sexo, ocupação, classe social, etnia (LABOV, 1972; WOLFRAM, 1969; CEDEGREN, 1973; SILVA-CORVALÁN 1989, entre outros); b) Tipo II – Identidade baseada na prática (*Practice-based Identity*) – estudos preocupados com as identidades que falantes acumulam não porque eles afirmam ou são classificados como membros de uma categoria, mas porque as identidades são realizadas na prática conjunta de atividades específicas, como a participação em projetos sociais comuns, grupos de idosos, etc. (BOURDIEU, 1978, 1991; CERTAU, 1984; WENGER, 1998; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992, entre outros); c) Tipo III – Variação baseada na prática (*Practice-based Variation*) – estudos em que as identidades dos falantes são múltiplas e abertas a transformações, contextualmente derivadas e emergentes na interação (TANNEN, 1990; BAILEY, 1997; SCHIEFFELIN, 1990; HILL, 1993. SCHIFFRIN, 1996, entre outros).

Essas diferenças entre os tipos de estudos que enfocam aspectos identitários refletem, segundo Coupland (2007), as mudanças histórico-sociais ocorridas nos últimos 50 anos. Segundo o autor, a sociedade descrita por Labov em 1960 é muito diferente da sociedade atual. A sociedade moderna, que emergiu da segunda guerra mundial, era hierarquicamente mais estruturada, através de divisões claras de classe social, região, gênero, raça, e idade, garantindo que as pessoas assumissem estilos sociais relativamente estáveis e claros. Já a sociedade dos tempos da modernidade tardia (ou da pós-modernidade), nos dias atuais, é caracterizada pela sua complexidade, fragmentação, contradição e grande mobilidade geográfica e social (e virtual), o que impossibilita divisões claras e torna o estudo da identidade muito mais complexo. Coupland (2007) ressalta que, dentro de certos limites, as pessoas atualmente podem fazer escolhas sobre seu consumo e assumir certos atributos sociais de diferentes classes, havendo um deslocamento do significado de ‘classe’. Para o autor, o estilo de vida das pessoas é

tratado hoje como uma possibilidade agentiva de identificação social e estudar seus estilos linguísticos nos possibilita entender a dinamicidade e flexibilidade das identidades e relações sociais.

Nessa mesma direção, Hall (2005) argumenta que as mudanças sociais que vivemos desde o final do século XX têm provocado uma fragmentação das “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2005, p. 9), gerando um deslocamento, uma “crise de identidade” que afeta tanto a constituição de uma identidade individual quanto a relação entre o indivíduo e o mundo social. Por um lado, o sujeito, antes visto como portador de uma identidade única e estável, agora congrega múltiplas identidades e, por outro lado, o próprio processo de identificação (entre os indivíduos e suas identidades culturais, ou entre o indivíduo e sua comunidade) tem se tornado provisório e variável nas palavras do autor. O que a modernidade tardia nos apresenta é:

[...] o sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). [...] Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2005, p. 12-13).

Vale ressaltar que o sujeito pós-moderno é entendido por Hall como aquele que, confrontado com uma série de possibilidades de estilos, imagens e produtos culturais – ou seja, diante de uma gama de diferentes identidades –, é capaz de fazer escolhas, é agente.

Para Hall (2005), a principal força responsável pelo deslocamento das identidades nacionais¹⁷⁷ – e que é também estendida para os deslocamentos das identidades de modo geral – é a globalização. O mundo economicamente interdependente e socialmente interconectado tem provocado a desconstrução das ideias tradicionais sobre sociedade e comunidade como sistemas ordenados e unificados. Os fluxos culturais em um mundo de fronteiras dissolvidas acompanham a velocidade dos *downloads*, gerando, segundo o autor, três possíveis movimentos: i) a homogeneização das culturas locais, devido à difusão da cultura de massa; ii) o reforço das identidades locais como sinal de resistência à globalização¹⁷⁸; iii) a hibridização das identidades locais, a partir das influências externas, dando origem a novas identidades. Damos destaque a esses três movimentos porque pretendemos problematizar, mais adiante, como eles poderiam se correlacionar com a situação atual da comunidade da Barra da Lagoa e como esta correlação poderia afetar o uso dos RADs.

Cabe salientar ainda que todas essas mudanças sociais relacionadas com a pós-modernidade acarretaram mudanças nos interesses atuais da sociolinguística que se aproxima cada vez mais de uma antropologia linguística, apostando que aspectos culturais podem ter muito a dizer para as investigações linguística (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 2008). Os interesses estão muito mais voltados para um social que toma os indivíduos mais como autônomos e donos de suas escolhas linguísticas (do que como informantes estratificados em categorias sociais amplas), e tem-se estabelecido nos estudos recentes uma estreita ligação entre identidade e variação estilística.

3.2.5 VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Como já mencionamos, na seção 3.2.3, os estudos sociolinguísticos têm se voltado cada vez mais para a dimensão estilística da linguagem. De acordo com Eckert (2012), o estilo é a

¹⁷⁷ Um dos objetivos centrais de Hall (2005) é discutir como as mudanças surgidas com o processo de globalização têm afetado a constituição de uma cultura nacional e o pertencimento dos sujeitos em relação a essa cultura.

¹⁷⁸ Para Hall (2005), situações extremas de racismo cultural, em que grupos étnicos dominantes sentem-se ameaçados com a entrada de novos grupos, são exemplos dos contextos em que pode emergir o fortalecimento de identidades locais ou a re-identificação com as culturas de origem.

atividade de manifestação do significado social das formas linguísticas e, portanto, representa, em certa medida, a identidade do falante situada na interação.

Os estudos em variação estilística (doravante VE) no âmbito da sociolinguística têm sido divididos em três abordagens: 1) a abordagem *attention to speech* – de natureza psicológica e centrada nos estudos labovianos sobre o “grau de automonitoramento da fala” (LABOV, 2008 [1972]; 2001); 2) a abordagem *audience design* – de natureza interacional e com raízes nas investigações de Bell (1984) sobre o papel da audiência e com base na “teoria da acomodação” (Cf. GILES, 1973); 3) a abordagem *speaker design* – ligada aos estudos mais recentes das ciências sociais que propõem uma análise multidimensional, envolvendo aspectos sobre a identidade dos falantes (Cf. ECKERT, 2001; SCHILLING-ESTES, 2002; COUPLAND, 2007).

Para os interesses desta tese, partimos da abordagem de Labov, que tem o mérito de tentar isolar estilos contextuais dentro da entrevista sociolinguística, tornando a dimensão estilística algo quantificável, e vamos em direção a um redimensionamento do modelo laboviano sugerido por Görski e Valle (2014) e Valle e Görski (2014), que leva em conta o caráter multidimensional da VE.

Labov (2008 [1972] e 1984) elenca alguns princípios relacionados à VE que vão nortear a sua abordagem e que podem ser assim resumidos: i) não existem falantes de estilo único; ii) os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestada à fala; iii) o vernáculo, no qual o grau de atenção é mínimo, oferece dados mais sistemáticos para análise; iv) qualquer observação sistemática de um falante define um contexto formal em que ele confere à fala mais do que o mínimo de atenção; v) as entrevistas face-a-face são a única forma de obter quantidade e qualidade de fala gravada que é necessária para a análise quantitativa.

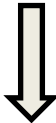
Labov (2008 [1972], 2001) procura observar – com base na análise quantitativa de dados em entrevistas sociolinguísticas – uma correlação entre o comportamento de determinadas variáveis e as partes da entrevista, classificadas em uma escala de níveis de formalidade. O pesquisador admite, contudo, que a organização de estilos contextuais ao longo do eixo de atenção à fala não foi pensada como uma descrição geral de como a *variação estilística*¹⁷⁹ é produzida e organizada no

¹⁷⁹ Görski e Valle (2014) assinalam que o termo *variação estilística* pode remeter tanto à alternância de estilos do falante durante a entrevista, em um

discurso de cada dia, mas sim como uma forma de organizar e utilizar a *variação intrafalante*¹⁸⁰ que ocorre na entrevista sociolinguística.

A primeira tentativa de Labov (em 1966 e retomada em Labov 2008 [1972]) de observar as trocas estilísticas na entrevista consistiu em caracterizar “estilos contextuais”, distribuindo-os em um eixo de atenção prestada à fala na direção menos formal > mais formal, conforme podemos observar a seguir:

Quadro 8: Primeira tentativa de Labov de organizar estilos contextuais em função de um eixo de atenção à fala

	[- formal]	fala casual	Contexto A1 – fala fora da entrevista formal ¹⁸¹ ; Contexto A2 – fala com uma terceira pessoa (interviente); Contexto A3 – fala que não responde diretamente a perguntas (tangentes, divagações); Contexto A4 – parlendas e rimas infantis; Contexto A5 – narrativas de risco de vida.
		fala monitorada	Contexto B – situação dominante da entrevista, considerada monitorada <i>a priori</i> .
		leitura de texto	Contexto C – leitura de texto composto com as variáveis analisadas e também leitura de texto em estilo coloquial em que há a justaposição das variáveis analisadas em pares mínimos.
		leitura de lista de palavras	Contexto D – leitura de lista de palavras que contém as variáveis analisadas.
	[+ formal]	leitura de pares mínimos	Contexto D’ – leitura de pares mínimos com palavras que se diferenciam claramente apenas pela realização de um fonema.

Fonte: Adaptado de LABOV (2008 [1972], 101-121)

Paralelamente a essa caracterização de “estilos contextuais”, Labov se utiliza de pistas do canal, como mudança de volume, curva

sentido mais amplo, quanto ao efeito das mudanças de estilo sobre um fenômeno linguístico variável, em um sentido mais estrito.

¹⁸⁰ O termo *variação intrafalante* é usado para designar a variação na fala de um único indivíduo (dimensão estilística), em contraposição à *variação interfalante*, que se refere à variação na fala entre indivíduos ou entre grupos de indivíduos (dimensão social) (GÖRSKI; VALLE, 2014).

¹⁸¹ Momentos anteriores/posteriores à entrevista propriamente dita ou momentos em que o informante interrompe a entrevista para preparar um café, abrir uma cerveja, por exemplo, e a gravação continua.

entonacional, velocidade de fala, suspiros e risadas para estabelecer uma distinção mais assertiva entre os contextos A e B.

Outra tentativa para observar as trocas estilísticas no contexto da entrevista é iniciada em 1970, nos primeiros anos do curso “*Linguistics 560, The Study of the Speech Community*”, dando origem à proposta de oito critérios contextuais como uma *árvore de decisão* (LABOV, 2001). Resumimos as segmentações feitas por Labov na entrevista sociolinguística para a aplicação do modelo da *árvore de decisão* da seguinte maneira: FALA CASUAL – a) narrativa – narrativas pessoais; b) grupo – qualquer intervenção dirigida a terceiros; c) infância (*kids*) – tópicos que tratam de experiências da vida infantil e brincadeiras da infância a partir do ponto de vista da criança; d) tangente – fala de grande interesse do informante que se desvia do tópico proposto pelo entrevistador. FALA MONITORADA – a) resposta – primeira sentença que se segue à pergunta do entrevistador; b) linguagem – questões/discussões sobre gramática, dialeto e língua em geral (bem como produções como pares mínimos); c) soapbox – opiniões generalizadas (sobre política, criminalidade, corrupção, etc.) como se fossem enunciadas para uma plateia mais geral; d) residual – a fala que não se enquadra em nenhum dos outros cortes. Com essa proposta de divisão da entrevista em momentos previamente determinados como de fala mais monitorada ou mais casual, Labov (2001) consegue alguns resultados interessantes, mas também aponta para a necessidade de refinar critérios.

Apesar das várias críticas sobre o caráter unidimensional de sua abordagem (LEFEBVRE, 2001 [1983], SCHILLING-ESTES, 2002), Labov demonstra ter plena consciência de que a observação da troca de estilos nesses termos é muito mais um artifício metodológico que busca dar conta de aspectos relacionados à atenção à fala – apenas uma das dimensões daquilo que pode ser tratado como variação estilística.

Outra crítica que recai sobre a abordagem laboviana da árvore da decisão está associada à mistura de critérios de natureza diferenciada, como: a audiência (grupo), o tópico (infância, língua), o controle conversacional (resposta vs. tangente) e o gênero (narrativa vs. *soapbox*) (ECKERT, 2001; SCHILLING-ESTES, 2007; GÖRSKI; VALLE, 2014).

As outras duas abordagens, mencionadas no início desta seção, surgem a partir do olhar crítico sobre a abordagem de Labov. Bell (1984), além de criticar o caráter mecanicista da proposta laboviana, sugere que explicações para a troca de estilo deveriam ser buscadas nos fatores situacionais que provocam os diferentes graus de atenção à fala.

O autor propõe uma abordagem voltada para a audiência (*Audience Design*) que prevê que os falantes mudam seu estilo de fala em resposta aos seus diferentes interlocutores. Segundo o autor, a variação estilística e a social operam simultaneamente e pode ser difícil distinguir entre a fala casual de um indivíduo escolarizado e a fala cuidada de um falante menos escolarizado. O que Schilling-Estes (2002) aponta como uma limitação dessa abordagem é seu caráter excessivamente responsivo, já que outras pesquisas têm demonstrado que existe variação estilística mesmo em contextos não-responsivos.

Para Schilling-Estes (2002), a *Speaker Design* supriu algumas limitações da *Attention to Speech* e da *Audience Design*, principalmente no que se refere a sua unidimensionalidade e sua visão do falante como respondente. Essa abordagem tem seu foco em dois pontos centrais: i) os falantes não alteram o estilo meramente, ou primariamente, em reação a elementos da situação de fala (seja formalidade ou audiência), ao invés disso são bastante ativos e altamente criativos no uso dos recursos estilísticos; ii) os falantes não apenas estão limitados aos elementos da situação externa para modelar sua fala, mas usam sua fala para ajudar a formar e remodelar a situação externa (seja o contexto interacional imediato ou forças sociais mais amplas), assim como seus relacionamentos interpessoais e suas identidades pessoais (SCHILLING-ESTES, 2002). Além disso, a análise das intenções linguísticas do falante e suas interpretações pelo interlocutor são importantes nessa abordagem. Os trabalhos da terceira onda dos estudos sociolinguísticos, como os de Eckert, por exemplo, se enquadram nessa abordagem.

A desvantagem de tratar a VE nessa perspectiva está na dificuldade de associar a ela uma análise quantitativa. Além disso, a consideração de fatores internos ao indivíduo e a inclusão de características que fogem dos parâmetros da fonologia e da morfossintaxe também são complicadores.

Görski e Valle (2014), que também partem da abordagem laboviana e levam em conta as contribuições das abordagens mais recentes, buscam redimensionar o papel do contexto. Tomando a entrevista sociolinguística como ato comunicativo e que envolve a negociação de significados mesmo quando o interlocutor não se altera¹⁸², as autoras fazem coro a Coupland (2007), Schilling-Estes

¹⁸²Labov estende a noção de audiência de Bell para o contexto da entrevista ao afirmar que “falantes falam para a mesma audiência como se fosse uma

(2007) e Eckert (2001), considerando que o estudo das trocas estilísticas deve ser multidimensional e que, nesse sentido, não deve ganhar relevo apenas a análise quantitativa ordenada e sistemática, mas também a análise qualitativa e aprofundada.

Acreditando na possibilidade de uma análise que integre várias perspectivas, Görski e Valle (2014) sugerem uma mescla de diferentes parâmetros e consideram que:

[...] é só na situação comunicativa, diante do outro (conforme Bell e Bakhtin) e dependendo dos papéis sociais assumidos pelos interlocutores e do tipo de significado social que deseja expressar (conforme Eckert e Schilling-Estes), que o falante organiza o seu dizer, monitorando mais, ou menos, a sua fala. O padrão e/ou o vernáculo vão surgir no decorrer da entrevista não necessariamente como polos de um *continuum* de atenção, mas, conforme pontuado por Eckert (2001) e Schilling-Estes (2007), como realizações possíveis no nível da consciência do falante, a depender de suas intenções (GÖRSKI; VALLE, 2014, p. 92).

Preocupadas em lidar de forma objetiva com a multidimensionalidade da VE, Valle e Görski (2014) sugerem que os contextos de maior ou menor formalidade (ou com maior ou menor atenção à fala) não sejam dados previamente e em termos absolutos, mas sejam definidos a partir do mapeamento detalhado de cada entrevista, através de um conjunto de variáveis estilísticas¹⁸³.

A partir do exame de algumas entrevistas da Amostra Brescancini-Valle, Valle e Görski (2014) apontam uma série de variáveis associadas a aspectos estilísticos, que podem ser controladas a depender do fenômeno em estudo e dos objetivos da pesquisa e que resumimos a seguir: a) *características dos interlocutores* (Entrevistador e Informante) – sexo/gênero, idade, escolaridade, profissão, pertencimento à comunidade, mobilidade, proximidade entre os

audiência diferente” (2001, p.87) [speakers speaking to the same audience as IF they were a diferente audience].

¹⁸³ Tópicos que provocam grande envolvimento de alguns falantes, e que seriam considerados de acordo com a abordagem laboviana como casuais, podem não atingir outros falantes da mesma maneira. Valle e Görski (2014) sugerem que o grau de relevância dos tópicos discursivos seja apreendido em cada entrevista.

participantes, tipo de entrevista; b) *tópico discursivo* (que costuma variar bastante de uma entrevista para outra) e *relevância do tópico* (tópicos podem ser avaliados como mais ou menos relevantes através da recorrência do tópico ao longo da entrevista e das avaliações do informante a respeito do tópico (Cf. DANTAS, 2013)); c) *tipos de sequência textual* (por exemplo, narrativa de experiência pessoal, argumentação/opinião, etc.) e *relação entre tipos de sequência e mundo narrado/comentado* (por exemplo, narrativa subsidiária ao mundo comentado, argumentação/opinião subsidiária ao mundo narrado, etc.); d) *relações dialógicas reportadas ou hipotéticas* – do entrevistado para ele mesmo, do entrevistado a uma pessoa íntima, entre pessoas íntimas (excluindo o entrevistado), entre pessoas não íntimas (excluindo o entrevistado) e genérico (reportando a fala de pessoas de modo geral); e) *avaliação* – comentários avaliativos aparecem em diversos momentos da entrevista; f) *marcas de expressividade* – entonação enfática, prolongamento/silabação, riso, choro, gesto agressivo/nervoso.

Uma vez selecionadas as variáveis estilísticas que podem estar atuando sobre o objeto em estudo, Valle e Görski (2014) sugerem que essas variáveis isoladas, se somadas, podem vir a compor uma variável complexa, contemplando assim uma análise quantitativa multidimensional. A sugestão é que as variáveis estilísticas levantadas de forma independente componham uma espécie de matriz de traços¹⁸⁴ “cujos fatores recebessem pontuações resultantes de um somatório de valores numéricos individuais e fossem organizados escalarmente” (VALLE; GÖRSKI, 2014, p. 117). As autoras ainda preveem que os valores dos fatores de cada grupo que compõe a variável complexa possam ser (re)definidos em função do fenômeno investigado e que os valores agregados a certos grupos (relevância tópica, por exemplo) possam ser relativizados em função de cada entrevista.

Como veremos nos capítulos de metodologia e análise, propomos o controle de duas variáveis complexas, cada uma constituída a partir de três variáveis independentes isoladas, que recobrem aspectos identitários e relacionados à configuração da entrevista e que podem nos aproximar da ideia de um tratamento multidimensional para a VE.

¹⁸⁴ Esse tipo de tratamento metodológico a partir de uma matriz de traços já foi testado com resultados relevantes nas pesquisas de Cezário (2001), Reis (2003), Back (2008), entre outros. Dantas (2013) propõe uma análise ainda mais sofisticada aplicada às narrativas que, no entanto, ainda necessita de testagem e validação quantitativa.

3.2.6 COMUNIDADE DE FALA

A TVM assume que, apesar de heterogêneas em essência, as línguas naturais podem ser observadas com mais homogeneidade em comunidades menores. Surge daí a noção de comunidade de fala, que se fundamenta no compartilhamento de traços comuns, no convívio entre os falantes e nas atitudes dos falantes sobre a língua.

Para Labov, “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas” (LABOV, 2008 [1972], p.150). Nesse sentido, não é na convergência de usos que a noção de comunidade de fala laboviana está pautada, mas na convergência de avaliações sobre os usos e na uniformidade de padrões abstratos de variação.

A noção de comunidade de fala como *locus* da pesquisa sociolinguística tem sido alvo de críticas. Severo (2007, 2008), por exemplo, questiona a existência de convergência e homogeneidade mesmo em comunidades de fala menores. Para a autora, por trás da noção ampla de Labov de comunidade de fala está a ideia de que o estudo da linguagem pode ser uma realidade uniforme, construída teoricamente, e que o indivíduo pode ser estratificado através de categorias sociais estanques e pré-determinadas, como sexo/gênero, idade, escolaridade, profissão, entre outras categorias vinculadas a classes sociais.

A definição proposta por Gumperz, segundo a qual comunidade de fala consiste em “qualquer agregado humano caracterizado por interações regulares e frequentes, por meio de um corpo compartilhado de signos verbais, e diferenciado de agregados parecidos através de diferenças significativas de uso linguístico” (GUMPERZ, 1972 [1968] *apud* SEVERO, 2007, p. 4) traduz, segundo Severo (2007), uma visão mais relativizada do que a de Labov. Na perspectiva de Gumperz, Severo destaca que uma banda de música ou uma associação comunitária podem ser comunidades de fala e que aspectos como as interações face a face, as semelhanças linguísticas e a lealdade linguística são acionados para definir a comunidade.

Outro autor citado por Severo (2007) por suas críticas ao conceito de comunidade de fala de Labov é Wardhaugh (2002), que defende uma noção mais flexível e dinâmica de comunidade de fala, relacionada à noção de identidade. Nesse sentido, uma vez que os indivíduos mudam suas identidades, podem também mudar a sua forma de falar e seu status

de pertencimento em relação a determinado grupo, podendo pertencer a diferentes comunidades a depender das circunstâncias.

Acreditamos que o foco em comunidades de prática seja de fato a opção mais acertada. Infelizmente, a amostra de que dispomos para análise não foi pensada para esse fim, mas isso não inviabiliza um olhar mais relativizado e arejado para a comunidade de fala em análise.

Entendido como unidade social e usado na pesquisa sociolinguística como estrutura básica para além do indivíduo, o conceito de comunidade de fala, revisto por Guy (2000), serve para duas tarefas principais: a) explicar a distribuição social das semelhanças e diferenças linguísticas (traços) que ora distinguem e ora aproximam grupos de falantes; b) fornecer justificativa teórica para unir idioletos de falantes individuais (GUY, 2000).

Guy assenta a definição de comunidade de fala na união de três características essenciais:

- **características linguísticas compartilhadas**; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.

- **densidade de comunicação interna relativamente alta**; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.

- **normas compartilhadas**; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas (GUY, 2000, p. 18, grifo nosso).

O autor salienta que a definição da comunidade de fala é dada por contraste, pelo uso ou pelo não uso de certos traços linguísticos específicos da comunidade em análise, conferindo ao falante o pertencimento à comunidade ou seu status de intruso. O pesquisador sugere que a explicação das semelhanças e diferenças no uso da língua está nas outras duas características da definição: a) densidade de comunicação e b) normas compartilhadas.

O interessante no modelo de comunidade de fala proposto por Guy é que ele não implica compartilhamento absoluto, ao invés disso, “implica graus de semelhança e diferença linguísticas, bem como distribuições concentradas, cruzadas ou sobrepostas de traços

compartilhados por falantes” (GUY, 2000, p.21). Em comunidades menores o grau de semelhança seria maior, mas quando o objetivo do pesquisador é ampliar o foco para dar conta de comunidades de fala maiores, deve-se ter em mente que será necessário lidar com um certo grau de diferenças¹⁸⁵.

Contudo, se decidimos considerar as problemáticas levantadas por Hall (2005) sobre as culturas nacionais como comunidades imaginadas, notaremos que, por mais que procuremos fazer recortes precisos e cada vez menores, a noção de comunidade de fala também é imaginada ou, pelo menos, serve apenas para acomodações metodológicas. Para o autor, as identidades nacionais são construtos imaginários não homogêneos e, em última análise, no mundo pós-moderno em que o sujeito é fragmentado e complexo, todo tipo de tentativa de unificar indivíduos em grupos maiores também será uma invenção, um ato mais burocrático do que natural. Além disso, ainda na esteira do pensamento de Hall, em um mundo globalizado em que as fronteiras são cada vez mais tênues e a mobilidade (real e virtual) é cada vez maior, torna-se mais complexo agrupar indivíduos, já que eles podem estar vivendo esta globalização de forma totalmente distinta: aceitando a massificação cultural (e linguística), reforçando a cultura local (e preservando seus traços originais), ou assumindo uma identidade híbrida (e mesclando seus traços com as influências externas).

Não só temos ciência de toda essa problemática, como também julgamos que é nela que estão assentados alguns dos principais interesses desta tese. Fazemos, portanto, nosso recorte metodológico, tomando para análise *a comunidade de fala dos nativos da Barra da Lagoa*, mas não vamos tomar esta comunidade como culturalmente ou linguisticamente unificada. Ao invés disso, veremos mais adiante, no capítulo de metodologia, que parte de nossa análise irá explorar as diversas possibilidades de identificação dos indivíduos com a comunidade e como isso interfere no uso dos RADs.

¹⁸⁵ Guy (2000) usa a imagem das bonecas russas que são umas encaixadas dentro das outras para ilustrar as várias camadas desde níveis micro (pequenos grupos de falantes que desenvolvem atividades comuns em localidades menores) até níveis macro (nações ou até mesmo comunidades internacionais de falantes) às quais é possível aplicar a noção elástica de comunidade de fala.

3.2.7 A ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

Para Labov (2001), nas trocas entre entrevistador e entrevistado a situação social é “uma entrevista” – gênero bem definido que prevê perguntas e respostas sobre a biografia do sujeito. Consideramos a entrevista sociolinguística, conforme Tavares (2014), como um “macrogênero textual” acadêmico, constituído por diferentes gêneros, como a narrativa de experiência pessoal e o relato de opinião.

Com objetivos específicos relacionados à obtenção do vernáculo, a entrevista sociolinguística é definida por Labov (1984) como uma estratégia bem desenvolvida com dez objetivos principais: 1) gravar com razoável fidelidade uma a duas horas de entrevista; 2) obter o maior número possível de dados do informante (idade, ocupação, relações familiares etc.); 3) obter respostas comparáveis a questões polêmicas e a questões de interesse em várias culturas (risco de vida, preconceito racial etc.); 4) promover momentos em que o falante faça narrativas de experiência pessoal (para chegar mais próximo do vernáculo); 5) promover a interação entre as pessoas presentes no momento da gravação e registrar também os dados não direcionados ao entrevistador; 6) usar os tópicos que mais interessam ao entrevistado para fazê-lo falar mais espontaneamente; 7) traçar o padrão da comunidade e estabelecer o lugar do falante nela; 8) descobrir julgamentos/atitudes do falante sobre questões linguísticas; 9) obter informações específicas sobre certas estruturas ou formas através de momentos de leitura de textos e de lista de palavras; 10) realizar experimentos para verificar a percepção e avaliação do falante em relação a certos fenômenos (pares mínimos, testes de reação subjetiva etc.).

As primeiras formulações da entrevista sociolinguística foram aplicadas por Labov (2006 [1966]) a falantes de Lower East Side, em Nova Iorque, para a obtenção dos dados que resultaram em sua tese, apresentada à Universidade de Columbia, em 1964 (publicada em 1966): *The social stratification of English in New York City*. Já nessa época, a entrevista era construída em torno do problema de isolar estilos contextuais e o questionário, ainda com raízes fincadas nos estudos dialetológicos, foi modelado e remodelado várias vezes com o objetivo de suscitar a linguagem coloquial. Tal questionário era dividido em oito momentos que compreendiam desde a fala mais informal e menos controlada entre entrevistador e entrevistado, como relatos de perigo de morte, até momentos extremamente estruturados e monitorados, como a leitura de pares mínimos.

Segundo Labov (1984), as entrevistas sociolinguísticas eram hierarquicamente estruturadas em módulos¹⁸⁶ (blocos de perguntas agrupadas em tópicos bem definidos – dados demográficos, jogos, religião, brigas, trabalho, família, medos, sonhos, perigo de morte¹⁸⁷, língua, entre outros) aplicáveis a todos os indivíduos cuja fala se desejava investigar. Os módulos e as perguntas que os compõem deveriam: i) ser ordenados a partir de questões gerais, impessoais e não-específicas em direção a questões mais específicas e pessoais; ii) ser combinados de forma diversificada pelos entrevistadores, construindo uma elaborada rede conversacional na qual as várias temáticas são conectadas por perguntas de transição.

As considerações de Labov àquela época apontavam para a rigidez do método e indicavam a necessidade de grande rigor e controle na aplicação desse tipo de instrumento de pesquisa:

[...] algumas questões são marcadas com asterisco duplo (**) para indicar que devem ser feitas exatamente com as palavras indicadas, primeiro para garantir a comparabilidade e segundo porque a experiência tem mostrado que a formulação está próxima do ideal (LABOV, 1984, p. 34).¹⁸⁸

Preocupado com a problemática de se captar a fala vernacular na presença de um entrevistador – o que ficou conhecido como o “paradoxo do observador” –, Labov (1984) sugere que o segredo para se

¹⁸⁶ Esses módulos e o próprio termo *entrevista sociolinguística* surgiram no final da década de 1960 e início da década de 1970 com a criação do projeto *Philadelphia Language Change and Variation* e com a realização do curso *L560 The Study of the Speech Community*. A entrevista sociolinguística tem sua origem nas pesquisas sociolinguísticas de Labov, Cohen e Robins (1965); Labov (1966); Shuy, Wolfram e Riley (1968) (cf. LABOV, 1984).

¹⁸⁷ Ilustramos aqui o módulo perigo de morte com as questões que o compõem: 1. Você alguma vez já esteve em uma situação em que você pensou que havia um sério risco de ser morto (na qual você disse a si mesmo: “é o fim”)? 2. O que aconteceu? 3. Como você se sentiu depois? “1. Have you ever been in a situation where you thought there was a serious danger of your being killed? That you thought to yourself, “This is it?” 2. What happened? 3. How did you feel afterwards?” (LABOV, 2006 [1966], p. 415, tradução nossa)

¹⁸⁸ “[...] some questions are marked with a double asterisk (**) to indicate that they should be asked in exactly the words indicated, first to achieve comparability, and second because experience has shown that the wording is close to optimal.”

obter uma boa entrevista está no equilíbrio entre o controle da aplicação dos módulos pelo entrevistador, para garantir a comparabilidade do método, e a liberdade concedida ao entrevistado, para garantir a emergência do vernáculo, já que, a princípio, a entrevista sociolinguística seria um gênero predominantemente monitorado¹⁸⁹.

Em trabalhos mais recentes, Labov (2001) parece ter uma posição mais flexível acerca do formato da entrevista, dando maior importância ao caráter interacional da situação do que à aplicação dos módulos. O pesquisador admite que o entrevistador, ao guiar a entrevista para tópicos de maior interesse e envolvimento emocional, acaba assumindo papel mais discreto de ouvinte atento e cedendo o controle ao falante, resultando disso uma hora ou mais de gravação de fala espontânea.

Nessa mesma direção, Tagliamonte (2006) destaca que o objetivo maior do entrevistador na realização da entrevista sociolinguística deve ser o de estimular o entrevistado a falar sobre diferentes tópicos a maior parte do tempo possível. Entrevistas em que o entrevistado apenas fornece respostas curtas não são consideradas, portanto, bem sucedidas.

O que julgamos importante ressaltar é que, a depender de uma série de fatores, as entrevistas sociolinguísticas podem assumir configurações muito diferentes entre si. Macaulay (2002b) assinala que “tratar todas as entrevistas como eventos discursivos equivalentes é ignorar a complexidade da situação”¹⁹⁰ (p. 6). Para ele, o modo como os objetivos da entrevista são percebidos, os tópicos levantados, a atitude do entrevistador, entre outros fatores, podem interferir no resultado da entrevista.

Valle e Görski (2014) salientam que vários fatores somados podem interferir no andamento da entrevista: a desenvoltura e loquacidade do informante, o preparo do entrevistador, o grau de empatia estabelecida entre os interlocutores, o interesse pelo assunto, o

¹⁸⁹ Desviar a atenção do falante – interrompendo o fluxo da entrevista em momentos bem definidos, dando a impressão de que aquele momento não fazia parte da entrevista (situações em que o falante atendia ao telefone ou falava com outras pessoas, por exemplo) –, fazer perguntas que envolvessem emocionalmente o falante (módulo do risco de morte) e valorizar os momentos conhecidos como *tangente* (em que o entrevistado propõe tópicos de seu interesse) são estratégias para fazer emergir o vernáculo durante a entrevista.

¹⁹⁰ “To treat all interviews as equivalent speech events is to ignore the complexity of the situation.”

nível de conhecimento sobre determinado tema e assim por diante. Além disso, as autoras consideram que uma mesma entrevista pode ir mudando sua configuração ao longo da interação, alternando sequências mais governadas pelo entrevistador com outras mais governadas pelo informante, e admitem que entrevistas inteiras podem ser totalmente governadas/conduzidas pelo entrevistado sobre os temas de seu interesse. Os resultados dessas diferenças são, muitas vezes, bancos de dados formados a partir de um conjunto bastante heterogêneo de entrevistas, o que leva as autoras a questionar:

- a) o pressuposto de que a entrevista sociolinguística é um gênero de estilo predominantemente monitorado, já que alguns informantes mostram-se bastante envolvidos e à vontade desde o início da gravação e alguns deles até mesmo conduzem a “conversa”; b) a aplicação da metodologia laboviana para medir a atenção à fala em entrevistas conduzidas basicamente pelo entrevistado, nas quais não é garantida a variedade de módulos conversacionais prevista por Labov; c) a comparabilidade entre as entrevistas (VALLE; GÖRSKI, 2014, p. 105)

Na busca de comparabilidade entre as diferentes configurações de entrevistas e do sucesso de análises estilísticas multidimensionais, as autoras sugerem que é necessária uma ferramenta metodológica aplicável a cada indivíduo e replicada em vários tipos de entrevista, ao invés de insistirmos em análises que pressupõem que as entrevistas sejam todas mais ou menos equivalentes entre si. Veremos mais adiante, no capítulo de metodologia, que as entrevistas da Barra da Lagoa apresentam configurações bastante diferentes entre si e que considerar a configuração particular de cada entrevista é importante também para a explicação da grande diferença no número dos RADs por entrevista e na preferência de alguns indivíduos por um ou outro item.

3.2.8 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: FECHANDO A SEÇÃO

Vimos, ao longo desta seção, que a TVM entende a língua como sistema heterogêneo, dinâmico, variável e mutável sobre o qual atuam condicionadores internos (linguísticos) e externos (sociais, estilísticos, culturais). Na presente tese, consideramos que, dos cinco problemas

empíricos que a teoria se propõe a responder, podemos abordar parcialmente o problema da restrição/encaixamento e o problema da avaliação (LABOV, 2006 [1966], 2008 [1972], 2010); WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 [1968]), COELHO *et al.*, no prelo).

A ampliação das análises para além da fonologia, que tem sido problematizada desde a polémica Labov-Lavandera (WEINER; LABOV, 1983 [1978]; LAVANDERA, 1978, LABOV, 1978) sobre a variação das estruturas passivas e ativas, ganha novos rumos quando variáveis discursivo-pragmáticas são propostas como objeto de análise: a noção de *mesmo significado representacional* é substituída pela noção mais alargada de *comparabilidade funcional*; a multifuncionalidade dos itens não se constitui como empecilho para a análise, já que as variáveis discursivas, correlacionadas a domínios funcionais específicos, são vistas como fenómeno supeordenado e gradiente (macrofunção>funções>subfunções) (ROMAINE, 1984; CORTÉS, 1988; GÖRSKI *et al.*, 2003; PICHLER, 2010; TERKOURAFI, 2011). Sendo assim, propomos tomar os RADs em análise como variantes no domínio funcional da *requisição de apoio discursivo* e lidar com sua multifuncionalidade através do controle de variáveis independentes.

O foco das investigações também tem sido ampliado. Os estudos progressivamente têm colocado em evidência que o significado social das formas em variação é relevante para o uso e para os rumos da mudança. As análises vão ainda mais além, ao defender que o significado social (ao invés de dado, fixo ou único) é múltiplo, negociado e dependente de aspectos identitários que entram em jogo a depender do grupo de falantes que resolvemos investigar (LAVOV, 1963; ECKERT, 2001, 2004, 2008, 2012; MAY, 2011). Associando-nos a esse olhar renovado para o social, corroboramos a ideia de que é necessário repensar as macro-categorias sociais que têm sido tradicionalmente tomadas como condicionadores (gênero/sexo, idade, classe social, escolaridade, etc.) propondo categorias localmente pensadas e constituídas de acordo com a comunidade investigada.

A sociolinguística da década de 1960 que lidava com uma sociedade hierarquicamente mais estruturada (em termos de classe social, região, gênero, raça, etc.) enfrenta a necessidade de renovação de bases teóricas e métodos diante da sociedade pós-moderna (híbrida, plural, globalizada). O interesse no indivíduo e em suas escolhas linguísticas tem estabelecido estreita e frutífera ligação entre identidade e variação estilística (MENDOZA-DENTON, 2002; HALL, 2006; COUPLAND, 2007; SEVERO, 2007, 2008; GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 2008).

Como reflexo dos novos interesses, os estudos estilísticos, inicialmente unidimensionais e pensados em termos de grau de atenção à fala, têm postulado a necessidade de considerar a VE como multidimensional e empreender análises que integrem aspectos relacionados ao grau de monitoramento, à audiência e à postura do falante sobre o uso dos recursos linguísticos. Propostas metodológicas têm sido feitas no sentido de lidar com a multifuncionalidade: a) em um primeiro momento, a partir do levantamento e controle isolado (como grupos de fatores) dos vários aspectos estilísticos que estão em jogo, a depender da amostra e do fenômeno investigado em determinada amostra; b) como segundo passo, a partir da integração de todos esses aspectos com a construção de uma variável estilística complexa (LEFEBVRE, 2001 [1983; LABOV, 2001; SCHILLING-ESTES, 2002; DANTAS, 2013; GÖRSKI; VALLE, 2014; VALLE; GÖRSKI, 2014).

Todas as mudanças sociais envolvidas na pós-modernidade também fragilizam o conceito de comunidade de fala, vista muito mais como construto imaginário do que como reflexo de uma realidade unificada em termos linguísticos, sociais ou culturais. Mesmo assim, para fins metodológicos tomamos os falantes nativos da Barra da Lagoa– Florianópolis como uma comunidade (Cf. GUY, 2000), mas consideramos que os indivíduos nesse recorte não formam uma unidade, ao invés disso, fazem movimentos de aproximação/identificação com a comunidade idealizada, o que pode influenciar o uso dos RADs.

Finalizando nossas considerações, relativizamos também a suposta unidade metodológica da entrevista sociolinguística (LABOV, 1984). Entendemos que, por conta de vários fatores, as entrevistas podem assumir configurações muito diferentes entre si, sendo ora governadas pelo entrevistador e ora conduzidas pelo entrevistado. Como resultado, lidamos com amostras heterogêneas, o que impõe a necessidade de métodos de observação e controle da diversidade (MACAULAY, 2002b; VALLE; GÖRSKI, 2014).

3.3 INTERFACE SOCIOFUNCIONALISTA

Nas seções anteriores temos ressaltado a progressiva extensão do paradigma de análise variacionista para níveis discursivos. Tal extensão tem gerado alargamentos nos critérios e métodos da TVM, abarcando cada vez mais aspectos funcionais. Vimos que o critério laboviano de *mesmo significado representacional* tem sido substituído pelo critério de

comparabilidade funcional para que itens discursivos possam ser tomados como variantes em um mesmo domínio funcional.

A natureza multifuncional dos itens discursivos também tem se constituído como um complicador para análises variacionistas, exigindo descrições funcionais qualitativas cada vez mais detalhadas a fim de fornecer as ferramentas necessárias ao pesquisador para que: a) recortes mais precisos possam ser feitos para o tratamento variável; b) o funcionamento dos itens discursivos possa ser estudado de forma mais abrangente, na medida em que a multifuncionalidade dos itens pode ser quantificada através da testagem de variáveis independentes de natureza funcional (PICHLER, 2010).

Pichler (2010) e Torres-Cacoullos (2001) concordam que descrições consistentes de variáveis discursivas devam levar em conta os diferentes significados desenvolvidos pelos itens ao longo de sua gramaticalização e permitir quantificar a variação funcional, além de nos fornecer evidências sobre a mudança. Trabalhos dessa natureza têm sido realizados visando a uma descrição mais ampla de itens discursivos, ao mesmo tempo em que contribuem para a construção de uma interface teórico-metodológica que integra a TVM e a abordagem funcionalista, dando destaque ao processo de gramaticalização.

É justo dar o devido destaque à pesquisa de Tavares (2003) sobre a GR de *e*, *aí*, *daí* e *então* e sua variação no domínio funcional da *sequenciação retroativo-propulsora de informações* que, mesmo com foco um pouco mais específico na GR – inova ao explorar em profundidade os aspectos teórico-metodológicos convergentes e divergentes entre as duas abordagens, dando passos largos em direção à interface sociofuncionalista.

A título de ilustração, o trabalho de Valle (2001) também se propõe a integrar as duas teorias, ainda que de uma perspectiva sincrônica, para descrever a multifuncionalidade, as trajetórias de mudança e o uso variável de *sabe?*, *entende?* e *não tem?*.

Destacamos, ainda, a pesquisa recente de Rost-Snichelotto (2009), que analisa os MDs *olha* e *vê* (e suas formas variantes) – derivados de verbos de percepção –, os quais, tais como os itens que analisamos na presente tese, carregam forte carga interacional, sendo usados no discurso oral com a macrofunção de *chamada da atenção do ouvinte*. Utilizando amostras sincrônicas do Banco de Dados VARSUL e também amostra diacrônica de peças teatrais escritas nos séculos XIX e XX por escritores catarinenses, a pesquisadora lida com o percurso de gramaticalização, com a multifuncionalidade e a variação desses elementos, atestando que *olha*, item mais recorrente no conjunto de suas

realizações¹⁹¹ e com maior esvaziamento semântico, é também o mais avançado no processo de mudança.

Na tentativa de estabelecer bases mais sólidas para uma interface sociofuncionalista, as aproximações têm evidenciado muitos pontos em comum entre as duas abordagens: a) a primazia da língua em uso; b) a onipresença da variabilidade; c) o lugar de destaque dado à mudança, vista como contínua e gradual; e) a integração de análises sincrônicas e diacrônicas; f) a crença que as forças linguísticas e sociais que motivam a mudanças permanecem e, portanto, a partir de dados sobre o comportamento atual das formas, é possível fazer projeções sobre o passado; g) o importante papel da frequência de uso para a rotinização e difusão de formas inovadoras; h) a relação entre fenômenos linguísticos e a sociedade; i) a importância dada a fatores de natureza interacional na mudança linguística; j) a aposta na existência de forças em competição para a mudança (Cf. POPLACK, 2011; TAVARES; GÖRSKI, 2012)¹⁹².

Mesmo em pontos focais em que as conexões entre as teorias não são tão óbvias, é possível estabelecer diálogos. De um lado, funcionalistas se interessam pelos vários estágios da mudança, incluindo sua emergência e disseminação (HOPPER, 1987, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT; DASHER, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007, entre outros); de outro lado, análises variacionistas têm historicamente se focado apenas na disseminação da mudanças e não em suas causas (LABOV, 2006 [1966], 2008 [1972], entre outros).

Tavares e Görski (2012) atribuem essa diferença entre as abordagens aos interesses centrais de cada teoria: o funcionalismo colocando foco na multiplicidade de funções que um dado item pode desempenhar e a sociolinguística interessada nas várias formas que competem para codificar o mesmo significado/função.

Ainda assim, tais diferenças não se constituem em barreiras para a conciliação teórica. De uma perspectiva funcionalista, pesquisadores (LICHTENBERK, 1991; VINCENT; VOTRE, LAFOREST, 1993; CASTILHO, 1997, entre outros) têm ressaltado o caráter cíclico e contínuo da relação variação-mudança-variação: i) uma forma, após processo de mudança, passa a disputar espaço (a variar) com outra

¹⁹¹ A autora utiliza a forma *olha* como uma macroforma, mas em sua análise considera todas as realizações do item: *olha, olhe, olha lá, olhe lá, olha só, olhe só, mas olha, mas olhe, pois olha, pois olhe*. Também faz o mesmo para *vê*: *veja, veja, vê, veja bem, vê bem, veja só, vê só, vê lá*.

¹⁹² Mais detalhe em Tavares e Görski (2012) que fazem uma comparação teórica detalhada entre as duas abordagens.

forma em um mesmo domínio funcional; ii) tal estado de variação pode impulsionar um dos itens a novos processos de mudança, fazendo cessar temporariamente a variação naquele domínio até que novas mudanças ocorram, em um processo cíclico e no qual não há precedência entre variação e mudança.

A pesquisa de Vincent, Votre e Lafortest (1993) sobre as formas *par exemple* e *mettons* no francês de Quebec ainda continua a ser uma ótima ilustração para a natureza cíclica dos processos de variação e mudança. Vejamos a figura a seguir:

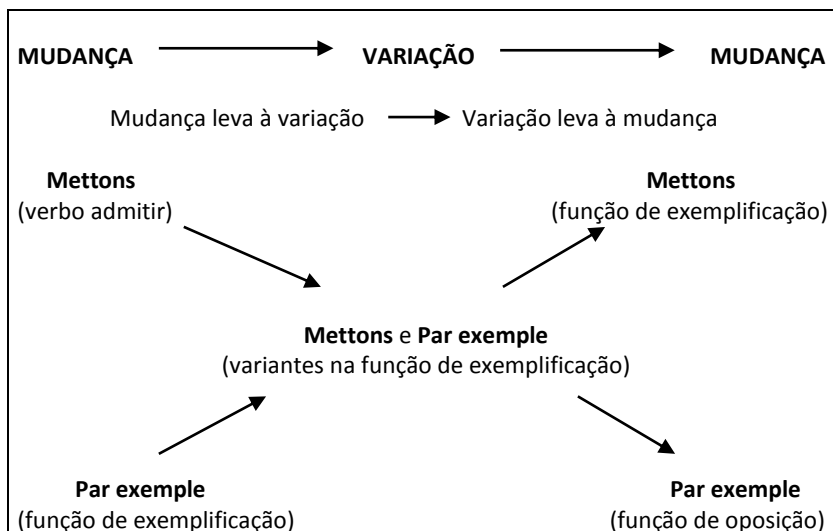


Figura 7: Processo de mudança via gramaticalização de *par exemple* e *mettons* no francês de Quebec
Fonte: Valle (2001, p. 46)

O verbo *mettons* (*admitir*), após processo de mudança, passa a variar com *par exemple* em uma função de exemplificação, isto impulsiona *par exemple* a um novo processo de mudança, fazendo com que o item assumisse exclusivamente uma função de oposição, deixando de variar com *mettons* que reina absoluto na exemplificação.

Esse tipo de disputa de caráter cíclico e contínuo é previsto e equacionado pelos princípios da estratificação e da especialização de Hopper (1991), já discutidos na subseção 3.1.2.2: dentro de um mesmo domínio funcional novas camadas (formas variantes) estão continuamente emergindo (estratificação), à medida que a gramaticalização ocorre a variedade de formas diminui, sendo que

algumas delas assumem significados mais abstratos (especialização por generalização) e outras se especializam em uma outra função ou em um contexto específico (especialização por especificação), o que faria cessar, ao menos temporariamente, a competição (TAVARES, 1999, 2003).

As considerações até aqui evidenciam que a interface sociofuncionalista não só é viável, como pode ser a opção mais acertada para a análise de itens discursivos. Tal abordagem “toma como objeto diferentes camadas ou variantes que partilham e/ou disputam determinada função, realizando o controle de grupos de fatores linguísticos, estilísticos e sociais passíveis de influenciar a escolha de uma delas pelos falantes” (TAVARES; GÖRSKI, 2012).

Mais do que teóricas, as dificuldades de integração entre as abordagens parecem ser maiores do ponto de vista metodológico: na perspectiva variacionista, recortes discretos precisam ser feitos em prol do controle estatístico dos grupos de fatores, e ocorrências ambíguas são descartadas; na perspectiva funcionalista, a descrição das ambiguidades e sobreposições funcionais é importante, pois evidencia o caráter gradual e contínuo da mudança. Buscando estabelecer bases metodológicas mais sólidas, Tavares e Görski (2012) propõem algumas etapas a serem seguidas pelas pesquisas de interface sociofuncionalista, as quais adotamos na presente tese e listamos a seguir:

- identificação de situações de uso linguístico variável dentro de um domínio funcional (a partir da observação do *continuum* multifuncional de certos itens em processo de mudança, ou a partir de um recorte sincrônico);
- operacionalização da noção laboviana de variável, isolando formas variantes que cumpram uma mesma função dentro de um domínio funcional;
- testagem de grupos de fatores diversos para identificar os contextos (linguísticos/discursivos, estilísticos, sociais) de uso das formas;
- detalhamento de cada grupo de fatores linguísticos/discursivos buscando captar variações e mudanças em curso ainda sutis (considerando inclusive sobreposição de funções), e posterior amalgamação de fatores em busca de generalizações [...];
- interpretação da frequência das formas em determinados contextos como indício (i) de perda

de espaço de uma das variantes, ou (ii) de generalização de significado (os itens expandem seus contextos de uso), ou (iii) de especialização de uso (os itens adquirem significados mais específicos restritos a certos contextos dentro do domínio);

- averiguação, na análise, da possibilidade de motivações em competição (em diferentes níveis): princípio da iconicidade *vs.* princípio da economia; princípio da persistência *vs.* princípio da marcação; princípio da marcação *vs.* expressividade retórica; fatores linguísticos *vs.* fatores extralinguísticos; fatores estruturais *vs.* fatores semântico-pragmáticos, entre outros.

Tais procedimentos metodológicos e a pesquisa na interface proposta possibilitam: um controle mais refinado de grupos de fatores linguísticos (considerando aspectos pragmático-discursivos), o tratamento de fenômenos discursivos no paradigma da TVM e a investigação mais detalhada do aspecto social da variação e mudança, que leva em conta aspectos interacionais relacionados à negociação falante-ouvinte na situação comunicativa (TAVARES; GÖRSKI, 2012).

No que tange ao aspecto social, é necessário observar o indivíduo na interação sem esquecer que o contato com o outro é social e historicamente situado. A negociação falante-ouvinte, tão cara à abordagem funcionalista, extrapola a relação imediata entre os interlocutores, pois se dá em um contexto sociocultural mais amplo, como, por exemplo, em comunidades de prática ou comunidades de fala. Os interlocutores portam inerentemente características sociais (sexo, idade) e adquirem outras ao longo da vida (escolaridade, nível socioeconômico). Tais características, entre outras, são constitutivas dos indivíduos e podem ser controladas levando-se em conta o contexto de interação. Além disso, outras características podem ser identificadas levando-se em conta o papel do indivíduo na comunidade de fala ou de prática em que se insere e aspectos identitários que emergem dessa relação.

Alguns estudiosos de gramaticalização dão ênfase ao contexto social. Bisang (1998) afirma que as motivações para a mudança linguística são de ordem pragmática (estratégias cognitivas que levam a mudança semântica), envolvem o papel do falante e do ouvinte e também fatores sociolinguísticos (comunidades linguísticas e diferentes tipos de contato), sugerindo que esse fatores podem, inclusive, ser mais

importantes que os cognitivos e considerando que, para que haja gramaticalização, é necessário que as mudanças individuais se espalhem para outros indivíduos. Androutsopoulos (1999), por sua vez, considera a importância da observação de grupos sociais ou estilos linguísticos em que uma instância da gramaticalização ocorre, enfatizando o papel dos jovens na emergência de marcadores discursivos e gírias que têm o potencial de se tornarem habituais e se espalharem para uma comunidade de fala mais ampla. (GÓRSKI et al., 2002)

Entendemos, portanto, que tarefa importante para os atuais estudos na interface sociofuncionalista é levar em conta as características (i) do indivíduo, (ii) da relação de interação e (iii) do contexto mais amplo da relação do indivíduo com a comunidade em que se insere. Isso é possível através da construção de variáveis complexas localmente pensadas que podem nos indicar não só em que medida as formas em variação estão sendo condicionadas por fatores sociais diversos, mas também tendências e motivações para a mudança linguística.

Acreditamos que novos diálogos se estabelecem a partir do olhar para *as escolhas estilísticas do indivíduo* e para *o lugar da construção de identidades socioculturais* na variação e mudança linguística.

Do ponto teórico, vimos que o indivíduo ganha destaque nos estudos funcionalistas recentes de Traugott, já que para a autora as escolhas expressivas do indivíduo feitas na negociação falante-ouvinte são vistas como *input* para a mudança, a qual é implementada quando a inovação é adotada por outros. Não é por acaso que em uma de suas definições mais recentes de gramaticalização, Traugott (2008) dá lugar especial ao uso linguístico do falante (como vimos na subseção 3.1.2.1). Heine e Kuteva (2007) também vinculam o início da GR ao uso inovador de formas ou construções feito por um ato individual e replicado por outros falantes até atingir uma comunidade de fala inteira. Na perspectiva da TVM, vimos que, apesar do foco não estar no surgimento da mudança, as escolhas individuais e seus efeitos sobre a variação e mudança das formas linguísticas têm recebido atenção cada vez maior nas últimas décadas com o interesse renovado na variação estilística, na variação intrafalante.

Do ponto de vista metodológico, vínculos entre as abordagens também podem ser estabelecidos. Traugott (2008, 2010b) considera que tanto contextos dialógicos, em que mais de um ponto de vista são evocados, quanto contextos dialogais, em que há trocas de turno, são *locus* propício para o uso inovador dos indivíduos e para a consequente emergência da mudança (TRAUGOTT, 2008, 2010b). Nesse caso, o

método de coleta de dados através da realização de entrevistas sociolinguísticas parece promissor para a operacionalização da interface, já que a interação entrevistador-entrevistado envolve dialogicidade¹⁹³ e se constitui como situação comunicativa propícia para o surgimento de contextos dialógicos e dialogais. Obviamente, devemos levar em conta que nem todas as entrevistas sociolinguísticas são iguais – sendo algumas mais conduzidas pelo entrevistador e outras governadas pelo entrevistado –, mas, em certa medida, sempre há algum grau de dialogicidade¹⁹⁴. Sendo assim, é plausível pensar na entrevista não só como meio para a investigação do uso de formas ou funções inovadoras, mas também conjecturar que quanto maior o grau de dialogicidade da entrevista sociolinguística¹⁹⁵, maior seria a probabilidade de novos usos. É possível também pensar que as diferenças na configuração das entrevistas possam refletir usos também distintos.

Outro espaço para o diálogo se estabelece quando consideramos aspectos ligados à **construção de identidades socioculturais**. Da perspectiva funcionalista, para Givón (1993), a língua, além de outras funções¹⁹⁶, cumpriria a função de coesão sociocultural, mantendo um grupo unido e identificando indivíduos com um grupo. Nessa mesma direção, temos mencionado nas seções anteriores que os estudos sociolinguísticos mais recentes têm dado ênfase ao significado social

¹⁹³ Traugott toma dialogicidade apenas em referência a contextos dialógicos, em que há mais de um ponto de vista, ainda que admita que é comum que o termo seja usado para ambos os contextos. Nós tomamos o termo de forma ampla, considerando que dialogicidade refere-se tanto à multiplicidade de pontos de vista em situação comunicativa, quanto às trocas de turno. Nesse sentido a entrevista sempre envolve algum grau de dialogicidade.

¹⁹⁴ Em algumas entrevistas da amostra que analisamos o entrevistado parecia falar para uma plateia mais ampla, fazendo discurso político ou pregação religiosa, e praticamente desconsiderava o entrevistador.

¹⁹⁵ Algumas entrevistas se aproximam mais de um questionário estruturado em que o entrevistado apenas responde o que lhe foi perguntado, outras se parecem mais com uma seção de terapia em que o entrevistado toma o turno e desabafa sobre assuntos de seu interesse e ainda há os casos em que a entrevista parece muito próxima de uma conversa entre amigos. Acreditamos que é possível estabelecer critérios para medir o grau de dialogicidade da entrevista, como veremos no capítulo 6.

¹⁹⁶ Vimos na subseção 3.1.1 que, para Givón (1993), além das funções principais de representação mental da experiência e de comunicação, a língua cumpre outras três importantes funções meta-comunicativas: a função de coesão sociocultural, a função afetiva/interpessoal e a função estética.

das formas linguísticas e a condicionadores sociais mais amplos para a variação e mudança, envolvendo principalmente aspectos ligados à identidade dos falantes e sua vinculação com grupos sociais (ECKERT, 2008, 2012; COUPLAND, 2007, entre outros). Labov (2010) tem considerado que: i) além de condicionadores sociais, também atuam sobre a língua fatores culturais envolvendo padrões mais amplos e independentes da interação face a face; ii) aspectos ideológicos e identitários podem se constituir como uma das forças motrizes da mudança, bem como uma barreira para sua expansão¹⁹⁷.

Vemos que tanto o indivíduo quanto suas identidades socioculturais (seus movimentos de aproximações e distanciamentos com grupos sociais) têm importante papel em ambas as abordagens teóricas, o que fortalece o casamento, e acreditamos que o olhar para os RADs a partir da interface pode ser promissor para: i) a investigação das forças motrizes em competição para a variação/mudança; ii) o estabelecimento mais detalhado das etapas e da trajetória de mudança.

¹⁹⁷ Coelho *et al.* (no prelo) também ressaltam que aspectos ligados à identidade e hierarquia social dos falantes podem interessar para a implementação da mudança.

4

METODOLOGIA

Este capítulo destina-se à apresentação das etapas de análise e das questões e hipóteses da presente tese e também à descrição da amostra, da comunidade investigada e dos procedimentos metodológicos adotados, sendo que: na primeira seção, descrevemos a Amostra Brescancini-Valle e discutimos alguns aspectos relacionados com a configuração das entrevistas e com a distribuição dos informantes; em seguida, fazemos breve descrição geográfica, histórica e social da comunidade da Barra da Lagoa; na terceira e na quarta seções, passamos à descrição dos procedimentos adotados para a coleta, transcrição e tratamento dos dados; na quinta seção, apresentamos as duas etapas em que se divide a análise e que resultam em dois capítulos – *Multifuncionalidade em foco* e *Variação no domínio funcional da requisição de apoio discursivo: forças em competição*; na seção seguinte, apresentamos as questões e hipóteses gerais que guiam a análise, bem como descrevemos sua operacionalização; e na última seção, apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes controladas.

4.1 CORPUS: A AMOSTRA BRESCANCINI-VALLE (2001-2010) COM INFORMANTES NATIVOS DA BARRA DA LAGOA

Para a realização da presente pesquisa contamos com uma amostra de fala recente da comunidade da Barra da Lagoa, composta por 45 entrevistas, cada uma com cerca de uma hora de gravação. A amostra, que atualmente integra o Banco de Dados do Núcleo VARSUL¹⁹⁸, foi coletada pela pesquisadora Cláudia Regina Brescancini (PUCRS) com o auxílio da autora desta tese, que é moradora da comunidade.

¹⁹⁸ Trechos de algumas entrevistas da amostra fazem parte da amostra digital VARSUL e estão disponíveis para audição *online* no site <<http://www.varsul.org.br>>.

Fruto da parceria de quatro universidades do Sul do Brasil (UFRGS, UFSC, UFPR e PUCRS), o Núcleo Interinstitucional VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) alcança, em 1996, a meta de constituir um acervo de 288 entrevistas, distribuídas igualmente por 12 cidades, quatro de cada Estado do Sul do Brasil (VANDRESEN; COELHO, 2008). As entrevistas individuais com cerca de uma hora de gravação de interação face a face foram realizadas inspiradas na metodologia laboviana, com o intuito de obter grande volume de fala vernacular. Assim, apesar de existir um questionário-base, muitos entrevistadores o tomam como roteiro geral, estimulando o entrevistado a falar sobre os temas sugeridos, mas sem muita interferência, procurando diminuir a artificialidade da situação de entrevista:

Os princípios de escolha do tipo de texto (entrevista) utilizado na coleta de dados obedeceram a um conjunto de regras estabelecidas e (re)discutidas frequentemente em reuniões, de modo que as amostras coletadas fossem o mais representativas possível do vernáculo, ou seja, da fala usada em situações informais nas diferentes regiões. (VANDRESEN; COELHO, 2008, p. 3)

A partir de 2000, o banco-base do Núcleo VARSUL começou a ser ampliado e, em Florianópolis, recebeu vários acréscimos de entrevistas feitas em comunidades da área não urbana: Amostra Monguilhott, Amostra Brescancini-Valle, Amostra Floripa. Coletada no período de 2001 a 2010, a Amostra Brescancini-Valle foi incorporada ao conjunto de entrevistas do Banco VARSUL e se encontra arquivada nas sedes do Núcleo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e na Universidade Feredal de Santa Catarina (UFSC).

4.1.1 CONFIGURAÇÃO DAS ENTREVISTAS DA AMOSTRA BRESCANCINI-VALLE

Nas entrevistas da amostra Brescancini-Valle a rigidez metodológica é flexibilizada em busca de uma conversação mais espontânea o quanto possível. Não havia um roteiro fixo a seguir, o objetivo era fazer perguntas basicamente vinculadas à identidade local, à história da comunidade e à relação dos moradores com o turismo, de modo a propiciar o máximo possível de uso do vernáculo.

Valle e Görski (2014) assinalam que a principal diferença entre as entrevistas nos moldes labovianos e aquelas da amostra Brescancini-Valle está em como o momento da entrevista é entendido pelo entrevistador e pelo entrevistado. As entrevistas do pesquisador americano preveem sempre um entrevistador que tem papel ativo na sua realização, que dirige a situação comunicativa, já as entrevistas da amostra que é utilizada nesta pesquisa, ora irão se configurar como uma atividade bem estabelecida, em que o entrevistador é aquele que governa a situação, e ora irão se aproximar muito mais de uma conversa ou de um monólogo do entrevistado, o qual passa a comandar a situação. Alguns informantes encaravam a gravação com tanta naturalidade que “o momento da entrevista foi interpretado por alguns como uma conversa ou como uma espécie de terapia” (VALLE; GÖRSKI, 2014, p. 102). O quadro abaixo ilustra bem algumas das diferenças encontradas entre as entrevistas da amostra:

Quadro 9: Diferenças na configuração das entrevistas da amostra Brescancini-Valle

Entrevista governada/conduzida pelo entrevistador	Entrevista governada/conduzida pelo entrevistado
<p>Trecho de entrevista conduzida pelo entrevistador: (1) E: e depois e lá embaixo tem um horário né fulano assim um horário que tem mais gente naquela pracinha qual é o horário? é de manhã e tem o horário de ta(r)[1 dinha... 1] F: [1 é 1] é de ma-NHÃ:... é de manhã da da das::+SETE HORA... ou até mais cedo das seis horas já até::... até umas onze horas... ((est)) e depois+então aí o pessoal cada um já sai pra casa pra ir coMER... ((est)) aí depois+só dali de umas três horas+em diante até umas::+sete+e meia oito hora da noite E: quando eh tão ali quando ((hes)) os barcos+SAI e depois quando eles [2VOLTam né? 2] F: [2 é 2] é esse horário assim mesmo no final da mais no final da TARde e depois no começo da manhã E: e esses barquinhos que tão ali: eles vão pescar ONde? eleses só VÃO: E VOLTAM durante o dia eles não vão pra muito longe né?</p>	<p>Trecho de entrevista conduzida pelo entrevistado: (2) E:Mas+aconteceu alguma coisa entre vocês? F: NÃO... o que aconteceu foi o seguinte o meu filho esse aqui era.../ era pequê::no... ele discutiou com ele acho/ ti lembra aquela novela da Capitu? E: Lembro F: Ele chamou ela de Capitu... aí ela não gostou SÓ QUE+EU NÃO TAVA SABENDO ((junto com a ênfase, bate as mãos em sinal de desconhecimento)) E: Ai que bobagem F: Olha só que bobagem eu não tava sabendo... aí ele foi tomar café lá:: com e::la e ela não quis dar:: não quis passar que/ requejão no::/ no/ no pão dele... ((bate as mãos em sinal de desconhecimento)) tá mas aí, até então... ((até aqui)) aí ele começou a xingar ela... é coisa de criança né? ela já era uma adulta... ((risos da entrevistadora)) ele era um/ uma criança... aí:: porque ela+é/ ela+é do tipo assim ó ela é/ não é de</p>

F: é: nã: dependendo da PESca né? a pesca ali é assim ó tem a rede de cerco que eles vão duas vezes no dia... ((est)) eles vão de tarde e vão de manhã cedo... ((est)) então eh: quer dizer ((interrupção do áudio)) (vão) passar a vista nessa rede ali... quando é outro tipo de PESca no caso eles vã::/ à procura da taINHA... ((est)) aí a tainha quer dizer eles podem até anoitecer eles pode sair ((sair)) hoje e só vim aMANHÃ... né tem uns que faz asSIM... e:: ((interrupção do áudio)) (qu)ando é na pesca da corvina... eles+SAI de manhã cedo... e só voltam de noite... ((est)) é tipo assim oito horaoit/+e meia nove hora dez HORA onze hora depende) (BARRA26MA4)

Características da entrevista governada/conduzida pelo entrevistador:

- O entrevistador está mais preso a um “roteiro pré-estabelecido” e – apesar dos momentos em que o entrevistado insere tópicos de interesse próprio – tenta garantir a aplicação de partes essenciais do roteiro.
- Existe maior dificuldade para alcançar o vernáculo.
- O critério de comparabilidade entre as entrevistas é fortemente garantido.
- Há um estilo mais monitorado no início da entrevista que caminha para um estilo menos monitorado ao longo da gravação (dependendo do módulo selecionado pelo entrevistador).

nada... mas+ela quer dar LIÇÃO DE MORAL e não tem moral... tas me+entendendo? ela é bem assim... Af:: tá mas+eu não sabia aí a minha cunhada ligou e ela assim “olha | se o Cicrano chegar aí e contar alguma coisa olha... tu::... tu dá razão pra ele porque+ele tava com razão...” a minha outra cunhada... IRMÃ DELA... ((espanto/riso da entrevistadora)) eu disse ‘o que que hou::ve?...’ só que/ aí ela assim/ eu disse+assim ‘o que que houve?’ “não porque os (guri) discutiram aqui o Cicrano chamou ela de Capitu e não sei o quê e se brigaram os dois...” eu digo ‘aí eu não credi::to...’ ((espanto/riso da entrevistadora)) eu BEM ASSIM NO TELEFONE ‘a Fulana brigou com o Cicrano? a/ a Fulana é alguma criança?’ (risos da entrevistadora) “é eles tavam brincando aqui ela não gostou...” eu digo ‘ah:: tá bom’ aí tá | por+ali passou (BARRA20FA8)

Características da entrevista governada/conduzida pelo entrevistado:

- O entrevistado praticamente guia a entrevista e o entrevistador faz o papel de ouvinte atento.
- Existe maior facilidade para alcançar o vernáculo.
- O critério de comparabilidade entre as entrevistas é fracamente garantido.
- O estilo inicial pode já ser muito próximo do estilo não monitorado/casual, variando ao longo da entrevista em função dos temas e sequências textuais ativadas pelo entrevistado.

Alguns entrevistados desviavam-se das perguntas propostas para tratar de assuntos de seu interesse e isso fica muito evidente em algumas entrevistas nas quais há uma verdadeira entrega ao assunto, através da mudança do tom da fala, de momentos de choro, raiva, mesclados com outros momentos de extrema alegria e gargalhadas. Alguns informantes falam de assuntos de foro muito íntimo, revelando preferências sexuais, experiências com o uso de drogas e segredos de infância, outros falam ainda sobre revelações religiosas e graves doenças.

Como vimos na seção 3.2.7, vários fatores atuam para que as entrevistas ora se apresentem mais governadas/comandadas pelo entrevistador e ora mais governadas/comandadas pelo entrevistado: a postura do entrevistador (mais ativo ou passivo), o perfil do entrevistado (mais falante ou mais tímido) e o que se entende por entrevista (mais como uma conversa ou mais como um momento para responder apenas o que o entrevistador perguntar).

Essa relação entrevistador-entrevistado no momento da realização da entrevista é importante por duas razões centrais: i) a metodologia de análise aplicada à entrevista, principalmente no que tange a questões estilísticas, precisa dar conta da possível variabilidade de assuntos abordados e dos modos de execução da entrevista; ii) os diferentes modos de percepção e realização da entrevista têm papel importante no uso dos RADs¹⁹⁹.

Fant (2007), analisando as situações de negociação que se instauram na entrevista e o uso de marcadores discursivos, sugere que, por um lado, o entrevistado, por ter que se pronunciar por longos períodos, sente a necessidade de usar marcadores comprovativos (caso se sinta inseguro quanto ao conteúdo do que diz) ou pseudocomprovativos (caso se sinta seguro quanto ao conteúdo, mas inseguro sobre a atenção do interlocutor). Em contrapartida, o entrevistador sabe que deve estimular seu entrevistado e garantir que ele siga falando, por isso faz uso de estímulos como resposta aos marcadores.

Os comentários do autor sobre a situação instaurada durante a entrevista evidenciam que as considerações feitas com base em materiais dessa natureza devem ser relativizadas. O uso dos RADs em situação de entrevista pode indicar seu funcionamento na conversação espontânea, mas não podemos esquecer da artificialidade da situação. Nesse sentido, quanto mais pudermos saber sobre o momento da

¹⁹⁹ Os aspectos concernentes à configuração da entrevista são aprofundados no capítulo 6 durante a análise.

realização de cada entrevista e como os interlocutores se relacionam com essa situação comunicativa e entre si, mais saberemos sobre o estabelecimento das funções dos RADs.

4.1.2 DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES NA AMOSTRA BRESCANCINI-VALLE

Enfrentamos problemas para a distribuição equilibrada dos informantes da amostra investigada em células sociais.

É raríssimo encontrarmos, entre os moradores nativos, pessoas mais velhas com mais de quatro anos de escolarização, muitos têm de um a quatro anos de escolarização e outros nunca frequentaram a escola. Entre os mais jovens a situação é oposta, já que todos eles têm mais de sete anos de escolarização. Sendo assim, a distribuição dos informantes somente se dá de forma equilibrada na faixa etária intermediária.

Ainda que seja uma dificuldade para a análise que toma o indivíduo estratificado, essa distribuição irregular das entrevistas na amostra retrata a organização social da comunidade de fala. É possível que houvesse um ou outro indivíduo mais velho com escolarização um pouco mais elevada, mas isso é uma realidade pouco comum no bairro como percebemos através do relato dos próprios informantes:

Que antigamente do gi- da quinta em di- até a quarta, pra falar a verdade, da quinta em diante tinha que ir pro Centro, daí não tinha estrada, era- era tudo difícil, né? uns conseguiam porque assim tinha família que tipo tinha, vamos supor, uma família possuía engenho de fari::nha, daí já possuía mais terras (est) né? tinha como vender, vamos supor, essa (he) eu tenho uma família que possui um engenho, daí essa família tinha terras e tinha (hes) já tinha mais uma verbas que tinha condição de pagar o transporte, que no caso era bon- era de bonde e tudo, daí era mais fácil, agora quem não tinha, quem sobrevivia da pesca mesmo, tinha pesca, mas também pra pagar estudo não tinha, **entendeu?** era mais pra sobrevivência mesmo. (BARRA13MJ11-04:31)

Além disso, apesar de termos ouvido e feito o mapeamento²⁰⁰ de todas as 45 entrevistas, algumas delas foram descartadas da análise: a entrevista da informante 01, por ter revelado que na infância morou por quatro anos no Rio Grande do Sul; a entrevista do informante 41, que já é mais velho e apresenta problemas articulatórios que dificultavam a compreensão dos dados; a entrevista do informante 32, que apresenta muitas falhas na gravação; as entrevistas dos informantes 10, 17, 22, 25, 26 e 35 que não apresentam nenhuma ocorrência dos RADs em análise; as entrevistas dos informantes 03, 05, 11, 15, 37 e 40 que realizaram menos de 5 ocorrências do RADs em análise. Sendo assim, ficamos com um total de 30 entrevistas para a análise, sendo 17 delas com mulheres e 13 com homens (Vejam os quadros 10²⁰¹).

Essa distribuição faz com que as análises acerca das variáveis *sexo*, *escolaridade* e *idade* devam ser bastante relativizadas. Contudo, não consideramos que isso seja um problema para a análise variacionista, já que os resultados para as variáveis sociais dessa natureza não têm se mostrado relevantes para o uso dos RADs em pesquisas anteriores. Além disso, contamos com outras variáveis sociais e uma variável complexa estabelecida a partir das características da comunidade investigada, pois já apostávamos que as escolhas individuais e as variáveis sociais localmente pensadas nos diriam muito mais sobre o comportamento dos RADs do que as variáveis sociais clássicas. Mesmo assim, mantivemos as variáveis sociais *sexo*, *escolaridade* e *idade* nas primeiras rodadas apenas para termos um quadro distribucional.

²⁰⁰ Mais detalhes sobre o mapeamento feito nas entrevistas são dados na seção 4.3 deste capítulo.

²⁰¹ O quadro sobre a amostra Brescancini-Valle foi feito para visualizar a distribuição dos informantes e está organizado em três faixas etárias, apresentando uma escala crescente de escolarização.

Quadro 10: Distribuição dos 45 informantes da Amostra Brescancini-Valle (2001-2010)

MULHERES		
De 14 a 28 anos de idade	De 33 a 48 anos de idade	De 51 a 83 anos de idade
BARRA01FJ8 * 18 anos 8 anos de escolarização	BARRA46FA4** 33 anos 4 anos de escolarização **A entrevista 24 foi extraviada e a substituímos pela entrevista com a informante 46, feita no mesmo período da coleta na Barra da Lagoa	BARRA33FB0 77 anos Não frequentou a escola.
BARRA02FJ8 14 anos 8 anos de escolarização	BARRA18FA4 41 anos 4 anos de escolarização	BARRA34FB0 81 anos Não frequentou a escola.
BARRA03FJ9 16 anos 9 anos de escolarização	BARRA19FA8 33 anos 8 anos de escolarização	BARRA35FB1 62 anos 1 ano de escolarização
BARRA04FJ9 17 anos 9 anos de escolarização	BARRA20FA8 43 anos 8 anos de escolarização	BARRA36FB4 69 anos 4 anos de escolarização
BARRA05FJ10 17anos 10 anos de escolarização	BARRA21FA8 42 anos 8 anos de escolarização	BARRA37FB4 51 anos 4 anos de escolarização
BARRA06FJ11 20 anos 11 anos de escolarização	BARRA22FA10 40 anos 10 anos de escolarização	BARRA38FB4 59 anos 4 anos de escolarização
BARRA07FJ11 17 anos 11 anos de escolarização	BARRA23FA10 48 anos 10 anos de escolarização	BARRA39FB4 83 anos 4 anos de escolarização
BARRA08FJS 24 anos Superior completo		BARRA40FB4 58 anos 4 anos de escolarização
BARRA09FJS 28 anos Superior Completo		

HOMENS		
De 14 a 24 anos de idade	De 33 a 45 anos de idade	De 63 a 80 anos de idade
BARRA10MJ7 14 anos 7 anos de escolarização	BARRA25MA4 42 anos 4 anos de escolarização	BARRA41MB0 76 anos
BARRA11MJ9 16 anos 9 anos de escolarização	BARRA26MA4 45 anos 4 anos de escolarização	Não frequentou a escola BARRA42MB3 63 anos 3 anos de escolarização
BARRA12MJ9 15 anos 9 anos de escolarização	BARRA27MA8 37 anos 8 anos de escolarização	BARRA43MB3 80 anos 3 anos de escolarização
BARRA13MJ11 17 anos 11 anos de escolarização	BARRA28MA8 34 anos 8 anos de escolarização	BARRA44MB5 75 anos 5 anos de escolarização
BARRA14MJ11 17 anos 11 anos de escolarização	BARRA29MA11 37 anos 11 anos de escolarização	BARRA45MB4 73 anos 4 anos de escolarização
BARRA15MJ11 21 anos 11 anos de escolarização	BARRA30MA11 41 anos 11 anos de escolarização	
BARRA16MJ11 20 anos 11 anos de escolarização	BARRA31MA11 33 anos 11 anos de escolarização	
BARRA17MJS 24 anos Superior incompleto	BARRA32MAS 33 anos Superior incompleto	

Legenda: (BARRA01FJ8) = BARRA corresponde à localidade; 01 ao número do informante; F ao sexo do informante; J à idade do informante (J – jovem; A – meia-idade; B – mais velhos); e numeral corresponde aos anos de escolarização do informante (S – ensino superior).

* Destacados em **negrito** os informantes que produziram menos de 5 ocorrências dos RADs em análise ou que por outros motivos foram descartados da análise.

4.2 LOCUS: A COMUNIDADE DA BARRA DA LAGOA

Localizada a cerca de 20 km do centro urbano e situada na costa leste de Florianópolis, entre a Lagoa da Conceição e o Oceano Atlântico, a comunidade da Barra da Lagoa, com área total de 4,75 km², tornou-se distrito quando a Lei Municipal nº 4.806/95 de 21/12/1995 desmembrou a praia da Barra da Lagoa e a Fortaleza da Barra do Distrito da Lagoa da Conceição²⁰².



Figura 8: Vista da Barra da Lagoa de cima do Morro da Galheta
Fonte: Changemakers (2014)

A área geográfica do distrito é limitada pela praia a leste, pelo Morro da Galheta a oeste, pelo canal e continuação do morro ao sul e pelo Parque Florestal do Rio Vermelho ao norte. A praia da Barra da Lagoa, oficialmente com 650 m de extensão, na ausência de algum tipo de acidente geográfico, junta-se com a praia de Moçambique, totalizando 8 km de praia, a maior de Florianópolis. Apesar de ligar-se à Lagoa por via rodoviária desde 1847 – data da construção da primeira

²⁰² O Distrito da Barra da Lagoa compreende também a área da Fortaleza da Barra da Lagoa e consideramos as duas áreas, por terem a mesma origem e por não existirem limites claros que as dividam, como uma área só. Alguns de nossos informantes nasceram e sempre moraram na Fortaleza da Barra.

ponte sobre o canal na região da Fortaleza da Barra – a comunidade permaneceu praticamente isolada até a década de 1970 e vem passando, nas últimas décadas, por crescente urbanização, recebendo grande quantidade de turistas e novos moradores²⁰³ (CLARAMUNT, 2008).



Figura 9: Mapa da Ilha de Santa Catarina com a localização de suas praias
Fonte: 4RENT (2014)

²⁰³ Mais fotos da Barra da Lagoa no apêndice 1.



Figura 10: Mapa da região da Barra da Lagoa e Fortaleza da Barra da Lagoa
Fonte: Viva Floripa (2014)

Não existe registro sobre o início do povoamento na Barra da Lagoa. O que se sabe está ligado com o processo geral de colonização açoriana na Ilha e litoral de Santa Catarina. Os primeiros navegadores portugueses chegam à Ilha no século XVI, tendo encontrado grande população de índios, denominados Carijós, que foi progressivamente dizimada ou expulsa de sua terra de origem, adentrando ao continente. Muitos anos mais tarde, em 26 de março de 1726, o povoado da Ilha de Santa Catarina é elevado a Vila de Nossa Senhora do Desterro e começa a receber imigrantes portugueses, principalmente vindos do Arquipélago dos Açores, mas somente a partir de 1746, atendendo solicitação do Brigadeiro José da Silva Paes para povoar e fortificar a Ilha, é que o Rei de Portugal autoriza a vinda de um contingente maior de casais açorianos, cerca de quatro mil famílias (PIAZZA, 1983, CORREA, 2004):

El-Rei nosso senhor atendendo as representações dos moradores da ilhas dos Açores, que tem pedido, mande tirar delas o número de casais que for servido, e transportá-los à América, donde resultará às ditas ilhas grande alívio em não ver

padecer os seus moradores reduzidos aos males que traz consigo a indigência em que vivem, e ao Brasil um grande benefício em povoar de cultores alguma parte dos vastos domínios do dito estado, foi servido por resolução de 31 de agosto do presente ano, posta em, consulta do seu Conselho Ultramarino de oito do mesmo mês fazer mercê aos casais das ditas ilhas, que se quiserem ir estabelecer no Brasil de lhes facilitar o transporte, o estabelecimento, mandando-os transportar á custa de sua real fazenda, não só por mar, mas também por terra até os sítios que se lhes destinarem para as suas habitações, não sendo homens de mais de 40 anos, e não sendo as mulheres de mais de 30; e logo que chegarem a desembarcar no Brasil a cada mulher que para ele for das ilhas, de mais de 12 anos e de menos de 25, casada ou solteira, se darão dois mil e quatrocentos de ajuda de custo, e aos casais que levarem filhos se lhes darão para ajuda de os vestir mil réis para cada filho, e logo que chegarem aos sítios que hão de habitar, se dará a cada casal uma espingarda, duas enxadas, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas e uma serra com sua lima, e travadeira, dois alqueires de semente, duas vacas e uma égua, e no primeiro ano se lhes dará a farinha que entender basta para o sustento [...] (CORREA, 2004, p. 77).

Muitos dos imigrantes vindos a essa época e aqueles que vieram nos fluxos migratórios subsequentes, se estabeleceram em uma das sete Freguesias da Ilha e entorno: São José, São Miguel, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ana, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora das Necessidades e Nossa Senhora da Conceição. O povoamento estabelecido na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição deu origem ao assentamento populacional em torno de toda a Baía da Lagoa da Conceição, incluindo o povoado da Barra da Lagoa que, cortado por um canal de ligação entre lagoa e mar, atraiu aqueles que se estabeleceram em torno de atividades pesqueiras (CLARAMUNT, 2008). Segundo Claramunt, as terras onde hoje se localiza o distrito da Barra da Lagoa, pertenciam ao seu Flor Martins e, segundo relatos de moradores, uma quantidade muito pequena de famílias se estabeleceu no início:

Sem contar que é uma- é um:: bairro pequeno e a gente se conhece da rua::, do cole::gio... às vezes a gente conhece os pais::... conhece... praticamente a família inteira, **entendeu?** porque aqui na Barra são-... tirando o pessoal que veio de fora pra morar aqui, são três famílias.

E: Ah, é?

F: São só três famílias na Barra... foi feita uma pesquisa e:: constataram isso.²⁰⁴
(BARRA04FJ9:Faixa1-27:58)

A comunidade se manteve através de uma cultura de subsistência baseada em atividades de pesca e agrícolas. Segundo relatos dos moradores, a partir de 1930, com as inovações tecnológicas da atividade pesqueira, os pescadores locais começaram a alterar os períodos de pesca artesanal na vila com as saídas para pescar em polos pesqueiros maiores, principalmente em Rio Grande-RS. A maioria dos homens passava longos períodos fora da comunidade e as mulheres assumiam o comando da casa, trabalhando na lida das pequenas lavouras, fazendo renda, consertando redes, lavando roupa na fonte e cuidando dos filhos pequenos. Muitos dos entrevistados fazem relatos sobre esse período, denominado por eles de “a Barra de antigamente”:

(Sobre a vida do avô entre a Barra e o Rio Grande)

Só vinham mesmo na:: no Natal mesmo, final-duas vezes por ano, em julho e em dezembro... restante, a minha vó teve seis filhos (riso E) ah, criou, é (hes) criou sozinha, bem dizer, **entendeu?**... e também assim ó, lá no Rio Grande era assim... tinha época que d- que tinha peixe, meu Deus do céu, era uma fartura e eles mandavam dinheiro [...], mas tinha época que era:: parava o peixe que era miséria, **entendeu?** eles tinha que pescar:: quase seis meses pra ganhar um:: pou- um tostão que fosse, **entendeu?** muito pouco, era épocas, **entendeu?**... daí o:: aí o

²⁰⁴ Não tivemos acesso a essa pesquisa, mas os moradores do bairro constantemente repetem esse relato. Muitos afirmam que várias crianças na comunidade, principalmente na área da Fortaleza da Barra, nasceram com problemas genéticos diversos (lábio leporino, por exemplo) por conta de casamentos consanguíneos.

meu avó materno ele trabalhou também nessa faixa, uns quarenta anos. (BARRA13MJ11-13:54; 14:11; 14:18; 14:20)

F: Então (hes) a mulher foi a- foi sempre o chefe da casa, aqui na Barra da Lagoa quem controlou tudo foi a mulher

E: Que interessante, né?

F: É, foi a mulher, ela- ela que:: tinha os filhos, ela que (hes) via se faltava o alimento em casa... porque antigamente também era:: tinha:: tudo:: o processo de:: de- a respeito de:: ah:: Como é? Como é que eu vou dizer? Plantações também era ela a responsável... [**entendeu?** a mulher é que cuidava]

E: [Ah, é?]

F: Porque o homem, o homem pescava todo o tempo no Rio Grande e ela que controlava todo o orçamento de casa. (BARRA13MJ11-09:31)

(Sobre o período em que o marido trabalhou no Rio de Janeiro)

É, ele nunca me viu grávida, só me engravidou a caminho do Rio... e eu criei os filhos quase sozinha... **sabe?** aí ele trabalhava fora, mandava todo o dinheiro... e eu fui quase pai e mãe.

E: Nossa, Dona Fulana! [Ele nunca viu a senhora de barriga?]

F: [Mas era- era bem- eu era bem feliz.] Não, de barriga não... foi bem- é:: foi assim bem interessante, **sabe?** (hes) eu casei aí teve os- eu casei em janeiro, fevereiro já:: engravidei e ele foi embora, quando ele chegou a menina já tava-tinha um mesinho. (BARRA38FB4-02:37; 02:51)

Ah:: as avós era mais (hes) como eu digo, cuidar dos filhos, **entendeu?** cuidar dos filhos, mais (hes) o serviço da casa e também elas auxiliavam assim ó, quando- nas plantações porque os avós quando vinham eles deixavam- alguns tinham terras em maior número. (BARRA13MJ11-16:52)

A minha mãe tirava muito café:: ela ia lá pro cafezeiro... (hes) ela tomava o cafezinho dela de manhã:: vinha pro cafezeiro tomar café::... e::

tirava três ou quatro saco de café na plantação de café dela (est), ela tinha um negócio de estender o café dela pra secar, depois desse café estar seco, ela batia num pilão... **sabe comé?**tudo com trabalho, veja só... batendo no pilão pra chubear esse café, esse café até ficar chumbeado, ela passava esse café, tirava aquela (escovidinha), passava pro torrador, torrava café uma- um meio dia inteiro, depois dali ela passava pro pilão outra vez que é pra socar bem socadinho pra poder fazer o pó (est)... **tá entendendo?** era o café gostoso que se tratava, café puro que se tratava era esse café. (BARRA44MB5-05:47; 06:04)

(Sobre a produção de alimentos para consumo próprio)

F: Então esse- tudo isso que nós colhemos e que os meus pais-... que os meus pais colheu, farinha, açúcar, com a graça de Deus, isso tudo não era pra vender, era só pro gasto só da casa (est)... **tás entendendo?** não se vendia nada, querida... não se vendia nada, era só pro- pro custo de- de (BARRA44MB5-08:59)



Figura 11: Atividade de pesca artesanal na Barra da Lagoa – Lanço de Tainha em 2014

Fonte: Arquivo particular

Os costumes e tradições trazidos das origens açorianas ganharam nova roupagem e ajudaram a construir um conjunto de tradições locais que, ainda que atualmente fragilizado, tem se mantido: com a produção de trançados de renda e de tarrafa, a cantoria de Ternos de Reis, a brincadeira do boi de mamão e a realização de festividades como a Festa do Divino Espírito Santo e a Festa de São Pedro²⁰⁵.

A localidade sofreu mudanças importantes ao longo dos anos e que permanecem até os dias de hoje, como a construção de uma ponte pênsil no centrinho da Barra na década de 1960 – que passou a facilitar o cruzamento do canal por pedestres – e do molhe em 1982 – que permitiu que o canal, que antes era fechado em certos períodos do ano por causa da grande quantidade de areia trazida pelas marés, permanecesse aberto o ano todo, possibilitando o acesso dos barcos ao trapiche principal e à Lagoa da Conceição. Essas melhorias para a lida diária do pescador voltaram a estimular a pesca no local que, apesar de atualmente estar em forte declínio, manteve por muitos anos a identidade pesqueira do lugar, diferente de outros bairros da Ilha, como Ingleses e Canasvieiras, onde a atividade praticamente terminou há vários anos.

Contudo, a mais importante das mudanças foi a construção da rodovia SC-406 em meados da década de 1970 e seu asfaltamento no início dos anos 1980, rompendo com a barreira natural imposta pelo Morro da Galheta que tanto dificultou a entrada e saída dos moradores e manteve a localidade isolada por tanto tempo:

F: Não, só da Lagoa pra lá já tinha estrada, né?

E: Mas era terra.

F: Mas era terra... mas é:: daqui pra lá era tudo mato, era que nem- era morro... Não tem aquele morro ali, né? aquilo ali tudo era morro assim.

E: Era mato. (BARRA39FB4:Faixa2-01:48)

(Sobre o desenvolvimento da Barra)

Mas também de mil novecentos e trinta pra cá não foi fácil, né? (est) teve o que comentar bastante... aí, começou, começou e começou, que até hoje,

²⁰⁵ Por muitos anos a Barra da Lagoa foi conhecida por sua tradicional Festa da Tainha. Durante o período de gravação das entrevistas algumas festas ainda aconteceram, mas nos últimos anos a festividade não foi mais realizada. A própria pesca da Tainha, que sempre foi motivo de comemoração na comunidade, é cada vez mais escassa.

graças a Deus- a Barra era mato... **viu?** (est) a parte do morro era tudo mato, só tinha uns caminhozinho da gente passar. (BARRA45MB4:Faixa1-02:29)

F: Então, (hes) a gente foi:: foi observando, foi observando, mas a gente também andava muito, eu ia de pé daqui até lá em baixo no mercado, de pé e voltava.

E: Lá do mercado público?

F: De pé e voltava passando uns caminhozinho como esse corredor aí:: Morro das Sete Voltas, naquela época era assim::

E: Meu-

F: **Viu?** naquela época era tudo assim, agora tá assim... mas, naquela época era tudo assim, que a gente chegava lá em cima cansado... e quando vinha de lá pra cá... eh:: quando chegava no morro descia que olhava via a Barra aqui ficava tão contente “Ah, já tô aqui na minha casa” **entende?**... (BARRA45MB4:Faixa1-05:36; 05:49)

Mesmo com o acesso, a característica reservada e interiorana dos moradores limitou por vários anos a saída das pessoas do bairro para trabalhar ou estudar no Centro de Florianópolis, como percebemos através do relato de duas informantes, uma que quis trabalhar no Centro durante a década de 1980 e a outra que estudou na área urbana da cidade durante a década de 1990:

(Sobre a mãe não aceitar que a informante trabalhasse na cidade)

F: Aí tinha assim serviço pra mim trabalhar fora na cidade, né? (inint) ah, ela não aceitava, né? que eu fosse trabalhar fora, né?

E: Não?

F: Ela nunca aceitou que a gente fosse trabalhar fora.

E: Por que cê acha, Fulana, que ela não gostava?

F: Eu acho assim que era um medo... **entendesse?**... ou um preconceito, que antigamente falava assim “ah:: a menina que trabalhava- que trabalha na cida::de” assim:: achava que ia pra cidade as menina se perdia,

entendesse?... e tinha esse preconceito assim (BARRA18FA4:Faixa1-10:25; 10:33)

(Sobre as dificuldades encontradas para estudar no Centro)

F: E:: foi difícil aqui em casa porque:: a:: na cabeça da mãe ainda:: estudar no Centro era coisa pra homem (est)...**sabe?** a mulher que vai pra lá é::... va- vai pra namorar, vai pra vadiar (est)... então:: não aceitava, foi muito difícil. (BARRA09FJS-14:08)

Mas a abertura estava feita e, a partir dos anos 1980, dois movimentos simultâneos alteram drasticamente a organização urbana e social da localidade: a intensificação do fluxo turístico e a chegada de moradores de outros Estados para fixar residência no local²⁰⁶.

A chegada dos turistas promoveu a progressiva, embora ainda não total, substituição da atividade pesqueira por atividades ligadas ao turismo. Os moradores locais, conhecidos por tratar os turistas com a familiaridade própria de lugarejos interioranos, passaram a entender o turismo como forma de complementar a renda da pesca nos períodos sazonais, mas a atividade foi crescendo e atualmente a Praia da Barra da Lagoa, conhecida por suas águas mansas, é uma das mais procuradas pelas classes populares e intermediárias (CLARAMUNT, 2008). Os moradores nativos passaram a investir mais na atividade turística, oferecendo serviços, montando pequenos comércios e construindo cada vez mais casas e apartamentos para alugar:

F: ... porque agora é assim ó, o pessoal faz- fez muita casa, **entendeu?** tem gente que aqui na Barra que mora em ranchinho... pra alugar a ca::sa, **sa::be?** é:: então cresceu agora o lugar, mas antes não era assim. (BARRA07FJ11:Faixa1-13:45; 13:50)

F: ... então:: e esse pessoal aluga uma casa, um ganha um- um faz dois mil real, outro faz três, outro faz... **tu entendesse?** então tu vê quantos salário dá durante o mês... durante o:: o ano, né? (BARRA42MB3:Faixa1-27:26)

²⁰⁶ Vamos explorar com mais profundidade os conflitos identitários que emergem com a entrada de turistas e novos moradores no capítulo 6.

F: Não tem como tu viver só da pesca, **entendeu?** não tem, não existe. Ou o cara é aposentado, tem uma aposentadoria... até mesmo de pescador, mas ele tem que ter um outro recurso... ele tem que ter um apartamento alugado porque Barra da Lagoa é o que é hoje por causa do turista, porque se não fosse o tu- não:: não:: queira outra pessoa falar “Ah, que” (hes) não... O que a Barra da Lagoa é hoje é por causa do turismo... porque todo mundo se fez em função da praia, né? do turista... e em questão de pesca, não vejo ninguém... (BARRA29MA11-26:37)

Além da abertura para o turismo, a localidade da Barra da Lagoa tem recebido grande fluxo de moradores de outras cidades e Estados, principalmente paulistas e gaúchos, acompanhando as mudanças mais gerais ocorridas na capital catarinense. A partir da década de 1970, toda a Bacia da Lagoa já começa a sentir os reflexos do crescimento urbano de Florianópolis. A instalação de instituições como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), a Centrais Elétricas S. A. (ELETROSUL) em bairros próximos à Lagoa acelerou a ocupação na antiga Freguesia e no seu entorno, estimulando o comércio de terrenos e a construção de áreas residenciais (VAZ, 2008). A Barra da Lagoa sente esses efeitos a partir década de 1980, com o asfaltamento da estrada e a construção de vários condomínios, como o Condomínio Residencial Costa Leste, o Condomínio Residencial Costa Sul e o Condomínio Residencial Cidade da Barra.

Todo esse novo contingente populacional fixo, com estimativa de 6.099 de residentes²⁰⁷ em 2013, deu nova cara ao bairro, que hoje se mostra bastante mesclado tanto estruturalmente, quanto socialmente. Na região central e nas áreas do entorno do canal, há uma grande concentração de casas de moradores nativos, muitas vezes apinhadas dentro de um mesmo lote, já que a família foi crescendo e os terrenos maiores foram sendo vendidos, muitas vezes por quase nada:

... foi vendido terreno nessa Barra que a senhora nem imagina o preço... essa bolsa vale mais

²⁰⁷ Estimativa do IBEG para 2013 com base no Censo de 2010, apresentada no site da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Mais detalhes no anexo 1.

dinheiro que o terreno que foi comprado- foi vendido... hoje essa bolsa vale mais dinheiro... **tá entendendo?** e tinha outro que não queria “Escuta, querido, tu não tapa esse terreno aí por causa de quê?”, “Sim, pra que que eu quero isso?” (BARRA44MB5-23:45; 23:58)

Nos condomínios novos, grande parte das residências é de moradores novos, mas muitos moradores nativos também se mudaram para os grandes condomínios ou receberam parte deles em troca do terreno onde foram construídos. Os fluxos populacionais mais recentes e ainda mais mesclados (com moradores argentinos, uruguaios e de vários Estados do nordeste) têm se fixado, nos últimos dez anos, também nas áreas mais centrais do bairro e próximas ao canal. Esse espaço de convivência entre o núcleo nativo, os novos moradores e os turistas provoca mudanças em várias instâncias, inclusive linguísticas, e é esse o *locus* de nossa pesquisa.

4.3 COLETA E TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Para a coleta dos dados dispúnhamos de 45 gravações²⁰⁸ em áudio feitas parte em fitas cassete e parte com gravador digital e copiadas para CDs, sendo que, em geral, a qualidade dos registros é muito boa.

Em uma primeira etapa, todas as gravações foram ouvidas, através do Programa Sound Forge (Versão 4.5.281), para que os dados dos RADs que nos interessavam, inclusive aqueles potencialmente candidatos à análise, fossem localizados. Conforme fazíamos o registro da minutagem dos dados localizados, fizemos também um mapeamento da organização tópica das entrevistas e também sobre vários aspectos sociais, linguísticos e situacionais que julgamos interessar para a análise. O resultado foi uma descrição minuciosa de cada entrevista, com o detalhamento de todos os tópicos tratados, informações sobre quem os introduzia (entrevistador ou entrevistado), registro da minutagem dos tópicos, informação sobre a presença de terceiros durante a entrevista, comentários descritivos sobre o estado emocional do entrevistado

²⁰⁸ Participei também da composição da própria amostra, auxiliando a pesquisadora Cláudia Regina Brescancini no contato com os informantes, bem como atuando como entrevistadora.

durante a entrevista e registro de todo tipo de informação sobre: história da localidade, tradições locais, língua, turismo, cultura, identidade, conflitos sociais, novos moradores, participação na comunidade, hábitos de vida, etc²⁰⁹.

Em uma segunda etapa, depois de definir os dados em análise, passamos à transcrição²¹⁰ de todas as ocorrências, tomando o cuidado para fornecer contexto discursivo suficiente para análise dos dados. Em muitos casos, esta exigência que nos impusemos levou à transcrição de grandes porções de fala e, em casos em que o entrevistado fazia uso de muitos RADs (como é o caso para os informantes 02, 16, 27 e 31), as entrevistas foram quase que transcritas em sua totalidade. Mesmo assim, consideramos o procedimento necessário para facilitar a análise (ao invés de analisarmos diretamente apenas a partir da oitiva) e também para que pudéssemos ter material ilustrativo a ser usado para a descrição dos dados, da comunidade em análise, da multifuncionalidade dos itens, das variáveis, dos aspectos identitários envolvidos e da configuração da entrevista.

Além do volume de dados, 1.610 no total e cerca de 1.700 se considerarmos alguns contextos de exclusão que também foram transcritos, outras dificuldades precisaram ser equacionadas no momento da coleta em razão de algumas particularidades das entrevistas: alguns informantes, com uma cadência típica do falar ilhéu, falavam em velocidade muito acelerada, o que obrigava a vários retornos e paradas até a compreensão de tudo o que era dito; em outros casos, o uso de expressões de caráter bastante local ou comuns apenas entre os informantes mais velhos, dificultavam o entendimento; a necessidade de transcrever o RAD tal como era dito e também os elementos de seu entorno como pausas, hesitações, estímulos, levava a várias repetições na audição do dado.

4.3.1 EXCLUSÃO DE DADOS E CONTEXTOS DE RESTRIÇÃO

Foram excluídos da análise as ocorrências duvidosas por conta de muito ruído na gravação, pronúncia rápida demais/incompreensível e

²⁰⁹ A título de ilustração, apresentamos o mapeamento feito em uma das entrevistas da amostra no apêndice 2 desta tese.

²¹⁰ Fizemos uma transcrição ortográfica dos dados, seguindo as normas implementadas pelo Projeto NURC com algumas alterações (PRETI, 1999, vide anexo 2).

truncamento do dado, etc. Os casos em que o RAD apresentava-se bastante reduzido, mas eram ouvidos claramente, não foram descartados, mas controlados através do grupo de fatores *redução/extensão de forma*. Os casos em que o contexto é que se apresenta truncado ou com hesitações não foram excluídos, pois consideramos que os RADs, elementos de organização do discurso oral, cumpram funções nesse caso, geralmente relacionadas à busca de informação, conforme ilustram os trechos abaixo:

(54) E: Mas por que que ele é nojento?

F: Ah, ele é grosso, ele não gosta que tu pergunta, ele não:: **sabe?** não::

E: Mas como não gosta que pergunte?

(BARRA02FJ8-40:53)

(55) E:... eu não sou um pescador como eles, entendesse? guerreiro, mas sou mais por cima... sou mais é:: de:: **tendesse?** de ficar mais::, o meu a minha- o meu servi- o meu ramo é outro, não é pescar, entendesse? é outro, diferente, mas eu já trabalhei em muitas coisas
(BARRA27MA8:Faixa2-27:44; 27:48; 27:52)

Os casos em que as formas de *saber* e *entender* cumpriam claramente a função de verbo também foram excluídos da análise quantitativa, como no início de enunciado interrogativo (ocorrências 56 e 57) e no final de enunciado onde o próprio verbo é usado de forma declarativa (ocorrência 58, nesse caso precedido de *não*).

(56) ... eles fizeram aquele:: então ficou meio alto um pouco, né? (est) fizeram aquela cavação, chegaram em cima fizeram uma comporta (est)... adepois cavaram de novo... fizeram três comporta. Cê **sabe** o que que é comporta? (BARRA45MB4:Faixa3-07:35)

(57) F: Porque assim ó, ali na escola eles fazem aluno ouvinte, sabe?... **Sabe** o que é aluno ouvinte, né?

E: Não. (BARRA07FJ11:Faixa1-25:22)

(58) F: Então vamos supor assim ó, a gente faz um cozido de carne. **Sabe** o que é um cozinheiro, **não sabe?** (est) então:: você pega aquele caldinho bem quando tá fervendo

E: Tá, mas no cozido assim:: a senhora bota legumes?
(BARRA34FB0:Faixa3-01:13)

Não foram excluídos os casos em que o RAD aparecia com forma estendida, quase como uma semi-interrogação. Ao invés disso, esses casos foram controlados através do grupo de fatores *redução/extensão de forma*:

(59) (Sobre o relacionamento dos vizinhos nos tempos antigos)

F: ... chegava à noite cada um nas suas casas, a gente ia cada um pras suas casas, batiam palma, podia morrer lá na rua, ninguém acodia... não:: não tinha claridade, nós vivia no escuro... **tás entendendo comé?** então esse é- isso é- era na amargura, eu nasci na amargura, eu nasci na amargura nessa idade. Como se diz? De dez anos- de dez anos a quinze anos... peguei uma amargurinha muito boa... **sabe comé?** e o meu pai ainda pegou mais... minha mãe pegou mais... esses trabalho mais perigoso, então mas como (inint) que foi um lugar com a graça de Deus que Deus passou, como passou em todos os lugar, Deus passou em todos os lugar, não deixou que não passasse em todo lugar, mas teve os lugar que ele abençoou lugar melhor do que outros (est)... [tás entendendo?]

E: [Que ele passou um pouquinho] mais, né?

F: Um pouquinho mais (est) **tás entendendo comé?** ele abençoou uns lugar melhor do que outros, naqueles lugar que ele abençoou mais do que outros, o pessoal aí foi é- foi andando, foi andando pra frente, não pra trás, porque sabe que lugar que Deus abençoa vai pra frente, não pode ir pra trás.(BARRA44MB5-02:11; 02:25; 02:43; 02:46)

Embora nesses casos os itens aparentemente estivessem exercendo o papel de verbos, não havia certeza quanto a essa atuação. Alguns informantes mais velhos usavam preferencialmente as formas estendidas em contextos idênticos aos dos RADs e muitas vezes o uso dessas contruções não sucitava nenhum tipo de manifestação da parte do interlocutor, já outras vezes ocorriam respostas explícitas. Consideramos esse tipo de construção como caso limítrofe entre o uso como verbo pleno e como RAD e decidimos controlá-las na análise, buscando obter resultados interessantes sobre o processo de gramaticalização dos RADs.

4.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Feita a coleta e transcrição das ocorrências, os dados foram codificados através da leitura da transcrição e novo procedimento de

oitiva²¹¹, conforme os grupos de fatores linguísticos/discursivos e extralinguísticos estabelecidos, e a codificação foi digitada no Programa Excel – Microsoft Office Professional Plus 2010. Ainda no próprio Excel a digitação dos dados foi conferida com o auxílio do sistema de filtros do programa e, através de fórmula, geramos uma sequência de codificação para ser utilizada no programa estatístico.

Utilizamos o modelo estatístico de análise multivariacional GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que se constitui como sofisticada ferramenta de análise estatística de interface mais amigável que a versão anterior VARBRUL 2S e com maiores recursos para rodadas com muitos fatores, sem limites de fatores para as variáveis independentes e sem limites de células (conjunto de contextos idênticos codificados). O modelo apenas suporta análises em termos de peso relativo para duas variantes (binomial) em um nível (*one level*) ou em múltiplos níveis (*up and down*)²¹², não estando apto à análise de mais de duas variantes (multinomial). Ainda assim, o programa nos fornece cálculos em termos de frequência e percentual para até nove variantes na variável dependente (TAGLIAMONTE, 2006, SCHERRE, 2012).

As técnicas de modelagem estatística do GoldVarbX nos fornecem resultados em frequência, percentual e peso relativo que nos informam sobre: a) a significância estatística de fatores individuais e de grupos de fatores; b) a força relativa dos grupos de fatores; c) os contextos de restrição dentro dos grupos de fatores (TAGLIAMONTE, 2002).

4.5 ETAPAS DA ANÁLISE

A presente tese divide-se em duas etapas de análise: a primeira, apresentada no capítulo 5, é de caráter qualitativo e parte de uma perspectiva funcionalista, já a segunda, apresentada no capítulo 6, é de

²¹¹ Foi necessário recorrer à gravação novamente, principalmente para codificar os grupos de fatores *tipo de foco*, *entonação de pergunta* e *expressividade*. Também foi necessário ouvir grandes trechos anteriores à localização do dado, muitas vezes não transcritos, para podermos decidir sobre qual era a sequência textual onde o RAD ocorria.

²¹² Nossas rodadas binomiais sempre foram feitas em dois níveis (*up and down*) e mais detalhes sobre elas são dados no capítulo 6 de análise.

caráter prioritariamente quantitativo²¹³ de acordo com métodos variacionistas de análise, e traz à tona discussões que se dão na interface sociofuncionalista.

No **Capítulo 5 – Multifuncionalidade em foco**, o olhar parte da função, ou seja, assumimos que as formas em análise compartilham um mesmo domínio funcional, o da *requisição de apoio discursivo*, e nos interessa saber quais as atuações exercidas nesse domínio. É esse o momento para apresentar hipóteses de trabalhos anteriores sobre as possíveis trajetórias de mudança dos itens em análise (visando entender melhor seus usos atuais), ilustrar a multifuncionalidade dos itens em diversos planos discursivos e descrever o uso dos RADs em sua atuação básica de focalização, bem como os contextos em que esses itens ocorrem e contribuem para assinalar relações. Nesta etapa, ocorrências ambíguas e sobreposições funcionais não são descartadas, já que a gradiência do quadro funcional sincrônico pode refletir as trajetórias contínuas de mudança dos itens.

No **Capítulo 6 –Variação no domínio funcional da *requisição de apoio discursivo*: forças em competição**, o olhar se volta para as formas em variação, ou seja, assumimos que as formas são intercambiáveis em um mesmo domínio funcional e que compartilham contextos de uso e procuramos identificar grupos de fatores linguísticos/discursivos e extralinguísticos (sociais/estilísticos) que condicionam a escolha por uma ou mais formas. Nessa etapa, em que recortes discretos e amálgamas de fatores muitas vezes são necessários em prol de rodadas estatísticas mais consistentes, vamos descrever as variáveis independentes, formular as hipóteses específicas para cada grupo de fatores, apresentar os resultados das análises estatísticas, confrontá-los com nossas expectativas iniciais e promover explicações conectadas com nosso quadro teórico de interface sociofuncionalista. Cabe ressaltar que, apesar de usarmos métodos quantitativos e seguirmos as etapas da pesquisa variacionista, trata-se de um capítulo que integra a abordagem funcionalista e a TVM, já que muitas dos grupos de fatores são de natureza funcional/discursiva e também se propõem a discussões sobre funcionalidade e mudança via gramaticalização.

²¹³ Essa etapa não é somente quantitativa, já que há a descrição qualitativa das variáveis em análise e em vários momentos apresentamos casos particularizados que foram deixados de lado para a análise estatística, mas que interessam ao comentarmos os resultados. Consideramos que se trata de uma parte mais quantitativa já que a ênfase está na apresentação de resultados estatísticos.

Os dados em análise para ambas as etapas são de natureza sincrônica e extraídos da mesma amostra, que conta com entrevistas realizadas com falantes nativos da Barra da Lagoa-Florianópolis/SC – Amostra Brescancini-Valle (2001-2010).

4.6 QUESTÕES, HIPÓTESES E OPERACIONALIZAÇÃO DA ANÁLISE

Nesta seção são apresentadas as quatro questões e hipóteses gerais que norteiam a presente pesquisa, bem como o modo como operacionalizamos a análise em busca de respostas²¹⁴.

- a) **Como se apresenta a atuação multifuncional dos RADs em análise (*sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*) nos planos funcionais cognitivo, textual, social e expressivo?**

Hipóteses

Através do levantamento dos dados, partimos do pressuposto que *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo* e *tás entendendo?* são itens em competição no domínio da *requisição de apoio discursivo* na amostra investigada e, concordando com Schifffrin (1987, 2001), acreditamos que estes itens são multifuncionais e que atuam em vários planos discursivos.

A partir de estudos anteriores em outras línguas e também no português do Brasil (ÖSTMAN, 1981; ERMAN, 1987; SCHIFFFRIN, 1987; MACEDO; SILVA, 1989; BAZZANELLA, 1990; CHODOROWSKA-PILCH, 1997; DOSTIE; SÈVE, 1999; VALLE, 2001; GALUÉ, 2002; MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004; MÜLLER, 2005; ANDERSEN, 2007), apostamos que os RADs têm a função fundamental de focalizadores de diferentes partes do discurso, atuando simultaneamente nos planos interacional e textual, sendo que em alguns momentos um ou outro plano ganha mais evidência. Além disso, acreditamos que os RADs tenham ainda outras atuações: a) apresentando em alguns casos significado conceptual de processamento mental mais evidente por conta de sua origem em verbos de cognição; b) atuando como elementos

²¹⁴ As questões e hipóteses específicas relacionadas a cada grupo de fatores controlado são apresentadas quando os grupos são descritos no capítulo 6.

de modalização discursiva; c) marcando aspectos ligados à identidade/estilo dos falantes em relação à comunidade investigada, em especial *entendesse?* (Cf. estudos mais recentes sobre MDs e identidade sugerem para outros marcadores (MENDOZA-DENTON, 2002; BEECHING, 2007; BUCHOLTZ, 2009; NÚÑEZ, 2011; CARANZA, 2012; BENTES; MARIANO, 2013)).

Acreditamos que é possível descrever qualitativamente o quadro funcional dos RADs nos vários planos discursivos, como também é possível investigar a multifuncionalidade através de análise quantitativa, mesmo prevendo a sobreposição de atuações. A partir dos dois tipos de análise, esperamos ser possível distribuir as ocorrências dos RADs e seu quadro funcional em um gradiente dentro do domínio da *requisição de apoio discursivo*.

Operacionalização da análise

O primeiro passo para descrever o quadro funcional dos RADs é dado no capítulo 5, através de análise qualitativa de ocorrências encontradas na amostra investigada, compondo um quadro descritivo da atuação básica de focalização e descrevendo os contextos nos quais os RADs são inseridos e assinalam relações.

O segundo passo é dado no capítulo 6, através de análise quantitativa da função de focalização e dos contextos em que os RADs são inseridos, controlados como grupos de fatores em relação à variável dependente e possibilitando o controle estatístico das ocorrências dos RADs em relação ao foco colocado em várias partes do discurso e aos tipos de relações assinaladas.

- b) Quais grupos de fatores linguísticos/discursivos e extralinguísticos (sociais e estilísticos) condicionam o atual uso dos RADs investigados entre os falantes nativos da Barra da Lagoa-Florianópolis/SC que compõem a Amostra Brescancini-Valle (Banco de Dados VARSUL)?**

Hipóteses

A partir dos critérios unificadores para a delimitação de variáveis discursivas (seção 2.2.1) e do tratamento dispensado em Valle (2001) a *sabe?*, *entende?* e *não tem?* e suas várias formas de realização (subseção 2.3.2.2), partimos do pressuposto, a ser apenas ratificado pelos

resultados, que as formas em análise se constituem como variantes no domínio funcional da *requisição de apoio discursivo*. Os RADs em análise, derivados dos verbos de cognição *saber* e *entender*, têm origem próxima e parecem ter passado por processos de mudança semelhantes o que justificaria sua competição como camadas de um mesmo domínio funcional. Além disso, as ampliações no paradigma da TVM (comentadas na subseção 3.2.2) permitem que tais itens discursivos, desde que compartilhem significado procedural comum (comparabilidade funcional) e contextos de uso, sejam tomados como variantes. Mesmo assim, não descartamos a possibilidade de contextos de uso preferenciais ou específicos para algumas das formas, o que não invalida o tratamento variacionista, podendo ser interpretados como especialização de usos.

Acreditamos que o uso dos RADs seja condicionado tanto por fatores linguístico/discursivos, quanto por fatores sociais/estilísticos.

Com base nas conclusões de trabalhos anteriores (BAZZANELLA, 1990; GALUÉ, 2002; MARCUSCHI, 1989; MACEDO E SILVA, 1996; URBANO, 2006; MARTELOTTA E LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004; VALLE, 2001), acreditamos que o uso dos RADs pode ser condicionado, em maior ou menor medida, pelos seguintes grupos de fatores linguístico/discursivos: *presença/ausência de pausa, presença/ausência de estímulo do entrevistador, entonação de pergunta, redução/extensão de forma, tipo de foco, sequência textual, posição do RAD e contexto em que o RAD se insere*.

A partir dos resultados de Valle (2001) e das considerações teóricas feitas na subseção 3.2.3, não acreditamos que os grupos de fatores sociais clássicos, pensados a partir de categorias sociais estanques e de natureza muito ampla (como idade, sexo, escolaridade), apresentem-se significativos para o uso dos RADs. Acreditamos que, para o uso desses itens, variáveis independentes isoladas e complexas que envolvem aspectos identitários e estilísticos, constituídas localmente a partir das características da comunidade investigada e da configuração das entrevistas da amostra, sejam relevantes, tais como: *relação de proximidade entre os interlocutores, proatividade do falante, envolvimento emocional do falante, proximidade entre os interlocutores, características da fala dos florianopolitanos, localismo/mobilidade e avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos, configuração da entrevista e grau de identificação com o local*.

Operacionalização da análise

Para investigar quais grupos de fatores condicionam o uso dos RADs em análise descrevemos (no capítulo 6) cada variável independente, informando como foi realizado o controle e ilustrando-o com algumas ocorrências que fizeram parte da análise²¹⁵. Em seguida apresentamos as hipóteses específicas para cada variável e, logo após, os resultados obtidos nas rodadas estatísticas e nossas discussões.

A partir das conclusões alcançadas na análise quantitativa dos contextos de uso (linguístico/discursivos e sociais/estilísticos) poderemos confirmar se todas as formas em análise se encontram em variação e em quais contextos existem os usos preferenciais.

c) Quais as motivações e qual a trajetória de mudança dos RADs em análise?

Hipóteses

Acreditamos que – a partir de informações sobre a história dos itens, de seu quadro multifuncional atual e dos resultados das análises quantitativas – possamos vislumbrar as motivações da mudança linguística dos RADs em análise, bem como reconstituir possíveis percursos de mudança.

Esperamos que as trajetórias seguidas pelos itens possam ratificar nossa assunção dada aprioristicamente de que as mudanças envolvidas na trajetória verbo>RAD são consistentes com uma visão ampla do processo de gramaticalização, que enfatiza ganhos pragmáticos e expansões de significado, em que construções e/ou itens lexicais, usados pelos falantes em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos, vêm a servir a funções mais gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (Cf. TRAUGOTT, 1995, 2008; HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Acreditamos que os RADs investigados sejam itens em processo de gramaticalização e que as mudanças envolvidas sejam coerentes com os princípios propostos por Hopper (1991). Apostando em um princípio da persistência ampliado, consideramos que traços semânticos e propriedades funcionais dos verbos de cognição de origem podem

²¹⁵ Os grupos de fatores *tipo de focalização* e *contexto* são descritos no capítulo 5 juntamente com a descrição do quadro funcional dos RADs.

persistir no uso como RADs e que vestígios das estratégias discursivas que impulsionaram o uso dos itens como RADs também possam ter persistido.

Com base nas considerações teóricas feitas na seção 3.1.2.3, acreditamos que o *input* para a mudança dos RADs está no uso inovador em contextos dialogais e que processos metafóricos e metonímicos estão envolvidos na mudança semântico-pragmática dos itens (Cf. HEINE, CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; TRAUGOTT; DASHER, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007; WALTEREIT; DETGES, 2007; TRAUGOTT, 2002, 2008, 2010b; WALTEREIT, 2011).

Quanto às trajetórias de mudança, levantamos a hipótese de que os itens em questão seguem a direção proposta por Traugott (1982, 1989) do proposicional > (textual) > expressivo, com o desdobramento do componente expressivo para desenvolvimento de significados que expressam a atitude do falante (subjektivização) e de significados que expressam a atenção para com o ouvinte (intersubjetivização) (TRAUGOTT, 1999, 2010a, 2012).

Operacionalizando a análise

O primeiro passo para procurar entender as motivações para a mudança na direção verbo>RAD e a trajetória percorrida é o levantamento do que sabemos sobre a história pregressa dos itens de origem. Contando com as tentativas de recuperação dos percursos, feitas em outros estudos (DOSTIE; SÈVE, 1999, MARTELOTTA E LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004; VALLE, 2001), sobre os RADs em análise ou sobre cognatos em outras línguas, apresentamos rapidamente, no capítulo 5, as mudanças funcionais sofridas na trajetória verbo>marcador e os possíveis percursos da mudança. Além disso, também no capítulo 5, descrevemos a atuação dos RADs como elementos focalizadores e é proposto um *continuum* funcional sincrônico possivelmente capaz de refletir as mudanças ocorridas ao longo dos tempos.

No capítulo 6, esperamos obter mais pistas sobre os estágios de mudança dos itens no processo de gramaticalização a partir dos resultados estatísticos sobre o grupo de fatores que lida com o *tipo de foco* dos RADs. Além disso, através dos resultados da *variável complexa 1: grau de mudança categorial* que engloba aspectos prosódicos, morfofonéticos e marcas de interação, acreditamos ser possível estabelecer uma correlação com o processo de gramaticalização

e identificar quais das formas em análise encontram-se mais gramaticalizadas.

A esse respeito, esperamos que as formas derivadas de *entender*, com maior massa fônica, maior variabilidade de formas, bastante contorno interrogativo, atuação em contextos mais amplos e que costumam marcar a opinião do falante, ainda estejam mais próximas de sua atuação original em alguns contextos e sejam menos gramaticalizadas do que as formas derivadas de *saber*, comuns em contextos relacionais, sem a presença de pausas e estímulos e que se constituem candidatas perfeitas a generalização de uso e a atuação com significados inovadores (VALLE, 2001).

d) Quais forças em competição atuam sobre o uso dos RADs em análise na amostra investigada e quais seus efeitos nos rumos da mudança?

Hipóteses

Em uma interface sociofuncionalista, acreditamos que por trás do uso sincrônico das formas em análise existam forças em competição relacionadas: às formas de origem dos itens a seus percursos de mudança; aos contextos de uso dos itens (linguísticos/discursivos e extralinguísticos); a aspectos identitários e socioculturais; à interpretação subjetiva do indivíduo acerca da situação específica de comunicação na entrevista sociolinguística e seus reflexos estilísticos.

Todas essas forças em competição atuam sobre os itens, podendo interferir em seu uso e conduzir os novos rumos da mudança. Aspectos estilísticos e identitários parecem ter grande relevância para os RADs e acreditamos que serão importantes na comunidade investigada, podendo se constituir como forças motrizes da mudança.

Operacionalização da análise

A partir da integração das análises funcionalista e variacionista (com enfoque sociofuncionalista), esperamos dizer, ao final, quais são as forças que competem para a variação/mudança dos RADs em análise.

Embora esta questão seja respondida de modo mais amplo e perpassa toda a análise, o capítulo 6 apresenta dois momentos em que forças bastante conflitantes estão em jogo: o primeiro momento é destinado principalmente à análise dos contextos linguísticos de uso e

conta com variáveis ligadas ao significado original do item, mostrando forças da persistência de características do item fonte no item alvo; o segundo momento é destinado às variáveis extralinguísticas, mostrando a influência de aspectos identitários e estilísticos sobre o uso dos itens.

4.7 VARIÁVEIS DEPENDENTES E INDEPENDENTES

Como vimos no capítulo 2, depois de aplicar uma série de critérios, definimos que nosso objeto de estudo são os RADs derivados de verbos de cognição que encontramos com maior frequência na amostra: *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*. A partir de trabalhos anteriores sobre itens dessa natureza e das discussões teóricas feitas principalmente nas subseções sobre domínio funcional (3.1.1.1) e sobre variação e discurso (3.2.2), julgamos que estas formas podem ser tratadas como camadas/variantes no domínio funcional da *requisição de apoio discursivo*. Todas as sete formas citadas são consideradas no pacote estatístico como nossa variável dependente, ou seja, que depende do condicionamento dos grupos de fatores a ela relacionados, as variáveis independentes. Nas subseções seguintes passamos a descrever como operacionalizamos a variável dependente na análise e quais as variáveis independentes (linguísticas/discursivas e extralinguísticas) que selecionamos para controle.

4.7.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

Tomamos as sete formas em análise como nossa variável dependente e nas rodadas gerais, em que obtivemos apenas resultados em frequência e percentagem, todas elas foram consideradas, a fim de termos uma primeira visão do comportamento dos itens.

O programa estatístico não nos fornece a possibilidade de rodadas multinomiais e, mesmo que isso fosse possível, a quantidade não muito grande de algumas das formas, como é o caso de *sabes?* (7 dados), *entende?* (15 dados) e *tás entendendo?* (37 dados), não nos permitiria a rodada em que é feita a interação entre os grupos de fatores por conta dos vários nocautes que apresentam.

Sendo assim, para as análises binomiais, lidamos com variáveis binárias, amalgamando as formas dos RADs de dois modos diferentes o que se reflete em dois momentos de análise no capítulo 6. Assim, a

variável dependente é reconfigurada em função dos objetivos da pesquisa: quando queremos observar os resultados relacionados com o contexto de uso linguístico dos RADs e com seu percurso de gramaticalização, faz sentido que agrupemos as formas derivadas de *entender* (*entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?*, *tás entendendo?*) em oposição às formas derivadas de *saber* (*sabe?*, *sabes?*); por outro lado, quando estamos lidando com questões relacionadas a aspectos sociais, identitários e estilísticos, é mais interessante que agrupemos as formas que potencialmente julgamos carregar alguma marca identitária (*entendesse?*, *sabes?* e *tás entendendo?*) em contraste com aquelas que seriam neutras (*sabe?*, *entende?*, *entendeu?* e *tá entendendo?*).

Dessa forma, em nossa análise, lidamos com dois tipos de variável dependente e acreditamos que tal estratégia é a mais interessante para tratarmos das forças concorrentes para a mudança. Essa decisão impõe alguns cuidados no momento das rodadas: a) não incluir grupos de fatores que não fazem sentido em função de uma ou outra variável dependente; b) descrever todas as decisões tomadas²¹⁶. A figura abaixo sintetiza nossas considerações:

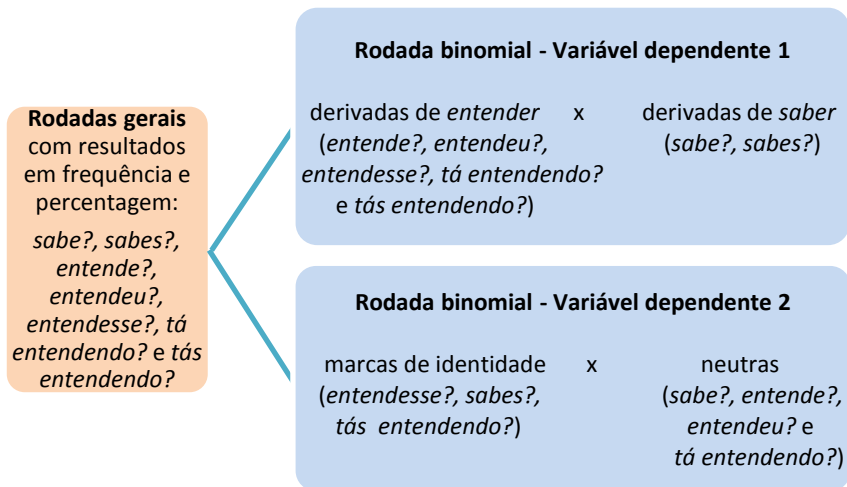


Figura 12: Operacionalização da variável dependente

²¹⁶ Mais detalhes sobre as rodadas no capítulo 6.

4.7.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Para responder às questões que norteiam a presente tese e foram apresentadas na seção anterior, elencamos um conjunto de grupos de fatores linguísticos/discursivos e extralinguísticos tratados pelo modelo estatístico como variáveis independentes.

A decisão sobre quais variáveis seriam controladas está pautada nos resultados de trabalhos anteriores e também nos princípios teóricos que nos propomos a testar. Por exemplo, se assumimos, conforme Hopper (1991) e Heine e Kuteva (2007), que formas em gramaticalização sofrem decategorização (perdem propriedades características de formas lexicais e seguem a direção nome/verbo > outra categoria e não o contrário) e erosão (sofrem perda de substância fonética), é necessário controlar grupos de fatores que podem nos dar alguma informação sobre isso. O controle da variável *redução/extensão de forma*, por exemplo, pode nos mostrar em que medida os RADs estão, de um lado, erodidos e mais distantes da categoria verbal, ou estendidos (*sabe comé?*) e, portanto, ainda próximos de sua categoria verbal²¹⁷.

4.7.2.1 VARIÁVEIS COMPLEXAS

Além das variáveis independentes propostas, propusemos também controle de três variáveis independentes complexas, compostas a partir da integração de alguns dos grupos de fatores isolados. Partindo da sugestão de Valle e Görski (2014), já mencionada na seção 3.2.5, e com base em trabalhos anteriores de Cezário (2001), Reis (2003), Back (2008) e Dantas (2013), consideramos as variáveis complexas como uma espécie de matriz de traços. A ideia é que, a partir da pontuação dos fatores das variáveis independentes que selecionamos para compor a complexa, possamos depreender um somatório para cada dado. Na rodada estatística o que temos é um resultado escalar (composto a partir de variáveis isoladas) que pode nos ajudar a entender certos comportamentos de forma mais robusta²¹⁸.

²¹⁷ Detalhes sobre o controle desta e de todas as demais variáveis são dados no capítulo 6, na descrição dos grupos de fatores.

²¹⁸ Mais detalhes sobre o controle e a pontuação atribuída às três variáveis complexas são apresentados no capítulo 6.

Os resultados podem ser lidos em termos de índices ou graus. Valle e Margotti (2013), por exemplo, através da análise das questões metalinguísticas do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e de instrumental bastante simples, mostram ser possível agrupar questões relacionadas à consciência linguística e estabelecer critérios para classificar/pontuar as respostas dadas pelos entrevistados, obtendo como resultado uma espécie de índice de consciência linguística dos falantes de uma determinada região ou grupo. Do mesmo modo, mostram também ser possível medir a atitude positiva ou negativa dos falantes diante de determinadas formas linguísticas ou mesmo diante de variedades de línguas.

Cabe ressaltar que quando lidamos com variáveis complexas, controladas a partir do agrupamento de variáveis independentes, é preciso tomar decisões para que não sejam submetidas à mesma rodada variáveis que se sobrepõem, ou seja: se optamos por manter as variáveis complexas, as variáveis que a compõem devem sair da rodada; se optamos por um olhar mais micro e decidimos manter as variáveis independentes isoladas, devemos excluir da rodada a variável complexa resultante de seu somatório.

Feitas as devidas considerações sobre os critérios para o estabelecimento das variáveis independentes e sobre sua operacionalização, apresentamos a seguir os grupos de fatores linguísticos/discursivos e extralinguísticos controlados em nossa análise e os respectivos fatores que os compõem, para dar uma visão mais clara do controle que realizamos:

Quadro 11: Grupos de fatores linguísticos/discursivos controlados

GRUPOS DE FATORES LINGUÍSTICOS/DISCURSIVOS	
<p>Presença/ausência de pausas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ausência de pausas - Pausa anterior ao RAD - Pausa posterior ao RAD - Pausa anterior e posterior ao RAD 	<p>Sequência textual</p> <ul style="list-style-type: none"> - Argumentação dominante - Argumentação subsidiária ao mundo narrado - Narrativa episódica dominante - Narrativa episódica subsidiária ao mundo comentado - Explicação/exposição/procedimento dominante - Explicação/exposição/procedimento subsidiária ao mundo narrado - Explicação/exposição/procedimento subsidiária ao mundo comentado - Dialogal dominante - Dialogal subsidiária ao mundo narrado - Dialogal subsidiária ao mundo comentado
<p>Presença/ausência de estímulos do entrevistador</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ausência de estímulos - Anterior ao RAD - Anterior e posterior ao RAD - Posterior ao RAD - Resposta Plena - Resposta Plena com repetição de verbo 	<p>Posição do RAD</p> <ul style="list-style-type: none"> - Inicial - Entre orações - Entre constituintes - Final de enunciado - Final de turno - Em meio a truncamento
<p>Entonação de pergunta</p> <ul style="list-style-type: none"> - Presença de entonação interrogativa - Apagamento de entonação interrogativa 	<p>Contexto em que o RAD se insere</p> <p>Contexto de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sequenciação de situações ou argumentos - Especificação 1 (causa, motivo, razão, finalidade) - Especificação 2 (exemplo, detalhamento) - Reparação/esclarecimento - Contraste - Conclusão - Fechamento - Interação - Hesitação
<p>Redução/extensão de forma</p> <ul style="list-style-type: none"> - Forma reduzida - Forma plena - Extensão por presença de pronome - Extensão por pergunta reduzida 	
<p>Variável complexa 1: grau de mudança categorial</p> <p>Variável com resultado numérico escalar dado a partir do somatório de valores atribuídos aos fatores dos grupos:</p> <p><i>presença/ausência de pausas,</i> <i>presença/ausência de estímulos do entrevistador,</i> <i>entonação de pergunta e</i> <i>redução/extensão de forma</i></p>	
<p>Tipo de foco</p> <ul style="list-style-type: none"> - Foco em comentário avaliativo - Foco em situação e em discurso direto reportado - Foco na opinião do falante - Foco pragmático - Foco prospectivo - Foco na busca de informação 	

Quadro 12: Grupos de fatores extralinguísticos controlados

GRUPOS DE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS	
<p>Relação de proximidade entre os interlocutores Variável com resultado numérico escalar dado a partir do somatório de valores atribuídos a quatro parâmetros de simetria</p>	<p>Características da fala dos florianopolitanos Variável com resultado numérico escalar dado a partir do somatório de valores atribuídos a três características da fala dos florianopolitanos</p>
<p>Proatividade do falante Variável com resultado numérico atribuído em função do grau de proatividade do falante: - Muito proativo - Proativo - Pouco proativo</p>	<p>Localismo/mobilidade Variável com resultado numérico escalar dado a partir do somatório de valores atribuídos a três critérios relacionados a localismo e mobilidade</p>
<p>Envolvimento emocional do falante Variável com resultado numérico atribuído em função do grau de envolvimento emocional do falante: - Emocionalmente envolvido/empolgado - Pouco envolvido</p>	<p>Avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos Variável com resultado numérico atribuído em função do tipo de avaliação/vínculo: - Avaliação negativa ou com muitas ressalvas e/ou pouco vínculo com os não nativos - Avaliação neutra ou não foi questionado - Avaliação positiva e/ou bastante vínculo com os não nativos</p>
<p>Variável complexa 2: configuração da entrevista Variável com resultado numérico escalar dado a partir do somatório de valores atribuídos aos fatores dos grupos: <i>relação de proximidade entre os interlocutores, proatividade do falante e envolvimento emocional do falante.</i></p>	<p>Variável complexa 3: grau de identificação com o local Variável com resultado numérico escalar dado a partir do somatório de valores atribuídos aos fatores dos grupos: <i>características da fala dos florianopolitanos, localismo/mobilidade e avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos.</i></p>
<p>Idade - Jovem - Meia idade - Mais velhos</p>	<p>Expressividade do trecho de ocorrência do RAD - Trecho com ênfase - Trecho neutro - Trecho com atenuação</p>
<p>Escolaridade - De 0 a 4 anos de escolarização - 7 a 8 anos de escolarização - Mais de 10 anos de escolarização</p>	<p>Informante Variável para controle de cada informante individualmente - 30 informantes</p>
<p>Sexo/gênero - Masculino - Feminino</p>	

Finalizando este capítulo, lembramos que as variáveis com resultado numérico escalar dado a partir de somatórios de outros valores, bem como todas as demais variáveis, serão detalhadas no capítulo 6. Também é relevante salientar que na medida em que fomos afinando as rodadas, amálgamas entre os fatores de vários grupos foram feitas. Como já mencionamos, a depender dos interesses envolvidos na rodada, exclusões de certos grupos de fatores também foram necessárias e serão detalhadas adiante.

MULTIFUNCIONALIDADE EM FOCO

No presente capítulo nosso olhar se volta para as funções dos itens em análise no domínio funcional da *requisição de apoio discursivo*. Na primeira seção, visando entender melhor os usos atuais, são apresentadas e discutidas as hipóteses de trabalhos anteriores (MARTELOTTA; LEITÃO, 1996; MARTELOTTA, 1998; VALLE, 2001) sobre as possíveis trajetórias de mudança dos marcadores derivados de *saber* e *entender* na direção verbo>MD. Na segunda seção, são descritas algumas atuações dos itens analisados em diferentes planos discursivos, com destaque: ao papel dos RADs como elementos focalizadores (atuantes no plano textual e interacional); e aos contextos em que, inseridos, os RADs contribuem para assinalar relações de diferentes tipos. Na terceira e última seção, é delineado um *continuum* funcional que se conecta com a possível trajetória de GR dos itens investigados e serve de base para nossas hipóteses em relação aos resultados quantitativos do capítulo seguinte.

5.1 DE VERBOS A REQUISITOS DE APOIO DISCURSIVO

Não temos conhecimento de estudos diacrônicos sobre a origem dos verbos *entender* e *saber*. As informações encontradas em poucos estudos (MARTELOTTA; LEITÃO, 1996; MARTELOTTA, 1998; VALLE, 2001), e que servem de base para as tentativas de reconstrução feitas nesta seção, emergem: i) de suposições sobre a abstratização dos verbos a partir dos significados dicionarizados de seus antecessores latinos e de seus usos como verbos no português atual; ii) do estudo das funções dos RADs e da tentativa de reconstrução sincrônica de uma trajetória de mudança que envolve maior abstratização do significado original e novas atuações na organização do discurso oral. Não é nossa pretensão, nesta tese, traçar os percursos de mudança semântica dos verbos *saber* e *entender*, nem mesmo esperamos encontrar evidências claras da trajetória verbo>RADs. Intencionamos apenas compreender melhor como se dá o *input* para que certos verbos sejam usados como

RADs e como as funções desempenhadas por esses itens podem refletir uma possível trajetória de gramaticalização.

O significado original de *saber*, derivado do latim *sapere*, está ligado a experiências concretas envolvendo o paladar e o olfato (*ter sabor, ter gosto, ter cheiro*)²¹⁹. Este significado ainda existe nos dias atuais no português do Brasil²²⁰, mas é bastante incomum, tendo sido quase que totalmente substituído por significados mais abstratos (que têm início já em usos figurados no latim), ligados a experiências mentais (*ter conhecimento, ter informação ou notícia de, ter certeza de; ser instruído em, reter na memória e ter sabedoria*)²²¹.

O significado de *entender*, derivado do latim *intendere*, também parece ter remetido inicialmente a experiências mais concretas (*estender em certa direção, esticar, estender para, dirigir, dirigir-se para, virar-se*) e ter assumido ao longo dos séculos significados mais abstratos, ligados a experiências mentais (*ter ideia clara de, compreender, ter experiência ou conhecimento de, achar, pensar, alcançar a significação/sentido de, ouvir, perceber, travar/manter entendimento*)²²².

Essa tendência de abstratização, através de transferência metafórica de significados mais concretos (ligados a experiências físicas) para significados mais abstratos (ligados a experiências mentais) está conectada com a noção de *Mind-as-body* descrita por Sweetser (1990), segundo a qual, como vimos na subseção 3.1.2.3, as mudanças semânticas são unidirecionais envolvendo sempre maior abstratização de significados que podem coexistir com os significados mais antigos e ser organizados em uma trajetória concreto>abstrato ou corpo>mente, refletindo, mesmo sincronicamente, os processos diacrônicos envolvidos na mudança de um dado item. Além disso, a mudança envolvendo significados mais concretos para mais abstratos também está em sintonia com a proposta de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), que preveem um *cline* direcional e escalar de transferências metafóricas a partir de

²¹⁹ Valle (2001) ilustra seus comentários com dois exemplos de Ferreira (1976): “Mella herbam sappiunt” – O mel sabe (tem sabor de) a erva (Plínio) e “Crocum sapiit” – Cheira a açafraão (FERREIRA, 1976, p. 1024).

²²⁰ Em variedades do português de Guiné Bissau e de Cabo Verde, o significado ligado às experiências concretas envolvendo paladar e olfato parece ser mais difundido do que no PB (FERREIRA, 1999).

²²¹ Significados elencados em Ferreira (1999, p. 1792).

²²² Significados elencados em Ferreira (1999, p. 767).

vários domínios da experiência humana (pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade) e que se relaciona com o processo de GR.

Saber e *entender* começam a trilhar caminhos semelhantes a partir dessa mudança em direção a significados que envolvem processamento mental e percepção e que se enquadra na Tendência I de mudanças semântico-pragmáticas descritas por Traugott e König (1991), segundo a qual significados baseados na situação descritiva externa tendem a mudar na direção de significados baseados na situação interna (avaliativa/perceptual/cognitiva). Como verbos de cognição, sugere-se que o processo de mudança verbo>marcador tenha início quando os verbos são usados em contextos plenamente interrogativos em atos de fala diretivos, como: Sabe/entendeu o que eu falei? (MATELOTTA, 1998; VALLE, 2001). Em Valle (2001), sugere-se ainda que as mudanças ocorridas em relação ao uso de *sabe?* e *entende?* são semelhantes e partem de interrogações plenas; mas, enquanto no caso do segundo RAD o papel como marcador teria surgido a partir da redução da pergunta (*Entende como é que é?*> *Entende comé? Entende?*), para *sabe?*, são apontados dois possíveis caminhos: um a partir de redução de pergunta (*Sabe onde é?*> *Sabe onde?*>*Sabe?*) e outro a partir de deslocamento de *sabe?* do início para o final de construções interrogativas, atuando como focalizador de referentes (*Sabe o prédio da Reitoria?* > O prédio da Reitoria, *sabe?*).

Independente de qual caminho os itens tenham seguido (o que não é possível precisar, pelo menos sem um estudo diacrônico), as trajetórias delineadas para ambos estão em consonância com as propostas mais recentes de Traugott (2008, 2010b), Waltereit (2006, 2001) e Waltereit e Detges (2007), que têm sugerido que contextos dialogais de troca de turno (onde há intersubjetividade inerente) servem de *input* para o surgimento e disseminação de usos inovadores. Ao invés de fazer uso dos verbos *saber* e *entender* em construções interrogativas para checar a compreensão ou o conhecimento do interlocutor e esperar uma resposta sua, os falantes, de modo inovador, usariam esses itens apenas para manter contato com o interlocutor (sem a necessidade de uma resposta direta) e/ou para organizar porções discursivas (através da focalização de determinados elementos ou construções textuais).

A partir da inovação, os RADs passariam a exercer vários papéis no discurso oral e a acumular atuações em vários planos discursivos, característica típica dos marcadores discursivos. Na seção seguinte, passamos a descrever alguns usos de *sabe?* e *entende?* (e suas demais apresentações formais) que encontramos em nossa amostra, dando destaque para o papel dos RADs como elementos de focalização e para

os contextos em que os RADs ocorrem e as relações que ajudam a assinalar.

5.2 ATUAÇÕES EM DIFERENTES PLANOS DISCURSIVOS

Vimos na subsecção 2.1.1 que os MDs, segundo Schiffrin (2001), podem atuar simultaneamente em vários planos discursivos: no *cognitivo*, em que se representam conceitos e ideias através da língua; no *textual*, em que se organizam formas dentro de unidades linguísticas maiores; no *social/expressivo*, em que estão em jogo identidades pessoais e sociais, atitudes do falante perante o uso linguístico e negociações entre falante e ouvinte.

Nesse último plano, o *social/expressivo*, atuações de natureza bastante distinta são tomadas em conjunto e sugerimos uma redefinição do *social/expressivo*, propondo uma subdivisão em três planos: o *social/identitário*, que envolve aspectos identitários do indivíduo e sua inserção em grupos sociais; o *das atitudes do falante*, que envolve usos voltados a aspectos de polidez e modalização de enunciados; e o *interpessoal/interacional*, em que está em foco a interação, a negociação falante-ouvinte na situação de comunicação. Com relação aos RADs, tomamos o plano *interpessoal/interacional* como plano central, que, por sua vez, integra e recobre os demais planos a depender do tipo de atuação do item.

A figura abaixo ilustra os possíveis planos de atuação dos RADs e dos MDs em geral:

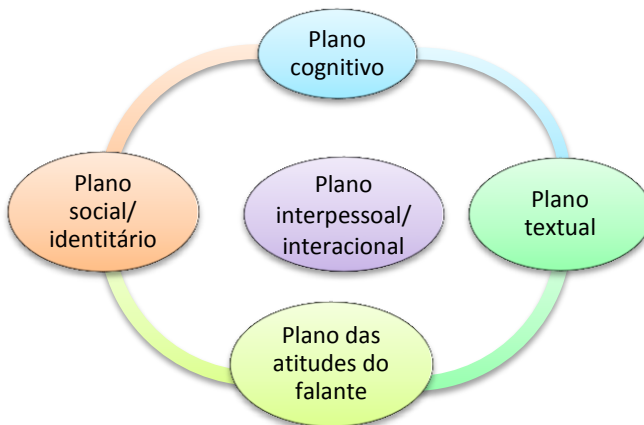


Figura 13: Os diversos planos de atuação dos RADs

A atuação em um dos planos não exclui os demais e vale destacar que o plano interpessoal/interacional é a própria essência dos RADs, definidos por Urbano (2006) como marcadores basicamente interacionais. Contudo, em alguns casos, um dos planos pode ganhar mais evidência e, a título de ilustração, vamos apresentar algumas das ocorrências de nossa amostra em que isso acontece.

Observamos usos em que, apesar do item apresentar posição e forma compatível ao seu papel como RAD, parece estar em um ponto limítrofe entre verbo e marcador²²³. Nesses casos, o **plano cognitivo**, em que interessam os *conceitos ou ideias expressas através da língua*, estaria em evidência – além, é claro, do plano interacional – já que os itens são usados em contextos dialogais e com forte entonação de pergunta que costuma incitar a resposta do interlocutor. Vejamos os trechos abaixo:

(60) F: Era uma crise porque não- o pescador dessa área não conseguia sobreviver... isso desde Torres até São Francisco... ou saía pra Santos, o pessoal aqui do norte saía pro norte... mais pra Santos... e nós daqui de- daqui de Florianópolis pro sul já era mais Rio Grande.

E: Sei.

F: Entendeu?

E: Sei.

F: E lá:: era uma concentração como se fosse (inint) a gente viajava de caminhão. (BARRA42MB3:Faixa1-01:04)

(61) F: O meu pai, antes dele morrer:: ele mandou, quer dizer, eu já tava casada quando ele morreu, né?... aí ele mandou cada filho escolher um pedaço... são dez filhos... aiel chamou eu- eu- ((fala rindo)) o pior pedaço é o meu.

E: Por que que é o pior Delma?

F: ((fala rindo)) Por que o meu terreno não é certo... ((ri bastante)) ele é de bico (est)... **tendesse?**

E: Entendi, [(inint)] (BARRA20FA8-49:39)

No primeiro trecho, o significado conceptual do verbo *entender* ainda parece estar muito ligado a *entendeu?*, que é usado para checar a compreensão de forma enfática pela segunda vez, mesmo depois da entrevistadora ter afirmado seu entendimento, através da primeira resposta (*sei*). No segundo trecho temos uma situação semelhante, mas

²²³ Como mencionamos no capítulo anterior, esses casos limítrofes não foram excluídos da análise, mas controlados através de um conjunto de grupos de fatores que compõem a *variável complexa 1 – grau de mudança categorial*.

dessa vez gerada pela entrevistadora que, ao solicitar uma explicação, impulsiona a informante a dar mais esclarecimentos e a checar se a informação dada foi suficiente, fazendo uso de *tendesse?* com forte contorno entonacional de pergunta, que motiva a resposta (*entendi.*).

Há outros casos em que a situação é semelhante às duas descritas anteriormente, como no trecho abaixo:

(62) (Sobre o projeto da polícia interativa)

F: É tipo:: assim tem um:: tem um comandante da área e:: o pessoal é mais assim:: tipo eu, moro na Barra, vou trabalhar na Barra (est) **entendeu?**

E: [Entendi.]

F: [Mais informatizado] com o pessoal (est) assim tipo era mais fácil de conseguir. (BARRA28MA8-31:43)

Contudo, apesar de haver a resposta por parte da entrevistadora, o modo como o entrevistado mantém o seu turno, sem dar a vez, nos faz questionar se esse seria um caso em que o uso do RAD estaria de fato mais voltado ao plano cognitivo.

Cabe ainda notar que, outras vezes, a atuação no plano cognitivo parece mínima e o RAD se mostra esvaziado de seu significado conceptual original, como ilustrado no trecho a seguir:

(63) Ah, mas se o cara for pegar aquele dicionário... do manezinho, do manezinho da ilha, **sabe? já viu não?**

E: Já vi.

F: Tem várias palavras assim que o cara não sabe o que que é. (BARRA12MJ9:Faixa2-05:08)

Nesse caso, *sabe?*, com leve contorno entonacional de pergunta e já bastante esvaziado de seu significado lexical, parece não ser suficiente para pedir uma confirmação do interlocutor e é seguido por uma construção interrogativa (*Já viu não?*) que é a responsável por incitar a resposta (*Já vi.*).

Também notamos que há atuações mais voltadas para o plano social/expressivo, mais precisamente para o **plano das atitudes do falante**. Essa atuação fica mais evidente quando associado ao uso dos RADs está o marcador discursivo *assim*. Em contextos comprometedores, *assim+RAD*, principalmente *assim+sabe?*, parece ter importante papel para a preservação da face, atenuando o enunciado. É o que está ilustrado nos dois trechos abaixo:

(64) ... e:: nossa é super egoísmo **assim sabe?** da parte, principalmente de quem tá nesse mundo, não sei se- eu acho que já ficou bem claro assim, né? é hom- homossexualismo **assim sabe?** eu comecei nisso (est)... mas é um:: um mundo assim que eu vou te falar:: puff, é:: é aquela coisa muito vazia... muito vazia mesmo, de balada, de- de por exemplo assim ó, eu saí de eu relacionamento agora de um ano e meio... **sabe?**... com um outro menino... e:: quebrei a cara totalmente **assim sabe?**... (BARRA16MJ11- 45:05; 45:11; 45:25; 45:31)

(65) F:É, **sabe?** eu sou toda menininha eu gosto de me:: de me encher de joia e assim ó tipo eu vejo elas jogando assim é muito::... né? tipo muito:: sei lá...grosso, não sei **assim, sabe::?** são tod- são todas musculosa, todas larga.

E: Todas?

F: Todas (inint).

E: Não tem nenhuma menina mais delicada::da assim [como você?]

F: [Tem,] só essas que estudam comigo que aí a Patrícia é mais delicada, a Jenifer já é mais assim, né? e a Carol também é mais delicadinha assim.

E: Então, então pode, né?

F: É, mas assim ó tipo tu já vê o jeito delas andar, é bem diferente do meu **assim... sabe?** elas andam mais assim sol::tas, eu ando toda retinha, **sabe?**... é um pouco diferente aí eu fico meio **assim sabe?** de jogar, medo de ficar assim, não sei, mas tipo::

E: É, tem que se cuidar daí, né?

F: É, claro.

E: Porque eu acho que também elas não ligam de ficar assim. (BARRA02FJ8-10:15; 10:28; 10:51 10:54; 10:58)

No primeiro trecho, o informante, que é evangélico e tem uma pretendente a namorada, vem tratando de tema muito tenso sobre relacionamentos amorosos e revela à entrevistadora que foi homossexual. Trata-se de um dos momentos mais tensos da entrevista e o uso de *assim sabe?*, repetido por três vezes, parece diminuir a força de algumas afirmações: é super egoísmo *assim sabe?*; é homossexualismo *assim sabe?*; quebrei a cara totalmente *assim sabe?*.

No segundo trecho, a informante, depois de discorrer longamente sobre sua paixão pelo futebol feminino, é colocada em uma saia justa quando a entrevistadora lhe pergunta sobre as razões para não jogar profissionalmente como as amigas. Na tentativa de se justificar, sem desmerecer as amigas ou o esporte, a adolescente faz uso repetido, em meio a hesitações e truncamentos, de *assim sabe?*.

Outra atuação que já enfatizamos no primeiro capítulo desta tese é no **plano social/identitário**, em que alguns dos RADs, principalmente *entendesse?*, podem atuar como marcas de identidade de uma cultura local. Não é possível avaliar em que medida o falante faz uso consciente do RAD nesse plano, mas no trecho abaixo é sintomático o fato de que *entendesse?*, usado essa única vez pela informante que prefere *sabe?*, apareça pela primeira vez aos 46 minutos de entrevista quando entra em jogo uma das temáticas mais polêmicas relacionada à identidade local e à vinda de novos moradores:

(66) Mas assim esse povo que vem, que vem e que finca a:: a sua raiz aqui... eu acho que é um povo::... mais difícil de se trabalhar porque ele acaba descaracterizando o teu ambiente (est)... **sabe?** é u (hes)...tipo a Barra como tem gaúcho, é tonelada de- nunca vi tanto (est)... e tu percebe isso quando tu pega ônibus Carla... sendo da/ daqui... tu percebe.. é só tu... ou tu ou mais um... **tendesse?** é difícil tu encontrar daqui... os demais são pessoas de fora que vem, que vão parando nessas paradas, que vão entrando nessas ruas (est)... povo que mora aí (BARRA09FJS-45:58; 46:13)

Acrescente-se a isso o fato de que, sendo a entrevistadora da comunidade e amiga da entrevistada, parece ser instaurado um momento de cumplicidade entre as duas. A informante chama a entrevistadora pelo nome, declara o pertencimento dela à comunidade nativa e evidencia o contraste entre nativos e moradores “de fora”: *e tu percebe isso quando tu pega ônibus Carla... sendo da/ daqui... tu percebe.. é só tu... ou tu ou mais um... tendesse? é difícil tu encontrar daqui... os demais são pessoas de fora que vêm.*

Além das atuações já mencionadas, há consenso entre vários pesquisadores sobre a característica básica interacional dos itens que chamamos de RADs e muitos deles concordam que se tratam de elementos multifuncionais que atuam principalmente em dois planos: no **plano textual** e no **plano interacional** (ÖSTMAM, 1981; SCHIFFRIN, 1987; ERMAN, 1987, VALLE, 2001; GALUÉ, 2002; MÜLLER, 2005; ANDERSEN, 2007, entre outros). Acreditamos que os RADs, essencialmente interacionais, atuem no discurso oral como elementos focalizadores, dando relevo a certas partes do texto/discurso e contribuindo tanto para a interação falante-ouvinte, quanto para a organização discursiva, como detalhamos a seguir.

5.2.1 O QUE OS RADS FAZEM?

Saber e entender, ao perderem características de verbos e atuarem como MDs, assumem progressivamente a **macrofunção de viabilizar o processamento da fala e a recepção do ouvinte**. Na prática, essa macrofunção se manifesta a partir de um conjunto de funções ligadas à organização discursiva (MARTELOTTA, 1998)²²⁴. Essa mudança está em consonância com a Tendência II de mudanças semântico-pragmáticas descritas por Traugott e König (1991) – segundo a qual significados baseados na situação externa ou interna tendem a mudar para significados baseados na situação textual – e também com a Tendência III, segundo a qual significados tendem a ser gradualmente mais situados nas crenças, estados/attitudes subjetivas do falante em relação à situação de comunicação.

Acreditamos que **o que os RADS fazem na prática é colocar foco** e, ao frisar determinadas partes do texto/discurso, podem tanto cumprir objetivos pragmáticos relacionados com o interlocutor, quanto objetivos relacionados à organização textual/discursiva (VALLE, 2001)²²⁵. Tomando os RADS como elementos focalizadores, propomos um quadro funcional – partindo de nossa amostra, dos itens nela investigados, da operacionalização funcional apresentada em Valle (2001)²²⁶ e da noção de “relevo” – buscando integrar os planos interacional e textual.

Estamos tomando a noção de “foco” associada à noção de “relevo”, que pode ser entendida como o grau de saliência dado a certas

²²⁴Essa substituição de um significado mais conceitual/lexical por atuações que envolvem a organização discursiva é consistente com as definições mais recentes do processo de GR e que adotamos nesta tese.

²²⁵Vimos no capítulo I que trabalhos sob diversas perspectivas de análise têm proposto algumas funções para os RADS. Alguns deles mostram-se menos preocupados com as atuações discursivas dos itens e mais atentos a funções que envolvem aspectos ligados à modalização discursiva, polidez e à relação falante ouvinte que não vamos explorar na presente tese.

²²⁶Apesar de partirmos da classificação apresentada em Valle (2001), as funções de focalização que propomos agora são diferentes daquelas. A partir da repetida audição das entrevistas, percebemos casos que a princípio seriam tratados como *foco no participante*, por exemplo, que acabaram sendo classificados como *foco em situação presente* ou *foco em situação passada*, pois a marcação de relevo não parecia incidir apenas sobre o conteúdo do sintagma nominal próximo ao RAD, mas sobre a informação contida em toda a oração anterior ao item.

porções discursivas, tanto para destacá-las em relação a outras partes do texto (relevo positivo), quanto para rebaixá-las (relevo negativo). A marcação de relevo integra um componente textual, pois é um recurso de organização tópica do texto, e também um componente interacional, já que o modo como é feita a marcação de relevo explicita o direcionamento que o produtor do texto deseja dar à interação (TRAVAGLIA, 2006).

Dentre os recursos usados para a marcação de relevo – recursos fônicos (entonação, altura de voz, silabação, velocidade de fala ou ritmo, entre outros), recursos léxicos, recursos morfológicos/categoriais (aspecto, tempo), recursos sintáticos, estratégias de construção textual (parênteses, repetição, tematização) – Travaglia (2006) elenca também os marcadores discursivos, dando destaque para os prefaciadores textuais interativos (como *olha* e *veja*), marcadores de natureza bastante próxima aos RADs, que atuariam chamando a atenção do interlocutor para elementos e ideias dentro do texto.

No caso dos RADs – embora também haja a possibilidade de ocorrência de relevo negativo, como é o que parece ocorrer nos trechos (64) e (65) em que certas partes do texto são rebaixadas e atenuadas –, o relevo normalmente em jogo é o positivo, ou seja, esses itens são usados para destacar certas porções discursivas, atuando tanto no plano interacional/interpessoal (checando a compreensão do ouvinte ou apenas mantendo o canal comunicativo), quanto no plano textual (organizando quadros discursivos, já que ao focalizar partes textuais também sinalizam as relações estabelecidas no contexto linguístico).

Adotando a proposta de Ehlich (1981), Travaglia toma a noção de *deixis textual* de modo alargado, considerando que:

[...] as expressões dêiticas permitem ao falante obter um organização da atenção comum dos interlocutores com referência ao conteúdo da mensagem. Para consegui-lo o produtor do texto tem necessidade de *focalizar a atenção do parceiro* sobre objetos, entidades e dimensões de que se serve em sua atividade linguística. (EHLICH, 1981 *apud* TRAVAGLIA, 2006, p. 204, grifo nosso).

Para o autor, o uso de macadores prefaciadores seria um caso de relevo por dêixis textual, em que o falante colocaria foco em certas partes do texto como se estivesse sinalizando ao seu interlocutor: *olha/veja preste atenção no que vou dizer agora*. Nesse sentido, poderíamos dizer

que o uso dos RADs também seria um caso de relevo por dêixis textual, mas, nesse caso, o falante chama a atenção do interlocutor para algo que já foi dito e o ingrediente interessante é que, ao focalizar o já dito²²⁷, contribui como sinalizador de relações que se estabelecem entre aquilo que o antecede (e que geralmente é focalizado por ele) e aquilo que se põe ao item, como ilustramos abaixo:

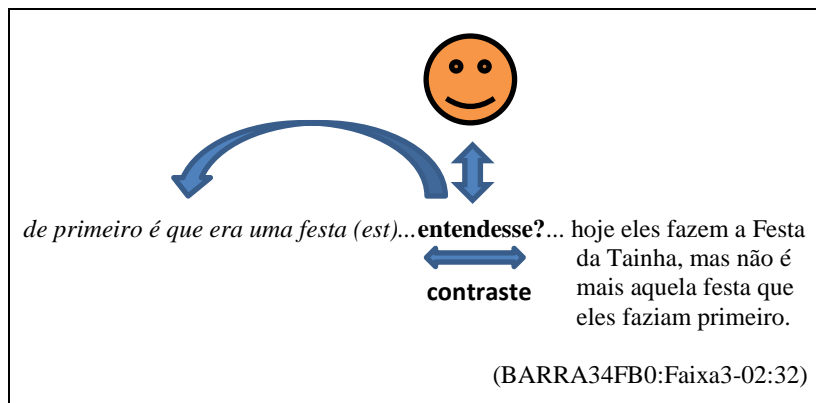


Figura 14: Os RADs como elementos focalizadores

Passamos, nas subseções a seguir, a descrever as porções discursivas que os RADs focalizam em nossa amostra, e os contextos em que os RADs aparecem e contribuem para assinalar relações.

5.2.1.1 OS RADs COMO ELEMENTOS FOCALIZADORES

Partindo da amostra investigada, procuramos descrever a atuação dos RADs como elementos focalizadores, tomando como base a classificação feita em Valle (2001), como já dito, mas logo percebemos a necessidade de remodelar o quadro funcional desses itens. A leitura dos dados transcritos²²⁸ das entrevistas nos dá uma ideia geral do tipo de atuação, mas a audição das gravações, como parte de nossa metodologia de investigação nesta pesquisa, nos apresentou uma outra dimensão do uso desses itens: elevações no tom de voz, aceleração no ritmo de fala,

²²⁷ Veremos na próxima subseção que há um tipo da atuação em que o foco dos RADs não está sobre o que está anteposto a eles, mas sobre o que está posposto.

²²⁸ Esse foi o procedimento adotado em Valle (2001).

pausas, curvas entonacionais, rupturas, entre outras características da fala, nos forneceram pistas mais seguras sobre o funcionamento dos RADs.

Passamos, então, a descrever os vários tipos de focalização, procurando detalhar o controle que foi feito, com o auxílio de trechos pinçados das entrevistas.

FOCO EM SITUAÇÃO E EM DISCURSO DIRETO REPORTADO (DDR)

Os RADs podem dar relevo a uma situação no presente ou a toda uma sequência de informações no presente sem ruptura temporal, incidindo sobre orações ou sobre trechos discursivos mais longos em que há a descrição, explicação, relato ou exposição de fatos, estados, ou ações. Trata-se de uma atuação bastante recorrente, tendo sido contabilizados 252 casos²²⁹, conforme ilustramos abaixo:

(67) F: Eu tomo quatro qualidade de remédio todo dia, eu tomo doze comprimido por dia.

E: Meu Deus!... É, mas também é um problema controlado, né? porque, quer dizer, se tem um remédio pra-

F: Pra controlar é, é assim ó... *eu não posso, assim ó se eu varrer a casa eu canso, se eu falar muito eu canso... (est) se eu pegar um peso eu canso (est)...* **entendesse?**... então também tem gente nova aqui. (BARRA34FB0:Faixa3-00:24)²³⁰

(68) E: Por que que tá sumindo o peixe?

F: *Não, o peixe não tá sumindo, sabes?* é época, né? que (hes) agora foi uma época de tainha deu bastante tainha, então agora tá parando, agora vai terminar a tainha, já vem outra pescaria (est) vem a brota, vem a corvina. (BARRA34FB0:Faixa7-01:04)

Nesse caso, o RAD tanto pode ter uma atuação mais neutra – checando a compreensão, o conhecimento compartilhado com o interlocutor e/ou o canal comunicativo para poder dar sequência a informações corriqueiras –, como pode dar ênfase a alguma situação que mereça destaque. Em (67), em atenção ao questionamento da entrevistadora, há apenas a descrição de uma sequência de limitações da

²²⁹ Lembramos que estamos lidando com um universo de 1.610 dados em análise.

²³⁰ Nos exemplos, marcamos em itálico os trechos focalizados pelos RADs.

informante decorrentes de seu problema de saúde, que é finalizada por *entendesse?*. Já em (68), diante da suposição equivocada de que *o peixe estaria sumindo*, a informante faz uso de *sabe?*, dando ênfase a uma informação que nega esse suposto fato.

A porção discursiva focalizada também pode ser uma situação no presente ou uma sequência de informações no presente, mas que está inserida em uma sequência de informações ocorridas no passado (nove casos do total de ocorrências), como ilustra o trecho abaixo:

(69) (Falando sobre a quantidade de comprimidos na sua caixa de remédios)

F: Aí eu cheguei ali agora fui comprar uma caixinha de remédio a: a dona da farmácia ali (est)... eu disse:... “Eu quero uma caixinha de remédio”, diz ela “Cem?”... “Não senhora... Cem como? Sem nada dentro?”... (risos da entrevistadora) ela assim “Ah”, ela agora botou pra rir diz ela “Não, com remédio”, digo “Bom, então tá... mas você disse sem:”... *porque o meu remédio é de ce- de cem, né? (est) unidades- unidade... (est) sabe?*... então eu disse “Aquela caixinha de remédio”, diz ela “De cem”, eu digo “Não, sem nada eu não quero, dona.” (BARRA45MB4:Faixa2-07:34)

Notamos que em (69), ao contar sobre um episódio em que fez uma piada com a atendente da farmácia, o informante parece se sentir inseguro quanto à compreensão da entrevistadora sobre o jogo de palavras feito por ele (*sem/cem*) e interrompe a narrativa, introduzindo um comentário explicativo que é destacado por *sabe?*. A própria mudança na sequência temporal já estabelece relevo e o RAD parece atuar para destacar ainda mais o comentário de fundo introduzido.

Como vimos no capítulo 1, esse tipo de uso já foi identificado nos trabalhos de Martelotta e Leitão (1998) e Martelotta (2004) para *sabe?* e *entendeu?* e nos trabalhos de Östman (1981) e Erman (1987) para *you know*. É interessante notar que nesse tipo de ocorrência *porque* é comumente usado como elemento que quebra a narrativa para introduzir a sequência focalizada pelo RAD.

Do mesmo modo que podem colocar foco em situações no presente, os RADs também podem focalizar uma situação ou sequências de situações no passado sem ruptura temporal, incidindo sobre orações ou sobre trechos mais longos de narrativas factuais ou habituais em que há uma sequência de ações, explicações ou descrições no passado. Foram encontrados 242 ocorrências com foco em situação passada, o que representa uma grande fatia das atuações dos RADs como elemento focalizadores.

É importante notar que seria importante diferenciar os casos em que o foco índice sobre porções discursivas maiores ou menores (não somente para o caso *de foco em situação passada*, mas também para o caso *de foco em situação presente*), mas nem sempre é simples delimitar o escopo de atuação focal dos RADs, principalmente quando não há ruptura temporal. Muitas vezes, rupturas tópicas, pausas, elevações na voz e o contorno entonacional, dão conta de indicar o trecho focalizado. Outras vezes, é possível dizer apenas que o foco está em situação passada, mas sem a possibilidade de identificar claramente os limites da porção que recebe relevo. Os trechos abaixo ilustram tal situação:

(70) Essa farinha entrava naquele paiol... [...] então ela era empaiolada que era pra comer o ano inteiro (est) que só ia fazer a farinha o outro ano que vem (est)... sabe comé? *ai nós pegava a fazer em maio, a farinha... em maio, em maio nós pegava a fazer a farinha, fazia maio, junho, julho... até perto de agosto, mês de agosto e setembro já era o mês da plantação (est)... tá entendendo?* então nós fazia na-então essa farinha toda e guardava, é o que eu tô te explicando pra ti. (BARRA44MB5-06:42; 06:52)

(71) E: O que quecê falou pra ele?

F: Ah, eu disse “Pô, Fulano, assim:” *a gente sempre conversava assim, sabe?* eu disse pra ele que eu não aprendia nada com ele, daí ele assim “Ah, porque tu é uma faladeira que não sei o quê, que todo mundo aprende” (BARRA07FJ11:Faixa1-27:04)

Em (70), como o informante, depois do uso de *sabe comé?*, passa a tratar da distribuição dos meses do ano em função da produção de farinha, acreditamos que *tá entendendo?* esteja incidindo sobre todo o trecho assinalado. Contudo, a presença de pausa depois de *julho* e de elevação de voz em todo o trecho seguinte nos fez questionar até onde o RAD estaria atuando. Essa dificuldade já não foi encontrada na análise do dado em (71), em que uma ruptura na sequência tópica, para a introdução de um comentário de fundo, deixa claro o limite de atuação de *sabe?*.

Também há o caso em que o foco se projeta sobre situação passada, mas inserida em sequência de situações no presente (sete casos do total de ocorrências), como ilustrado abaixo:

(72) eu não sei nem o nome da santa mas é:: tem o pai, tem a mãe e tem o filho, então é da família.

E: Ah, [sim.]

F: [*Eu ganhei*] como a santa da família... **entendesse?**... então::: de vez em quando eu acendo uma veli::nha... pra e:::la, pra Nossa Senhora Apareci::da, agrade::ço... tás entendendo?... então:: é assim (BARRA20FA8-34:27)

Em (72), sem saber como denominar uma santa da qual é devota, a informante introduz um comentário no passado, focalizado por *entendesse?*, que a ajuda a definir o nome da imagem que tem em mãos. Esse tipo de uso em que o RAD marca ou introduz comentário de fundo ou digressões já foi descrito em trabalhos anteriores (ÖSTMAN, 1981; ERMAN, 1987; MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004).

Em nossa amostra encontramos 31 ocorrências em que os RADs atuam colocando foco em porções discursivas que remetem tanto a eventos projetados como factuais no futuro (como em 73) – em que se tem a perspectiva concreta de realização (ainda que isso possa não ocorrer) – quanto a projeções hipotéticas (como em 74) – em que geralmente se expõem sonhos e desejos em relação ao futuro:

(73) O inverno já é mais tédio, frio, aí ninguém quer sair:: *Hoje à noite eu ainda vou sair, sabe?*

E: Cê vai aonde?

F: Eu vou num:: churrasco na casa de um amigo meu. (BARRA02FJ8-32:47; 32:54)

(74) (Sobre religião e política)

O inimigo te bota muita dúvida... né? hoje eu tenho a certeza, falando contigo aqui eu tenho a certeza que Jesus Cristo é comigo... né? que ele tem um propósito na minha vida... ((voz de choro ou bocejo)) e eu espero que nunca eu decepcionar, né?... ((a voz volta ao normal)) *um dia eu posso ser até um vereador um político aí:: ...tendeu?* e tá decepcionando... e eu espero que:: nunca aconteça isso.

E: Não é da sua vontade. (BARRA31MA11:Faixa2-09:59)

Cabe salientar que nesses casos o trecho focalizado costuma ser pequeno, recaindo o foco sobre uma ou duas orações. Além disso, notamos que grande parte das ocorrências com esse tipo de funcionamento se encontra em tópicos discursivos relacionados à profissão e a estudos e são os mais jovens que costumam usar os RADs dessa forma, impulsionados pelos gatilhos das entrevistadoras que, para essa faixa etária, sempre fazem perguntas que sugerem projeções futuras.

Em 35 das ocorrências da amostra, os RADs foram usados com foco em discurso direto reportado do próprio falante ou de terceiros, atuação tratada como função de *you know*, por Erman (1987) e Müller (2005), e de *tu sais*, por Andersen (2007). Nesses casos, o uso do RAD tem a dupla tarefa de dar relevo e também diferenciar o fluxo discursivo do informante da fala reportada, cumprindo, portanto, importante papel na organização textual, como ilustrado a seguir:

(75) Aí eu tô na intendência eu me pergunto “*Pô, eu preciso de um computador pra trabalhar, eu preciso das máquinas, pra saber se eu não tô quebrando normas, pra botar os cara a trabalhar*”, **entendeu?** não tem, podia ser reivindicado pra intendência, [entendeu?]
E: [Claro.] (BARRA31MA11:Faixa1-09:32)

(76) F: É tanto que tem:: pessoas que não sabem surfar, vão surfar no cantinho dos molhe, passa um perrenguezinho mas:: consegue:: segurar a ondar porque:: (hes) é tranquilo, mas em compensação quando ele vem pra esses duzentos metros pra frente que já tem que ter uma certa noçãozinha ele já passa um perrenguezinho, ele já fica meio:: já fica nervoso:: “*Ah, meu Deus o que é que eu faço agora*”, **entendeu?**... tu vê e é uma coisa de cem a duzentos metros de dife[ren:ça](BARRA29MA11-15:41)

Percebemos que em (75) o falante reporta seu discurso introduzindo-o através de *eu me pergunto* e fazendo o fechamento com o auxílio de *entendeu?*. Já em (76), o discurso reportado, e finalizado com *entendeu?*, é atribuído a qualquer pessoa que já tenha passado pelas dificuldades descritas. Nessa ocorrência, ao ouvir a gravação, fica nítida a mudança entre o discurso do falante e a fala reportada – quase como se fosse instaurado um momento para encenação – e normalmente é fácil identificar a passagem entre discursos, pois, ao reportar, principalmente a fala de outros, o falante muda muitas das características de seu modo de falar, buscando intencionalmente a diferenciação. Apenas em três casos, que foram excluídos da análise quantitativa, restaram dúvidas sobre até onde iria o discurso reportado e se os RADs estavam dentro ou fora dele.

Os casos retratados acima, a princípio, foram tratados separadamente, mas no decorrer da análise percebemos que não havia diferenças significativas que justificassem a separação. Sendo assim, todos os casos em que os RADs atuavam semelhantemente a um dos trechos acima descritos foram classificados *como foco na situação e em*

discurso direto reportado, somando 577 ocorrências do total de 1.610 dados.

FOCO EM COMENTÁRIO AVALIATIVO

Além de dar relevo a situações no presente, no passado e no futuro, os RADs também costumam lançar foco em comentários avaliativos no presente e no passado, com ou sem ruptura temporal.

Colocando foco em comentário avaliativo no presente, os RADs atuam dando relevo a trechos não muito extensos onde há algum juízo de valor (sobre uma pessoa, um fato, um comportamento, etc.) ou onde o falante expõe seus gostos, vontades, posturas – sem, no entanto, se caracterizar como trecho de opinião²³¹. Esse tipo de foco é o segundo mais recorrente em nossa amostra, somando 310 ocorrências, e é comum em trechos em que são descritas situações cotidianas, como nos segmentos ilustrados abaixo:

(77) Tem alguns aqui na Barra ainda que:: que vamos supor, que são:: que resolveram abrir um negócio (est) Como? É:: ser dono de uma:: de uma frota de barcos... como eu já, eu conheço, tem até na minha família são- tem duas pessoas que:: são dono de- de assim de barcos, aí te- *aí é mais fácil*, **entendeu?** porque eles controlam tudo, eles:: eles que comandam, vamos dizer, né? (BARRA13MJ11-05:50; 06:11)

(78) F: Sempre fui muito amiga de menino.

E: E os professores, como é que eles são?

F: Ah, são muito bons.

E: É?

F: Pegam bastante no nosso pé:: pra gente fazer as coisas cer::tas, tão sempre passando coisas no::vas, sempre ajudando a gente, sempre tirando dú::vidas, sempre:: sempre ajudando a gente, sabe? Nossa!

Muito bom,

muito bom. (BARRA02FJ8-05:00)

Em (77) temos um caso bastante típico em que o informante, durante uma sequência em que descreve a situação econômica de pescadores artesanais, utiliza *entendeu?* para colocar foco sobre pequeno trecho cujo conteúdo avaliativo é bastante nítido por conta da presença

²³¹ Veremos adiante que o foco em opinião é reservado para os momentos em que o falante de fato se posiciona sobre um tema, muitas vezes polêmico.

da construção adjetiva *mais fácil*. Já em (78) nota-se que o trecho focalizado pode parecer uma descrição, mas serve para reafirmar o juízo de valor que a informante já havia expressado ao ser questionada pela entrevistadora sobre como são seus professores: *ah, são muito bons*. Em muitas outras ocorrências a avaliação não é dada explicitamente no trecho focalizado, mas pode ser depreendida através da adjetivação de algumas construções ou da ideia geral expressa.

Também há casos em que o foco incide sobre comentário avaliativo no presente, inserido em uma sequência no passado, geralmente interrompendo fluxos narrativos. As porções discursivas sobre as quais recai este tipo de foco costumam não ser muito grandes e são bem delimitadas não só pela presença do RAD, mas também pela ruptura temporal e muitas vezes também por mudança no ritmo de fala e na altura da voz. O uso de itens como *mas, que* e principalmente *porque* é comum no início dos trechos focalizados e contribui para a sua delimitação, como evidenciam os trechos abaixo:

(79) (Sobre o começo do namoro com a atual esposa)

Aí:: ela:: tava em:: procurando igreja... né? e eu sabia que ela não tinha esse espírito... *mas a gente quando é da igreja a gente não:: a gente sabe o que é mais forte, entendeu?*... aí:: eu namorei ela, eu também já não queria mais saber de namorada assim, né? (BARRA31MA11:Faixa2-11:03)

(80) ...eles pegaram, tavam fazendo um churrasco, aí eu tava com o meu vô sentado eles pegaram- pegaram uma sacola, os lixo, de carne esses negócio tudo e jogaram no rio, né? aí eu fui falar, né? *porque não pode (hes)... se bem que peixe come, mas a sacola não, a sacola vai ficar boiando, vai:: vai poluir o rio, entendeu?*... aí ele achou ruim ainda que eu tava falando... (BARRA12MJ9:Faixa1-13:23)

A focalização de comentários avaliativos com relevância presente, apesar de não ser muito recorrente, tendo sido identificada apenas 20 vezes em nossa amostra, tem um componente especial que a diferencia da anteriormente descrita, pois a ruptura temporal, que introduz um comentário de fundo, dá ainda mais destaque à avaliação do falante que parece buscar a concordância do ouvinte. Como observamos em (79), em meio a uma narrativa sobre como o informante e a esposa se conheceram e começaram a namorar, há a introdução de um comentário avaliativo com relevância presente, focalizado por *entendeu?*, com o propósito de evidenciar ao entrevistador a importância da religião na vida do casal. Aliás, a religião é o tema central de quase todas as situações relatadas na

entrevista, como se o informante buscasse convencer o outro de sua fé, catequizá-lo. Também em (80), enquanto narra um episódio em que discutiu com um turista, o informante introduz comentário avaliativo no presente que serve para expressar seu juízo de valor contrário à atitude do turista e também parece servir como estratégia para que o entrevistador concorde com sua avaliação.

Os RADs atuam em trecho de referência temporal passada, semelhantemente a quando colocam foco em comentário avaliativo no presente, dando relevo a trechos onde há algum juízo de valor (sobre uma pessoa, um fato, um comportamento, etc.) ou onde o falante expõe seus gostos, vontades, posturas. Em nossa amostra temos 187 ocorrências em que os RADs apresentam esse tipo de atuação, normalmente em meio a sequências narrativas, ou em descrições no passado, como ilustrado abaixo:

(81) *É, a turma sempre foi unida, principalmente no (hes) primeiro, segundo, terceiro ano assim, sabe?...* sempre, sempre, sempre a gente fazia esporte jun::tos era- era uma coisa bem legal assim, bem bacana. (BARRA16MJ11-02:12)

(82) F: *Mas a escola ali na Barra tava horrível assim, tu tinha até nojo de se encostar na parede assim de tão suja, sabe?* os vidro assim ó, as merendeira não limpavam os vidro, né? fulano?

I: Não limpam.

F: Não limpam, é... *os vidro assim tu não via nada do outro lado, sabe?...* nada, a poeira assim era tanta que tu não via, tu vivia espirrando dentro da sala... (BARRA07FJ11:Faixa1-19:24; 19:34)

Tanto em (81) como em (82), *sabe?* é usado em trecho de descrição no passado para focalizar uma avaliação também feita no passado. Destaca-se o segundo RAD em (82), em que a aparente descrição *os vidro assim tu não via nada do outro lado*, trata-se de comentário avaliativo que poderia ser facilmente traduzido por *os vidros eram muito sujos*. É importante salientar, que em alguns casos os informantes produzem longos trechos avaliativos no passado, mas normalmente foi possível identificar os limites de atuação dos RADs através de outras marcas de relevo como elevação do tom de voz e pausas.

Identificamos apenas 10 casos em que os RADs atuam com foco em comentário avaliativo com relevância passada. Nesse tipo de ocorrência, o foco também incide sobre comentário avaliativo no passado, mas introduzido em meio à sequência de referência temporal

presente. Normalmente ocorre quando o informante, enquanto argumenta, descreve ou expõe fatos no presente, faz pequenos comentários ilustrativos no passado (como em 83) ou avalia fatos anteriormente narrados que se vinculam à linha argumentativa que vinha sendo desenvolvida (como em 84):

(83) ... e na igreja tu acaba descobrindo um monte de coisa assim, né? *por exemplo:: na verdade não era nem da minha vontade porque eu- eu sou meio- meio receio eu fiquei com meio receio assim, sabe?*...porque eles falam que quando tu sobe no altar tu não que que cantar pro público que tá ali, tu canta pra Deus, entendeu?... (BARRA16MJ11-32:25)

(84) (Sobre o relacionamento tenso com a filha)

F: A gente dá medo (est) quando a pessoa passa uma fase, passa uma fase complicada, dá medo depois de fazer outra fase, (est) né? não [é fácil, é assim]

E: [É verdade...] fica meio traumatizado, né?

F: Não, fica, fica, fica, fica, não é fácil... então:... *á foi::... não adiantou de nada, nem pra eles, nem pra mim não adiantaram de nada... fazer essas coisas...* (est) **sabe?** sou um homem que trabalhava ta::nto, tomei tanto conta da minha famí::lia... (BARRA45MB4:Faixa2-06:01)

Nesse caso, percebemos que não havia justificativas estatísticas para que subdividíssemos os vários tipos de foco em avaliação que, tratados em conjunto, somam 527 ocorrências do total de 1.610 dados.

FOCO NA OPINIÃO DO FALANTE

Os RADs costumam ser muito recorrentes lançando foco na opinião do falante²³², somando 313 ocorrências na amostra investigada. Nesses casos o plano interacional está mais evidente já que o informante parece engajado em convencer o interlocutor e pedir uma confirmação, não da compreensão, mas da validade de seus argumentos e opiniões. Geralmente há a presença de pistas contextuais que evidenciam que o

²³²Erman (1981) identifica a função de finalização de argumento para *you know*, mas nos casos em que verificamos que o foco incide sobre a opinião do falante nem sempre há finalização, muitas vezes o RAD está entre sequências de argumentos e é possível captar estas diferenças de atuação através da observação do contexto em que o item ocorre, como veremos na próxima seção.

falante se posiciona (como o uso de *pra mim, eu acho que, na minha opinião*), outras vezes, na falta de pistas evidentes, a temática e a tomada de posição é que deixam clara a natureza do trecho que recebe foco, o qual costuma ser longo e, muitas vezes, se confunde com a própria sequência argumentativa em que ocorre. Sendo assim, não é tarefa simples (e muitas vezes torna-se inviável) saber quais os limites de focalização do RAD, que em muitas ocorrências se apresenta com escopo amplo. Observemos os trechos abaixo:

(85) F: *É porque cada um tem as suas- no caso eu penso de um jeito você pensa de outro, mas são todos seres humanos feitos de carne e osso...entendeu? então eu acho que... a educação em primeiro lugar que ser mal educado, ser grosseiro não adianta (est)... não leva ninguém pra lugar nenhum, entendeu? só vai chegar:: no mesmo lugar onde saiu. (BARRA04FJ9:Faixa2-13:05; 13:14)*

(86) F: *áí faz:: faz qualquer coisa aqui na Barra, é um que só vai contra outro e eu acho que deveria ter mais união...tendesse? que a Barra da Lagoa tá precisando de mais união e olhar mesmo as pessoas e também na época de eleição e votar nas pessoas certa, porque:: como tá sendo o governo e a- e a prefeita aí não:: (hes)... tendesse? tão sempre tudo:: tá, eu não acho que eles tão:: pra minha opinião não tá sendo boa coisa não, porque eles tem que olhar mais pros pobres, não pros ricos... simplesmente esse negócio do BESC agora ó...entendesse?*

E: *Que negócio?*

F: *Esse negócio do BESC aí que eles agora privatizaram o BESC aí (est) vai ter muito desemprego, então esles tinham que olhar pras pessoa que- que precisa de emprego, porque o desemprego tá grande... Aí dá o quê? Vai dar rou::bo...tendesse? aí as pessoa falam aí que vem esses desabrigado, de gen- vai dar roubo, vai dar muita morte... (BARRA27MA8:Faixa1-04:02; 04:23; 04:34)*

Em (85), ao ser questionada sobre sua opinião em relação ao turismo, a informante defende a posição de que turista bom é turista educado. Vemos que nesse caso o escopo dos dois RADs no trecho é bastante amplo: a única marca evidente para delimitar o escopo do segundo é a presença do primeiro. Em (86) há três ocorrências em que o RAD coloca foco sobre a opinião do falante: o primeiro sinaliza trecho em que o informante defende a necessidade de mais união no bairro; o segundo dá relevo à opinião do informante sobre a atitude dos políticos locais; o terceiro coloca foco na tese de que privatizações levam a desemprego. Cabe ressaltar que na segunda ocorrência ilustrada foi

possível delimitar que o escopo do RAD corresponde a todo o trecho em destaque por conta de outras estratégias de relevo, já que a partir do primeiro *tá* o informante altera o tom de voz e acelera a fala.

FOCO PROSPECTIVO

O uso dos RADs com foco prospectivo ocorre 94 vezes em nossa amostra. Essa é a atuação que mais se distingue das demais e já havia sido identificada em Valle (2001) apenas para *sabe?*. Nesse caso, há um deslocamento na direção do foco dos RADs que, ao invés de incidir sobre o que está anteposto a eles, se projeta ao que está posposto, em uma espécie de movimento catafórico. Observa-se, geralmente, pausa anterior ao RAD, entonação de pergunta bastante atenuada ou inexistente e a formação de um conjunto entonacional entre RAD e o trecho declarativo focalizado, como ocorre abaixo:

(87) (Sobre a diversão na adolescência)

F: Fazia a festa as- a nossa adolescência foi isso assim (est)... **sabe(?) aniversário aqui ali, uma festinha desse tipo...** discoteca olha, eu acho que eu tinha... eu já tinha mais de quinze anos quando eu comecei a ir (BARRA09FJS-12:39; 12:51)

(88) (Sobre os poucos recursos de alguns turistas)

F: É, aí depois de terminar as férias vão embora trabalhar, eles manda ver, é isso aí que eles vivem, né? os argentino vive aí disso aí, né?... **tendesse(?) os argentino querem isso aí,** porque vi- eles procuram, cada ano eles vem mais esperto (BARRA27MA8:Faixa2-24:04)

Nas duas ocorrências, o plano textual parece estar em evidência e os RADs podem ser substituídos por expressões como *pois é* e *ou seja*. Por outro lado, o plano interacional perde força, o que é evidenciado pela junção entre RAD e trecho posposto que inviabiliza qualquer tipo de resposta do interlocutor.

FOCO PRAGMÁTICO

Observamos que os RADs também podem atuar com foco pragmático, um tipo de foco mais amplo, que abarca não uma porção textual específica, mas toda uma situação dialogal. Este caso, que ocorre 64 vezes em nossa amostra, já foi ilustrado no início desta seção

quando comentamos algumas ocorrências em que o plano cognitivo estava em evidência. De fato, nessa atuação, dois planos ganham força: o cognitivo – na medida em que o significado lexical de verbo ainda parece se manter; e o interacional – ao passo que é um uso comum em contextos dialogais e o RAD costuma apresentar forte entonação de pergunta. É um funcionamento que se dá no jogo dialogal falante-ouvinte, envolvendo trocas de turno, como se o foco se deslocasse do texto para o interlocutor, como ilustram os trechos abaixo:

(89) F: Até:: mil novecentos e setenta e-... é:: setenta e oito, setenta e nove foi uma época boa.

E: Uma época [que dava um bom dinheiro.]

F: [Foi... foi,] foi, foi, foi, foi, todo mundo aqui cresceu.

E: Ah, foi geral assim.

F: É, foi geral (est)... veio um desenvolvimento, **entendesse?**

E: Sim.

F: E:: surgiu outros tipos de pesca que não tava na- como a lula, o bacalhau, a tal de brota. (BARRA42MB3:Faixa1-11:05)

(90) F: Agora quem vem de carro sempre tem uma coisinha e quem não tem que pega ônibus aí, vem de ônibus, ah:: trinta e seis horas da Argentina até aqui pra passar dez, quinze dia.

I (filha do informante): Pai, tá chovendo.

F: Eu sei.

I: Tem roupa na rua.

F: Então vai lá buscar.

I: Mas tem muita.

F: Ah:: não tá chovendo... (Dirigindo-se novamente à entrevistadora) **tendesse?** mas [é::]

E: [(inint)]

F: Ah, é, eles é assim e eu acho que eles não tão errado não, tendesse? eles tem que ver, procurar também, né? (BARRA27MA8:Faixa2-25:38)

Os dois trechos ilustram os dois tipos de ocorrências que estamos tomando sob o rótulo de foco pragmático. No primeiro, o RAD remete a toda uma sequência de trocas de turno, muitas vezes introduzida por uma dúvida do entrevistador. Em (89), o informante vinha discorrendo sobre o desenvolvimento da pesca entre as décadas de 1960 e 1970 quando a entrevistadora toma o turno e, depois de algumas trocas, *entendesse?* é usado para remeter a toda a situação dialogal anterior e também a toda a temática sobre o desenvolvimento.

No segundo caso, depois de grande quebra no fluxo discursivo por conta de longas digressões, ou pela interrupção de um interveniente (ou do próprio entrevistador) para tratar de outros temas, o falante faz uso do RAD para reativar o foco naquilo que estava sendo dito antes da quebra. Em (90), o informante falava sobre a situação econômica dos turistas argentinos que procuram a Barra da Lagoa nas férias, quando é interrompido por sua filha. Depois de sucessivas trocas de turno com a filha, ele se dirige à entrevistadora e usa *tendesse?*, retomando ao mesmo tempo a interlocução com ela e sua exposição sobre os turistas argentinos.

FOCO NA BUSCA DE INFORMAÇÃO

Os RADs parecem ser utilizados para marcar a busca por expressões ou pelo conteúdo a ser dito, atuação já levantada por Östman(1981), Erman (1987) e Müller (2005) para *you know*. É importante notar que se trata de uso bastante especial, já que, nesse caso, o foco não está em nenhuma porção textual específica e nem se dirige ao interlocutor. O RAD parece se voltar para o processamento da informação pelo falante, que tenta ganhar tempo e ao mesmo tempo buscar em sua memória o que quer comunicar. Esses casos representam uma fatia pequena de nossas ocorrências, apenas 35 casos, que ilustramos através dos trechos a seguir:

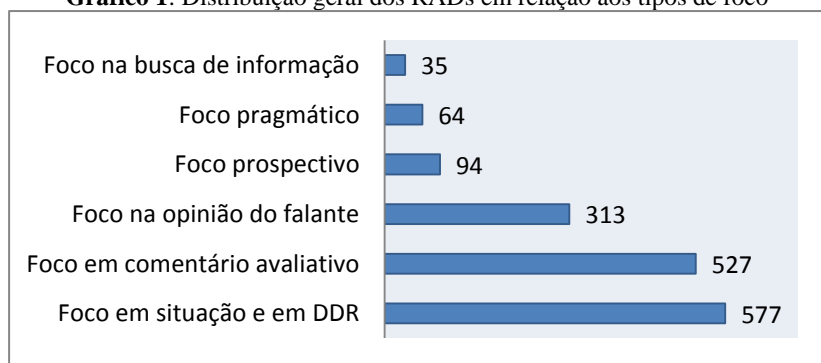
- (91) (Sobre os turistas estrangeiros: americanos e europeus)
 F: Eles- é só pra isso e o argentino é distinto, o argentino já vem pra... **entendeu::?** sol, noite, são distinta coisa, o americano ele nem gosta do sol ele, ele- quando tem sol ele trata de- de se recuar, ele aqui ele se recua muito (BARRA19FA8-05:08)
- (92) (Sobre os trabalhos que já exerceu)
 F: Tô trabalhando agora na linha, mas eu também já trabalhei de serven::te, mas eu também fiz vários- vários serviços [também]
 E: [E?]
 F: É:: eu fiz muito... tem que:: só:: **tendesse?** já trabalhei em vários serviços, também pesquei um pou::co, ia lá fora com os cara sem::pre... (BARRA27MA8:Faixa2-27:26)

Em (91) o informante, imediatamente após a quebra do fluxo discursivo e pausa breve, usa *entendeu?* um pouco alongado como se buscasse a informação que logo em seguida é encontrada e esclarece o

trecho truncado anterior ao RAD. Em (92) a quebra é maior e o falante parece ter mais dificuldade para retomar o fluxo discursivo, fazendo uso de vários alongamentos vocálicos, pausas e *tendesse?* até a retomada.

Apresentamos no quadro abaixo a frequência geral dos RADs em cada tipo de foco identificado na análise:

Gráfico 1: Distribuição geral dos RADs em relação aos tipos de foco



5.2.1.2 A CONTRIBUIÇÃO DOS RADs PARA A SINALIZAÇÃO DE RELAÇÕES TEXTUAIS/DISCURSIVAS

Martelotta (1998) já chamava atenção para o fato de que os RADs, ao topicalizarem sintagmas ou orações, contribuem para a sequencialidade da informação. Essa ideia foi desenvolvida em Valle (2001), que controlou alguns contextos em que os RADs ocorriam e contribuíam para assinalar relações.

A partir de nossa amostra, refinamos e ampliamos o controle dos contextos em que os RADs ocorrem, buscando identificar que tipo de relação esses itens ajudam a sinalizar. Cabe ressaltar que não estamos atribuindo aos RADs o *status* de conectores e também não estamos afirmando que eles sejam os responsáveis por estabelecer relações – que não se dariam na sua ausência. Contudo, na medida em que ocupam certos lugares no discurso e colocam foco no que os antecede, tais

elementos atuam como coordenadas textuais, contribuindo para a sinalização das relações que se estabelecem na fala²³³.

A seguir, passamos a descrever os contextos em que os RADs ocorrem na amostra investigada.

CONTEXTO DE SEQUENCIAÇÃO DE SITUAÇÕES OU ARGUMENTOS

Na maior parte das vezes (em 541 ocorrências) os RADs ocorrem em contextos em que há sequenciação de situações ou argumentos, ou seja, em que há uma sequência de fatos ou ideias que não apresentam dependência ou relação semântica entre si. Nesse caso, as porções discursivas anteriores e posteriores ao item fazem parte do mesmo tópico, subtópico ou cadeia tópica, normalmente na forma de orações justapostas, e a ocorrência do RAD parece manter/fortalecer o elo entre as partes sequenciadas, como ilustramos os trechos abaixo:

(93) (Sobre as mudanças ocorridas na região)

Hoje a brincadeira de boi mudou... as palavra... foram tudo mudada... hoje ninguém diz mais aquele bo- aquela bobagem (filha) (est)... que o pessoal dizia... então é um mundo melhor... **tá entendendo?** esse povo pobre que eu tô te dizendo tá numa alegria que ele abre a porta e dorme no fresquinho. (BARRA43MB3:Faixa1-24:55)

(94) (Sobre uma intensa experiência espiritual)

F: Eu não podia mais... aí:... aí eu assim: "Meu Deus", chamei os cara que tavam embaixo... "Ô, vem aqui cara eu vou morrer, eu tô sentindo mal..." eu não podia mais... [...] as últimas coisa que eu conseguia falar foi umas bolinha, **entendeu?** e os cara me seguraram, me jogavam água... (BARRA31MA11:Faixa1-25:54; 25:59)

Em ambas as ocorrências o contexto em que os RADs são inseridos é de sequenciação, com a diferença que, no primeiro,

²³³ Mesmo no caso do foco prospectivo, em que o elemento focalizado está posposto ao RAD, acreditamos que a sinalização de relações não se inviabiliza, o que se altera é a porção discursiva que recebe destaque. Por exemplo, em um contexto de especificação (detalhamento, exemplo), o RAD com foco em situação presente focaliza um fato anteposto a ele e segue-se um exemplo ou um detalhamento. Do mesmo modo, o RAD com foco prospectivo pode ocorrer nesse tipo de contexto, porém o foco estará naquilo que está posposto, ou seja, no exemplo ou no detalhamento.

encadeiam-se argumentos em um trecho de opinião e, no segundo, ações em uma narrativa episódica.

CONTEXTO DE ESPECIFICAÇÃO 1 (CAUSA, MOTIVO, RAZÃO, FINALIDADE)

Mesmo que com pouca frequência (somando 88 ocorrências), os RADs podem ocorrer em contextos de especificação, entre a exposição de um fato, evento ou argumento e sua causa, motivo ou finalidade. Trata-se de um contexto em que se estabelecem relações em um nível mais micro e o RAD, ao ocupar tal lugar, parece contribuir para a introdução das explicações que o falante passa a dar. Algumas vezes o que se segue é uma oração causal introduzida por *porque*, mas na maioria dos casos há apenas justaposição de orações e a fronteira entre informação e explicação é marcada pelo RAD, como ocorre nas ilustrações abaixo:

(95) (Sobre orientação religiosa espírita da mãe e sua solidariedade)

As vez eu até admiro a mãe, **sabe?** porque eu penso ‘nossa com aquela idade, quase setenta anos!’... E ela não importa sair de manhã cedo, vai ajuda... Ela tem muito esse lado. (BARRA23FA10-23:23)

(96) Eu tropecei na bola, tipo pisei em cima da bola, o meu pé torceu, tive que ir no medico, aí usei ge::sso umas duas semanas, mas nada demais assim.

E: Ah:: perigoso!

F: Não, mas fui eu mesma, **sabe?** foi desatenção minha que eu acabei pisando na bola e caindo, mas:: tranquilo. (BARRA02FJ8-09:12)

Em (95), após expor sua admiração pela mãe, a informante faz uso de *sabe?* e logo após *porque* introduz seus motivos, já em (96) não há a presença de nenhum elemento conector entre exposição e causa/motivo, apenas o RAD delimita essas duas porções textuais.

CONTEXTO DE ESPECIFICAÇÃO 2 (EXEMPLO, DETALHAMENTO)

Ainda em contextos de especificação, os RADs são bastante comuns (ocorrendo 309 vezes) entre uma informação e seu detalhamento/exemplificação. Nesse contexto, geralmente há a justaposição de orações e o item sinaliza a introdução de exemplos (até

mesmo de situações inteiras que servem de exemplo), listas (abrindo um leque de itens) e atributos (construções adjetivas que descrevem e qualificam que foi dito antes) que servem de detalhamento daquilo que o precede. Vejamos os trechos abaixo:

(97) E: [Mas o que] que aconteceu?

F: Ah, porque fizeram fofoca também, **sabe?**... “ah, eu vi ele com outra gurria, que não sei o quê:”, então sempre acaba nisso, umas coisinha mínima assim:... (BARRA07FJ11:Faixa1-30:11)

(98) F: [Até] hoje assim, me dou muito bem com guri, **sabe?**... muito bem, assim:: vão lá em ca::sa, tomam café::, a mãe faz lan::che, assim muito- eu me dou bem com todo mundo assim. (BARRA02FJ8-03:19)

Em (97) a informante faz uso de discurso direto reportado após *sabe?* para exemplificar/encenar uma fofoca e em (98) há, após *sabe?*, o detalhamento do tipo de relação de amizade que a informante diz ter.

CONTEXTO DE REPARAÇÃO/ESCLARECIMENTO

Em contextos de reparação/esclarecimento (em que os RADs ocorrem 115 vezes) há a necessidade de se fazer algum esclarecimento ou reparação sobre uma informação ou termo dado anteriormente ao RAD, seja para eliminar possíveis mal-entendidos, seja porque algum truncamento impossibilitou a compreensão. Geralmente esse é um contexto de atuação em que as relações se dão em um nível bem micro, sendo que na maioria das vezes as reparações/esclarecimentos incidem sobre sintagmas nominais, expressões adjetivas, adverbiais, etc. Vejamos os trechos abaixo:

(99) (Sobre a construção de uma grande Marina no canal da Barra da Lagoa)

F:...que se fazer esses negócio eles vão abrir tu::do, vão ser casas... tiradas dali... né? do seu... que (hes) eles vão- o rio não vai ser só aquilo ali, **sabe?** aquele que passa, (E: ãh.) eles vão tirar mais um pedaço, eles vão aprofundar mais ela E: Ah, é? (BARRA12MJ9:Faixa1-20:07)

(100) F: [Pois é:]... Não, nunca fui sozinha, sozinha, sabe? sempre fui com os meus pais, mas assim ó, de tarde assim no par::que no- com a minha irmã:: que é um pouco mais ve::lha, a gente ia sozinha... sabe?... que era bem mais tranquilo, **sabe?** muito mais tranquilo.

E: Poxa, que coisa, né?(BARRA02FJ8-01:02:30)

Em (99), talvez antecipando um possível questionamento do entrevistador que não é da comunidade, o informante decide esclarecer a localização de seu objeto de referência (*o rio*). Já em (100), o informante parece considerar que o uso adverbial de *bem* não dava a dimensão do que gostaria de expressar e faz uso de *muito* associado à elevação de tom de voz, reparando a construção anterior ao RAD.

CONTEXTO DE CONTRASTE

Em número considerável de vezes (121 ocorrências) os RADs ocorrem entre porções discursivas contrastantes, ou em contexto em que o que se propõe ao item restringe o que o precede. A relação de contraste pode ser estabelecida de forma menos evidente através da oposição de ideias contrastantes, como ocorre em (101), ou de forma mais explícita com o auxílio de itens como *mas, só que, agora, apesar*, etc., como ocorre em (102):

(101) F: Antigamente já não era assim, né? pra fumar um ciga::rro... era escondido porque se os pais pegasse apanhava, **entendeu?** e hoje não, hoje... eles tão usando até droga na frente dos pais. (BARRA04FJ9:Faixa1-11:10)

(102)(Sobre a vontade de trazer os amigos para a sua igreja)
F: Eu sei que também o certo seria eles se sentir bem também (est) dentro da igreja (est) **entendeu?...** só que ainda não assim, ainda não... tudo tem o seu tempo eu acredito também, né? (BARRA16MJ11-43:43)

CONTEXTO DE CONCLUSÃO

Em parcela considerável dos casos (192 ocorrências), após porções discursivas geralmente um pouco mais longas, em que um tópico vinha sendo desenvolvido e detalhado, os RADs podem contribuir para sinalizar justificativa, desfecho, finalização ou resumo do tópico. Nesses casos, a posição ocupada por esses itens normalmente é entre orações e, muitas vezes, parece haver a busca pelo interlocutor para que chegue às mesmas conclusões que o falante, como ilustrado abaixo:

- (103) F: E eu já descobri bombas... (estalando os dedos) bombas... quando eu tava doente, meu Deus, olha o que eu já enfrentei, tu não faz nem ideia... tu não faz nem ideia o que eu já so- já- já- já- já- já sofri... tanto pela doença e por outras coisas que já me aconteceu... foi tudo ali uma bomba, **entendesse?** foi a minha doen::ça e através da minha doença veio outras coisas mais ruim (BARRA20FA8-18:50)
- (104) F: Olha só, que bobagem! Eu não tava sabendo... aí ele foi tomar café lá:: com e::la e ela não quis dar:: não quis passar que/ requeijão no:: no- no pão dele... tá, mas aí, até então... aí ele começou a xingar ela... é coisa de criança, né? ela já era uma adulta... ((risos de E)) ele era um- uma criança... aí:: porque ela é- ela é do tipo assim ó, ela é- não é de nada... mas ela quer dar lição de moral e não tem moral... **tás me entendendo?** ela é bem assim... (BARRA20FA8-31:22)

Em (103) a informante, após falar sobre várias dificuldades que encontrou em sua vida, faz uso de *entendesse?* e, em seguida, resume e dá fecho ao tópico. Caso um pouco diferente ocorre em (104), em que a informante, após produzir o RAD, resume as características da cunhada com *ela é bem assim*.

CONTEXTO DE FECHAMENTO

Algumas vezes (em 146 ocorrências) os RADs ocorrem em contexto de fechamento de tópico, subtópico ou cadeia tópica, que pode ou não coincidir com as trocas de turno entre entrevistado-entrevistador. Nesse tipo de contexto muitas vezes as relações se dão no nível da organização macrotextual. Vejamos algumas ocorrências:

- (105) (Sobre a mudança na infância)
 F: Antes eu brincava de casinha, né? então eu acho que mudou muito.
 E: O que que ela faz? Do que que ela brinca?
 F: Não ela- a gente quer sair assim, daí a irmã dela é mais velha, né? “Ah, vamos sair” tanto ontem que a gente foi pra:: pra academia, ela queria ir com a gente, uma menina de onze anos, **sabe?**... é uma coisa que mudou bastante assim, eu acho que a geração que vem assim, vem bem rebelde mesmo. (BARRA07FJ11:Faixa1-07:24)
- (106) F: A natureza não tem culpa de nada, tudo que acontece hoje é consequência do homem.
 E: Ah sim.

F: Tudo é em consequência do homem “ah porque deu ressaca, acabou com a praia da Armação, tá acabando com a praia da Barra” Não... De todas as reportagens que tu viu:: (est)... tu não viu uma reportagem reclamar do Moçambique...

E: Não

F: Tu não viu uma reportagem falar da Praia Mole, da Galheta, Lagoinha do Leste

E: Não vi.

F: Naufragados. Enfim, várias praias tu não vê. Por que? Porque nenhuma dessas praia ninguém fez casa em cima das dunas (E: Ah!) Nenhuma dessas praias ninguém invadiu nada... E porque que eles não tão falando? Claro::... Os cara vão lá e invade, cortam a duna, botam uma casa, agora o mar tá se cobrando... que é (hes) pô e aí... os especialistas tão dizendo porque é o ciclo da água, o ciclo da areia, ela vai lá:: leva areia, traz. Então, quem fez as casas na beira da praia em cima das duna tá impedindo o ciclo da areia, o ciclo da água. Não sei qual::... (est) Enfim, o homem interfere em tudo, **entendeu?**

E: E isso aconte- e- e isso que cê- que cê tá falando agora é o que aconteceu na Armação?

(BARRA29MA11-38:31)

Em (105) a informante vinha discorrendo sobre as mudanças entre as gerações e desvia para um subtópico introduzido pela entrevistadora, finalizando-o com *sabe?* e voltando ao tópico principal. Já em (106) *entendeu?* encontra-se em contexto de fechamento de tópico que coindide com a passagem de turno para a entrevistadora. Cabe assinalar que se trata de tópico longo em que ao final é apresentada conclusão e fechamento com o RAD. Se o item estivesse antes da conclusão, consideraríamos que o contexto, nesse caso, seria o de conclusão.

CONTEXTO DE INTERAÇÃO

Algumas vezes (em 64 ocorrências) os RADs ocorrem em contexto em que há grande interação e são comuns trocas de turno entre entrevistador e entrevistado e/ou também entre entrevistado e interveniente. É o momento em que o informante se apresenta bastante envolvido com seu interlocutor e a entrevista se aproxima de uma conversa espontânea, como ilustramos abaixo:

- (107) Tu só tem assim a gana de atender eles bem:: de ver que, pô, que sofrimento eles chegaram lerdinhos assim:: vinte e sete horas,

pá::lido, os cabelos desse tama::nho... e quando chega aqui respirar, tu sentir assim que de uma hora à outra, das sete às oito hora tu tá vendo a diferença de uma nova vida...

E: Nossa! Eles::

F: **Entendeu?**

E: Reavivam.

F: É.

E: Re- ressuscitam. (BARRA19FA8-21:27)

(108) (Sobre o terno de reis o instrumento que toca)

I (acompanhante da entrevistadora): E aí como é que funciona [assim eu não conheço?]

F: [Como funciona? Eu posso] até buscar o cavaco e dar uma- (risos de E e I) [e da um cadinho pra vocês]...

E: [Ah, (sim) bonito isso!]

F: **Tá entendendo?**

I: E, mas e aí vocês vão, vão indo de casa em casa, o que que é? (BARRA44MB5-47:34)

Em (107) a informante fala com muita ênfase sobre sua grande dedicação aos turistas e a entrevistadora, empolgada com o relato, resolve participar. O envolvimento dos participantes da entrevista (incluindo o interveniente) também é evidenciado em (108) em que há um momento de risos e descontração e os interlocutores disputam o turno, promovendo sobreposições²³⁴.

CONTEXTO DE HESITAÇÃO

Os RADs podem ocorrer, mesmo que com pouca frequência (em 33 ocorrências), em contextos de hesitação, caracterizados por muitos truncamentos, pausas, alongamentos vocálicos, repetições, gagueiras, etc. Isso se dá quando o falante, em situações discursivas mais complexas ou comprometedoras, perde o fluxo discursivo momentaneamente, como ilustramos abaixo:

(109) F: E ele quando vêm pro:: pro Brasil... eles vêm com duas metas... descansar... e (hes) e trabalhar eh:: mentalmente com a:: ecologia, com:: **entendeu?** eh::... ver o rio, ver a- as pedra, ver a- o- os ma::ta

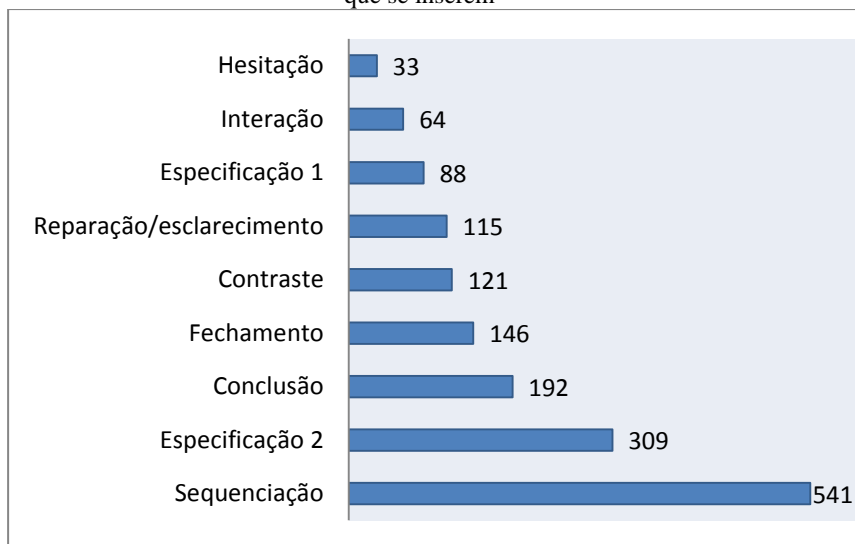
²³⁴ Adiantamos que, ao realizar as análises estatísticas, verificamos que contexto de interação e foco pragmático se sobrepõem e tivemos que lidar com essa questão para não termos problema de falta de ortogonalidade na análise.

eh:: **entendeu?** (hes) eles não vêm pra dançar:... (hes) o americano ele não vem pra dançar, ele não vem pra:: ele vem pra ler:: pra sentar:: pra olhar (hes) os mo::rros, bater muita foto, eles batem muita foto e:: se puder al- alcançar assim um diálogo com a gente... (BARRA19FA8-05:08; 05:14)

- (110) Porra, então deveria ter, na- na Lagoa tem um mini shopping- tem um shopping, tem um Banco do Brasil, tem um BESC...que::**tendesse?** quefi-, tá tem- tem lá bom, mas aqui na Barra só tem o:: o:: BESC ali em cima (BARRA27MA8:Faixa2-19:58)

Apresentamos no quadro abaixo a frequência geral dos RADs nos contextos em que se inserem:

Gráfico 2: Distribuição geral dos RADs em relação aos contextos em que se inserem



5.3 CONTÍNUOS FUNCIONAIS E TRAJETÓRIAS DE MUDANÇA VIA GRAMATICALIZAÇÃO

Como mencionado na subseção 5.2.1, acreditamos que a atuação dos RADs como elementos focalizadores integra o plano interacional (cumprindo tarefas pragmáticas relacionadas com o interlocutor) e o plano textual. Contudo, através da descrição do funcionamento dos RADs como elementos focalizadores, percebemos que o peso de cada um dos dois planos não é o mesmo em todos os tipos de foco. Vimos, por exemplo, que, quando o RAD atua com foco pragmático, o plano interacional (e também o plano cognitivo) tem mais peso, já quando o RAD atua com foco prospectivo, é o plano textual que parece estar em evidência. Sendo assim, acreditamos ser possível: a) distribuir os tipos de foco dos RADs no âmbito dos dois planos; b) delinear um *continuum* funcional sincrônico dos RADs que pode ser correlacionado com sua possível trajetória de mudança via gramaticalização.

Lidamos com a noção de que a atuação em um plano discursivo não exclui a outra, mas também consideramos que, por vezes, um ou outro plano possa receber mais peso conforme o uso dos RADs. Por essa razão, entendendo que, embora os RADs como elementos focalizadores cumpram funções tanto no plano textual quanto no interacional, é possível pensar em uma **distribuição gradiente dos tipos de foco entre os dois planos**, que passamos a apresentar.

O papel dos RADs com foco pragmático, incidindo sobre grandes porções dialogais e apresentando forte entonação de pergunta, seria aquele em que o plano interacional estaria mais evidente. Essa atuação estaria na fronteira entre o uso como verbo pleno e o uso como RAD e não só o plano interacional estaria em destaque, mas também o plano cognitivo, já que o significado conceptual do verbo, associado a processos mentais, ainda é bastante presente, o que é reforçado pela tendência do ouvinte em confirmar sua compreensão através de resposta sim/não ou uso de verbo (sei/entendi). Nos remetendo à noção alargada de dêixis textual de Ehlich (1981 *apud* TRAVAGLIA, 2006), poderíamos dizer que nesse caso os RADs funcionariam como expressões dêiticas muito mais voltadas para a atenção do interlocutor do que para o texto.

Um passo à frente no gradiente interacional-textual estaria a atuação dos RADs com foco na opinião do falante, recaindo sobre porções discursivas maiores e em que o falante parece estar engajado em pedir a confirmação do ouvinte para validade de seus argumentos e opiniões, muitas vezes sobre temas polêmicos. Nesse caso, a atenção

para com o interlocutor ainda é muito presente, mas o direcionamento do RAD já está mais para o texto, focalizando os argumentos ou seqüências de argumentos.

As atuações dos RADs com foco em comentários avaliativos, tomadas em conjunto (no presente, no passado, com ou sem ruptura temporal), estariam um pouco mais adiante no gradiente já que ainda parece haver uma certa busca pela aprovação do ouvinte sobre a avaliação, mas também se fortalece o plano textual, principalmente quando ocorrem rupturas e os RADs focalizam comentários de fundo, organizando quadros discursivos.

Com foco sobre situações e em DDR = (sejam elas no presente, no passado ou no futuro) o componente interacional parece estar em declínio, já que as avaliações e as opiniões do falante não estão em jogo. Sendo assim, a atuação do RAD, nesses casos, estaria mais para dentro do texto do que para fora dele.

No último degrau do gradiente, estaria a atuação do RAD com foco prospectivo, já que o deslocamento na direção do foco para o que está posposto ao RAD e a formação de um conjunto entonacional entre RAD e trecho focalizado parecem neutralizar o papel interacional do item, enquanto o plano textual ganha mais evidência²³⁵.

O quadro abaixo ilustra a distribuição gradiente dos tipos de foco entre os planos interacional e textual que estamos propondo:

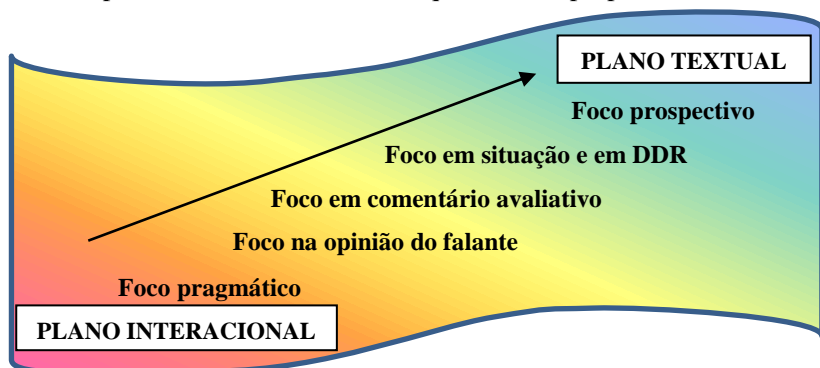


Figura 15: Distribuição das atuações dos RADs como elementos focalizadores no gradiente interacional-textual

²³⁵ Não incluímos a atuação dos RADs com foco na busca de informação no gradiente interacional-textual, porque se trata de um funcionamento diferenciado que não parece voltado nem para o texto/discurso, nem para o interlocutor, na medida em que diz respeito ao processamento de informações.

Depois de distribuir as atuações dos RADs como elemento focalizador em um gradiente interacional-textual, é possível dar um passo adiante e correlacionar tal distribuição com as noções de domínio funcional e de protótipos, buscando identificar quais seriam **as atuações de focalização mais prototípicas dos RADs dentro do domínio funcional da requisição de apoio discursivo**.

Assim, se consideramos que o que os RADs fazem é colocar foco, integrando um componente interacional e um componente textual, as atuações dos RADs que se enquadrariam no domínio da requisição de apoio discursivo seriam aquelas que apresentassem, em maior ou menor medida, os dois componentes. Nesse sentido, observando a figura 15, percebemos que: i) se, por um lado, as atuações dos RADs com foco na opinião do falante, com foco em comentário avaliativo e com foco em situação e em DDR são as que apresentam ambos os componentes em maior equilíbrio; ii) por outro lado, nas atuações localizadas nas extremidades do gradiente, um dos componentes teria peso maior do que o outro: o componente interacional para o foco pragmático e o componente textual para o foco prospectivo. Diante disso, a seguinte questão se impõe: Os itens que atuam com foco pragmático e também aqueles que atuam com foco prospectivo estariam fora do domínio da *requisição de apoio discursivo*?

Para responder à questão é necessário primeiramente notar que temos distribuído as atuações dos RADs sempre em termos de gradiência, considerando a sobreposição de planos funcionais. Além disso, assumindo a abordagem baseada em protótipos (GIVÓN, 1984, 2001, 2005), apresentada na subseção 3.1.1.2, consideramos que, dada a não-discretude das categorias gramaticais, as formas linguísticas, ao invés de serem classificadas em termos de pertencimento a uma ou outra categoria (ou domínio), podem ser mais bem acomodadas pela noção de protótipos, que admite gradação dentro de categorias e certa vaguidade nas fronteiras categoriais e permite categorização em torno dos melhores exemplares, sendo os menos prototípicos organizados em função da quantidade de traços que compartilham com os membros principais.

Sendo assim, entendemos que: a) os RADs com foco em comentário avaliativo seriam os representantes mais prototípicos do domínio; b) os RADs com foco em opinião e em situação + DDR que estão no entorno do exemplar prototípico também estariam no centro do domínio; c) os RADs com foco pragmático e com foco prospectivo estariam na periferia do domínio.

Adotando essa abordagem, nossa análise, mesmo a quantitativa, não se restringe apenas aos membros prototípicos, sendo possível o

tratamento dos RADs mais periféricos –tanto daqueles que se situam na fronteira entre RADs e verbos (com foco pragmático), quanto daqueles que estão na outra extremidade (com foco prospectivo) e parecem ter bastante atenuada a propriedade básica dos RADs como elementos interacionais – o que é essencial para o estabelecimento de contínuos funcionais sincrônicos que podem refletir a trajetória de mudanças dos itens em análise. A figura 16 ilustra nossas considerações.

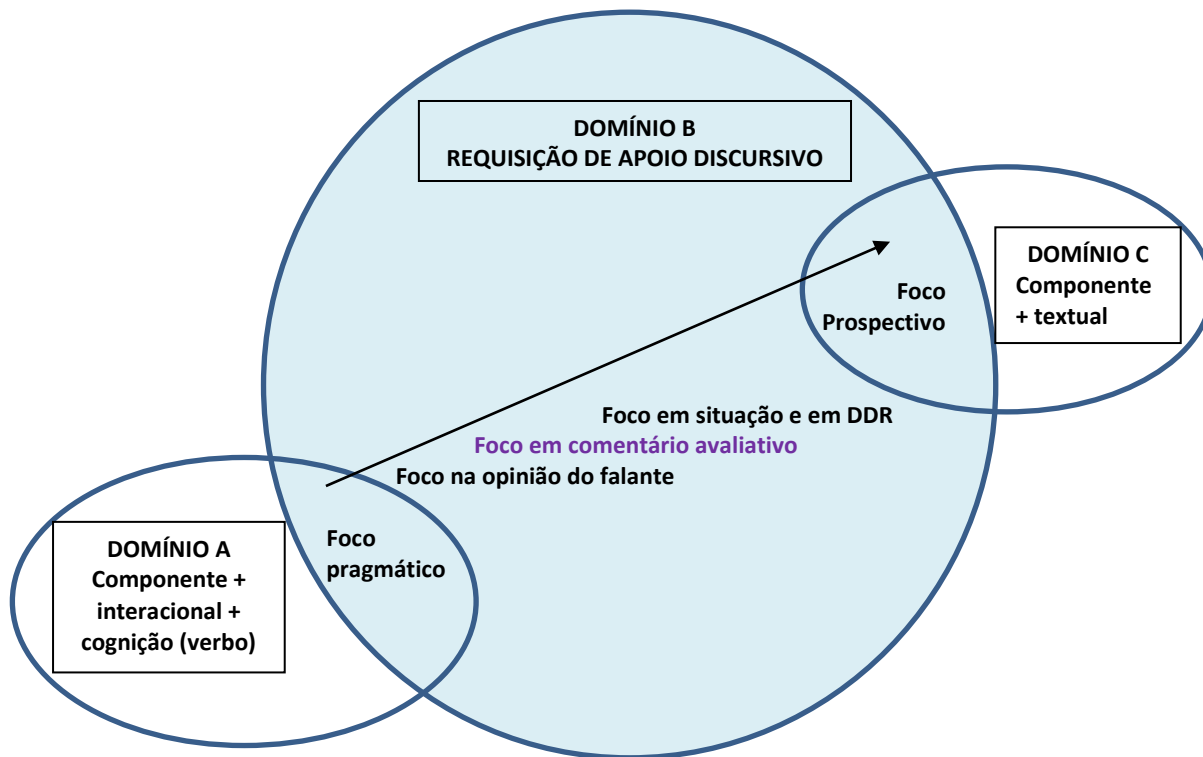


Figura 16: Atuações dos RADs no domínio da requisição de apoio discursivo

Notamos que a distribuição funcional, em última análise, parece constituir um ***continuum funcional sincrônico dos RADs que pode ser correlacionado com sua possível trajetória de mudança via gramaticalização***.

Temos considerado, ao longo desta tese, uma definição bastante alargada de gramaticalização como processo segundo o qual itens lexicais e/ou construções, usados pelos falantes em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos, vêm a servir a funções mais gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Nessa perspectiva, significados com conteúdo mais referencial tornam-se mais esquemáticos e não-referenciais, sinalizando relações entre os elementos de uma cláusula e/ou a perspectiva do falante sobre o que é dito (TRAUGOTT, 2012).

Por outro lado, também temos levado em consideração, tomando como base o princípio da persistência ampliado (conforme vimos na subseção 3.1.2.2) que: traços semânticos do item fonte podem persistir no item alvo; propriedades funcionais já existentes no item fonte podem direcionar a mudança; estratégias discursivas originais podem persistir no item alvo.

Com relação aos itens em análise, temos sugerido que, inseridos em contextos dialogais, os RADs, ao mesmo tempo em que assumem atuações mais pragmáticas, voltadas para a relação falante-ouvinte, também se tornam semanticamente mais abstratos, o que lhes permite assumir cada vez mais funções voltadas à organização discursiva, ou seja, funções procedurais.

Diante de tais suposições, podemos sugerir que: a) os RADs com atuações mais ligadas ao uso original como verbo pleno e à estratégia discursiva original de uso interpessoal seriam os menos avançados no percurso de gramaticalização; b) os RADs com traços do item fonte mais apagados, que cumprem funções interpessoais e textuais, estariam em um estágio intermediário; os RADs com os traços do item fonte da estratégia discursiva original já bastante apagados e mais voltados para atuações textuais seriam os mais avançados no processo.

Sendo assim, podemos delinear um *continuum* funcional sincrônico das atuações dos RADs como elementos focalizadores que estaria atrelado à trajetória de mudança dos itens investigados e que serve como hipótese para a análise quantitativa levada a cabo no capítulo seguinte:

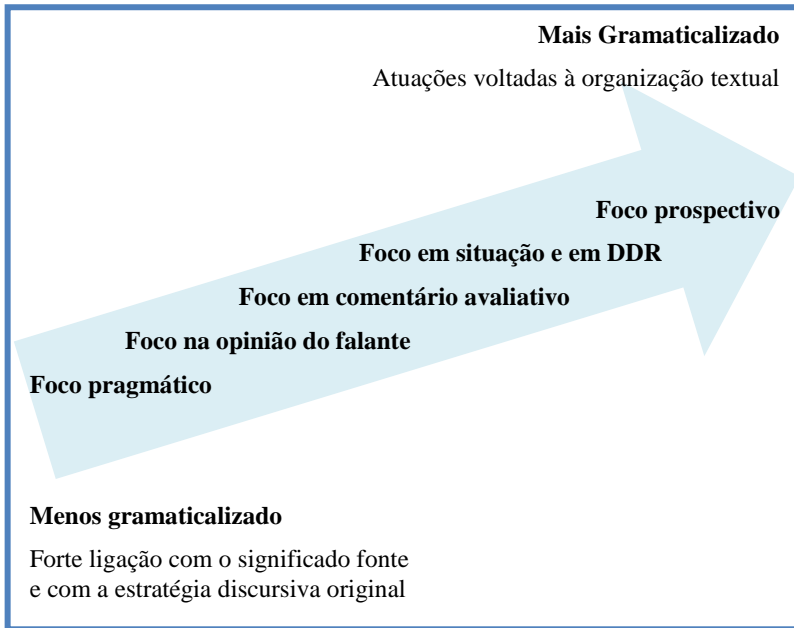


Figura 17: *Continuum* funcional sincrônico relacionado com a trajetória de gramaticalização dos itens em análise

De modo geral, nossa hipótese, a partir do *continuum* funcional, é que os RADs, já distanciados de sua origem verbal, mas ainda não tão avançados no processo de gramaticalização, não sejam muito frequentes nas extremidades da escala, concentrando-se mais entre os três blocos de foco que se constituem como atuações mais prototípicas dos RADs.

De modo mais específico, supomos que: a) as formas derivadas de *entender* estejam menos avançadas no processo de gramaticalização e, portanto, sejam mais frequentes do que as formas derivadas de *saber* em atuações com foco pragmático e com foco na opinião do falante; b) as formas derivadas de *saber* estejam mais avançadas no processo e, portanto, se apresentem mais frequentes do que as formas derivadas de *entender* com foco em situação e em DDR e, principalmente, com foco prospectivo.

Cabe destacar ainda que os contextos em que os RADs se inserem podem estar fortemente correlacionados com o *continuum* funcional que delineamos. Assim, esperamos que, em contextos interacionais e de conclusão/fechamento de tópico, subtópico e cadeia tópica – que envolvem relações mais amplas e complexas e nos quais os

RADs ainda seriam usados com forte carga interacional e também com significado um pouco mais ligado ao item fonte –, o uso das formas derivadas de *entender* seja mais comum. Por outro lado, nos demais contextos, principalmente em contextos de reparação/esclarecimento que envolvem relações em um nível mais micro, apostamos que o uso das formas derivadas de *saber* sejam as mais usuais.

No próximo capítulo, vamos controlar os tipos de focalização dos RADs e os contextos nos quais os itens se inserem através de dois grupos de fatores. Além disso, também vamos controlar a *variável complexa 1: grau de mudança categorial*, através de um conjunto de traços que envolvem aspectos prosódicos, marcas de interação e aspectos morfofonéticos, em busca de mais pistas sobre a atuação funcional desses itens e suas trajetórias de mudança.

VARIAÇÃO NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA REQUISICÃO DE APOIO DISCURSIVO: FORÇAS EM COMPETIÇÃO

Esse capítulo está dividido em quatro seções e volta-se para o uso variável dos RADs em análise na comunidade da Barra da Lagoa, nos auxiliando a cumprir os quatro objetivos específicos de nossa pesquisa, já apresentados na subseção 1.1.2: a) descrever a multifuncionalidade dos RADs; b) identificar os grupos de fatores linguísticos/discursivos e extralinguísticos (sociais/estilísticos) que condicionam o uso dos itens em variação; c) investigar as motivações e a trajetória de mudança dos itens investigados; d) identificar e discutir as forças em competição para o uso e mudança dos itens em análise.

Na primeira seção, apresentamos a distribuição geral dos RADs em nossa amostra, comparando nossos resultados com os encontrados em estudos anteriores. Apresentamos também a distribuição dos RADs por indivíduo, procurando evidenciar que grande parte dos falantes opta por um item e se mantém fiel a ele, nos levando a crer que a escolha por uma ou outra forma é motivada, em grande medida, por aspectos individuais, estilísticos e identitários.

Já adiantamos, no capítulo 4, que nossa análise quantitativa se divide em função de duas variáveis dependentes e isso se reflete em dois momentos de análise diferentes, cada um em função das rodadas realizadas a partir de uma ou de outra variável dependente. Assim, na segunda seção, tomamos como *variável dependente 1* a oposição das formas derivadas de *entender* (*entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?*, *tás entendendo?*) *versus* as formas derivadas de *saber* (*sabe?*, *sabes?*), com o objetivo principal de identificar os condicionadores linguísticos/discursivos e extralinguísticos no uso dos RADs que também nos trazem informações sobre a multifuncionalidade dos itens e sobre seu percurso de mudança.

Na terceira seção, partindo da hipótese de que haja forças socioculturais que influenciam o uso e a mudança dos RADs em análise, tomamos como variável dependente a oposição das formas que

potencialmente julgamos carregar alguma marca identitária (*entendesse?*, *sabes?* e *tás entendendo?*) em contraste com aquelas que seriam neutras (*sabe?*, *entende?*, *entendeu?* e *tá entendendo?*), com o objetivo principal de identificar os condicionadores sociais, identitários e estilísticos que possam estar correlacionados a uma ou outra variante e que podem nos trazer mais informações sobre o uso das formas na comunidade da Barra da Lagoa e sobre as forças socioculturais e estilísticas por traz da mudança.

A quarta e última seção é destinada à discussão das forças em competição que, a partir dos resultados da análise sincrônica, acreditamos estar atuando sobre os itens em análise.

Cabe informar que apresentamos a caracterização e hipóteses específicas para os grupos de fatores na medida em que eles vão sendo tratados no capítulo.

6.1 DISTRIBUIÇÃO DOS RADs ANALISADOS NA COMUNIDADE DA BARRA DA LAGOA

Encontramos uma grande quantidade de dados nas 30 entrevistas que foram utilizadas na presente análise²³⁶, somando um total de 1.610 ocorrências. Apesar da transcrição, análise e codificação dos dados se constituir em grande desafio, o volume significativo de ocorrências nos possibilita uma descrição que, mesmo que local, já que estamos analisando uma comunidade da cidade de Florianópolis, toma dimensão mais geral na busca de delinear o comportamento dos RADs no português do Brasil.

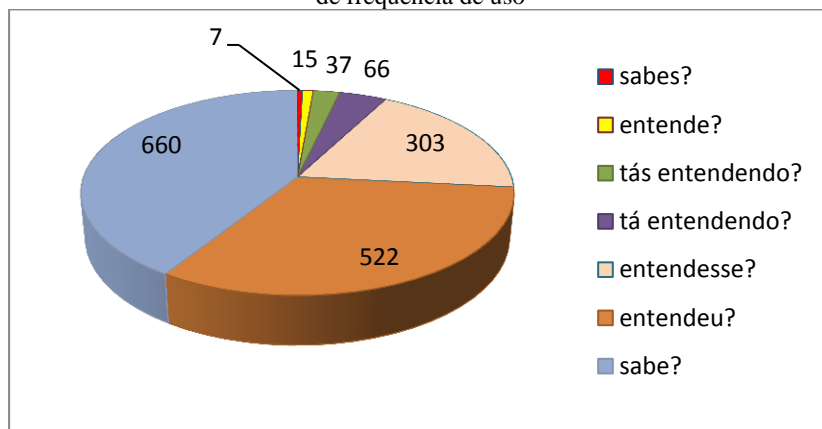
Mesmo relativizando as dimensões das amostras, as pesquisas sobre esses itens têm encontrado quantidade de ocorrências significativamente menor do que o volume que ora analisamos: a) Martelotta e Leitão (1998), utilizando uma amostra do *corpus* D&G do Rio de Janeiro, verificaram que dos 93 informantes considerados, apenas 47 deles produziram uma ou mais formas dos itens analisados,

²³⁶ Conforme já informamos na seção 4.3.2 do capítulo de metodologia, a amostra da Barra da Lagoa é composta por 45 entrevistas, mas nem todos os informantes produziram RADs e aqueles que produziram menos de cinco dados também não foram considerados na análise estatística. Mesmo assim, procuramos entender os motivos para a escassez ou ausência das ocorrências dos RADs em análise entre esses indivíduos quando comentamos os resultados para a *variável complexa 2: configuração da entrevista*.

somando um total de 285 ocorrências em toda a amostra investigada, sendo 120 de *sabe?*, 163 de *entendeu?* e duas de *entende?*; b) as formas de *sabe?* e *entende?* encontradas por Valle (2001) somam um total de 316 ocorrências realizadas por 25 dos 36 informantes da amostra do Banco VARSUL referente a Florianópolis – zona urbana (que conta com entrevistas com cerca de 50 minutos de gravação), sendo 195 de *sabe?*, 8 de *sabes?*, 49 de *entendeu?*, 29 de *entende?*, 13 de *tá entendendo?*, 11 de *entendes?*, seis de *entendesse?*, cinco de *tás entendendo?*; c) Urbano (2006), utilizando amostra composta por 15 minutos de cada inquirido do projeto NURC, em um total de 225 minutos observados, encontrou duas ocorrências de *entende?*, sete de *entendeu?*, e 24 de *sabe?*, somando um total de 53 ocorrências; d) Trapp (2014), utilizando amostra composta por 24 informantes da amostra do Banco VARSUL referente a Chapecó (que conta com entrevistas com cerca de 50 minutos de gravação), encontrou 140 ocorrências de *sabe?* e 119 de *entende?*.

Já adiantamos na seção 4.3.1 que as entrevistas da amostra Brescancini-Valle foram feitas com o objetivo principal de estimular a produção de momentos de fala vernacular, sem tanta preocupação em seguir à risca um roteiro pré-determinado e deixando o informante livre para tomar o turno e conduzir a interação. Essa característica da amostra talvez possa ser uma das justificativas para o grande volume de dados, que se distribuem da seguinte forma em termos de frequência de uso:

Gráfico 3: Distribuição das ocorrências dos RADs em análise em termos de frequência de uso



A partir da observação do gráfico apresentado, notamos que a maior parte dos dados se distribui entre três formas, *sabe?* (com 41% do total), *entendeu?* (com 32% do total) e *entendesse?* (com 19% do total). As demais formas representam 8% das ocorrências: *tá entendendo?* (4%), *tás entendendo?* (2%), *entende?* (1%) e *sabes?* (1%).

Mesmo assim, a variedade de formas existe, principalmente entre as formas derivadas de *entender*, pode estar correlacionada com o estágio de mudança dos RADs. Como temos considerado ao longo dos capítulos anteriores, os usos discursivos de *saber* e *entender* derivam de seu significado mais abstrato como verbos de cognição e traços semânticos dos itens fonte podem persistir no item alvo. Contudo, é necessário notar que a existência de matizes semânticos diferentes entre os dois itens pode justificar a variedade maior de formas derivadas de *entender*. Ambos os verbos têm significados relacionados a processos mentais, mas a natureza do processo pode fazer a diferença, pois, enquanto *saber* parece remeter a estados (*ter conhecimento, ter informação*) ou a características inerentes àquele que sabe (*ser instruído, ter sabedoria, ter capacidade*), *entender* parece envolver processos cognitivos que indiciam uma complexidade maior (*compreender, alcançar o sentido, achar*, etc) e, por isso, como RAD, parece impulsionar mais a interação com o interlocutor. Esse matiz semântico diferenciado entre os dois verbos pode justificar a maior variedade formal dos RADs derivados de *entender*, que podem estar em estágio menos avançado de gramaticalização em relação aos RADs derivados de *saber*, conforme já sugeriu Valle (2001).

A variedade de formas na amostra da Barra da Lagoa também pode estar correlacionada com aspectos locais. Em Florianópolis predomina o pronome *tu* (85%) na posição de sujeito e a maioria dos informantes faz uso de concordância não canônica, ou seja, com ausência de marcas morfológicas de P2 (*tu foi/tu pegou*), mas o uso de marcas de concordância parece ainda persistir justamente entre os MDs derivados de verbos de cognição, principalmente por conta do uso de *entendesse?*²³⁷ (Cf. DAVET, 2013). Ao que parece, o uso desse RAD

²³⁷ Davet (2013), analisando dados de concordância com a segunda pessoa oriundos de zona urbana e não urbana de Florianópolis (Amostra Floripa), verifica que 93% dos casos de MDs em sua amostra (na maioria *entendesse?*) retêm marcas de concordância com P2, contrariando a tendência geral de concordância sem marca na cidade.

apresenta-se como marca característica que persiste em Florianópolis a despeito das mudanças no quadro mais geral de concordância em P2²³⁸.

Cabe ainda salientar que a quantidade restrita de dados para algumas das formas não impossibilita ou mesmo dificulta as rodadas binomiais já que, nesse caso, sempre serão tomadas em conjunto com formas de maior frequência em cada um dos dois momentos da análise. Ao contrário, a variedade de formas, mesmo que em quantidade menor, enriquece e é trazida à tona nos dois momentos da análise.

Os RADs em pauta se distribuem de forma bastante desigual entre os indivíduos da amostra. Incluímos o grupo de fatores *indivíduo* apenas nas rodadas mais gerais, pois já imaginávamos que não seria possível que essa variável fosse incluída nas rodadas binomiais por conta da grande quantidade de nocautes. Observemos a distribuição dos RADs por indivíduo na tabela a seguir:

²³⁸ *Entedesse?* não ocorre somente em Florianópolis. Mais da metade dos marcadores analisados por Messa (2013) na fala de informantes de Pelotas/RS, amostra VarX – entre eles *entendesse?*, *visse?* e *sabe?* – são de *entendesse?*, por exemplo.

Tabela 2: Distribuição dos RADs por indivíduo

INFORMANTE	sabe?	sabes?	entende?	entendeu?	entendesse?	tá entendendo?	tás entendendo?	TOTAL
BARRA02FJ8	107	--	--	--	--	--	--	107
BARA04FJ9	31	--	--	79	--	--	--	110
BARRA06FJ11	10	--	--	--	--	--	--	10
BARRA07FJ11	76	--	--	3	--	--	--	79
BARRA08FJS	66	--	1	--	--	11	--	78
BARRA09FJS	39	--	--	--	1	--	--	40
BARRA12MJ9	56	--	--	24	--	--	--	80
BARRA13MJ11	1	--	--	60	--	--	--	61
BARRA14MJ11	54	--	--	--	--	--	--	54
BARRA16MJ11	96	--	1	129	2	--	--	228
BARRA46FA4	--	--	3	--	11	--	--	14
BARRA18FA4	2	--	--	2	24	--	--	28
BARRA19FA8	--	--	--	57	2	--	--	59
BARRA20FA8	18	--	--	12	30	1	19	80
BARRA21FA8	--	--	3	--	13	1	--	17
BARRA23FA10	3	--	--	23	4	--	--	30
BARRA27MA8	1	1	--	--	134	--	--	136
BARRA28MA8	1	--	1	3	1	--	--	6
BARRA29MA11	6	--	--	19	--	--	--	25
BARRA30MA11	2	--	--	1	36	--	--	39
BARRA31MA11	1	--	--	99	--	1	1	102
BARRA33FB0	13	--	--	--	--	--	--	13
BARRA34FB0	3	2	--	1	30	--	--	36
BARRA36FB4	3	--	--	5	1	--	--	9
BARRA38FB4	30	1	--	--	7	--	--	38
BARRA39FB4	8	3	--	--	--	--	--	11
BARRA42MB3	--	--	--	4	7	--	--	11
BARRA43MB3	7	--	4	--	--	7	--	18
BARRA44MB5	12	--	1	--	--	30	17	60
BARRA45MB4	14	--	1	1	--	15	--	31

A maioria dos indivíduos, ao optar por uma forma de RAD, parece deixar as demais formas de lado, ou usá-las em número bem menor. Esse mesmo tipo de distribuição já havia sido observado por Dal Mago (2001) já que, de acordo com seus resultados, os informantes, ao optarem pelo uso de *quer dizer*, não faziam uso de *vamos dizer* e vice-versa. Valle (2001) também havia encontrado quadro semelhante entre o uso de *não tem?*, dos RADs derivados de *saber* e dos RADs derivados de *entender*, ressaltando que a escolha por um dos itens em decréscimo dos demais era mais nítida entre os jovens da amostra analisada.

A partir de nossa análise nesta tese reafirmamos essas considerações, já que a opção por forma única se mantém. Observando a tabela acima, é possível verificar que cerca de metade dos informantes faz uso exclusivo (ou preferencial) de uma das formas. Tal comportamento é mais evidente entre os jovens e os indivíduos de meia idade, já que os mais velhos, além de apresentar uso menor dos RADs em geral, costumam variar um pouco mais as formas escolhidas²³⁹. Ao que parece, a escolha por uma ou outra forma é motivada em grande medida por aspectos individuais, identitários, estilísticos e também geracionais

Cabe destacar que 12 dos 45 informantes da amostra não usam (ou usam pouco) os RADs em análise²⁴⁰ o que pode estar relacionado a como o gênero entrevista é desenvolvido e entendido por cada um dos indivíduos, como veremos mais adiante ao tratarmos da *variável complexa 2: configuração da entrevista* e das variáveis isoladas que a compõem²⁴¹.

²³⁹ Mais adiante trazemos mais detalhes sobre a variável *idade* e também sobre os aspectos identitários relacionados ao uso dos RADs.

²⁴⁰ Lembramos que três entrevistas foram descartadas não por falta de dados, mas por problemas relacionados à gravação ou às características sociais dos informantes, como vimos no capítulo de metodologia.

²⁴¹ Nessa mesma direção, Macaulay (2002a) resalta que o uso de *you know* pode estar menos relacionado com a busca por conhecimento compartilhado e mais ligado a padrões estilísticos individuais.

6.2 VARIÁVEL DEPENDENTE 1 – FORMAS DERIVADAS DE *ENTENDER* VERSUS FORMAS DERIVADAS DE *SABER*: CONTEXTOS DE USO, MULTIFUNCIONALIDADE E MUDANÇA

Ao opor **entendeu?** a **sabe?**²⁴², novas rodadas foram realizadas com o amálgama das formas, conforme já explicitado no capítulo de metodologia e retomado na figura abaixo:

Rodada binomial - Variável dependente 1
 derivadas de *entender* x derivadas de *saber*
(entende?, entendeu?, (sabe?, sabes?)
entendesse?, tá entendendo?
e tás entendendo?)

Figura 18: Variável dependente 1 – formas derivadas de *entender* em oposição a formas derivadas de *saber*

Escolhemos **entendeu?** como a variante sobre a qual recai a “aplicação da regra” porque, juntas, as formas derivadas de *entender* apresentam maior número de ocorrências e também porque acreditamos que a variabilidade de formas desse RAD pode nos apresentar resultados interessantes para as mudanças via gramaticalização. Além disso, como acreditamos que na comunidade da Barra da Lagoa existam forças em competição que regulam o uso e podem influenciar no processo de mudança dos itens, optamos por tecer nossas considerações partindo das formas de *entender*, já que é principalmente sobre a forma *entendesse?* que tais forças parecem atuar, o que será discutido na seção 6.3.

A partir de uma primeira rodada geral, lançamos olhar atento aos resultados buscando amalgamar os fatores dentro dos grupos que apresentaram nocautes²⁴³, levando em consideração as hipóteses específicas para cada grupo (reunindo fatores de natureza similar) e a

²⁴² Nesta seção também nos referimos às formas consideradas em conjunto na oposição *entender* e *saber*, tomando a forma mais recorrente de cada conjunto e utilizando o recurso do negrito (**entendeu?** vs. **sabe?**), diferenciando-as das formas de apresentação particular de cada item (*em itálico*).

²⁴³ Ao apresentarmos os grupos de fatores, fornecemos todos os detalhes do controle que foi feito, incluindo a descrição dos fatores que foram amalgamados dentro de cada grupo.

compatibilidade numérica para as junções (reunindo fatores com resultados percentuais semelhantes).

Em seguida, realizamos várias rodadas binomiais agrupando e reagrupando fatores e também ora incluindo e ora excluindo grupos de fatores na busca dos quadros mais consistentes para a análise. Através dessas rodadas, foi possível observar que a introdução dos grupos de fatores sociais *sexo*, *idade* e *escolaridade* – especialmente *idade*, que se mantinha sempre como o primeiro selecionado pelo programa Goldvarb – enviesavam os resultados dos outros grupos de fatores no momento da interação estatística. Observando os resultados brutos em termos de frequência e a interação entre os grupos nos vários níveis das rodadas, percebemos que, ao excluir os grupos de fatores sociais, os resultados se apresentavam mais coerentes.

Como mencionado na seção 4.1.2, já esperávamos encontrar problemas relacionados às variáveis sociais clássicas em decorrência da composição irregular das células sociais por conta das características da própria comunidade e também pela ausência ou escassez de dados dos RADs em análise entre alguns informantes da amostra. Sendo assim, tomamos a decisão de excluir os grupos de fatores sociais das rodadas binomiais com **entendeu?** e **sabe?** como variável dependente, observando o comportamento dessas variáveis extralinguísticas apenas em termos de frequência e percentagem.

Também excluímos dessa rodada a *variável complexa 3: grau de identificação com o local* e todos os grupos de fatores isolados que a compõem (*características da fala dos florianopolitanos, localismo/mobilidade, avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos*) por não termos hipóteses para esses grupos em relação à *variável dependente 1*. Tais grupos de fatores, pensados para controlar especificamente aspectos ligados à identidade dos falantes da comunidade da Barra da Lagoa, relacionam-se à oposição entre *formas com marcas identitárias* e *formas neutras* e somente serão tratados na seção 6.3.

O grupo de fatores *indivíduo*, como já mencionamos, também não foi incluído na rodada binomial por apresentar grande quantidade de nocautes impossíveis de serem solucionados, já que há muitos informantes que fazem uso preferencial de um RAD.

Cabe assinalar ainda que, como contamos com variáveis complexas compostas a partir da reunião de variáveis independentes isoladas, a inclusão de todos os grupos na mesma rodada não seria adequada, gerando problemas de falta de ortogonalidade. Sendo assim, tomamos a decisão de realizar duas rodadas para a obtenção dos

resultados: uma incluindo a *variável complexa 1: grau de mudança categorial* e a *variável complexa 2: configuração da entrevista*, com a exclusão das variáveis isoladas que as compõem; e outra incluindo os grupos de fatores isolados e excluindo as respectivas variáveis complexas. O quadro abaixo apresenta a ordem de seleção dos grupos de fatores incluídos nas duas rodadas binomiais feitas para a variável dependente 1 – **entendeu?** vs. **sabe?** e das quais retiramos os resultados que são discutidos na presente seção:

Quadro 13: Rodadas binomiais com a variável dependente 1- **entendeu?** vs. **sabe?**

Ordem de seleção	RODADA 1 – com as variáveis complexas e sem as variáveis isoladas que a compõem Input: .60 Sig.: .030	RODADA 2 – com as variáveis isoladas e sem as complexas Input: .61 Sig.: .034
1°	Tipo de foco	Tipo de foco
2°	Posição do RAD	Redução/extensão de forma
3°	Variável complexa 2 – configuração da entrevista	Proatividade do falante
4°	Contexto que o RAD auxilia a sinalizar	Contexto que o RAD auxilia a sinalizar
5°	Sequência textual	Relação de proximidade entre os interlocutores
6°	Variável complexa 1: grau de mudança categorial	Entonação de pergunta
7°	--	Presença/ausência de estímulos do entrevistador
Grupos de fatores descartados na rodada	Expressividade do trecho de ocorrência do RAD	- Envolvimento emocional do falante - Presença/ausência de pausas - Posição do RAD - Expressividade do trecho de ocorrência do RAD - Sequência textual

Em relação aos grupos de fatores que foram testados nas duas rodadas, percebemos que: a) *tipo de foco* e *contexto que o RAD auxilia a sinalizar* não só são selecionados em ambas as rodadas, como se

mantêm na mesma ordem de seleção – os resultados para os fatores dos grupos são muito próximos nas duas rodadas e decidimos pinçá-los da rodada 1, já que apostamos nas variáveis complexas como forma mais integrada para a explicação de fenômenos discursivos; b) *posição do RAD* e *sequência textual*, selecionados na rodada 1, são descartados na rodada 2 quando entram as variáveis isoladas, o que se constitui em mais um motivo para acreditarmos na consistência das rodadas com variáveis complexas – mesmo tendo sido excluídas da rodada 2, decidimos pinçar os resultados para esses grupos de fatores na rodada 1; c) *expressividade do trecho de ocorrência do RAD* foi descartado em ambas as rodadas, mas, mesmo assim, vamos apresentar o controle que fizemos e comentar brevemente os resultados em termos de frequência e percentagem.

Esta seção se divide em duas subseções: na primeira caracterizamos as variáveis linguísticas/discursivas que testamos na análise, lançamos nossas hipóteses específicas e discutimos os resultados obtidos; na segunda caracterizamos as variáveis extralinguísticas que interessam para a oposição **entendeu?** e **sabe?**, também apresentando as hipóteses e discussões concernentes a elas.

6.2.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS/DISCURSIVAS

Antes de apresentar os grupos de fatores linguísticos/discursivos controlados, é importante ressaltar que tais grupos nos servem para identificar os condicionadores linguísticos para o uso dos RADs em análise, nos dar subsídios quantitativos para compreender a multifuncionalidade desses itens e nos fornecer indícios das trajetórias e estágios de mudança das formas derivadas de *saber* e de *entender*.

Como já mencionamos na seção 6.1 deste capítulo, acreditamos que os verbos *saber* e *entender* apresentem matizes semânticos distintos que podem justificar o estágio menos avançado das formas de *entender* no processo de mudança via gramaticalização. Além disso, a variabilidade e complexidade formal maior das formas de *entender* também são indícios de que **sabe?**, com forma mais fixa, simples e menor, esteja mais avançado no processo. Encontramos apenas dois tipos de RADs derivados de *saber* em nossa amostra, *sabe?* e *sabes?* (este último com apenas sete dados), ambos no presente do indicativo e o último com marca de concordância em P2. Por outro lado, encontramos cinco formas derivadas de *entender* – *entende?* (no presente do indicativo), *entendeu?* (no pretérito-perfeito), *entendesse?*

(no pretérito-perfeito com marca de concordância em P2, em forma assimilada de -ste), *tá entendendo?* (construção de gerúndio) e *tás entendendo* (construção de gerúndio com marca de concordância em P2).

Cabe ainda salientar que, tomando-se as formas individualmente, *sabe?*, com 660 ocorrências, é o mais recorrente dos RADs e, sendo mais rotinizado, seria o candidato perfeito para ocorrer em novos contextos e assumir funções inovadoras (Cf. BYBEE, 2003).

Reportando-nos à pesquisa anterior, Valle (2001), ao correlacionar os resultados com o princípio da marcação (GIVÓN, 1995), sugere que (i) as formas de **sabe?** – menos marcadas (por serem mais frequentes e estruturalmente menos complexas) – estariam em estágio mais avançado de gramaticalização em relação às formas de **entendeu?** – mais marcadas (por serem menos frequentes e estruturalmente mais complexas); e (ii) **sabe?**, mais distanciado de seu sentido-origem e mais generalizado, cumpre mais funções relacionadas à sequenciação do discurso oral do que o outro RAD, apresentando atuações inovadoras.

Nesta tese, levando em consideração a origem dos itens e seus matizes semânticos distintos, a grande variabilidade de formas de **entendeu?**, a recorrência da forma individual *sabe?* em nossa amostra e as conclusões de Valle (2001), temos como hipótese geral: i) que as formas derivadas de *saber* apresentem atuações mais voltadas à organização textual/discursiva (com mais peso para o componente textual) e usos inovadores, estando bastante distanciadadas de sua origem verbal e, logo, mais avançadas no processo de mudança via gramaticalização; ii) que as formas derivadas de *entender* apresentem atuações mais voltadas para a interação entre os indivíduos (com mais peso para o componente interacional) e usos ainda próximos à sua origem verbal (com mais peso para os componentes interacionais/cognitivos), logo, estando menos avançadas no processo de mudança.

Além disso, é possível delinear que os RADs derivados de *entender*, que apresentam maior massa fônica e complexidade estrutural, possam estar retratando um *continuum* em termos de mudança que se reflita em seu uso como RAD. Sendo assim, se poderia projetar que formas como *tá entendendo?* e *tás entendendo?*, com maior massa fônica e formadas a partir de dois verbos, seriam menos avançadas no processo de gramaticalização; *entendeu?* e *entendesse?*, no pretérito perfeito, estariam em estágio intermediário e *entende?*, forma mais neutra, seria a mais avançada. Contudo, a frequência das formas já

parece não estar refletindo isso na comunidade da Barra da Lagoa, o que reforça a ideia de que haja forças em competição atuando no processo de mudança.

Passamos, a seguir, a caracterizar os grupos de fatores linguísticos/discursivos, apresentar as hipóteses específicas relacionadas a cada grupo e também nossos resultados e discussões²⁴⁴.

6.2.1.1 TIPO DE FOCO

Caracterização e hipóteses

O controle do tipo de foco dos RADs como grupo de fatores é procedimento relevante tanto para a abordagem funcionalista, que ganha com a descrição do tratamento quantitativo das funções, quanto para a abordagem variacionista, que dessa forma pode lidar com a multifuncionalidade de itens discursivos.

A variável *tipo de foco* já foi caracterizada ao descrevermos a atuação dos RADs como elementos focalizadores na seção 5.2.1.1 do capítulo *Multifuncionalidade em foco*. Retomamos a seguir os tipos de foco que foram controlados:

- Foco em situação e em discurso direto reportado
- Foco em comentário avaliativo
- Foco na opinião do falante
- Foco pragmático
- Foco prospectivo
- Foco na busca de informação

Os resultados obtidos por Valle (2001) para a variável *atuações dos RADs como elementos focalizadores* nos apontaram caminhos a seguir: **sabe?** apresentou-se, naquela pesquisa, bastante associado à atuação com foco em avaliação (0,77²⁴⁵), comum quando em uma sequência descritiva ou narrativa são introduzidos pequenos comentários de fundo; **entendeu?**, por sua vez, apresentou-se mais frequente em situações passada e presente e com foco em opinião.

²⁴⁴ Vamos seguir a ordem de apresentação que consideramos mais coerente para as discussões, sem necessariamente seguir a ordem de seleção estatística dos grupos de fatores.

²⁴⁵ Resultado em peso relativo.

Retomando as considerações feitas na seção 5.3 do capítulo anterior, estamos partindo do pressuposto de que os tipos de foco dos RADs compõem um *continuum* funcional sincrônico que pode estar refletindo a trajetória de mudanças desses itens em uma escala de gramaticalização:

Foco Pragmático	Foco na opinião	Foco em comentário avaliativo	Foco em situação e em DDR	Foco prospectivo
Menos gramaticalizado		>>>>	Mais gramaticalizado	

De modo geral, nossa hipótese é que os RADs, já distanciados de sua origem verbal, mas ainda não tão avançados no processo de gramaticalização, não sejam muito frequentes nas extremidades da escala, concentrando-se mais entre os três blocos de foco que se constituem como atuações mais prototípicas.

De modo mais específico, partindo das investigações de Martelotta (1998) e de Valle (2001), supomos que: a) **entendeu?**, menos avançado no processo de gramaticalização, seja mais frequente do que **sabe?** em atuações com *foco pragmático* e com *foco na opinião do falante*; b) **sabe?**, mais avançado no processo, se apresente mais frequente do que **entendeu?** com *foco em situação e em DDR* e seja o mais comum com *foco prospectivo*.

Resultados e discussão

Nas rodadas mais gerais todos os quatorze tipos de foco previstos para os RADs foram testados separadamente para que pudéssemos ter noção da distribuição dos dados. A partir da análise dos resultados em termos de frequência bruta e percentagem, notamos que a distribuição dos RADs era muito próxima entre todos os tipos de foco em comentário avaliativo e entre todos os tipos de foco em situação e em DDR. Como alguns nocautes precisavam ser resolvidos (devido à pequena quantidade de dados em certos tipos de foco) e como a separação em tantos fatores não se justificava para a análise quantitativa variacionista, decidimos amalgamar os tipos de foco de acordo com o gradiente funcional que já havíamos proposto, ficando, portanto, com seis fatores essa variável: *foco pragmático*, *foco na opinião do falante*,

*foco em comentário avaliativo, foco em situação e em DDR, foco prospectivo e foco na busca de informação*²⁴⁶.

Lembrando que esse grupo de fatores foi o primeiro selecionado nas duas rodadas binomiais anteriormente descritas, apresentamos abaixo os resultados para a variável *tipo de foco*:

Tabela 3: Influência da variável *tipo de foco* sobre o uso de **entendeu?** vs. **sabe?**

Tipo de Foco	Ap/T	%	PR
Foco pragmático	49/64	77	0,82
Foco na opinião do falante	232/313	74	0,63
Foco em situação e em DDR	319/577	55	0,49
Foco em comentário avaliativo	284/527	54	0,45
Foco prospectivo	42/94	45	0,22
Foco na busca de informação	17/35	49	0,19
TOTAL	943/1.610	59	
Input: .60		Sig.: .030	
1º selecionado			

Já esperávamos que a variável *tipo de foco* fosse selecionada pelo programa estatístico, mas é importante ressaltar que não só a variável foi a primeira selecionada, como a força relativa de significância estatística²⁴⁷ relacionada a este grupo foi muito mais alta do que a de todos os outros (0,63)²⁴⁸.

Nossa hipótese geral é confirmada, pois a maioria dos RADs cumpre atuações com *foco na opinião do falante* (313 ocorrências), *foco em comentário avaliativo* (527 ocorrências) e *foco em situação e em DDR* (577 ocorrências), com destaque para os dois últimos tipos de foco citados que, juntos, concentram 1.104 dados, 69% do total. Esses dois tipos de atuação parecem ser os mais prototípicos, em que os RADs, em equilíbrio, ainda podem manter certa força no plano interacional, mas já estão bastante voltados ao plano textual, cumprindo papel na organização discursiva.

²⁴⁶ Lembramos que *foco na busca de informação*, embora não faça parte do *continuum* funcional que propusemos, foi incluído nas análises estatísticas, mas não tínhamos expectativas claras sobre os resultados.

²⁴⁷ Em rodadas com o Goldvarb, para obter a força relativa de significância estatística basta subtrair o peso relativo mais baixo do mais alto dentro do grupo.

²⁴⁸ O grupo de fatores *atuação dos RADs como elementos focalizadores* também se mostrou o mais importante na pesquisa de Valle (2001).

Nossas expectativas com relação a **entendeu?** também se confirmam, mostrando-se altamente favorecido (0,82) com *foco pragmático*. Essa atuação, em que o significado fonte e a estratégia de uso original interrogativa persistem (Cf. HOPPER, 1991, WALTEREIT, 2006), está na fronteira categorial verbo-MD e, embora o volume de dados nesse tipo de foco seja relativamente baixo (64 ocorrências no total), o favorecimento de **entendeu?** é indicativo de seu estágio menos avançado no processo de gramaticalização. Isso é corroborado: a) pela forte inclinação dessa variante para ao uso com *foco na opinião do falante* (0,63), atuação que incide sobre porções textuais mais amplas e em que o falante parece desejar a confirmação do ouvinte para a validade de seus argumentos e pontos de vista; b) pelo desfavorecimento na atuação inovadora de *foco prospectivo* (0,22), em que **sabe?** se destaca.

Apesar de não termos expectativas iniciais para *foco na busca de informação*, a inibição de **entendeu?** (0,19) nessa atuação nos parece coerente com nossas hipóteses gerais, pois, se a *busca de informação* está mais voltada a aspectos cognitivos da memória do próprio falante e não ao ouvinte, faz sentido pensar que os RADs derivados de *entender*, ainda inclinados ao plano interacional, sejam inibidos.

Um olhar mais atento sobre os resultados em termos de frequência nos revelam que, embora **entendeu?** seja altamente desfavorecido com *foco prospectivo* e com *foco na busca de informação*, a forma *entendes?* apresenta frequência alta nessas atuações, o que justifica os resultados ainda altos em termos de percentual para esses dois tipos de foco e também assinala o comportamento diferenciado de *entendes?*.

6.2.1.2 CONTEXTO EM QUE OS RADs SE INSEREM

Caracterização e hipóteses

A *variável contexto em que os RADs se inserem* foi caracterizada através da descrição feita na seção 5.2.1.2 do capítulo anterior. Retomamos aqui os tipos de contexto que foram controlados:

- Contexto de sequenciação de situações ou argumentos
- Contexto de especificação 1 (causa, motivo, razão, finalidade)
- Contexto de especificação 2 (exemplo, detalhamento)
- Contexto de reparação/esclarecimento

- Contexto de contraste
- Contexto de conclusão
- Contexto de fechamento
- Contexto de interação
- Contexto de hesitação

Esse grupo de fatores foi projetado de forma integrada com o grupo de fatores anterior, já que, ao colocar foco em certas porções textuais, os RADs orientam a atenção do ouvinte para a porção focalizada e para as relações que vão sendo estabelecidas no texto. De modo geral, foi possível controlar os dois grupos de fatores de forma independente e sem sobreposições entre os fatores de cada grupo. Contudo, após a codificação e cruzamento de variáveis, percebemos que havia intersecção total entre *foco pragmático* e *contexto de interação* e tomamos a decisão de cancelar o fator *contexto de interação* (relacionado a 64 casos de RADs) desse grupo para que não houvesse falta de ortogonalidade durante as rodadas binomiais, privilegiando a integridade do grupo de fatores *tipo de foco*, que consideramos de maior relevância para a descrição das atuações dos RADs. Mesmo assim o grupo foi selecionado em quarto lugar em ambas as rodadas, mantendo muita similaridade nos resultados, o que sinaliza que a retirada do fator não prejudica a análise²⁴⁹. Notemos que o fator não ficou excluído de nossa discussão, pois podemos ainda tomar os resultados em termos de frequência bruta e percentual para incrementar nossas considerações, além de poder contar com cruzamentos que esclarecem melhor a sobreposição.

Em Valle (2001) foi realizado um controle similar, verificando-se, no geral, que os RADs eram mais frequentes em contextos de *especificação* e de *sequenciação* e que **entende?** apresentava maior percentual em contexto de *conclusão* e de *finalização de turno*. A partir desses resultados, nossa expectativa atual é que os RADs em geral sejam mais frequentes nos contextos de *sequenciação* e de *especificação* dentre os que controlamos.

Também esperamos que os contextos em que os RADs se inserem sejam correlacionados com o *continuum* funcional que delineamos, ou seja, acreditamos que, em contextos de *conclusão* e de *fechamento* – que envolvem relações mais amplas e complexas e nos

²⁴⁹ A retirada do fator implica que apenas para este grupo de fatores os resultados não são referentes ao total de 1.610 dados em análise, mas a um total de 1.546 dados que não se apresentam em *contexto de interação*.

quais os RADs ainda seriam usados com forte carga interacional e também com significado um pouco mais ligado ao item fonte –, o uso de **entendeu?** seja privilegiado. Por outro lado, nos demais contextos, principalmente em contextos de *reparação/esclarecimento*, que envolvem relações em um nível mais micro, apostamos que o uso de **sabe?** seja mais comum.

Resultados e discussão

Inicialmente controlamos dois tipos diferentes de especificação esperando que possíveis diferenças pudessem ser verificadas, mas o comportamento da variável para os dois contextos foi muito semelhante e, por isso, juntamos os dois fatores para a realização das rodadas binomiais. Também amalgamamos os fatores *contexto de conclusão* e *contexto de fechamento*, já que os resultados gerais se mostraram próximos, os contextos são semelhantes e nossa hipótese para os dois contextos seguem na mesma direção. Vejamos os resultados na tabela abaixo:

Tabela 4: Influência da variável *contexto em que os RADs se inserem* sobre o uso de **entendeu?** vs. **sabe?**

Contexto em que os RADs se inserem	Ap/T	%	PR
Contraste	81/121	67	0,63
Conclusão/fechamento	223/339	66	0,58
Sequenciação	319/541	59	0,50
Hesitação	16/33	48	0,47
Especificação 1 e 2	214/397	54	0,42
Reparação/esclarecimento	41/115	38	0,34
TOTAL	894/1.546	58	
Input: .60		Sig.: .030	
4º selecionado			

De modo geral, o uso frequente dos RADs em contextos de *sequenciação* e de *especificação* (938/1.610, o que corresponde a 58% dos casos²⁵⁰) corrobora nossa expectativa inicial e correlaciona-se com a atuação preferencial desses itens com *foco em situação e em DDR* e com

²⁵⁰ Embora o somatório para esta variável seja de 1.546 dados por conta da retirada do *contexto de interação*, ao tratarmos dos resultados gerais (que não envolvem as rodadas binomiais) levamos em conta o somatório do total dos dados em análise, 1.610 dados.

foco em comentário avaliativo, contribuindo para a descrição dos contextos/atuações prototípicos desses itens. Realizando cruzamento entre as variáveis *tipo de foco* e *contexto em que os RADs se inserem*, fica ainda mais evidente que essa correlação existe, já que das 1.104 ocorrências com *foco em situação e em DDR* e *foco em comentário avaliativo*, mais de metade, 680 ocorrências, se encontram em contextos de *sequenciação* e de *especificação*.

Nossa expectativa inicial de que **entendeu?** estivesse mais associado a contextos mais amplos de *conclusão* e *fechamento* também é atestada, já que o item apresenta-se levemente favorecido em *conclusão/fechamento* (0,58), o que reforça seu caráter ainda interacional e a maior ligação com o item fonte. Contudo, é necessário notar que o contexto de *contraste* é o que mais condiciona o uso de **entendeu?** (0,63). Isso pode estar relacionado à natureza semântico-argumentativa das relações de contraste que, ao envolverem a comparação de ideias ou fatos, podem estar mais voltadas para a interlocução e, nesse caso, as formas derivadas de *entender* podem estar sendo usadas para checar a compreensão ou avaliar a concordância do interlocutor acerca do contraste estabelecido, como ilustra o trecho abaixo:

- (111) E: O problema é que o peixe cada vez ia pra mais:: fora do oceano, cada vez pra mais altos mar, daí ficava difícil, as embarcações eram pequena, não tinham como ir muito longe, **entendeu?** e os barcos que eram grandes, daí:: era mais fácil. (BARRA13MJ11-13:21)

Cabe notar ainda que contextos de *reparação/esclarecimento*, que envolvem relações em um nível mais micro, inibem a ocorrência de **entendeu?**. Nesse tipo de contexto, como havíamos previsto, a ocorrência de **sabe?** é mais comum, sendo que em um total de 115 ocorrências em contextos de *reparação/esclarecimento*, 74 delas (62%) são dos RADs derivados de *saber*.

Mesmo tendo sido excluído da rodada binomial, é relevante mencionar que no contexto *interacional* o uso de **entendeu?** (49 ocorrências) impera sobre **sabe?** (15 ocorrências), o que reforça ainda mais a atuação das formas derivadas de *entender* no plano interacional.

Nesse ponto é importante sintetizar que, enquanto **entendeu?** é privilegiado *com foco pragmático e na opinião do falante* e em contextos de *conclusão/fechamento* e de *contraste*, parecendo ainda bastante voltado ao plano interacional, **sabe?** apresenta-se frequente com o *inovador foco prospectivo* e em contexto envolvendo relações em

um nível mais micro, parecendo, nesses casos, ganhar mais relevo o plano textual.

6.2.1.3 VARIÁVEIS INDEPENDENTES ISOLADAS QUE COMPÕEM A VARIÁVEL COMPLEXA I: GRAU DE MUDANÇA CATEGORIAL

Normalmente, caracterizamos os grupos de fatores, apresentando as hipóteses específicas relacionadas a cada grupo e nossos resultados e discussões em sequência. Nesta subseção, caracterizamos e apresentamos as hipóteses específicas para as variáveis independentes *presença/ausência de pausas*, *presença/ausência de estímulos do entrevistador*, *entonação de pergunta* e *redução/extensão de formas* que, em conjunto, compõem a *variável complexa I – grau de mudança categorial* que será tratada na subseção seguinte. Ainda nesta subseção, os resultados associados a essas quatro variáveis isoladas serão apresentados e discutidos a partir de uma única tabela.

PRESENÇA/AUSÊNCIA DE PAUSAS

Marcuschi (2006) trata como hesitações os silêncios intraturno com duração e padrão entonacional característico que ocorrem principalmente onde a pausa não é prevista e os diferencia das chamadas pausas de juntura que aparecem em fronteiras sintáticas entoacionalmente marcadas. Não estabelecemos essa distinção em nosso controle, mas é importante notar que as pausas próximas aos RADs parecem ser mais do que hesitações, colaborando para delimitar o tipo de foco desses itens. Vimos no capítulo anterior, por exemplo, que uma das características da atuação dos RADs com foco prospectivo é a pausa anterior ao marcador, que contribui para romper com a sequência discursiva e possibilitar que o RAD e o trecho focalizado posterior a ele formem um conjunto entonacional.

Estudos têm mostrado que os RADs não costumam ser precedidos ou seguidos de pausas evidentes (BAZZANELLA, 1990; URBANO, 1999; VALLE, 2001) o que repercutiu sobre as primeiras descrições desses itens, que geralmente eram entendidos como elementos de *busca de aprovação discursiva*, denominados como BADs. Urbano (1999) salienta que os RADs não costumam ser seguidos de pausa, o que desfavorece a resposta do interlocutor e Valle (2001)

verifica que os RADs são mais comuns em contextos de ausência de pausa (77% de suas ocorrências).

Nesta tese, para essa variável, controlamos a *ausência de pausas* no entorno dos RADs, a presença de *pausa anterior ao RAD*, a presença de *pausa posterior ao RAD* e a presença de *pausa anterior e posterior ao RAD*. O trecho abaixo ilustra um caso em que *sabe?* é cercado por pausas²⁵¹ e, em seguida, há outra ocorrência em que há pausa apenas após o RAD:

(112)F: Eu tive- eu tinha pesadelo com a minha mãe, minha mãe me dizia que não gostava de mim, que-... **sabe?**... mas hoje assim eu sinto que ela não é- eu não sou a:: a melhor não, **sabe?**... mas:: melhorou bastante. (BARRA20FA8-33:05; 33:11)

Consideramos sempre as pausas imediatamente anteriores ou posteriores, sem a presença de nenhum item interveniente. Muitas vezes surgiam dúvidas quanto à presença ou ausência de pausas, até mesmo porque não é possível estabelecer um padrão único para todos os falantes. O ritmo de fala de cada um é diferente, assim, a decisão sobre a marcação de pausa sempre foi particularizada para cada falante. Por exemplo, para falantes com fala muito acelerada e poucas interrupções no fluxo discursivo, qualquer pequena parada evidente era marcada como pausa, já para falantes que tinham a fala calma e pausada como característica, era necessário ser percebido um silêncio maior para que houvesse a marcação de pausa.

Nossa hipótese geral para esse grupo de fatores é que os RADs se mostrem mais comuns em contextos de ausência de pausas, principalmente por conta da característica dialogal das entrevistas sociolinguísticas da amostra Brescancini-Valle, em que a disputa de turnos não só é possível, como muitas vezes é frequente, e pausas, principalmente muito longas, poderiam promover não só a resposta do interlocutor como a própria passagem de turno.

De modo mais específico e a partir dos resultados de Valle (2001) para essa variável, partimos da hipótese que **entendeu?** seja privilegiado nos contextos com pausa posterior, promovendo maior possibilidade de interação com o interlocutor, enquanto **sabe?** seria mais frequente quando a pausa é anterior, o que poderia estar correlacionado ao tipo de foco inovador, o prospectivo.

²⁵¹ As pausas são marcadas na transcrição com reticências [...].

PRESENÇA/AUSÊNCIA DE ESTÍMULOS DO ENTREVISTADOR

Macaulay (2002a) considera que *you know* está muito mais relacionado à organização discursiva e a aspectos rítmicos do que a questionamento efetivo sobre pressupostos relacionados a conhecimento compartilhado, não sendo usado para exigir respostas do interlocutor. Nessa mesma direção, em estudo anterior, Bazzanella (1990) ressalta que o uso de *sai* como marcador fático não serve de fato para questionar o ouvinte, sendo entendido como estratégia de envolvimento. Para a autora, respostas plenas não são esperadas e seriam pragmaticamente inapropriadas, rompendo o fluxo discursivo; pequenos assentimentos ou expressões de surpresa seriam suficientes para expressar o envolvimento do interlocutor.

Os resultados de estudos de pesquisadores brasileiros têm atestado que a maioria das ocorrências dos RADs não é correlacionada com estímulos: na análise de Urbano (1999) apenas 13% dos RADs são cercados de estímulos e o autor ainda ressalta que quando o estímulo é anterior ao item não se configura a busca por aprovação, o que estaria evidenciando que estes itens não buscam a interação explícita do interlocutor²⁵²; os resultados de Valle (2001), segundo os quais 71% do total das ocorrências analisadas aparecem em contextos de ausência de estímulos, também enfatizam que esses elementos parecem não tão voltados para a busca de interação explícita do interlocutor.

Controlamos a ocorrência dos RADs em contextos com *ausência de estímulos*, com presença de *estímulo anterior ao RAD*, presença de *estímulo posterior ao RAD*, e presença de *estímulo anterior e posterior ao RAD*, considerando como estímulo os itens classificados por Urbano (2006) como *feedback* (formas como *ahn, uhn*, etc.). Além disso, também controlamos como fatores desse grupo a ocorrência de *resposta plena* após o RAD – considerando como resposta os itens *sim, claro, pois é, verdade, é, Nossa!*, entre outros – e a ocorrência de *resposta plena com repetição de verbo* após o RAD, nos casos em que o verbo de origem do RAD é repetido pelo interlocutor ou quando outro verbo de cognição é usado (casos em que ocorrem respostas como *sei, entendi*). Foram considerados os estímulos imediatamente anteriores ou posteriores aos RADs, admitindo a inserção de, no máximo, dois itens lexicais intervenientes para o caso de estímulos posteriores – por conta da rapidez do fluxo de fala e já que muitas vezes não há a espera pela

²⁵² O autor assinala que podem ter ocorrido estímulos não verbais que não foram captados pela gravação em áudio.

resposta do interlocutor que é sobreposta ao discurso do falante que se segue ao RAD.

Vejam os trechos abaixo em que no primeiro há estímulo posterior a *sabe?*, no segundo há resposta plena após *tá entendendo?* e no terceiro há um caso de ausência de estímulos e outro de resposta plena com repetição de verbo de cognição:

(113) (Sobre a pouca convivência com a mãe)

F: Ela assim:: ela quase não vivia com nós, **sabe?** (est) a nossa vó é mesmo que vivia com nós (BARRA14MJ11:Faixa1-05:16)

(114) (Sobre o estudo)

F: Que no estudo também se tira muita- se traz muita coisa, o estudo também ensina muito a pessoa a viver:: (est) **tá entendendo?**

E: Claro (BARRA45MB4:Faixa3-14:05)

(115) F: ... a maioria não quer morar na Costa... porque eles acham que é difícil a:: o meio de transporte, entendeu?...mas:: eles tão, tão lá, tem muita gente lá ainda, só que eles tão vendendo é tudo a- toda a:: a beira da Lagoa, **entendeu?**

E: **Sei.** (BARRA13MJ11-22:46; 22:55)

Acreditamos que deva ser mais comum a ausência de estímulos em torno das ocorrências de RADs, indicando que no geral esses itens não são mais verbos inseridos em contextos interrogativos, cumprindo outros papéis na organização do discurso oral, como marcadores. Também partimos da hipótese que, como reflexo de sua maior atuação no plano interacional, **entendeu?** seja favorecido em contextos de estímulos, principalmente posterior, o que já foi verificado em Valle (2001). Além disso, as respostas plenas e respostas com repetição de verbo devem estar muito mais associadas a **entendeu?** por conta de seu suposto vínculo com o significado fonte e com a estratégia original de uso para pedir resposta.

ENTONAÇÃO DE PERGUNTA

Pesquisadores têm definido os itens que temos chamado de RADs a partir de sua entonação interrogativa (MARCUSCHI, 1989; BAZZANELLA, 1990; MACEDO E SILVA, 1996; GALUÉ, 2002; URBANO, 2006; MARTELOTTA E LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004; VALLE, 2001). De fato, temos observado que os RADs em geral,

após enunciado declarativo, parecem apresentar leve entonação de pergunta e em alguns a entonação interrogativa apresenta-se bastante apagada. Seria muito interessante para a análise desses itens se pudéssemos captar, através de tratamento acústico, um gradiente de ocorrências com entonação mais interrogativa ou menos, porém o grande volume de dados não permitiu tal refinamento.

Ainda assim, pudemos realizar, através de procedimento de oitiva, um controle sobre a entonação interrogativa nas ocorrências dos RADs em análise. Cabe notar que não foi possível estabelecer nenhum tipo de gradiente e apenas decidimos pela *presença de entonação interrogativa* ou por *apagamento de entonação interrogativa*, escolha que não é simples no contexto de uma gravação feita fora de laboratório e aplicada a itens que muitas vezes são produzidos de forma reduzida e acelerada. Mesmo assim, acreditamos que o controle é possível porque não nos preocupamos com as fronteiras exatas entre presença e apagamento, nos colocando no papel do interlocutor e nos perguntando se o ouvinte poderia perceber o RAD em questão como interrogativo, ainda que levemente interrogativo, ou se a entonação estaria apagada ou quase imperceptível. Nos casos mais duvidosos, contamos com o recurso de repetição contínua do programa Sound Forge e também com a possibilidade de visualização das ondas sonoras. Abaixo ilustramos o recorte de duas ocorrências de *sabe?* feitas a partir do visualizador de ondas do programa, sendo que na primeira ilustração temos a presença de entonação de pergunta bem evidente e na segunda há o apagamento:

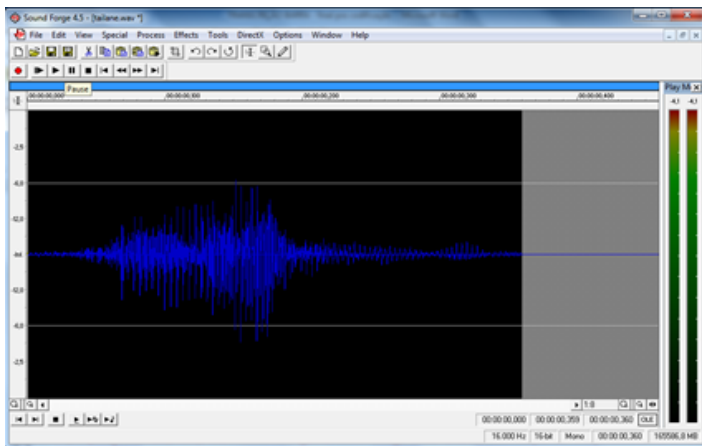


Figura 19: Dado de *sabe?* com entonação de pergunta visualizado no programa Sound Forge

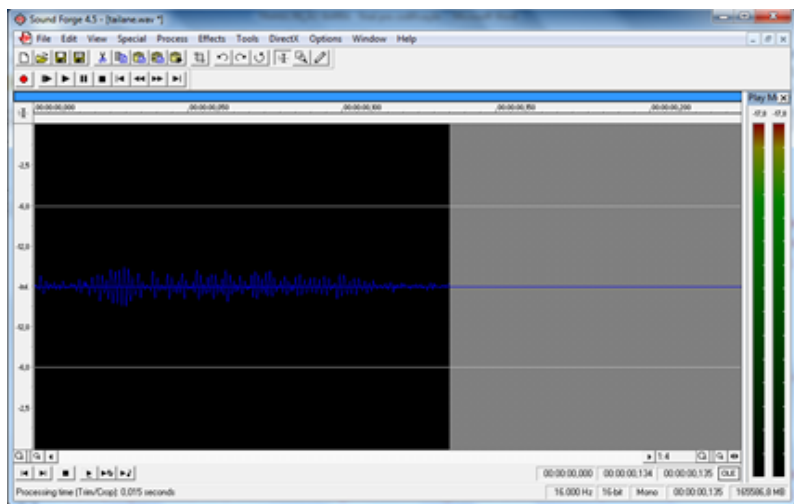


Figura 20: Dado de *sabe?* com apagamento de entonação de pergunta visualizado no programa Sound Forge

Nossa expectativa inicial é que os RADs, itens conhecidos por seu componente interacional, apresentem ainda entonação interrogativa na maioria dos casos, apesar de considerarmos que se trata de leve entonação que não necessariamente impulsiona resposta do interlocutor.

Esperamos ainda que **entendeu?** seja inibido em contextos de *apagamento da entonação*, já que consideramos que **sabe?**, mais avançado no processo de gramaticalização e mais voltado a atuações textuais/discursivas, seja mais comum com apagamento, distanciando-se da estratégia inicial interrogativa que deu origem ao item.

REDUÇÃO/EXTENSÃO DE FORMA

Alguns pesquisadores têm considerado que os RADs derivados de *entender* e de *saber* têm forma simples e quase fixa, apresentando duas formas variantes, no caso de *entende?* e *entendeu?*, e forma única, no caso de *sabe?* (MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004; URBANO, 2006).

No entanto, como já vimos, em nossa amostra a variabilidade de formas é bem maior. Já apresentamos uma hipótese geral na subseção 6.2.1 sobre a distribuição das formas derivadas de *entender* em um

continuum de mudança, mas também nos interessa saber em que medida os RADs apresentam-se erodidos ao serem produzidos.

A partir da audição das entrevistas, percebemos que algumas vezes os RADs apresentavam redução de forma: *sabe?* pode ser pronunciado, por exemplo, como [ˈa.bi], *sabes?* como [ˈa.bi.s], *entende?* como [ˈtẽ.di], *entendeu?* como [tẽ.ˈdew], *entendesse?* como [tẽ.ˈde.si], *tá entendendo?* como [ˈta tẽ.ˈdẽ.du] e *tás entendendo?* não apresentaria redução. Outras vezes, ao invés de redução, os RADs apresentavam elementos em seu entorno que, em conjunto, davam origem ao que chamamos de forma estendida, quando, por exemplo, o RAD é acompanhado de pronome (como em *tu entendesse?*, *tás me entendendo?*) ou quando junto ao RAD temos algum outro elemento que forma uma pergunta reduzida (como *sabes comé?*, *tá entendendo comé?*).

Consideramos importante controlar em um mesmo grupo de fatores tanto a extensão de forma, que pode estar associada a usos na fronteira verbo-marcador, quanto a redução/erosão de forma, que pode estar indicando estágio mais avançado de mudança. Sendo assim, controlamos os casos em que os RAD apresentam *forma reduzida*, *forma plena* (sem redução e nem extensão), *extensão por presença de pronome* e *extensão por pergunta reduzida*, conforme ilustramos nos três trechos abaixo, com a forma reduzida *tendesse?* no primeiro, com a forma estendida *tás me entendendo?* no segundo e com a forma estendida *sabes comé?* no terceiro:

(116) (Sobre a construção da nova casa)

E: Ela é bem novinha, né? [a gente vê que é tudo novinho, as coisas]

F: [É, a gente tá aqui três meses mo-] nós tamos aqui:: aí no ano passado eu me mudei... **tendesse?** o primeiro ano ela tava pra terminar, aí eu subi... (BARRA18FA4:Faixa1-20:11)

(117) F: ...e assim ó... a fé que eu tenho é uma coisa boa que vem dentro de mim... não tô falando pra você que- fé da boca pra fora... não... eu tô falando... lá de dentro... é uma coisa boa que acontece...(est) **tá sen- tás me entendendo?**

E: Sim. (BARRA20FA8-19:36)

(118) (Sobre a venda dos peixes)

Não tinha associação, cada um pescava pra si... tinha os compradores de peixe... **sabes comé?** tinha- tinha um comprador que vinha pegar tudo:: até não pegavam aqui, pegavam lá na Lagoa (BARRA34FB0:Faixa2-07:12)

Nossa hipótese é que, em geral, os RADs, ainda em estágios não tão avançados de mudança (como ocorre com elementos que se tornam clínicos ou afixos), mas com atuações já bastante distanciadas de verbos, não sejam nem muito frequentemente reduzidos e também não tão frequentemente estendidos, ocorrendo mais com *forma plena*. Especificamente com relação a **entendeu?** não temos expectativas claras para esse grupo de fatores, mas apostamos que, por seu suposto estágio menos avançado no processo de gramaticalização, fosse inibido quando ocorre *redução de forma* e que **sabe?**, provavelmente mais avançado, se apresentasse mais erodido como preveem os teóricos (HOPEER, 1991; HEINE; KUTEVA, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO DA INFLUÊNCIA DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES ISOLADAS QUE COMPÕEM A VARIÁVEL COMPLEXA I: GRAU DE MUDANÇA CATEGORIAL

Depois dos resultados gerais, para eliminar nocautes e seguir em direção a rodadas binomiais mais consistentes, foram feitos os seguintes amálgamas entre fatores de natureza semelhante e que haviam apresentado resultados numéricos também próximos: a) *pausa posterior ao RAD* e *pausa anterior e posterior ao RAD*, no grupo de fatores *presença/ausência de pausas*, considerando que os RADs apresentam comportamento semelhante com presença de pausas posteriores em geral; b) *estímulo posterior ao RADs* e *estímulo anterior e posterior ao RAD*, no grupo de fatores *presença/ausência de estímulos do entrevistador*, por conta proximidade dos resultados e da natureza dos fatores; c) *resposta plena* e *resposta plena com repetição de verbo*, no grupo de fatores *presença/ausência de estímulos do entrevistador*, por conta da escassez de dados e comportamento semelhante; d) *forma plena*, *extensão por presença de pronomes* e *extensão por pergunta reduzida*, no grupo de fatores *redução/extensão de forma*, pelo comportamento semelhante e que se diferencia de *forma reduzida*.

Os resultados obtidos, organizados em conjunto na tabela abaixo, são discutidos a seguir:

Tabela 5: Influência das variáveis *redução/extensão de forma, entonação de pergunta, presença/ausência de estímulos* sobre o uso de **entendeu?** vs. **sabe?**

Redução/extensão de forma	Ap/T	%	PR
2º selecionado			
Forma reduzida	243/283	86	0,79
Forma plena	700/1.327	53	0,42
Entonação de pergunta			
6º selecionado			
Presença de entonação	897/1.454	61	0,53
Apagamento de entonação	46/156	29	0,24
Presença/ausência de estímulos			
7º selecionado			
Resposta plena	16/22	73	0,64
Estímulo anterior ao RAD	99/147	67	0,61
Estímulo posterior ao RAD	68/108	63	0,57
Ausência de estímulos	760/1.333	57	0,47
Presença/ausência de pausas			
Não selecionado			
Pausa anterior aos RAD	290/427	68	(0,59) ²⁵³
Pausa posterior ao RAD	353/603	59	(0,49)
Ausência de pausas	300/580	52	(0,43)
TOTAL	943/1.610	59	
	Input: .61		Sig.: .034

A partir dos resultados da tabela acima, quase todas as nossas hipóteses gerais são corroboradas, pois de forma bastante acentuada os RADs mostram-se mais frequentes com *forma plena* (em 1.327 das ocorrências), com *entonação de pergunta* (em 1.454 da ocorrências) e em contextos de *ausência de estímulos* (em 1.333 da ocorrências).

Apenas para a variável *ausência/presença de pausas* é que os resultados divergem de nossa expectativa inicial, já que os RADs mostram-se um pouco mais frequentes com *pausa posterior* (em 603 das ocorrências) e também há um grande volume de ocorrências com *pausa anterior* (em 427 das ocorrências). Esses resultados, apesar de distintos dos obtidos em Valle (2001)²⁵⁴, provavelmente retratam melhor a

²⁵³ Essa variável não foi selecionada, mas retiramos os resultados em peso relativo do primeiro nível de interação, a título de ilustração.

²⁵⁴ Em Valle (2001) a maioria dos RADs concentra-se em contexto de ausência de pausa (345 de um total de 521 ocorrências), mas a análise foi realizada a partir das entrevistas já transcritas o que pode ter interferido muito nos resultados.

realidade dos dados, já que, diferente do trabalho anterior, a codificação foi feita a partir da oitiva.

Como já sugerimos, a colocação de pausas antes ou depois dos RADs, associada com o todo entonacional, parece ser relevante para determinar o próprio tipo de foco desses elementos. Durante a audição das entrevistas pudemos perceber que muitas vezes pausas longas antes de RADs com forte contorno interrogativo pareciam contribuir para ampliar o escopo do item, remetendo a longas porções textuais antepostas a ele, como é o caso para os RADs em contexto de conclusão ou fechamento. Em outros casos, pausas anteriores a RADs com apagamento de entonação interrogativa pareciam contribuir para a atuação com *foco prospectivo*. Percebemos que com relação a **entendeu?**, apesar da variável *presença/ausência de pausas* não ter sido selecionada, há alta frequência dessa variante com *pausa anterior*. Investigando um pouco mais, percebemos, nas rodadas gerais, que a forma *entendesse?* é a grande responsável por esse resultado, sendo que mais de um terço de suas ocorrências apresenta-se com *pausa anterior* (117 casos do total de 303 dados de *entendesse?*). Tal resultado coincide com a tendência de *entendesse?* em atuar com *foco prospectivo*, tal como **sabe?**, e reforça o seu comportamento diferenciado em relação às demais formas derivadas de *entender*.

Com relação às nossas hipóteses específicas, verificamos que, como esperado, **entendeu?** mostra-se fortemente inibido em situação de *apagamento de entonação de pergunta* (0,24), o que ressalta sua atuação no plano interacional. Também confirmando nossa expectativa, essa variante é favorecida com *estímulos posteriores* (0,61) e ainda mais quando ocorrem *respostas plenas* (0,64), o que reforça seu caráter interacional e sua maior ligação com o significado fonte. De fato, os 5 casos de *resposta plena com repetição de verbo* ocorrem com formas derivadas de *entender* e, das 17 ocorrências com de *resposta plena*, 11 são com essa variante, como ilustramos abaixo, em que a fronteira entre a atuação como verbo ou RAD parece muito tênue:

(119) (Sobre a relação mágoa e câncer)

E: Como assim te provocar?

F: Assim... porque eu acho assim ó, eu tô de mal com- com você, não gosto... da- da tua pessoa, né?... então o que que ela vem fazer na minha casa?

E: Ah:: sim, tá.

F: **Entendeu?**

E: Entendi. (BARRA20FA8-29:26)

Contudo, os resultados para a variável *redução/extensão de forma* contrariam totalmente nossa hipótese inicial, já que **entendeu?**, ao invés de inibido, é altamente favorecido quando ocorre *forma reduzida* (0,79). A princípio, imaginamos que tal configuração podia estar associada à grande variedade de formas encapsuladas pela variante – com destaque para a forma *tá entendendo?*, já que, maior, poderia estar mais sujeita à redução –, mas, ao observar as frequências brutas nas rodadas mais gerais, verificamos que novamente o comportamento destoante é da forma *entendesse?* que, sozinha, concentra 145 ocorrências com *forma reduzida*, conforme ilustramos abaixo:

(120) (Sobre os problemas do bairro)

Aqui essa rua aqui de lajota ó... tu vê, tudo aí cheio de... cheio de altos e baixo aí ó... **tendesse?** então deveria se dar uma melhorada nisso aí, fazer mais certo, **tendesse?** é cheio de buraco, que tudo em quanto é lugar é mais buraco, então eles deveria mais olhar. (BARRA27MA8:Faixa1-06:55; 06:57)

Como temos notado, *entendesse?* constantemente diferencia-se das demais formas derivadas de *entender*, apresentando, tal como **sabe?**, características que indicam um estágio mais avançado de mudança. As motivações para tal comportamento destoante são investigadas na seção 6.3.

6.2.1.4 VARIÁVEL COMPLEXA 1: GRAU DE MUDANÇA CATEGORIAL

Caracterização e hipóteses

Partindo do pressuposto de que os RADs se originam de verbos cognitivos inseridos em contextos de interrogação em atos de fala diretivos e que, quanto mais se gramaticalizam, mais se distanciam tanto do item fonte quanto da estratégia que lhes deu origem, considera-se possível, através da integração das variáveis independentes isoladas anteriormente descritas – que envolvem aspectos prosódicos, marcas de interação e aspectos morfofonéticos –, compor uma variável complexa para medir o grau de mudança categorial dos RADs em análise.

Essa variável foi pensada como um conjunto de traços que, reunidos, nos dariam pistas sobre a mudança categorial dos RADs e de sua trajetória de gramaticalização. Nesse sentido, partimos da ideia de que itens menos avançados em termos de mudança categorial, ainda

com forte carga interacional e ligados a estratégia discursiva e ao significado de origem, seriam privilegiados com *presença de pausa posterior ao RAD* (ou anterior e posterior), *resposta plena* ou *resposta plena com repetição de verbo após o RAD*, *entonação de pergunta* e *extensão de forma por pergunta reduzida*. No outro polo, itens em estágio mais avançado de mudança categorial, atuando com menor carga interacional e com o componente textual em relevo, apresentariam *ausência de pausas*, *ausência de estímulos do interlocutor*, *apagamento de entonação de pergunta* e *forma reduzida*. Buscando delinear um *continuum* de mudança, estabelecemos pontuação gradiente entre os dois polos para os fatores de cada grupo como organizamos no quadro abaixo:

Quadro14: Pontuação dos fatores que compõem a *variável complexa 1: grau de mudança categorial*

<p>Presença/ausência de pausas 0 - Ausência de pausas 0 - Pausa anterior ao RAD 1 - Pausa posterior ao RAD 1 - Pausa anterior e posterior ao RAD</p>	<p>Presença/ausência de estímulos do entrevistador 0 - Ausência de estímulos 0 - Anterior ao RAD 1 - Anterior e posterior ao RAD 1 - Posterior ao RAD 2 - Resposta Plena 2 - Resposta Plena com repetição do verbo</p>
<p>Entonação de pergunta 0 - Apagamento de entonação interrogativa 1 - Presença de entonação interrogativa</p>	<p>Redução/extensão de forma 0 - Forma reduzida 1 - Forma plena 1,5 - Extensão por presença de pronomes 2 - Extensão por pergunta reduzida</p>

Como podemos observar, foi dado mais peso aos fatores que julgamos refletir a situação limítrofe entre RAD e verbo, em que o vínculo com a categoria de origem seria maior. O somatório dos pontos resulta no que estamos sugerindo como indicativo de grau de mudança categorial do item, que oscila entre zero (mais avançado na mudança categorial) e seis (mais preso à categoria original) e, a título de ilustração, aplicamos essa pontuação ao trecho que segue:

(121) (Sobre o aluguel de sua casa)

F: Ah, ele não aceitava “ah, vai alugar a minha casa, não sei o quê” (riso de E) aí o, né? até uma época (hes) quando ele alugou, ele

chegou, ficou meio brabo porque não aceitou “ah, porque não sei o quê, agora tá morando aí, porque não sei o quê” “ah, nego, mas é pra ajudar, não sei o quê”... aí depois a gente se acostumou, né? agora- agora nem eu quero alugar e nem ele essa aqui, **entendesse?**... que muita gente diz assim “ô, gurria, porque tu não aluga, pegar um dinheirão bom, não sei o quê”, ah, não (BARRA18FA4:Faixa1-24:59)

No trecho acima, *entendesse?*, com pausa posterior (1 ponto), ausência de estímulos (0 ponto), com entonação de pergunta (1 ponto) e forma plena (1 ponto) apresenta um somatório de três pontos e estaria em um grau de mudança categorial intermediário, nem tão vinculado à categoria de origem e nem tão avançado na mudança categorial.

Nossa hipótese geral é que a maioria dos RADs, integrando tanto um componente textual quanto interacional, já estejam bastante afastados de seu uso original como verbos em contextos interrogativos, mas ainda não apresentem comportamento associado a itens em estágio avançado de gramaticalização e, portanto, recebam pontuação intermediária.

Espera-se ainda que **entendeu?**, principalmente suas formas com maior massa fônica e complexidade estrutural, seja favorecido com somatórios mais altos, o que significa que seria mais vinculado à categoria de origem. Por outro lado, acredita-se que **sabe?**, que seria o item mais avançado em termos de mudança categorial, apresente os somatórios mais baixos.

Resultados e discussão

Ao realizar o somatório a partir da pontuação dos fatores das variáveis independentes isoladas, foram obtidos resultados escalares que oscilavam entre zero e seis, incluindo a possibilidade de meio ponto (0; 0,5;...; 3,5 e assim por diante). Cada um desses resultados foi convertido em símbolo e constituiu-se como fator dentro do grupo para que pudéssemos observar comportamento bastante escalar, o que não ocorreu, em razão provavelmente do número reduzido de dados em determinados pontos e do comportamento bastante aproximado de outros fatores contíguos. Assim, devido à pequena quantidade de dados que pontuaram nas extremidades da escala, foram realizados amálgamas que resultaram em três fatores dentro da variável complexa, o que ainda garantiu relativa escalaridade: *maior vínculo com a categoria de origem* (com somatórios de 4 a 6), *grau intermediário* (de 2 a 3,5), *maior grau*

de mudança categorial (de zero a 1). Apresentamos abaixo os resultados para a variável complexa:

Tabela 6: Influência da *variável complexa 1: grau de mudança categorial* sobre o uso de **entendeu?** vs. **sabe?**

Variável complexa 1: grau de mudança categorial	Ap/T	%	PR
Maior vínculo com categoria de origem	54/82	66	0,60
Maior grau de mudança categorial	209/330	63	0,57
Grau intermediário	680/1.198	57	0,47
TOTAL	943/1.610	59	
	Input: .60		Sig.: .030
		6° selecionado	

De modo geral, os RADs concentram-se em *grau intermediário* de mudança (em 1.198 dos casos), o que confirma nossas hipóteses iniciais. Esses itens, se por um lado perdem propriedades morfossintáticas de verbo (fixando sua forma) e distanciam-se da estratégia discursiva que lhes deu origem (não exigindo resposta), ainda se apresentam pouco erodidos e com entonação de pergunta (mesmo que leve), o que, corroborado pelos números, nos permite sugerir que os RADs prototípicos são aqueles que estão no caminho do meio.

Nossa hipótese com relação a **entendeu?** também é atestada, já que se mostra favorecido com *maior vínculo com a categoria de origem* (0,60), novamente se inclinando a um estágio menos avançado do que **sabe?** no percurso de mudança. Contudo, é importante notar que parece haver uma certa inversão na escala e **entendeu?** também se apresenta levemente favorecido quando há *maior grau de mudança categorial* (0,57).

Tal configuração, a princípio contraditória, explica-se através da observação dos resultados das variáveis independentes isoladas que compõem a complexa. Assim, mesmo que *entonação de pergunta, presença/ausência de estímulos e presença/ausência de pausas* apresentem resultados que confluem em direção a nossas expectativas e mostrem-se coerentes com a organização que foi proposta para a variável complexa, a variável isolada *redução/extensão de forma* apresenta comportamento totalmente inesperado, que vimos estar ligado a características diferenciadas da forma *entendesse?*.

Observando-se comparativamente os resultados relacionados às variáveis independentes isoladas e os obtidos para a complexa, o que os números nos mostram é que o controle de variáveis complexas constitui-

se como ferramenta eficiente capaz de captar resultados mais robustos e globais, já que torna possível a integração de várias variáveis independentes que convergem para um mesmo objetivo. Entretanto, cabe ressaltar que não se deve descartar a observação dos resultados das variáveis isoladas, já que é através delas que é possível entender e explicar resultados inesperados e comportamentos singulares. Ao que parece, o procedimento de realizar duas rodadas separadas para, ora observar o comportamento da complexa, ora nos voltarmos para as isoladas, justifica-se e enriquece a análise.

6.1.2.5 SEQUÊNCIA TEXTUAL

Caracterização e hipóteses

Na esteira das considerações de Valle e Görski (2014), tomamos a entrevista sociolinguística como um grande modo dialogal e consideramos que para os interesses desta pesquisa podemos diferenciar quatro tipos de sequências que nela se encaixam e que vamos operacionalizar como grupos de fatores:

Argumentação: sequência em que o falante expõe, justifica, defende seus pontos de vista e opiniões.

(122) (Sobre o abandono do Centro Comunitário)

O Centro Comunitário tá abandonado... agora vem eleição aí: não sei quem- quem é que vai ajudar aí, é:: tem muita- tem muita despesa, né? porque a despesa eu acho- eu acho que na minha opinião deve- deve tá grande... **entendesse?** tá abandonado, ninguém li::ga... **tendesse?** eu acho que deveria mais olhar e:: e arrumar uma:: u::mas pessoa pra botar ali, ou arrumar a diretoria, arrumar umas pessoa boa pra ao menos mandar e tar alguma coisa ali **tendesse?** ter umas sala boa, ter uns banheiro bom, ter alguma coisa pro, pros idosos se divertir mais, pras pessoa velha também:: de homem que gosta de um dominó:: gosta de- de um baralho, ir ali:: **tendesse?** fazer um joguinho, mas não tem ninguém, não:: tá abandonado, os cara não faz nada... nem baile ultimamente tá tendo... **tendesse?** tem outro lá igreja, no lado da igreja têm o:: Como é que é? O paroquial, o paroquial, o Centro Paroquial, o Paroquial lá embaixo tá abandonado também. (BARRA27MA8:Faixa1-11:07; 11:10; 11:19; 11:30; 11:38)

Narrativa episódica: sequência em que o falante conta um fato pontual, um episódio.

(123) (Sobre uma intensa experiência espiritual)

Eu desci as pedras não senti nada... não sentia as pedra, saí assim leve... de cima das pedra... cheguei na praia... sentei numa pedra... veio um amigo... um surfista, um amigo meu se aproximou perto de mim, só que aproximou-se e eu senti um fogo, **entendeu?** voltou tudo o negativo de novo, senti um fogo, o vento era fogo, Pô, um vento fogo?

E: Forte?

F: Forte... voltou:: aí eu perdi a consciência de novo, **entendeu?** apagar... aí depois eu voltei... a mim... **tendeu?** e eu lendo a bíblia hoje eu sei que o fogo era o pecado da pessoa, **entendeu?** após o pecado da pessoa ela se forma nisso... então... eu tinha a Bíblia do:: Nelson Ned... quando eu peguei na igreja lá... que quando a gente dava a oferta eles davam uma fitinha ((est))... **tendeu?** eu dei a oferta e me deram a fita do Nelson Ned... então eu tinha um fusca, eu botava e eu gostava de orar, né? (BARRA31MA11:Faixa1-26:57; 27:06; 27:10; 27:14; 27:24)

Descrição/exposição/procedimento: sequência que engloba trechos descritivos, narrativas habituais (também denominadas de descrição de vida por Macedo e Silva (1996)), relatos de procedimento, e trechos explicavos/expositivos em que o falante discorre sobre como as coisas são, eram, costumavam ser, devem ser feitas, etc.

(124) O remo de voga é botado numa canoa, então o tulete que a gente bota o remo e a gente senta no banco e leva o remo pra lá e pra cá (est) é como tu vê essa:: (hes) essas que tem ali como eles (hes) tratam, comé? aquela que eles tem ali:: que eles tratam- que rema seis, comé? eu me esqueci o nome daquela... daquela:: (hes) é quase a mesma coisa (est) **tás entendendo?**

E: O remo fica fixo e [(inint)] (BARRA44MB5-45:46)

Dialogal: sequência em que os momentos de interação e trocas de turno entre falante e ouvinte ficam evidentes.

(125) (Sobre a igreja que o filho frequenta)

F: O meu filho já foi.

E: Já foi?

F: Ele foi várias reuniões é que ele só não vai, não tá indo agora porque como ele estuda à noite aí não dá, mas ele foi e ele fala “mãe é muito legal.”

E: É?

F: Ele fala “é ótimo”

E: Puxa!

F: Ele fala “é ótimo”... se reúne os jovem, mais velho, todo mundo, **entendeu?** aí fazem uma reunião... então eu vou ir pra ver, né?

E: Tu qué- tu tá curiosa?

F: Ah, ah. Eu vou ir (risos da entrevistadora) Não é, porque o pessoal que vai é um pessoal assim tão legal, **entendeu?** que não... (est) um pessoal assim bem querido. (BARRA23FA10-20:10; 20:19)

Para operacionalizar o grupo de fatores, partimos da proposta de Valle e Görski (2014) que consideram que, tomando os gatilhos do entrevistador como fio condutor, é possível relacionar os tipos de sequência com duas dimensões dentro da entrevista: o mundo narrado (em que contamos, explicamos, descrevemos) e o mundo comentado (em que argumentamos, nos posicionamos) (Cf. WEINRICH, 1968; KOCH, 1984).

As autoras sugerem uma distinção entre sequência textual dominante (que parte do gatilho dado pelo entrevistador) e sequência textual subsidiária (que é encaixada em outras sequências textuais em função do mundo narrado ou do mundo comentado). Assim, controlamos como fatores dentro do presente grupo as seguintes sequências: a) partindo do gatilho do entrevistador – *argumentação dominante, narrativa episódica dominante, descrição/exposição/procedimento dominante e dialogal dominante*; b) partindo de sequências encaixadas em outras sequências em função do mundo narrado ou comentado – *argumentação subsidiária ao mundo narrado* (argumentação dentro da narrativa), *narrativa episódica subsidiária ao mundo comentado* (narrativa dentro de sequência argumentativa), *descrição/exposição/procedimento subsidiária ao mundo narrado*, *descrição/exposição/procedimento subsidiária ao mundo comentado*, *dialogal subsidiária ao mundo narrado*, *dialogal subsidiária ao mundo comentado*.

Nesse ponto é importante mencionar que em Valle (2001) os RADs se distribuem da seguinte maneira entre as sequências: há predominância desses itens em sequências factuais, descritivas e de descrição de vida tomadas em conjunto (63% do total de ocorrências), que correspondem ao que controlamos como *descrição/exposição/procedimento*; há volume considerável de dados em sequências narrativas (20%), o que em nosso controle corresponde à *narrativa episódica*, e em sequências argumentativas (17%), o que corresponde ao que também controlamos como *argumentação*. Interessa ainda notar que os resultados indicam que **entendeu?** é privilegiado em sequências argumentativas (0,64), enquanto **sabe?** nas descritivas (0,65).

A partir dos resultados mencionados, nossa hipótese geral é de que os RADs sejam mais frequentes em sequências de *descrição/exposição/procedimento* (sejam elas dominantes ou subsidiárias) e, de modo mais específico, esperamos que **entendeu?** se destaque na *argumentação*. Acreditamos ainda que possa haver alguma correlação entre os RADs e o mundo narrado e comentado, havendo maior concentração de **entendeu?** no comentado.

Resultados e discussão

Após as primeiras rodadas gerais, verificamos que os resultados para sequências dominantes e subsidiárias eram muito semelhantes. Ao que parece, a atuação dos RADs é influenciada pela sequência imediata na qual ocorrem, não interessando se se trata de sequência dominante ou de uma sequência subsidiária a serviço do mundo narrado ou do comentado. Sendo assim, amalgamamos os fatores dentro do grupo e realizamos as rodadas binárias em função dos quatro tipos de sequências. Vejamos os resultados para essa variável que foi a quinta selecionada pelo programa:

Tabela 7: Influência da variável *sequência textual* sobre o uso de **entendeu?** vs. **sabe?**

Sequência Textual	Ap/T	%	PR
Argumentação	274/386	71	0,57
Descrição/exposição/procedimento	534/970	55	0,50
Dialogal	72/118	61	0,39
Narrativa	63/136	46	0,38
TOTAL	943/1.610	59	
Input: .60		Sig.: .030	
5° selecionado			

Vemos na tabela que, de modo geral, os RADs apresentam-se mais frequentes em sequências de *descrição/exposição/procedimento* (970 ocorrências, totalizando 60% dos casos), o que confirma nossas expectativas iniciais. O grande número de RADs nesse tipo de sequência, que não envolve em geral o posicionamento do falante ou o relato de situações difíceis ou comprometedoras, parece ser indício de que, ao contrário do que algumas pesquisas já sugeriram (CHODOROSWSKA-PILCH, 1997; OSTMAN, 1981), o papel principal desses itens não necessariamente está ligado a contratos de polidez e à preservação de face.

Contudo, os resultados relacionados às sequências textuais devem ser sempre relativizados em função da constituição do gênero entrevista que pode abranger mais ou menos determinadas sequências, a depender de como a situação é conduzida. Nas entrevistas feitas na Barra da Lagoa, o mote central parece ser a caracterização das mudanças ocorridas no bairro, a comparação entre o ontem e o hoje, que prevê como resposta principalmente sequências de descrição no presente e de descrição de vida. Esse fio condutor parece ser levado a sério pelos mais velhos – sendo que muitos deles passam a entrevista inteira tecendo comparações sobre os “tempos antigos” e “a Barra de hoje”, com foco nas dificuldades de acesso ao Bairro e na rotina diária dos moradores. Os informantes de meia idade também podem passar longos trechos descrevendo as mudanças ocorridas com a chegada dos turistas e dos novos moradores no bairro. Mesmo para os mais novos, a entrevista é apresentada como momento para que descrevam sua infância e as mudanças no bairro ou na comunidade, como ilustrado no trecho abaixo:

(126) É, ela tem onze anos, tem internet “ah, Fulana, porque que tu não pegar uma boneca?” ela “ah, eu vou brincar na internet” é umas coisa bem:: (inint)... umas coisa bem assim, **sabe?** agora, antigamente não era assim, antigamente a gente sabia o que era brincar, eu adorava brincar de boneca, eu adorava ir pro rio nadar, agora não:: tudo mudado, né? (BARRA07FJ11:Faixa1-07:52)

Narrativas episódicas e argumentações são solicitadas pelas entrevistadoras, mas em menor proporção, surgindo, em muitos casos, de situações de tangente, em que o entrevistado propõe temas de seu interesse e desvia-se da condução proposta pelo entrevistador. Sendo assim, não é possível precisar em que medida a frequência de RADs em *descrição/exposição/procedimento* se deve ao comportamento do próprio item, usado preferencialmente entre essas sequências, ou se apenas reflete a proporção das sequências na amostra.

Com relação às nossas hipóteses específicas, é possível perceber que **entendeu?** se encontra levemente favorecido em sequências argumentativas (0,57), o que converge com nossas expectativas e pode estar associado à atuação preferencial das formas derivadas de *entender* com *foco na opinião do falante*. Ao realizarmos cruzamento entre as variáveis *tipo de foco* e *sequência textual* fica nítido que quase todas as ocorrências de **entendeu?** com *foco na opinião do falante* concentram-se em sequência *argumentativa* (222 ocorrências do total de 232 casos).

Também a partir do cruzamento é possível notar que, embora a sequência *dialogal* mostre-se inibindo a presença de **entendeu?** (0,39), em sequências dessa natureza predominam as formas derivadas de *entender* (em 61% dos casos), principalmente por conta do uso de **entendeu?** com *foco pragmático*, que quase sempre coincide com trechos de diálogo (44 ocorrências do total de 49 casos). Talvez a baixa frequência geral de ocorrências em sequências desse tipo (118 ocorrências somando-se **sabe?** e **entende?**) e a presença não tão pequena de **sabe?** nesse tipo de sequência possa justificar os resultados estatísticos, mas as razões para a inibição não ficam evidentes. O que o favorecimento de **entende?** em sequências *argumentativas* e sua preferência em sequências *dialogais* parece indicar é a natureza mais interacional desse RAD que constantemente temos ressaltado.

6.1.2.4 POSIÇÃO DO RAD

Caracterização e hipóteses

Enquanto Marcuschi (1989) e Macedo e Silva (1996) assinalam a posição final (de turno ou enunciado) como a preferencial para os RADs, os resultados de Valle (2001) evidenciam que esses itens concentram-se em posição intra-oracional (77% do total) principalmente entre orações coordenadas (71% do total)²⁵⁵. Esses resultados levam a uma reavaliação da própria atuação dos RADs que, a princípio, pensava-se mais voltada ao ouvinte e menos ao texto.

Na amostra analisada, identificamos seis posições diferentes para os RADs: *entre orações*²⁵⁶, *em final de turno*, *em final de enunciado*, *entre constituintes*²⁵⁷, *em meio a truncamento* e *inicial*. Apresentamos

²⁵⁵ Valle (2001) ainda observa que os RADs ocorrem mais entre coordenadas justapostas.

²⁵⁶ Havíamos pensado em subdividir esse fator para observar como os RADs se distribuíam entre orações coordenadas e subordinadas, mas o número de RADs entre orações subordinadas foi mínimo (3 casos).

²⁵⁷ As atuações dos RADs intra-constituintes também foram controladas, mas apresentaram baixa frequência. A maioria delas foi reclassificada como *em meio a truncamento* e outros 2 casos em que não havia truncamento e o RAD estava de fato *intra-constituente* acabaram sendo somadas com os casos classificados como *entre constituintes*.

abaixo alguns trechos que ilustram cada um desses casos na ordem em que foram mencionados:

- (127) (Sobre a fofoca no bairro)
 F: Ah, isso é muito:: Ai, se mete muito, gente, é demais, aqui na Barra é demais assim ó, eles te conhecem, **sabe?**... te conhecem como a gente é daqui, né? então eles conhecem a gente. (BARRA07FJ11:Faixa1-29:37)
- (128) F: Eu fazia aniversário ela vinha, o irmão dela fazia aniversário ela vinha, eu não convidava... então aquilo ali foi me... aquilo foi me trancando e eu não falava nada, **tás entendendo?**
 E: Nem pro teu marido tu falava? (BARRA20FA8-29:26; 29:37)
- (129) F:... eu quando eu vou no Centro de dali do:: de Florianópolis (est) tem uma Igreja São Francisco... quando (est) tenho um tempinho eu vou lá e:: (est) faço a minhas oração, agradeço... fico de joelho e agradeço... **tás entendendo?**... então assim foi tudo um::... eu só sei te falar que tudo aconteceu pra melhorar as coisa (BARRA20FA8-39:32)
- (130) F: O casamento foi assim uma coisa de meu gos::to, de- foi tudo assim como eu queria e os meus- meus sogros me davam muito apoio, **sabe?** (est) pra mim, (BARRA38FB4-03:40)
- (131) F: ... a comunidade precisa disso aí... tendesse? umas ruas boa, uns ba- **tendesse?** ter umas servidão boa, calçada. (BARRA27MA8:Faixa1-19:42)
- (132) F: ... e eu no caso já me acostumei tanto com a música que pra mim fazer qualquer coisa tem que ser com a música.
 E: Ai, que legal.
 F: **Entendeu?** porque a música assim ela me relaxa muito, ela me deixa bem descansa::da, bem tranquila. (BARRA04FJ9:Faixa1-17:50)

Vale notar que a posição de *final de enunciado* se difere da posição *entre orações*, já que o RAD se posiciona no final de um tópico, subtópico ou cadeia tópica. Também é importante ressaltar que a posição *inicial* nos pareceu bastante incomum já que nenhum estudo anterior havia identificado a ocorrência de RADs nessa posição.

A partir dos resultados de Valle (2001), esperamos que a posição *entre orações* seja mantida como preferencial para os RADs, o que ratificaria a participação desses itens na organização do discurso oral. De

modo mais específico, acreditamos que **entendeu?** seja favorecido em *final de turno* e *final de enunciado*, onde há a maior possibilidade de interação com o interlocutor. Em relação a **sabe?**, por sua vez, esperamos que seja o item preferido *entre constituintes*, em que as relações textuais se dão em nível mais micro e em posição *inicial*, já que se trata de contexto inovador e, supondo que esse item seja o mais gramaticalizado, seria provável que adquirisse primeiro novos usos.

Resultados e discussão

Depois da análise de volume tão grande de dados, torna-se claro que a posição preferencial de ocorrência da maioria dos RADs é, conforme nossa expectativa, *entre orações* (1.256 ocorrências, ou seja, 78% dos dados em análise). Vejamos os resultados na tabela abaixo:

Tabela 8: Influência da variável *posição do RAD* sobre o uso de **entendeu?** vs. **sabe?**

Posição do RAD	Ap/T	%	PR
Truncamento	27/51	53	0,71
Final de turno	81/125	65	0,51
Entre orações	742/1.256	59	0,51
Final de enunciado	34/48	71	0,44
Entre constituintes	39/99	39	0,35
Inicial	20/31	64	0,25
TOTAL	943/1.610	59	
Input: .60		Sig.: .030	
2° selecionado			

Os números parecem evidenciar que **entendeu?** é favorecido em posição de *truncamento* (0,71) e inibido em *posição inicial* (0,25) e *entre constituintes* (0,35). Contudo, mesmo nos parecendo que a inibição desse RAD seja condizente com nossas expectativas, já que esperávamos predominância de **sabe?** em posição inovadora, os resultados em termos de frequência bruta, especialmente em relação à *posição inicial*, apontam para outra direção, o que também ocorre em relação a *truncamento*. O fato da variável ter sido selecionada em segundo lugar na rodada 1 (com as variáveis complexas) e ter sido descartada na rodada 2 (com as variáveis independentes isoladas), também aponta para provável inconsistência dos resultados.

Decidimos investigar um pouco mais a configuração numérica, através da análise dos resultados para essa variável nos vários níveis de

análise binominal e percebemos que os pesos relativos no primeiro nível são mais condizentes com o que esperávamos e com os resultados em termos de frequência: *truncamento* – 0,44; *final de turno* – 0,56; *entre orações* – 0,50; *final de enunciado* – 0,63; *entre constituintes* – 0,31; *inicial* - 0,46. Notamos que, no terceiro nível, quando a variável *tipo de foco* entra em interação com *posição*, os resultados se alteram bastante e se aproximam aos que apresentamos na tabela.

Realizamos, então, um cruzamento entre *tipo de foco* e *posição dos RADs* e percebemos que havia a intersecção entre certos *tipos de foco* e certas *posições*: *foco na busca de informação*, por exemplo, concentra-se quase que totalmente em posição de *truncamento* (31 ocorrências do total de 35) e *foco prospectivo* é muito associado à posição *entre orações* (73 ocorrências do total de 94). A relação entre foco e posição era previsível, já que até mesmo ao descrever a variável *tipo de foco* temos constantemente trazido à tona a posição dos itens, ou seja, a relação *posição – tipo de foco* parecer ser estreita.

A ocorrência dos RAD em posição *inicial*, por exemplo, parece estar associada a dois tipos de foco bem distintivos entre si: a) com entonação interrogativa bastante acentuada e remetendo para grandes porções anteriores, geralmente coincidindo com a atuação com *foco pragmático*; b) com entonação interrogativa apagada e remetendo a enunciado declarativo posposto ao RAD, ou seja, com *foco prospectivo*. É necessário fazer distinção entre a posição inicial dos RADs e os casos em que o verbo cognitivo aparece em início de construção interrogativa (“Sabe o que é impinge?”), os quais não foram considerados na análise.

Acreditamos que a forte correlação entre essas duas variáveis independentes possa ter enviesado os resultados. Fizemos uma nova rodada sem a presença da variável *posição* e os números se mantiveram para os outros grupos. Sendo assim, nos parece que as considerações para esse grupo, apesar de ter sido o segundo em ordem de seleção, devam ser relativizadas e pautadas mais nas frequências brutas do que nos pesos relativos.

Em termos de frequência, **entendeu?** é muito mais usado em final de enunciado (71%) e em final de turno (65%), o que reforça nossa expectativa de que, em alguns casos, este item ainda se encontre mais voltado ao interlocutor do que **sabe?**. Cabe ainda destacar que o uso de **entendeu?** também se mostra bem mais frequente do que o outro RAD em posição *inicial*, ao contrário do que esperávamos, e boa parte dos dados concentra-se na forma *entendesse?*.

6.2.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Para a oposição **entendeu?** vs. **sabe?** não tínhamos expectativas claras para a maioria das variáveis extralinguísticas já que as investigações realizadas sobre esses itens e seus cognatos em outras línguas não apresentam diferenças significativas associadas a macrocategorias sociais como sexo, idade, escolaridade e classe social (MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; VALLE 2001; MACAULAY, 2002a; NÚÑEZ, 2011).

Macaulay (2002a) verifica que as mulheres privilegiam o uso de *you know*, mas o autor não fornece explicações para tal comportamento. Valle (2001), com base nos resultados de Macedo e Silva (1996) e Martelotta (1998), por um lado, esperava que os RADs seriam usados de modo equilibrado entre homens e mulheres, não havendo nenhuma interferência da categoria sexo/gênero na distribuição destes itens. Por outro lado, tinha a expectativa de que o uso dos RADs diminuiria proporcionalmente ao aumento da faixa etária e que **entendeu?** seria mais usado entre os mais escolarizados. À primeira vista suas expectativas são corroboradas, porém um olhar mais atento revelou que dois informantes estavam enviesando os resultados²⁵⁸ e que a distribuição dos RADs nas 36 entrevistas analisadas era bastante irregular: a) dois informantes não usaram nenhum dos RADs e oito informantes apresentaram um total de menos de cinco ocorrências; b) seis informantes usaram exclusivamente um tipo de RAD e 12 informantes usaram prioritariamente um tipo de RAD; c) somente oito informantes fizeram uso de dois ou três tipos de RADs de forma mais equilibrada (destes, cinco usaram apenas *sabe?* e *entende?*, um usou apenas *sabe?* e *não tem?* e apenas dois usaram os três itens). Esses resultados parecem nos sugerir que as macrocategorias sociais, gerais e descontextualizadas, não devem ser as únicas a serem consideradas se nosso objetivo é perceber as forças extralinguísticas que condicionam o uso dos RADs.

Passamos, a seguir, a caracterizar os grupos de fatores extralinguísticos, sociais e estilísticos controlados e a apresentar as hipóteses específicas relacionadas a cada grupo e também nossos resultados e discussões.

²⁵⁸ O informante 07 (homem, jovem, com até 4 anos de escolaridade) produziu 98 ocorrências de *não tem?*, quase metade dos dados deste RAD. O informante 32 (homem, jovem, com até 11 anos de escolaridade) produziu 36 ocorrências de *entende?*, um terço dos dados deste RAD.

6.2.2.1 VARIÁVEIS INDEPENDENTES ISOLADAS QUE COMPÕEM A VARIÁVEL COMPLEXA 2: CONFIGURAÇÃO DA ENTREVISTA

Nesta subsecção, caracterizamos e apresentamos as hipóteses para os grupos de fatores *proatividade do falante*, *relação de proximidade entre os interlocutores* e *envolvimento emocional do falante* que compõem a *variável complexa 2: configuração da entrevista*, composta a partir de pontuação atribuída aos fatores dentro dos grupos isolados. Em seguida, os resultados associados às variáveis isoladas serão apresentados e discutidos a partir de uma única tabela.

Vale assinalar que tanto as variáveis independentes isoladas, quanto a variável complexa delas resultante, serão retomadas na seção 6.3 na oposição entre formas com marcas de identidade *vs.* formas neutras, contando com a mesma caracterização, mas com novas hipóteses relacionadas à variável dependente citada.

PROATIVIDADE DO FALANTE

A variável extralinguística *proatividade do falante*, de natureza estilística²⁵⁹, foi pensada a partir da categoria *tangente*, proposta por Labov (2001) como um dos nós da *árvore da decisão* que, como já expusemos na subsecção 3.2.5, se constitui em proposta metodológica que opera com oito estilos contextuais organizados escalarmente em um eixo de fala monitorada e de fala casual, visando identificar o grau de atenção à fala dentro dos vários momentos da entrevista sociolinguística. A categoria *tangente* é definida como momento de fala casual, em que o entrevistado afasta-se deliberadamente do tópico introduzido pelo entrevistador para tratar de tópico de seu interesse (LABOV, 2001).

As entrevistas da amostra Brescancini-Valle, como já comentamos na subsecção 4.1.1, não são conduzidas a partir de um roteiro rígido. Apesar de existir um fio condutor que guia as perguntas para a situação do bairro (as diferenças entre o “ontem” e o “hoje”) e sobre questões relacionadas à identidade, as entrevistadoras mostram-se mais interessadas em deixar os informantes à vontade para falar. Essa postura possibilita que falantes mais proativos saiam do *script* mais ou menos previsto, deixando de falar sobre o tópico engatilhado por

²⁵⁹ Essa e as outras duas variáveis isoladas abarcam aspectos estilísticos, mas são aplicadas à entrevista como um todo.

pergunta da entrevistadora e lançando tangentes com tópicos de seu interesse pessoal²⁶⁰.

Em algumas entrevistas notamos que os momentos de tangente são raros ou não existem, já em outras os momentos de tangente são muito frequentes, chegando a casos em que não parece ser mais a entrevistadora e sim o entrevistado que conduz/governa a entrevista – como retratamos no quadro 9, na seção 4.1.1, em que a entrevista inteira se transforma em uma imensa tangente e a informante, independente das perguntas feitas pela entrevistadora, sempre volta a falar sobre como enfrentou o câncer, tópico de seu maior interesse.

O que percebemos é que quando os entrevistados fogem do *script*, tratando inclusive de temas bastante pessoais, a entrevista ganha tom bastante casual e parece se aproximar quase de uma conversa entre amigos, em que o informante interage mais com o entrevistador, solicita sua confirmação sobre o que está expondo/narrando/argumentando, faz perguntas sobre a vida do interlocutor e, ele mesmo, organiza a situação comunicativa. Tal comportamento é ilustrado no trecho abaixo, em que o informante 31, que projeta todos os seus tópicos em função do tópico central sobre fé e religião, interrompe sua própria narrativa para contar sobre um outro episódio e, ao perceber que se desviava do tópico principal, deixa o episódio periférico e volta à narrativa sobre o uso de drogas:

(133) (Sobre o uso de drogas)

F: Eu sou uma pessoa assim que gosto de ajudar as pessoa... um:: casal tava aqui na minha mãe::, morando aqui na casa alugada, né?... e foi antes de eu converter pra Jesus, **entendeu?**... mas vamos falar primeiro da:: da droga (est) que eu tava, né? já tô:: pulando, né? É:: da droga foi assim eu tava na Galheta pegando altas ondas... surfando... umas ondas de dois três metro tava Fulano ((surfista famoso), Beltrano ((surfista famoso)) e eu doente com uma bronquite, inverno, mas eu sempre fui aquele cara de não deixar se dominar, **entendeu?** a força de vontade, **entendeu?** de gostar de surfar::... não deixar de se dominar... mas aquele negócio de doença (hes) tu vai surfar... e aquele negócio é psicologicamente na mente... e eu tinha fumado a maconha dois três dia aqui na Barra... eu comecei a fumar uma:: planta que um cara me ensinou, né?... uma planta:: bem ((inint)) que se chama- que é pra bronquite ((est))... que

²⁶⁰ No apêndice 2 apresentamos o mapeamento feito em uma das entrevistas da amostra e é possível identificar os tópicos lançados pela entrevistadora e as tangentes da entrevistada.

faz um remédio e tal, o cara me ensinou:: do avô dele e tal e eu comecei a fumar, tem esse gostinho da palha... botar enroladinho e fumar, comecei por ali... aí depois dali eu passei pra maconha... **entendeu?** comecei com a maconha... aí o cara começa a gostar e dá uma fome danada, ciscava na geladeira e comia tu::do (BARRA31MA11:Faixa1-20:41; 21:00; 21:01; 21:28)

Nesses casos consideramos que o informante é muito proativo, ou seja, *vai além do script* da entrevista. Por outro lado, consideramos que o falante *segue o script* quando: a) apesar de ser colaborativo, deixa-se guiar e não propõe tópicos que desviem dos gatilhos da entrevistadora; b) se restringe a responder as perguntas da entrevistadora e/ou se mostra desinteressado durante a entrevista. Ilustramos este último caso através dos dois trechos abaixo:

(134) (Sobre os evangélicos)

E: E tu acha, tu não vê [diferença, assim...]

F: [Nada], não pra mim é indiferente. Eu já fui até na igreja com eles.

E: Já foi?

F: Já... porque eu gosto, **entendeu?** Eu gosto de ir pra conhecer, então não tem-

E: Tu gosta.

F: Gosto. (BARRA23FA10-19:10)

(135) Noventa por cento dos pescadores aqui... (**boceja**) nem:: INPS eles tem, **entendesse?**... então não:: a maioria se aposentou como FUNRURAL porque nem:: aposentadoria tinha, pra tu ver o crime da coisa. (BARRA30MA11:Faixa1-29:44)

Nossa hipótese para essa variável é que, em geral, os RADs sejam mais frequentes quando o informante *vai além do script*, sugerindo tópicos de seu interesse e transformando a situação artificial da entrevista em momento de interação efetiva.

De modo mais específico, esperamos que **entendeu?**, que julgamos estar ainda mais voltado ao plano interacional, seja favorecido quando a entrevista *vai além do script*, sendo usado como elemento de contato e interação efetiva pelo entrevistado que governa a entrevista.

RELAÇÃO DE PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES

Macaulay (2002a) assinala que pode haver diferenças estilísticas no uso de *you know* e que, para itens dessa natureza, mais importante do que controlar macrocategorias sociais é procurar medir a relação entre os interlocutores. Seus resultados apontam que *you know* é mais frequente em conversas entre conhecidos e entre pessoas do mesmo sexo.

Consideramos que mesmo na situação de entrevista, em que a relação se estabelece entre entrevistador e entrevistado, é possível haver maior ou menor proximidade a depender de vários critérios que podem ser elencados.

Duas pesquisadoras realizaram as entrevistas da Amostra Brescancini-Valle na Barra da Lagoa: uma delas, nativa e moradora da comunidade, a autora da presente tese, e outra paulista e residente em Porto Alegre. Embora a tarefa de realização da entrevista não tenha sido dividida igualmente entre elas, já que a pesquisadora da comunidade realizou apenas dez das entrevistas, acreditamos que o pertencimento à comunidade possa consistir em maior grau de proximidade entre os interlocutores²⁶¹. O trecho abaixo, em que a entrevistada chama a entrevistadora (sua amiga) pelo nome, ilustra nossas considerações:

(136) (Sobre os períodos em que o pai ficava longe de casa pescando)

F: Exatamente... mas não... eu não vivia muito isso, **Carla**, (est) assim não eu:... eu lembro das saídas da (hes) das chegadas, assim que preparava a casa, pintava (est) pintava os troncos das árvores (est) pintavam tudo (sabe?) pra chegar o pai... mas:... num... (mudança de faixa) de- de não lem- eu não lembro de ficar com- um tempo (est) tão grande sem ele, né? (BARRA09FJS-07:22)

Além disso, é possível pensar que interlocutores de mesmo sexo, mesma geração, e com graus de escolaridade próximos, possam estabelecer vínculo maior durante a realização das entrevistas.

Assim, partindo das considerações de Macaulay (2002a) e da configuração da amostra, delineamos um instrumental baseado em

²⁶¹ Na pesquisa feita em Lower East Side, Nova Iorque, Labov e Michael Kac também dividiram a tarefa de realizar as entrevistas, mas, apesar de existirem diferenças significativas no discurso e na apresentação pessoal dos dois entrevistadores, eles deram um tratamento muito semelhante ao questionário, e o tipo de variação estilística que emerge dos módulos das entrevistas parece ser o mesmo para ambos os entrevistadores (LABOV, 2006 [1966]).

quatro critérios para medir o grau de proximidade entre os interlocutores: *simetria de sexo*, *simetria de idade*, *simetria de escolaridade* e *pertencimento à comunidade*. Atribuindo pontuação 0,5 para as relações que indicam maior proximidade e zero para as relações que indicam menor proximidade, a variável foi estruturada a partir do somatório dos valores atribuídos para cada entrevista, conforme sumariza o quadro a seguir:

Quadro15: Pontuação dos critérios que compõem a variável *relação de proximidade entre os interlocutores*

<p>Simetria de idade</p> <p>0,5 - Entrevistado(a) e entrevistadora com idades próximas ou entrevistado(a) mais novo(a) do que a entrevistadora²⁶²</p> <p>0 - Entrevistado(a) mais velho(a) do que a entrevistadora</p>	<p>Simetria de escolaridade</p> <p>0,5 - Entrevistado(a) e entrevistadora com escolaridade próxima (ensino médio e ensino superior)</p> <p>0 - Entrevistado(a) menos escolarizado do que o entrevistador (até o ensino fundamental)</p>
<p>Simetria de sexo</p> <p>0,5 - entrevistadora e entrevistada</p> <p>0 - entrevistadora e entrevistado</p>	<p>Pertencimento à comunidade</p> <p>0,5 - Entrevistadora da comunidade</p> <p>0 – Entrevistadora de fora da comunidade</p>

O somatório da pontuação nos fornece valores entre zero e dois que resultam em três fatores para essa variável: *proximidade maior* (entre 1,5 e 2); *proximidade intermediária* (1); e *distanciamento* (entre zero e 0,5).

Nossa hipótese geral é que o uso dos RADs seja mais frequente quando há *proximidade maior* entre os interlocutores. Com relação a **entendeu?** não temos expectativas muito claras, mas, considerando que atue mais que **sabe?** no plano interacional, imaginamos que deva ser privilegiado em entrevistas de *proximidade maior*.

²⁶² Consideramos que a relação entre as entrevistadoras (de faixa etária intermediária) e os informantes mais jovens também é mais simétrica porque os temas abordados com os jovens e a postura bastante descontraída durante a entrevista estabelece a proximidade. Apenas entre os mais velhos é que a relação parece mudar, havendo tratamento mais respeitoso por parte das entrevistadoras e também por parte de alguns entrevistados(as).

ENVOLVIMENTO EMOCIONAL DO FALANTE

Durante a audição das entrevistas, notamos que alguns informantes apresentavam-se muito envolvidos emocionalmente com a situação, parecendo entender a entrevista: a) como momento de desabafo; b) como momento de descontração. Há ainda informantes que mesclavam esses dois momentos.

Entendendo a entrevista como momento de desabafo, como uma espécie de terapia em que podiam falar de qualquer tema sem restrição, alguns informantes se mostram muito sensíveis, alterados ou revoltados e expressam esses sentimentos através de batidas na mesa, usando palavrões ou termos chulos e chorando. Normalmente nesses casos os temas tratados são bastante pessoais, envolvendo narrativas sobre doenças, episódios sobre experiências espirituais e revelações sobre temas muito íntimos como preferências sexuais. O trecho abaixo, em que a informante chora ao falar de fé, ilustra bem esse caso:

(137) F: Aha... mui/ por isso que eu digo assim ó “ Ho::je a pessoa que não tem fé:” ... e tá acontecendo coisas maravilhosas dentro da minha ca::sa pela fé... **tás entendendo?** ((A informante está muito emocionada e começa a falar com a voz embargada, chorando, enquanto também dá batidas na mesa)) pela fé... porque a fé é fundamental de tudo... **tás entendendo?**... tá acontecendo- já aconteceu... muita coisa ruim na minha vida... tá? foi bomba em cima de bomba... tá?... tenho dois filho assim maravilhosos... mas assim o que eu descobri:: ficou chocan- chocante pra mim, **tás entendendo?**... que eu achava assim que aquilo- que eu não tava preparada pra saber daquilo... mas... tô aqui... rezo bastante... eu- eu- eu jamais eu peço assim- eu vou pra minha cama eu peço pra Deus pra mim nunca esquecer ele... né? porque às vezes as pessoas tão boa esquecem de Deus.(BARRA20FA8-22:24; 22:30; 22:47)

Outros informantes parecem entender a entrevista como momento de descontração, rindo muito, contando piadas/causos, mostrando objetos particulares, convidando a entrevistadora para tomar café e cantando, como ilustra o trecho abaixo em que o informante, depois de tocar cavaquinho, fala sobre sua dificuldade em tocar o instrumento:

(138) (Depois de tocar terno de reis no cavaquinho)
Esse braço aqui que não ajuda mais, **tá entendendo?** esse braço tá esquecido. (BARRA44MB5-55:47)

Em ambos os casos consideramos que o informante está *emocionalmente envolvido/empolgado*, enquanto os informantes menos expansivos foram considerados como *neutros*.

Por trás desse tipo de controle está a ideia de que a observação de pistas do canal, como suspiros, risadas, choro, etc., pode auxiliar para estabelecer distinção entre estilo de fala casual e monitorada (Cf. LABOV, 2008 [1972]).

Como controles dessa natureza ainda não foram testados sobre os RADs, não temos hipóteses muito claras a respeito, mas, em geral, imaginamos que informantes *emocionalmente envolvidos/empolgados*, com fala menos monitorada, façam mais uso de elementos de interação com seu interlocutor e, por esse mesmo motivo, acreditamos que **entendeu?** seja privilegiado nessa situação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DA INFLUÊNCIA DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES ISOLADAS QUE COMPÕEM A VARIÁVEL COMPLEXA 2: CONFIGURAÇÃO DA ENTREVISTA

Entre as variáveis independentes para as quais ora apresentamos resultados, duas foram selecionadas pelo programa estatístico: *proatividade do falante* e *relação de proximidade entre os interlocutores*.

A partir dos resultados gerais, notamos que nossas expectativas iniciais se confirmam parcialmente. De fato, os RADs são mais frequentes entre informantes que vão *além do script* (915 das ocorrências estão associadas a esse fator). Tal constatação não só nos dá informações sobre o uso desses itens, que de modo geral ocorrem mais em momentos de maior interação e casualidade entre os interlocutores, como também nos fornece instrumental estilístico promissor a ser testado em trabalhos futuros.

Com relação à variável *relação de proximidade*, nossa hipótese geral a princípio não se confirma, pois são os informantes de *proximidade intermediária* que mais fazem uso dos RADs (em 929 das ocorrências). Contudo é necessário observar que, dado o fato de que a maioria das entrevistas é realizada pela entrevistadora de fora da comunidade, a obtenção de pontuação alta para esse grupo fica prejudicada e é justo considerar que informantes menos distantes fazem mais uso de RADs em geral.

Cabe ainda assinalar que o grupo de fatores *envolvimento emocional do falante* não nos mostrou resultado relevante para a

descrição do uso dos RADs, já que o número de ocorrência desses itens entre informantes *envolvidos/empolgados* e *neutros* não apresenta muita diferença, como observamos na tabela abaixo:

Tabela 9: Influência das variáveis *proatividade do falante*, *relação de proximidade entre os interlocutores* sobre o uso de **entendeu?** vs. **sabe?**

Proatividade do falante	Ap/T	%	PR
3° selecionado			
Vai além do <i>script</i>	687/915	75	0,65
Segue o <i>script</i>	256/695	37	0,30
Relação de proximidade			
5° selecionado			
Proximidade intermediária	606/929	65	0,58
Distanciamento	263/413	64	0,47
Proximidade maior	74/268	28	0,26
Envolvimento emocional do falante			
Não selecionado			
Emocionalmente envolvido/empolgado	531/729	73	(0,64) ²⁶³
Neutro	412/881	41	(0,37)
TOTAL	943/1.610	59	
	Input: .61		Sig.: .034

Os resultados relacionados ao condicionamento de uso de **entendeu?** confluem em direção às nossas hipóteses específicas e refletem, em certa medida, as considerações que fizemos para os RADs em geral, já que a variante é favorecida em entrevistas em que o informante vai *além do script* (0,65), propondo tópicos e conduzindo a entrevista, e quando a proximidade entre os interlocutores é intermediária (0,58)²⁶⁴.

Ressaltamos ainda que, mesmo não tendo sido selecionada, a variável *envolvimento emocional do falante* apresenta resultados interessantes para o uso de **entendeu?**, pois a utilização dessa variante se destaca em situação em que há o envolvimento emocional do falante

²⁶³ Esta variável não foi selecionada, mas retiramos os resultados em peso relativo do primeiro nível de interação a título de ilustração.

²⁶⁴ Realizamos uma rodada com amálgama entre *proximidade maior* e *proximidade intermediária*, mas a junção acabou neutralizando as diferenças e o grupo foi excluído da rodada. Sendo assim, optamos pela rodada sem amálgama, na qual pelo menos é possível observar o condicionamento em situação de *proximidade intermediária*.

(531 ocorrências, que representam 73% dos casos em situação de envolvimento).

Apesar de nossas modestas expectativas iniciais, as três variáveis mostraram-se relevantes para a descrição do uso dos RADs, indicando que **entendeu?**, item predominante em entrevistas que vão *além do script*, em que há *proximidade intermediária* e em que o falante mostra-se *emocionalmente envolvido/empolgado*, está mais voltado do que **sabe?** ao plano interacional, mantendo ainda atuações mais ligadas com a categoria de origem.

6.2.2.2 VARIÁVEL COMPLEXA 2: CONFIGURAÇÃO DA ENTREVISTA

Caracterização e hipóteses

Essa variável complexa foi pensada como instrumental capaz de congregiar as três variáveis estilísticas acima descritas, nos permitindo uma visão mais global sobre a configuração de cada entrevista. Partimos da suposição de que entrevistas em que os interlocutores são mais próximos, o falante vai além do *script* e mostra-se envolvido/emocionado configuram-se como *mais próximas de conversa*. No outro polo estariam as *entrevistas nos moldes tradicionais*.

A fim de implementar a variável, foi necessário apenas atribuir pontuação para os fatores dos grupos *proatividade do falante* e *envolvimento emocional do falante*, já que o grupo *relação de proximidade entre os interlocutores* já apresentava resultado numérico resultante do somatório dos quatro critérios de proximidade considerados. A operacionalização da variável complexa é sintetizada no quadro abaixo:

Quadro16: Pontuação dos critérios que compõem a variável complexa *configuração da entrevista*

<p>Proatividade do falante 2 – Vai além do <i>script</i> 1 – Segue o <i>script</i></p>
<p>Envolvimento emocional do falante 2 – Emocionalmente envolvido/empolgado 1 – Neutro</p>
<p>Relação de proximidade entre os interlocutores Valor entre zero e dois, resultante do somatório dos quatro critérios de proximidade apresentados no quadro 15.</p>

O somatório geral dos pontos resulta em uma pontuação gradiente que oscila entre dois e cinco²⁶⁵ e nos informa se a entrevista está mais para conversa ou mais para os moldes tradicionais.

Nossa expectativa geral é que quanto mais a entrevista se aproxime de conversa, com maior envolvimento e menor grau de monitoramento, mais haverá o uso dos RADs. Nesse mesmo sentido, esperamos que **entendeu?** seja privilegiado quanto mais próxima a entrevista é de conversa, já que, nesse caso, sua atuação mais voltada ao *plano interacional* estaria em evidência.

Resultados e discussão

Nas primeiras rodadas procuramos apenas resolver os nocautes necessários sem juntar demais os fatores para manter o gradiente. Contudo, com esta configuração mais esmiuçada, a variável não foi selecionada, apesar de percebermos resultados bastante complementares em termos de frequência entre **entendeu?** e **sabe?**. Com olhar mais atento às frequências, vimos que as duas variantes apresentam comportamento bastante diferenciado entre os valores mais altos e mais baixos do gradiente: enquanto **sabe?** apresenta percentuais em torno de 60% para os valores de 2 a 3,5 na escala, os percentuais de **entendeu?** para os valores entre 4 e 5 ficam na casa dos 70%. Tal distribuição nos deu segurança para realizar amálgamas que resultaram em dois fatores para a variável, *entrevista mais próxima de conversa* e *entrevista nos moldes tradicionais*, levando o grupo a ser selecionado em terceiro lugar, como vemos na tabela abaixo:

Tabela 10: Influência da *variável complexa 2: configuração da entrevista* sobre o uso de **entendeu?** vs. **sabe?**

Variável complexa 2: configuração da entrevista	Ap/T	%	PR
Entrevista mais próxima de conversa	665/915	73	0,66
Entrevista nos moldes tradicionais	278/695	40	0,29
TOTAL	943/1.610	59	
	Input: .60		Sig.: .030
	3º selecionado		

Os resultados ratificam tanto nossa hipótese geral, já que os RADs são mais frequentes em *entrevistas próximas de conversa* (915

²⁶⁵ Nenhum dos informantes alcançou a pontuação máxima de seis.

ocorrências), quanto nossa expectativa com relação a **entendeu?**, já que a variante não só é favorecida em *entrevistas próximas de conversa* (0,66), como também é inibida em *entrevistas nos moldes tradicionais* (0,29).

Interessante notar que os resultados para a variável independente isolada *proatividade do falante* e para a variável complexa foram muito semelhantes, o que talvez esteja indicando o peso maior dessa variável isolada na composição da complexa. Ainda assim, consideramos que os resultados obtidos através da complexa, por reunirem ingredientes distintos envolvidos na situação da entrevista que convergem para o mesmo fim, sejam mais robustos e confiáveis.

Apesar de se tratar de mecanismo simples, a ideia por trás dessa variável está relacionada à aplicação de procedimento de análise multidimensional envolvendo aspectos estilísticos, na medida em que capta a relação com a audiência (*relação de proximidade entre interlocutores*) – sugerida como relevante por Bell na abordagem *Audience Design* (BELL, 1984) – e aspectos voltados ao grau de auto-monitoramento da fala (*proatividade do falante* e *envolvimento emocional do falante*) – que têm sido tratados por Labov (2001; 2008 [1978]) em termos de grau de atenção à fala na abordagem *Attention to Speech*. Vale salientar que o mecanismo que projetamos é aplicado à entrevista como um todo e não mede as diferenças estilísticas existentes na realização de cada dado dentro da entrevista.

Para captar as diferenças dentro da entrevista controlamos a variável *expressividade do trecho de ocorrência do RAD*, descrita a seguir. Além disso, as diferenças estilísticas internas à entrevista também foram de certa forma captadas através da variável *sequência textual*, na medida em que pesquisas têm constantemente relacionado variação estilística à variação de gênero ou de sequências textuais (como TAVARES, 2014).

Cabe assinalar ainda que duas das entrevistas que foram descartadas da análise por falta de dados, apresentavam-se praticamente fora do gênero entrevista: em uma delas, o informante 17 realiza uma pregação religiosa e, em outra, o informante 25 faz um discurso político. Nesses casos, em que o informante fala como se estivesse diante de uma plateia maior, desconsiderando a presença do entrevistador, nenhum dos RADs em análise foi encontrado.

6.2.2.3 EXPRESSIVIDADE DO TRECHO DE OCORRÊNCIA DO RAD

Controlamos essa variável com o intuito de verificar se haveria diferença de uso para os RADs a depender da expressividade do trecho em que o item se encontra: se *enfático*, se *neutro* ou se *atenuado*. Não só o RAD foi considerado, mas o trecho maior em que o item ocorre.

Acreditamos que esse tipo de controle é viável, embora nem sempre seja simples decidir no fluxo da fala onde há ênfase ou onde há atenuação, com objetividade. Interessante foi observar que, entre as 1.610 ocorrências, apenas seis foram marcadas em trecho de *atenuação* o que reforça a ideia de que os RADs atuam marcando relevo positivo e não negativo.

Por conta disso, foi feito amálgama entre trecho neutro e trecho atenuado, sendo que obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 11: Distribuição da variável *expressividade do trecho de ocorrência do RAD* entre **entendeu?** e **sabe?**

Expressividade do trecho de ocorrência do RAD	Entendeu?		Sabe?	
	Ap/T	%	Ap/T	%
Trecho neutro	400/688	58	288/688	42
Trecho com ênfase	543/922	59	379/922	41
TOTAL	943/1.610	59	667/1.610	41

Nossa hipótese geral, que foi atestada, era que os RADs fossem mais comuns em trechos com ênfase (922 ocorrências), pois, como elementos de focalização, são responsáveis por marcar relevo e tal marcação pode se dar através de vários recursos simultâneos: uso de marcadores, elevação de tom de voz, pausas, etc. (TRAVAGLIA, 2006). Com relação aos itens variantes, não tínhamos nenhuma hipótese específica e verificamos que não parece haver preferência por um ou outro RAD conforme a expressividade do trecho, o que é corroborado pelo fato desta variável não ter sido selecionada pelo programa estatístico.

6.2.2.4 MACROCATEGORIAS SOCIAIS

Como já detalhamos no capítulo 4, a composição de células sociais foi prejudicada pela própria configuração da amostra – que

reflete as diferenças geracionais de escolarização dentro da comunidade investigada – e pela ausência de RADs entre alguns informantes.

Mesmo assim, decidimos testar as variáveis sociais *sexo*, *idade* e *escolaridade* para observar a distribuição geral dos dados, mas a inclusão desses grupos de fatores nas análises binomiais mostrou-se problemática, alterando bastante os resultados para as outras variáveis quando entravam em interação, conforme já apontado.

Por essa razão, apresentamos, para essas três variáveis, apenas resultados em termos de frequência e percentagem:

Tabela 12: Distribuição das variáveis *idade*, *escolaridade* e *sexo* entre os RADs **entendeu?** e **sabe?**

Idade	Entendeu?		Sabe?	
	Ap/T	%	Ap/T	%
Jovens	331/847	36	536/847	64
Meia idade	501/536	93	35/536	7
Mais velhos	131/227	58	96/227	42
Escolaridade				
De zero a 4 anos	171/269	64	98/269	36
De 7 a 8 anos	380/595	64	215/595	36
Mais de 10 anos	392/746	53	354/746	47
Sexo				
Masculino	599/851	70	252/851	30
Feminino	344/759	45	415/759	55
TOTAL	943/1.610	59	667/1.610	41

É possível observar que em geral: a) os mais jovens usam mais RADs e o uso diminui em um gradiente até os mais velhos; b) quanto mais alta a escolarização, mais alto é o uso dos RADs; c) homens usam mais RADs do que mulheres.

Mas, afinal, o que esses resultados nos mostram? Acreditamos que os números relacionados à idade e escolaridade estejam apresentando um comportamento espelhado, pois, na amostra investigada, mais velhos sempre são menos escolarizados, enquanto jovens sempre são mais escolarizados. A diversificação de escolarização ocorre apenas entre os informantes da faixa intermediária. Se deixamos de lado os resultados para escolarização e observamos apenas a variável *idade*, notamos que há uma nítida preferência por **sabe?** entre os mais jovens, enquanto entre os de meia idade predomina o uso de **entendeu?**, principalmente da forma *entendesse?* (do total de 310 dados dessa

forma, 255 ocorrem nessa faixa etária). Vemos, portanto, que a variável *idade* pode estar indicando uma distribuição geracional para os RADs, mas parece haver também um componente identitário nessa questão e consideramos que as variáveis independentes extralinguísticas localmente pensadas para medir a identificação dos informantes com a cultura local – o que será abordado na seção seguinte – pode nos trazer resultados mais consistentes do que as macrocategorias sociais.

6.2.3 FECHANDO A SEÇÃO

Vimos nesta seção que os **RADs em geral** atuam predominantemente com *foco na opinião do falante* (313 ocorrências), *foco em comentário avaliativo* (527 ocorrências) e *foco em situação e em DDR* (577 ocorrências) e encontram-se preferencialmente inseridos em contextos de *sequenciação* e de *especificação* (938/1.610, o que corresponde a 58% dos casos). Tais atuações e contextos são os que julgávamos serem os mais prototípicos para esses itens, mantendo ainda certa força no plano interacional, mas já bastante voltados ao plano textual, cumprindo papel na organização discursiva.

Somando-se a isso o fato de se concentrarem em *grau intermediário de mudança categorial* (em 1.198 dos casos), os RADs, de modo geral, parecem estar em estágio intermediário de mudança, pois se por um lado perdem propriedades morfosintáticas de verbo (assumindo forma fixa) e distanciam-se da estratégia discursiva que lhes deu origem (não exigindo resposta); por outro lado apresentam-se pouco erodidos e com entonação leve de pergunta.

Vale notar ainda que essas partículas típicas da oralidade mostram-se mais frequentes com *forma plena* (em 1.327 das ocorrências), *entonação de pergunta* (em 1.454 das ocorrências), em contextos de *ausência de estímulos* (em 1.333 das ocorrências), associados a *pausa posterior* (em 603 das ocorrências) e em menor frequência a *pausa anterior* (em 427 das ocorrências), sendo seu uso predominante *entre orações* (1.256 ocorrências, ou seja, 78% dos dados em análise) e, dentro do gênero maior da entrevista, em sequências de *descrição/exposição/procedimento* (970 ocorrências, totalizando 60% dos casos).

Com relação à oposição das **formas derivadas de entender vs. as formas derivadas de saber**, corroborando nossas hipóteses, **entendeu?** é privilegiado com *foco pragmático* (0,82) e *na opinião do falante* (0,63) e em contextos de *contraste* (0,63) e de *conclusão/fechamento*

(0,58), enquanto **sabe?** predomina com uso inovador com *foco prospectivo* e em contexto de relações em níveis mais micro, como de *reparação/esclarecimento* (0,66).

Levando-se em consideração que **entendeu?** também mostra-se favorecido em graus de mudança que indicam *maior vínculo com a categoria de origem* (0,60), os resultados indicam que os RADs derivados de *entender* apresentam-se mais inclinados ao plano interacional e mantêm mais traços do item fonte, o que indica que estariam em estágio menos avançado de mudança em relação às formas derivadas de *saber*, mais inclinadas a atuações no plano textual.

Conforme nossas expectativas, **entendeu?** mostra-se fortemente inibido em situação de *apagamento de entonação de pergunta* (0,24) e favorecido com *estímulos posteriores* (0,61) e *respostas plenas* (0,64), o que reforça seu caráter interacional e sua maior ligação com o significado fonte. Também se apresenta levemente favorecido em sequências *argumentativas* (0,57) e frequente em sequências *dialogais*, além de ser muito mais usado em final de enunciado (71%) e em final de turno (65%), o que reforça nossa hipótese de que, em alguns contextos, este item ainda se encontre mais voltado ao interlocutor do que **sabe?**.

Cabe ainda mencionar que percebemos que alguns dos resultados que se mostraram contrários às nossas expectativas iniciais, como o uso frequente de **entendeu?** em posição *inicial* (em 20 das 31 ocorrências) e sua forte tendência a ocorrer com *forma reduzida* (0,79), estavam correlacionados a *entendesse?*, que apresentou comportamento destoante em alguns momentos, assemelhando-se a **sabe?**, o que é reforçado pelo seu uso bastante comum na atuação inovadora com *foco prospectivo*.

Com relação às variáveis extralinguísticas (sociais e estilísticas), é importante assinalar que, conforme esperávamos, as dificuldades relacionadas à composição de células sociais enviesou os resultados das variáveis *sexo*, *idade* e *escolaridade*, tornando-se necessário retirá-las das rodadas binomiais. Mesmo os resultados em termos de frequência bruta não se mostraram muito relevantes, cabendo destacar apenas a variável *idade*, já que os jovens dão preferência ao uso de **sabe?**.

Verificou-se que os **RAD em geral** são mais frequentes em *entrevistas próximas de conversa* (915 ocorrências), em momentos de maior interação e casualidade entre os interlocutores – quando os informantes vão *além do script* e estabelecem relação de *proximidade intermediária*. A mesma tendência foi observada com relação a **entendeu?**, já que a variante é favorecida em *entrevistas próximas de conversa* (0,66), o que reforça sua atuação no plano interacional.

6.3 VARIÁVEL DEPENDENTE 2 – MARCAS DE IDENTIDADE *VERSUS* FORMAS NEUTRAS: ENTRE O LOCAL E O GLOBAL

Ao opor formas que são tomadas como **marcas de identidade** vs. **formas neutras**²⁶⁶ procedemos a novas rodadas, como já explicitamos na metodologia e retomamos abaixo:

Rodada binomial - Variável dependente 2	
marcas de identidade (<i>entendesse?, sabes?, tás entendendo?</i>)	x neutras (<i>sabe?, entende?, entendeu? e tá entendendo?</i>)

Figura 21: Variável dependente 2 – **marcas de identidade** vs. **formas neutras**

A motivação para opor tais formas está associada a aspectos sociais, identitários e estilísticos, não havendo nenhuma expectativa ligada às variáveis linguísticas/discursivas que foram controladas e discutidas anteriormente. Sendo assim, nas rodadas para a *variável dependente 2 – marcas vs. neutras*, apenas os grupos de fatores extralinguísticos foram considerados.

Escolhemos **marcas de identidade** como a variante sobre a qual recai a “aplicação da regra”, buscando identificar as variáveis que favorecem o uso de RADs como índices de identidade. Novamente, após as rodadas binomiais, foi observado que a introdução dos grupos de fatores sociais *sexo, idade e escolaridade* enviesavam os resultados dos outros grupos no momento da interação estatística e optamos mais uma vez por excluí-los das rodadas.

Ficamos, dessa forma, com oito grupos de fatores para esta etapa da pesquisa: a) *relação de proximidade entre os interlocutores*; b) *proatividade do falante*; c) *envolvimento emocional do falante*; d) *variável complexa 2: configuração da entrevista*, e) *características da fala dos florianopolitanos*; f) *localismo/mobilidade*; g) *avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos*; h) *variável complexa 3 – grau de identificação com o local*.

²⁶⁶ Para simplificar o modo de referência às variáveis em oposição, em alguns momentos vamos apenas nos remeter a **marcas de identidade** vs. **formas neutras**.

Novamente, para evitar problemas de sobreposição, já que nesta etapa estamos lidando com duas variáveis complexas, cada uma delas composta por um conjunto de variáveis independentes isoladas, realizamos duas rodadas sendo que, quando uma das variáveis complexas era introduzida, as variáveis isoladas que a compõem eram excluídas. O quadro abaixo apresenta a ordem de seleção dos grupos de fatores incluídos nas duas rodadas binomiais feitas para a *variável dependente 2 – marcas vs. neutras*, das quais retiramos os resultados que são discutidos na presente seção:

Quadro17: Rodadas binomiais com a variável dependente 2 – **marcas de identidade vs. formas neutras**

Ordem de seleção	RODADA 1 – com a variável complexa 2 – configuração da entrevista e as três variáveis isoladas que compõem a variável complexa 3 Input: .07 Sig.: .000	RODADA 2 – com a variável complexa 3 – grau de identificação com o local e as três variáveis isoladas que compõem a variável complexa 2 Input: .39 Sig.: .030
1º	Características da fala dos florianopolitanos	Variável complexa 3: grau de identificação com o local
2º	Avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos	Proatividade do falante
3º	Variável complexa 2: configuração da entrevista	Relação de proximidade entre os interlocutores
4º	Localismo/mobilidade	Envolvimento emocional do falante

Esta seção se divide em duas subseções. Na primeira fazemos uma exposição das tensões culturais e de aspectos relacionados à construção de uma identidade local não só na Barra da Lagoa, mas em Florianópolis em geral. É também nesta primeira subseção que comentamos o status de alguns RADs, principalmente de *entendesse?*, como marca de identidade. A segunda subseção é destinada à caracterização e hipóteses das variáveis extralinguísticas que interessam para esta parte da análise, bem como para a apresentação e discussão dos resultados obtidos.

6.3.1 TENSÕES CULTURAIS E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL

A capital catarinense – que em um passado recente vira “Ilha da Magia” e passa a atrair inúmeros migrantes, em sua maioria vindos dos estados vizinhos do Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo (FANTIN, 2000) – ainda está em busca de sua identidade e vira palco de uma série de conflitos, também linguísticos, no decorrer dessa empreitada²⁶⁷.

As modificações na infraestrutura da cidade e a entrada de turistas e novos moradores, principalmente nos últimos anos, devido ao status midiático de “cidade com a melhor qualidade de vida do Brasil”, tiveram forte impacto na organização social de Florianópolis que é, atualmente, uma cidade de intensos contrastes. Moderna, com suas marinas movimentadas, casas noturnas, agitadas festas de verão e suntuosos empreendimentos turísticos, mas ao mesmo tempo provinciana, lugar onde a vida passa lentamente. Essa dicotomia entre o moderno e o tradicional, entre o desenvolvimento urbano e o resgate dos espaços de convivência da cidade, foi refletida no último embate político pela prefeitura da capital, em que o então candidato da direita tradicional posicionou-se contra a onda do progresso empresarial e a construção civil desenfreada e levantou a bandeira do retorno às origens e do resgate da identidade, vencendo a eleição. Não é possível precisar em que medida sua vitória se deu por conta do discurso do resgate da identidade, mas esse parece ser mais um indício de que os moradores da cidade, os nativos e os novos, querem encontrar a cara dessa nova Florianópolis, que não é mais aquela de vinte anos atrás.

Em diálogo com Hall (2005), a sociedade florianopolitana que existia até a década de 1970, hierarquicamente estruturada, vai aos poucos assumindo feições pós-modernas, tornando-se cada vez mais

²⁶⁷ Valle e Margotti (2013) procuraram identificar o que as respostas às questões metalinguísticas do ALiB (Projeto Atlas Linguístico do Brasil) poderiam revelar sobre a consciência, a atitude e a identidade linguística dos entrevistados e propõem a construção de um artefato metodológico capaz de medir/quantificar avaliações subjetivas. Os resultados para a variação regional evidenciam que Florianópolis apresenta índice de consciência linguística mais baixo (0.66) do que São Paulo (0.79) e Porto Alegre (0.87). Os florianopolitanos também são os que apresentam menor índice de consciência em relação às mudanças que ocorreram na língua (0.37), enquanto os porto-alegrenses obtêm o índice maior (0.87). Os autores assinalam que a diferença entre Florianópolis e Porto Alegre pode ser o reflexo da própria relação de identidade que os falantes dessas cidades têm com a língua e com o lugar onde vivem.

complexa, fragmentada e multifacetada, o que deságua em uma “crise de identidade”. Nas palavras de Pagotto:

A cidade vive uma guerra, com a superposição de dicotomias várias, que vão recobrando o processo de identificação. De fato, a grande questão para Florianópolis hoje é a da identidade. Cidade turística, cidade moderna, zona rural, vila de pescadores, cidade de funcionários públicos, paraíso perdido, ilha da magia, cidade de migrantes, pólo de herança açoriana no sul (PAGOTTO, 2001, p. 9).

O quadro descrito por Pagotto já é bastante desafiador a qualquer analista que queira seguir na empreitada de investigações sobre aspectos identitários, mas a situação é ainda mais complexa. Apesar de fazer uma primeira divisão clara entre nativos, novos moradores (os “de fora”) e turistas, Fantin (2000) aponta para a necessidade de relativização. Uma primeira ressalva a ser feita é que o termo nativo parece estar muito mais ligado aos moradores do interior da ilha do que àqueles da zona urbana. Outra questão a ser considerada é que não basta nascer na Ilha ou em uma de suas comunidades para ser considerado nativo. Os filhos florianopolitanos dos novos moradores não são considerados nativos e aqueles que nasceram em outras cidades ou estados, mas vieram ainda pequenos para a Ilha e estabeleceram fortes vínculos com a comunidade na qual se inseriram, podem, segundo Fantin (2000), chegar a ser ao *status* de nativos.

A autora pondera que esta última possibilidade é bem mais rara, principalmente para as pessoas que se estabelecem em comunidades pequenas do interior da Ilha, já que muitas delas apresentam-se mais fechadas. Isso não quer dizer que atualmente os novos moradores e os nativos não convivam – até porque entre a publicação do trabalho da autora e os dias atuais existe uma lacuna temporal de 14 anos em que mudanças profundas devem ter ocorrido –, mas é justo dizer que essa convivência ainda está em construção. Os moradores nativos mais velhos e os de faixa intermediária da Barra da Lagoa, entrevistados entre 2001 e 2010, mostram-se um pouco mais resistentes à convivência. É comum que tenham contato, mas também é frequente que muitos não estabeleçam relações sólidas de amizade com os novos moradores. Já as novas gerações estão nascendo em uma cidade tão multicultural que as

distinções entre os “de fora” e os “de dentro”²⁶⁸ podem já não fazer mais tanto sentido.

Mas as diferenças não são apenas geracionais. Todas essas tensões que vive a cidade – e que se tornam exacerbadas nas comunidades menores e até pouco tempo isoladas, como a Barra da Lagoa – são reflexo de um processo muito maior de identificação. Os indivíduos da pós-modernidade, mesmo em comunidades menores, apresentam-se plurais, assumindo identidades múltiplas e provisórias que são acionadas, conforme os sujeitos-agentes vão desempenhando seus vários papéis (Cf. HALL, 2005).

Impossível não fazer comparações entre a situação sociocultural da área não urbana de Florianópolis com a que Labov (2008 [1978]) descreve em Martha’s Vineyard. A Barra da Lagoa – comunidade originalmente pesqueira, que, há pouco tempo ainda isolada, passa a receber muitos turistas e moradores de fora – agora se apresenta envolvida em tensões sociais/culturais com implicações linguísticas semelhantes àquelas da ilha americana, porém existem diferenças importantes.

Em Martha’s as tensões se davam entre moradores nativos e turistas. Tal como na Barra da Lagoa, os moradores vineyardenses também saíam de suas casas para dar lugar aos veranistas, mas o que percebemos através dos relatos dos barrenses é que a relação com o turista de modo geral é muito mais de empatia do que de hostilidade. Cabe assinalar que nem todos pensam da mesma maneira e alguns informantes reclamam do turismo, como ilustramos nos trechos abaixo:

F: ...quando tá no verão::... tem uma época que cansa, **sabe?** e a gente tá cansa- eu tô cansada desses turista porque eu não sei se eu me encomodo aqui no consultório, né?... dá vontade de dizer assim “chega, acabou”, fechar a porta assim e não entrar ninguém, **sabe?** porque ah, eu não:: não gosto muito não.
(BARRA07FJ11:Faixa1-14:18, 14:26)

F: ...mas é bom, **sabe?** que aí tu conhece::... bastante gen::te, línguas diferen::tes, então é uma coisa::... boa, mas eu prefiro não... o não turismo
E: O não turismo.

²⁶⁸ Os termos “de fora” e “de dentro” são empregados por Fantin (2000) para se referir aos novos moradores e aos nativos, respectivamente.

F: Não, eu prefiro o mês (hes) de março, eu adoro, tipo assim a Barra eu adoro março até dezembro (est) e depois eu acho um saco... **tendesse?**(BARRA30MA11:Faixa1-18:44; 19:02)

Contudo, a grande maioria vê o turista como sua fonte de renda, como tábua de salvação diante da vida dura no mar e da escassez da pesca. Grande parte dos informantes entrevistados estavam envolvidos com atividades ligadas ao turismo, principalmente com o aluguel de casas, e a sensação geral ao ouvir as entrevistas é que o turista é celebrado, aguardado ansiosamente, não somente pelo dinheiro que faz girar a economia na comunidade, mas também porque os moradores nativos, conhecidos como cordiais e hospitaleiros, fazem questão de agradar aqueles que vêm – principalmente da Argentina, Uruguai, Rio Grande do Sul e São Paulo – estabelecendo muitas vezes fortes vínculos de amizade, como retratamos através dos trechos a seguir:

(Sobre como recebe os turistas em sua pousada)
A partir do momento que eu trago o turista pra minha pousada eu- eu- eu tenho eles como filhos, apesar de alguns ter até oitenta anos... mas é como se eu fosse a mãe porque eu tenho que tratar com muito carinho, com muita dedicação, muita perfeição e muito respeito porque se tu- se tu alugar uma pousada e tu não tiver tudo isso junto eles não são bem-vindos... **entendeu?** porque eles só são bem vindos a partir do momento que ele chegam até- a ti e vê o sorriso, se eles não encontrar sorriso, eles- se eles não encontrar- não ver em ti aquele confort::to, não de riqueza, não de poder, mas o conforto do carinho, o conforto do amor, ele não:: eles estão completamente perdidos.(BARRA19FA8-02:50)

(Sobre o contato com os turistas mesmo à distância)
Eu tenho sauda::de:: eu:: falo com eles, eu pago caríssimo o telefone durante o mês, eu falo com eles, eles me ligam dizendo que tão noivo, que tão vivendo com a noiva, é:: que tão é:: de lua de mel que vão passar uma quinzena de lua de mel aqui:: tá nascendo o bebê:: que foi feito aqui:: ou (hes) **entendeu?** (espanto e riso de E) tudo eles me comentam assim:: eles passam toda a vida deles

pra- pra mim:: durante o inverno... “eu tô indo, tô com sauda::de, preciso ir aí comer a tua comi::da” que eu faço comida às vezes pra eles assim (hes) (est) junto “e tenho gana de comer o teu camarã::o” que eu preparo o camarão que a gente pesca aqui na fren::te e:: “eu preciso te ver:: é:: vou te mandar fo::tos, quero que você me mande de aí que tenho gana de mirar lo Fula::no, Cicrano” **entendeu?** então são tudo, não é:: não é um turista, é um:: é- é um::... um coração familiar... que tu tem na argentina. (BARRA19FA8-23:10; 23:37)

A resistência ao turista que existe na Martha’s Vineyard retratada por Labov – principalmente nas áreas rurais da ilha alta como em Chilmark, onde a pesca tem papel importante na economia – pode ser comparada, nas comunidades menos urbanas de Florianópolis, às tensões entre moradores nativos e novos moradores. Como os moradores de Chilmark, que se sentem expropriados de sua própria terra, muitos barrenses, que se mostram extremamente receptivos aos turistas, mudam totalmente o discurso quando o tema é a vinda de novos moradores. Vários informantes atribuem a perda de identidade e cultura locais à entrada de novos fluxos populacionais:

(Sobre a tradição do terno de reis)

Ainda tem muita gente cantando terno de reis... no Rio Verme::lho canta, mas depois que pegou a vingar aí essa gente do Dazaranha e pegaram a vender os terreno pra lá, que fizeram aquelas-fizeram aquilo tudo pra lá, quer dizer que esse pessoal foi- foi se deixando mais, que o pessoal da cidade foi entrando, **sabe comé?** (est) quer dizer que eles foram saindo e o pessoal foi fazendo casa, quer dizer que hoje em dia é isso que tu tás vendo na Barra da Lagoa já mora mais gente de fora do que gente do lugar. (BARRA44MB5-22:26)

(Sobre a desvalorização do morador nativo)

F: Antes ele vivia numa comunidade onde todos dançavam a mesma música (est)... né? agora não, agora vem um que fala um pouquinho mais bonito, que fala umas palavrinhas que eu não entendo (est)... mas que eu digo “Sim” (est)... não

é verdade?... e que se acha- e que se acham superiores mesmo, que se acham superiores e que vêm e que moram aqui e que... e que algum evento algum movimento da comunidade é ele que tá lá ditando as normas (est)... é ele que tá lá ditando as normas... **sabe?** que aí:: daqui a pouquinho já é presidente da igreja, que já é presidente do colégio, que já é isso e aquilo (BARRA09FJS-47:12)

Como percebemos através da tônica do trecho acima, parece haver no bairro, entre muitos dos moradores nativos, uma sensação de invasão dos espaços, tanto físicos quanto culturais e de convivência comunitária, que algumas vezes pode culminar em atitudes xenofóbicas mais radicais, como ilustram os trechos abaixo:

E pior é assim, tu vem de fora, né? tu briga tipo comigo, o pessoal vai tudo em cima de ti porque todo mundo reunido assim a nossa galera, **sabe?**... então:: todo mundo bate, não quer saber. (BARRA07FJ11:Faixa1-11:44)

F: É tipo assim ó, tenho um vizinho aqui de Porto Alegre, tenho um vizinho de Curitiba... tenho um vizinho de Florianópolis... eles são um saco.

E: É mesmo?

F: É.

E: Incomodam [assim.]

F: [Incomodam] são uns pentelho como falam na gíria aqui.

E: É mesmo?

F: Chatos, chatos, desagradáveis.

E: (hes) mais por causa de barulho assim:: [que ele ficam-]

F: [É:: e::] esses cara são muito chato, são meio... porque eles tem um padrão de vida melhor:: aquela coisa, então- então eles querem chegar aqui e achar que vão mandar:: só que eles se dão mal, **entendesse?**... porque aqui a Barra é até um- um tom ilhéu ainda, né? [que é os nativo... então]

E: [Ah, sim. A maioria?]

F: É... e aqui é o seguinte, bobou o bambu canta nas costa como eu tô falando, **entendeu?** (risos de E e F)... aqui é bem assim, bobou o bambu canta

nas costa, então os cara no começo chegam assim achando que são o dono, aquela coisa, mas aí eles sentem o clima da coisa, então eles:: baixam a poeira. (BARRA30MA11:Faixa1-20:50; 21:01)

Essa não é uma sensação geral e não se aplica a todos os nativos. Como vamos ver na subseção 6.3.2.2, há diferenças de opiniões sobre os novos moradores, bem como de contato/vínculo entre nativos e não nativos, o que parece ser importante para aproximação ou distanciamento de uma cultura local. Apesar das tensões no bairro não parecerem estar diretamente relacionadas com os turistas, a expansão dessa atividade pode, em certa medida, ter provocado entre muitos dos moradores nativos uma abertura maior em relação ao não nativo de modo geral, à sua cultura, à sua língua. Blake e Josey (2003), que retornam a Martha's Vineyard 40 anos depois de Labov, verificam que a expansão socioeconômica da ilha modificou a forte ligação dos moradores nativos com a cultura de tradição, aproximando nativos e turistas e produzindo reflexos também linguísticos, já que a centralização do ditongo /ay/ teria sido suavizada.

Paralelamente aos embates entre nativos e novos moradores em Florianópolis, têm surgido, nos últimos anos, movimentos de resgate das tradições e identidade locais, mas, diferente do caso da Martha's, tal movimento não tem origem direta na população nativa como reflexo de resistência aos de fora. Parece tratar-se de atitude muito mais política e institucionalizada, ligada a organizações de difusão cultural e à mídia e que se relaciona diretamente com os interesses turísticos da cidade, a qual precisa oferecer muito mais do que belas praias, fazendo com que a retomada das tradições locais, em certa medida, também se constitua como produto do turismo (LEAL, 2007). Isso também é sentido pelos moradores da Barra da Lagoa:

(Sobre o orgulho de ser manezinho)

F: “Eu sou manezinho porque eu nasci aqui... o lugar que hoje você vem morar vem morar (est)... mas tu não é daqui”... tanto é que as pessoas que vêm morar aqui vêm aqui, ficam dois dias “eu sou manezinho da Ilha” (est)... “Ah, agora eu sou manezinho, tô morando aqui”... Não:: essa coisa não é bem assim... tu nasceu aqui e agora é motivo de orgulho por- por causa até mesmo do turismo (est)... tem- tem a::... eu acho que existe a ligação por isso... (E: Claro.) **sabe?** porque

despertou a (hes) a ilha (hes) de Florianópolis pela- pelo turismo e pelo turismo houve a valo-valorização dela... e pela valorização houve a valo- valorização do manezinho, do povo... então o- o que era antes um- uma ofensa “Ô seu manezinho, vai embora”... né? não... agora não, agora é motivo de orgulho “Eu sou manezinho” (est)... **sabe?** o Guga veio fa- só veio a- a::

E: A reforçar, né?

F: A reforçar essa situ- essa situação, mas eu acho que já antes dele mesmo já- já houve a valorização da palavra manezinho. (BARRA09FJS-55:33; 55:52)

Movimentos midiáticos, a instituição de prêmios como o Troféu Aldírio Simões²⁶⁹ e a visibilidade de ídolos locais, como é o caso do tenista Guga Kuerten, dão força a esse movimento de retomada de uma cultura de base açoriana, mas autóctone, que se configura localmente a partir de tradições e vivências dos antigos moradores nativos e culmina na progressiva mudança do significado social do termo “manezinho da Ilha” que, antes pejorativo, passa a ser usado como motivo de orgulho e modo de identificação com o local (LEAL, 2007). O que também é sentido e relatado entre os nativos da Barra:

Tu vê, quando falava o manezinho da Ilha, no caso, né? quando falava em manezinho da Ilha na minha época, eu me lembro, é:: era assim ó, a gente era:: ficava lá embaixo (est) **não tem?** era manezinho mesmo (est) né? eles faziam até:: chacota da gente (est). Diziam que a gente, vamos supor, morava na Barra da Lagoa eles riam da cara da gente e hoje em dia se tu falar isso, nossa, tu fica lá em cima (est). Manezinho da Ilha hoje é uma pessoa que fica lá em cima (est), né? e antigamente não. (BARRA21FA8:Faixa70-00:19)

Tais movimentos de valorização da tradição local e da figura do “manezinho”, mesmo que muitas vezes construídos a partir de uma

²⁶⁹ Premiação também conhecida como “Troféu Manezinho da Ilha” que homenageia ao falecido comunicador e carnavalesco Aldírio Simões (que ficou reconhecido na cidade pela defesa das tradições locais) e é dado anualmente a personalidades emblemáticas da cidade que representam e/ou estão envolvidas com a cultura local.

visão estereotipada, acabam tendo grandes reflexos entre os moradores nativos, que parecem se deslocar de uma atitude de inferioridade e submissão à cultura alheia²⁷⁰, para uma atitude de defesa de uma identidade local, mesmo que ainda híbrida:

(Sobre os moradores de fora)

F: Tipo assim... eu:: a::cho que é legal isso, **sabe?** tu ter contato com outras pessoas de outros lugares... de o- que tem uma cultura totalmente diferente da tua e uma das coisas que eu acho mais bacana na é assim:: de que- com tudo isso, com todas essas pessoas de fora a Barra não perdeu a identidade dela.

E: Cê acha que não interferiu?

F: Não interferiu, porque os pescadores continuam a mesma coi::as, aquele falar manezi::nho canta::do continua a mesma coisa, até o meu marido fala um monte porque às vezes quando eu vou falar com pessoas mais velhas assim... eu vou na mesma linha, **sabe?**

E: Como assim?

F: Tipo assim, tem uma senhora que a gente se dá muito bem, o marido dela é pescador e ela se criou assim também... então ela me chama de ‘cumadi’... né? e o certo é comadre, né?... aí:: ela fica ((acelera e muda totalmente o modo de falar)) “Ô cumadi, tu não vai lá?” eu digo ((idem anterior)) “Não, não, cumadi Fulana, agora eu não vou, vou mais depois, ah:: fica aí:: sua faladeira” **sabe?** [...] é uma coisa bem doida, a gente se dá super bem assim:: e a Barra não perdeu isso... existem essas pessoas que continuam falando manézinho... **sabe?** o mesmo ritmo. (BARRA08FJS-52:53; 53,23; 53:42; 54:17)

²⁷⁰ Valle e Margotti (2013) observam que os informantes de Florianópolis entrevistados para o ALIB que emitem opinião sobre sua variedade de fala (3 informantes) julgam-na inferior ou menos “correta” que outras variedades. Apenas um falante em Curitiba faz um julgamento negativo de sua variedade. Os demais falantes julgam sua variedade superior ou neutra, sendo Porto Alegre a capital onde há o maior número de falantes que julgam sua variedade “mais correta” do que outras (4 informantes).

A dicotomia envolvida no termo “manezinho”²⁷¹ parece retratar bem as dicotomias relacionadas ao processo de identificação com uma cultura local que obviamente também é perpassada por aspectos linguísticos. Parece existir uma tensão, principalmente entre nativos e novos moradores, que, segundo Pagotto (2001), provoca um movimento que oscila entre aproximação – os nativos se aproximam dos não nativos por uma espécie de admiração do outro e da fala do outro – e repúdio ao outro e, por extensão, à fala do outro, com a busca de preservação da sua identidade e da sua própria fala (PAGOTTO, 2001).

A partir das considerações que tecemos e dos movimentos que, segundo Hall (2005), surgem com a globalização e dissolução de fronteiras (já mencionados na seção 3.2.4), nos fazemos os seguintes questionamentos: Estaria a Barra da Lagoa já submetida a uma cultura homogeneizada e global? Estariam os moradores nativos reforçando a identidade local em resistência às influências externas? Ou, em última análise, haveria na Barra da Lagoa um processo de hibridização cultural?

Não é objetivo desta tese o esquadrinhamento da problemática cultural na comunidade da Barra da Lagoa, mas acreditamos que podemos pensar que o uso dos RADs e seu controle através de variáveis sociais pensadas localmente, podem nos dar pistas sobre a postura dos moradores e, nos remetendo aos interesses mais atuais de Labov (2010), sobre como fatores culturais de natureza mais ampla, independentes da interação face a face, podem atuar sobre o uso e a mudança das formas linguísticas.

6.3.1.1 ENTENDESSE? E OUTROS RADS COMO MARCA DE IDENTIDADE

Ao que parece, alguns MDs têm o potencial de caracterizar identidades e/ou indivíduos²⁷². Como já ilustramos na subseção 2.2.1.3,

²⁷¹ O termo “manezinho”, segundo Fantin (2000), é ambíguo e contraditório. Por um lado, é carregado de valor positivo, representa o nativo ilhéu que está ligado às tradições da cidade, sendo considerado como seu legítimo representante. Por outro lado, veiculando sentido pejorativo, costumava ser usado, e por vezes ainda é, como um insulto aos moradores nativos do interior da ilha.

²⁷² Interessante é o fato de que alguns RADs têm sido usados para caracterizar personagens em algumas novelas e também para compor a caracterização de alguns humoristas. Para citar alguns exemplos: na novela Torre de Babel,

o humorista Alceu Ramos Conceição, que interpreta *Odilho, Manezinho da Ilha*, em show de comédia em Florianópolis e região, representando um típico morador mais velho do interior da Ilha, faz uso frequente de *não tem?* tanto na modalidade oral quanto na escrita, em seus *causos* postados em página de rede social. *Darci*, personagem interpretado pelo ator e cantor Moriel Costa em shows de *stand up comedy*, também em Florianópolis e região, faz uso frequente de *tendesse?* para caracterizar o falar ilhéu e nos leva a crer que esse seja um item usado pelos moradores nativos como marca característica.

Contudo, os usos feitos pelos humoristas – como alerta Lacerda (2013) ao analisar a construção linguístico-discursiva do “manezinho da ilha” feita por Moriel em suas participações em rádio local e em shows de comédia – nem sempre retratam o uso efetivo dos falantes. Sendo assim, nos cercamos de outras evidências de que *entendesse?* é visto como traço da fala do florianopolitano, através: a) de conversas informais com florianopolitanos; b) da observação da recorrência desse item em blogs locais sobre futebol e do reconhecimento explícito destes RADs como marcas locais em meios de comunicação, dicionários de expressões locais e *sites* de apelo local²⁷³.

Todas as evidências nos sugerem que, no geral, *entendesse?* pode ser tomado, a partir do conceito de indexicalidade de Silverstein (2003 *apud* ECKERT, 2008), como um *indicador*, índice de primeira ordem que indexa membros em uma comunidade. Isso não significa dizer que *entendesse?*, isoladamente, seja responsável por identificar falantes florianopolitanos ou não, pois há de se considerar que: i) vários traços de identidade, apenas quando tomados coletivamente, produzem efetivamente identificação (Cf. SEVERO; NUNES DE SOUZA, a sair); ii) *entendesse?* não se constitui como marca exclusiva do falar ilhéu, sendo também associado à fala de outras comunidade em conjunto com outros traços.

exibida em 1998 pela Rede Globo, há um personagem que usa *percebe?* de forma muito recorrente e passou a ser chamado de *percebe* pelos demais personagens da trama; na novela Avenida Brasil, exibida em 2012 pela Rede Globo, o personagem *Leleco* costumava usar *entendeu?* de forma recorrente para caracterizar o tipo *malandro carioca*; em 2002, a humorista Heloísa Perissé recorria ao uso frequente de *tá ligado?* para caracterizar a fala de uma adolescente que interpretava em quadro do programa Fantástico; vários humoristas e imitadores recorrem ao uso exagerado de *entende?* para caracterizar a fala de Pelé.

²⁷³ No anexo 3, compilamos um apanhado de recortes de dicionários virtuais, sites e blogs que fazem referência à forma *entendesse?*

O que estamos considerando é que *entendesse?*, em contraste com formas como *sabe?*, *entende?*, *entendeu?* e *tá entendendo?*, pode ser tomado como marca que, em conjunto com outros traços, tem potencial de caracterizar o falar do nativo de Florianópolis. Consideramos também que as formas *sabes?* e *tás entendendo?*, apesar de não serem reconhecidas como marcas evidentes da variedade local, podem ser tomadas em conjunto com *entendesse?*, opondo-se às demais formas neutras, por sua marca de concordância em P2 e pela pronúncia geralmente palatalizada do segmento final.

Cabe assinalar o uso constante e especial de *entendesse?* na página de rede social “Os manezinho pira”. Criada em 2012 com o objetivo de promover a cultura local e defender os interesses da comunidade florianopolitana, a página costuma postar memes divertidos que retratam aspectos culturais e linguísticos locais. Nessa página é dado destaque ao uso de *entendesse?* mais do que a qualquer outro item, como vemos nas figuras abaixo:

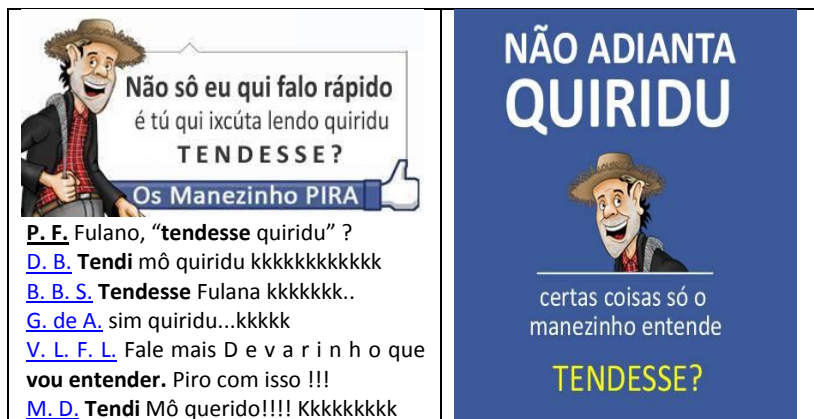


Figura 22: Memes com dados de *tendesse?*

Fonte: OsManezinhoPIRA (2012)

Normalmente o item é colocado no final de enunciados, parecendo cumprir duas funções principais: a) como elemento de interação com o leitor, já que o uso desse tipo de rede social prevê essencialmente a interação; b) para marcar a identidade compartilhada, como se a mensagem para o leitor fosse, de fato: “Só tu, que compartilhas dessa cultura comigo e entendes inclusive o que *tendesse?* significa, sabes do que estou falando”. A atitude responsiva de muitos internautas, retratada no quadro da esquerda da figura 22, contribui

ainda mais para delinear essa atuação que parece estar para além do plano da identificação com a cultura local. Nesse caso, consideramos que *entendesse?*, associado à avaliação social da comunidade e usado para expressar o posicionamento dos indivíduos sobre a valorização de uma cultura local, adquire um componente ideológico e, de acordo com a noção de Silverstein (2003 *apud* ECKERT, 2008) poderia ser tomado como um *marcador*.

Apesar de notarmos o uso especial nesse tipo de contexto, não consideramos possível identificar nas entrevistas de nossa amostra até que ponto *entendesse?* e as outras marcas consideradas são *indicadores* ou *marcadores*. Para os fins desta tese, nos basta saber que esses itens, em especial *entendesse?*, são identificados como marcas de um falar local e que, em conjunto com outras marcas, constituem variedade/identidade florianopolitana, em relação à qual os indivíduos realizam movimentos de aproximação e distanciamento.

6.3.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS VOLTADAS A ASPECTOS ESTILÍSTICOS E IDENTITÁRIOS

Inicialmente vale assinalar que foram encontradas 347 ocorrências de formas que estamos considerando com marcas de identidade na amostra da Barra da Lagoa, sendo 303 de *entendesse?*, 37 de *tás entendendo?* e sete de *sabes ?*, número bastante pequeno se relacionado com o conjunto total de 1.610 RADs analisados.

Para lidar com aspectos identitários e estilísticos em uma visão multidimensional é necessário pensar em variáveis aplicáveis às especificidades da comunidade e da amostra em jogo. Na seção anterior já descrevemos o controle feito a partir de variáveis voltadas para a configuração das entrevistas sociolinguísticas, que, somadas, resultaram na variável complexa 2. Na próxima subseção, voltamos a tomar essa variável (tanto as independentes isoladas, como a variável complexa 2), partindo de novas hipóteses e discutindo os resultados em um mesmo bloco. Em seguida, caracterizamos e lançamos hipóteses para as variáveis independentes isoladas que compõem a *variável complexa 3: grau de identificação com o local* e apresentamos os resultados e discussão. Por fim, apresentamos o processo de construção da *variável complexa 3: grau de identificação com o local* e os resultados e discussões concernentes a ela.

6.3.2.1 VARIÁVEL COMPLEXA 2: CONFIGURAÇÃO DA ENTREVISTA

Em relação à variável dependente 2, esperamos que formas que se constituem como **marcas de identidade** sejam privilegiadas em *entrevista mais próxima de conversa*, supondo que quando o falante se sente mais à vontade e monitora menos sua fala, o uso de **marcas de identidade** é mais comum do que em contextos de fala mais monitorados.

Também acreditamos que, quando o falante mostra-se *proativo indo além do script*, apresenta-se *emocionalmente envolvido/empolgado* e há *proximidade maior* entre os interlocutores, o uso de **marcas de identidade** seja favorecido. Vejamos na tabela abaixo os resultados:

Tabela 13: Influência das variáveis *proatividade do falante, relação de proximidade entre os interlocutores e envolvimento emocional do falante* sobre o uso de **marcas de identidade vs. formas neutras**

Proatividade do falante	Ap/T	%	PR
2° selecionado			
Segue o <i>script</i>	116/695	17	0,70
Vai além do <i>script</i>	231/915	25	0,33
Relação de proximidade			
3° selecionado			
Proximidade maior	29/268	11	0,73
Proximidade intermediária	146/929	16	0,46
Distanciamento	172/413	42	0,40
Envolvimento emocional do falante			
4° selecionado			
Emocionalmente envolvido/empolgado	204/729	28	0,62
Neutro	143/881	16	0,39
TOTAL	347/1.610	22	
	Input: .69		Sig.: .001

Vemos na tabela acima que os resultados para a variável isolada *proatividade do falante* revelam, a princípio, inconsistência com as hipóteses levantadas. Nesse caso, apesar da variável ter sido selecionada, os resultados indicam que **marcas de identidade** são privilegiadas quando o informante *segue o script* (0,70). Surpreende que o resultado seja tão diferenciado do resultado geral para a variável complexa (cf. Tabela 14) – até mesmo porque os resultados em termos percentuais para os dois fatores da variável *proatividade do falante* parecem não justificar a grande diferença em termos de peso relativo –,

mas talvez isso se explique pelos resultados associados às outras duas variáveis. Notamos, quanto à *relação de proximidade entre os interlocutores*, que o fator *proximidade maior* teve um peso mais alto, favorecendo fortemente a aplicação de **marcas** (0,73). Já imaginávamos tal comportamento, pois o uso de marcas de identidade é mais comum dentro de grupos mais coesos e entre pares (ECKERT, 2001; 2004). Também a variável *envolvimento emocional do falante* foi selecionada pelo pacote estatístico, se mostrando fortemente favorecedora de **marcas** (0,62) em relação ao fator *emocionalmente envolvido/empolgado*.

Cabe salientar que para a oposição **marcas de identidade vs. formas neutras**, as variáveis *envolvimento emocional* e *proximidade entre os interlocutores* parecem ser mais relevantes do que o fato de o falante ir *além do script*, o que foi observado ao analisarmos mais atentamente os níveis de interação nas rodadas estatísticas. Pudemos perceber que os resultados para *proatividade* somente se tornam polarizados quando entram em interação com os outros dois grupos de fatores que compõem a variável complexa 2.

Vejam os resultados para a *variável complexa 2: configuração da entrevista*:

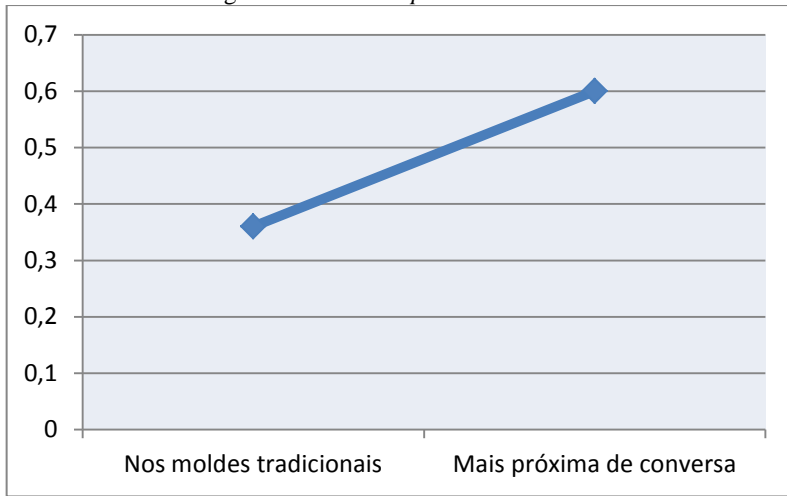
Tabela 14: Influência da *variável complexa 2: configuração da entrevista* sobre o uso de **marcas de identidade vs. formas neutras**

Variável complexa 2: configuração da entrevista	Ap/T	%	PR
Entrevista mais próxima de conversa	231/915	25	0,60
Entrevista nos moldes tradicionais	116/695	17	0,36
TOTAL	347/1.610	22	
	Input: .07		Sig.: .000
	3°. Selecionado		

Essa variável foi a terceira selecionada pelo programa estatístico, quando testada junto às variáveis isoladas que compõem a *variável complexa 3* (cf. resultado apontado no Quadro 17). Como podemos notar a partir da observação da tabela acima, **marcas de identidade** são favorecidas em *entrevistas mais próximas de conversa* (0,60), resultado que se assemelha bastante ao obtido na seção anterior para a oposição **entendeu? vs. sabe?**, em relação à influência dessa mesma variável complexa. Esse resultado pode estar indicando a existência de certo controle no uso dessas formas em contextos de maior formalidade e maior grau de automonitoramento. O gráfico a seguir (gerado a partir

dos pesos relativos) ilustra melhor o comportamento das **marcas de identidade** nessa variável:

Gráfico 4: Favorecimento de **marcas de identidade** em entrevistas que se configuram como *mais próximas de conversa*



O fato dos resultados, mesmo diante da inversão percebida para a variável isolada *proatividade do falante*, terem se mantido coerentes com os resultados em termos de frequência bruta – confirmando nossas hipóteses – ressalta a robustez da variável complexa que, unindo variáveis independentes isoladas que partem de uma hipótese comum, é capaz de equacionar possíveis distorções.

6.3.2.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES ISOLADAS QUE COMPÕEM A VARIÁVEL COMPLEXA 3: GRAU DE IDENTIFICAÇÃO COM O LOCAL

Levamos em consideração na presente tese que, sendo o significado social das formas linguísticas múltiplo e localmente negociado, é necessário repensar as macrocategorias sociais mais gerais que correlacionamos às variáveis dependentes em análise, dando maior peso a variáveis pensadas a partir da configuração particular da comunidade investigada e dos conflitos sociais e identitários que dela emergem (ECKERT, 2004; MAY, 2010).

Esta subseção é destinada à caracterização e hipóteses relativas às variáveis independentes isoladas *características da fala dos*

florianopolitanos, localismo/mobilidade e avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos que, tomadas em conjunto, compõem a *variável complexa 3: grau de identificação com o local*. Depois de caracterizadas as variáveis individuais, apresentamos os resultados para os três grupos a partir de uma tabela única.

CARACTERÍSTICAS DA FALA DOS FLORIANOPOLITANOS

Essa variável, apesar de ser controlada como isolada, é, em certa medida, complexa em sua constituição, já que apresenta resultado numérico escalar depreendido do somatório de valores atribuídos a características da fala dos florianopolitanos. A partir do apanhado de traços linguísticos do “manezês” feito por Severo e Nunes de Souza (a sair), selecionamos algumas características que julgamos mais salientes e de fácil observação na amostra investigada: a) prosódia aguda ascendente e velocidade acelerada de fala (Cf. PAGOTTO, 2001), além de expressões e itens lexicais considerados como típicos (como, por exemplo, *dar a bença, inticou com a bruxa, cumadre, catraia, ãh...ãh, eh...eh, bobeou o bambu canta nas costa, olholhó*); b) palatalização da consoante fricativa alveolar não morfêmica em posição de coda (como em *fe[l]ta* e *me[ʒ]mo*) (Cf. BRESCANCINI, 1996); c) realização das oclusivas alveolares não africadas diante de /i/ (como em *tia* e *dia*) (Cf. PAGOTTO, 2001).

Alguns desses traços são citados pelos moradores da Barra da Lagoa, como ilustramos através dos trechos abaixo:

(139) E: Por que que cê disse que o manezinho:: fala a língua daqui assim?
Por quê?

F: Assim, sempre puxando o êsse, **sabe?**... é:: ele::

E: Como assim puxando o êsse? (BARRA14MJ11:Faixa2-28:27)

(140) F: É, muitas pessoas daqui:: acho que falam diferente pra:: (hes) eles acham feio acho falar a língua daqui (est), mas pra mim não, pra mim é normal, tanto aqui quanto outro lugar... (est), sempre vou falar o que eu- a minha língua, né?... que é a:: puxando o é::sse... fala- é:: “Tás maluco, tu. Tás doido, é? Tu tás é maluco.” Bem assim mesmo essa coisa de bem ma- manezinho... (est) **sabe?**... (BARRA14MJ11:Faixa2-30:00; 30:08)

Tomando as três características elencadas acima, atribuímos pontuação mais alta (1 ponto) para as realizações dos traços tipicamente locais e mais baixa (0, 5 ou zero) para aquelas que se distanciam das realizações consideradas características, o que resulta em um somatório em que zero é o grau mínimo de traços e três é o grau máximo, como sintetizamos no quadro abaixo:

Quadro 18: Pontuação dos traços que compõem a variável *características da fala dos florianopolitanos*

	Velocidade de fala, prosódia característica e escolhas lexicais
1	Fala acelerada e/ou prosódia característica (aguda e com uma curva ascendente no final da frase) e/ou uso considerável de expressões ou escolhas lexicais típicas.
0	Fala sem aceleração evidente, sem prosódia característica e pouco ou nenhum uso de expressões ou escolhas lexicais típicas.
	Palatalização da consoante fricativa alveolar não morfêmica em posição de coda
1	Preferência pela palatal - como em <i>fe[ʃ]ta</i> e <i>me[z]mo</i>
0,5	Alternância entre palatal e outras realizações
0	Preferência por outras realizações – como a coronal anterior (como em <i>fe[s]ta</i> e <i>me[z]mo</i>) e em menor proporção a aspiração e o apagamento
	Realização das oclusivas alveolares diante de /i/ (como em <i>tia</i> e <i>dia</i>)
1	Preferência pela não africada [t, d] e/ou pela africada não palatal [ts, dz]
0,5	Alterna não africada e/ou africada não palatal com africada palatal
0	Preferência pela africada palatal [tʃ, dʒ]

Importante salientar que a avaliação e a tomada de decisão a respeito das características da fala dos informantes foram feitas a partir da audição atenta no momento do mapeamento, em que anotávamos nossas impressões gerais sobre a entrevista. Também cabe informar que: a) a primeira característica envolve três tipos de traços (velocidade, prosódia e escolhas lexicais) e foi pensada assim porque há informantes que apresentam um e não outro – o informante que apresentasse dois traços, por exemplo, velocidade de fala acelerada e prosódia característica, recebia pontuação máxima; b) consideramos tanto a realização da oclusiva alveolar não africada [t, d] quanto a africada não palatal [ts, dz] como marcas características, já que o segundo tipo de

realização é comum entre jovens e informantes de meia idade que fazem uso dos demais traços.

Nossa hipótese para essa variável é que os RADs que tomamos como **marcas de identidade** sejam favorecidos entre informantes que apresentem mais características da fala dos florianopolitanos, pois estariam, nesse caso, compondo um conjunto de traços que, somados, representam um falar local.

LOCALISMO/MOBILIDADE

Integrando as variáveis *localismo* e *mobilidade* (que são tratadas separadamente por Monguilhott (2009) e Davet (2013), entre outros), partimos do pressuposto de que indivíduos com menos mobilidade, que se identificam com a localidade e que participam de atividades mais integradas à comunidade, apresentem maior uso de traços linguísticos locais; enquanto indivíduos com maior mobilidade, menos apego à comunidade e que participem de atividades voltadas para fora da comunidade, façam menor uso das marcas locais.

Essa variável, assim como a anterior, também apresenta resultado numérico escalar depreendido do somatório de valores atribuídos a três critérios relacionados a localismo e mobilidade: *mobilidade e abertura para fora dos limites da comunidade, participação/apego à comunidade e atividades exercidas pelo informante e/ou pelos seus familiares*.

O primeiro critério, *mobilidade e abertura para fora dos limites da comunidade*, diz respeito à saída física do bairro para circulação no centro urbano ou para viajar a outras cidades ou estados. Na amostra, por exemplo, há informantes que vão com frequência ao centro de Florianópolis para fazer compras, trabalhar, estudar, e outros passam a maior parte do tempo no bairro, como é o caso da informante 04, que mesmo tendo a opção de estudar no centro, preferiu ficar no bairro e exerce praticamente todas as suas atividades, inclusive de lazer, na localidade:

- (141) F: Como o ano passado teve- foi proposta pra mim e pra uma outra menina que trabalhava comigo, inclusive ela foi e eu assim “não eu vou preferir ficar aqui” (hes) eu ganhava passagem de ônibus, eu... **sabe?** ganhava tudo... pra- a minha patroa ia pagar, só porque:: pra mim passar pelo colé- Coração de Jesus e pegar o menino dela.

E: [Ah, tá]

F: [Eu assim] “não, não, eu prefiro ficar aqui na Ba:rra porque... vai ficar meio contratempo pra mim também”... acabei ficando, a outra menina foi. (BARRA04FJ9:Faixa1-26:04)

Além da saída física do bairro, com base em Hall (2005) e Coupland (2007), consideramos que nos tempos pós-modernos as saídas para fora dos limites da comunidade também podem se dar virtualmente, através do acesso às mídias em geral e à internet. Sendo assim, informantes que se mostravam muito conectados a esses meios de comunicação ou mesmo muito bem informados e interessados sobre assuntos externos à comunidade, receberam pontuação intermediária. A título de ilustração, o informante 43 (homem de 80 anos), uma das figuras mais emblemáticas da comunidade, que não sai muito, mas é chamado às vezes para dar entrevistas ou palestras sobre a cultura local e tem ideias muito arejadas sobre o mundo moderno, recebeu pontuação intermediária. Enfim, a noção aplicada a esse critério é que informantes que apresentam menor mobilidade recebam pontuação maior, pois estariam mais integrados ao local, enquanto informantes que apresentam mobilidade maior e, portanto, menos vínculo local, receberiam pontuação menor por estarem menos integrados.

O segundo critério, *participação/apego à comunidade*, busca medir a participação dos informantes na igreja, nas associações locais, em festividades do local, em atividades como surfe e pesca, além de abarcar as manifestações avaliativas sobre o bairro e/ou sobre a identidade local (por exemplo, avaliações sobre o termo “manezinho”) – como ilustramos nos trechos abaixo em que há, em sequência, informação sobre participação na igreja, avaliação sobre grande apego à comunidade, avaliação positiva sobre o termo “manezinho”, avaliação positiva sobre o bairro e manifestação de vontade de sair do bairro:

(142) (Sobre a participação do Grupo Jovem na comunidade)

Então:: ele participou de várias coisas, eu não sei assim que... mais na comunida::de... **sabe?** dentro da igre::ja... dentro do Conselho Comunitário atuou bastante também ((est))... é:: catequese, foi por ela- foi pelo grupo jovem que eu comecei (est) a dar catequese na-na... aqui na igreja (BARRA09FJS-21:10)

(143) (Sobre o apego que tem à família e à comunidade)

Eu sofro um mon::te quando eu saio pra viajar (est)... por- por trabalho ou por estudo ou por::... pra namorar, (est)... **sabe?** eu sofro muito, eu saio... e quando eu tô saindo eu tô pensando na minha volta. (BARRA09FJS-37:58)

(144) F: É... então eu acho que:: manezinho é isso, **entendeu?** é... tu morar num lugar, tu cultivar as raízes desse lugar e te orgulhar de ser... o manezinho, **entendeu?**

E: E você se considera?

F: Eu sou. (BARRA04FJ9:Faixa2-14:55; 15:03)

(145) (Sobre seu apego pelo lugar onde mora)

Aqui eu tô em casa, né? aqui eu me dou com todo mundo, com a população... **tendesse?** (hes) Sair daqui pra onde? Morar no Centro que é mais movimentado, que é mais- ah, então aqui não, aqui eu tô mais tranquilo com a família, que (hes) que é uma excelente família, então eu vivo tranqui::lo... **tendesse?** aqui eu vou ali:: falo com os pes- pescadores, tô aqui vou na minha mãe que mora perto da praia, falo com um amigo, falo com outro, jogo um dominó, um baralho, que fica passando o dia até o outro dia do- dormir pra ir trabalhar, né? (BARRA27MA8:Faixa2-26:13; 26:24)

(146) E: Tu gosta de morar aqui ou você gostaria de morar em outro lugar?

F: Eu gosto, mas na verdade assim ó, não é por ser a Barra... mas é que é família, não- acho que não dá certo, e- na minha opinião eu moraria longe, **entendeu?** mas não por ser a Barra, porque eu gosto daqui, é um lugar sossegado, tranquilo, pacato assim né? difícil tu vê::... tu morar num lugar que tu sai de casa e deixa tudo aberto... **entendeu?**... aqui é assim a gente sai de casa e deixa tudo aberto... **entendeu?** pelo menos nunca aconteceu, mas é pelo fato de família assim é muita falação e:: por esse motivo eu gostaria de morar (est) fora daqui, **entendeu?** (est)... longe assim. (BARRA16MJ11-17:37; 17:46; 17:49; 17:57)

A ideia é que informantes mais participativos na comunidade e que manifestam avaliações positivas e de apego ao bairro recebam maior pontuação, e aqueles que expressam avaliações negativas e participam pouco de atividades no bairro recebam pontuação menor. Cabe notar que, nos raros casos em que os informantes não foram questionados ou apresentaram avaliação neutra, a pontuação foi considerada intermediária para que aquela entrevista não pendesse para nenhum dos lados da balança.

O último critério que compõe essa variável, *atividades exercidas pelo informante e/ou pelos seus familiares*, leva em consideração que indivíduos que exercem atividades no bairro ou voltadas a uma cultura tradicional são mais integrados à comunidade, recebendo pontuação maior.

Fantin (2000) divide os moradores nativos em três grupos: (i) aquele composto por famílias que vivem basicamente da pesca; (ii) aquele composto por famílias que modificaram sua situação social com o turismo; (iii) aquele composto por pessoas que buscaram outras alternativas de renda em empregos na área urbana.

Como entre os indivíduos entrevistados a grande maioria acumula atividades voltadas ao turismo com outros trabalhos, nossa divisão ficou um pouco diferente daquela proposta por Fantin (2000), e também foi levado em consideração o tipo de atividade dos familiares próximos. Isso é importante principalmente em relação a alguns dos jovens que não trabalham, mas que foram avaliados pela profissão dos parentes. Feitas as devidas ressalvas, nossa divisão das atividades exercidas pelos informantes (ou pelos seus parentes próximos) fica assim configurada: a) atividades ligadas a uma tradição local – se o falante e/ou familiares exercem atividades ligadas às tradições locais, como pesca, renda; b) atividades na comunidade – se o falante e/ou familiares exercem profissões no bairro ligadas ao comércio, vendas, serviços, trabalhos autônomos, etc.; c) atividades na área urbana. Os trechos abaixo ilustram os depoimentos de alguns informantes sobre as atividades exercidas:

(147) E: E:: o que que- o que que seus pais fazem?

F: Meu pai trabalha... na Câmara de Vereadores, **sabe?**... e a minha mãe ela (hes) ela trabalha em casa, não faz nada, não trabalha fora. (BARRA02FJ8-20:56)

(148) Basicamente a minha família hoje se encontra mais trabalhando assim no Centro ou em outros:: né? outros, outros tipos de serviço, antes (hes) há cinco anos atrás até, pra falar a verdade, era mais na pesca, **entendeu?** (E: ãh!) o meu irmão pescava bastante, o meu pai pescava bastante. (BARRA13MJ11-01:45) [atividades dos familiares]

O quadro a seguir sintetiza as considerações que fizemos até aqui e apresenta a pontuação dos três critérios que compõem a variável *localismo/mobilidade*:

Quadro19: Pontuação dos critérios que compõem a variável *localismo/mobilidade*

1 0,5 0	Mobilidade e abertura para fora dos limites da comunidade Quase não circula pela área urbana e viaja pouco ou não viaja. Intermediário ou não questionado Circula bastante pela área urbana e viaja bastante.
1 0,5 0	Participação/apego à comunidade Maior participação/apego Não foi questionado Menor participação/apego
1 0,5 0	Atividades exercidas pelo informante e/ou pelos seus familiares Atividades ligadas a uma tradição local Atividades na comunidade Atividades na área urbana

O somatório dos pontos resulta em um valor escalar em que zero representa os informantes menos voltados para a comunidade (com maior mobilidade/localismo) e três representa aqueles que estão mais voltados para o bairro (com menor mobilidade/localismo).

Esperamos que **marcas de identidade** sejam privilegiadas em associação com resultados mais altos para essa variável, o que indicaria que informantes que são mais vinculados ao bairro, identificando-se com a cultura local, usam mais RADs com marcas também locais.

AVALIAÇÃO/VÍNCULO EM RELAÇÃO AOS MORADORES NÃO NATIVOS

Diferente das duas anteriormente descritas, essa variável é composta de critério único para o qual é atribuída pontuação escalar entre zero e um. Pensado a partir dos conflitos existentes na comunidade, esse grupo de fatores se propõe a medir o vínculo dos informantes nativos com os novos moradores do bairro. Partimos da suposição que os falantes que apresentam avaliação negativa sobre os moradores vindos de outras cidades e/ou pouco convivem com eles tenderiam a preservar mais seu uso linguístico local (recebendo 1 ponto); já aqueles que simpatizam com os novos moradores e/ou estabelecem vínculos de amizade com eles se distanciariam do uso de suas marcas nativas (recebendo zero de pontuação). Não houve casos em que informantes apresentassem avaliação negativa e muito contato com os moradores ou o contrário e por isso mesmo é que tomamos

avaliação e contato em conjunto. Há poucos casos em que os informantes não foram questionados sobre os novos moradores ou se posicionaram de forma neutra, recebendo pontuação intermediária (0,5).

Os trechos abaixo ilustram os comentários dos informantes sobre os novos moradores, que serviram de base para o controle da variável, sendo que, em ordem crescente, temos: avaliação negativa, pouco vínculo/contato, avaliação positiva, bastante vínculo/contato.

(149) (Sobre os moradores de fora)

F: Olha, tem aquelas assim que:: pensam que tão no lugar delas, que tão onde nasceram, **entendeu?**... algumas até:: tratam mal o pessoal daqui porque::... “ah, porque é pescador vive fedendo a pei::xe e::”, **sabe?**... são coisas assim absurdas que eles falam, uma coisa que não devia de acontecer porque se eles vem pro no::sso lugar eles tem que respeitar primeiramente nós:: e não a gente respeitar eles... no ca- eu acho... que:: o respeito deve ser igual, **entendeu?**... mas no caso- o respeito vem primeiro pra nós, não pra eles porque se eles tão fora do lugar onde eles nasceram, eles quem devem de... ficar mais quietos, **entendeu?** (est)... (BARRA04FJ9:Faixa2-11:11; 11:19; 11:34; 11:44)

(150) E: A senhora conhece muita gente de fora? Como é-

F: Não, eu conheço assim, que:: passa um “oi, Dona Ciloca” todo mundo quase sabe o meu nome, mas “oi, tudo bem”... quer dizer que eu não- assim- não vou perguntar:: “Como é o seu nome? Como é o nome da sua filha” **entendesse?** (est) mas quase todo mundo que aqui eles sabem que aqui é um:: (est) passa todo mundo, né? (est) Tô na janela... “boa tarde, senhora” eu digo “boa tarde, senhor”, “boa tarde, senhora” “boa tarde, senhor”... **entendesse?** (est) aí já para (inint) “a senhora mora aqui muito tempo, tal, não sei o quê?” só que eu não vou perguntar “qual é o seu nome ou::”... (est) **entendesse?**

E: Claro, a senhora conhece mais de vista.

F: Pois é, mais de vista é. (BARRA34FB0:Faixa2-10:11; 10:21; 10:27)

(151) Eu acho ele- aqui::... trocar um lugar assim que não::... onde só tem ca::rro, o cara só fica trancado, vamos dizer, num apartamento, pra vim pra cá, pra jogar bola na praia, tomar banho todo dia assim, eu acho legal ele vim pra cá assim, **sabe?**... (BARRA12MJ9:Faixa1-16:15)

(152) É:: a maioria é de:: vamos dizer:: aqui perto, Porto Alegre, São Paulo, que vem pra cá, né? gostam daqui... compram casa... aí tem:: tem:: vamos dizer:: assim:: da minha idade gente assim, eu faço

amizade, **sabe?** eu conheço, (est)... “onde é que tu mora?” e ele fala, pô eu já faço amizade, **entendeu?**... eu meio- não gosto de ser assim:: todo- todo amigo que eu vejo eu faço amizade, **sabe?** eu não gosto de:... quando tem aluno novo aqui mesmo eu faço amizade assim só anda comigo, aí vou apresentando e eles vão fazendo amizade, (eu acho que) já tem gente com- parece que é da Barra, né?... morava aqui, já é manezinho já (risos F).(BARRA12MJ9:Faixa1-15:26; 15:31; 15:36)

O quadro abaixo sintetiza nossas considerações:

Quadro 20: Pontuação dos fatores da variável *avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos*

Avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos	
1	Avaliação negativa e/ou pouco contato/vínculo com os novos moradores
0,5	Neutro ou não foi questionado
0	Avaliação positiva e/ou bastante contato/vínculo com os novos moradores

Acreditamos que o uso de **marcas de identidade** será favorecido entre informantes com *avaliação negativa e/ou pouco contato com os novos moradores*, ou seja, mais restritos ao contato com seus pares nativos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DA INFLUÊNCIA DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES ISOLADAS QUE COMPÕEM A VARIÁVEL COMPLEXA 3: GRAU DE IDENTIFICAÇÃO COM O LOCAL

Para as rodadas binomiais, devido à baixa quantidade de **marcas de identidade** em algumas pontuações, foi necessário fazer amálgamas dos valores escalares obtidos, levando em consideração nossas hipóteses e as semelhanças numéricas, o que resultou na seguinte configuração: a) a variável *características da fala dos florianopolitanos* compreende os fatores *mais características* (com pontuação entre 2 e 3) e *menos características* (com pontuação entre 0 e 1,5); b) a variável *localismo/mobilidade* é composta pelos fatores *mais para dentro da comunidade* (com pontuação entre 2 e 3) e *mais para fora da comunidade* (com pontuação entre 0,5 e 1,5); c) a variável *avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos* apresenta os

fatores *avaliação negativa* (1 ponto) e *avaliação positiva* (com a junção de 0 e 0,5). Vejamos os resultados:

Tabela 15: Influência das variáveis *características da fala dos florianopolitanos, avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos e localismo/mobilidade* sobre o uso de **marcas de identidade** vs. **formas neutras**

Características da fala dos florianopolitanos	Ap/T	%	PR
1° selecionado			
Mais características	331/837	40	0,83
Menos características	16/773	2	0,14
Avaliação/vínculo - moradores não nativos			
2° selecionado			
Avaliação negativa e/ou menor vínculo	251/605	42	0,85
Avaliação positiva e/ou maior vínculo	96/1.005	10	0,25
Localismo/mobilidade			
3° selecionado			
Mais para dentro da comunidade	301/749	40	0,61
Mais para fora da comunidade	46/861	5	0,40
TOTAL	347/1.610	22	
	Input: .07		Sig.: .000

A partir da observação da tabela, pode-se perceber que nossas hipóteses para as três variáveis são confirmadas. Falantes que apresentam *mais características* da fala dos florianopolitanos tendem fortemente a usar RADs que foram tomados como **marcas de identidade** (0,83), compondo um uso integrado de traços do falar local. Tal resultado indica que *entendesse?*, *tás entendendo?* e *sabes?* podem ser tomados como marcas do falar dos florianopolitanos nativos, tal como a velocidade de fala, a prosódia característica, as escolhas lexicais típicas, o uso palatalizado da consoante fricativa alveolar morfêmica em posição de coda (*me[ʒ]mo*) e o uso da oclusiva alveolar não africada [t, d] e da africada não palatal [ts, dz].

Também se verificou que informantes com *avaliação negativa e/ou pouco contato com os novos moradores* tendem a preservar bastante o uso de RADs que são **marcas de identidade** (0,85), mostrando que a oposição ou falta de contato com a cultura do não nativo faz os RADs locais prosperarem.

E, de modo não tão extremado, os resultados também apontam que falantes *mais voltados para dentro da comunidade* inclinam-se a usar mais RADs tomados como **marcas de identidade** (0,61),

apontando que a identificação/vínculo com a cultura local pode ter papel importante na escolha dos RADs.

Vemos que as variáveis *características da fala dos florianopolitanos* e *avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos* são mais relevantes para o uso dos RADs do que *localismo/mobilidade*, o que pode estar relacionado ao fato de que, com a quebra de fronteiras globais, a ideia de identidade está cada vez menos associada à ocupação de espaços (bairros, cidades, etc.) e a aspectos de mobilidade, e mais voltada para como o indivíduo se identifica com a cultura local. Talvez fosse o caso, em trabalhos futuros, de pensarmos em uma variável constituída somente por critérios de localismo e não de mobilidade.

Cabe ainda salientar que a operacionalização de variáveis (i) pensadas a partir da comunidade e das informações que as entrevistas nos forneceram e (ii) compostas através de um somatório de traços e de critérios, nos dá muito mais confiança nos resultados obtidos.

6.3.2.3 VARIÁVEL COMPLEXA 3: GRAU DE IDENTIFICAÇÃO COM O LOCAL

Caracterização e hipóteses

A *variável complexa 3: grau de identificação com o local* apresenta resultado numérico escalar (entre 1 e 7)²⁷⁴ obtido a partir do somatório de valores atribuídos aos fatores dos grupos de fatores anteriormente descritos. Tal variável foi pensada como artefato metodológico capaz de integrar as variáveis independentes isoladas, fornecendo uma visão ampla da identificação dos informantes com a localidade da Barra da Lagoa.

Partimos da suposição de que informantes com *mais características da fala dos florianopolitanos*, voltados *mais para dentro da comunidade* e com *avaliação negativa e/ou menor vínculo com os novos moradores* são os que apresentam maior grau de identificação com o local. No outro polo, informantes com *menos características da fala dos florianopolitanos*, voltados *mais para fora da comunidade* e com *avaliação positiva e/ou maior vínculo com os novos moradores* seriam os mais distanciados de uma cultura/tradição local.

²⁷⁴ Nenhum informante apresentou valores entre 0 e 0,5 nessa variável.

Das três variáveis complexas que controlamos nesta pesquisa, essa apresenta constituição um pouco diferenciada e estruturação de complexidade ainda maior, já que as próprias variáveis independentes isoladas que a compõem já foram montadas a partir de uma matriz de traços. O somatório que fizemos é sintetizado no quadro 21, a seguir.

Nossa expectativa é que o uso de RADs tomados como **marcas de identidade** seja favorecido quanto maior o grau de identificação do informante com o local, o que confirmaria a hipótese de que *sabes?*, *tás entendendo?* e principalmente *entendesse?* são marcadores associados a uma identidade florianopolitana nativa.

Quadro 21: Pontuação dos fatores que compõem as variáveis isoladas e que

<p>Velocidade de fala, prosódia característica e escolhas lexicais</p> <p>1 - Fala acelerada e/ou prosódia característica (aguda e com uma curva ascendente no final da frase) e/ou uso considerável de expressões ou escolhas lexicais típicas.</p> <p>0 - Fala sem aceleração evidente, sem prosódia característica e pouco ou nenhum uso de expressões ou escolhas lexicais típicas.</p>	}	
<p>Palatalização da consoante fricativa alveolar não morfêmica em posição de coda</p> <p>1 - Preferência pela palatal - como em <i>fe[ʃ]ta</i> e <i>me[z]mo</i></p> <p>0,5 - Alternância entre palatal e outras realizações</p> <p>0 - Preferência por outras realizações – como a coronal anterior (como em <i>fe[s]ta</i> e <i>me[z]mo</i>) e em menor proporção a aspiração e o apagamento</p>		}
<p>Realização das oclusivas alveolares diante de /i/ (como em <i>tia</i> e <i>dia</i>)</p> <p>1 - Preferência pela não africada [t, d] e/ou pela africada não palatal [ts, dz]</p> <p>0,5 - Alterna não africada e/ou africada não palatal com africada palatal</p> <p>0 - Preferência pela africada palatal [tʃ, dʒ]</p>		
<p>Mobilidade e abertura para fora dos limites da comunidade</p> <p>1 - Quase não circula pela área urbana e viaja pouco ou não viaja.</p> <p>0,5 Intermediário ou não questionado</p> <p>0 - Circula bastante pela área urbana e viaja bastante.</p>	}	
<p>Participação/apego à comunidade</p> <p>1 - Maior participação/apego</p> <p>0,5 - Não foi questionado</p> <p>0 - Menor participação/apego</p>		}
<p>Atividades exercidas pelo informante e/ou pelos seus familiares</p> <p>1 - Atividades ligadas a uma tradição local</p> <p>0,5 - Atividades na comunidade</p> <p>0 - Atividades na área urbana</p>		
<p>Avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos</p> <p>1 - Avaliação negativa e/ou pouco contato/vínculo com os novos moradores</p> <p>0,5 - Neutro ou não foi questionado</p> <p>0 - Avaliação positiva e/ou bastante contato/vínculo com os novos moradores</p>	}	

somados resultam na *variável complexa 3: grau de identificação com o local*

**Característica da fala dos
florianopolitanos**

Valor entre 0 e 3, resultante do somatório dos valores atribuídos em cada uma das três características consideradas.

Localismo/mobilidade

Valor entre 0 e 3, resultante do somatório dos valores atribuídos em cada um dos critérios de localismo/mobilidade considerados.

**Avaliação/vínculo em relação aos
moradores não nativos**

Valor atribuído entre 0 e 1

**VARIÁVEL COMPLEXA 3
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO
COM O LOCAL**

Valor entre 1 e 7, resultante do somatório dos valores atribuídos para as variáveis *características da fala dos florianopolitanos, localismo/mobilidade e avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos.*

Resultados e discussão

A presença de poucos dados em algumas pontuações da escala não permitiu que todo o gradiente fosse preservado para as rodadas binomiais. Mesmo assim, levando em conta os resultados da rodada geral, foram feitos os devidos amálgamas e ficamos com três fatores que refletem a gradiência que tínhamos por objetivo medir: *maior grau de identificação com o local* (juntando os valores de 1 a 3,5), *grau intermediário* (juntando os valores de 4 a 5,5) e *menor grau de identificação com o local* (juntando os valores de 6 a 7). Vejamos os resultados na tabela que segue:

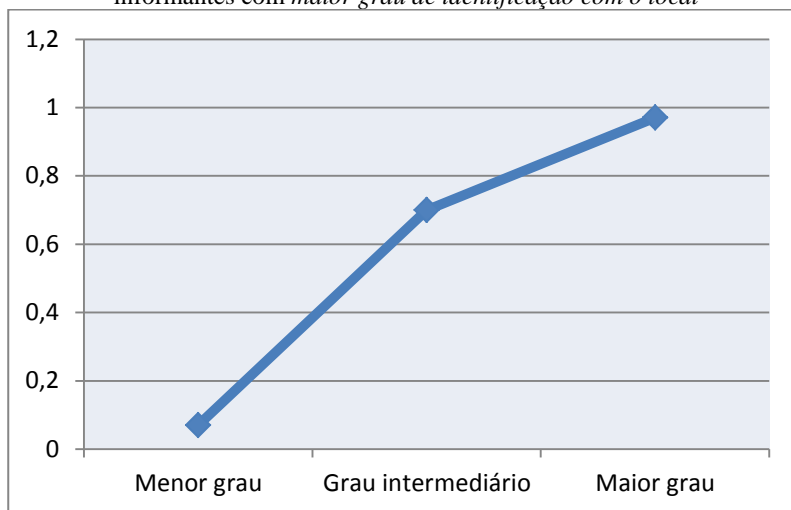
Tabela 16: Influência da *variável complexa 3: grau de identificação com o local* sobre o uso de **marcas de identidade vs. formas neutras**

Variável complexa 3: grau de identificação com o local	Ap/T	%	PR
Maior grau de identificação com o local	271/427	64	0,97
Grau intermediário	68/420	16	0,70
Menor grau de identificação com o local	8/763	1	0,07
TOTAL	347/1.610	22	
Input: .69		Sig.: .001	
1º seleccionado			

Os resultados obtidos ratificam inequivocamente nossa hipótese, já que o uso de RADs tomados como **marcas de identidade** é fortemente favorecido entre informantes com *maior grau de identificação com o local* (0,97) e praticamente nulo entre informantes com *menor grau de identificação* (0,07). Tal resultado e a gradiência percebida através do grau intermediário (0,70) conferem aos três RADs, principalmente a *entendesse?* (que se apresenta em maior número), o status de marcadores de identidade florianopolitana nativa²⁷⁵. O gráfico a seguir (gerado a partir dos pesos relativos) é ilustrativo sobre o comportamento das **marcas de identidade** nessa variável:

²⁷⁵ É necessário mencionar que boa parte dos dados de *entendesse?* foi realizada pelo informante 27, conforme é possível se verificar na tabela 2. Mesmo assim, percebemos que a distribuição entre os graus de identificação não se altera com a retirada dos dados do referido informante, podendo apenas apresentar resultados mais atenuados, porém na mesma direção no gradiente.

Gráfico 5: Gradiente do favorecimento de **marcas de identidade** entre informantes com *maior grau de identificação com o local*



Cabe mencionar que os resultados evidenciam que o controle de variáveis (independentes e complexas) pensadas localmente pode dizer muito mais sobre as forças socioculturais da mudança do que macrocategorias sociais clássicas (como sexo, idade e escolaridade), com a vantagem de poderem ser aplicadas a todos os informantes, independente da composição de células.

Deve-se ressaltar ainda que a operacionalização de variáveis extralinguísticas localmente pensadas e os resultados tomados em conjunto através da variável complexa 3 nos apresentam informações importantes que vão além do uso dos RADs. A classificação das entrevistas de acordo com o grau de identificação com o local – resultante de somatório de vários aspectos relacionados com identidade e conflitos locais – e o uso correlacionado dos RADs como **marcas de identidade**, parecem indicar uma diferenciação entre os informantes entrevistados. Identificamos que dentro da amostra há um grupo de informantes em particular que, além de nativos, também se identificam com o local onde moram, o que pode estar refletindo uma divisão importante existente no próprio bairro, entre os nativos e os nativos com forte identificação com o local, ou seja, uma micro-comunidade dentro da comunidade maior.

Enfim, o que os resultados gerais para a variável complexa nos mostram é que o uso de RADs tomados como **marcas de identidade**

local podem nos dar alguns indícios sobre os movimentos de identificação entre os nativos da Barra da Lagoa.

De um lado, persiste o uso de RADs que se constituem como marcas identitárias entre os informantes *com maior grau de identificação com o local* e com *grau intermediário* (339 ocorrências do total de 347 dados), o que pode estar indicando que o uso desses itens entre eles reforça uma identidade ligada à tradição, como sinal de resistência às influências externas.

Por outro lado, os dados de *entendesse?*, *sabes?* e *tás entendendo?*, somados, representam uma parcela pequena em relação ao total de RADs (347 ocorrências do total de 1.610 dados – 22 %), o que, em conjunto com a diminuição de outros traços locais, poderia estar associado a uma atitude de submissão a uma cultura homogeneizada implementada pela mescla de novos moradores – semelhante à suavização da centralização do ditongo /ay/, verificada em Martha's Vineyard por Blake e Josey (2003). Essa tendência à homogeneização em relação ao uso dos RADs parece ser reforçada pelo comportamento dos jovens, já que entre eles há apenas um dado de *entendesse?* e nenhum dado dos outros dois RADs que consideramos como marcas de identidade.

De todo modo, para saber mais sobre os movimentos de identificação na comunidade da Barra da Lagoa, seria necessário aplicar o controle de variáveis extralinguísticas locais a outros tipos de fenômenos que sofrem influência de aspectos identitários na comunidade. Por ora é possível concluir que o controle dos RADs através de variáveis sociais pensadas para a comunidade em análise atesta (i) que esses itens podem cumprir atuações no plano social/identitário como marcadores de identidade de grupos de falantes e (ii) que fatores culturais de natureza mais ampla têm importante papel sobre o uso das formas linguísticas.

6.3.3 FECHANDO A SEÇÃO

Tomando *sabes?*, *tás entendendo?* e *entendesse?* como marcas de identidade, em oposição às demais formas consideradas neutras, foi possível notar que **marcas de identidade** são favorecidas em *entrevistas mais próximas de conversa* (0,60) – quando há relação de *proximidade entre os interlocutores* (0,73) e o falante encontra-se mais envolvido/empolgado (0,62) – o que parece indicar certo controle no

uso dessas formas em contextos de maior formalidade e maior grau de automonitoramento.

Os resultados mais significativos para a variável dependente discutida nessa seção estão relacionados com a *variável complexa 3: grau de identificação com o local* e com as variáveis isoladas que a compõem. Vimos que nossa hipótese inicial foi inequivocamente confirmada, pois o uso de RADs tomados como **marcas de identidade** é fortemente favorecido entre informantes com *maior grau de identificação com o local* (0,97), o que atesta o funcionamento dos três RADs (principalmente de *entendesse?*) como marcadores de identidade florianopolitana nativa.

Os resultados de todas as variáveis isoladas vão nessa mesma direção, ou seja, RADs como **marcas de identidade** são favorecidos entre falantes com *mais características da fala dos florianopolitanos* (0,83), que apresentam *avaliação negativa e/ou pouco contato com os novos moradores* (0,85) e que estão *mais voltados para dentro da comunidade* (0,61).

Cabe salientar que os resultados evidenciam a robutez das variáveis complexas que, a partir de variáveis independentes isoladas que convergem para uma hipótese comum, apresentam-se mais confiáveis e são capazes que equacionar possíveis distorções. Além disso, o controle a partir de variáveis extralinguísticas pensadas em função da realidade da comunidade e da amostra mostrou-se capaz de lidar com a problemática da composição de células que prejudicou os resultados para as variáveis sociais clássicas (*sexo, idade e escolaridade*).

6.4 FORÇAS EM COMPETIÇÃO

As considerações feitas nesta seção têm caráter mais geral, não se limitando apenas ao capítulo 6, mas também estabelecendo conexões com a teoria e com o capítulo 5. Tratamos de recuperar as considerações que fizemos, ao longo do trabalho, com o propósito de responder à quarta questão da presente tese: Quais forças em competição atuam sobre o uso dos RADs em análise na amostra investigada e quais seus efeitos nos rumos da mudança?

Como já mencionamos na seção 5.1, os verbos *saber* e *entender*, ao assumirem significados mais abstratos ligados à cognição, passam a trilhar caminhos semelhantes e sugere-se que a inserção desses itens

lexicais em contextos interrogativos dialogais (em atos de fala diretivos) tenha sido o *input* para o surgimento de usos inovadores, voltados para a interação e contato com o interlocutor e para a organização discursiva – o que está em consonância com o direcional concreto>abstrato previsto para a mudança das formas linguísticas (Cf. SWEETSER, 1990, HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER; 1991; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991) e com as propostas mais recentes que apostam nos contextos dialogais como *locus* propício para o início de mudanças via gramaticalização (Cf. TRAUGOTT, 2008; 2010b; WALTEREIT; 2006; WALTEREIT; DETGES, 2007).

Ao serem utilizados em contextos de interpessoalidade inerente, pospostos a enunciados declarativos – por conta de possíveis reduções da pergunta estendida, ou por conta de deslocamento de posição –, tais itens fixam sua forma e passam a atuar como elementos focalizadores cumprindo, no plano interacional, objetivos de natureza pragmática relacionados com o interlocutor e, no plano textual, papel na organização textual/discursiva (VALLE, 2001).

Como as mudanças categoriais não são abruptas, acreditamos que esses itens tenham assumido progressivamente funções mais ligadas à organização discursiva (no plano textual), na medida em que foram se desvinculando de seu significado fonte como verbos (no plano cognitivo) e da estratégia discursiva que lhes deu origem (no plano interacional). Sendo assim, propusemos um *continuum* funcional sincrônico para os RADs na seção 5.3, entre os planos interacional e textual, que se propõe a refletir o *continuum* de mudança categorial pelo qual esses ites estão passando.

Assumindo uma abordagem baseada em protótipos (GIVÓN, 1984; 2001; 2005), sugerimos que, dentro do domínio da *requisição de apoio discursivo*, os RADs prototípicos seriam aqueles com atuações que mantivessem em maior equilíbrio os componentes interacionais e textuais, atuando tanto na chamada de atenção do ouvinte para o texto, quanto na organização textual. Sugerimos, ainda, que os RADs com atuações mais voltadas para o plano interacional ou cumprindo papéis bem mais ligados ao plano textual não estariam fora do domínio, mas em sua periferia.

Tais construtos teóricos foram ratificados em nossa análise, já que os resultados apontam que os RADs em geral atuam predominantemente com *foco na opinião do falante*, *foco em comentário avaliativo* e *foco em situação e em DDR*, funções que havíamos proposto como centrais ao domínio (Cf. figura 16). Correlacionando-se a isso o fato de terem uso preferencial em contextos

de *sequenciação* e de *especificação* e concentrarem-se em *grau intermediário de mudança categorial*, é possível sugerir que os RADs estejam em estágio intermediário de mudança: por um lado, perdendo propriedades morfossintáticas de verbo e distanciando-se da estratégia discursiva que lhes deu origem e, por outro lado, apresentando-se pouco erodidos e ainda com entonação leve de pergunta.

É possível correlacionar nossos achados com as mudanças via gramaticalização e com o processo paralelo de subjetivização. Ao se deslocarem do uso como verbos, por conta de forças pragmáticas, e passarem a atuar como elementos focalizadores, os itens em análise partem de um *status* mais lexical em direção a funções mais gramaticais, ligadas à dêixis textual – o que é consistente com o direcional ideacional > interpessoal > textual (Cf. HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991) e com noções mais alargadas do processo de gramaticalização (TRAUGOTT, 1995; HOPPER; TROUGOTT, 2003; TRAUGOTT, 2008) a partir das quais formulamos a definição apresentada na subseção 3.1.2 e que retomamos abaixo:

Gramaticalização é a mudança através da qual construções e/ou itens lexicais, usados pelos falantes em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos, vêm a servir a funções mais gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Além disso, na medida em que os RADs atuam como elementos de focalização, usados pelo falante para direcionar a atenção do ouvinte a porções discursivas que julga merecerem maior destaque (dando relevo positivo), também parecem estar inseridos em um processo de subjetivização em que há o desenvolvimento de significados que expressam a atitude do falante em relação ao mundo comunicativo do evento de fala, conforme definição já apresentada na subseção 3.1.2.4 e retomada abaixo:

Subjetivização é o processo semasiológico pelo qual significados vêm ao longo do tempo a codificar ou externalizar as perspectivas e atitudes do falante restringidas pelo mundo comunicativo do evento de fala, mais do que pelo chamado ‘mundo real’ do evento ou situação referida (TRAUGOTT; 1999, p. 01, grifo da tradução).

Traugott (2010a) correlaciona os processos de gramaticalização e de subjetivização, uma vez que também considera que gramaticalização envolve o desenvolvimento de marcadores de atitude do falante em relação ao componente ideacional e à conectividade textual, como já havia sugerido desde a proposta da trajetória proposicional > (textual) > expressivo.

Nesse ponto é necessária a seguinte reflexão: Se estamos considerando que os RADs, partindo do lexical, desenvolvem funções mais textuais e também que, colocando foco, expressam a atitude do falante, qual seria a trajetória de mudança desses itens? Tomar o direcional de Traugott seria um problema já que, ao que parece, as atuações dos RADs mais prototípicos estariam simultaneamente voltadas ao textual – organizando porções discursivas – e ao interacional (ou expressivo) – chamando a atenção do ouvinte para elementos que o falante julga merecedores de destaque. Além disso, na função inovadora de *foco prospectivo* é o componente textual que parece estar em evidência. Sendo assim, julgamos precipitado querer enquadrar tais itens em uma trajetória pré-concebida.

O que vemos e temos segurança para afirmar é que os RADs, em suas atuações prototípicas, partindo do ideacional/proposicional, parecem ter reforçado tanto componentes textuais quanto pragmáticos, havendo, simultaneamente, tanto o desenvolvimento de significados mais textuais, quanto de significados que expressam a atitude do falante acerca do mundo comunicativo. Um passo além pode ser dado com relação à atuação com *foco prospectivo*, em que o desenvolvimento de significados mais textuais é que estaria em jogo.

No fim das contas (Cf. já apresentamos na figura 17 da seção 5.3), o que permanece é o direcional entre item lexical > item voltado à organização textual, mas consideramos que há muito mais em jogo nessa trajetória e que ainda não é possível vislumbrar.

Deixando de lado as preocupações quanto às especificidades das trajetórias de mudança e levando em consideração a noção ampliada de gramaticalização, nos concentramos agora na comparação entre os estágios de mudança das formas derivadas de *saber* e aquelas derivadas de *entender*.

Nossos resultados indicam que as formas derivadas de *entender*, favorecidas com *foco pragmático* (em contextos de relações mais amplas) e privilegiadas em graus de mudança que indicam *maior vínculo com a categoria de origem*, são aquelas que se encontram mais à periferia esquerda do *continuum* funcional proposto na figura 16, ou seja, ainda se encontram mais próximas da categoria de origem e com o

plano interacional em maior evidência. As formas derivadas de *saber*, por outro lado, mostrando-se mais comuns na atuação inovadora de *foco prospectivo* (inseridas em contextos de relações em nível mais micro), apresentam-se mais avançadas na mudança categorial e seriam as preferidas na periferia direita do *continuum*, mais distanciadas do significado fonte e voltadas ao plano textual.

A partir disso, poderíamos sugerir que, de maneira geral, **entendeu?** (englobando todas as formas derivadas de *entender*) estaria menos avançado no processo de mudança categorial, enquanto **sabe?** (abarcando *sabes?* e *sabe?*) estaria mais avançado. Contudo, os resultados destoantes que encontramos na seção 6.2, relacionados à forma específica *entendesse?*, nos impuseram os seguintes questionamentos: (i) Estaria o comportamento de *entendesse?* mais aproximado de **sabe?** do que dos RADs derivados de *entender*, indicando que esse item em específico estaria em estágio mais avançado de gramaticalização? (ii) Se esse é o caso, que tipo de força seria capaz de fazer com que o comportamento de *entendesse?* se diferenciasse tanto do comportamento dos demais itens de mesma origem?

Para compreender um pouco mais a aproximação entre o comportamento de **sabe?** (*sabe?* e *sabes?*) e **entendesse?**²⁷⁶, realizamos mais duas rodadas estatísticas que incluíram as variáveis independentes *sequência textual*, *posição do RAD*, *contexto em que o RADs se inserem*, *tipo de foco*, *variável complexa 1: grau de mudança categorial*; *variável complexa 2: configuração da entrevista* e *variável complexa 3: grau de identificação com o lugar*²⁷⁷. Uma das rodadas parte da oposição entre **sabe?** vs. **as demais formas derivadas de entender** (excluindo-se os dados de *entendesse?*, e tomando **sabe?** como “aplicação da regra”²⁷⁸). A outra rodada parte da oposição entre **entendesse?** vs. **as demais formas derivadas de entender** (excluindo-se os dados de *sabe?* e *sabes?* e tomando **entendesse?** como “aplicação da regra”²⁷⁹). Nosso objetivo era

²⁷⁶ A partir deste momento, ao nos reportarmos a *entendesse?* como a forma variante que se opõe a **sabe?**, ela será destacada em negrito – **entendesse?** vs. **sabe?** – para identificar a variável em foco.

²⁷⁷ Nesse momento apenas nos interessam os resultados para a variável *tipo de foco* e para a *variável complexa 1: grau de mudança categorial*. As demais variáveis foram incluídas por terem apresentado resultados relevantes para uma ou outra forma nas rodadas anteriores, mas não serão comentadas.

²⁷⁸ Nessa rodada *tipo de foco* foi selecionado em primeiro lugar e a *variável complexa 1: grau de mudança categorial* foi selecionada em quinto lugar.

²⁷⁹ Nessa rodada *tipo de foco* foi selecionado em terceiro lugar e a *variável complexa 1: grau de mudança categorial* foi selecionada em quarto lugar. A

verificar se, em oposição a *entendeu?*, *entende?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*, tomadas em conjunto, o comportamento de **sabe?** e **entendesse?** era semelhante. Vejamos abaixo os resultados da primeira rodada:

Tabela 17: Influência das variáveis *tipo de foco* e *variável complexa 1: grau de mudança categorial* sobre o uso de **sabe?** vs. **formas derivadas de entender**

Tipo de foco	Ap/T	%	PR
Foco na busca de informação	18/24	75	0,91
Foco prospectivo	52/58	90	0,88
Foco em comentário avaliativo	243/457	53	0,53
Foco em situação e em DDR	258/499	52	0,49
Foco pragmático	15/41	37	0,30
Foco na opinião do falante	81/228	36	0,30
Variável complexa 1: grau de mudança categorial			
Maior grau de mudança categorial	121/205	59	0,61
Grau intermediário	518/1037	50	0,48
Maior vínculo com a categoria de origem	28/65	43	0,37
TOTAL	667/1.307	51	
Input: .51		Sig.: .028	

Percebemos que, em termos funcionais, o comportamento de **sabe?** se diferencia bastante das **demais formas de entender**, privilegiadas com *foco pragmático*, já que o item é fortemente condicionado pelo tipo de foco na *busca de informação* (0,91) e pelo *foco prospectivo* (0,88). Com relação à mudança categorial, os resultados mostram a contraparte do que já havíamos verificado na oposição **entendeu?** vs. **sabe?** na seção 6.2, ou seja, **sabe?** é favorecido com *maior grau de mudança categorial*. Supreendentemente, os resultados para as mesmas variáveis na rodada que parte da oposição entre **entendesse?** vs. **as demais formas derivadas de entender** apresentam-se muito semelhantes aos resultados de **sabe?**, como vemos na tabela que segue:

variável complexa 3: grau de identificação com o lugar foi selecionada em primeiro lugar e será comentada adiante.

Tabela 18: Influência das variáveis *tipo de foco* e *variável complexa 1: grau de mudança categorial* sobre o uso de *entendesse?* vs. **demais formas derivadas de *entender***

Tipo de foco	Ap/T	%	PR
Foco prospectivo	36/42	86	0,80
Foco na busca de informação	11/17	65	0,79
Foco pragmático	23/49	47	0,58
Foco na opinião do falante	85/232	37	0,55
Foco em comentário avaliativo	70/284	25	0,46
Foco em situação e em DDR	78/319	25	0,41
Variável complexa 1: grau de mudança categorial			
Maior grau de mudança categorial	125/209	60	0,75
Maior vínculo com a categoria de origem	17/54	32	0,40
Grau intermediário	161/680	24	0,42
TOTAL	303/953	32	
Input: .19		Sig.: .001	

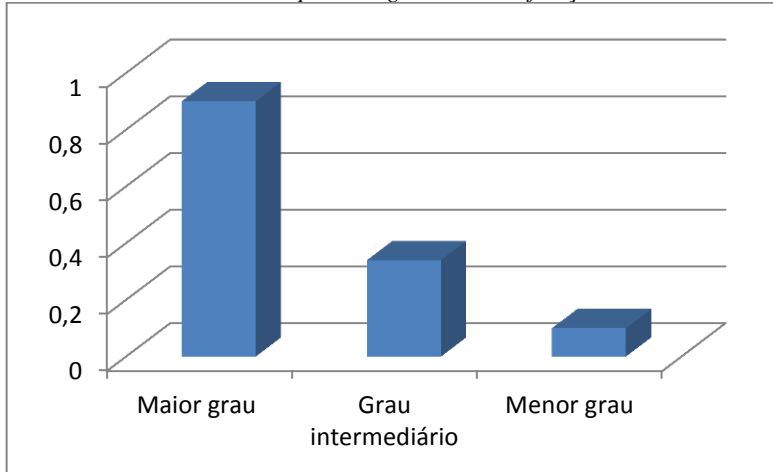
Nesse caso, **entendesse?**, com comportamento bastante diferenciado das demais formas de *entender* e aproximando-se muito de **sabe?**, não só se apresenta favorecido nas mesmas funções, como os pesos relativos são muitos semelhantes com os da rodada com o outro RAD – destacando-se o fato de que *foco prospectivo*, considerada atuação inovadora e mais avançada no *continuum* de gramaticalização que propusemos, é a que mais condiciona o uso de **entendesse?** (0,80). Ressaltamos ainda que o item está fortemente associado a maior grau de mudança categorial (0,75), diferente das demais formas de *entender*, que apresentam maior vínculo com a categoria de origem.

Esses resultados confirmam nossas suspeitas iniciais sobre o comportamento destoante de **entendesse?**, indicando que esse RAD, tal como **sabe?**, encontra-se em estágio mais avançado de mudança em relação às demais formas derivadas de *entender*, constatação que responde ao nosso primeiro questionamento e nos remete à segunda questão: Que força seria capaz de fazer com que o comportamento de *entendesse?* se diferenciasse tanto do comportamento dos demais itens de mesma origem?

Acreditamos que a resposta para essa questão esteja relacionada ao uso de *entendesse?* como marca de identidade dos nativos florianopolitanos que se identificam com o local. Por conta de forças motrizes socioculturais, o uso de *entendesse?* acaba sendo o mais

frequente para alguns falantes, o que poderia impulsionar seu uso também inovador e seu avanço no percurso de gramaticalização. O gráfico abaixo ilustra a importância da *variável complexa 3: grau de identificação com o local* para a variante **entendesse?** em relação às demais formas derivadas de *entender*:

Gráfico 6: Favorecimento de **entendesse?** em relação às demais formas de *entender* na *variável complexa 3: grau de identificação com o local*²⁸⁰



Para sintetizar nossa discussão, através dos resultados obtidos, estamos considerando que tanto **sabe?** quanto **entendesse?** estão em estágio mais avançado de gramaticalização, assumindo mais papéis voltados à organização textual, do que as demais formas de *entender*, embora isso se dê por razões distintas: a) **sabe?** por conta de sua origem em verbo com matiz semântico que remete a estados ou a características inerentes àquele que sabe, por sua estrutura menor e menos complexa e por sua alta frequência, o que lhe confere o status de item menos marcado; b) **entendesse?** por conta de iforças motrizes socioculturais.

Chegamos ao ponto em que nos resta especular qual desses dois itens estaria em estágio mais avançado. Para tanto realizamos uma outra rodada, nos moldes das duas já explicitadas, mas dessa vez opondo

²⁸⁰ Gráfico gerado a partir dos resultados em peso relativo da oposição **entendesse?** vs. as demais formas de *entender*.

somente **sabe?**²⁸¹ vs. **entendesse?** e excluindo todas as demais formas. Vejamos os resultados na tabela seguinte:

Tabela 19: Influência das variáveis *tipo de foco* e *variável complexa 1: grau de mudança categorial* sobre o uso de **sabe?** vs. **entendesse?**

Tipo de foco	Ap/T	%	PR
Foco prospectivo	52/88	59	0,66
Foco em situação e em DDR	258/336	77	0,56
Foco em comentário avaliativo	243/313	78	0,51
Foco na busca de informação	18/29	62	0,48
Foco na opinião do falante	81/166	49	0,37
Foco pragmático	15/38	40	0,10
Variável complexa 1: grau de mudança categorial			
Grau intermediário	518/679	76	0,57
Maior vínculo com a categoria de origem	28/45	62	0,49
Maior grau de mudança categorial	121/246	49	0,30
TOTAL	667/970	69	
	Input: .88		Sig.: .043

Os resultados revelam que a função inovadora de *foco prospectivo* favorece o uso de **sabe?** (0,66), o que poderia ser indício de que esse item estaria um degrau acima de **entendesse?** em direção a atuações no plano textual. Entretanto, os resultados para a *variável complexa 1* parecem destoar do que afirmamos com relação à variável *tipo de foco*, mas acreditamos que isso se deva ao fato de que a variável isolada *redução/extensão de forma*, que compõe a complexa, apresenta alta frequência de redução para **entendesse?**. Esse resultado deve ser relativizado já que **entendesse?**, por apresentar forma maior, naturalmente estaria mais sujeito a redução do que **sabe?**.

Outro ponto a favor de **sabe?** é o fato de apresentar o dobro da frequência de uso de **entendesse?**, o que contribui para sua generalização a novos contextos (Cf. BYBEE, 2003). Mantemos, portanto, a hipótese de que **sabe?** esteja um degrau além de **entendesse?** em direção a atuações mais textuais e sintetizamos nossas considerações na figura a seguir:

²⁸¹ Lembramos que quando nos remetemos a **sabe?** sempre estamos considerando a forma *sabes?* no conjunto, até por conta da escassez de dados com essa forma.

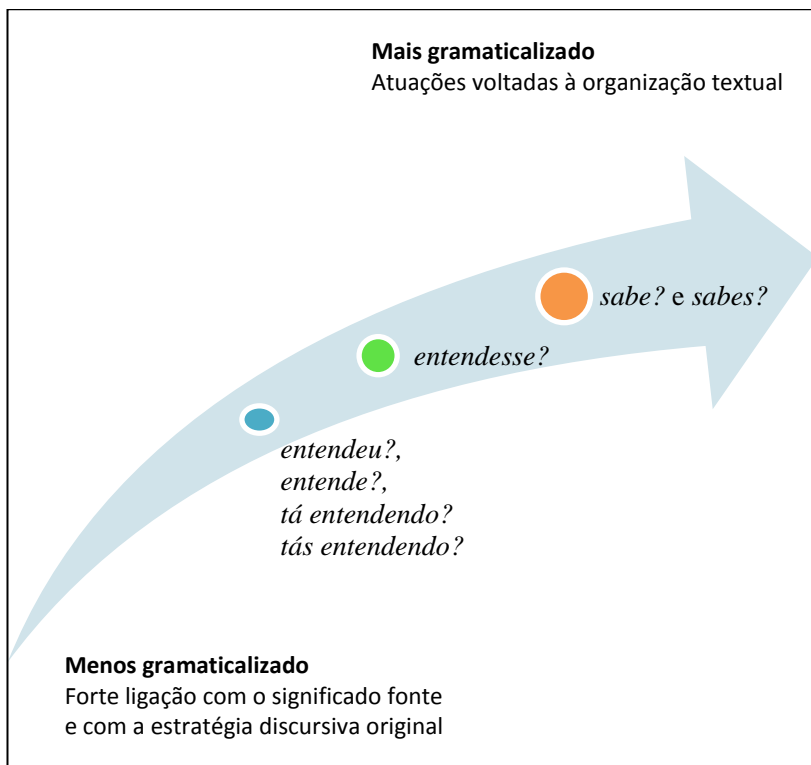


Figura 23: Estágios de gramaticalização dos RADs em análise

Cabe ainda ressaltar o comportamento especial de **entendesse?** em blogs ligados à temática esportiva e, principalmente, na comunidade virtual “Os Manezinho Pira” (Cf. Anexo 3). Nesse espaços, o RAD parece assumir forte componente ideológico, quando convida o interlocutor a compartilhar de uma identidade local. Tal componente é bastante evidente nesses contextos e o uso de **entendesse?**, nesse caso, parece carregar o significado identitário codificado em sua forma. Se consideramos que esse é realmente o caso, então poderíamos dizer que nesses contextos específicos esse RAD estaria envolvido em mudanças consistentes com o processo de intersubjetivização, já que o item estaria codificando “a atenção do falante (ou escrevente) para as posturas cognitivas e identidades sociais do destinatário” (TRAUGOTT, 2012, p. 9).

Obviamente, nossas afirmações nesse sentido têm caráter apenas especulativo e seriam necessárias pesquisas para que obtivéssemos mais informações sobre a atuação de **entendesse?** no contexto de blogs e comunidades virtuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação central para o desenvolvimento da presente tese foi a investigação da multifuncionalidade, dos processos de mudança e do uso variável de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos no domínio da *requisição de apoio discursivo*. Direcionamos nosso interesse a alguns itens do grupo específico dos RADs que possuem atuações comuns, estabelecendo critérios para a seleção das seguintes formas: *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*. Essas formas foram examinadas em amostra de fala composta por 30 entrevistas com informantes da comunidade da Barra da Lagoa – Florianópolis/SC (Amostra Brescancini-Valle), considerando-se que, além de forças semântico-pragmáticas, outras forças motrizes, estilísticas e identitárias, poderiam estar atuando em competição para o uso e mudança dos itens em análise.

Redimensionando a perspectiva de Schiffrin (2001) para o tratamento dos MDs, que atuam na construção discursiva e colaboram para o estabelecimento da coerência, consideramos que tais itens cumprem papéis em vários planos simultaneamente e tomamos como central o plano interacional em torno do qual outros planos podem ganhar maior ou menor relevo: o plano cognitivo, o plano das atitudes do falante, o plano social/identitário e o plano textual.

Conjugando a abordagem funcionalista de vertente norte-americana – representada principalmente por pesquisadores da Costa Oeste Americana (GIVÓN, 2011 [1979], 1984, 1993, 1995, 2001, 2002, 2005; HOPPER, 1987, 1991; BYBEE, 2006; 2010, entre outros) e por seus interlocutores da Alemanha (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HEINE; KUTEVA, 2007, entre outros) – com a Teoria da Variação e Mudança (Cf. LABOV, 2006 [1966], 2008 [1972], 1978, 1984, 2001, 2010; WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 [1968]); WEINER; LABOV, 1983 [1978]; ECKERT, 2001, 2004, 2008, 2012; MENDOZA-DENTON, 2002; SCHILLING-ESTES, 2002; COUPLAND, entre outros), propusemos uma análise sincrônica de interface sociofuncionalista (Cf. POPLACK, 2001; TAVARES; GÖRSKI, 2012).

As investigações e os resultados obtidos nos deram os subsídios necessários para cumprir com os objetivos, tanto gerais, quanto específicos, da presente tese, os quais passamos a retomar em nossas considerações finais.

Acreditamos que os objetivos teórico-metodológicos mais gerais foram alcançados. Julgamos ter avançado no **tratamento variável de itens discursivos**, na medida em que estabelecemos critérios unificadores (i) *de unidade funcional e compartilhamento de contextos de uso*, (ii) *de unidade conceptual e classe gramatical de origem*, (iii) *de relevância do item para a comunidade investigada* e (iv) *de frequência de uso* para a delimitação de variáveis discursivas, o que permitiu recortar um conjunto de itens que apresentam com comportamento aproximado dentro da categoria dos RADs – em conformidade com a sugestão de Pichler (2010) para abordagem de variáveis dessa natureza. Levando em conta a operacionalização da multifuncionalidade dos MDs em análises variacionistas, discutimos a expansão do tratamento variacionista para níveis discursivos, na esteira da proposta de substituição da noção de *mesmo significado representacional* para *comparabilidade funcional* (Cf. ROMAINE, 1984; CORTÉS, 1988; GÓRSKI, *et al.*, 2003; PICHLER, 2010; TERKOURAFI, 2011), o que permitiu que os itens em análise fossem tratados como variantes no domínio funcional da *requisição de apoio discursivo* e que a multifuncionalidade fosse abordada através do controle de variáveis independentes.

Também acreditamos ter contribuído para o **tratamento de itens discursivos via processo de gramaticalização**, pois as ampliações propostas por Traugott (1995, 2003, 2008) e Hopper e Traugott (2003) possibilitaram a abordagem das mudanças envolvidas no *cline* verbo>RAD no âmbito da gramaticalização, entendida – a partir de uma perspectiva funcional que enfatiza ganhos pragmáticos e expansões de significado – como mudança através da qual construções e/ou itens lexicais, usados pelos falantes em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos, vêm a servir a funções mais gramaticais e, uma vez gramatizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

O olhar para as escolhas dos indivíduos e para a construção de identidades socioculturais promoveu novas **articulações entre a Abordagem Funcionalista e a Teoria da Variação e Mudança, levando em conta aspectos estilísticos e identitários**. Os trabalhos recentes de base funcionalista de Heine e Kuteva (2007) e Traugott (2008, 2010b) dialogam com o interesse crescente da Teoria da

Varição e Mudança pela variação estilística. Além disso, a interface também é promissora ao conjugar a função de coesão sociocultural da linguagem, proposta por Givón (1993) – segundo a qual a língua atua mantendo um grupo unido e identificando indivíduos com um grupo – com os interesses sociolinguísticos mais recentes sobre o significado social das formas linguísticas e sobre as forças socioculturais envolvidas na variação e mudança, (Cf. COUPLAND, 2007; ECKERT, 2008; 2012; LABOV, 2010, entre outros).

Procuramos elaborar **variáveis complexas que captassem a multifuncionalidade de fenômenos de natureza discursiva e que possibilitassem tratamento multidimensional de aspectos identitários e estilísticos** e nossas análises ressaltaram a robustez de variáveis desse tipo que, reunindo variáveis independentes isoladas que partem de uma hipótese comum, são capazes de equacionar possíveis distorções analíticas. Além disso, o controle de variáveis independentes (isoladas e complexas) (i) pensadas a partir da comunidade e das informações que as entrevistas nos forceram e (ii) compostas através de um somatório de traços e de critérios, imprime maior confiabilidade nos resultados obtidos, mostrando ter muito mais a dizer sobre as forças socioculturais da mudança do que macrocategorias sociais clássicas (como sexo, idade e escolaridade), com a vantagem de poderem ser aplicadas a todos os informantes independente da composição de células estratificadas.

Assumimos como um dos objetivos específicos da presente tese a **descrição da multifuncionalidade de *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?* nos vários planos discursivos**, dando ênfase às atuações dos RADs nos planos textual e interacional. Sugerimos que o papel principal dos RADs é colocar foco e, ao frisar determinadas porções discursivas, cumprem objetivos pragmáticos, relacionados com o interlocutor, e textuais/discursivos, relacionados com a organização do discurso oral. O uso desses elementos configura-se como um caso de relevo por dêixis textual, chamando a atenção do interlocutor para o que é dito (foco em comentário avaliativo no presente, foco na opinião do falante, foco prospectivo, entre outros) e sinalizando as relações que se estabelecem no seu entorno (contraste, conclusão, sequenciação, entre outras). A partir da descrição das atuações dos RADs como elementos focalizadores, propusemos um *continuum* funcional sincrônico, entre os planos interacional e textual, que se propõe a refletir o *continuum* de mudança categorial pelo qual esses itens estão passando, assumindo, com base na noção de protótipos, que os RADs com atuações mais ao

centro do domínio funcional seriam os mais prototípicos e aqueles com *foco pragmático* ou *prospectivo* seriam os menos comuns: FOCO PRAGMÁTICO > FOCO NA OPINIÃO DO FALANTE > FOCO EM COMENTÁRIO AVALIATIVO > FOCO EM SITUAÇÃO E EM DDR > FOCO PROSPECTIVO.

Visando contribuir para uma **descrição mais geral do funcionamento dos RADs e dos MDs numa perspectiva sociofuncionalista**, empreendemos análises estatísticas sobre o total de 1.610 dados, volume muito superior ao das pesquisas de que temos conhecimento sobre esses itens discursivos. Verificamos que muitos indivíduos apresentam-se fiéis a uma forma de RAD, sendo que a maior parte dos dados se distribuem entre três formas: *sabe?* (com 41% do total), *entendeu?* (com 32% do total) e *entendesse?* (com 19% do total). As demais formas representam 8% das ocorrências: *tá entendendo?* (4%), *tás entendendo?* (2%), *entende?* (1%) e *sabes?* (1%). Nossos resultados evidenciam que a maior parte dos RADs concentra-se no centro do domínio funcional, atuando predominantemente com *foco na opinião do falante*, *foco em comentário avaliativo* e *foco em situação e em DDR* e encontram-se preferencialmente inseridos em contextos de *sequenciação* e de *especificação*, mantendo ainda certa força no plano interacional, mas já bastante voltados ao plano textual, cumprindo papel na organização discursiva e parecendo estar, em geral, em estágio intermediário de mudança categorial. Vale notar que os RADs apresentam-se mais frequentes com *forma plena*, *entonação de pergunta*, em contextos de *ausência de estímulos*, associados a *pausa posterior* e em menor frequência a *pausa anterior*, com uso predominante *entre orações* e, dentro do gênero maior da entrevista, em sequências de *descrição/exposição/procedimento*. Verificou-se que os RAD em geral são mais frequentes em *entrevistas próximas de conversa*, em momentos de maior interação e casualidade entre os interlocutores – quando os informantes vão *além do script* e estabelecem relação de *proximidade intermediária*.

Pudemos atestar que as formas em análise, apesar de mostrarem tendências de usos em contextos específicos, encontram-se em **variação no domínio da requisição de apoio discursivo**, e foi possível **identificar os condicionadores linguísticos/discursivos e extralinguísticos do atual uso desses elementos entre os falantes nativos da Barra da Lagoa-Florianópolis/SC**, através de dois momentos de análise que corresponderam a duas variáveis dependentes diferentes.

Com relação à oposição das *formas derivadas de entender vs. as formas derivadas de saber*, ratificando nossas hipóteses, **entendeu?** é privilegiado com *foco pragmático* e *na opinião do falante* e em contextos de *contraste* e de *conclusão/fechamento*, enquanto **sabe?** predomina com uso inovador com *foco prospectivo* e em contexto de relações em níveis mais micro, como de *reparação/esclarecimento*. Além disso, **entendeu?** também mostra-se favorecido em graus de mudança que indicam *maior vínculo com a categoria de origem*, estando mais inclinado ao plano interacional e mantendo mais traços do item fonte. Conforme nossas expectativas, **entendeu?** mostra-se fortemente inibido em situação de *apagamento de entonação de pergunta* e favorecido com *estímulos posteriores, respostas plenas* e em *entrevistas próximas de conversa*, o que reforça seu caráter interacional e sua maior ligação com o significado fonte. Também se apresenta levemente favorecido em sequências *argumentativas* e frequente em sequências *dialogais*, além de ser muito mais usado em *final de enunciado* e em *final de turno*. As dificuldades relacionadas à composição de células sociais comprometeram os resultados das macrocategorias sociais clássicas, *sexo, idade* e *escolaridade*, o que não se constituiu em problema para a análise já que apostávamos que variáveis sociais localmente pensadas, voltadas para as particularidades das entrevistas da amostra e da comunidade em análise, poderiam nos dizer muito mais sobre as forças sociais atuantes no comportamento dos RADs.

Desde o início de nossa análise julgávamos que na comunidade da Barra da Lagoa – por muito tempo isolada e que recentemente tem recebido grande contingente populacional vindo, principalmente, dos estados vizinhos e de São Paulo – forças ligadas a aspectos identitários poderiam atuar sobre o uso dos RADs e partimos da hipótese de que alguns dos itens em análise, principalmente *entendesse?*, poderiam funcionar como marcas de identidade que, em conjunto com outros traços, comporiam um falar nativo florianopolitano. Com esse objetivo, realizamos novas rodadas tomando *sabes?*, *tás entendendo?* e *entendesse?* como marcas de identidade florianopolitana em oposição às demais formas consideradas neutras. A partir dessa nova oposição foi possível observar que os RADs tomados como **marcas de identidade** são favorecidos em *entrevistas mais próximas de conversa*, em que o grau de automonitoramento é menor, o que pode estar indicando certo controle estilístico no uso das formas. Além disso, os resultados apontaram inequivocamente o favorecimento do uso de RADs como **marcas de identidade** entre informantes com *maior grau de*

identificação com o local, o que atesta o funcionamento dos três RADs (principalmente de *entendesse?*) como marcadores de identidade florianopolitana nativa.

Também nos propusemos a investigar **as motivações e a trajetória de mudança dos RADs em análise a partir de informações sobre a história dos itens, de seu quadro multifuncional atual e dos resultados das análises quantitativas**, sendo possível reconstituir a possível trajetória de mudança dos RADs em geral, além de identificar, entre as formas em análise, aquelas que estão mais avançadas no processo de gramaticalização. Sugerimos que os verbos *saber* e *entender*, ao assumirem significados mais abstratos ligados à cognição, passam a trilhar caminhos semelhantes, atuando com uso inovador a partir da inserção em contextos interrogativos em atos de fala diretivos, o que está em consonância com o direcional concreto>abstrato previsto para a mudança das formas linguísticas (Cf. SWEETSER, 1990; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER; 1991; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991) e com as propostas mais recentes que apostam nos contextos dialogais como *locus* propício para o início de mudanças via gramaticalização (Cf. TRAUGOTT, 2008; 2010b; WALTEREIT; 2006; WALTEREIT; DETGES, 2007). Em suas atuações prototípicas, os RADs, partindo do componente ideacional/proposicional, parecem ter reforçado tanto componentes textuais quanto pragmáticos, havendo, simultaneamente, tanto o desenvolvimento de significados mais textuais (via gramaticalização), quanto de significados que expressam a atitude do falante acerca do mundo comunicativo (via subjetivização). Nossos resultados revelam que, de modo geral, as formas derivadas de *entender*, favorecidas com *foco pragmático* e privilegiadas em graus de mudança que indicam *maior vínculo com a categoria de origem*, estariam em estágios menos avançados de gramaticalização, em contraste com as formas derivadas de *saber* que, mostrando-se mais comuns na atuação inovadora de *foco prospectivo*, apresentam-se mais avançadas na mudança categorial e mais voltadas ao plano textual. Contudo, um olhar mais atento aos dados nos fez perceber que a forma *entendesse?* apresentava-se quase tão avançada quanto *sabe?* na comunidade investigada, indicando que forças de natureza sociocultural estariam atuando sobre o uso e mudança desse item em especial.

Finalizando nossa análise, portanto, nos propusemos a **identificar quais forças em competição atuam sobre o uso dos RADs em análise na amostra examinada e quais seus possíveis efeitos para os rumos da mudança**. Pudemos constatar que *entendesse?* apresenta comportamento bastante diferenciado das demais formas de *entender*,

sendo favorecido na função inovadora de *foco prospectivo* e aproximando-se significativamente do comportamento de *sabe?* Os resultados obtidos sugerem que tanto *sabe?* quanto *entendesse?* estão em estágio mais avançado de gramaticalização, assumindo mais papéis voltados à organização textual, porém as forças motivadoras para a mudança parecem ser distintas. *Sabe(s)?* pode estar em estágio mais avançado de mudança por conta de sua origem em verbo com matiz semântico que remete a estados ou a características inerentes àquele que sabe, por sua estrutura menor e menos complexa e por sua alta frequência, o que lhe confere o status de item menos marcado; já sobre *entendesse?* estariam atuando forças motrizes socioculturais que fazem com que esse item seja o preferido entre os falantes com maior grau de identificação com a comunidade.

Acreditamos ter contribuído para a descrição da multifuncionalidade, dos processos de mudança e do uso variável de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos no domínio da *requisição de apoio discursivo*, mas entendemos que as investigações não param por aqui. Muitos outros aspectos relacionados a essas partículas discursivas são merecedores de olhar mais atento e se constituem como sugestões para pesquisas futuras:

- investigação de aspectos ligados à prosódia dos RADs, como entonação de pergunta, pausas e junção com o segmento que se pospõe ao item (como ocorre com *foco prospectivo*);
- realização de gravações específicas, talvez em comunidades de prática (por exemplo, entre grupos de artesanato), para captar o uso de *não tem?* que parece ser bastante produtivo na comunidade da Barra da Lagoa, mas não tem sido captado nas entrevistas sociolinguísticas;
- refinamento dos contextos estilísticos de uso dos RADs, através do controle de novas variáveis que capturem a variação intrafalante;
- investigação dos RADs e de outros marcadores como índices de identidade associados a grupos específicos de falantes;
- estudos voltados para a o uso de *entendesse?* e de *não tem?* com componente ideológico em defesa de uma identidade nativa florianopolitana (em comunidades virtuais, blogs sobre temática esportiva e entre humoristas que se propõem a representar o falar do “manezinho da Ilha”)
- ampliação das discussões sobre a trajetória de mudança de verbos cognitivos para o uso como RADs;
- ampliação das discussões sobre o uso dos RADs e a dimensão identitária.

REFERÊNCIAS

4RENT – locadora de carros. (Mapa de Florianópolis e suas praias). Disponível em: <http://www.4rentlocadoradecarros.com.br/mapas_turisticos/mapa_praias.jpg>. Acesso em: 20 jun 2014, il.

AIJMER, Karin; SIMON-VANDENBERG, Anne-Marie. Pragmatic markers. In: ZIENKOWSKI, Jan; ÖSTMAN, Jan-Ola; VERSCHUEREN, Jef (Eds.). **Discursive pragmatics**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 223-247.

AMANTE, Francisco Hegidio. **Somos todos manezinhos**. Florianópolis: Papa-Livro, 1998.

ANDERSEN, Hanne Leth. Marqueurs discursifs propositionnels. **Langue française**, n. 154, p. 13-28, 2007.

AS MANEZINHA PIRA. Disponível em: <<http://www.facebook.com/AsManezinhaPIRA>> Acesso em: 22 out 2012.

BACK, Angela C. di P. **A multifuncionalidade da forma verbal –sse no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BASTOS, Ângela. Homenageados com Medalha Aldirio Simões dizem o que é ser manezinho. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 jun. 2012. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2012/06/homenageados-com-medalha-aldirio-simoes-dizem-o-que-e-ser-manezinho-3781309.html>>. Acesso em: 07 jul 2012.

BAZZANELLA, Carla. Phatic connectives as interactional cues in contemporary spoken Italian. **Journal of Pragmatics**, n. 14, p. 629-647, 1990.

BEECHING, Kate. La co-variation des marqueurs discursifs bon, c'est-à-dire, enfin, hein, quand même, quoi et si vous voulez : une question d'identité?. **Langue française**, n. 154, p. 78-93, 2007.

BELL, Alan. Language style as audience design. **Language in Society**, n. 13, v. 2, p. 145-201, 1984.

BENTES, Anna Christina; MARIANO, Rafaela Defendi. A linguagem dos manos: é possível falar sobre um registro popular paulista? In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X:FAPERJ, 2013. p. 147-161.

BLAKE, Renée; JOSEY, Meredith. The /ay/ diphthong in a Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov?. **Language in Society** 32. United States of America: Cambridge University Press, 2003, p. 451-485.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis** – uma abordagem não linear. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

BUCHOLTZ, Mary. From stance to style: gender, interaction, and indexicality in mexican immigrant youth slang. In: JAFFE, Alexandra (Ed.) **Stance: Sociolinguistic Perspectives**. New York: Oxford, 2009. p.146-170.

BYBEE, Joan. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, n. 4, p.711-733, 2006.

_____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (Eds.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

CARRANZA, Isolda E. La indicidad en la interacción y el contraste entre perspectivas teóricas sobre marcadores discursivos. In: NEGRONI, María Marta García (Ed.) **Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2012. p. 24-34. E-BOOK.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. **Cadernos de estudos linguísticos e literários**. Salvador: UFBA, 1997, p. 25-63.

_____. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: _____. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 249-279.

CEZARIO, M. M. C. **Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

CHANGEMAKERS. (Imagem aérea da Barra da Lagoa). Disponível em: <<http://www.changemakers.com/node/24806/images>>. Acesso em: 20 jun 2014, il.

CHODOROWSKA-PILCH, Marianna. On the polite function of *¿me entiedes?* in Spanish. **Journal of Pragmatics**, n. 28, p. 355-371, 1997.

CLARAMUNT, Maria Cristina. **Configuração urbana e identidade espacial: estudo de localidades praianas na Ilha de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COELHO *et al.* **Sociolinguística: teoria, método e prática**. [No prelo]

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História de Florianópolis** – Ilustrada. Florianópolis : Insular, 2004.

COUPLAND, Nikolas. **Style: language variation an identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CROFT, William. Typology. In: ARONOFF, Mark; REES-MILLER, Janie (Eds.). **The Handbook of Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2006. p. 337–368

DAL MAGO, Diane. **Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

DANTAS, Wagner Saback. **Uma proposta de (re)análise estilística da fala narrativa na entrevista sociolinguística laboviana**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

DAVET, Julie Cristiane Teixeira. **Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas**

implicações identitárias. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

DIEWALD, Gabriele. Grammaticalization and Pragmaticalization. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization.** Oxford: OUP, 2011. p.450-461.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e contexto:** uma abordagem sociocognitiva. Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

DOSTIE, Gaétane; SÈVE, Suzanne de. Du savoir à collaboration: Étude de la pragma-sémantique et traitement lexicographique de t'sais. **Revue de Sémantique et Pragmatique**, n. 5, p. 11-35, 1999.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, jun 2012.

_____. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, 12/4, p. 454-476, Oxford: Blackwell, 2008.

_____. The meaning of style. In: CHIANG, W. F.; CHUN, E.; MAHALINGAPPA, L. & MEHUS, S. (Eds.). **Proceedings of the Eleventh Annual Symposium about Language and Society - Texas Linguistic Forum**, vol. 47, p. 41-53, 2004. Disponível em: <<http://studentorgs.utexas.edu/salsa/proceedings/2003/eckert.pdf>>.

Acesso em: 18 out 2011.

_____. Style and social meaning. In: _____; RICKFORD, John R. (Eds.) **Style and sociolinguistic variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

FANT, Lars. **Negociación y modalización en el diálogo espontâneo.** Estocolmo: Stockholm University Publications, v. XII, p. 231-252, 2007.

FANTIN, Márcia. Cidade dividida. Cidade Futura: Florianópolis, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. (totalmente revista e ampliada) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRASER, Bruce. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, v.31, p.931-952, 1999.

_____. Pragmatic markers. **Pragmatics**, n.6(2), p. 167–190, 1996.

FREITAG, Raquel M. Ko. **Variação e gramaticalização de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

GALUÉ, Dexy. Marcadores conversacionais: un análisis pragmático. **Boletín de Lingüística**, v. 18., p.27-48, Universidad Central de Venezuela, Caracas, 2002.

GASPARINI, Madelaine. **Assim se fala, assim se escreve**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

GIVÓN, Talmy. **Compreendendo a gramática**. FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.); Tradução e adaptação: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mário Eduardo Martelotta; Filipe Albani. Natal: EDUFRN, 2011 [1979].

_____. **Context as other minds: the pragmatics of sociality cognition and communication**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

_____. **Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

_____. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.v. 1 e 2.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. **English Grammar: a function-based introduction**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria (Orgs.). **Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014. p. 67-92.

_____; _____. Marcadores em competição no domínio funcional da “requisição de apoio discursivo”. In: CEZARIO, Maria Maura;

CUNHA, Maria Angélica Furtado da (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X:FAPERJ, 2013. p. 113-129.

GÖRSKI, Edair Maria. Mesa-redonda: Sociofuncionalismo. **XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE**. Natal, UFRN, 04-07 de setembro de 2012.

GÖRSKI, Edair Maria *et al.* Fenômenos recursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J.(Org.) **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2003. p.106-122.

GÖRSKI, Edair Maria *et al.* Mudança em fenômenos discursivos via variação e gramaticalização: o papel dos fatores sociais. **Estudos Linguísticos (GEL)**, v.32, p.1-5, São Paulo, 2002.

GUMPERZ, John J.; COOK-GUMPERZ, Jenny. Studying language, culture, and society: Sociolinguistics or linguistic anthropology? **Journal of Sociolinguistics**. 12/4, p. 532-545, 2008.

GUY, Gregory. A Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. **Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Porto Alegre, v. 14, n. 28 e 29, 2000, p. 17-32.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in english**. London: Longman, 1976.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **The Genesis of Grammar: a reconstruction**. New York: Oxford University Press, 2007.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conception framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd; REH, Mechthild. **Grammaticalization and reanalysis in African languages**. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.

HOPPER, Paul. The paradigm at the End of the Universe. In: GIACALONE-RAMAT, Anna.; HOPPER, Paul. (Orgs). **The limits of grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. p. 147-158.

_____. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 1 e 2., p.7-35.

_____. **Emergent grammar**. In: Berkeley Linguistics Society, n. 13. 1987. p. 139-157. Disponível em: <<http://elanguage.net/journals/index.php/bls/article/viewFile/2492/2459%20%20C3%A5%C2%AF%E2%80%A0>> . Acesso em: 12 jun 2013.

ITAÚ. **Como evitar os vícios de linguagem na apresentação**. Publicado em: 14 ago 2012. Disponível em: <<http://ww2.itau.com.br/hotsites/itau/carreira/revista/prerender-mais/revista-prerender-mais-24.html>>. Acesso em: 22 jul 2014.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Topico discursivo. In:_____; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p 39-46.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Especificidade do Texto Falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p 39-46.

_____. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

LABOV, William. **The Lavandera direction**. Palestra proferida em II Jornadas Internacionales Beatriz Lavandera - Sociolingüística y Análisis del discurso. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 28 de agosto de 2013.

_____. **Principles of linguistic change**. Volume III: cognitive and cultural factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

_____. **Padrões Sociolingüísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. **The social stratification of english in New York City.** 2. ed. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. Cambridge: Cambridge U. Press, 2006 [1966].

_____. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.) **Style and sociolinguistic variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

_____. Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation. In: BAUGH, John; SHERZER, Joel. (Eds.). **Language in use.** Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984. p. 28–53.

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, Southwest Educational Development Laboratory, Austin, n. 44, 1978.

LACERDA, Lucas Antonio de. **A representação da identidade do 'manezinho': entre a arte e a vida.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the linguistic variable stop? **Language and Society**, v. 7, n. 2, p. 171-182, 1978.

LEAL, João. **Cultura e identidade açoriana:** o movimento açorianista em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2007.

LEFEBVRE, Claire. As noções de estilo. In: BAGNO, Marcos (Org.) **Norma linguística.** Edições Loyola: São Paulo, 2001 [1983], p. 203-236.

LEHMANN, Christian. **Thought on grammaticalization.** 2. ed. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/Thoughts%20on%20grammaticalization.pdf>. Acesso em: 15 mai 2012.

_____. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. **Lingua e stile**, n.20, p. 303-318, 1985. Disponível em: <http://www.christianlehmann.eu/publ/syn_dia.pdf>. Acesso em: 15 mai 2012.

LICHTENBERK, Frantisek. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth & HEINE, Bernd (eds.) **Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

LOPES-DAMASIO, Lúcia R. **A emergência do marcador discursivo assim sob a ótica da gramaticalização**: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MACAULAY, Ronald. Discourse variation. In: CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter.; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002b. p. 1-18.

_____. You know, it depends. **Journal of Pragmatics**, n. 34, p. 749–767, 2002a.

MACEDO, Alzira; SILVA, Giselle Machline de Oliveira. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria C. (Orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.

MANÉ DARCI. Postado no Facebook em 19 out 2012. Disponível em: < <http://www.facebook.com/manedarci?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 22 out 2012.

MARCUSCHI, Luiz A. Hesitação. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 48-70.

_____. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, Ataliba. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

MARTELOTTA, M. E.; LEITÃO, M. Igualdades e diferenças nos marcadores discursivos *sabe?* e *entendeu?*. In: **Artigos produzidos pelo Grupo Discurso & Gramática sobre gramaticalização no português do Brasil**. UFRJ, Rio de Janeiro, 1998. Mimeo.

MARTELOTTA, Mário E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário E. (Orgs.). **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004. p. 82-136.

MARTELOTTA, Mário E.; ALCÂNTARA, Fabiana. Discursivização da partícula né? In: MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. (Orgs.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 277-292.

MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria M. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MAY, Guilherme. **Labov e o fato social**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion Éditeur, 1948 [1912].

MENDOZA-DENTON, In: CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter.; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 475-499.

MESSA, Gedeon Eloeno Rodrigues. **Entendesse?, sabe? e visse? como marcadores discursivos na Fala de Pelotas/RS**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MOZER, Josilaine A. **Estudo sobre o item *não tem?* na fala capixaba**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

MÜLLER, Simone. **Discourse markers in native and non-native english discourse**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

NICHOLS, Johanna. Functional theories of grammar. **Annual Review of Anthropology**. v. 13, p. 97-117, 1984.

NÚÑEZ, Abelardo San Martín. Los marcadores interrogativos de control de contacto en el corpus PRESEEA de Santiago de Chile. **Boletín de Filología**, v. XLVI, n. 2, p. 135-166, 2011.

- ODILHO MANEZINHO DA ILHA. Disponível em: <http://www.facebook.com/odilho?fref=ts>. Acesso em: 22 out 2012.
- ONODERA, Noriko O. The grammaticalization of discourse markers. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: OUP, 2011. p. 614-624.
- OS MANEZINHO PIRA. Disponível em: <<http://www.facebook.com/OsManezinhoPIRA>> Acesso em: 28 fev 2014.
- PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e identidade**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis: Editora da UFSC; Lunardelli, 1983.
- PICHLER, Heike. Methods in discourse variation analysis: reflections on the way forward. **Journal of Sociolinguistics**, 14/5, p. 581-608, 2010.
- POPLACK, Shana. Grammaticalization and Linguistic Variation. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: OUP, 2011. p. 209-224.
- PORTOLÉS, José. **Marcadores del discurso**. 4. ed. Barcelona: Ariel, 2007.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS (site). **Censo Demográfico IBGE 2010 Estimativa 2013** (Compreendendo a população da Região da Fortaleza da Barra da Lagoa). Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/saude/unidades_saude/populacao/uls_2013_index.php>. Acesso em: 20 jun 2014.
- PRETI, Dino (Org). **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 1999.
- REIS, Mariléia S. dos. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista**. Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 403-425.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Marcadores Discursivos: Traços definidores. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.) **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. Vol. IV.

ROCHA, Patrícia Graciela. **O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROMAINE, Suzanne. On the problem of syntactic variation and pragmatic meaning in sociolinguistic theory. **Folia Linguistica**, n. 18, p. 409–439, 1984.

ROST-SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. **OLHA e VÊ: caminhos que se entrecruzam**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____, Cláudia Andrea. **OLHA e VEJA: multifuncionalidade e variação**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali. A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 11 fev 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras**. Salvador, n. 4, p. 1-32, jun. 2012. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf>. Acesso em: 30 jun 2014.

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers: language, meaning and context. In: _____; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Eds.). **The handbook of discourse analysis**. Malden, MA: Blackwell, 2001. p. 54-75.

_____. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHILLING-ESTES, Natalie. Stylistic variation and the sociolinguistic interview: a reconsideration. In: **25 Años de Lingüística Aplicada en España: Hitos y Retos: Actas del XXV Congreso Internacional de la Asociación Española de Lingüística Aplicada (AESLA)**, Murcia, 2007, p. 971-986. Disponível em: <<http://www.um.es/lacell/aesla/contenido/pdf/9/schilling.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

_____. Investigating stylistic variation. In: _____; CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter (Eds.) **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell Publishing, 2002. p. 375-401.

SEVERO, Cristine Görski; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. **Identidade e língua em Florianópolis: sobre a relação entre o manezinho e o manezês**. (a sair).

SEVERO, Cristine Görski. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, n. 9, 2008.

_____. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens sociolinguísticas. **Revista Letra Magna**, ano 04, n. 07, 2007.

SONIC FOUNDRY. **Sound Forge**. Versão 4.5.281, 1999.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Grammaticalization and semantic bleaching. In: **Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, California, USA, p. 389-450, 1988.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. Comparative sociolinguistics. In: CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter.; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 729-763.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo. Ed. Ática, 1985.

TAVARES, Maria Alice. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl;

NUNES DE SOUZA, Christiane Maria (Orgs.). **Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014. p. 203-223.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. **Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista**. Texto apresentado e discutido no XXVII Encontro Nacional da Anpoll – ENANPOLL, Rio de Janeiro-RJ, 10 a 13 de julho de 2012.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

_____. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

TERKOURAFI, Marina. The pragmatic variable: toward a procedural interpretation. **Language in Society**, n. 40, p. 343–372. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

TORRES-CACOULLOS, Rena. From lexical to grammatical to social meaning. **Language in Society**, n. 30, p. 443–478, 2001.

TRAPP, Kelly. **Os marcadores discursivos *sabe?* e *entende?* na fala de informantes do município de Chapecó/SC**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Intersubjectification and clause periphery. In: BREMS, Lieselotte; GHESQUIÈRE, Lobke; VELDE, Freek Van de (Eds.). **Intersections of intersubjectivity, special issue of English Text Construction**. n. 5:1, p 7-28, 2012.

_____. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert (Eds.) **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010a. p. 29-70. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottDavidseIntersbfn.pdf>>. Acesso em: 22 fev 2012.

_____. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, Robert. A.; HAMILTON-BREHM, Anne Marie; KRETZSCHMAR, William (Eds.). **Variation and Change in English Grammar and Lexicon**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010b. p. 11-27. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottDialogicity.pdf>>. Acesso em 22 fev 2012.

_____. Grammaticalization. In: LURAGHI, Silvia; BUBENIK, Vit (Orgs.). **Continuum companion to historical linguistics**. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2010c. p. 269-283

_____. ‘All that he endeavoured to prove was...’: On the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, Robin.; KEMPSON, Ruth (Orgs.). **Language in Flux: Dialogue Coordination, Language Variation, Change and Evolution**. Londres: Kings College Publications, 2008. p. 143-177. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottCooperKempson.pdf>>. Acesso em: 22 fev 2012.

_____; DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.

_____. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, Donka; STOCKWELL, Robert (Eds.). **Studying the History of the English Language: Millennial perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 19-49.

_____. **From subjectification to intersubjectification**. Anais do Workshop on Historical Pragmatics - Fourteenth International Conference on Historical Linguistics: Vancouver, Canada, jul. 1999.

_____. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Manchester: Stanford University, 1995, p.1-29.

_____; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bern (Eds.). **Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 1 e 2, 1991. p. 189-218.

_____. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. **Language**, Washington, v.65, n.1, p.31-55, 1989.

_____. Pragmatic strengthening and grammaticalization. **Berkeley Linguistics Society**, p. 406-416, 1988.

_____. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (Orgs.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 245-271.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O relevo no processamento da informação. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 167-215.

URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 497-528.

_____. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do português falado VII**. São Paulo: Humanitas; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p.195-258.

_____. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1997. p. 81-101.

VALLE, Carla Regina Martins; GÖRSKI, Edair Maria. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria (Orgs.). **Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014. p. 93-121.

VALLE, Carla Regina Martins; MARGOTTI, Felício W. A construção de um artefato metodológico para medir avaliações metalinguísticas subjetivas. **Revista Signótica**, v. 25, n.2, jun/dez 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/19205>>. Acesso em: 30 mai 2014.

VALLE, Carla Regina Martins. **Sabe?~não tem?~entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VANDRESEN, Paulino; COELHO, Izete L. Formação e políticas de disponibilização do Banco VARSUL. In: GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. de A. **Língua Portuguesa: identidade, difusão e variabilidade**. Livro digital, 2008. p. 75-86.

VAZ, Marcelo Cabral. **Lagoa da Conceição: a metamorfose de uma paisagem**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião; LAFOREST, Marty. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. **Langues et Linguistique**. Quebec: Université Laval, n. 19, 1993.

VIVA FLORIPA – guia de hospedagem. (Imagem da região da Barra da Lagoa e da Fortaleza da Barra). Disponível em: <http://www.vivafloripa.com.br/barra_da_lagoa/>. Acesso em: 20 jun 2014, il.

WALTEREIT, Richard. Grammaticalization and Discourse. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. New York: OUP, 2011, p. 413-423.

_____; DETGES, Ulrich. Different functions, different histories. Modal particles and discourse markers from a diachronic point of view. In: CUENCA, Maria Josep (Ed.). Special issue on discourse markers. **Journal of Catalan Linguistics**, n.6, p. 61-82, 2007.

WALTEREIT, Richard. The rise of discourse markers in Italian: A specific type of language change. In: FISCHER, Kirsten (Ed.). **Approaches to Discourse Markers**. Oxford: Elsevier, 2006. p. 61-76.

WEINER, Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, 19, p. 29-58, 1983 [1978].

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WEINRICH, H. **Estructura y función de los tempos en el lenguaje**. Madri: Gredos, 1968.

WIKIPÉDIA, A enciclopédia livre. **Meme**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>>. Acesso em: 22 jul 2014.

ANEXO 1- DADOS DO CENSO 2010 – ESTIMATIVA 2013 PARA A POPULAÇÃO RESIDENTE NA BARRA DA LAGOA E FORTALEZA DA BARRA DA LAGOA

Barra da Lagoa

				Residentes por idade (anos)										
Código Micro Área	Residentes	Homen Residentes	Mulheres Residentes	menos de 1 ano	1 a 4 anos	5 anos	6 a 9 anos	10 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 49 anos	50 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	acima de 70 anos
44001	418	205	213	5	18	4	16	63	36	172	50	17	12	25
44002	503	250	253	7	20	3	25	80	44	218	55	22	10	19
44003	399	209	190	3	20	3	17	45	32	212	32	15	5	15
44004	903	482	421	10	36	8	43	122	81	456	73	27	19	28
44005	547	292	255	6	21	4	24	75	50	280	45	15	11	16
44006	419	210	209	6	16	2	21	66	37	184	46	17	8	16
44101	763	366	397	9	31	11	38	85	66	359	101	23	12	28
44102	516	258	258	7	30	5	26	83	58	205	56	12	14	20
44103	679	353	326	11	27	3	28	95	65	311	72	28	27	12
44104	373	183	190	4	15	4	16	45	31	174	41	17	9	17
44105	579	285	294	6	26	5	23	87	50	236	68	25	17	36
	6099	3093	3006	74	260	52	277	846	550	2807	639	218	144	232

Fonte: Censo Demográfico IBGE 2010 Estimativa 2013 (Compreendendo a população da Região da Barra da Lagoa) – (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2004)

ANEXO 2 - NORMAS DE TRANSCRIÇÃO ADOTADAS

Normas para transcrição de entrevistas gravadas – NURC (com adaptações em negrito)

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do nives de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	----	... a demanda de moeda -- vamos dar casa essa notação -- demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas com colchetes indexados	E: Tu tá brin[6 candu 6] F: [6 Ahn 6] E: Ela dismaiô? ((com tom de espanto)) F: Ela dismaiô... ãh não quentô né? [7 dicertu né? 7] E: [7 Na rua? 7]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	'entre aspas simples para um dos interlocutores em um diálogo reportado – de preferência para a fala reportada do próprio informante' "entre aspas duplo para o outro interlocutor"	Aí eu disse+assim 'por que doutor?'... eli assim "pegassi/pegassi a tua biópsia?" (Eu disse+assim) 'peguei'... Aí eli assim:: aí eli pegô a biópsia... viu (e ele disse assim ô)... "infelizmente... você tá cum tumor nu istômagu"
Para resolver possíveis ambiguidades geradas pela falta de pontuação		DIRETO... não olha só u que qui+eli fez cuMIGU...

1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)
2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tâ (não por *está*: tá? *Você está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::.... (alongamento e pausa)
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa

pakita e a mini torcida azul calcinha ainda pensam que ele é craque...huahuahua...e para o +x e atual campeão (no canetaço) ...ae de cima...o furacao tem ídolos sim...a diferença é que eles não chegam de helicóptero, não vao embora pela portas dos fundos e não saem falando mal da torcida...**tendessi ???** Parabéns ao Pakita pela coragem, chamar o arbitro de ladrão e ainda tem a cara de pau de falar asneiras em entrevistinhas...esse é o ídolo Bvaiano.

BLOG DO CASTIEL. Click RBS. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/castiel/2012/05/20/o-saldo-do-supersabado/>. Acesso em: 12 set. 2013.

- L. diz:20 de maio de 2012

Castija, fui no jogo domingo e ontem, levando chuva no lombo, sou torcedor do Figueira, nao sou modinha que só aparece nas horas boas **tendessi ???** no jogo de ontem nao gostei da escalação do Figueira, nao sou corneta, estou sempre apoiando o time, mas jogar com 3 volantes contra o Nautico nao da neh??? nao gosto de treinador cagao, no final do jogo o Argel ia colocar o Doriva (mais um volante) no lugar do Caio, mudou de ideia pq o cara do Nautico foi expulso e entrou o Potkker...o futebol é tao simples e os professores pardais ficam querendo reinventar...1 goleiro 2 zagueiros, 2 laterais, 2 volantes, 2 meias e 2 atacantes...tao simples assim...felizmente a vitoria veio, mas será que vamos ficar sofrendo assim o camp inteiro??? pra que complicar uma coisa que é tao simples...abrç

BLOG DO CASTIEL. Click RBS. Disponível em:<http://wp.clicrbs.com.br/castiel/2010/03/19/prisco-chora-voltara-um-dia/?topo=67,2,18,,30,67>. Acesso em: 12 set. 2013.

- C. C. diz:19 de março de 2010

Deixando a brincadeira de lado, penso que o maior problema do coirmão foi não saber lidar com a série B. Aliás, a ficha ainda não caiu, pelo que leio nos comentários dos ilustres adversários. O salvador virou judas da noite para o dia. Ora, negociação de jogadores já era feita no tempo das vacas gordas (zagueiro vendido à Alemanha etc etc) e não mudou no tempo das vacas magras. O que mudou foi o orçamento. O Real Madrid do Estreito achou que voltaria à elite do mesmo jeito que o Coxa, Palmeiras, Grêmio, Atlético MG e Botafogo. **Tendessi ô?**

RENATO MAFRA. A arte de ser mané. P@rtes: a sua revista virtual. Disponível em: <http://www.partes.com.br/ed22/cronicas.asp>. Acesso em: 04 mar 2014.

Ser manezinho da ilha é lembrar do Miramar, na época em que o mar penetrava maliciosamente as entranhas da ilha.

É ter passado pela ponte Hercílio Luz, de pé ou de carro, quando ainda não existia a ponte Colombo Salles.

É ter passarinho, principalmente o Curió, e levá-lo para passear, pra pegar sol. [...]

Ser mané é falar bem rapidinho, **entendesse?** de preferência no diminutivo, sabe comé? **não tem?**

Ser mané é conhecer o Miguel Livramento, o Roberto Alves, o Cacau Menezes, o Renei Roberto e a Maria Odete, o JB Telles, o Fernando Linhares, o Aldírio Simões, o Miltinho Cunha, o Flecha... [...]

Enfim, ser mané é ter lembranças, saudades e ser um cara feliz, pois sabe quer acertou pelo menos uma coisa na vida: o lugar onde nasceu.

WIKIPEDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. Dialeto florianopolitano. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dialeto_florianopolitano. Acesso em: 18 jun 2013.

Entendesse? – equivale aos finais "entendeu?", "sabe?".

S MANEZINHO PIRA. Disponível em: <<http://www.facebook.com/OsManezinhoPIRA>> Acesso em: 28 fev 2014.



O QUE O MANEZINHO FALA

Que que eu te disse?

COMO O TURISTA ENTENDE

Cocotídisse?

é mazômenox assim

TENDESSE??

Os Manezinho PIRA

**DICIONÁRIO DO MANÉ****Incarnado**

Descrição: pessoa descolada com ideia fixa na cabeça ou também algo muito baita.

TENDESSE??

Os Manezinho PIRA

**DICIONÁRIO DO MANÉ****INTIZICA**

Descrição: provocar, irritar uma pessoa ou um animal.

TENDESSE??

Os Manezinho PIRA

**DICIONÁRIO DO MANÉ****ISTEPÔ**

Descrição: Pessoa que atrapalha (geralmente de propósito) ou que prega peças.

TENDESSE??

Os Manezinho PIRA

**DICIONÁRIO DO MANÉ****Lua Cheia**

Descrição: dia de maruim, bruxa e lobsomem.

TENDESSE??

Os Manezinho PIRA

**DICIONÁRIO DO MANÉ****Tanso**

Descrição: pessoa lerda, desastrada; idiota ou ingênuo.

TENDESSE??

Os Manezinho PIRA

**DICIONÁRIO DO MANÉ****Pôzagóra**

Descrição: quando ficamos com dúvida ou não sabemos responder.

TENDESSE??

Os Manezinho PIRA

**DICIONÁRIO DO MANÉ****MIJADA**

Descrição: chamada de atenção, bronca, sermão....

TENDESSE??

Os Manezinho PIRA



APÊNDICE 1- FOTOS DA COMUNIDADE DA BARRA DA LAGOA

Fonte: Arquivo pessoal.

Foto da lida diária dos pescadores em 1991 (atividade que ainda se mantém com um número menor de membros).



Foto feita de cima do Morro da Galheta, mostrando a área do Parque florestal que limita o crescimento da comunidade da Barra da Lagoa e, ao fundo, a Lagoa da Conceição.

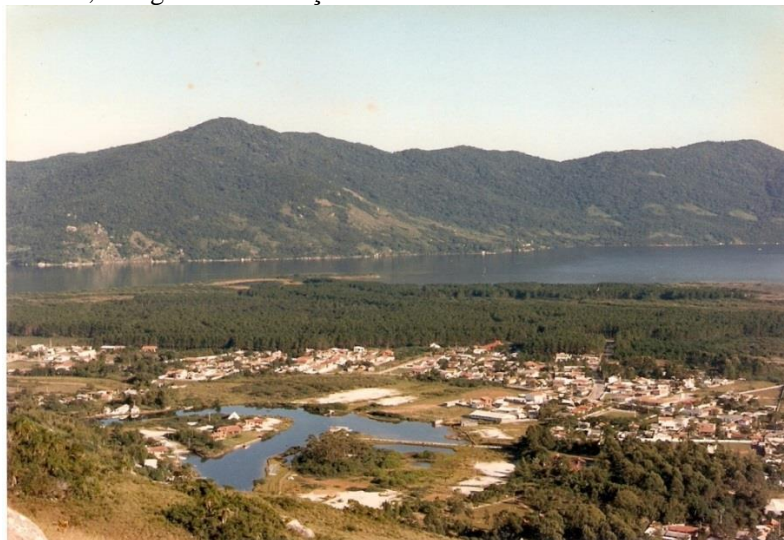


Foto de cima do Morro da Galheta mostrando a praia da Barra da Lagoa e grande parte da extensão da praia de Mocambique.

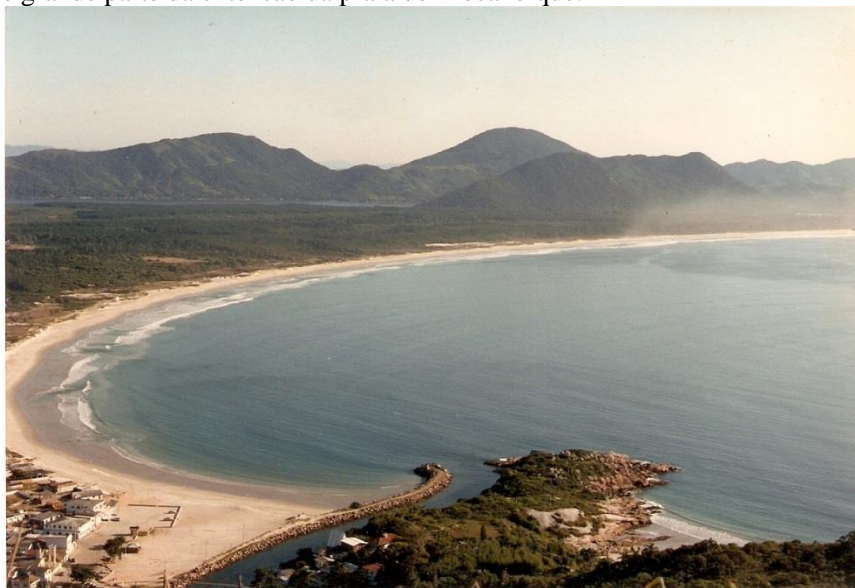


Foto do trapiche onde os pescadores descarregam seu pescado e atracam seus barcos.



Foto da saída do canal da Barra da Lagoa para o mar com o molhe construído em 1982.



APÊNDICE 2- MAPEAMENTO DE UMA DAS ENTREVISTAS DA AMOSTRA

BARRA18FA4

ENTREVISTADORA: Cláudia Brescancini

DATA: 09/02/2001

BAIRRO: Barra da Lagoa

SEXO : feminino

IDADE : 41 anos

GRAU DE INSTRUÇÃO: **primário completo**

PROFISSÃO : do lar

ESTADO CIVIL : casada

FILHOS: 03 filhos

SEMPRE MOROU NA BARRA ? sim

LOCAL DE NASCIMENTO DOS PAIS: Barra da Lagoa

ATIVIDADES SOCIAIS/LAZER: conserto de rede de pesca; assistir tv

ASSUNTOS DE MAIOR INTERESSE: turismo, família

TRACK 1

Família – GE (gatilho da entrevistadora)

O pai ficava de 6 meses a 1 ano fora de casa, trabalhando na pesca no Rio Grande do Sul.

Não teve muito contato com o pai quando pequena.

Marido – T (tangente da entrevistada) (02:58)

Casou aos dezessete anos e o marido foi trabalhar no Rio logo em seguida. Ela também criou os filhos praticamente sozinha.

Como conheceu o marido? – GE (03:59)

Já está casada há 23 anos

Vida da mãe – GE (04:45)

Vida difícil.

Irmão que tem paralisia infantil – T (05:35)

Mãe rendeira – GE (08:38)

Usa muito *assim e né?*

Ajudava a sustentar a família com a venda da renda.

Era uma vida dura.

Não estudaram além do primário porque os pais não tinham condições de pagar a passagem para que eles fossem estudar no Rio Vermelho.

Os pais não deixavam as filhas trabalharem na cidade porque tinham medo que “se perdessem”.

(Sobre a mãe não aceitar que a informante trabalhasse na cidade)

F: Aí tinha assim serviço pra mim trabalhar fora na cidade, né? (inint) ah, ela não aceitava, né? que eu fosse trabalhar fora, né?

E: Não?

F: Ela nunca aceitou que a gente fosse trabalhar fora.

E: Por que cê acha, Fulana, que ela não gostava?

F: *Eu acho assim que era um medo... **entendesse?**... ou um preconceito, que antigamente falava assim “ah:: a menina que trabalhava- que trabalha na cidade” assim:: achava que ia pra cidade as menina se perdia, **entendesse?**... e tinha esse preconceito assim (BARRA18FA4:Faixa1-10:25; 10:33)*

A informante e as irmãs se sustentavam fazendo renda.

Tempos antigos – T (10:52)

Com o dinheiro da renda comprava o enxoval.

Enxoval – GE (11:58)

A filha da informante está no ambiente e fala um pouco sobre casamento e faculdade.

Filha mais velha – GE (12:48)

A filha mais velha faz história.

(Sobre a filha mais velha da informante)

E: *O que que ela faz?*

F: *Faz história.*

E: *Ah, faz história!*

F: *História.*

E: *Que bacana!*

F: *E sempre graças a Deus nunca- (hes) elas nunca- nunca tiveram- eu nunca tive problema com elas, **entendeu?**... de estudo assim sempre (inint).*

E: *Seus filhos- o mais novo estuda? (BARRA18FA4:Faixa1-13:10)*

Estudo e rotina dos filhos GE – (13:13)

Depois do primário as filhas foram estudar no centro.

Informante bastante descontraída. Fala muito e muito rápido. Totalmente à vontade.

(Sobre a filha que comanda um time de rugby)

F: *Ainda ontem teve um cara aqui disse “puta, fulana, tás de parabéns, não sei o quê, todo mundo e-“ achou assim (hes) ela sendo uma mulher, uma guria nova e teve-*

E: *Novinha!*

F: *É, e teve toda- que ela é uma assim muito responsável, **sabe?**... ela tem assim, ela puxou o lado de uma tia assim, **sabe?**... da parte do meu marido?...*

I: *Tia (inint)?*

F: *É, entrou esses lado assim... (est) (hes) e eles acharam assim que ela tem assim, ela tem uma pe- ela não fala assim:: que é aquela pessoa assim que ganha- que tem aquela ordem assim, com aquela ordem com aquilo ali, [aquilo ali]*

I: *[Ela tem] a personalidade forte.*

F: *Forte, **entendeu?** assim.*

E: *Que beleza, né? (BARRA18FA4:Faixa1-14:53; 14:55; 15:11)*

A filha mais velha joga Rugby e fez amizade com várias pessoas de fora, da França, da Argentina.

Namoro dos filhos – GE (15:26)

E: *Fulana, e você é daquelas mães assim que acha que tem que casar:: que é melhor casar ou você não fica pressionando assim? [Como é que cê (inint)?]*

F: Não, eu acho assim ó, [eu só (inint) assim ó] eu deixo, **entendesse?**... né? claro eu como mãe a gente é responsável, mas eu acho assim ó, eu acho que:: o que acontec- eu acho as- hoje se eu tivesse a oportunidade que as minha filha tem, eu não casaria com aquela idade. (BARRA18FA4:Faixa1-16:05)

(Sobre os motivos para ter se casado muito jovem)

Eu tinha muita vontade de trabalhar fora que eu queria ganhar dinheiro, não tive essa oportunidade, estudar não tive oportunidade... então:: como era um menino daqui:: que eu achei que era um menino, **entendesse?** um rapaz bom, família boa, eu achei assim que eu:: casei. (BARRA18FA4:Faixa1-16:45)

Acha que teve poucas oportunidades e quer que as filhas tenham mais oportunidades na vida.

Vida da informante atualmente – T (16:54)

Já fez faxina, mas hoje não tem mais necessidade.

Acha que não tem necessidade de trabalhar fora, pois o marido sustenta a casa.

Aluga casa – T (18:33)

Já aluga casa há cerca de 8 a 9 anos.

No início morava em uma garagem.

Agora tem uma casa para alugar e outra para morar.

(Sobre a construção da nova casa)

E: Ela é bem novinha, né? [a gente vê que é tudo novinho, as coisas]

F: [É, a gente tá aqui três meses mo-] nós tamos aqui:: aí no ano passado eu me mudei... **tendesse?** o primeiro ano ela tava pra terminar, aí eu subi, a gente passou assim dificulda- assim não tava nada, né? (BARRA18FA4:Faixa1-20:11)

Móveis da casa – T (20:45)

Aluguel no inverno – GE ou T (21:25)

Tem medo de alugar para qualquer um porque diz que existem assassinos, fugitivos e pessoas envolvidas com drogas.

Quer alugar para estudantes.

Casas da família no mesmo terreno – GE (22:58)

A informante tem carro.

Turismo – GE (23:37)

O marido não queria alugar casa no início.

F: Ele não aceitava que alugasse.

E: Ah, não?

F: Ah, ele não aceitava “ah, vai alugar a minha casa, não sei o quê” (riso de E) aí o, né? até uma época (hes) quando ele alugou, ele chegou, ficou meio brabo porque não aceitou “ah, porque não sei o quê, agora tá morando aí, porque não sei o quê” “ah, nego, mas é pra ajudar, não sei o quê”... aí depois a gente se acostumou, né? agora- agora nem eu quero alugar e nem ele essa aqui, **entendesse?**... que muita gente diz assim “ó, guria, porque tu não aluga, pegar um dinheiro bom, não sei o quê”, ah, não (BARRA18FA4:Faixa1-24:59)

A informante não quer alugar a casa onde mora agora porque é muito sacrifício.

F: Então eu já acho assim que a gente já passou assim tanta dificuldade::de, a gen- eu achei assim, eu já economizei tanto assim, hoje tu vê eu tenho isso aqui, eu sei que- que o aluguel é do trabalho dele, mas eu fui uma mulher assim que eu economizei... entendessee? então:: eu achei assim que:: agora- agora- agora é pra mim, entendessee?...

E: É pra você descansar um pouco, né? (BARRA18FA4:Faixa1-25:41; 25:46)

Diz ter gente que aluga até a casa em que mora. Precisa do dinheiro, mas quer garantir o seu conforto.

Trabalho do marido – T (26:25)

O marido trabalha fora na pesca, como mestre.

Turismo – GE (27:41)

Acha ótimo o turismo. Acha que valorizou o lugar e melhorou a vida das pessoas.

Ela fazia rede para ajudar o marido.

Rotina da pesca na Barra – T (28:45)

Justamente os três meses do verão são os piores para a pesca.

Turismo – GE (29:25)

O turismo vale a pena.

Lado ruim do turismo – GE (30:06)

Não considera que o turismo seja ruim. O problema é que aqueles que alugam é que tem que saber para quem alugar, não deveriam alugar para qualquer um.

TRACK 2

Lado ruim do turismo – (continuação)

Agradece ao turismo. Tem muitos amigos de fora, argentinos, uruguaios. Os amigos mesmo quando não vêm, mandam presentes para ela.

A entrevista foi realizada em fevereiro.

As filhas aprenderam a falar espanhol com os amigos turistas que as levavam para praia também.

(Sobre um inquilino que se tornou amigo da família)

Então isso aqui ele mandou pra mim mais pro meu marido, pras meninas mandou cada uma o seu porta jóia (E: Ah!) e pro, Fulano, mandou um- um- um brinquedinho... então assim, é ele não vim, mas e daí- aí tu vê ó quantos amigo dele que ele já mandou me- que me procuram, entendessee?... aí eu alugo de- de família ou alugo de:: assim amigos meus, né? às vezes não tenho vaga assim, nos meus irmãos ou aqui (BARRA18FA4:Faixa2-01:30)

Filha fez curso de espanhol – T (02:25)

Amizade com os turistas – T (02:55)

E eles aqui gostam assim porque pra:: a Barra aqui, a Barra aqui é uma- uma- uma área pesqueira, então aqui a- a Barra tá sendo assim ma- mais um pouco valorizada assim... às vezes não assim pro jovem porque:: sabe? (inint) mas assim pra:: pra família mais eles gosto porque aqui é uma área pesqueira ainda, que continua ainda tem (hes) essa coisa nativa da- da praia que... porque tu vê o Inglêses não tem::... Canasvieiras não tem::... tendessee? e o turismo vindo pra cá... ele faz aquela amizade assim (est) ele vai se embora

como se ele deixasse uma família... e a- e eles indo também é pra gente a mesma coisa, **entendesse?**... é aquela coisa de se despedir, de chorar. (BARRA18FA4:Faixa2-03:31; 03:46; 03:56)

Os turistas gostam da Barra porque ainda mantém suas característica pesqueira que nos Ingleses e Canasvieiras se perdeu.

Quando se despede dos turistas chegam a chorar. É como se fosse família.

E: Ela veio, ela era separada e assim ficou assim com um cara, né? aqui da Barra e ela tinha uma menina de se- na época de sete anos (est) e ela queria muito trazer a filha, mas achou assim que:: né? tipo Brasil:: pra viajar pra um lugar que tu não conhe::ce como é que é::, né? e trazer assim a filha achou assim meio, né? e quando ela alugou a casa do meu irmão, aí eu morava lá na garagem (est) então ela ficou amiga das- ficou amiga das meninas, ah e ela se lembrava da filha e achava assim “meu Deus por que que eu não trouxe a filha? que isso aqui é:: uma família pra mim” aquela coisa, **entendesse?**... (risos de E) aí depois de dois anos ela voltou, aí ela trouxe a filha (BARRA18FA4:Faixa2-04:45)

Aluga mais para argentinos, uruguaios, paulistas e gaúchos.

Gosta mais dos estrangeiros porque querem saber as coisas do local. O brasileiro já não tem tanto interesse na cultura local. Acha que o diferencial da Barra em relação aos Ingleses é que a Barra mantém essa característica mais nativa e familiar.

E: Qual- qual turista que cê acha que é o melhor assim:: desses daí, desses grupos? Qual que é o turista (inint)?

F: [É, eu acho assim] parece assim que o:: os argentinos... ele são (hes) a gente sente aquela coisa assim, aquela carência de- deles, **entendesse?** aquela coisa mais carente com a gente assim... é mais uma:: um ensino de (nós), **entendesse?**...

E: Ah, é?

F: É. Eu não sei se é porque eles- eles querem saber o:: (hes) as coisa nossas e a gente deles, **entendesse?**... o brasileiro já fica:::...

E: Mais na dele (BARRA18FA4:Faixa2-06:03; 06:08; 06:14)

(Sobre a característica familiar da praia da Barra da Lagoa)

F: E é como eu te falo e aqui é família, então tu vê o Ingleses já não é mais... Canasvieiras não é... por quê? ele venderam, eles- os nativos venderam os lugar deles ali que moravam e foram assim saíram da praia, ficaram na comunidade, mas eles foram mais, vamos supor assim:: mais pra longe assim, né? (hes) não pra outro lugar (hes) saíram da praia (est) então aquela coisa- então eles tão- aí fica aquela coisa assim de alu::- de alugar:: tudo assim é:: não é tipo a família, é alugando uma casa que no outro é outro outra:: outra casa, só tudo assim turismo, então não tem a:: aquela:: aquela ligação, turismo com morador.

E: Sei.

F: E aqui não.

E: Sei, sei.

F: E aqui tem, **entendesse?** aqui é aquela coisa assim da comunidade... essa coisa nativa da comunidade (BARRA18FA4:Faixa2-07:03)

Moradores de fora – GE (07:09)

(Sobre os moradores de fora)

E: Cê tem contato com essa gente ou não?

F: Não, até que aí assim é raro, **sabe?**

E: É raro.

F: Não tem assim muito (est) (BARRA18FA4:Faixa2-07:32)

É raro ter muito contato com os moradores de fora. Conhece, mas não se relacionam.

Não é contra a vinda de moradores de fora, desde que sejam pessoas “boas”.

Problemas com o turista – GE (08:55)

Uruguaios e argentinos não se dão bem e às vezes isso gera briga.

F: Os uruguaios eu acho assim que eles são mais::... mais opinioso assim, uma coisa assim, **entendesse?**... eles querem ser mais, **entendesse?** parece assim ser um povo que:: que:: ou inteligente ou mais

E: Os uruguaios?

F: Os argentinos.

E: Os argentinos.

F: Os uruguaio acham que os argentino é assim.

E: Ah, tá.

F: Eles não- eles não gostam um do outro assim... ó mas tu sabes que aqui- é como aqui a nossa comunidade aqui ó, a Barra da Lagoa com a Fortaleza.

E: Ah, é?

F: É, ela é a mesma, né?... mas o povo não:: (hes) isso já vem já da época dos meus pais eles falam... que antigamente tinha esse baile, né? e era briga, e:: era de briga de puxar a faca, tudo, eles tinham aquela coisa, **tendesse?** a pesca aqui que eles pescavam na praia, que antigamente a pesca da tainha não era lá fora que eles iam pegar a tainha eles (hes) tinham a rede na praia e:: não sei se tu conhece ali aqueles molho ali?

E: Sim.

F: Tinha uma:: passando o canal tem uma ponta lá que tem uma cruz? lá ficava dois pescador vendo quando o peixe tava vindo pra terra, quando vinha, né? eles abanavam assim com o chapéu e dizem “sai fora, sai fora” as conoa iam lá e cer- que o peixe tava quase na praia, era (hes) duas conoa iam cercavam... esse peixe e já- e eles já tinham intriga com isso também, **entendesse?**... (risos de E) é, então esse povo assim:: a Barra como a Fortaleza tu vê, é a mesma coisa, né? (BARRA18FA4:Faixa2-10:08; 10:10; 10:41; 11:10)

Compara esse conflito com o conflito uma antiga rixa entre Barra e Fortaleza.

Origem dos nomes das localidades segundo a informante:

Fortaleza – porque a água da Lagoa entra no canal com força

Barra – porque é o final da Lagoa, o canal é uma barra.

As duas comunidades não se cruzavam antigamente, “brigavam a vera”. Hoje tem mais uma certa disputa.

(Sobre os conflitos entro os nativos da Barra e da Fortaleza)

F: *E esse povo eles não cruzam... sempre tem alguma coisa... sempre, sempre, eles nunca::... tem uma intriga, **entendesse?**...*

E: *Que [coisa!]*

F: *[(hes)] eu acho que é um orgulho tem entre o:: (BARRA18FA4:Faixa2-12:00)*

F: *Se tiver um argentino aqui alugado (hes) e um uruguaio ali eles são mais fácil de comunicar, **entendesse?** (est)... se um já souber que um é uruguaio e argentino já é- aquela coisa já é diferente (risos de E)*

(BARRA18FA4:Faixa2-13:04)

Manezinho – GE (14:00)

E: *Quando você era menina aqui na Barra se falava isso? Que- que o povo era manezinho? Que quem nascia na ilha era manezinho? [Não se falava isso?]*

F: *[Não, não dizia isso]*

E: *Nem se falava isso.*

F: *É, não se falava... é, agora, pra mim:: hoje eu já não gosto disso aí, **entendesse?***

E: *Não? Por que, Fulana?*

F: *Parece assim uma coisa assim que::... fĩ- assim um modo de dizer assim pra ti assim:: é desfazer das pessoa assim (est) **entendesse?**... aí eu não suporto isso aí. (BARRA18FA4:Faixa2-14:26; 14:35)*

Não gosta do termo porque acha que é usado de forma depreciativa.

Não aceita o termo. Diz que não suporta, é contra e tem trauma do termo.